

J. J. BENÍTEZ

CAVALO

DE TRÓIA 2

MASSADA

 Planeta

EDIÇÃO
REVISADA



J. J. Benítez

CAVALO
DE TRÓIA 2
MASSADA

Tradução
Hermínio Tricca

Copyright © J. J. Benítez, 1986
Título original: Caballo de Troya 2

Disponibilização: Baixelivros.org

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Benítez, J.J.

Cavalo de Tróia, 2 : Massada / J.J. Benítez ; Tradução Hermínio Tricca. – São Paulo :
Editora Planeta do Brasil, 2008.

Título original: Caballo de Troya 2.

ISBN 978-85-7665-922-8

1. Realismo fantástico I. Título.

08-05235 CDD-001.9

*A Pedro Valverde Tort,
que acreditou em mim,
como eu em Jesus de Nazaré.*

“... E às 3h30, depois de beijar o solo rochoso da cripta, abandonei o horto de José de Arimatéia. Os soldados da Fortaleza Antônia continuavam ali desmaiados, como testemunhas mudas da mais sensacional notícia: a ressurreição do Filho do Homem.

“Eram 5h42 daquele domingo ‘de glória’, 9 de abril do ano 30 de nossa era, quando o módulo decolou, enquanto o Sol se erguia. E ao elevar-nos, em direção ao futuro, uma parte de meu coração permanecia para sempre naquele ‘tempo’ e naquele Homem a quem chamam Jesus de Nazaré.”

Assim, com estas frases, finalizo o meu livro anterior *Cavalo de Tróia 1*. Aqueles que o leram lembrarão, talvez, que no relato do major norte-americano já se menciona o que o próprio Jasão chama de uma segunda “viagem” no tempo. Pois bem, a presente obra relata essa nova e não menos fascinante aventura, interrompida por motivos puramente técnicos: o volume da documentação era tal que se fez necessário dividi-la ao menos em duas partes.

Feita essa ressalva, entendo que, antes de passar à transcrição desta segunda fase do diário, igualmente é meu dever esclarecer dois outros pontos.

Primeiro: não seria justo encorajar o leitor a dar continuidade à leitura do presente trabalho sem antes ter tido a oportunidade de ler *Cavalo de Tróia 1*. Vou explicar. Dado que o que aqui será relatado faz parte de um todo – o Diário do Major – com um enredo que se liga em grande parte ao do próprio *Cavalo de Tróia 1*, o leitor que se depare com este volume ignorando o já publicado estaria – sem querer – em inferioridade de condições para compreender muitos detalhes técnicos, exposições, objetivos e acontecimentos registrados na chamada *Cavalo de Tróia 1*. Tudo isso obriga-me, em suma, a sugerir ao leitor que, se não conhece minha obra anterior, adie a leitura desta.

Segundo: dada a natureza dos fatos e afirmações traduzidos nas mais de quatrocentas páginas que constituem esta forçada segunda parte do diário, atrevo-me a recomendar aos leitores cujos princípios religiosos estejam irremediavelmente cristalizados na mais pura ortodoxia que, do mesmo modo, renunciem à presente informação. Apesar de tais acontecimentos e apreciações sobre a infância de Jesus de Nazaré e as aparições do Mestre da Galiléia após sua morte e ressurreição terem sido tratados pelo autor do diário com absoluto respeito, algumas das revelações alcançam – na minha humilde opinião – tal magnitude que os espíritos pouco evoluídos ou de estreita visão poderiam sentir-se feridos ou pelo menos desorientados. Por outro lado, para aqueles que permanecem na difícil senda da busca da Verdade, as sucessivas descobertas que

aqui encontrarão – estou firmemente convencido – contribuirão para o enriquecimento de sua alma e para entender melhor a figura, o retorno e a mensagem do Filho de Deus.

Estes, e não outros, têm sido e continuam sendo meus objetivos ao escrever ambos os livros.

Feitos estes esclarecimentos, entremos de pronto nesta última parte do Diário do Major.

O DIÁRIO

(SEGUNDA PARTE)

... 5 horas e 43 minutos.

Sessenta segundos após a decolagem, o computador central – nosso querido Papai Noel – respondeu com sua habitual eficiência e minuciosidade, estabilizando o “berço” na rota prevista (800 pés) para o imediato e delicado processo de “inversão de massa” da nave que deveria transportar-nos de volta a nosso tempo: ao século XX. Para sermos mais exatos, a 12 de fevereiro de 1973.

Eliseu e eu trocamos um olhar significativo. Absortos nos preparativos para a decolagem, meu “irmão” naquela primeira “grande viagem” e eu quase não tínhamos tido ocasião de comentar minhas últimas e dilacerantes experiências ocorridas ao pé da cruz e ao longo das tensas horas que precederam o amanhecer do domingo, 9 de abril do ano 30. Quando, finalmente, perto das 4 horas, abordei o módulo, minha expressão devia estar tão eloqüente que Eliseu manteve um respeitoso e prolongado silêncio. E mais uma vez sentime aliviado e grato pela sua extrema delicadeza.

Lembro que, enquanto procedia à retirada das já suadas e malcheirosas roupas que me haviam ajudado no papel de mercador grego, meu companheiro, por iniciativa própria, acionou a fita gravada que registrara a chamada “última ceia”. (Como já observei em outro ponto deste diário, ainda não tinha tido ocasião de escutá-la.) E, em silêncio, até as 5 horas, ambos deixamo-nos arrastar pela voz do rabi da Galiléia: doce, firme e magnificante. Conhecendo como conhecíamos toda a dimensão da tragédia que acabara de acontecer, os conselhos e recomendações de Jesus aos seus íntimos chegaram a mim com uma força e luminosidade indescritíveis. Como creio haver observado antes, excetuando João, o Evangelista, os escritores sagrados não conseguiram transcrever com fidelidade nem os fatos nem o sentido daquela memorável ceia de despedida. Devo, porém, dominar-me. É necessário que eu saiba controlar minhas emoções e a torrente de acontecimentos que fluem no meu cérebro e, para maior clareza, prosseguir meu relato sob a mais estrita ordem cronológica. Espero que aqueles que chegarem a ler meu legado saibam compreender e perdoar minhas contínuas debilidades e falhas...

A partir das 5 horas – faltando 42 minutos para o alvorecer – Eliseu e eu, metidos em nossos regulamentares trajes espaciais, entregamo-nos de corpo e alma à exaustiva revisão dos equipamentos, com especialíssima atenção à fase crítica da decolagem. Embora, como já frisei antes, os técnicos do projeto houvessem programado a decolagem, o posterior “estacionário” da nave e retorno dos eixos do tempo dos *swivels* de forma automática, uma pungente e

lógica dúvida mantinha-nos tensos. E se acaso falhasse qualquer uma das delicadas manobras já citadas? Que nos aconteceria?

Provavelmente foi esta passageira mas crescente excitação que me libertou da profunda angústia que se havia aninhado em meu coração, produto dos onze agitados dias que acabara de viver naquele Israel do ano 30. Uma angústia – adianto-lhes desde já – que me marcaria para sempre...

5 horas e 41 minutos.

O computador central, de acordo com a programação; acionou eletronicamente o dispositivo de incandescência da “membrana” exterior da nave, eliminando, com isso, qualquer germe vivo que pudesse ter-se aderido à blindagem do “berço”. Esta precaução – como já expliquei – era de vital importância para evitar que os germes fossem invertidos tridimensionalmente com a nave, em um ou outro “tempo” ou marco tridimensional. As conseqüências de um involuntário “ingresso” de tais organismos em “outro mundo” poderiam ter sido nefastas.

5 horas... 41 minutos... 30 segundos.

Meu companheiro e eu – atentos ao Papai Noel – captamos a rápida aceleração das nossas freqüências cardíacas. 120 pulsações!... 130! Estávamos a 15 segundos da ignição.

5 horas... 42 minutos.

Oh! Meu Deus!

Nossas freqüências cardíacas alcançaram o limiar das 150 pulsações.

O motor principal não respondia...

5 horas... 42 minutos... 3 segundos...

Vamos! Vamos! Estamos prontos!

Eliseu e eu, com a voz entrecortada, começamos a animar o preguiçoso J85. Foram os segundos mais longos e dramáticos daquela última fase da operação.

5 horas... 42 minutos... 6 segundos...

Uma vibração familiar sacudiu o módulo. Finalmente, a turbina a jato CF-200-2V foi ativada, elevando a nave com um empuxo de 1.585 quilos. Só então respiramos...

5 horas... 43 minutos...

Sessenta e seis segundos após a decolagem, uma vez alcançados os 800 pés de altitude, os foguetes auxiliares, também de peróxido de hidrogênio e com 500 libras de empuxo máximo cada um, estabilizaram o módulo, controlando sua posição.

Embora a primeira fase do retorno – excetuados os seis angustiantes segundos de atraso na ignição do motor principal – fosse completada sem maiores dificuldades, observamos, com certa preocupação, que os níveis dos

tanques de combustível fixavam o “tempo máximo de funcionamento”, a partir do início do “estacionário”, em 910 segundos.

Era preciso agir com extrema diligência.

E Papai Noel, “consciente”, como nós, da perigosa escassez das nossas reservas de peróxido de hidrogênio, não se demorou na execução da seguinte e não menos delicada operação.

Às 5h45 daquele 9 de abril do ano 30, quando a orla superior do Sol começava a aparecer acima do horizonte acinzentado do Moab, na costa oriental do mar Morto, nosso fiel computador central – que continuava mantendo a incandescência da “membrana” exterior – acionou o sistema de inversão axial das partículas subatômicas do “berço”, fazendo retroceder os eixos do tempo dos *swivels* aos ângulos previamente estabelecidos pelos homens do Cavalo de Tróia, correspondendo às 7 horas de 12 de fevereiro de 1973. No total, um “salto” de 709.612 dias, uma hora e quinze minutos. É de supor-se que, como acontecera na noite daquele histórico 30 de janeiro de 1973, data do início da nossa primeira “viagem” no tempo, uma fortíssima explosão se fizera sentir no cume do monte das Oliveiras, simultaneamente com a inversão de massa. Entretanto, e obviamente, nessa ocasião não houve forma de confirmar o fato.

Frações de segundos após a substituição do nosso primitivo sistema referencial de três dimensões por nosso tempo – nosso verdadeiro tempo – uma súbita claridade penetrou pelas escotilhas do módulo.

Tomados pelo medo, permanecíamos com o olhar fixo nos dois pares de monitores dos cronômetros “moniônicos”, diretamente conectados – graças ao Papai Noel – ao mecanismo de inversão axial dos *swivels*. A vertiginosa dança dos dígitos havia desembocado numa seqüência que nos devolveu a calma e que, por sua vez, explicava aquela substancial diferença de luminosidade entre o momento de nossa partida do monte das Oliveiras e a que agora inundava a nave.

“07.12-02-1973.”

(O orto solar, naquele 9 de abril do ano 30 da nossa era, havia ocorrido, como citei anteriormente, às 5h42. “Agora” – 1.943 anos depois – a aurora se dera às 6h24. Nossa súbita “aparição” na Jerusalém moderna ocorrera – estimamos – aos 36 minutos do orto.)

Antes de proceder a uma comprovação visual – e de acordo com o plano de vôo –, tornou-se necessária uma nova revisão dos sistemas que garantiam o “estacionário” do “berço” e, muito em especial, do mecanismo de emissão de luz infravermelha, vital para a camuflagem da nave. Tudo parecia funcionar com perfeição. Durante o processo de inversão de massa, a bateria atômica SNAP 10 A – sigla de *Systems for Nuclear Auxiliary Powers* – continuara alimentando o

motor principal; e tanto nossa altitude quanto nossa posição no espaço não apresentaram variações. Curtiss e o resto da equipe do Cavalo de Tróia deviam encontrar-se a 800 pés, numa expectativa tão ansiosa como a nossa.

Eliseu chamou minha atenção para o nível do combustível – limitado a 600 segundos. Assenti com um gesto e um leve sorriso, na tentativa de tranquilizar a mim e a meu irmão. Ambos sabíamos que a descida sobre a Mesquita da Ascensão não poderia sofrer atraso. O menor erro, a mínima dúvida ou qualquer variação do estrito programa previsto para a aterrissagem poderia ser fatal.

Segundos antes de abrir a conexão com a base acessamos novamente o computador central, em busca de informação sobre o grau de absorção das ondas decimétricas pela “membrana” exterior. Se esta falhasse, os radares militares israelenses não tardariam a detectar-nos.¹

Papai Noel tranquilizou-nos. No momento, supondo que alguma estação de rastreamento – especialmente a do monte Hermon – houvesse captado algo de anormal a 800 pés sobre o monte das Oliveiras, a ausência de retorno do “eco” teria levado a equipe do radar a identificá-lo com uma “zona de silêncio”, relativamente comum nesse tipo de operação.

Não tínhamos tempo a perder. Assim, após uma rápida localização visual do octógono e dos hangares erguidos no recinto interior da mesquita, iniciamos a última fase do programa Apolo XI. Posto que aqueles últimos minutos da “grande viagem” tornavam absolutamente necessária a comunicação pelo rádio entre o módulo e o novo “ponto de contato”, os homens do Cavalo de Tróia haviam criado um código idêntico ao utilizado por Armstrong e Aldrin com Houston no memorável 20 de julho de 1969, quando o homem pisou na Lua pela primeira vez. Dessa forma, qualquer entrada estranha ao projeto na faixa de emissão² só serviria para confundir o hipotético intruso.

Uma vez ativada a “faixa integrada S”, Eliseu empunhou o microfone e, sem conseguir disfarçar sua emoção, perguntou:

– Aqui Águia... Alguém aí?...

Segundos depois, a voz do CAPCOM – o suposto Houston – retumbou em nossos ouvidos e em nossos corações – por que ocultá-lo? – como a mais doce das melodias.

– Aqui Houston... Bem-vindos à casa... Foram recebidos “5x5”...

Eliseu, responsável pelas comunicações, inspirou profundamente e, após checar de novo o nível de peróxido de hidrogênio, anunciou:

– Roger, na escuta... Estamos a 8% do combustível.

A advertência provavelmente soou como um trovão entre os homens de Curtiss.

– Aqui CAPCOM. Entendido, 8%...

– Afirmativo – respondeu Eliseu, adotando uma falsa tranquilidade. – Estamos prontos para aterrissar. Câmbio.

– Roger, entendido. Altitude: 800 pés... Podem conectar o pára-brisa monitorizado.³

Papai Noel, que já considerávamos da família, respondeu à minha ordem desenhando no monitor um “túnel” sintético quadrangular em cujo centro se achava igualmente digitada a imagem da nave. Agora tudo era apenas questão de dirigir a descida do módulo pelo interior do “túnel”. O fundo do túnel não era senão o reduzido hangar onde devíamos pousar o “berço”.

– Roger – interveio Eliseu –, Águia pronta. “Túnel” na tela...

– Aqui CAPCOM. Agora vocês só têm de se deixar levar por “mamãe Curtiss”. Câmbio.

– Aqui Águia... Lá vamos nós... 750 pés... Oscilação nula. Continuamos a descida...

– Águia, muito bem... Altitude 700 pés... descendo a 23 pés por segundo. Podem reduzir a 20? Câmbio.

– Roger, entendido... Reduzimos a 20... 680 pés e 20 abaixo... 610 pés... 580... 540 pés...

Subitamente, ouvimos a intervenção de CAPCOM, cortando Eliseu:

– Atenção, Águia!... Detectamos rajadas de vento a 500 pés 45 graus e 15 nós.⁴

– Repita, Houston.

Tanto Eliseu como eu sabíamos que, naquelas críticas circunstâncias, um dos piores contratemplos poderia ser justamente este. Uma rajada de vento de 30 quilômetros por hora, como as anunciadas pela estação em terra, era capaz de deslocar o frágil módulo, tirando-nos do “túnel” sintético que nos servia de guia eletrônico. Se isso chegasse a suceder e não fôssemos suficientemente hábeis para fazer a nave voltar ao específico “túnel de descida”, a aterrissagem poderia fracassar.

– Repita, Houston – insistiu meu companheiro.

– Aqui CAPCOM. Estamos lendo vento a 500. Direção: 45 graus e 15.

– Aqui Águia. Entendi 45 graus e 15 nós.

– Afirmativo, Águia... Afirmativo. Reduzir ao máximo. Reduzam a nave e segurem-se firmes até que tenha passado...

– Roger, Houston – disse Eliseu, fazendo-me um sinal para que aumentasse a potência dos retrofoguetes auxiliares. – 510 pés e descendo a nave... 500 pés... 480 pés e mantendo 9 pés por segundo...

Aconteceu exatamente o que temíamos: as rajadas do vento nordeste sacudiram o “berço”. E, apesar dos meus esforços para controlar os oito

pequenos motores de posição, a imagem digitada do módulo acabou por atravessar as linhas amarelas que configuravam o “túnel de descida”, fazendo disparar todos os alarmes acústicos e luminosos.

– Aqui Houston... Perda de contato com MLS. Desvio a 225 graus. Tranqüilos, rapazes...

– Aqui Águia – respondeu Eliseu, com os olhos fixos no pára-brisa monitorizado, em que o módulo aparecia de fato desviado horizontalmente uns 90 pés. – Jasão está lutando com essas malditas válvulas.⁵ Estamos estabilizados em 450 pés...

– Roger, Águia... Escutamos. Câmbio.

– Aqui Águia. Motores na máxima potência... Inclinação do módulo, 33 graus... Repito: estabilizados horizontalmente a 450 pés e retrocedendo a MLS... 40 pés atrás... Já quase estamos...

– Roger, Águia... – A voz de CAPCOM soou tranqüila, com o propósito de infundir-nos ânimo. – Um pouco mais...

– CAPCOM, estamos tentando, mas este maldito vento... Inclinação 35 graus e continuamos em 450 pés... Raios! Só faltava isso!...

– Aqui CAPCOM. Que é que há agora? Câmbio.

Submetidos a um empuxo máximo, até que os motores estavam dando conta das cada vez mais reduzidas reservas de peróxido de hidrogênio. E nesse instante, quando a nave havia retrocedido 80 pés no seu vôo horizontal, em busca do interior do “túnel de descida”, o nível de combustível – reduzido a 5% – fez soar um novo alarme.

– CAPCOM, aqui Águia... Temos luz quantitativa. Alarme 1.201... Leitura do combustível: cinco por cento. Vamos ativar a última reserva. Câmbio.

– Roger, Águia. Autorizando a “tanques on”.⁶

– OK... “Tanques on”...

– Águia, me dê combustível. Câmbio.

– Com a reserva, tempo máximo de funcionamento, 180 segundos... Que Deus nos ajude!

Mas o módulo, obediente, havia vencido a força do vento, colocando-se de novo no centro do “túnel”. E a voz de Houston soou “5x5”:

– Aqui CAPCOM. Adiante, Águia. Restabelecida a conexão MLS... Comece a descer.

– Roger, graças aos céus. Lá vamos nós de novo... 400 pés e continuamos descendo... 370 pés e descendo a 9 pés por segundo... Inclinação nula, embora o cabeceio continue...

– Roger. Parece que as coisas agora estão indo bem... Dê-me combustível. Câmbio.

– OK, CAPCOM. Leio 120 segundos e desço a 9...
– Aqui CAPCOM. Entendi, 120. Câmbio.
– Afirmativo... Altitude: 220 pés e reduzimos a 4,5... 160 pés e 4,5 pés por segundo...

– OK, Águia... Vamos, mais um pouco... “Mamãe Curtiss” já está escutando seu assobio... Câmbio.

O controle de terra referia-se ao ruído dos motores, amortecidos pelos potentes silenciadores.

Aqueles últimos metros foram para mim – responsável pela aterrissagem – os mais ingratos e penosos. As rajadas de vento – oscilando entre 15 e 20 nós – pressionavam o “berço” contra as “paredes” do “túnel” eletrônico, obrigando-nos a mim e ao computador central a uma contínua correção da trajetória.

Finalmente, Eliseu anunciou os últimos 90 pés. Minhas mãos e minha testa estavam banhadas de suor...

– CAPCOM. Aqui Águia. Descendo, descendo... 90 pés de altitude. Já podemos ver a plataforma no interior do hangar... Descemos a metade... 45 pés e mantendo os 3 pés por segundo. Câmbio.

– Roger, Águia. Tudo em ordem. Qual é a leitura indicada do combustível?

– Aqui Águia. Tempo máximo de funcionamento 60 segundos... 40 pés... Adiante, adiante... 30 pés e descendo a 3 por segundo... Parece que recolhemos alguma poeira... Menos da metade... 30 segundos...

– Roger, Águia. Quase podemos pegá-los com a mão... Câmbio.

– Aqui Águia... 20 pés... 15... 9 pés... Luz do contato!... Graças a Deus!

Quando os ponteiros amortecedores de choque dos quatro pés do módulo estabeleceram contato com a plataforma da “mamãe Curtiss”, o computador central desconectou automaticamente os motores.

A leitura do tempo máximo de funcionamento deixou-nos sem fala: “10 segundos”!

Eliseu suspirou aliviado, enquanto aguardava pela ordem de desativação do “escudo” protetor de infravermelho.

– Aqui CAPCOM. Bem-vindos... Registramos parada de máquina. Câmbio.

– OK, CAPCOM. Autorizados anular ordem de subida? Câmbio.

– Afirmativo, Águia. Proceder à desativação da camuflagem radiação infravermelha e incandescência “membrana” exterior.⁷

– Eis aqui um grupo de rapazes à beira do desmaio. Respiramos de novo. Muito obrigado. Câmbio.

– Aqui Águia. Gratos a vocês todos.

– CAPCOM. Estão bem? Câmbio.

– Perfeitamente. Estaremos ocupados durante uns minutos... E o silêncio

reinou no interior do nosso querido “berço”, apenas quebrado pelo crescente repicar dos interruptores, na medida em que iam sendo desligados.

Assim, às 7h17 daquele 12 de fevereiro de 1973, ao abandonar o módulo, Eliseu e eu chegávamos ao término da primeira e mais fascinante “viagem” jamais feita antes por algum ser humano. Nem imaginávamos que em breve – bem antes que alguém pudesse supor – meu irmão e eu nos veríamos às voltas com uma segunda e não menos incrível aventura!

Ao descermos do módulo, uma salva de palmas devolveu-nos à realidade. Os técnicos da Operação Cavalo de Tróia, com o general Curtiss à frente, jogaram-se literalmente em cima de nós, abraçando-nos. Durante alguns minutos, tal qual acontecera onze dias antes, por ocasião de nossa partida, todos estavam com um nó na garganta. E os olhos do veterano Curtiss, apesar de seus esforços para dominar-se, umedeceram-se. Mas aquela alegria duraria pouco.

Nessa mesma manhã, enquanto os engenheiros ocupavam-se da movimentada tarefa de desmontagem do “berço”, Curtiss e os diretores do projeto, sentados diante de fumegantes xícaras de café, estavam prestes a receber notícias que mudariam o rumo da operação.

De acordo com o estabelecido, uma vez concluída a missão, o trabalho dos homens de Curtiss deveria concentrar-se em dois objetivos fundamentais: a desmontagem do módulo – permitindo a entrada dos técnicos israelenses na estação receptora de fotografias procedentes do satélite artificial *Big Bird* – e, juntamente com o “berço” e o instrumental utilizado na “grande viagem”, nosso imediato regresso aos Estados Unidos. Especificamente, à base de Edwards, onde, sempre em segredo, havia sido prevista a exaustiva análise das informações e do material coletado pelos “exploradores”.

A primeira notícia – minha notificação ao chefe do projeto sobre a perda do microfone, camuflado na noite da Quinta-Feira Santa na base do candeeiro que iluminava a chamada “última ceia”, no piso superior da casa de Elias Marcos – caiu como um jato de água fria. Uma das regras de ouro da operação estabelecia precisamente que nenhum dos exploradores que fosse ao “outro tempo” deveria regressar com objetos, manuscritos ou materiais próprios da tal época. Isso era sagrado. E, da mesma forma, os membros de cada expedição eram obrigados a zelar por seus próprios instrumentos e equipamentos, não permitindo, sob nenhuma circunstância, que caíssem em mãos alheias ou simplesmente se perdessem. A rigidez de nosso código moral chegava a tais extremos que, em caso de “extrema emergência”, qualquer um dos dispositivos tecnológicos manipulados na missão que ficasse gravemente comprometido deveria ser destruído. Só aquelas peças ou móveis associados ao momento histórico que

motivou a exploração – como o caso das esmeraldas que dei de presente a Pôncio Pilatos e ao comandante da Fortaleza Antônia, Civilis, ou o ouro destinado à obtenção de moedas correntes na Palestina do ano 30 – estavam autorizados e podiam ser incorporados ao fluxo rotineiro da sociedade em questão.

Daí que o extravio involuntário do diminuto e sofisticado microfone – desenhado e construído pelos especialistas da ATT (American Telephone and Telegraph) para esta missão – perturbasse o ânimo de Curtiss e do resto da equipe. E, embora compreendessem que as conseqüências do duplo sismo registrado nas primeiras horas da tarde da sexta, 7 de abril do ano 30 em Jerusalém, houvessem sido coisas totalmente imprevisíveis para mim e para qualquer outro explorador, só a idéia de ter deixado uma peça tão típica do século XX em um meio histórico-geográfico tão remoto e alheio a tal tecnologia começou a obcecar o diretor da operação. (Sinceramente, dou agora graças aos céus por meu involuntário erro e, sobretudo, pela idéia obsessiva que se implantou no cérebro do General.)

E foi ao longo daquele primeiro e superficial exame da nossa exploração que, quase sem o querer, e como conseqüência do comentário a respeito do duplo abalo sísmico, vários dos diretores do projeto mostraram-se especialmente interessados na natureza de tais tremores. Logicamente, enquanto os sismogramas ou registros permanentes instalados no “berço” não fossem enviados aos Estados Unidos e decifrados por pessoal qualificado, nossas apreciações tinham o valor de simples hipóteses. Entretanto, havia algo que estava claro naqueles primeiros momentos: o terceiro estremecimento do módulo – quando os sismógrafos já não mais assinalavam qualquer movimento – só poderia ter-se dado pela presença de uma onda expansiva. Esta firme convicção de Eliseu, que sofrera os dramáticos 63 segundos – duração estimada de ambos os sismos – a bordo do módulo, viu-se confirmada pela inconfundível presença, nos sismogramas, das ondas “P”, características das explosões nucleares subterrâneas.⁸

A surpresa e o embaraço na equipe do Cavalo de Tróia, como disse, foram tais que, nesse mesmo instante, Curtiss deixou o hangar onde havia sido montada a estação receptora de imagens e que serviria de quartel-general improvisado e regressou em poucos minutos com os registros analógicos e digitais. Estes últimos só podiam decodificar-se por meio do computador. Ajudado pelos diretores e pelo próprio Eliseu, Curtiss examinou as oscilações registradas no papel térmico e constatou que ali estava, efetivamente, a série de “coleios” provocada pelas ondas “P”, ou primárias. No segundo tremor – avaliado depois pelos *experts* em uma magnitude situada entre 6,0 e 6,9 –, este grupo de ondas

aparecia em primeiro lugar e com extraordinária clareza.

Curtiss, fechado em profundo mutismo, deixou-se cair em sua cadeira. Suponho que seus pensamentos eram bem semelhantes aos do resto da equipe: uma explosão nuclear subterrânea em pleno século I? E justamente no crítico instante em que se registrava o falecimento do Filho do Homem? Como entender aquele absurdo?

– Só se nos encontramos diante de outro tipo de fenômeno – murmurou o General quase para si mesmo.

– De qualquer maneira – interveio acertadamente outro dos membros do programa – é preciso aguardar os resultados definitivos.

Todos concordamos. Entretanto, o velho General, em cuja mente rondava, já, uma nova e audaciosa idéia, sugeriu que tais análises fossem feitas sem demora.

Agora, com o passar do tempo, não me parece tão estranho ou casual que no instante em que Curtiss aguardava os preciosos sismogramas – decididamente disposto a enviá-los aos Estados Unidos nesse mesmo 12 de fevereiro de 1973 – um de seus ajudantes irrompesse no hangar para entregar ao General um envelope fechado, no qual todos pudemos distinguir, no verso, o emblema da embaixada do nosso país em Israel.

Após alguns segundos de atenta leitura, o rosto de Curtiss ensombreou-se e seus olhos de falcão, depois de se fixarem nos meus, buscaram os de Eliseu. Meu irmão e eu nos entreolhamos sem compreender. Não houve tempo para mais. Curtiss guardou o documento e, levantando-se, pediu-nos desculpas.

Que haveria acontecido? A que se deveria aquela mudança no semblante do General? Por que nos olhava tão estranhamente?

Aquela correspondência, procedente da Embaixada dos Estados Unidos em Israel, continha a segunda notícia a contribuir, como observei anteriormente – e de que forma! –, para a mudança de planos na aparentemente concluída Operação Cavalo de Tróia.

Aquela segunda-feira, 12 de fevereiro, foi especialmente tensa. Mas tentarei ordenar minhas lembranças e sensações...

Ainda pela manhã, uma vez interrompida a reunião com o General, os diretores do programa concluíram que nossa presença na Mesquita da Ascensão não era mais necessária. Quando houvéssemos passado pelos obrigatórios e rotineiros exames médicos poderíamos dispor do resto do dia ao nosso bel-prazer. E se tudo corresse como até então, já na quinta-feira, 15, ou no máximo em 16 de fevereiro, o módulo e os equipamentos auxiliares estariam totalmente embalados e prontos a ser trasladados ao coração do deserto de Mojave. Nós e

boa parte dos 61 integrantes do projeto viajaríamos com o material, supostamente empregado na instalação e funcionamento da estação receptora de fotografias. Os israelenses que vigiavam o exterior do octógono não davam mostras de inquietação ou nervosismo. Tudo, enfim, parecia estar transcorrendo na mais perfeita tranquilidade.

Os *check-ups* médicos, não muito rigorosos dada a precariedade das instalações, quase não chamaram a atenção dos médicos. Eu acusava um grau de esgotamento ligeiramente superior ao de Eliseu, mas ainda dentro dos limites previsíveis em uma operação daquela natureza. E, embora meu aspecto físico deixasse muito a desejar – fruto, sem dúvida, da tensão e das vigílias –, os especialistas despediram-se de mim com um largo sorriso. Na realidade, e segundo o programa do Cavalo de Tróia, as provas médicas “em profundidade” só teriam lugar na base Edwards, dias mais tarde. Agora, ao redigir este diário, estremeço ao pensar no que haveria acontecido se essas análises médicas tivessem sido feitas na data inicialmente prevista... Mas o destino, uma vez mais, tinha outros planos...

Foi então que, ao ficar sozinho em meu quarto do hotel Ramada Shalom, na discreta zona de Beit Vegan, toda a angústia acumulada em meu coração começou a aflorar, imergindo-me num confuso mar de sensações, lembranças e sentimentos. Não podia enganar a mim mesmo. Apesar de meu ceticismo inicial e de todo o meu treinamento, o contato com Jesus de Nazaré e, sobretudo, sua terrível morte haviam-me marcado para sempre. Sabia que a partir daquele “encontro” com o Mestre da Galiléia nada em minha vida seria o mesmo. Minha condição humana, minhas debilidades e meus infinitos erros não iriam mudar. Entretanto, minha forma de ver a vida e meus sentimentos mais íntimos já não eram os de antes. Que se passava comigo? Por que minha alma se abatera tanto? Por que a figura, as palavras e até os silêncios daquele Homem tanto me afetavam? Eu era somente um explorador; um simples observador... Por que, então, minha inteligência e meu pragmatismo pareciam fraquejar?

Durante horas, no silêncio do quarto, busquei soluções, tentei raciocinar. Inútil. No meu âmago, e para toda a minha vida, se havia instalado um nome: Jesus de Nazaré. E, ao descobri-lo, chorei desesperadamente. Chorei como nunca houvera chorado antes: com temor, alegria, raiva e com a amargura daquele que sabe que jamais poderia voltar a ter uma experiência tão singular. Uma vez mais me enganava...

Nas primeiras horas da tarde – graças aos céus – um telefonema tirou-me de tão sombrios e atormentados pensamentos. Era Curtiss. O tom da sua voz tranqüilizou-me. Queria jantar conosco.

E às 19h30 um táxi parava defronte ao restaurante Shahrzad, na estrada

que leva a Belém, bem perto do famoso túmulo de Raquel. Curtiss apresentou-nos ao proprietário, Michael Klair, um árabe tão discreto quanto excelente cozinheiro. O General havia já degustado as delícias da casa e desejava compartilhar com Eliseu e comigo algumas horas de sossegada e relaxante reunião. Pouco a pouco íamos descobrindo que outras eram as intenções do chefe do projeto.

Enquanto saboreávamos o antepasto – à base de saladas árabe e turca –, a velha raposa mostrou-se interessada em nossa saúde, insistindo, suspeitosamente, em aspectos e detalhes muito específicos. Mas nem Eliseu nem eu havíamos notado em nosso organismo alterações como as insinuadas por Curtiss. Era a segunda vez que o veterano oficial, com suas veladas interrogações, deixava entrever que um “salto” no tempo, como aquele, talvez acarretasse sérios transtornos psíquicos ou fisiológicos. Desta vez não pude ou não soube conter-me. E, abertamente, roguei que falasse com clareza. Que estava ocultando? Que espécies de repercussões poderia ter nossa “grande viagem?”.

Arrependido, o General adotou um tom falsamente jovial e pediu-nos que desculpássemos aquele “solene desmancha-prazeres”. A operação – segundo suas palavras – havia sido um êxito, e o próprio Kissinger, então conselheiro do presidente Nixon, lhe havia telefonado, naquela mesma manhã, mostrando interesse pelo projeto e dando-nos os parabéns pelos resultados. Aquele foi um novo erro do nosso bom amigo...

– Kissinger – encurralou-o Eliseu com seu proverbial descaramento – pelo que sei no dia 10 voou para Hanói...

Curtiss hesitou.

– Diga-nos, General – pressionou meu companheiro –, o que está acontecendo? Que relação existe entre esse telefonema e a correspondência que o senhor recebeu esta manhã?

Antes que o chefe do programa, apanhado de surpresa, pudesse reagir, apoiei as perguntas de Eliseu com um comentário que surpreendeu a mim mesmo:

– Escute, General. Além de contar com nossa absoluta discrição, deve saber que, tanto meu companheiro quanto eu, estamos dispostos a “regressar”...

Eliseu olhou-me atentamente, adivinhando minhas intenções.

– ... Não me pergunte como, mas, desde a reunião desta manhã no hangar, sei que o senhor acalenta uma idéia. Uma idéia – ressaltei com toda a convicção de que fui capaz – que aplaudimos e fazemos nossa. É preciso “voltar” e recuperar esse microfone...

Curtiss, gratamente surpreendido, limitou-se a desenhar um amplo sorriso e a concordar com um movimento de cabeça.

– E agora, por favor, responda às perguntas de meu companheiro. Que é que está acontecendo?

– Está bem – suspirou o General –, quem sabe sua intuição facilite as coisas. Vou explicar-lhes. Durante o desenvolvimento da operação aconteceram certos fatos... digamos... preocupantes. Nos primeiros dias de janeiro, como se recordam, vi-me obrigado a viajar a Washington em busca de uma solução para a difícil situação criada pela DIA⁹ e pelo então diretor da CIA, Helms. Os serviços de inteligência haviam detectado a existência do nosso projeto e exigiam, a todo custo, que os mantivéssemos informados. Por sugestão expressa de Kissinger, o próprio Nixon “aconselhou” a demissão de Helms, que foi substituído por James Schlesinger, homem de confiança de Nixon e que tomou posse da direção da CIA no dia 6 passado. Justamente quando vocês se encontravam do “outro lado”. Pois bem, Schlesinger, que vinha do Escritório de Orçamentos do presidente Nixon, propôs-se a agilizar a maldita Agência Central de Inteligência, multiplicando seus homens e meios no Oriente Médio.¹⁰

– Não vemos que relação...

O General pediu-nos que ficássemos tranquilos.

– Desgraçadamente, existe – prosseguiu em tom grave. – Schlesinger é um homem frio e astuto. No momento pediu calma a esse “ninho de serpentes” e a CIA, aparentemente, parece ter-se esquecido de nós. Mas a realidade é outra. Faz apenas algumas horas que o número de agentes a serviço dessa ratazana, tanto em Israel e Amã como também em Teerã, tem dobrado. Estão em toda parte e bisbilhotam tudo. Mas isso não é o pior. Esta manhã, como vocês sabem, recebi, através de nosso embaixador, um comunicado urgente. Deveria apresentar-me de imediato na sede da embaixada. Lá, para minha surpresa, puseram-me em contato com Kissinger. Justamente para hoje, 12 de fevereiro, como medida complementar diversionista que contribuísse para um confortável e seguro retorno do módulo, Kissinger havia orquestrado a tão esperada primeira troca de prisioneiros da Guerra do Vietnã. E assim foi.

“Durante horas, a atenção mundial esteve concentrada a milhas e milhas daqui. A troca foi efetuada em três pontos diferentes, e 115 norte-americanos foram libertados. Kissinger sai nesta mesma noite da base Clark, nas Filipinas, rumo a Washington. Antes, porém, amanhã mesmo, para ser mais exato, fará escala em Atenas. E ali mantereí com ele uma entrevista que não vou ocultar-lhes, pois pode ser decisiva.”

Enquanto Curtiss bebia sua segunda taça de vinho do Hebron, aproveitei para interrogá-lo sobre algo que não conseguia compreender.

– Por que o senhor diz, meu General, que o cerco da CIA não é o pior?

– Minha conversa telefônica foi breve. Quando voltar de Atenas talvez

possa responder a essa pergunta com precisão. Entretanto, a julgar pelo que insinuou o conselheiro presidencial, estou de fato autorizado a comunicar-lhes que a estação receptora de fotografias do monte das Oliveiras encontra-se gravemente ameaçada.

O General adiantou-se aos nossos pensamentos e acrescentou:

– ... Ameaçada por que e por quem? Somente lhes direi uma coisa: o tema é suficientemente sério e urgente para que Kissinger, que deveria permanecer quatro dias em Hanói, antecipasse sua volta aos Estados Unidos.

– O governo de Golda Meir sabe disso?

– Ignoro-o – respondeu Curtiss com um gesto de impotência. – Essa será outra das questões a tratar em Atenas.

Longe de tranquilizar-nos, as revelações do diretor do projeto acrescentaram novas dúvidas aos nossos corações. Que tipo de ameaça pairava sobre a estação receptora de imagens do *Big Bird*? Mas, acima de tudo, como conjugar aquela grande maré de intrigas com a idéia, implicitamente aceita pelo General, de “regressar” ao tempo de Cristo?

Naquela madrugada, enquanto acompanhávamos Curtiss ao Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Lod, uma sensação muito familiar percorreu-me a espinha. Era o prelúdio – quase me atrevi a afirmar que era um aviso – de uma iminente cadeia de acontecimentos.

Com sua proverbial prudência, Curtiss escolheu um vôo regular da companhia judaica El Al para voar à Grécia. E antes de partir, levado quem sabe por uma força oculta ou misteriosa, deixou no ar um pedido que a mim, pessoalmente, fez alimentar certas esperanças...

– Não sei se devo – sussurrou detendo-se diante da pequena escultura levantada em memória do piloto Dan Heymann –, mas, mesmo que seja por uma única vez na vida, quero seguir minha intuição...

A delicada estatueta simbolizava um ser humano alado, ligeiramente inclinado para trás, como se fosse alçar vôo. Curtiss acariciou-a, comovido, sem dúvida, diante do curioso “encontro” com uma imagem tão próxima de nossos mais íntimos desejos.

– ... Se não acontecer um milagre – acrescentou –, nosso retorno a Edwards pode demorar indefinidamente. Aceitando em princípio tal circunstância e contando com sua absoluta discrição, posso recomendar-lhes algo?...

Aquela inegável mostra de confiança encheu-nos de satisfação. E, como um só homem, o incentivamos a prosseguir.

– Quero que executem um plano de trabalho... – o General parecia já arrependido daquela decisão impulsiva, mas, após alguns segundos de ansioso

silêncio, concluiu – destinado à recuperação do microfone. Lógico, tudo isso é tão aleatório quanto confidencial... Ah! e esqueçam-se da fase de lançamento. Quero *unicamente* – falou com ênfase – as linhas mestras de uma possível segunda “exploração”... Boa sorte! Tornaremos a ver-nos quando eu voltar.

Mudos e imóveis como estátuas, vimos desaparecer aquele homem imprevisível. Já não havia tempo de fazer-lhe qualquer das muitas perguntas que começavam a formar-se em nossas desconcertadas mentes.

A viagem de retorno a Jerusalém foi muito significativa. Nenhum de nós pronunciou uma só palavra. Entretanto, nossos pensamentos – Eliseu o confirmaria nessa mesma manhã de 13 de fevereiro – giraram em torno da mesma ansiosa perspectiva: a incrível possibilidade de uma segunda “grande viagem”...

Tentando acalmar nosso ânimo, concedemo-nos um tempo de repouso. Às 13 horas voltaríamos a reunir-nos e trocaríamos impressões. Inútil pretensão. Meia hora depois de haver-me deitado, ergui-me, muito excitado, voltei a vestir-me e fui bater à porta do quarto de meu irmão. Tão alterado quanto eu, Eliseu nem sequer havia tentado dormir. Era difícil entender como meu organismo – após mais de 48 horas de vigília – não acusava cansaço algum.

O caso é que, com um entusiasmo febril, pusemo-nos logo a elaborar uma série de possíveis planos de trabalho. Todavia, após duas horas de intenso trabalho, acabamos por claudicar. Uma infinidade de parâmetros foram manipulados, mas os esquemas e rascunhos chocavam-se sempre com duas incógnitas fundamentais. Por um lado, de quanto tempo real iríamos dispor, na suposição de que a segunda exploração fosse, de fato, executada? Por último, quais deveriam ser os pontos de lançamento e contato?

Sem essas informações prévias, nossas idéias e nossa boa vontade resultavam estéreis.

– Além do mais – lembrou Eliseu com razão –, por que forjarmos esperanças quando não há nada de seguro? Melhor seria esquecer o assunto...

Durante algum tempo permaneci em silêncio, analisando a esmagadora lógica de meu companheiro. Mas, graças aos céus, acabei por rebelar-me contra o bom senso e animei Eliseu a prosseguir naquele aparente absurdo.

– Se nós – observei-lhe com todo o meu entusiasmo –, que vivemos tão extraordinária experiência, não formos capazes de avivar a vontade de Curtiss, quem crê você que esteja em condições de fazê-lo?

E, após uma pausa estudada, colocando minhas mãos sobre seus ombros e olhando-o fixamente, acrescentei:

– Temos de consegui-lo. Eu desejo, preciso voltar...

Ao perceber que, inconscientemente, havia adotado um dos típicos gestos

de Jesus de Nazaré ao falar ou ao dirigir-se a alguém que apreciava, um calafrio percorreu-me o corpo. Eliseu com certeza o notou e, pela primeira vez, abriu seu coração, confessando-me algo em que eu não havia reparado durante nossa permanência na Palestina do ano 30...

– Sim, essa é também minha obsessão. E não se esqueça de que eu não tive ocasião de vê-lo...

Fiquei paralisado e, ao mesmo tempo, humilhado pelo meu deslavado egoísmo. Durante os onze dias de exploração, meu fiel e querido companheiro não havia, de fato, abandonado o módulo um só instante.

A partir daquela inesperada confissão, uma louca idéia começou a amadurecer em meu coração. Mas disso falarei no devido tempo.

A ilusão, finalmente, tomou conta de Eliseu; então, deixando de lado as dificuldades, concentramo-nos no único plano aparentemente viável.

Posto que o objetivo básico desta segunda exploração era a recuperação da peça perdida – esse foi, pelo menos, nosso argumento inicial –, o novo “salto” no tempo deveria acontecer, necessariamente, nas horas próximas a 6 de abril, Quinta-Feira Santa. Entretanto, ao fixar o instante preciso para a inversão de massa, ambos concordamos que seria muito mais prático e interessante retomar a exploração nas primeiras horas do amanhecer de domingo, 9 de abril do ano 30. Além disso, nem ele nem eu nos sentíamos com forças para “reviver” as amargas etapas da Paixão e Morte do Filho do Homem...

Após um detalhado estudo, concordamos, pois que o “salto” deveria acontecer por volta das 3 horas do Domingo da Ressurreição e que, se possível, a localização do “ponto de contato” da nave recairia nas coordenadas utilizadas na missão anterior. Quer dizer, na cota máxima do monte das Oliveiras. Isso facilitaria um rápido acesso ao lugar onde supúnhamos estar o farol: um dos bairros de artesãos – talvez na cidade alta – de Jerusalém. Depois, de acordo com o tempo estipulado para a missão, haveria a possibilidade de investigar outro fascinante e obscuro capítulo da “vida” de Cristo: suas aparições após a ressurreição.

Aquele dia de trabalho e o seguinte foram decisivos. Muito mais do que poderíamos imaginar então...

Absortos nos detalhes da preparação do audacioso projeto, do equipamento e de uma infinidade de detalhes técnicos, quase nem sentimos passarem as horas.

E finalmente chegou o 15 de fevereiro.

Naquela manhã de quinta-feira, uma chamada do recepcionista do Ramada Shalom precipitaria os acontecimentos. Minutos mais tarde, às 10 horas, um veículo oficial da Embaixada dos Estados Unidos deixava-nos defronte ao

número 53 da rua Rabiah A'dawieh, a trinta passos da capela da Ascensão.

Ao descermos do carro chamou-nos a atenção uma ostensiva segurança montada pelo Exército israelense, responsável pela vigilância do exterior da praça que circundava o octógono e os improvisados hangares. Aquele súbito reforço do dispositivo de cerco do nosso quartel-general alarmou-nos. Alguma coisa grave devia estar acontecendo para que em questão de horas – havíamos abandonado o recinto na manhã de segunda – o número de soldados fosse triplicado. Por um instante, enquanto atravessávamos os controles, cheguei a pensar no pior: teriam os judeus descoberto a existência do “berço?”

Tranquilizamo-nos quando, ao galgar os oito degraus de pedra que conduzem à “ante-sala” da capela, divisamos Curtiss junto à pequena porta de acesso. Mostrava-se abatido como se não tivesse dormido desde nosso último encontro em Lod. E assim era. Enquanto percorríamos os doze metros que separavam a portinhola do centro da praça, confessou-nos que – “dada a gravidade da situação” – havia voltado de Atenas na mesma noite de segunda-feira, 12 de fevereiro.

Eliseu e eu trocamos um olhar de incompreensão. Mas o General, com voz cansada, pediu-nos que o acompanhássemos até o hangar onde havia acontecido a primeira e não concluída reunião. Ali, entre os sofisticados equipamentos Thomson – CSF, destinados à recepção de imagens do *Big Bird*, aguardavam os diretores do programa, silenciosos e prontos para entrar em ação.

Sentamo-nos todos ao redor da pequena mesa central e ninguém fez qualquer comentário. Todos os olhares concentravam-se em Curtiss.

– Bem, senhores – disse ele, após tirar uma pequena pasta de couro negro de uma maleta à sua frente (se não me falhava a memória, era a única bagagem que levava em seu vôo à Grécia) –, imagino que se estarão fazendo algumas perguntas... Tentarei prosseguir por partes.

Sem pressa, Curtiss repassou uma série de notas manuscritas. Ao levantar os olhos da leitura, o chefe captou de imediato a crescente inquietude geral. E, forçando um sorriso, exclamou:

– Não se alarmem. O que viram lá fora – seu dedo indicador esquerdo apontou para o exterior do octógono – nada tem a ver com os reais objetivos do programa. Ao menos, acho que assim seja...

E, voltando aos seus documentos, fez uma nova e desesperadora pausa.

– Não importa como – prosseguiu finalmente –, mas o caso é que à Agência Central de Inteligência e à Segurança de Israel, o Mossad, chegou uma informação... alarmante: o movimento guerrilheiro palestino tem conhecimento da operação conjunta que estamos desenvolvendo com o governo de Golda Meir. Refiro-me à instalação da estação receptora de fotografias via satélite.

A expressão de cada um refletia a extrema gravidade da situação. A Inteligência Militar israelense, em especial a partir da guerra dos Seis Dias, em 1967, era considerada como a mais eficiente do mundo, sobretudo em assuntos vinculados ao Oriente Médio. Nenhum dos assistentes duvidava de tal revelação.

– É mais do que certo – continuou Curtiss – que, a essa altura, tanto a OLP como os serviços secretos egípcios, sírios e, naturalmente, soviéticos também estejam a par e já devam ter adotado medidas oportunas.

Durante aqueles dramáticos momentos ninguém percebeu uma sutil e, suponho, involuntária revelação do General. Por que, ao referir-se aos serviços secretos, havia mencionado apenas Egito, Síria e União Soviética? Dias mais tarde teríamos ocasião de conhecer a razão desta tríplice alusão.

– ... Na última terça-feira, e no mais estrito sigilo, tive a oportunidade de reunir-me com Kissinger...

Os diretores do projeto entreolharam-se atônitos, associando, sem dúvida, aquela reunião à súbita partida do General daquele mesmo hangar. Mas ninguém comentou o fato, deixando que Curtiss prosseguisse.

– ... O conselheiro presidencial dispunha de informações de primeira mão. Suas ordens foram taxativas: por nada do mundo devemos arriscar a vida dos nossos homens nem o instrumental que nos foi confiado.

Não havia necessidade de mais explicações. Ao referir-se à palavra “instrumental”, todos sabíamos de que se tratava realmente.

– ... Pois bem, por expresse desejo de Kissinger, e contando sempre com o beneplácito do governo de Israel, a estação receptora de fotografias deve ser desmontada imediatamente.

Curtiss recolheu os documentos, colocou-os em sua pasta e, dirigindo-nos um olhar de cumplicidade, esclareceu:

– Isto implica substancial mudança em nossos planos originais. De momento, a não ser que os chefões de Washington disponham diferentemente, o retorno à base Edwards fica adiado. Ontem mesmo, quando do meu regresso de Atenas, reuni-me sem perda de tempo com o “gabinete de cozinha” de Golda.¹¹ O único assunto da pauta, como terão intuído, foi este: que fazer com a estação receptora? Estiveram presentes a primeira-ministra, Golda, o vice-primeiro-ministro, Alon, o ministro da Defesa, nosso sempre angustiado Moshe Dayan, o chefe do Estado-Maior, tenente-general David Eleazar, o chefe do Departamento de Investigação do Serviço de Inteligência, general-de-brigada Arié Shalev, e o chefe do Serviço de Inteligência, general Zeíra. Após hora e meia de intenso debate, e por motivos que de momento não estou autorizado a revelar-lhes, o governo de Israel mostrou-se de acordo com a imediata desmontagem das instalações, concordando também com sua remoção para outro lugar secreto.

(Como já relatei antes, em um minucioso estudo elaborado em Washington pelo CIRVIS,¹² com a estreita colaboração do Departamento Cartográfico do Ministério da Guerra de Israel, ficara estabelecido que a instalação da rede receptora de imagens do satélite artificial *Big Bird* deveria efetuar-se em um prazo máximo de seis meses, a partir da data da chegada do instrumental à cidade de Tel Aviv. Isso aconteceu em janeiro de 1973. Os especialistas, em uma primeira fase, procurariam fazer essa instalação de forma adequada e definitiva. Para isso, os militares israelenses designaram três possíveis pontos: o cume do monte das Oliveiras, as colinas de Golan – em mãos israelitas desde a contenda de 1967 – e os maciços graníticos do Sinai.)

Os diretores do projeto quebraram seu mutismo lançando sobre o General uma torrente de perguntas: “Quando se dará a desmontagem? Quais os pontos alternativos – colinas de Golan ou Sinai – escolhidos? Que acontecerá com o ‘berço’ e com todos nós?”

Curtiss, recobrando seu sorriso, pediu ordem e calma.

– Eis o que posso adiantar-lhes... Por enquanto, as previsões e avaliações da Inteligência israelense estimam que a situação geral no Oriente Médio tende perigosamente ao agravamento. E rogo-lhes que não me perguntem o porquê. O importante, o que a nós importa diretamente, é que, por decisão do governo de Golda, a estação receptora é agora mais vital do que nunca e os militares judeus já estão procurando outro local para sua instalação... Nenhum daqueles previstos inicialmente. Tanto eles como nós dispomos de um prazo máximo de três dias para localizar esse lugar e fazer a remoção. Kissinger considera nossa presença nessa nova etapa do projeto absolutamente necessária. Não podemos nem devemos despertar suspeitas. Para os judeus somos os proprietários dos equipamentos e responsáveis por eles, e assim continuará sendo... Mas há algo mais – anunciou Curtiss adotando um tom solene. – Algo com que não havíamos contado e que, pensando bem, poderíamos qualificar como um novo e apaixonante desafio.

Apreensivo, instintivamente busquei o olhar de Eliseu. Não sei como, mas o fato é que eu sabia o que o General estava prestes a comunicar-nos. Pela primeira vez, em todos os anos em que convivemos, percebi um ligeiro tremor nas mãos de Curtiss. E sua voz ficou embargada pela emoção. Jamais esquecerei aquela solene afirmação:

– Senhores, “regressaremos”.

Obviamente, os diretores do projeto não compreenderam o significado daquelas duas palavras. E um deles, interrompendo-o, lembrou-lhe que, se não havia entendido mal, a volta para casa fora adiada.

Os olhos de Curtiss faiscaram maliciosamente.

– Senhores – insistiu, enfatizando cada sílaba –, “regressaremos”.

Em segundos, os membros da equipe apreenderam o que o General dissera e o aplaudiram de pé, calorosamente.

Todos sabiam do extravio do microfone e todos, no fundo do coração, esperavam e desejavam uma segunda oportunidade.

Passados, porém, os primeiros minutos de previsível entusiasmo, os frios e racionais diretores do programa despertaram para a crua realidade, expondo a Curtiss uma interminável série de dúvidas. Alguns daqueles obstáculos técnicos já haviam sido analisados por nós nas horas de profunda reflexão e enclausuramento no hotel.

Curtiss escutou pacientemente. Por último, olhando-nos fixamente, fez uma pergunta concisa:

– Têm algo a dizer?

– Há uma possibilidade...

Antes, porém, que continuássemos com o plano traçado no Ramada Shalom, o General deu por finalizada a reunião.

– Disso – atalhou ele diante da curiosidade geral – falaremos no seu devido tempo. Agora faz-se necessário desmontar logo o módulo e embalar os equipamentos. Senhores, mãos à obra!

A partir dessa decisiva reunião, os homens do Cavalo de Tróia empenharam-se no estafante trabalho de desmontagem geral. A maioria dos técnicos, alheia aos fatos que acabamos de conhecer, perguntou-se o porquê daquela estranha pressa e do reforço das medidas de vigilância e segurança externas. Foi o próprio General – em mangas de camisa e trabalhando freneticamente como os outros – que insinuou, discretamente, que existia o risco de um atentado terrorista contra a estação e por isso devíamos estar prontos para sua imediata transferência.

Em um dos breves períodos de descanso, Curtiss adiantou-nos outros acontecimentos intimamente ligados – sempre segundo o Mossad – com a grave ameaça que pairava sobre a estação receptora de fotografias. Os agentes israelitas infiltrados em Beirute, Amã e Roma haviam descoberto um plano para assassinar o rei Hussein da Jordânia, que naquela altura – primeiros dias de fevereiro – realizava uma visita semi-oficial aos Estados Unidos.¹³ O grupo guerrilheiro palestino Setembro Negro planejava apoderar-se de diversos edifícios governamentais de Amã, fazendo prisioneiros vários dos ministros jordanianos. Ao que parecia, as intenções de Hussein de negociar a paz com Israel não era do agrado dos palestinos que, aproveitando-se da ausência do monarca, haviam conseguido infiltrar-se em território jordaniano fazendo-se passar por turistas dos Estados do Golfo Pérsico. Alertado pelo Mossad, o

serviço de contraespionagem da Jordânia deteve um bom número de ativistas, apreendendo um total de vinte automóveis. Entre os guerrilheiros que entraram por via aérea, procedentes da Europa, achavam-se dois indivíduos recentemente libertados pelas autoridades italianas: Ahmed Zaid, estudante iraquiano, e Adnah Hasem, jordaniano, acusados de tentar derrubar um avião da companhia israelenses El Al.¹⁴ Nos interrogatórios que se seguiram às detenções, os jordanianos obtiveram informações sobre alguns dos projetos imediatos das diferentes facções guerrilheiras palestinas. Entre os mais importantes destacavam-se “a tomada de uma embaixada árabe num determinado país do continente africano”,¹⁵ “a criação de um arsenal e infra-estrutura para o ataque às aeronaves comerciais judaicas na Europa”¹⁶ e o “assalto de um comando suicida à Mesquita de Ascensão”. Era óbvio que este último projeto terrorista só poderia ter sido inspirado em uma informação precisa de que os Estados Unidos e Israel estavam trabalhando no programa *Big Bird*. Tão graves acontecimentos – totalmente alheios à nossa verdadeira missão – só fizeram perturbar os corações da equipe, que se entregou até o limite da sua capacidade à delicada operação de “limpeza” dos barracões.

Dois dias depois – no sábado, 17 de fevereiro –, com pouco mais de 24 horas aquém do previsto, o “berço” havia sido desmontado e colocado em três contêineres blindados.

Como coincidia com o dia sagrado dos judeus, Curtiss, astutamente, apressou-se a dizer-lhes que podiam liberar o recinto da mesquita. Contudo, como era de esperar, não aceitaram e continuaram a participar das últimas etapas da evacuação, até o pôr-do-sol. Aquela providencial coincidência proporcionou-nos uma preciosa margem de quase seis horas, durante as quais quase todos os consoles e equipamentos eletrônicos da estação propriamente dita foram desmontados, misturados e confundidos com os caixotes metálicos que continham o módulo e instrumentos auxiliares.

Minutos após o ocaso – perto das 17h45 –, os técnicos e oficiais israelenses entravam na praça, iluminada, já, por potentes refletores, e passaram a colaborar com nossos homens no desmantelamento final.

Ao amanhecer, a operação estava concluída. Tudo estava disposto para o traslado. Mas para onde? Qual o ponto escolhido?

Por prudência, evidentemente – e segundo as ordens do General de Brigada Arié Shalev, chefe do Departamento de Investigação do Serviço de Inteligência israelense –, os arqueólogos (ou supostos “arqueólogos”) deveriam permanecer no interior da capela da Ascensão até 48 horas após a saída definitiva do material. Os árabes, proprietários e mantenedores do santuário, atentos a todos

os nossos movimentos, poderiam ter suscitado de algo se os *experts* da Universidade de Jerusalém, da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa da Cidade Santa e do Museu de Antiguidades de Amã – integrantes da “divisão especial” encarregada pelo governo de Golda Meir das escavações e reparação das fundações da face leste da inesquecível mesquita, supostamente danificadas pelo atentado simulado pelos agentes de Dayan – houvessem evacuado a zona ao mesmo tempo que retiravam a carga. Essa carga, segundo as parcas informações que chegaram até nós na época, desapareceria do local durante a noite, aos poucos, para levantar o mínimo de suspeitas. A grande pergunta que nos fazíamos durante essas tensas horas de trabalho, e que Curtiss ainda não pudera ou não soubera esclarecer, era de importância decisiva para o planejamento da primeira fase da aventura que nos aguardava: “Qual o local escolhido para a implantação da estação receptora do *Big Bird*?”¹⁷ Essa nova e tão esperada decolagem do módulo, e talvez boa parte da segunda exploração, dependiam do minucioso conhecimento do ponto onde seria levantada a estação receptora. Logicamente, ao abandonar o monte das Oliveiras, esse misterioso local tinha de estar longe do que, em princípio, já constituía para nós o “ponto de contato” da nave: o cume do monte que agora estávamos prestes a deixar. Para superar este inconveniente, os diretores do projeto – reunidos com Eliseu e comigo durante todo o domingo para planejar todos os pormenores do segundo “grande salto” – estabeleceram duas únicas soluções. Se a distância entre o novo assentamento e o monte das Oliveiras fosse considerável, o “berço”, uma vez efetuada a decolagem e a imediata inversão de massa, deveria superar essas milhas em um vôo horizontal. Isso complicava ainda mais as coisas. Entre outras razões, pelo óbvio consumo extra de combustível. Um carregamento de peróxido de hidrogênio, por certo, deveria chegar, secretamente, dos Estados Unidos...

Se, ao contrário, não fossem muitos os quilômetros a separar-nos do “ponto de contato”, talvez o mais prudente fora mudar a zona de descida, cobrindo a pé o caminho até Jerusalém. Nesse caso, dado o indubitável risco que representaria uma caminhada dessas, a estratégia deveria ser radicalmente mudada.

Por expresso desejo de Curtiss, a quem praticamente não vimos até terça-feira, 20 de fevereiro, a reduzida equipe que dirigia o Cavalo de Tróia viveu aqueles dias única e exclusivamente para a segunda aventura.

Em nosso afã para acertar os últimos detalhes de tão apaixonante e – por que negá-lo? – perigosa missão, analisamos, nos primeiros momentos, até a possibilidade de que as colinas do Golan ou os maciços do Sinai pudessem ser reconsiderados pelo governo israelense como uma das plataformas para a instalação definitiva da estação. O General havia-nos advertido de que, dada a situação no Oriente Médio, os dois locais alternativos haviam sido descartados

pelo Estado-Maior judeu. E não tivemos outro remédio senão nos render à evidência quando, nesses dias, a imprensa de Jerusalém ventilou os acontecimentos registrados na última quinta-feira, e justamente nas áreas de litígio. No golfo de Suez, muito próximo ao Sinai, um avião do Egito e um de Israel haviam sido atingidos em um duelo entre as forças aéreas de ambos os países, enquanto nas colinas do Golan tropas sírias destruíam dois carros blindados e uma escavadeira israelenses que cruzaram a linha de fogo intenso com a finalidade de construir uma estrada na zona desmilitarizada.

A tensão entre Israel e seus vizinhos árabes continuava aumentando de forma alarmante, ameaçando também nossos objetivos. Mas as horas mais amargas ainda estavam por vir...

Na manhã de segunda, 19 de fevereiro, aproveitando uma forçada interrupção em nossas sessões de trabalho, e quase sem o querer, meus passos levaram-me a um lugar que eu havia evitado até então: a Cidade Velha de Jerusalém. Eliseu e os diretores ocupavam-se na sede da embaixada norte-americana com a tramitação da mala diplomática que levaria os sismogramas obtidos na primeira exploração e que deveriam ser estudados com prioridade absoluta, em meu país, pelo Centro Geológico do Colorado e pela Administração Nacional do Oceano e da Atmosfera (NOSA). Enquanto isso, deixei-me arrastar por uma necessidade quase imperiosa: caminhar lenta e pausadamente pelos mesmos (?) lugares da Cidade Santa onde – “séculos antes” – havia vivido tão incríveis e traumatizantes experiências.

Talvez não o devesse ter feito. No fundo eu sabia o que me aguardava. Meu espírito, porém, impulsionava-me a “encontrá-Lo” ou encontrar algum vestígio que me recordasse sua presença.

Agora, decorrido tanto tempo, tenho certeza de que fiz bem em ocultar a Curtiss e à direção do projeto minha profunda angústia e aquele obsessivo desejo de “voltar”, fruto de uma complexa mistura de admiração por Ele e de uma ardente necessidade de conhecê-Lo melhor. Ninguém, nos meus longos anos de vida, havia atingido tão certa e profundamente meu atormentado coração. E mais e mais fazia-me a mesma pergunta: por que logo eu? Por que um indivíduo ruim, impuro e eternamente em dúvida, como eu, se havia envolvido em semelhante situação? Que tinha aquele Homem para conseguir transformar tão violentamente uma vida – a minha – cheia de vazios?

Conforme disse, se tivesse dado a conhecer ao Cavalo de Tróia minha fraqueza por Jesus de Nazaré – pois que era bem isso na realidade – tão flagrante parcialidade e entusiasmo pelo personagem motivo da segunda expedição me haveriam desqualificado inapelavelmente. A objetividade e frieza nos exploradores eram condições básicas para o desempenho de uma missão daquela

natureza. E, embora meu companheiro e eu compartilhássemos desses sentimentos, creio que na hora da verdade soubemos respeitar essa regra de ouro da operação, mantendo sempre uma posição distante e à margem do curso dos acontecimentos, mesmo em ocasiões de sérias dificuldades.

Sozinho, cruzei o arco da Porta de Jafa, no extremo oeste da Cidade Velha de Jerusalém, quando o frio das primeiras horas daquela manhã começava a amainar. Uns tíbios raios de Sol suavizaram minha intensa palidez e alegraram o ocre das pedras da cidadela. Uma multidão heterogênea dava vida à curta rua que separa os bairros armênio e judeu, ao norte, do cristão e muçulmano, ao sul. Embora houvesse passeado em várias oportunidades – antes da “grande viagem” – por aquele mesmo setor da Cidade Santa, agora era diferente. Muito diferente...

Ao chegar ao extremo da rua da Corrente, hesitei. Para onde me dirigiria? À minha direita, a curta distância, encontrava-se o Muro das Lamentações: último vestígio do imponente Templo construído por Herodes o Grande. E instintivamente caminhei em sua direção. Na grande esplanada existente ao pé do muro ocidental do antigo templo, centenas de pessoas – na maioria turistas – perambulavam de um lado para outro examinando tudo com curiosidade e tirando fotografias. Aproximei-me vagarosamente da muralha. Era incrível que daquela monumental construção que eu vira em nosso primeiro “salto” só restasse de pé um reduzido paredão de 12 escassos metros de altura e pouco mais de 70 de comprimento.¹⁸ Numerosos rabinos e fiéis judeus, entre estes crianças e jovens, rezavam ou liam os rolos da Lei, com os rostos encostados nos gigantescos e erodidos blocos acinzentados. A devoção e o respeito daqueles israelitas, cobertos com seus mantos brancos e os típicos chapéus pretos, e com os filactérios¹⁹ pendurados, eram surpreendentes.

Levantei os olhos e percorri minuciosamente as onze fileiras de pedra que ainda resistiam ao passar dos séculos. Descobri algumas coisas que não haviam mudado no venerável muro. Entre os buracos e ranhuras dos imponentes blocos continuavam florescendo tufo de ervas silvestres que abrigavam um bom número de pombos e passarinhos. O sussurro das orações fez-me recordar as palavras que pronunciara Jesus de Nazaré ao entardecer da terça-feira, 4 de abril do ano 30:

“... Vistes estas pedras e este Templo maciço? Pois em verdade, em verdade vos digo que chegarão dias, muito próximos, em que não restará pedra sobre pedra. Serão todas derrubadas”.

Impulsionado por uma estranha força, acerquei-me de uma das moles de pedra. Minhas mãos acariciaram a superfície rugosa e meu rosto, lenta e suavemente, foi tocar aquela segunda fileira. Fechei os olhos tentando captar a

formidável energia que, sem dúvida, estava armazenada naquela relíquia. Minha alma necessitava desesperadamente de um sinal, uma pequena lembrança, talvez o fugaz perfume de algumas pedras que haviam sido mudas testemunhas da presença de Cristo... Um pranto doce e tranqüilo foi a única resposta.

Quando aquela dilacerante tristeza estava quase a sufocar-me, uma mão pousou em meu ombro direito. Por um instante neguei-me a abrir os olhos, imaginando que aquele gesto – tão típico de Jesus – estava acontecendo em “outro tempo”...

Contudo, ao olhar na direção do homem que estava ao meu lado, um reflexo esverdeado devolveu-me à trágica realidade. Era um pára-quedista do Exército judeu, com seu uniforme de camuflagem e uma metralhadora a tiracolo no ombro esquerdo, com o cano apontando para o chão. Em volta de seu pescoço pendia o mais singular manto de oração que eu já vira diante do Muro das Lamentações: duas cartucheiras repletas de balas que brilhavam aos fracos raios do Sol da manhã.

O jovem – talvez um judeu ortodoxo que cumpria seu serviço militar – olhou-me em silêncio. E, após um leve sorriso, fez um único comentário:

– Irmão, o espírito divino está sempre presente nestas pedras. Mesmo que não seja judeu, reze, peça a Deus... Seus desejos serão satisfeitos.

Não sei ao certo se correspondi ao seu sorriso. O caso é que me senti aliviado e, seguindo seu conselho, rezei em silêncio e com todas as forças do meu coração oprimido. Ao fazê-lo, outras inesquecíveis palavras do Mestre brotaram em meu cérebro:

“... Nenhuma súplica recebe resposta, a não ser que proceda do espírito. Em verdade, em verdade te digo que o homem se equivoca quando tenta canalizar sua oração e suas petições para o benefício material, próprio ou alheio. Essa comunicação com o reino divino dos seres de meu Pai só obtém completa resposta quando obedece a uma ânsia de conhecimento ou consolo espiritual. O mais – as necessidades materiais que tanto vos preocupam – não são consequência da oração e sim do amor de meu Pai”.²⁰

Nesse instante compreendi que boa parte de minha angústia nascia de um desejo egoísta: só pretendia satisfazer minha curiosidade e instintos mais íntimos. E ali mesmo pedi perdão, suplicando ao Pai que, se nossa segunda “aventura” chegasse a materializar-se, que Ele me desse luz e força para vivê-la e aproveitá-la com o único fim de beneficiar as gerações futuras.

Um pouco mais calmo, afastei-me daquele ponto e dirigi-me à extrema direita do muro: o lugar destinado às mulheres. Passei pela barreira metálica que separa os dois setores e, apanhando meu velho caderno de notas, escrevi três palavras: “Voltar a Ele”.

Aquele era, e é, um dos costumes mais propagados entre as pessoas que visitam o Muro das Lamentações: escrever em um papel alguma oração ou desejo particular e introduzi-lo, dobrado, em uma ranhura existente entre as grandes fileiras de pedra.²¹ A tradição popular assegura que tais petições sempre se cumprem. Dado que nenhum homem pode entrar no setor feminino, pedi a uma turista que depositasse minha “mensagem” na muralha. A mulher, compreensiva, o fez na hora. E ali ficou – e ali suponho que esteja ainda – o breve, sincero e intenso rogo. Hoje posso comprovar, ao menos no meu caso, que a crença popular está certa...

O resto de meu passeio pela Cidade Velha não contribuiria exatamente para me animar. Todos os lugares pelos quais andei estavam irreconhecíveis. Não guardavam praticamente nada de parecido com aquela Cidade Santa do ano 30. Era lógico. Se não me falha a memória, desde o ano 587 a.C., data da construção de Jerusalém e do Templo por Nabucodonosor, a Cidade Santa havia sofrido dezesseis invasões, fora arrasada e edificada novamente mais de uma dezena de vezes.²² Era absurdo que eu pretendesse ver e reconhecer na atual esplanada do “Domo da Rocha” o magnífico Segundo Templo, ou, no bairro muçulmano, o primitivo traçado das ruelas que havia percorrido...

Ao entrar no gigantesco retângulo onde em outros tempos erguia-se o magnífico Templo de Herodes, um guia, a meia voz, explicava a um grande grupo de curiosos e respeitosos turistas ingleses como muitos rabinos e judeus de Mea Shearim (o bairro religioso da cidade) só caminham descalços ou, de outra forma, negam-se a pisar a esplanada onde nos encontrávamos. Segundo esses rigorosos observadores da lei judaica, “ali se encontra sepultada a famosa Arca da Aliança, o que torna aquele um lugar sagrado”.

Na verdade, enquanto me dirigia às mesquitas que ocupam hoje o terreno do Segundo Templo – a do “El-Aksa” e a conhecida como o Domo da Rocha – tive de reconhecer que aquele é um dos raros pontos onde os humanos não caíram ainda no lamentável tráfico comercial existente no que os cristãos chamam “lugares santos”. Ali tudo é silêncio e recolhimento. A venda ou a mercantilização de lembranças mais ou menos santas ou religiosas está terminantemente proibida.

Ante a Mesquita Distante ou de El Aksa,²³ situada ao sul do grande retângulo, meu espírito voltou a estremecer. Atrás dela e à esquerda de sua cúpula de prata distinguia-se boa parte do monte das Oliveiras e, acima, na encosta ocidental, o Getsêmani. Ao vislumbrar, de súbito, a colina e a ladeira pela qual eu havia subido e descido tantas vezes, desencadeou-se dentro de mim uma reação quase violenta. Então dei meia-volta e afastei-me a passos largos, rumo à bela Mesquita de Omar ou Domo da Rocha.²⁴

Detive-me por uns poucos instantes junto à “Oitava Maravilha do Mundo”. Aquele, na minha opinião, é o lugar exato onde, há 2 mil anos, erguia-se, majestoso, o Santuário propriamente dito. Ali mesmo, muito perto de algumas das faces do octógono de 60 metros de diâmetro que constitui o exterior da mesquita – talvez aquelas voltadas para o sul ou para o sudoeste –, estavam naquele tempo as escadas de acesso ao Templo, onde eu vira e ouvira o rabi da Galiléia. Ali, naquela esplanada, eu assistira ao insólito espetáculo de um Jesus firme e seguro, de látego na mão, abrindo os portais do setor norte do chamado Átrio dos Gentios e provocando o estouro dos animais destinados aos sacrifícios sagrados. Durante segundos, no silêncio do lugar, pude ouvir os mugidos dos bois, a algazarra dos cambistas de moedas e o estrondo de mesas e tendas ao serem atiradas ao chão pelo gado. Quão longe e quão perto, ao mesmo tempo, tudo me parecia.

A 30 ou 40 metros a noroeste, no que é atualmente norte do monte em que fica o Templo, imaginei por um momento a quase inexpugnável e orgulhosa Fortaleza Antônia. E novas e vivas lembranças acudiram à minha mente. Do formidável “quartel-general” romano não resta quase sinal ou vestígio algum. Tudo desapareceu.²⁵ Pensando melhor, nem tudo...

Tive ocasião de visitar, tempos atrás, o convento das Irmãs de Sião, onde os cristãos veneram o famoso *litóstroto* ou pátio pavimentado por grandes lajes, parte, ao que parece, da primitiva Fortaleza Antônia.²⁶ Para alguns, este seria o lugar onde Cristo foi julgado por Pôncio Pilatos e apresentado à multidão após a flagelação. Outros arqueólogos e exegetas, mais prudentes, não têm tanta certeza.

Após descer por umas escadas de poucos degraus, situadas na face noroeste do monte Moriá, e deixar à minha direita – no que fora o coração da Fortaleza Antônia – um passeio semi-oculto, de ciprestes novos, entrei sem mais demora no convento das Irmãs de Sião, em pleno bairro árabe. Meu espírito voltou a inquietar-se. Embora compreendendo que, às vezes, essas coisas são inelutáveis, não pude evitar um sentimento de aversão. Ao passar sob a pequena porta do santuário apareceu diante de mim uma loja muito iluminada, repleta até o topo de toda sorte de lembranças da capela da Flagelação ou do venerado *litóstroto*: desde medalhas e escapulários até camisetas, cinzeiros, artesanato, cartões-postais, bustos policromados de gesso de Maria ou de seu Filho, réplicas da coluna da flagelação e um interminável *et cetera*, para não falar dos brinquedos japoneses ou refrescos... Aquele lugar, como muitos outros, para não dizer a maioria, se havia convertido em um excelente negócio... à custa de Jesus de Nazaré e dos seus padecimentos. E outras frases de Cristo, pronunciadas na madrugada da segunda, 3 de abril, na casa de Lázaro, em Betânia, voltaram-me à

mente:

“... Minha alma sofre pelos filhos dos homens porque estão cegos de coração; não vêem que chegaram vazios ao mundo e tencionam sair vazios do mundo. Agora estão bêbados. Quando vomitarem seu vinho, arrepender-se-ão”.

Talvez o mais doloroso daquele “profano negócio” é que, tal qual sucedera com Anás e os outros sacerdotes – proprietários do negócio dos intermediários no átrio do Templo –, agora, 2 mil anos depois, os que se dizem sacerdotes ou religiosos ao serviço do Filho de Deus continuam praticando ou participando de uma exploração comercial que nada tem a ver com o que Ele desejava e pretendia. E isso, precisamente ali, naquele cenário de tão trágicas cenas, desvaloriza consideravelmente a grandeza do lugar. Enquanto caminhava em direção à sala abobadada onde está o *litóstrotos*, perguntei-me que teria acontecido se o rabi da Galiléia tivesse expressado o menor desejo de que suas vestes, objetos pessoais *etc.* fossem conservados e reverenciados... Conhecendo bem, como conhecia, a debilidade da natureza humana, teve extremo cuidado de não cometer semelhante erro. Apesar disso, os cristãos, longe de praticar os ensinamentos ou a religião de Jesus, caíram desde os primórdios no que, justamente, não desejava o Mestre: uma religião, uma forma de ser e uns rituais “a pretexto” de Jesus...

Ao ver as pedras retangulares, que se supõe serem as mesmas que João cita no seu Evangelho, senti um frêmito. Algumas das enormes e desgastadas pedras – estriadas para evitar que os cavalos escorregassem – eram parecidas às de calcário duro que eu vira e pisara no pátio central da Fortaleza Antônio. O esmero das religiosas responsáveis pelo *litóstrotos* e o passar dos séculos haviam-nas alterado em parte, emprestando-lhes um brilho especial. Entretanto, aquele pavimento não correspondia ao do grande pátio lajeado à base de seixos rolados, situados no setor norte da fortaleza, onde se congregara a multidão na manhã da Sexta-Feira Santa. Somente o lajeado do terraço situado defronte à referida esplanada, na qual se deu o debate entre Pilatos e os sacerdotes judeus, guardava semelhança com o que tinha agora diante de mim.

A bem da verdade, João, o Evangelista, não cometeu erro algum ao afirmar que o Mestre fora levado ante Pilatos, “no tribunal, no lugar chamado de *litóstrotos*”. O que pode constituir um erro crasso é associar este pavimento do convento das Irmãs de São com o “tribunal” no qual se sentava o procurador romano. Independentemente do meu testemunho, a comprovação que deveria ser levada em conta pelos exegetas e arqueólogos bíblicos está gravada precisamente em algumas dessas lousas. Nelas têm-se um conjunto de riscas traçadas a fio de espada ou com instrumento pontiagudo, que todos os *experts* têm identificado como um certo “jogo do círculo” – citado por Plauto –, do qual

os legionários romanos eram apreciadores. Como já mencionei antes em meu diário, sobre uma das lajes do pátio central pude notar um círculo e uma linha sinuosa que corria entre diversas figuras (uma coroa real e um “B”). Os soldados, um após outro, lançavam quatro dados marcados com letras e números cantando jogadas chamadas de “Alexandre”, de “Dario” ou de “efebo”: e a que rematava a partida: a do “rei”. Logicamente, um divertimento dessa natureza – que obrigava a marcar e danificar o lajeado – dificilmente teria como cenário um lugar tão solene como o *litóstrotos*, onde Pôncio praticava a justiça, mas sim o pátio das arcadas do quartel romano, ponto de reunião dos homens quando não estavam em serviço e onde não ocorriam muitos atos oficiais.

Quando me dispunha a sair da câmara, o sussurro de um guia turístico comentando os detalhes e pormenores do “jogo do rei” deteve-me. “Segundo a tradição” – explicou o hebreu – “se um réu aceitava jogar e ganhava a partida, podia salvar a vida... No caso de Jesus” – concluiu o bom homem com um sorriso –, “os legionários romanos não aceitaram porque sabiam que o Galileu podia ganhar...”

Sentindo-me um pouco reconfortado pela ingenuidade daquele guia, deixei para trás o convento das Irmãs de Sião e entrei na Via Dolorosa (Tario Al-Mujahdeen), como é denominada pelos cristãos, e que faz parte de um intrincado labirinto de vielas estreitas, malcheirosas e, em certos trechos, cobertas, em pleno mercado oriental. Como na Jerusalém do ano 30, aquele setor – hoje ocupado pelos muçulmanos – conservava alguma semelhança com o que eu havia conhecido: passagens, ruelas muito estreitas, precariamente pavimentadas e, na maioria dos casos, sulcadas de pequenas e pestilentas canaletas. Nos dois lados das ruas havia um sem-fim de lojinhas e diminutos estabelecimentos infectos nos quais se preparavam comidas, vendia-se ou comercializava-se uma infinidade de coisas inimagináveis. Confuso, abrindo caminho com dificuldade entre aquela maré humana – mescla de turistas, árabes puxando asnos carregados de volumosos fardos, mulheres de rosto coberto e equilibrando grandes cântaros de argila na cabeça, religiosos de todas as religiões e um ou outro rabino apressado a exhibir sua tradicional indumentária: sobrecasaca negra como a noite e chapéu de abas largas de veludo igualmente azeviche, barbas longas e suíças encaracoladas caindo desde as têmporas –, finalmente consegui chegar a outro dos santuários da Cidade Velha. Sem dúvida, o mais santo para a cristandade: a igreja do Santo Sepulcro.

Não foi fácil desembaraçar-me da criançada desde o instante em que pisei a suposta Via Dolorosa,²⁷ pois que praticamente assalta os transeuntes estrangeiros ou aqueles com aspecto de turista, impingindo-lhes todo tipo de mercadorias. Recordo-me com nostalgia de uma das sextas-feiras, por ocasião do meu

treinamento. Eram 3 horas da tarde e eu estava na Via Dolorosa quando vi a tradicional e semanal procissão organizada pelos frades franciscanos. Aquele espetáculo comoveu-me. Enquanto os religiosos e fiéis avançavam lenta e pausadamente pelas ruas, ora de joelhos, ora carregando grandes cruzes de um lado e de outro, os comerciantes continuavam a anunciar seus produtos e *souvenirs*, alheios ao que se passava, sem o menor respeito para com aqueles devotos cristãos.

Mas aquele descarado e irritante negócio perde a importância, a meus olhos, diante do que para mim constitui uma das mais negras e frias afrontas que se possa conceber em um lugar tão sagrado e especial como o Santo Sepulcro...

Agora pergunto-me se não deveria ter omitido estas nada edificantes observações. Mas é preciso que eu seja fiel aos meus próprios sentimentos e absolutamente claro e sincero.

Na verdade, não tem maior transcendência que a rocha do Gólgota – quase oculta sob a basílica do chamado Santo Sepulcro – estivesse ou não uns metros mais ao norte ou ao sul da sua atual e pretendida localização. O que importa é que este sim foi o lugar real e concreto onde se desenrolaram as dramáticas horas finais do Nazareno. Mesmo a circunstância de o túmulo de Cristo ter sido marcado, pela religião e pelas tradições, a tão pequena distância do lugar da execução não deve gerar problemas. (Como também já falei, a propriedade de José de Arimatéia – uma pequena fazenda de recreação e descanso – achava-se relativamente distante do Gólgota.) Não era habitual, nem lógico, que este tipo de propriedade se achasse praticamente ao lado de um lugar tão tétrico como o das execuções públicas. Ao meu “regresso” da Jerusalém do ano 30, após consultar mapas e percorrer a zona, convencime de que a gruta que abrigou o corpo de Jesus encontra-se em algum ponto do lado nordeste do atual bairro árabe. Mais precisamente, entre a igreja de Sant’Ana e o Museu Rockefeller; este último, fora do bairro árabe. Talvez, algum dia, caso se efetuem escavações nesse setor o mundo possa descobri-lo.²⁸

O que me parece realmente indigno do lugar que se pretende venerar foi um fato que tive de viver naquela agitada manhã.

Durante um bom tempo perambulei pelas escuras e exageradamente decoradas capelas, absurdamente divididas entre gregos ortodoxos e católicos romanos,²⁹ e até cheguei a descer a uma das criptas onde, segundo a tradição, Santa Helena encontrou as três cruzes, “jogadas em uma espécie de lixo pelos soldados romanos, uma vez findas as crucificações.”³⁰ Em outra das dependências voltei a encontrar-me com a “coluna da flagelação”: um delicado e caro marco de mármore vermelho de uns 50 centímetros de altura e com um pedestal. Não

pude deixar de sorrir. Um marco daquele tipo, jamais poderia ter sido utilizado para amarrar alimárias. Era demasiado caro e delicado...

Logo deparei-me com um grupo de turistas que fazia fila para visitar o não menos pretensioso túmulo do Galileu.³¹ Aquele era um dos santuários que me havia negado a visitar durante a etapa de meu treinamento. Já o disse anteriormente: tanto a direção do Cavalo de Tróia quanto eu mesmo considerávamos que, para determinadas fases da missão, melhor seria prescindir das informações já existentes. Isso nos proporcionava um maior grau de objetividade. Daí que, ao unir-me ao paciente grupo, sentisse uma inevitável curiosidade. Era completamente impossível que a gruta que serviu de túmulo a Jesus de Nazaré estivesse tão próxima ao Calvário (apenas 20 ou 30 metros no interior da igreja). Mesmo assim, decidi visitá-la.

O monumento que hoje recobre e protege essa sepultura é excessivamente decorado e tem uma grande cúpula de estilo russo. A tumba, propriamente dita, é tão estreita que só permite a entrada de quatro ou cinco pessoas ao mesmo tempo. A grande velocidade, quase mecanicamente, os turistas que me precediam foram entrando e saindo do túmulo. Quando chegou minha vez, fiquei simplesmente horrorizado. Em um estreitíssimo cubículo, de apenas 2 metros de comprimento por 1 de largura e outros 2 de altura pode-se contemplar, à direita do local, uma laje de mármore que não supera 1,70 m de comprimento. Era impossível que o corpo de Cristo, com seu 1,81 m de altura pudesse ter-se encaixado na posição horizontal sobre a lápide. Mas estas considerações, insisto, são de menor importância. O que me exasperou foi a atitude do sacerdote grego que permanecia em pé ao lado da cabeceira do suposto túmulo. Sua principal, e eu diria única, missão consistia em arrecadar as notas – se fossem moedas fortes, tanto melhor – que cada visitante se via quase forçado a dar de presente. A “operação” por parte dos cobiçosos gregos ortodoxos era perfeita. Ao entrar na reduzidíssima câmara, os quatro ou cinco emocionados e trêmulos fiéis viam-se abordados por um “ajudante” do hierático sacerdote que, mostrando-lhes um punhado de finas velas negras e quase sem nada falar, dava-lhes a entender que o correto seria deixar uma boa “esmola”. Caso o surpreendido visitante hesitasse ou não soubesse que quantia deixar os astutos “proprietários” do túmulo iam depositando as moedas mais fortes (dólares, marcos alemães etc.) ao pé de um dos círios situados na cabeceira da lápide, junto ao vigilante sacerdote.

A “abordagem” é tão descarada e fulminante que são muito poucas as pessoas que não sucumbem a semelhante “ataque”. E o mais doloroso é que, uma vez consumado o “assalto”, não há tempo para mais nada. Nem sequer para balbuciar um apressado pai-nosso. (É preciso lembrar que a grande maioria dos que desfilam pelo túmulo de Cristo está convencida de que aquela é a pedra

sobre a qual repousou o corpo do Salvador. Algo grandioso e emocionante que merece que se possa orar ou meditar durante alguns minutos. Até isso, porém, é sutilmente “proibido” pelos modernos Anás e Caifás...)

Uma vez acesas as velas, o grupo é convidado – quase compelido – a abandonar o lugar, com a desculpa de que são muitos os fiéis que ainda aguardam do lado de fora. Nisso têm razão, embora as verdadeiras intenções dos gregos ortodoxos apontem para outra direção. Se levarmos em conta que ao longo de qualquer Semana Santa uma média de 46 mil indivíduos visitam essa cripta e a média de dinheiro doado *per capita* é de uns 5 dólares americanos, não é necessário ser muito perspicaz para intuir quais as intenções... Como dizem os israelitas, o túmulo de Jesus de Nazaré é uma “mina de ouro”. Qual o negócio dessa espécie que arrecada um lucro médio diário de 15 mil dólares?

Foi talvez um momento de fraqueza; mas, diante de semelhante abuso, não pude conter-me. Lógico que não dei nem um centavo. Ao invés disso, encarando o impassível sacerdote, recriminei-o pelo que considerava um desonesto “aluguel” do túmulo de Nazareno. O grego acariciou suas negras e desalinhadas barbas e, olhando-me com displicência, argumentou:

– Ninguém o obriga, irmão...

– Claro...

Não houve tempo para mais nada. O “ajudante” obedecendo a um significativo e estudado olhar do sacerdote, pressionou meu braço e, suave mas firmemente, arrastou-me para a saída.

Sofrido e indignado, não me detive até alcançar a muralha sul da Cidade Santa. “Cidade Santa”? Meu Deus! Quão pouco haviam mudado as coisas!...

Uma ligeira brisa recebeu-me sob o arco da Porta de Sião no fim do bairro armênio. Detive-me, procurando serenar meu espírito. No fundo, quem pode mudar tão drasticamente as tendências e as fraquezas humanas? Algum dia – como profetizou o Mestre – “o mundo sairá do inverno materialista para entrar na primavera espiritual...” Isso, porém, parece-me ainda distante.

Ao pisar a calçada de Hativat Etzioni, entre as muralhas da Cidade Velha e o monte Sião, o instinto foi meu único guia. Ao cabo de uns minutos achava-me à borda dos profundos barrancos do vale de Hinnom, onde, antigamente, estivera localizado o lixo da Jerusalém bíblica: a Geena mencionada nos Evangelhos canônicos. Aquela tortuosa depressão, salpicada de rochas e penhascos, não havia variado demais.

A principal e mais forte lembrança daquele desfiladeiro era a ansiosa busca do desaparecido Judas na manhã de sábado, 8 de abril do ano 30, em companhia do jovem João Marcos. Tratei de orientar-me, num absurdo esforço para

reconhecer o ponto exato sobre o qual havia despencado o infeliz apóstolo. Recordava muito bem que o corpo jazia no fundo daquela garganta, a uns 40 metros de profundidade. Retrocedi até o oeste, margeando a zona onde se encontra hoje o túmulo de David e o Cenáculo. Foi inútil. As sucessivas edificações e mudanças na orografia haviam apagado parte da antiga e abrupta depressão. Talvez a igreja de Santo André, à borda do Derech Havron, seja o rincão mais aproximado. Mas não poderia assegurá-lo. É triste que a cristandade – apesar de ter sido ele traidor – não tenha erigido um simples e modesto monumento em memória de um personagem tão importante e – por que não? – tão próximo ao Mestre. Oxalá estas linhas movam alguém a empreender a caritativa – não sei se justa – empresa de fincar uma cruz no fundo ou na borda do vale do Hinnom, em memória do Iscariotes. De minha parte, depois de recolher, em uma das encostas do escarpado, um punhado das primeiras margaridas, fiz um arranjo com os verdes e brilhantes mirtos silvestres, muito abundantes entre os rochedos, e joguei o improvisado ramalhete no coração do desfiladeiro. Nunca cheguei a uma explicação, que me satisfizesse, do porquê daquele gesto, todavia sincero. Talvez, em certas ocasiões, me sinta mais atraído pelos homens derrotados ou errados do que pelos justos ou irrepreensíveis. “Ele”, apesar de tudo, também havia amado Judas. E em certa ocasião havia dito: “... Deus é tão liberal que até permite que te equivoques... Quando for o caso, pede explicação ao teu irmão, mas nunca o odeies. Somente quando olhares para teus irmãos com caridade poderás sentir-te contente”.

Lancei um último olhar à minha modesta oferenda, confundida entre os arbustos e abrolhos que crescem com grande esforço nas gretas rochosas da garganta e, reconfortado, voltei pelo caminho que serpenteia paralelamente ao Hinnom, tomando as calçadas de Melchisedeck e Há’Ofel. Sob o famoso Pináculo do Templo, no extremo mais oriental da Cidade Velha, dezenas de pombos – como há 2 mil anos – encolhiam-se nos buracos da orgulhosa muralha. Mas minha atenção viu-se desviada para a encosta oeste do monte das Oliveiras. A passagem dos séculos e a construção, na ladeira, das conhecidas igrejas e santuários do Getsêmani, Dominus Flevit,³² o túmulo da Virgem Maria, o de Santa Maria Madalena³³ e a das Nações,³⁴ entre outras, alteraram o primitivo e genuíno perfil do monte sagrado. À exceção de alguns isolados círculos de oliveiras, o resto está igualmente irreconhecível. Caminhei lentamente, seguindo o curso da muralha oriental do desaparecido Segundo Templo, com freqüentes paradas. Salvo, porém, pelos precipícios que acompanham o velho leito do rio Cedron e os quatro monumentos funerários que ainda estão em pé na cabeceira daquela rampa do monte das Oliveiras – atribuídos a Absalão, Josafá,³⁵ Tiago e Zacarias –, nada conserva seu antigo aspecto. À exceção do vale, os velhos

caminhos que dali saíam, e que o Galileu havia palmilhado em suas idas e vindas de Betânia ou do acampamento do Getsêmani, haviam sido apagados ou substituídos por modernas estradas e vias asfaltadas.

Um vento frio começou a soprar do nordeste, arrastando negras e ameaçadoras nuvens sobre Jerusalém. Restavam apenas três horas de luz e, sabendo que nossa próxima reunião no Ramada Shalom havia sido programada para as 18 horas, acelerei o passo. Nem naquele momento sabia o que buscava. Seria, talvez, algum oculto ou remoto vestígio do lugar onde o Mestre costumava instalar seu acampamento?

Conforme fui-me aproximando do Jardim do Getsêmani, aquele desejo foi-se diluindo. Como disse, nem sequer o templo que homenageia o local onde foi preso o Galileu está corretamente situado. Durante alguns minutos, subi pela estreita e íngreme rua que leva ao cume e desemboca na Mesquita da Ascensão. E, tomando como referência a Porta Dourada do muro leste do Templo (agora lacrada até o “fim dos tempos”), dobrei à esquerda, saindo da calçada. Se não me enganava, não muito longe dali eu havia vivido os tensos momentos da “oração do horto”, do processo de suor de sangue ou “hematidrose” de Jesus e, em uma altitude inferior, no velho e desaparecido caminho, da chegada da tropa romana e levita que empreendeu o acidentado aprisionamento do Mestre. Não tardei muito em desistir. Depois de uma curta incursão por um reduzido campo onde cresciam oliveiras muito novas, uma série de modernas chácaras impediu-me de continuar. Tudo havia sido engolido pelo progresso. Mais uma vez, perdido no meu próprio presente, lamentei que os seres humanos não hajam sabido ou querido respeitar um lugar tão íntimo e sagrado como aquele. Sei que é um sonho impossível; contudo, não teria sido mais emotivo e autêntico conservar tais como eram os lugares onde viveu o Cristo, sem igrejas nem santuários? Depois dessas decepcionantes vivências, compreendo melhor os seguidores do rabi da Galiléia, que preferem guardar sua lembrança afastando-se dos tradicionais “lugares santos” e buscando aquelas paragens – montanhas, desertos, praias da Galiléia ou campinas – que continuam virgens e sem transformação alguma.

Pouco faltou para que, ao descer na direção da movimentada estrada de Derech Jericho – a que passa defronte à igreja do Getsêmani – seguisse meu caminho em busca de um táxi que me levasse ao hotel. “Algo”, porém, inexplicável, essa espécie de “força” interior que me acompanha desde então, obrigou-me a que me detivesse frente à entrada do Lugar Sagrado: o jardim onde são carinhosamente conservadas e cuidadas as oito veneráveis oliveiras que, segundo a tradição, foram as mesmas que abrigaram o Mestre. Depois de livrar-me dos inevitáveis vendedores ambulantes e dos árabes que se empenham em montar os turistas em seus camelos, penetrei no silencioso e sossegado recinto.

Começava a chover e a maioria dos poucos visitantes precipitava-se para a saída. Ao ver as velhas e enroscadas oliveiras senti um estremecimento. Alguns daqueles vetustos e grossos exemplares eram idênticos aos que cresciam na propriedade de Simão, o Leproso. Agarrado à cerca de ferro que as separa e protege do público, e absorto na contemplação daquelas possíveis testemunhas mudas da passagem de Jesus de Nazaré durante suas caminhadas pelo sopé do monte das Oliveiras, não me dei conta da forte chuva que me encharcava. Até que, providencialmente, quase como uma aparição, vi surgir de baixo de uma das frondosas oliveiras uma personagem franzina que, rapidamente, se colocou diante de mim. Com um luminoso sorriso, o franciscano devolveu-me à realidade, lembrando-me de que estava chovendo. E, sem mais protocolos, fez-me atravessar a grade, conduzindo-me ao pé da gigantesca árvore de onde eu o vira sair segundos antes. Era o padre José Montalverne, jardineiro amador e uma das autoridades mundiais sobre as velhas oliveiras do Getsêmani. Sob as brilhantes folhas verde-brancas do improvisado “guarda-chuva” estabeleceu-se entre nós uma simpatia mútua. Quando o interroguei sobre a real antiguidade daqueles oito exemplares, o religioso sorriu maliciosamente, como se aquela pergunta fosse habitual entre os peregrinos que as visitam diariamente. O amável e paciente franciscano explicou-me então que haviam submetido a lasca de um tronco, em 1954, às provas de carbono 14. Pois bem, segundo as tabelas de Nieh-Bohr, aquela madeira remontava a 200 anos antes de Cristo. Quando repliquei que os romanos haviam ordenado a tala de todas as árvores que rodeavam Jerusalém,³⁶ Montalverne, sem se alterar, aconselhou-me que se desejasse maiores informações sobre as oliveiras eu deveria consultar o professor Shimon Lavee, diretor do Volcani Agriculture Centre em Bet-Dagon. Lavee é considerado o maior especialista em oliveiras do mundo. E, segundo este cientista, “qualquer oliveira de Israel que tenha uma circunferência de 6 metros na base, tem, pelo menos, 2 mil anos”. O franciscano mostrou então o enrugado e tortuoso tronco da árvore que nos resguardava da chuva, acrescentando:

– ... E esta, querido amigo, tem 11,80 metros.

A verdade é que não precisava de tantas explicações. Contudo, elas foram bem recebidas. Saltava à vista que algumas das veneradas oliveiras do horto do Getsêmani somavam 2 mil anos ou mais.

E, movido por um íntimo desejo, tomei um dos galhos entre meus dedos e aproximei-o dos lábios. O bom franciscano, comovido talvez por aquele espontâneo beijo, apressou-se então a cortar um pequeno galho para me dar. Eu sabia que aquilo era proibido. Um dos motivos da existência dessa cerca metálica que rodeia as oito oliveiras é precisamente este: evitar que o excesso de

entusiasmo dos peregrinos acabe por destruir as árvores.³⁷ E agradei muito sua generosidade. Hoje, as pontiagudas, ainda verdes e queridas folhas são as únicas lembranças físicas de minha passagem por Israel.³⁸

Entre as sombras do ocaso, com meu precioso “tesouro” entre as mãos, regressei finalmente ao nosso quartel-general, o Ramada Shalom. Eliseu aguardava-me nervoso e impaciente. “Algo” muito grave estava acontecendo.

A preocupação de meus companheiros era mais que justificada. Durante a estada deles na embaixada americana em Jerusalém havia circulado um rumor – confirmado nessa mesma manhã – que poderia complicar ainda mais a já precária situação. As autoridades jordanianas haviam detido o chefe dos serviços secretos da organização guerrilheira palestina Setembro Negro, Abu Daoud, quando estava prestes a passar de automóvel para a Jordânia vindo da Síria. Com ele foram capturados outros vinte terroristas. A informação, devidamente comprovada pelo Mossad e o Agaf,³⁹ era correta e não demorou a chegar aos serviços de inteligência norte-americanos destacados em Amã e, quase simultaneamente, aos de Israel.

No dia seguinte, 20 de fevereiro, o jornal *Davar* confirmaria os fatos prognosticando o recrudescimento da “guerra fria” entre Líbia – defensora radical dos movimentos guerrilheiros palestinos – e Jordânia. Aquilo, insisto, poderia prejudicar-nos seriamente. Era por todos sabido que quando o Mossad Lemodiín Vetafkidim Meijadim (o célebre Instituto de Informações e Operações Especiais, ou Mossad) ou o Exército judeu dirigia um golpe à resistência palestina, esta respondia tanto com violência quanto com rapidez, escolhendo – às vezes de maneira suicida – os objetivos mais à mão. E “nós” – a estação receptora de fotografias desmontada e escondida no interior da Mesquita da Ascensão – éramos mais que um hipotético objetivo “militar” das facções palestinas.

Aquela noite de 19 de fevereiro foi especialmente tensa. Temíamos pela segurança do “berço”; contudo, salvo roer as unhas e tentar encontrar Curtiss, não conseguimos grande coisa. O General, de acordo com as informações que tínhamos em nosso poder, devia achar-se – desde a manhã do domingo, 18 de fevereiro, em plena “batalha” com o Estado-Maior do general Eleazar, lutando e pressionando, supúnhamos, para decidir a nova localização da estação e a “estratégia” que permitiria o transporte dos equipamentos.

Perto das 11 da noite, finalmente, soou o telefone do quarto de Eliseu, onde estávamos reunidos. Era o diretor do projeto. Suas ordens foram breves: deveríamos pôr em andamento a fase “azul” do programa. Apesar de nossas insinuações, Curtiss negou-se a falar. “Amanhã em Lod” – foi a resposta – “tudo

já estará decidido. O árabe os apanhará às 8 horas. Boa sorte.”

Eliseu compreendeu que nada havia a fazer e desligou o telefone. A fase “azul” – nome de código só conhecido por Curtiss, pelos diretores e por nós – era, na realidade, a primeira das três etapas em que havia sido dividida a segunda “aventura”. Entretanto, não irei referir-me, agora, às fases seguintes: a “verde” e “vermelha”. A que deveríamos executar no dia seguinte era vital à “exploração” a que nos propúnhamos. Como mera informação antecipada, direi que, segundo o programa previsto pelo Cavalo de Tróia, um dos meus “trabalhos” do “outro lado” – supondo que tudo funcionasse corretamente – seria analisar a natureza e a composição atômica e molecular do chamado, pelos cristãos, “corpo glorioso” de Cristo. Supondo, naturalmente, que tais “aparições” evangélicas, depois da morte e ressurreição, fossem reais...

Para isso, minha querida e familiar “vara de Moisés” – tão útil nas comprovações médicas durante a Paixão e Morte de Jesus – deveria sofrer certas modificações sobre as quais falarei a seu devido tempo. Um dos dispositivos era especialmente básico para o desempenho dessa missão de investigação do misterioso “corpo glorioso”. Muito embora seu acoplamento no interior da “vara” não oferecesse demasiadas dificuldades técnicas, por outro lado a escassez do tempo disponível e o transporte da sofisticada “ferramenta” aos Estados Unidos nos preocupava. Nisso se apoiava a fase “azul”: no envio ao nosso país dos equipamentos suscetíveis de alterações ou mudanças. Dadas as circunstâncias que atravessávamos – dificultadas ainda mais pela detenção de Abu Daoud –, o que em condições normais teria sido um trâmite sem complicações agora se nos apresentava como uma operação comprometedora. Explico-me. Em vista dos acontecimentos vividos nos últimos dias, e por razões de segurança, Curtiss preferiu que a “vara de Moisés” permanecesse com o resto dos equipamentos na mesquita. Agora, não só tinha de tirá-la de lá como também cuidar da sua camuflagem e embalagem para ser levada para os Estados Unidos com o máximo de segurança e rapidez. Com os israelenses, a princípio, parecia não haver muitos problemas. No decurso de seus contatos com o Estado-Maior, o General havia-se encarregado de esclarecer que, diante de uma segunda montagem da estação receptora de fotos, “parte do instrumental” deveria ser revisada e renovada pelos *experts* da USAF. Os judeus compreenderam e aceitaram, oferecendo toda sorte de facilidades para o traslado. Contudo, a ameaça palestina contra o octógono da Ascensão obrigava a adoção de medidas “complementares”. Aí entrávamos nós, sempre “de mãos dadas” e convenientemente “protegidos” pelos sagazes israelitas...

O plano para retirada da “vara” era simples, mas perfeito e sem complicações aparentes.

Na manhã seguinte, às 8 horas de terça-feira, dia 20, um potente automóvel – um Subaru de placa amarela⁴⁰ com licença de número 22-552-84 – estacionava diante do hotel. Eliseu e eu, de acordo com o estabelecido, entramos no carro, que partiu rapidamente. Ao volante e ao lado – silenciosos como múmias – viajavam dois indivíduos absolutamente desconhecidos para nós. Vestiam-se à moda árabe com enormes *abba* ou albornozes de lã marrom-escuro e, na cabeça, um pano xadrez vermelho e branco preso com duas voltas de grosso cordão negro. O motorista, a julgar pelo bigode, cavanhaque e pele escura, devia ser um autêntico muçulmano. Talvez um beduíno. O outro, ao invés, mais jovem, pele e olhos claros e nariz proeminente, tinha algumas das características típicas dos *sabras*.⁴¹ Ambos, por dedução, deviam ser membros do Exército judeu ou – nunca o soubemos – talvez de algum dos serviços de inteligência de Israel. Mas o importante é que estavam ali para nos ajudar.

Após vinte minutos de percurso, o Subaru estacionava no restaurante The Tent. Os controles montados pelos soldados israelitas ao redor da Mesquita da Ascensão – situada a 20 metros desse restaurante – impediam a passagem de qualquer veículo não autorizado. E o nosso, ao que parecia, não estava. Estranhei aquilo. Horas depois, Curtiss nos explicaria o porquê de tão anômala e, até certo ponto, absurda situação.

Bastou descer do carro, para que o “árabe” de pele branca se dirigisse ao oficial responsável, mostrando-lhe um documento do qual somente consegui decifrar algumas palavras em inglês. O resto estava escrito em caracteres orientais. E de repente comecei a perceber...

Aquele órgão oficial – Santa Custódia – deu-me uma idéia do que haviam tramado as “altas esferas”. Desde o início dos trabalhos de restauração das supostamente danificadas fundações do octógono, os membros da Santa Custódia dos Lugares Sagrados – responsáveis também pela mesquita – vinham controlando o trabalho dos arqueólogos e especialistas. Aquela visita, portanto, poderia ser interpretada como uma inspeção rotineira feita por qualquer hipotético “observador” do recinto.

O que desconhecíamos, entretanto, era que o tenente encarregado dos documentos estava a par da manobra e, obviamente, da verdadeira identidade dos nossos acompanhantes. Isso explicava por que naquela circunstância tão perigosa – com a ameaça de um atentado palestino – o oficial israelense nos desse tão pouca atenção. Depois de simular uma revista, deu ordem para que nos acompanhassem até o muro que rodeia a capela. Os supostos “árabes” precederam-nos e, uma vez no interior, fecharam a pequena porta metálica, fazendo-nos um sinal para que os seguíssemos.

Durante todo o tempo que levamos para localizar e reunir os dois estojos

blindados – com pouco mais de 1 metro de comprimento e um rótulo onde se lia: “Frágil. Material de laboratório” – que continham as diferentes peças desmontadas da “vara de Moisés”, nossos protetores não arredaram pé dali.

Às 9 horas, uma vez acomodado o “carregamento” no porta-malas do carro, este partiu a toda velocidade na direção norte. Vinte minutos depois, no aeroporto de Jerusalém, um helicóptero da Força Aérea israelense nos levava a Tel Aviv. Às 10h05, após 16 minutos de voo, aterrissávamos na zona militar do Aeroporto Internacional de Lod. Ali, no fim da pista, aguardava-nos sorridente o general Curtiss. Ele mesmo tomou conta das caixas metálicas, confiando sua custódia aos dois homens do Cavalo de Tróia que deveriam transportá-las à base Edwards, nos Estados Unidos. Um pouco mais tarde, um voo regular da TWA decolava, via Roma, com nosso precioso instrumental. A fase “azul” estava quase concluída.

Durante nosso regresso a Jerusalém sentíamos-nos mais relaxados, e a velha raposa quis saber como fora a nossa visita à Mesquita da Ascensão. Quando lhe perguntei por que não haviam dado a óbvia autorização oficial para que o Subaru estacionasse na praça, simplificando assim as coisas, Curtiss fez-nos a seguinte observação: a “farsa” fora preparada pela Inteligência israelense com um objetivo primordial, ou seja, despistar os possíveis informantes da guerrilha palestina, muito atenta, segundo o Mossad, aos mínimos movimentos dentro e fora da mesquita. Nesse sentido, a sutileza dos judeus havia chegado ao extremo de utilizar um automóvel similar ao do árabe encarregado dos souvenirs no escuro interior do octógono, até mesmo falsificando as placas... Em resumo, dado o íntimo relacionamento desse muçulmano – cuja identidade silêncio por razões óbvias – com a Santa Custódia, o serviço secreto aconselhou, para essa missão, que o árabe encarregado da mesquita fosse substituído com automóvel e tudo. Se o “resgate” da “vara” – concluiu o General – tivesse sido efetuado “abertamente” pelo Exército israelense ou pelo pessoal norte-americano, seu transporte estaria constantemente ameaçado. O Mossad advertiu-o com toda clareza, não se responsabilizando pela segurança do instrumental se seus planos e seus métodos não fossem acatados.

Uma vez concluídas estas explicações, Curtiss não fez mais quaisquer comentários, embora o houvéssemos instigado. O resto dos 62 quilômetros que separam Tel Aviv de Jerusalém transcorreu em denso silêncio. Sabíamos que o General estava de posse de novas informações, mas respeitamos seu mutismo, mesmo estando impacientes para conhecer o desenlace da missão.

Aquilo era uma novidade: Curtiss olhou-nos divertido, mas nada disse. Quando finalmente nos sentamos no quarto de Eliseu, o General, referindo-se aos três homens uniformizados que havíamos cumprimentado no corredor junto

a nossos quartos, esclareceu:

– Não se alarmem. São coisas da embaixada... Lá no hall, digo só para informá-los, há mais deles.

Era a primeira vez que se tomavam medidas tão excepcionais de segurança e, francamente, ficamos alarmados. Evidentemente, “alguma coisa” não estava funcionando bem. Contudo, o som do telefone nos obrigaria a deixar para depois algumas das muitas perguntas que, na minha opinião, tínhamos direito de fazer. O resto da equipe esperava no restaurante do hotel.

Ao sair do quarto, Curtiss trocou umas breves palavras com um dos funcionários e, de imediato, dois deles juntaram-se a nós. Apenas iniciado o almoço – sempre sob a discreta vigilância dos guarda-costas sentados a uma mesa próxima – o General adiantou-se aos meus pensamentos e intenções:

– Suponho que já saibam da prisão desse guerrilheiro... como se chama?

– Abu Daoud – interveio um dos diretores do projeto.

– Isso mesmo – assentiu Curtiss com um gesto de preocupação. – O governo de Golda teme uma represália palestina. Portanto, não estranhem – comentou baixando o tom de voz e apontando discretamente para os funcionários – a adoção de medidas especiais. Acredito, pessoalmente, que esse incidente pode beneficiar-nos...

Diante da óbvia consternação dos presentes, concluiu assim sua explanação:

– Esse perigo latente obrigou os israelenses a acelerar o transporte dos equipamentos para o novo local de assentamento.

– Então – interrompeu Eliseu – já se sabe qual o lugar... Curtiss esboçou um malicioso sorriso. Esperávamos a resposta com ansiedade. Contudo ela não aconteceu.

– Há 48 horas. Para ser mais exato, desde a manhã de domingo, pouco depois que a rede do Mossad foi informada da presença de Daoud na Jordânia.

– E então? – tentávamos pressioná-lo.

– Sinto muito. Peço-lhes um pouco mais de paciência. Às 7 horas da próxima quinta-feira, dia 22, talvez eu tenha permissão para revelar-lhes o local...

Curtiss percebeu nosso descontentamento e nossa desilusão pela nossa expressão. Éramos seus homens de confiança... Por que então tal postura absurda?

– ... Compreendam – insistiu, tentando amenizar a clara decepção coletiva.

– São ordens do Estado-Maior israelense. O que sem dúvida posso adiantar-lhes é que a Operação Eleazar começará amanhã ao anoitecer...

“Eleazar? Amanhã? Que diabos quis dizer?”

Segundo seu costume, Curtiss deixou-nos falar. Quando os ânimos

pareciam serenados, retomou a palavra fazendo duas únicas advertências. Primeira: “O Exército israelense executaria nessa noite, dia 21, um ataque preventivo que marcaria o começo da Operação Eleazar”.

Segunda: “Às 6h45 da quinta-feira, todos nós, com nossas bagagens, deveríamos encontrar-nos no vestíbulo do hotel”.

– Ah! Ia-me esquecendo – concluiu Curtiss, recobrando seu sorriso tranqüilizador – e com o aspecto de arqueólogos dedicados...

Nenhum dos presentes insistiu. Conhecíamos o veterano militar e não valia a pena. “Algo” decisivo – isto estava claro fora maquinado nos despachos do Estado-Maior israelense. Mas, quê? Até que ponto corria perigo a segurança da estação receptora de fotografias para que o Exército tivesse planejado um ataque preventivo? Meu Deus! Todos conhecíamos a dureza desses “ataques-surpresa” israelenses e começamos a temer que o derramamento de sangue não tardaria a começar. Aquela funesta idéia – tão fora de tudo quanto eu havia aprendido com o Mestre – não me abandonaria nas próximas horas carregadas de tensão.

Curtiss mudou de assunto, interessando-se pelos detalhes do aparentemente próximo “salto”. Examinou superficialmente o relatório redigido pela equipe e depois de o guardar em sua pasta prometeu estudá-lo nessa mesma noite. Vários dos diretores do programa, logicamente preocupados com uma infinidade de problemas técnicos, crivaram-no de perguntas. Contudo, o General só respondeu mais concretamente a uma delas, ou seja, a que se referia ao estoque de combustível. Sem essa reserva de peróxido de hidrogênio – que deveria chegar dos Estados Unidos – a nova e fascinante “aventura no tempo” seria inviável.

– Está caminhando – disse enquanto se levantava da mesa, dando assim por encerradas a refeição e a reunião. – Amanhã, às 8, tornaremos a ver-nos, quando talvez se possa esclarecer algumas das incógnitas apontadas por vocês. Mas, por favor, continuem trabalhando no plano... Preocupa-me, em especial, o novo equipamento de Jasão e o tempo real de permanência do “outro lado”. Venha, acrescentou, fazendo-me um gesto para que o acompanhasse – tenho um trabalho extra para você...

E, ao aproximarmo-nos da porta do hotel, Curtiss abriu de novo sua maleta e dela tirou um pequeno pacote. E antes de entrar no veículo oficial que o esperava sussurrou-me quase no ouvido:

– Confio na sua total discrição... Quero que você estude isso. Será muito útil a vocês. Mas, por favor, nenhuma palavra a quem quer que seja. Ao menos, até que eu o autorize pessoalmente...

Assenti com um gesto. Segundos depois perdia-me na solidão de meu quarto. Aquela misteriosa incumbência do General havia aguçado novamente minha curiosidade.

O pacote continha quatro livros não muito volumosos. Todos sobre um mesmo tema. Curtiss, ao selecionar os autores – Flávio Josefo, Adolfo Schulten, Yadin e a antologia formada por Avi-Yonah, N. Avigad, Y. Aharoni, I. Dunayevsky e S. Guttman – havia buscado, como sempre, a máxima eficiência.

Ao informar-me, através daquelas páginas, das sucessivas expedições arqueológicas realizadas e dirigidas por esses autores (com exceção, naturalmente, do judeu romanizado Flávio Josefo) comecei a compreender. “Aquele” lugar descrito com toda a riqueza de detalhes nas obras que me havia dado o General tinha de ser o misterioso assentamento da estação receptora de imagens... e do “berço”. Se assim fosse, a não menos intrigante Operação Eleazar do Exército israelense também começava a ter um indubitável e inteligente sentido...

Permaneci absorvido no estudo e na leitura daqueles textos, mapas e fotografias até bem tarde da noite. O que mais me preocupava, então, era a considerável distância existente entre o “monumento” da história de Israel e o “ponto de contato” que tínhamos escolhido, em princípio, para a descida do módulo. Esta circunstância, como disse, poderia multiplicar os riscos da missão. Mas é justo dizer que também a suposta futura “base” de operações reunia consideráveis vantagens.⁴²

Somente quando Eliseu reclamou pelo telefone foi que me dei conta de que havia esquecido meus companheiros. A equipe estava reunida há horas em seu quarto, ao lado do meu. Não demorei em juntar-me a eles para retomar as exaustivas revisões do plano. Ninguém me perguntou nada. Entretanto, ao ver minha expressão grave e preocupada, Eliseu olhou-me com apreensão. Dois dias depois – já em pleno andamento da Operação Eleazar – recordar-me-ia daquele momento e de como ele pressentira que eu estava a par de “algo” importante. Ao nos retirarmos já de madrugada, para repousar, pouco faltou para que eu contasse ao meu caro companheiro o que Curtiss havia colocado em minhas mãos. Contudo, o espírito de disciplina impôs-se e deixei que os acontecimentos seguissem seu curso natural.

Ao contrário do que provavelmente aconteceu com os diretores do programa e com Eliseu, a tensão nervosa traiu-me. Foi uma noite difícil. Carregada de presságios. Angustiante. Após remexer-me várias vezes na cama, optei por me levantar e afundei-me novamente nos livros do General. Aquelas informações tornaram-se obsessão. Contudo, as longas horas de vigília não foram totalmente infrutíferas. Ao menos cheguei a uma conclusão que seria de indubitável utilidade na solução da futura exploração: uma vez consumada a inversão axial das partículas subatômicas do módulo, este deveria efetuar um voo horizontal e manual, até o “ponto de contato” no cume do monte das

Oliveiras. Essa seria minha proposição definitiva.

Às 8 horas da quarta-feira, 21 de fevereiro, depois de uma prolongada e relaxante ducha, reuni-me no *hall* com os diretores e com o pontual Curtiss. E quero ressaltar um fato que descobri naquela manhã, justamente enquanto eu fazia a toalete, e que então não valorizei na medida justa. Tratava-se de uma série de manchas em que eu não havia reparado e que salpicavam grandes áreas dos meus ombros, tórax, braços, antebraços e dorso das mãos. O que mais me surpreendeu, porém, foi a presença de escamas, não muitas, nas pernas (faces anteriores) e nas zonas dorsais dos antebraços. Jamais me havia acontecido nada igual, e, na verdade, nesse momento tampouco dei-lhe muita importância.

“Talvez o prolongado uso da ‘pele de serpente’” – pensei “tenha provocado essas alterações na epiderme...” Felizmente esquecime do incidente e nem sequer cheguei a comentá-lo com meu irmão, nem com o resto dos homens do Cavalo de Tróia. Se o tivesse feito, e levando em consideração a fatal “descoberta” de Curtiss pouco antes do lançamento, a missão talvez houvesse naufragado ali mesmo... Uma vez mais, a sorte esteve do nosso lado.

O General, tal e qual prometera, havia revisado a fundo o projeto elaborado e redigido pelos diretores da operação e por nós mesmos. Longe, porém, de esclarecer dúvidas, foi ele quem dedicou boa parte da manhã a interrogar-nos. A discussão centrou-se, como era previsível, no tempo de permanência do módulo e de seus tripulantes do “outro lado”. Para alguns chefes do projeto, o ideal seria uma exploração que não passasse de três dias. Quer dizer, o tempo necessário para recuperar o microfone. Durante os outros dias, praticamente a maioria de nós considerou que se tratava de uma ocasião única para tentar desvelar o acontecido nos quarenta dias que, segundo os escritos evangélicos, transcorreram entre a morte e a suposta ascensão aos céus de Jesus de Nazaré. A nova missão fora concebida de tal forma que, além de obter a peça perdida, os “exploradores” teriam ocasião de verificar algumas das misteriosas “aparições” do Mestre da Galiléia e, especialmente, analisar a natureza do discutível e discutido “corpo glorioso”. De fato, a “vara de Moisés” seria preparada para este fim...

Este último critério – o dos quarenta dias – encerrava, não obstante, um sério inconveniente que todos reconhecemos. Com sorte, esticando ao máximo o período de montagem do instrumental secreto da estação receptora de imagens, o Cavalo de Tróia poderia dispor de uma margem de quinze a vinte dias para o lançamento do “berço”, desenvolvimento da missão e retorno à base. Um tempo insuficiente para esclarecer tudo...

A possível solução – que surpreendeu a todos – chegou dessa vez pelas mãos de Eliseu. Após escutar-nos pacientemente, expôs o que chamou de “via

intermediária”. Consistia basicamente no seguinte: a “ausência” física do módulo, desde o instante da inversão de massa até o “regresso”, podia estabelecer-se em quinze ou vinte dias. Mas, uma vez “situados” no domingo, 9 de abril do ano 30, os expedicionários executariam seu trabalho por um período de tempo indefinido. Uma vez concluída a exploração, seria questão só de manipular os *swivels*, forçando seus eixos no instante escolhido para o retorno e descida... no século XX. Embora os “astronautas” vivessem física e realmente esses quarenta dias ou mais no passado, essa manipulação dos *swivels* tornaria viável o “salto” para o futuro. Justo no momento “cronológico” fixado para o final da operação.⁴³ “Jogava-se”, por conseguinte, com dois termos e realidades aparentemente “superpostos” – o tempo “cronológico” que “fluía” em 1973 e o de idêntica natureza que havia “fluído” em “outro agora”: o do ano 30 da nossa era –, mas que, por causa de nossa tecnologia, tornavam-se independentes entre si. Outra questão era o tempo “biológico”. Os cientistas sabem e demonstraram que este obedece a uns parâmetros que em muitas ocasiões nada têm a ver com os do tempo “cronológico”. Um ser humano “vê” ou “sente” passar “seu” tempo “cronológico” e, por sua vez, seus órgãos podem experimentar outro tipo de envelhecimento – o “biológico” – que não tem por que guardar relação alguma com aquele. Essa foi a nossa grande incógnita. A sugestão de Eliseu era tecnicamente viável. Entretanto, nas experiências efetuadas no deserto de Mojave jamais se havia manipulado o tempo até esses extremos. Ignorávamos, portanto, quais as conseqüências que poderiam provocar no organismo humano. E isso, evidentemente, preocupava-nos a todos. Este fato acarretaria a mim e a meu irmão gravíssimos e irreversíveis danos...

O polêmico assunto ficou finalmente suspenso, esperando um estudo mais detalhado. Curtiss, nervoso ante os acontecimentos que se aproximavam e que, lamentavelmente, eram de uma natureza mais prosaica, tinha pressa de encerrar a reunião.

Antes de desaparecer do Ramada Shalom deu-nos as últimas instruções:

No dia seguinte, às 7 horas, um veículo especial, a mando de um oficial judeu, passaria para nos apanhar. Até este momento “era aconselhável” que não saíssemos do hotel.

– Evitem, especialmente, a Mesquita da Ascensão...

(Ao que parece, a Operação Eleazar teria início nessa mesma noite, com o transporte dos contêineres ali depositados.)

– A hora “H” – acrescentou – coincidirá com um ataque preventivo israelense. Esse “golpe de força” visa uma dupla finalidade: desviar a atenção dos palestinos e do povo em geral para a direção oposta à dos comboios da Operação Eleazar.

O General fez uma pausa.

– ... Quanto ao segundo objetivo, amanhã os porei a par... pela imprensa. Eu não estarei no seu transporte especial. Minha missão agora é velar pela integridade dos equipamentos. Irei à frente de um dos dois comboios; nos veremos em nossa “base”. Boa sorte.

Mais uma vez deixou-nos perdidos na incerteza. Que queria dizer ele com “imprensa”?

Aquele foi um dos poucos momentos divertidos da aventura em que estávamos imersos. Quando, pouco antes das 7 da manhã de quinta-feira, 22 de fevereiro, os diretores do projeto, Eliseu e eu nos encontramos no *hall* do hotel, não pudemos dominar uma solene gargalhada. Nosso “aparato” poderia parecer-se com qualquer profissão, menos com a sugerida por Curtiss: a de arqueólogo. Mas que isso seja dito em nosso favor: quem demônios poderia saber qual é a vestimenta mais usual entre esses esforçados profissionais? O caso é que nos deixamos levar pelo puro instinto ou pelo que cada um lembrava de novelas e filmes relacionados com este ofício. Por isso, vários de meus colegas apareceram com rudimentares chapéus de palha (nunca soube onde os conseguiram), grossos casacos – nas cores mais extravagantes e berrantes que se possa imaginar – pesadas botas militares de cano alto e, como não!, câmeras fotográficas e cachimbos de duvidosa utilidade. (Pouparei uma descrição de meu traje, que não diferia muito do dos meus companheiros.)

Nosso regozijo terminaria logo. Às 7 horas, segundo o previsto, um microônibus branco, com placa amarela (60-609-72) e com grandes janelas negras, a uma considerável altura do chão – uns 2 metros –, brecava suavemente em frente do Ramada Shalom. Prontamente, dele saltou um tenente com as insígnias da Divisão de Sapadores do Exército de Israel e cumprimentou-nos. O motorista, outro oficial de Engenharia, tomou conta da bagagem e, sem mais demora, às 7h15 partíamos rumo ao desconhecido.

Como se tudo tivesse sido meticulosamente planejado, sobre cada uma das poltronas que devíamos ocupar havia um exemplar do jornal matutino *Jerusalem Post*. E, lembrando as palavras do General, lançamo-nos com avidez sobre suas páginas. O tenente, sentado ao lado do motorista, parecia estar esperando essa reação de todos. Contudo, não fez comentário algum e limitou-se a perscrutar nossa expressão.

Meu Deus! Na primeira página, e com letras garrafais, lemos duas notícias que nos fizeram estremecer. A primeira, tal qual havia prognosticado Curtiss, correspondia ao ataque preventivo judeu...

“Forças de terra, mar e ar” – rezava a informação – “atacaram na noite

passada vários acampamentos palestinos no Líbano. Foi uma das incursões mais intensas em território libanês. Ao que parece, há numerosas vítimas. Os objetivos militares foram os campos de guerrilheiros e bases terroristas contra Israel nas proximidades de Trípoli, na parte norte do Líbano, a uns 190 quilômetros da fronteira israelita mais próxima. Duas unidades da Marinha lançaram um intenso bombardeio contra o acampamento de Nahar el Bard, ao norte de Trípoli. Simultaneamente, helicópteros judeus aterrissaram em uma área próxima ao acampamento Badawi.”

Não pude evitar. Ao ler a concisa e trágica informação sentime cúmplice daquele massacre. Dias depois, ao repassar os jornais norte-americanos atrasados que chegaram à “base”, pudemos confirmar nossas suspeitas iniciais. Segundo um telex da agência palestina Prensa Wafa, “inúmeras mulheres e crianças haviam sido mortas ou feridas naquele ‘golpe’ do Exército judeu em território libanês”. Segundo os palestinos, o número de mortos era superior a 21. A organização guerrilheira Al Fatah, por sua parte, sustentara que os serviços jordanianos e israelenses de espionagem estavam mancomunados na luta contra a causa palestina.

Naturalmente, a imprensa de Jerusalém “justificava” tal “ataque preventivo” como “uma medida necessária diante dos planos terroristas dos palestinos descobertos devido às detenções, na Jordânia, de Abu Daoud e seus seguidores”. Este era o segundo objetivo mencionado pelo general Curtiss. Do primeiro, porém – a manobra diversionista para tirar o equipamento da Mesquita –, não se dizia uma só palavra.

Como disse, sentime deprimido. Eliseu e os demais experimentaram idêntica sensação. Esses não eram os nossos propósitos. Éramos todos cientistas e homens de paz... Tínhamos certeza de que deveriam existir outros “métodos” menos violentos para efetuar um seguro e eficiente transporte do material.

A segunda notícia, tão desoladora quanto a que eu acabara de ler, dizia assim:

“Aviões israelenses derrubaram ontem um avião comercial líbio, Boeing 727, com os passageiros, ao ser localizado na península do Sinai e negar-se a atender às ordens de aterrissar”.

As primeiras e confusas informações estimavam setenta passageiros mortos e treze sobreviventes.

“... O avião” – continuava o jornal – “havia caído a uns 20 quilômetros ao leste do canal de Suez, na zona do Sinai. Helicópteros judeus trasladaram os feridos para o hospital de Tel Hashomer, em Tel Aviv. O Boeing 727 realizava um vôo regular de Bahrein – nos Emirados Árabes – para Alexandria, no Egito.”

A única “explicação” para tão lamentável acontecimento foi a seguinte:

“O avião, ao que parece, perdeu a rota, devido às péssimas condições meteorológicas, invadindo o espaço aéreo de Israel”.

Tanto meus companheiros quanto eu achamos este “raciocínio” da imprensa judia bastante estranho. Teríamos de esperar por novas informações – especialmente dos jornais árabes – para saber o que realmente acontecera sobre a península do Sinai. Ninguém na equipe poderia calcular, então, as gravíssimas repercussões do triste e casual (?) incidente líbio-israelense. Tanto para as já tensas relações de Israel com seus vizinhos quanto para a nossa própria missão. Curtiss tinha feito veladas insinuações sobre o agravamento da situação de “nem guerra nem paz” existente entre Egito, Síria e Israel. Contudo, para dizer a verdade, o plano de paz – em três fases – apresentado na segunda-feira, 19 deste mesmo mês de fevereiro, por Hafiz Ismail, então conselheiro da segurança nacional egípcia,⁴⁴ despertou-nos esperanças de uma provável e paulatina melhora das coisas. De repente, porém, depois do ocorrido com o Boeing 727 da Líbia, as nuvens negras voltaram...

O microônibus prosseguiu pela estrada de Jericó. Nenhum dos que compunham a expedição parecia disposto a falar. Em parte, devido à atenta vigilância do oficial judeu; em parte, suponho, porque deprimidos também pelos trágicos acontecimentos de que acabáramos de tomar conhecimento.

Durante longo tempo meu olhar ficou perdido no céu tempestuoso, que açoitava o asfalto e os vidros fumê do veículo com furiosas rajadas de chuva. (Era admirável. A meticulosidade dos israelenses chegava a extremos incríveis. Naquele microônibus, por exemplo, as vidraças fumê – na verdade eram vidros semi-refletores – só permitiam ver de dentro para fora. O contrário não era possível. Isto, unido à considerável e calculada altura das janelas, tornava quase impossível que um helicóptero observador distinguisse quem ou o que viajava em tal veículo. Por alguns minutos lutei para afastar de minha mente os funestos presságios que rondavam a futura missão, fixando minha atenção nos detalhes do microônibus, no temporal, que recrudescia, ou na paisagem. Entretanto, foi inútil. A cada instante parecia-me ver *flashes* das sangrentas cenas dos bombardeios ou da derrubada do avião de passageiros. A velha angústia aflorou e senti um nó na garganta. Nesse instante, a mão de Eliseu – sentado à minha esquerda – pressionou-me o antebraço. Não fizemos comentário algum. Meu rosto devia ser um livro aberto...

Perto das 7h45, o microônibus deixou para trás o pedregoso deserto da Judéia. E as placas amarelas, em hebraico e inglês, vieram a confirmar o que eu já sabia. Nas proximidades de Almog dobramos à direita, deixando a estreita estrada que conduz à fronteira da Jordânia. Ao avistar a plácida e esverdeada

superfície do mar Morto, meu companheiro indicou-me em um mapa rodoviário que aquela rota levava ao Sinai. Estive a ponto de esclarecer suas dúvidas assinalando o local – justamente defronte ao famoso mar que agora costeávamos – onde, se não estava enganado, a viagem deveria terminar. Arrependi-me, entretanto e, com um sorriso, guardei o lápis no bolso do meu pesado casaco. Aquela estrada, de fato, levava até a cidade mais meridional de Israel: Eliat, à beira do golfo que leva seu nome, às portas do deserto do Sinai.

O motorista reduziu a velocidade. A intervalos, das escarpadas encostas avermelhadas que se erguiam à nossa direita corriam pequenas e alvas cascatas de água que invadiam o asfalto, dificultando a passagem. Os leitos das correntes – que aumentavam em número e volume conforme nos íamos aproximando de nosso objetivo – terminavam indefectivelmente nas salgadas águas do mar Morto (400 metros abaixo do nível do Mediterrâneo).

Às 8 horas, quando estávamos a contemplar as famosas cavernas de Qumran – onde beduínos descobriram os célebres Manuscritos do mar Morto – e com isso distraíamos em parte nossa tristeza, o rotor de um helicóptero do Exército devolveu-nos à realidade. Vinha do norte, rastreando, a baixa altura, os 300 metros de dunas que nos separavam da praia do grande lago. Todos, instintivamente, dirigimos o olhar para o tenente, mas ele, impassível, limitou-se a dar uma olhadela no aparelho. Este, após um vôleio estacionário de alguns minutos na frente do microônibus, levantando nuvens de areia e agitando sem piedade os juncos e as giestas, deslocou-se na direção sul. Ainda que aquela zona, desde o extremo noroeste do mar Morto, estivesse cercada de arame e repleta de avisos proibindo os banhos, e tudo ali, enfatizasse o caráter militar da região, todos sentimos o mesmo: aquele helicóptero não estava efetuando um vôleio rotineiro. E o fato de ele ter-se imobilizado diante do veículo aumentou nossas suspeitas. Não cabia dúvidas. Nossa viagem estava sob vigilância.

O motorista acelerou, deixando para trás o oásis Ein Gedi. E às 8h20, para surpresa geral, o veículo abandonava a via principal para entrar por um desvio à direita. No inesperado cruzamento, um enorme cartaz “gritou-nos” o nome de nosso iminente destino. Um destino que, efetivamente, o General Curtiss já me havia adiantado...

“Massada”!

Um murmúrio quebrou o silêncio do grupo, fascinado ante a súbita aparição – a oeste – da histórica e ativa rocha. Em pouco mais de oito minutos, o microônibus percorreu os 3 quilômetros de curvas até a base da grande montanha truncada, à margem do mar Morto. Com o passar dos séculos, os leitos das correntes de chuva – como naquele momento, de forte precipitação – haviam

esculpido estranhas e quase mágicas formas entre dunas e montículos ocres e amarelados que cercam quase toda a formidável “meseta” da Massada.

O lugar não poderia ser melhor nem mais adequado. Tanto para a montagem da estação receptora de fotos como para nosso verdadeiro objetivo. Isso por dois motivos. Primeiro, pelas características físicas da isolada montanha, que no seu lado leste eleva-se a 1.300 pés acima do nível do mar Morto; segundo, pela sua localização privilegiada: a uns 100 quilômetros ao sul de Jerusalém e a centenas de quilômetros dos dois focos de atrito (as colinas de Golan, na fronteira com a Síria, e o Sinai). Aquele “colosso” de rocha, dourada pelo ardente Sol do vizinho deserto da Judéia, com seu topo plano e em forma de “convés de barco”, tem 633 metros de comprimento (norte-sul) e outros 216 de leste a oeste, praticamente recortado em toda a volta, era uma “base” segura, quase inacessível. Ideal para uma operação como a que nos propúnhamos.

O segundo motivo era mais pessoal e mais importante para os judeus do que para nós, os homens do Cavalo de Tróia. Na vasta documentação que me havia dado o General estava detalhada a insólita e emocionante história daquele gigantesco promontório. A Massada foi o cenário de um dos mais dramáticos e simbólicos acontecimentos da vida sempre agitada de Israel. No ano 66 da nossa era, o povo judeu voltou a lutar com armas contra o Império Romano. Aquela guerra duraria quatro anos, ao cabo dos quais, no ano 70, o general romano Tito conseguiu vencer a determinação dos defensores de Jerusalém, destruindo a Cidade Santa. Mas, um último grupo de valentes israelitas refugiou-se no alto da Massada, resistindo ao cerco romano até a primavera do ano 73.⁴⁵ No ano 72, o governador romano Flávio Silva tomou a decisão de esmagar este último e molesto reduto dos judeus insurrectos. Dirigiu-se, então, à Massada com a Décima Legião, tropas auxiliares e milhares de prisioneiros israelitas. Ao todo eram em torno de 15 mil homens. Tanto os sitiados quanto os atacantes prepararam-se para um prolongado assédio. Silva fez construir em torno da Massada oito acampamentos e uma muralha, impedindo assim qualquer tentativa de fuga. Em vista dos escarpados que formam as paredes da rocha, os romanos executaram uma faraônica obra no lado oeste da grande meseta: uma rampa à base de pedras e terra branca prensada. Quando a rampa – que ainda se conserva – ficou pronta, Silva levantou no seu extremo uma torre de ataque provida de um formidável aríete e assim conseguiu abrir uma brecha na muralha. Naquela noite – antes da definitiva conquista da Massada pela legião romana –, os 960 zelotes que integravam o núcleo de resistência judia tomaram uma heróica decisão. Em um discurso memorável – relatado pelo historiador Flávio Josefo –,⁴⁶ o chefe dos “revolucionários”, Eleazar Ben Yair, ante a difícil situação, decidiu que “uma morte gloriosa era preferível a uma vida de infâmia, e que a solução mais digna

seria a de rejeitar a idéia de sobreviver à perda de sua liberdade”. E Josefo continua:

“Antes de serem feitos escravos do vencedor, os defensores – 960 homens, mulheres, anciãos e crianças – ali mesmo tiraram a própria vida com suas mãos. Quando os romanos chegaram no topo, na manhã seguinte, não encontraram nada mais além de silêncio...

“E assim encontraram [os romanos]” – concluiu Josefo seu dramático relato – “a multidão de mortos; contudo, não puderam alegrar-se com isso, muito embora se tratasse de seus inimigos. Nem tampouco puderam deixar de admirar seu valor, sua determinação e o frio desprezo pela morte, que tantos deles haviam demonstrado, levando a cabo uma ação como aquela.”

Somente duas mulheres e cinco crianças salvaram-se do suicídio coletivo escondendo-se em uma caverna. Foram elas que, segundo o historiador judeu romanizado, relataram o acontecido.

A Massada, desde então, tem sido e continua sendo um símbolo para o povo de Israel. Um monumento ao heroísmo e aos homens que preferem a morte à perda da honra e da liberdade. Essa heróica resistência de Eleazar Ben Yair e dos seus zelotes fez com que um poeta judeu proclamasse: “Massada, não tornarás a ser conquistada”.

Era fácil entender por que o governo de Golda Meir – permanentemente ameaçado por seus vizinhos, os árabes – tivesse escolhido o cimo da Massada como o assentamento ideal de uma equipe de técnicos e um instrumental que deveria velar pela segurança e, definitivamente, pela liberdade de todo um povo. Ali a Operação Eleazar adquirira um profundo e simbólico significado que soubemos respeitar. Por outros motivos, aquele baluarte também iria representar para o Cavalo de Tróia um histórico e inesquecível “símbolo”...

Ao pé da Massada, na face leste, os israelenses aproveitaram as péssimas terras formadas por depósitos de greda sedimentada construindo um incipiente e florescente complexo turístico orientado para a exploração das “antiguidades” do cume da grande meseta. Desde que o eminente arqueólogo judeu Yigael Yadin, catedrático de Arqueologia na Universidade Hebréia, concluía suas escavações e trabalhos de restauração (entre os anos 1963 e 1965) na fortaleza rochosa, os curiosos e visitantes acorreram em grande número. Foi só a partir de 1970, quando a companhia suíça Willy Graf, de Meilen, instalou um sistema de funiculares juntos à base da rocha, que o fluxo de turistas tornou-se considerável. O funicular passou a ser fator de vital importância para nossa tarefa no cimo. Perto das 8h30 daquela quinta-feira, 22 de fevereiro, o microônibus estacionou em uma ampla esplanada muito próxima da base do funicular e de algumas instalações turísticas bem modestas. Um forte vento sudeste, com suas rajadas,

encharcou-nos de chuva e nos trouxe um penetrante odor de salitre vindo do mar Morto. Uniformizado e protegido com uma pesada capa de chuva, Curtiss deu-nos as boas-vindas e convidou-nos a segui-lo ao albergue de jovens situado a pouco mais de cem passos. O General parecia satisfeito, o que fez com que a equipe se enchesse de esperança.

Desde o momento em que descemos do microônibus, chamara-nos atenção a presença de quatro vetustos caminhões quase caindo aos pedaços, carregados com enormes blocos de pedra de uma belíssima tonalidade alaranjada. Ao redor, formando um círculo fechado, vimos também vários veículos militares e um grande grupo de soldados armados. Sinceramente, de imediato, não associamos aqueles caminhões de carroçaria verde, sem cobertura, com a Operação Eleazar. Mas os judeus nos surpreenderiam mais uma vez...

Ao entrarmos no frio albergue, dois oficiais do corpo de engenheiros do Exército de Israel, que certamente nos aguardavam, puseram-se de pé e nos cumprimentaram militarmente. Atrás deles haviam sido colocados vários mapas e fotografias aéreas; todos do cume da Massada.

Após livrar-se de sua encharcada capa verde-oliva, Curtiss serviu-nos reconfortantes xícaras de café quente. A seu convite, sentamo-nos para examinar os planos.

– Bem, senhores – iniciou o General, com sua peculiar frieza, com a qual jamais cheguei a acostumar-me –, como sabem, a Operação Eleazar está em andamento. Parte dos equipamentos, o primeiro comboio, para ser exato, encontra-se há horas neste lugar...

Curtiss apontou para “alguma coisa” que devia estar no exterior, na esplanada. Mas eu e meus companheiros não adivinhamos qual seria o comboio. Diante dos olhares incrédulos de alguns diretores do programa, o General sorriu, apontou para os silenciosos oficiais israelenses e esclareceu:

– Compreendo a surpresa dos senhores. Nossos amigos e aliados, com sua habitual eficiência, arquitetaram uma forma para o transporte desse instrumental, usando os caminhões que, creio, devem ter visto ao descer do microônibus. – Curtiss, seguindo um velho costume seu, tratava-nos de “você” ou de “senhores”, segundo seu estado de espírito ou segundo a gravidade do momento. – Pois bem, agora não há por que ocultar-lhes. Esse tipo de transporte civil, o único autorizado a cruzar a fronteira jordaniana e chegar a Amã, foi a camuflagem perfeita para tirar os equipamentos da Mesquita da Ascensão e trazê-los à Massada...

– Mas – interveio Eliseu – esses caminhões só estão carregados de grandes blocos de pedra alaranjada...

O General não respondeu. Limitou-se a dar uma piscadela de cumplicidade

para os oficiais judeus. E prosseguiu sua explanação:

– Como ia dizendo aos senhores, a Operação Eleazar, em memória de Eleazar Ben Yair, encontra-se em pleno andamento. Hoje mesmo o número de homens vai ser completado e no sábado, se Deus quiser, chegará o segundo comboio. O transporte do instrumental montanha acima terá início às 10 horas. Quer dizer... – Curtiss consultou seu relógio – daqui a mais ou menos 55 minutos. As ordens são claras e precisas. Uma vez concluído o transporte do material da base ao topo, nos instalaremos no alto da rocha. Repito: todos, sem exceção, acamparemos na Massada...

Alarmou-nos a ênfase usada naquelas últimas palavras. Que quis ele dizer? O que nos aguardaria naquela desafiadora e nebulosa meseta?

– E agora, por favor, prestem atenção.

Curtiss passou a palavra a um dos oficiais.

– Meu nome é Bahat. É um prazer estar a seu serviço como supervisor da Operação Eleazar. “Oficialmente” fazemos parte de uma nova expedição arqueológica, patrocinada e dirigida pela Universidade Hebréia de Jerusalém, pela Sociedade de Exploração da Terra Santa e pelo Departamento de Antiguidades do governo de Israel. Meu companheiro, o capitão Yefet, é o chefe do acampamento. Ao término desta breve reunião informativa, os senhores receberão documentos que os creditam como membros dessa operação... Enquanto permanecermos na Massada, seus nomes e profissões serão os que figuram nesses documentos.

Minutos após, quando o capitão Yefet distribuiu as falsas identidades, meus companheiros não se aperceberam de um detalhe que refletia a sutileza dos serviços secretos israelenses. Ignorando os pormenores das expedições arqueológicas desenvolvidas antes na Massada – dirigidas pelo General e arqueólogo Yadin entre 1963 e 1965 –, os homens do Cavalo de Tróia não descobriram que pelo menos 34 daquelas filiações e profissões correspondiam às de arquitetos, arqueólogos, restauradores, supervisores e pessoal administrativo que haviam sido membros das expedições dirigidas por Yadin. Os nomes Bahat e Yefet, por exemplo, aparecem nos relatos daquelas expedições históricas como “supervisor” e “chefe de acampamento”. Penso que os judeus não sabiam que eu estava a par disso. Embora duvide que isso os viesse a preocupar.

– ... Vou-lhes mostrar o novo assentamento.

O suposto Bahat – nunca viemos a saber se era esse seu real nome – apontou para uma das enormes fotografias aéreas do cume da Massada.

– Observem que se trata de uma considerável meseta, em forma rombóide ou de “convés de barco”. Mede aproximadamente 633 metros de norte a sul e

216, de leste a oeste. Pouco mais da metade norte dessa plataforma natural encontra-se “ocupada” pelas ruínas de palácios, armazéns, sinagogas etc., edificadas por Herodes, o Grande, pelos zelotes e pelos monges bizantinos que mais tarde tomaram posse da Massada. O resto, pouco menos da metade sul, quase não apresenta edificações, à exceção do “banho ritual”, do acesso a uma cisterna subterrânea – a chamada “grande lagoa” – e, logicamente, das ruínas da muralha que cercava o cume.

O oficial ia mostrando na foto cada uma dessas relíquias arqueológicas.

– Pois bem, depois de estudar o terreno e as nossas necessidades, a zona eleita para o assentamento da estação receptora de imagens do satélite *Big Bird* foi esta: o sul da meseta.

Bahat dirigiu-se, então, a um dos mapas topográficos, o que reproduzia o cume em escala, e completou sua exposição:

– Notarão que o assentamento guarda semelhanças com um triângulo isósceles quase perfeito. Ali nos movimentaremos. As dimensões são mais do que suficientes para nossos propósitos: pouco menos que 4.500 m², descontada a superfície das ruínas de que já lhes falei.

O oficial dispensou mais alguns minutos com diversos aspectos relacionados à segurança do acampamento Eleazar – e a outros de que em breve falarei –, passando de imediato às perguntas.

Na realidade, as dúvidas dos presentes centralizavam-se em assuntos que nada tinham a ver com toda aquela preparação, que cabia aos judeus. Por essa razão, as perguntas foram tão poucas quanto simples. Contudo, uma pergunta, feita por um dos diretores do projeto, era bastante procedente, dados nossos objetivos secretos:

– Se o cume da Massada continua aberto ao turismo, com que tipo de segurança será executada a Operação Eleazar?

O oficial israelense parecia estar esperando essa pergunta.

– Temos pensado muito sobre esta questão – explicou. – Em uma primeira fase, nosso governo chegou a pensar na possibilidade de fechar a Massada ao turismo e aos visitantes em geral. As avaliações da Inteligência, porém, mudaram essa alternativa. Nesta época, a afluência de curiosos não é significativa. Por outro lado, como observarão durante a subida, todas as possíveis medidas de segurança foram adotadas. Embora apenas formemos um “esforçado grupo de arqueólogos”, entre o pessoal do acampamento Eleazar haverá um destacamento permanente, secreto, encarregado da vigilância interna e externa.

Adotando um tom tranquilizador, Bahat acrescentou:

– Não devem alarmar-se. Tal qual aconteceu com o primeiro assentamento

na Mesquita da Ascensão, nosso governo não poupará meios para que seu trabalho se desenvolva com um mínimo de comodidade e tranqüilidade.

Aquela firmeza do oficial judeu fez-me tremer. Que haveriam preparado no alto da montanha?

– Certamente – concluiu –, durante os próximos dias, até que o último contêiner seja depositado no acampamento, a Massada permanecerá fechada. Calculamos que já no próximo domingo a situação esteja normalizada. De acordo com nossas previsões, o mau tempo reinante nos favorece. É mais do que provável que entre hoje e amanhã as violentas correntes de água que descem das montanhas, e que vocês tiveram ocasião de ver durante a viagem, “obriguem” a sucessivos e “lamentáveis” fechamentos da estrada... Isso tornará mais simples a suspensão temporária das visitas às ruínas arqueológicas. Creio haver-me expressado com clareza.

A verdadeira intenção de algumas das palavras ditas por Bahat, e que coloquei entre aspas, não deixava lugar a dúvidas. As intensas chuvas de fevereiro provocavam naquela região freqüentes deslizamentos ou inundações. Não soaria de todo estranho, portanto, que a estrada sul que leva ao mar Morto, Ein Hatzeva, Ein Yahav e Eliat viesse a ser afetada por essas abundantes águas que descem dos escarpados do deserto da Judéia.

Ao término da reunião, o chefe do acampamento passou a distribuir os falsos documentos de identidade, assim como nossas capas de chuva; mas, requisitou todas as nossas câmeras fotográficas. Cumprindo as instruções de Curtiss, o acompanhamos depois até a plataforma-base do funicular. A chuva havia parado, mas o vento continuava. Eram quase 10 horas da manhã.

Ao cruzar a esplanada percebemos que os caminhões já não estavam no local. Também não vimos movimentação de turistas ou visitantes. A explicação para a misteriosa desapareição dos caminhões não tardaria a chegar.

Os responsáveis pela Operação Eleazar estacionaram os caminhões ao pé da casamata que abrigava as duas cabinas do funicular. Por meio de uma poderosa grua instalada em um transporte militar, os blocos de pedra cor-de-laranja começaram a ser içados dos caminhões e depositados sobre umas pequenas bases quadradas ou retangulares providas de rodas e que eram rapidamente introduzidas no interior das cabines do funicular. Antes disso, a porta de correr de cada módulo já havia sido desmontada, facilitando assim o acesso dos aparentemente pesados blocos de pedra. O lugar estava cercado pelo pelotão de soldados que víamos um pouco antes junto dos caminhões. Meus companheiros e eu começamos a entender...

Um após outro, uma vez carregados com os blocos, os funiculares saíam da base e subiam para o cume da Massada. A laboriosa operação – como pudemos

experimentar pessoalmente no transporte do último carregamento – sem dúvida tinha os seus riscos. Principalmente se o vento alcançasse 60 quilômetros por hora. Neste caso, a cabine poderia sofrer um perigoso balanceio. E uma queda de 262 metros seria fatal...

Essa possibilidade obrigou a que se fizesse um bom número de pausas no transporte dos blocos. A cada instante, os militares israelenses destacados no cume do penedo comunicavam-se pelo rádio com seus companheiros na base do funicular, informando sobre as variações dos anemocinógrafos.⁴⁷

O conhecimento preciso da velocidade e direção dos ventos era vital. Se a velocidade fosse inferior aos 60 quilômetros horários, o funicular empreendia a subida.

Às 13 horas, aproveitando o transporte dos últimos blocos, a equipe principal do Cavalo de Tróia (doze dos 61 membros) embarcou nas cabines, rumo ao topo. Fui com Curtiss e três oficiais judeus. O funicular em que subimos – o vermelho – estava praticamente ocupado pela última das 26 “misteriosas pedras” que já haviam sido enviadas ao alto da rocha; nunca esquecerei aqueles tensos momentos...

Após termos percorrido a metade dos 799 metros de ascensão, o interfone do condutor soou. O militar que substituíra o vigilante e condutor habitual do funicular respondeu com um seco e preocupante “De acordo!... paramos!”

E a cabina ficou imóvel no vazio, a uns 238 metros de altura. Talvez a expressão “imóvel” não seja correta, porque as rajadas de vento começaram a assobiar entre os cabos, fazendo-nos cirandar como plumas.

Os judeus inspecionaram a posição da pedra, e ao verem minha palidez, sorriram zombeteiramente.

Próximo que estava das barras horizontais de segurança, evitei olhar para o abismo, concentrando minha atenção na quase ausente “decoreção” da frágil cabina.

“Carga máxima: 40 mais uma pessoa, ou 2.600 quilos.”

“Não fumar.”

“Meu Deus”, pensei, “será que os ganchos vão resistir a essa tensão?” O vento sul continuava golpeando-nos e fazia ranger o L metálico que unia o teto do funicular ao grosso cabo de aço.

Instintivamente desviei o olhar do segundo cartaz: “262 metros: queda vertical”.

Quem será que teve a idéia de colocar ali um aviso tão macabro?

“Capacidade por hora: 640 pessoas.”

A cabine continuava bamboleando, a comprometer nosso já precário equilíbrio. Tentei aplacar o medo – por que ocultá-lo? – enredando-me em um

inútil cálculo mental:

“Se a extensão é de quase 800 metros e a capacidade máxima por viagem é de 41 pessoas... isso significa um total de 15 viagens por hora ou, o que é a mesma coisa, um descarregamento a cada 4 minutos... Caso estejamos mais ou menos na metade do caminho, ainda faltam uns 2 minutos ou mais para pisar nesse maldito cume...”

“Hegeman-Harris C.O. N. York.”

“Esse deve ser o fabricante” – pensei – “ou serão os suíços?”

Dava no mesmo. A única coisa que eu desejava era que os materiais resistissem. Sem perceber, estava praticando um dos sistemas de “descongestionamento mental” para situações de emergência, que são ensinados a todos os astronautas americanos no Instituto da Força Aérea, em Ohio. Tratava-se, sem perder de vista o problema principal, de desviar dele a atenção do piloto, evitando com isso uma queda emocional.

O General provavelmente adivinhou o que se passava dentro de mim. E, apontando para as fotografias de uns rapazes e um pequeno vaso com um cravo – tudo isso sobre o painel de comando do condutor –, brincou com os oficiais perguntando-lhes se aquilo (propriedade, sem dúvida de algum dos condutores oficiais) “fazia parte também da Operação Eleazar”.

Os militares israelenses aceitaram com prazer o descontraído comentário, esquecendo por alguns instantes nossa delicada situação. A verdade é que os meticulosos judeus corrigiram o pequeno descuido ao chegar no cume, fazendo desaparecer da cabine os retratos e a flor.

Finalmente, o vento amainou e o toque do interfone deu-nos o sinal esperado para retomar a subida.

Perto das 14 horas – depois de suportar os dez longos minutos da “violenta imobilização” sobre o abismo – a cabina número 2 estacionou na plataforma de embarque da montanha, a 60 pés abaixo do cume. Poucas vezes em minha vida desejei com tanta ansiedade pisar em terra firme...

Os engenheiros militares judeus e o resto de nossos amigos aguardavam-nos com impaciência. E, sem demora, os técnicos desembarcaram a pedra alaranjada, fazendo-a rolar da plataforma até a estreita passarela de terra existente entre o terminal do funicular e a encosta avermelhada da Massada. As barreiras de ferro que regulam a entrada e a saída dos passageiros das cabines também foram desmontadas, para facilitar a movimentação dos blocos. Fiquei perplexo. Acima de nossas cabeças, na borda do cume, os israelenses haviam montado uma grua – tipo pena – que, em questão de minutos, começou a içar a carga. Dessa forma resolvia-se o incômodo desnível que separa o terminal da

meseta propriamente dita. Ao percorrer os 120 metros do passadiço que sobe pela face leste da Massada – o único acesso que vai da base do funicular ao cume – concluí que o transporte dos blocos, se feito por ali, teria sido tão penoso quanto ineficiente. No extremo dessa passarela, de 3 metros de largura, havia uma reduzida casamata de cimento – local de controle e de venda dos ingressos para as ruínas – que também poderia ter impedido a passagem das pedras.

Quando, finalmente, chegamos ao topo, um misto de emoção e curiosidade tomou conta de toda a equipe. O vento continuava açoitando aquela incrível plataforma natural, trazendo do sul densa neblina que se arrastava lentamente pela areia e pela terra ressequida do cume. Aquele seria o nosso ponto de lançamento, salvo eventuais mudanças de plano. A árida e majestosa beleza da Massada cativava-me minuto a minuto.

Ao oeste, recortavam-se as suaves “corcovas” e os alcantilados amarelados do deserto da Judéia, milagrosamente vivos e em movimento, graças às dezenas de cascatas e rios pluviais que desciam em direção à margem ocidental do mar Morto. Durante minha estada na Massada pude ver como os *wadi* alimentavam com suas águas turbulentas as gigantescas cisternas mandadas escavar na rocha viva por Herodes, o Grande.

A uns 3 quilômetros, em frente à fortaleza, na direção leste, as águas verde-azuis do mar Morto refletiam toda a paisagem como um espelho. Por vezes, raios do Sol conseguiam varar as baixas nuvens negras e chegar à superfície do lago salgado com as cores do céu ao entardecer. Ao longe, à beira-mar, achava-se o oásis de Ein-Gedi.

Curtiss, porém, afastou-me desses primeiros contatos com a região. A equipe do Cavalo de Tróia já se encaminhava para a zona sul da meseta, na companhia do chefe do acampamento e de Bahat, o supervisor.

Era incrível! Junto à grua estava empilhada boa parte dos blocos trasladados pelo funicular. Vários tratores especiais transportavam as pedras pelo centro da meseta, até a longa paliçada que separava a parte sul da norte. Mas como haviam conseguido colocar aquelas máquinas pesadas no alto da rocha? Claro estava que não subiram sozinhas, e muito menos pelo funicular, pois não caberiam. A explicação me foi dada naquela mesma noite...

A paliçada – porque realmente se tratava de uma paliçada – fora erguida pelos judeus com grossos troncos firmemente fincados na terra. A altura – uns 4 metros – era suficiente para que nada do que viesse a acontecer na face sul pudesse ser visto do outro lado, desde as ruínas do norte.

Ao atravessar o largo portal dessa paliçada por onde passavam os tratores, vi um espetáculo insólito. À direita desse único acesso, bem junto dos restos da muralha que cercava a Massada a oeste, o Exército israelense instalara dez

grandes barracas de campanha, alinhadas em duas fileiras. Em continuação, e seguindo também a linha da casamata herodiana, os judeus haviam armado dois barracões. Um deles, a curta distância das negras e quadradas tendas, já servia de refeitório para os técnicos e militares. A julgar pelo que vi, já deveria fazer algum tempo que ali estava. O outro, bem menor, achava-se a uns 20 metros do primeiro e praticamente encostado à chamada “grande lagoa”, uma das poucas ruínas arqueológicas que – como nos informou o oficial – estava dentro do triângulo isósceles que constituía o acampamento Eleazar.

Mas, o que chamou mesmo a atenção do grupo foi uma enorme escavação – já concluída – aberta no centro geométrico do triângulo. Media 50 metros de comprimento por 30 de largura e 10 de profundidade. A impressionante “piscina” deixou-nos atônitos.

No momento, não sabíamos se o General estava a par daquela intrigante e audaciosa escavação. Ao nos aproximarmos, porém, observamos que no fundo havia alguns dos blocos alaranjados. Começamos, então, a perceber a verdadeira finalidade do fosso. Outra potente grua, estacionada na borda norte da escavação, apanhava os blocos e depositava-os no leito da “piscina”, cujas paredes e fundo haviam sido cuidadosamente cimentados e cobertos por chapas de material isolante. A sudoeste do fosso, um grupo de trabalhadores iluminava o fundo do tanque com as deslumbrantes labaredas azuladas dos maçaricos.

Alguns diretores do programa trocaram olhares inquisitivos comigo e com Eliseu, buscando uma explicação para tal obra. Mas ninguém se atreveu a formular qualquer hipótese. Às nossas costas, ao pé da paliçada, empilhavam-se centenas de sacos que, presumi, deveriam conter as toneladas de terra extraídas do enorme fosso.

Silenciosos, os oficiais judeus divertiam-se com nossas conjecturas. Após alguns minutos, Yefet, o chefe de tão estranho acampamento, convidou-nos a ir para o refeitório. O almoço estava pronto. Lá, finalmente, tiramos todas as dúvidas.

Embora não houvesse calefação, a comida em abundância e o vinho do Hebron acalmaram os ânimos, fazendo-nos esquecer momentaneamente a torrente de interrogações acumuladas desde que pisamos na Massada. À hora do café, quando todos os engenheiros e militares judeus terminaram a refeição e voltaram às suas tarefas, Bahat, o supervisor, trancou a porta a chave. Foi então que o general Curtiss tomou a palavra e dirigiu-se à equipe:

– Sei que estão pensando em uma infinidade de perguntas – falou em tom pausado. Parte do material, como lhes disse, já se encontra no acampamento...

A velha raposa fez uma pausa enquanto observava nossas expressões.

– Suponho que me tomarão por louco – juntou ele, reforçando intencionalmente o ar de mistério que já envolvia tudo. – Há, aqui, somente pedras, os senhores me dirão, sólidos blocos de rocha dolomítica alaranjada... Sim e não. Seguindo estritamente um plano israelense, os dois terços do instrumental da estação de fotografias foram transportados para cima desta montanha, camuflados no interior dos falsos blocos de pedra... Como sabem, esses caminhões e esse tipo de carregamento são os únicos autorizados a cruzar a fronteira com a Jordânia, chegando habitualmente até Amã. Dificilmente alguém viria a suspeitar de maciços cubos pétreos na aparência... Quanto ao resto do equipamento – prosseguiu, dirigindo-se a dois oficiais israelenses sentados à mesa –, se não houver inconveniente, estará aqui no alto da rocha na manhã de sábado... seguindo outro tipo de “via”.

Bahat e Yefet assentiram.

– Até então – continuou o chefe do Cavalo de Tróia – nossa missão será muito simples: esperar. Amanhã, talvez a essa mesma hora, o grupo do gerador elétrico entre em funcionamento...

– Assim é o previsto – disse o chefe do acampamento, como se buscasse nossa indulgência. – Será desembarcado hoje mesmo. Pedimos-lhes que nos desculpem o atraso.

“Desembarcado”? A quase 426 metros de altitude? Como?

Os judeus são capazes de tudo. Nesse ponto, ninguém se atreveu a perguntar nada.

– ... A imediata e lógica pergunta – continuou Curtiss – é onde e quando será montada a estação receptora. Por razões de segurança, e também seguindo as instruções do governo de Golda, dessa vez não haverá hangares ao ar livre.

O General percebeu nossa estranheza. E, apanhando de sua inseparável pasta um envelope branco com a inconfundível estrela azul de seis pontas – emblema do Estado de Israel –, tirou dele uma planta pormenorizada do fosso.

Não foram necessárias muitas explicações. Curtiss apontava para o centro da “piscina” – assim a definiríamos no jargão do Cavalo de Tróia –, convidando-nos a examiná-la. A escavação, tal qual pensáramos, não era outra coisa senão o receptáculo para a estação receptora de fotografias.

Vinte metros do fosso comportariam o grosso dos equipamentos: consoles autônomos operacionais (número 1 e 2), painéis de comando (de distribuição e alimentação elétrica), material de telefonia e rádio, armários de telecomunicações e conversão digital de sinais do satélite,⁴⁸ receptores especiais, transmissores da faixa “S”, monitores de televisão, sub-controladores de tempo, climatizadores *etc.*

Os restantes 30 metros da “piscina” achavam-se divididos em dois setores:

ao longo da parede sul (ocupando uma superfície de 2 x 10 metros) haviam sido dispostos os laboratórios para revelação de fotos, uma seção auxiliar de telemetria, armários para gravadores de fitas magnéticas (largas ou estreitas) e impressoras ultra-rápidas, capazes de ler e imprimir dados à razão de 80 mil dígitos por minuto. O restante da faixa sul (de 2 x 20 metros) era usado como depósito de hélio.

O espaço existente entre essas “baterias” de instrumentos encontrava-se praticamente vazio. No total, quase um quadrado de 28 metros por 25. Aquela era outra das “novidades” da Operação Eleazar: nessa área no centro da “piscina” seria colocada uma antena parabólica orientável de 26 metros, capaz de seguir automaticamente o *Big Bird* e receber sinais desde 100 quilômetros.⁴⁹ O GSFC⁵⁰ havia recomendado, desde o início da operação, a utilização desse tipo de antena. Entretanto, por razões de espaço, não fora viável na Mesquita da Ascensão. A verdade é que a inesperada e rápida desmontagem das instalações não havia permitido sequer a montagem das antenas rastreadoras de varredura de fase, que deveriam substituir a aconselhada pelo Centro de Vôos Espaciais Goddard.

Uma vez concluída a montagem da estação, a “piscina” fora dotada de um engenhoso sistema para fechá-la – acionado manualmente ou por eletricidade – que vedava completamente o grande fosso. Os israelenses nos deram mais detalhes a esse respeito. A cobertura, que corria sobre roldanas, foi projetada tendo em vista um tipo de lâmina dupla de vidro plastificado, de grande dureza e ductilidade, que permitia a passagem dos sinais radioelétricos procedentes do *Big Bird*. Isso, especialmente nas transmissões diurnas, favorecia a camuflagem da estação. No caso de recepções noturnas, a cobertura podia ser retirada, deixando exposta a superfície ocupada pela antena parabólica. Pintada de preto, a antena era praticamente invisível a qualquer hipotético avião de reconhecimento inimigo.

Quando a montagem do instrumental foi concluída, ficamos maravilhados. A sagacidade e meticulosidade dos israelenses os levavam ao extremo de pintar a cobertura com a mesma cor da terra – ocre amarelado – que cobria a meseta. Aqui e acolá, com uma paciência beneditina, os engenheiros militares foram colando sobre essa cobertura uma infinidade de pedrinhas recolhidas na zona norte do cume, que proporcionavam à falsa superfície um mimetismo invejável.

Quando o deserto da Judéia ficava avermelhado, aos últimos raios do Sol, os trabalhos no acampamento Eleazar eram interrompidos. A falta de fornecimento da energia elétrica tornava difícil e perigosa a movimentação dos tratores e da grua. Para piorar, as chuvas e os ventos fortes continuavam castigando o cume da Massada. De comum acordo, recolhíamos-nos cedo às

barracas que nos haviam sido destinadas. Cada um daqueles incômodos alojamentos, feitos de resistente lona preta, daria abrigo, daí por diante, a dez membros da suposta operação arqueológica. Sagazmente, os judeus fizeram com que um ou dois de seus homens compartilhassem conosco desses abrigos de campanha. Dessa forma, poderiam estar a par de nossas conversas e propósitos. Tal circunstância provocou na equipe do Cavalo de Tróia alguns momentos de tensão. Entretanto, soubemos resistir a esta sutil espionagem...

A tênue claridade do lampião de gás que pendia do teto da barraca e o forte ulular do vento entre as lonas levaram meus pensamentos, mais uma vez, para Ele. Não havia dúvidas: sua imagem e suas palavras já eram parte do meu próprio ser. E uma doce melancolia foi-me invadindo. Somente com muito esforço consegui voltar à realidade. Foi então que esse estranho sentimento desapareceu para dar lugar a muitas dúvidas que me assaltavam. Uma, em especial, não me deixava conciliar o sono: “Como faríamos para lançar o ‘berço’ de dentro do fosso?” A antena parabólica – embora pudesse ser desmontada – constituía-se em um sério obstáculo...

De repente, perto das 9 horas, um ensurdecedor estrondo tirou o acampamento de seu repouso forçado. Em uníssono, eu e os sete norte-americanos e os dois israelenses que dormíamos naquela tenda precipitamo-nos para a saída.

Uma incrível agitação apoderou-se da meia centena de homens que ocupava a base. Em meio à escuridão e à implacável chuva, a pouca distância, não mais que 10 ou 20 metros sobre nossas cabeças, quatro potentes refletores iluminavam a extremidade sul do acampamento Eleazar. O ruído dos motores e as luzes vermelhas e verdes intermitentes fizeram-nos perceber que se tratava de dois poderosos helicópteros. Estavam no estacionamento, entre o fosso e as escadas de pedra que conduziam à cisterna subterrânea. Ao nos aproximarmos, graças à extraordinária potência dos quatro faróis instalados na parte de baixo dos aparelhos, vimos que dos CH-47 Chinook – helicópteros de transporte utilizados pela Marinha israelense – pendiam enormes embalagens. Pouco a pouco, seguindo as indicações do pessoal que estava em terra, as cargas foram liberadas. E, rapidamente, cumprida a missão, os Chinook desligaram as luzes e, redobrando a potência dos rotores, desapareceram ao norte, em meio às temíveis rajadas de vento e chuva. Na manhã seguinte, quando vimos o peso, volume e natureza do transporte, não pude deixar de admirar aqueles audazes pilotos judeus.

Calados, voltamos às tendas, à espera do novo amanhecer com impaciência. E, na verdade, aquela sexta-feira, 23 de fevereiro de 1973, seria um dia não só de

trabalho, mas também de surpresas.

A primeira delas chegou com o amanhecer. Perto das 6h45, depois de uma noite intranquã, em que quase não consegui conciliar o sono, ao chegar à porta da barraca testemunhei um espetáculo inesperado. Como por milagre, em muitas áreas do acampamento e do resto do cume surgiram flores de todas as cores. Era admirável. Em questão de horas, fruto das torrenciais chuvas, a meseta estava florida, adornada com milhares de brilhantes e cheirosas flores amarelas e vermelhas e folhagens verdes. Nas áreas mais baixas, o temporal deixara imensos charcos, transformando o terreno em um verdadeiro lodaçal. Apesar de a Massada e seus arredores – o mar Morto à direita, o deserto da Judéia à esquerda – serem muito ressequidos, a realidade que vira surgir diante de meus olhos confirmava as palavras de Flávio Josefo quando, 1.900 anos antes, descreveu essas salvadoras chuvas.⁵¹

A segunda surpresa ocorreu ao penetrar no barracão que servia para duchas, latrinas e asseio em geral. Como já comentei, havia sido edificado quase parede contra parede com a peça retangular conhecida como “grande lagoa”. Aquele foi outro dos múltiplos detalhes que me haviam passado inadvertidos durante a primeira estada no acampamento.

Além da falta de energia elétrica no alto do rochedo, um dos principais problemas, no momento de preparar o assentamento da estação receptora de imagens, foi a falta de água. Certamente, segundo nos iam explicando os técnicos israelenses, ambos os problemas podiam ter sido resolvidos – sempre parcialmente – com a ocupação das instalações situadas a leste da montanha, no local do funicular. Mas isso, com as quilométricas extensões de cabos e tubulações, teria sido tão complicado quanto “escandaloso”. O suprimento de energia elétrica, além do mais, seria claramente insuficiente para o elevado consumo da estação. Por isso tudo, depois de estudar exaustivamente os dois assuntos, o governo israelense se decidiu pelo transporte, até o alto da Massada, de geradores. O segundo obstáculo – o da água – foi resolvido da forma como o haviam feito as expedições de Yadin nos anos de 1963 a 1965. A uns 6 quilômetros a oeste da montanha existia uma rede de tubulações que havia sido de propriedade da empresa Nafta Oil e servira, à época, para prospecções. Seguindo instruções do Exército israelense, a Mekorot (Companhia Nacional de Águas) havia instalado uma tubulação mais delgada, que solucionou os problemas de Yadin, e agora, oito anos depois, os nossos. Tal tubulação subia até o alto da Massada, correndo paralelamente à rampa romana. No ponto onde terminava – no extremo noroeste –, os engenheiros ligaram várias centenas de metros de novos tubos, ocultos sob o piso de terra da casamata ou muralha de muro duplo que corre pela face oeste da meseta. Ao mesmo tempo, o interior da

“grande lagoa” havia sido aproveitado para a montagem de depósitos, com a capacidade de 120 mil litros. Por último, os israelenses os haviam camuflado, cobrindo a “grande lagoa” com o emprego de caniços. Dessa forma, o suprimento de água potável ao acampamento e aos complexos sistemas de refrigeração ou alimentação dos equipamentos estava amplamente assegurado. (Na hipótese de avaria, o tanque oculto entre as paredes retangulares da “lagoa” podia satisfazer às necessidades da estação – sempre uma prioridade – por espaço de seis ou sete dias.)

Concluído o desjejum, Curtiss e o restante da equipe ofereceram sua colaboração aos técnicos israelenses nas tarefas que julgaram oportunas. Yefet, porém, depois de agradecer nossa sincera e excelente disposição, não aceitou, alegando que aquelas não eram as ordens. O Sol pairava, já, sobre as colinas azuis de Moab, rumo a um céu transparente. O vento havia cessado e o dia, enfim, parecia apresentar-se tépido e aprazível.

Minutos antes do desjejum, os oficiais destacados na base do funicular haviam feito contato pelo rádio com o acampamento, informando o General sobre as razões do atraso da meia centena de homens que completava a expedição da Operação Cavalo de Tróia, e que, segundo Curtiss, deveria ter chegado à Massada na noite anterior. Talvez o carro que os trasladaria desde Jerusalém tivesse sido obrigado a retornar, por causa dos cortes na estrada.

“Sua incorporação ao acampamento Eleazar” – concluíram os militares – “dar-se-ia ainda de manhã.”

Ignorávamos, até o momento, as “más novas” que nos trariam aqueles compatriotas e companheiros...

Já que nossas obrigações eram quase nulas, cada qual se dedicou ao que achou mais conveniente. Curtiss e vários diretores fecharam-se na tenda que fazia as vezes de estação de rádio e os demais optaram por descansar ou vagar pelo rochedo, sempre debaixo da discreta vigilância de alguns israelenses, que se ofereceram, “encantados”, como improvisados guias turísticos.

Eliseu e eu, de comum acordo, ocupamos boa parte da manhã no meticuloso reconhecimento do perfil e da topografia do triângulo que constituía nossa base. Desde o amanhecer o acampamento havia recuperado seu intenso ritmo de trabalho. Os tratores levados para o alto da meseta pelos helicópteros prosseguiram no febril transporte das pedras alaranjadas que eram colocadas pela grua no fundo da “piscina”. Boa parte dos engenheiros e técnicos israelenses dedicava todo seu esforço e atenção aos gigantescas caixas de aço baixados pelos Chinook. Um deles continha um potente equipamento eletrogêneo, de continuidade, o verdadeiro “coração” do acampamento. Sem aquele gerador, tudo haveria sido inútil. Os israelenses o sabiam e se apressaram a retirá-lo da

superfície do rochedo, transportando o motor, o alternador, o tabuleiro, os painéis de comando, os sistemas de filtragem e tudo mais ao fundo da cisterna subterrânea. Até nisso tiveram sorte os israelenses e, indiretamente, o Cavalo de Tróia. A localização do gerador havia representado um árduo problema. Por elementares razões de segurança não podia ficar à vista nem ser colocado na “piscina”, junto aos delicados instrumentos da estação receptora. As constantes vibrações, além do ruído do motor, teriam interferido nos equipamentos e causado uma série de inconvenientes desnecessários. Por isso, ao estudar o subsolo e a configuração da zona sul da meseta, os *experts* não hesitaram em escolher a cisterna subterrânea como o esconderijo ideal para o complexo eletrogêneo e o correspondente tanque de gásóleo para o diário. A gigantesca cisterna, perfurada no penhasco por ordem de Herodes, o Grande, tem uma capacidade de 42.672 metros cúbicos. É uma formidável “sala” de 8 metros de altura, à qual se chega por escadas igualmente conquistadas à rocha. Para lá, enfim, foi levado, e imediatamente montado, o flamante gerador – tipo 16 cilindros (V), da série 149, fabricado pela General Motors –, com uma potência de 1.200 KVA ou 1.300 HP e uma voltagem de saída de 30 mil volts. (Com semelhante “monstro” é possível suprir as principais instalações de um aeroporto de tipo médio.) Foi assombroso. Aquelas 10 toneladas – em seco, isto é, sem água e sem combustível – foram montadas e postas em condições de entrar em ação em 24 horas. A perícia dos engenheiros, especialmente na decisiva operação de alinhamento do motor e do alternador, foi notável.

Por último, um feixe de cabos, enterrados a 1 metro de profundidade e cuidadosamente isolados, foi distribuído pelo acampamento, pronto para “dar vida” aos diferentes serviços. Aproveitando duas grandes aberturas no teto da cisterna subterrânea – pelas quais no passado penetrava a água e que são visíveis sobre o escarpado sudeste da montanha –, os especialistas israelenses montaram, igualmente, um poderoso sistema de extratores e ventiladores, proporcionando, assim, uma contínua e eficaz renovação do ar.⁵² Ainda que Charlie – assim batizamos o gerador – apenas produzisse vapor, tanto a tubulação de escapamento de gases como o restante do complexo de aeração foram dotados de diferentes grelhas de filtragem. Se chegasse a ocorrer um escape de fumaça ou qualquer fonte de calor, um hipotético inimigo teria sabido que “algo” anormal estava havendo nas entranhas da Massada.

A segunda gigantesca caixa depositada pelos helicópteros sobre o acampamento Eleazar era de idêntica e vital importância. Continha ao redor de 350 lâminas de aço, de 1 metro de largura cada uma, destinadas à construção dos dois depósitos de combustível do grupo eletrogêneo: o do dia e o de armazenagem. Charlie consumia uns 160 gramas de gásóleo por cavalo-hora, o

que exigia a existência de um tanque-dia com uma capacidade mínima de 5.420 litros. (Foi esse o consumo médio diário do grupo eletrogêneo.) Obviamente, era mais fácil, rentável e seguro instalar na rocha um tanque de armazenamento do que transvasar diariamente o combustível necessário. Uma operação que, dada a situação da Massada, só se podia praticar rápida e comodamente pelo ar. Nisso teriam destacado papel os helicópteros-cisterna do Exército israelense. Uma vez a cada trinta dias, vários daqueles gigantescos Sikorsky S-64 (tipo CH-54 Tarhe), previamente adaptados, voavam durante a noite até o acampamento, enchendo o tanque de armazenamento: 162.600 metros cúbicos. Este segundo depósito – de 5 metros de largura por 15 de comprimento e 3 de altura – foi montado em uma das covas que se alinham no já mencionado escarpado sudeste da montanha, muito próximo à cisterna subterrânea.⁵³ Com a ajuda da grua e de cordas, em uma verdadeira operação de “alpinismo”, e vencendo uma encosta de mais de 300 metros de altura, os israelenses foram transportando as peças de aço desde o cimo até a boca da gruta natural. Creio que jamais conseguiremos agradecer-lhes tal esforço suficientemente. Na manhã do sábado, uma vez concluída a operação de junção e soldagem do tanque, os engenheiros deixaram em ordem as bombas que levariam o líquido aos dois depósitos – o de armazenamento e o diário – com uma tubulação que encravaram e camuflaram na parede sudeste da Massada. O conduto penetrava na cisterna subterrânea através de um dos orifícios de ventilação.

Meus conhecimentos sobre a história da Massada, de seus edifícios e dos castelos fortificados de origem romana que a rodeiam – tudo isso fruto da documentação proporcionada pelo General –, se mostrariam muito úteis quando, seguindo nosso plano de reconhecimento do terreno, nos dirigimos para o norte da meseta. Meu irmão e eu ficamos maravilhados pela audácia e beleza do palácio do norte, com seus três terraços escalonados. E sentimos uma especial emoção ao percorrer o labirinto formado pelas ruínas dos armazéns mandados construir por Herodes, justamente ali, seu palácio suspenso. Aquele vértice da grande rocha – em especial os terraços central e inferior – é o único ponto resguardado do ardente Sol e dos temíveis ventos do sul, que às vezes superam 97 quilômetros por hora. “Se não fosse este compacto complexo de ruínas (palácios, armazéns, balneários, edifícios administrativos, postos de guarda etc.), o acampamento Eleazar” – explicou-nos um dos inseparáveis ‘guias’ – “teria sido instalado ali mesmo.”

Aqueles incômodos ventos do sul e do sudoeste, tão freqüentes na Massada, iriam constituir um autêntico pesadelo para os homens do Cavalo de Tróia, principalmente nos decisivos minutos da decolagem e da ulterior aterrissagem do módulo. (Espero que Deus me conceda a força necessária para chegar a esse

ponto deste relato.) Nos estudos meteorológicos da estação de Kalya, ao norte do mar Morto, as estatísticas elaboradas com base nos dados recolhidos em 1972 pelos três centros de observação⁵⁴ projetavam, todavia, para fevereiro, uma frequência e intensidade dos ventos relativamente baixas ou suportáveis: a estação número 20 apontava uma porcentagem de 18,9 para o vento sul e apenas uns 4% para o sudoeste. As estações números 21 e 22, por sua vez, fixavam – para os mesmos ventos – uns índices de 18,9 e 7,9 e de 14,7 e 5,6, respectivamente. Nos três casos, as velocidades dos ventos oscilavam em torno dos 12-19 quilômetros por hora. Só as estações 20 e 21 previam ventos entre 50 e 61 quilômetros por hora, mas em porcentagem muito baixa (0,1). Naturalmente, o pico da Massada encontra-se a mais de 300 metros de altitude e isso se notava.

Mas o lugar que mais nos impressionou – talvez porque se conserve tal qual o deixaram os legionários de Silva – foi a rampa de terra e pedra prensadas que se empina desde as profundidades até quase tocar a fímbria noroeste da meseta.⁵⁵ Aquele maciço de assalto é, sem dúvida, uma das estruturas ou “fórmulas” de assédio do Exército romano mais interessantes do mundo. A verdade é que se encontra muito bem conservada. A brancura da rampa – cuja terra foi extraída do chamado “promontório Branco”, justamente onde ela se inicia – é deslumbrante. Durante alguns minutos ficamos ali, surpresos e absortos, a contemplar o maciço e o acampamento de Flávio Silva. Agora, 1.900 anos depois daquela luta pela soberania e liberdade de um povo, o Estado de Israel havia retornado à Massada, precisamente, como já observei, para velar por essa segurança...

Nosso passeio pelas ruínas da Massada viu-se agradavelmente interrompido quando, pelo meio da manhã, os funiculares conduziram ao cimo os cinquenta retardatários especialistas do Cavalo de Tróia. Como fizera conosco, Curtiss já os havia posto a par de “alguns” detalhes da missão secreta. E todos, como era previsível, se mostraram entusiasmados com aquela segunda operação. Sua permanência no acampamento Eleazar foi, por isso mesmo, tão discreta e eficaz como seria de esperar. Mas aqueles amigos não eram portadores de boas notícias precisamente...

Por ordem de Curtiss, havia sido reunida uma ampla coleção de jornais internacionais daqueles dias. Tanto o General quanto o resto da equipe intuíamos que a recente derrubada do Boeing 727 líbio sobre a península do Sinai poderia acarretar péssimas conseqüências no já deteriorado cenário político do Oriente Médio. Não nos equivocamos. Os comentários e reações de meio mundo foram unânimes: o metralhamento do avião de passageiros e a morte de 104 deles foram condenados sem atenuantes. Especialmente os países árabes se mostraram

muito agressivos, acalorando ainda mais o clima de pré-guerra para seu vizinho, Israel. A leitura dos jornais ingleses, norte-americanos e egípcios nos encheu de confusão e incerteza.

A imprensa do Cairo, por exemplo, classificava o fato de “assassínio premeditado” e de um “novo e bárbaro crime contra civis árabes”. O diário egípcio *Al Ahram* trazia também as declarações de um porta-voz do governo de Sadat, nas quais, entre outras coisas, assegurava que “o sionismo israelense, que vive da agressão, da usurpação e do crime, pagará caro esta ação e receberá seu justo castigo das mãos dos árabes”.

Por sua parte, os mais prestigiosos diários de Nova York e Washington se pronunciavam nos seguinte termos:

“A incursão israelita no Líbano e a derrubada de um avião de passageiros sobre o Sinai provocaram no mercado de valores de Nova York o medo de que a situação no Oriente Médio se agrave. Isso fez cair extremamente os preços dos mercados de valores”.

“Nixon e o secretário de Estado dos Estados Unidos, William P. Rogers, enviaram mensagens de condolências a Muamar Kadafi e ao presidente do Egito.”

Superfície da meseta da Massada. No triângulo sul, o acampamento Eleazar. 1. recinto subterrâneo destinado à estação receptora de fotografias (a “piscina”); 2. escadas que conduzem à cisterna subterrânea; 3. a lagoa grande; 4. barracão destinado aos lavatórios; 5. refeitório; 6. tendas de campanha; 7. portão da paliçada; 8. a cidadela ocidental; 9. o banho ritual; 10. a muralha ou casamata oriental; 11. muralha ou casamata ocidental; 12. moradia dos zelotes; 13. pombal; 14. oficina de mosaicos bizantinos; 15. residências da família real; 16. dormitórios dos zelotes; 17. tanque de natação; 18. vila; 19. palácio ocidental; 20. a rampa romana; 21. a igreja bizantina; 22. edifício dos oficiais; 23. a torre ocidental; 24. moradias dos zelotes; 25. cisterna aberta; 26. funicular; 27. portão do caminho ou vereda das víboras; 28. armazéns; 29. banhos; 30. palácio do norte: terraço superior; 31. terraço intermediário; 32. terraço inferior.

Em editorial intitulado “Tragédia no Sinai”, dizia *The Times* que “o incidente não era apenas outro infeliz fato de guerra, mas uma matança de civis irrefletida. E, como tal, injustificada, senão totalmente premeditada”.

O *Daily Telegraph* qualificava a ação israelense de brutal, assegurando que “a matança de civis supunha um duro golpe nas tentativas de Nixon para conseguir um acordo sobre o canal de Suez”.

Por último, porque a lista seria interminável, escrevia o *Financial Times*:

“Depois de um período de cinco anos de ‘não paz, não guerra’, Israel não quer arriscar-se a negociar um verdadeiro acordo de paz”.

Em tudo aquilo, todavia, percebia-se algo estranho. Por mais que repassássemos os jornais, em nenhum se encontrou uma só reação ou declaração do veemente coronel Kadafi. O Boeing sinistrado era de seu país e, além disso, 55 dos 104 passageiros mortos eram líbios... Por que guardava um mutismo tão inexplicável? Será que havia algo a ocultar da opinião pública? Por que o avião se havia desviado centenas de milhas de qualquer das rotas habituais de vôo desde Bahrain, nos Emirados Árabes, a seu aeroporto de destino, em Alexandria?⁵⁶ Não dispúnhamos naquele momento dos dados meteorológicos da zona relativos ao dia 21 de fevereiro – data do sinistro –, mas parecia-nos difícil de crer que “as más condições climáticas” (razão alegada a princípio pela imprensa israelense) houvessem forçado o Boeing a violar o espaço aéreo de Israel, e justamente sobre um setor militar. Era, quando menos, suspeito...

As escassas e tímidas notícias procedentes de Tel Aviv também não projetaram demasiada luz sobre o ocorrido no centro do Sinai. Em uma coletiva de imprensa realizada no Cairo, os jornalistas asseguraram haver escutado a voz do comandante do Boeing 727 gritando: “Estão-nos alvejando! Estão-nos alvejando do caça!” Naturalmente, como era de esperar, a imprensa israelense acusava o piloto de desobedecer às ordens dos interceptores. O co-piloto, Jean Pierre Hure, um dos sete sobreviventes, assegurou que “estavam aterrorizados e por isso não acataram as instruções dos caças israelenses, preferindo escapar”.

A poucas horas do incidente o chefe supremo da Força Aérea Israelense, general Mordekai Hod, e os pilotos do Phantom, cujos nomes não foram revelados, celebraram outra coletiva de imprensa para informar sobre o gravíssimo assunto. Segundo eles, “fizeram-se desesperados esforços para obrigar o Boeing a aterrisar. Um dos caças até se aproximara o suficiente para fazer sinais com as mãos à tripulação líbia para que aterrisasse. Mas o Boeing 727 fugiu” – informaram os oficiais israelenses – “para evitar um conflito diplomático”.

Algum tempo mais tarde, a própria imprensa de Israel lançaria outra não menos estranha explicação: “Temiam que o Boeing viajasse em missão de sabotagem a Tel Aviv”. E ainda que, realmente, as ameaças dos guerrilheiros de bombardear aquela cidade fossem reais, no fundo ninguém acreditou em nenhuma das “justificativas”. Nem nas israelenses nem nas árabes...

Dias mais tarde, ao regressar aos Estados Unidos, Curtiss nos informaria sobre a verdadeira “razão” daquele lamentável episódio. Uma razão suficientemente grave para os israelenses, mas que eles jamais admitiriam “oficialmente”...

Nada digno de menção sucederia mais naquela sexta-feira, 23 de fevereiro. A equipe, intranquã devido àqueles acontecimentos, fazia-se mil perguntas, todas, porém, sem resposta até o momento. Como poderia nossa missão concorrer para agravar as relações entre israelenses e árabes? Se tudo desembocasse em novas hostilidades, ou, o que seria ainda pior, em uma quarta guerra, que papel desempenharia aquela meia centena de americanos perdida no alto de uma solitária montanha?

Ao entardecer, pouco antes de os funiculares deixarem de funcionar, submetendo-nos, assim, a um forçado isolamento, Curtiss procurou reunir à sua volta vários de seus diretores do projeto e, no curso de um aprazível passeio pelas ruínas do setor norte – dessa vez sem “guias” ou intrusos israelenses – distribuiu as “instruções” para o dia seguinte, sábado:

– Devemos estar atentos à chegada do restante dos equipamentos. Uma vez no alto da meseta, Cavalo de Tróia porá em ação a fase “verde” da operação.

Como já assinalei, a fase “verde” consistia, fundamentalmente, no processo de montagem da estação e, a partir de um determinado momento, do “berço”. Essa última parte da fase “verde” havia sofrido modificações substanciais em relação à sua gêmea da Mesquita da Ascensão no cume do monte das Oliveiras. A especial configuração da “piscina” e do acampamento Eleazar exigia outro tipo de tática para manter distantes os israelenses durante o processo de montagem dos *scanners* ópticos e do restante instrumental “confidencial”. O pacto inicial de Curtiss com o governo de Golda Meir, pelo qual o pessoal israelense deveria abandonar a estação enquanto durassem os trabalhos secretos, continuava vigorando. Mas ninguém estava a par da argúcia planejada por Curtiss.

Quando um dos diretores mostrou interesse pela “vara de Moisés” e pelo combustível do módulo – em especial pela fórmula escolhida para introduzi-lo clandestinamente na Massada –, o General limitou-se a repetir:

– Calma. Tudo está previsto.

O crepúsculo colocou ponto final nos febris trabalhos dos israelenses. Excepcionalmente, dada a urgência e natureza da Operação Eleazar, os turnos de montagem de Charlie e do tanque de armazenamento foram liberados da sagrada obrigação de guardar o sábado. Apoiados por grandes lanternas alimentadas a gás, os técnicos encerrados no reservatório subterrâneo e na gruta prosseguiram em quase total obscuridade, quebrada apenas pelos mortíços lampiões instalados no interior das tendas e do refeitório. Por óbvias razões de segurança, o Exército havia proibido a utilização de refletores na superfície do planalto. Nem sequer quando o conjunto eletrogêneo entrou em funcionamento se quebrou essa rígida norma. A integridade física da estação e da centena de homens que compunham

o acampamento o exigia. Éramos uma “simples e pacífica expedição arqueológica” e, portanto, a presença de refletores no triângulo sul da Massada apenas haveria servido para despertar suspeitas.

Ao clarear do dia seguinte, quando nos preparávamos para tomar o café-da-manhã, notamos a falta de Curtiss e de vários oficiais-chefes do acampamento. Bahat, adivinhando nossa indagação, convidou-nos a observar a orla oriental do penedo. Para lá nos encaminhamos, cheios de grande curiosidade. Para ser franco, nada naquele momento lembrava as palavras do General Curtiss acerca da chegada do último terço do material.

O portão de entrada do chamado “caminho de serpente ou vereda das víboras” – uma sinuosa e estreita vereda que se eleva até o alto da Massada pela vertente leste⁵⁷ – ofereceu, então, aos nossos olhos uma visão difícil de esquecer: muito próximo da base do funicular, ocupando praticamente a esplanada contígua, agrupava-se uma apreciável manada de camelos ou dromedários (daquela distância era difícil precisar).

Nosso grupo entrou em uma acesa polêmica em torno das possíveis razões da presença na Massada daqueles animais do deserto. Teria o carregamento chegado em seus lombos? Se assim era, por quê?

O debate encerrou-se com a chegada de alguns dos militares israelenses. Estávamos sendo chamados à estação de rádio. Minutos mais tarde, uma vintena de homens do Cavalo de Tróia embarcava no funicular, rumo às instalações da base.

O insólito e multicolorido espetáculo que nos aguardava no sopé do rochedo deixou-nos sem fala. Curtiss e várias dezenas de israelenses empenhavam-se na descarga de avantajados fardos, ajudados sempre pelos membros daquela caravana beduína. Cerca de quarenta ou cinquenta dromedários – os famosos “barcos do deserto” – se apertavam, nervosos, diante da plataforma do funicular. De suas corcovas pendiam – por ambos os flancos – uns fardos emalados que continham arcazes, utensílios domésticos e até pequenos cordeiros. A certa distância, entre as dunas, permaneciam outras seis a oito bestas, carregando grandes baldaquinos descobertos nos quais se distinguiam mulheres e meninos.

Os nômades, vestidos com largos albornozes negros de lã, sem mangas, e com as cabeças cobertas com gorros de pêlo de camelo e airosos mantões vermelhos e brancos, desenganchavam as canastras e as levavam para o interior das cabines do funicular. Por um momento perguntei-me para que necessitaríamos no acampamento de todas aquelas coisas, inclusive os cordeiros. Os beduínos haviam obrigado os dromedários a ajoelhar-se e os mantinham nessa mais acessível posição graças a uma corda que unia as cabeças dos

animais a um ou ambos os joelhos.

Concluída a operação, os dromedários foram desatados e um dos voluntários árabes – aparentemente o chefe da tribo – despediu-se do oficial mais graduado com um seco *Salaam aleikum* (A paz seja contigo). O israelense correspondeu com outra leve inclinação de cabeça, respondendo: *Aleikum as salaam* (Que contigo seja). E beduínos e dromedários tomaram a direção das dunas e se uniram ao grupo das mulheres.

Sentia-me tão fascinado por aqueles incríveis exemplares humanos que, de volta ao rochedo, quase não prestei atenção às explicações do General sobre os fardos que acabavam de ser descarregados e sobre sua singular viagem.

Se não me falha a memória, três dias antes é que a caravana em questão se havia encarregado desse último terço do instrumental, cuidadosamente camuflado nos fardos. A coleta do carregamento se dera na noite de 21, quarta-feira, em um ponto ao noroeste de Qumran, em pleno deserto da Judéia, zona freqüentada desde tempos imemoriais pelas caravanas de beduínos que iam e vinham da Arábia. Muitas delas traficavam com armas ou trocavam vinho por mulheres, cruzando livremente a fronteira da atual Jordânia. Suponho que por um alto preço aquela tribo ou clã dos nobres shammar⁵⁸ havia aceitado a missão de transportar para a Massada aquilo que, oficial e aparentemente, era apenas um prosaico conjunto de vasilhas e outros utensílios domésticos, “necessários em qualquer acampamento”. Os beduínos fizeram-se surdos e mudos diante da generosa recompensa dos israelenses...

Realmente, o plano da Inteligência israelense funcionou com perfeição. Quem haveria imaginado que entre os fardos daquela austera caravana viajava um sofisticado equipamento de recepção de fotografias via satélite?

Sempre distantes das estradas e dos núcleos povoados, os shammar haviam caminhado durante a noite – descansando de dia – por uma intrincada rede de vales e veredas, em pleno deserto, que conheciam e palmilhavam desde há séculos.

Mas a missão dos beduínos não havia terminado. Ao meio-dia, atendendo ao convite do xeque da tribo para participar do sempre complexo ritual da preparação e degustação do café, Curtiss teria a oportunidade de maquinar novo e astuto plano. Um estratagema que nos “cobriria as costas” no crítico momento do lançamento do módulo...

Aquele trabalho foi bem-vindo. O isolamento no alto de nosso “porta-aviões” de pedra, sem suprimento elétrico nem distração alguma, e com meia centena de homens ociosos, começava a preocupar-nos. Assim, espontânea e voluntariamente, o grupo do Cavalo de Tróia ofereceu-se para transportar os

fardos e depositá-los – com o resto das pedras cor de laranja – no fundo da “piscina”. Oficialmente, a fase “verde” acabava de ser inaugurada...

Curtiss, que, como já expliquei, forjava algo em seu cérebro, pediu-nos que separássemos a meia dúzia de cordeiros. E o pessoal o fez com satisfação, prendendo-os a uma das cordas da tenda do General. Alguns dos rapazes, compadecidos ante os lastimosos balidos das frágeis crias, improvisaram-se em “nutrizes”, dizimando as reservas de leite da cozinha. A verdade é que não se viram caras contrariadas entre os cozinheiros israelenses. Ali, só o que sobrava eram comida e aborrecimento. (Cada manhã, pontual e religiosamente, o funicular nos abastecia de pão quente, leite e daquelas iguarias que começavam a escassear nas dispensas do barracão.)

Pelas 2 horas da tarde o General tomou seus seis cordeirinhos e, acompanhado por Bahat, o supervisor, cruzou o portão da paliçada em direção à plataforma do funicular. O paciente Curtiss recebeu com espírito esportivo as graçaças de judeus e norte-americanos, divertidos ante a pouco habitual visão de um general da USAF pastoreando um rebanho. Quando interroguei Eliseu sobre as intenções do nosso chefe, meu irmão deu de ombros. Ninguém no acampamento Eleazar tinha a menor idéia da razão por que se havia encarregado dos animais. A explicação possível devia estar no interior da grande tenda negra de pele de cabra que naquela mesma manhã os shammar haviam levantado sobre as amarelas dunas que se estendem a nordeste da montanha, a pequena distância das ruínas do acampamento romano “B”.⁵⁹ Era evidente que os beduínos tinham intenção de permanecer no lugar, ao menos por algum tempo. Mas essa circunstância não parecia inquietar os militares israelenses. De qualquer forma, equivocamo-nos quando demos como certo que, a seu regresso à meseta, Curtiss desfaria o mistério. Entre outras razões, porque o General não voltaria à Massada. Pelas 4 da tarde de sábado o funicular trouxe Bahat, com o encargo de recolher os escassos pertences do General e baixá-los a toda pressa à plataforma-base. O supervisor foi muito parco em explicações. Um carro oficial aguardava Curtiss. Sua presença fora reclamada com urgência pela embaixada americana. Horas mais tarde os oficiais encarregados do rádio receberiam uma comunicação do próprio General. Achava-se em Tel Aviv pronto para decolar para os Estados Unidos. Aquilo consternou os homens do Cavalo de Tróia. Nos planos do chefe da operação – ao menos ao que sabíamos – não figurava aquela repentina viagem. O que estaria acontecendo?

As últimas palavras da mensagem de Curtiss, todavia, pareciam tranquilizadoras: “Comecem sem mim. Regressarei a tempo”.

O resto da jornada transcorreu quase sem sentir. Os homens se refugiaram nas tendas ou no refeitório, discutindo e polemizando sem cessar sobre tão

inesperada partida.

Chegada a noite, as acaloradas discussões foram momentaneamente interrompidas pela presença dos Sikorsky no cume do rochedo.

De acordo com o programa traçado pelos israelenses, uma vez completada a montagem dos depósitos de combustível seriam eles enchidos no decurso de duas noites consecutivas: as de sábado e domingo. Para a maior parte do acampamento, aquele transvase de gasóleo constituiu um dos piores suplícios de toda a operação. Por motivos de segurança, os gigantescos helicópteros-grua israelenses – a cujo bojo haviam sido acoplados vários tanques de 10 toneladas cada um – só podiam sobrevoar a Massada em plena obscuridade e, se possível, sem luzes. A troada dos rotores principais, com suas seis pás, foi como um pesadelo. Cada hora, pontuais como relógios, um par de Sikorsky aterrissava na orla sudeste do triângulo, esvaziando seus depósitos. Foi inútil tentar dormir.

Impacientes por verificar o bom funcionamento do gerador, os israelenses – uma vez abastecido o tanque diário com os 5.500 litros de gasóleo – ativaram o Charlie. Os sistemas responderam de forma perfeita e os técnicos, claro, felicitaram-se mutuamente.

Por volta das 5 da madrugada de segunda-feira, 26 de fevereiro, o último S-64 se alçava do planalto distanciando-se rumo ao sul, ou seja, à base de Etzion. O laborioso armazenamento de quase 170 mil litros de combustível havia terminado. Um mês mais tarde, se tudo corresse dentro do previsto, os helicópteros repetiriam a operação de encher o tanque de armazenamento. Mas antes, muito antes, teriam lugar “outros” acontecimentos...

Muito antes do amanhecer do domingo, 25 de fevereiro, mais de metade do acampamento Eleazar achava-se de pé, despertada pelo incessante estrondear dos helicópteros. De comum acordo, e ainda que os homens denotassem nos rostos um profundo cansaço, como consequência de uma noite de vigília, os oficiais judeus e os diretores do Cavalo de Tróia marcaram aquela mesma manhã para o início da montagem da estação receptora de imagens. Entretanto, a maior parte do dia foi destinada a trabalhos preliminares, abertura dos falsos blocos de pedra e dos fardos e, muito especialmente, a uma exaustiva série de testes do fecho elétrico que deveria cobrir a “piscina”. Quando os técnicos de ambos os grupos se declararam satisfeitos, o “teto” da futura estação foi cerrado, iniciando-se, então, os trabalhos prévios de desembalagem.

Judeus e norte-americanos, ombro a ombro, nos empenhamos com ardor no que, para as duas partes, significava uma missão de “vital importância”. Para eles em um sentido; para o Cavalo de Tróia, claro, em outro, muito diferente...

Apenas sete dos 26 cubos de “pedra” de cor laranja – previamente

marcados com um círculo negro – foram respeitados. Para nossos “amigos”, aquela parte continha o instrumental “secreto”, que só podia ser aberto e manipulado por nós. Prudentemente, para evitar desagradáveis “confusões” na hora de manejar o material, as sete caixas foram isoladas no centro do fosso e convenientemente atadas com lacres. Ao se estabelecerem os turnos de trabalho – o plano previa quatro, de seis horas cada um –, os diretores norte-americanos designaram três dos nossos dez especialistas (cada turno era formado por duas brigadas – israelense e norte-americana – de dez homens cada brigada), com o velado objetivo de não perderem de vista tais blocos. Graças a esse sutil procedimento, o “berço” esteve protegido dia e noite.

À medida que os dias foram passando e a estação começou a tomar forma, Eliseu e eu demo-nos conta de outro “detalhe”, magistralmente planejado pela equipe de diretores. Como já disse, uma de nossas muitas preocupações, desde que subíramos a Massada, havia sido a indispensável antena parabólica, prevista no centro da estação. Nossa torpeza não tem perdão. Ao colocar os sete blocos de “pedra” no meio do fosso, Curtiss, astutamente, impossibilitou o início da montagem da parabólica, que, em condições normais, podia ser feita simultaneamente com a dos outros equipamentos. Esta manobra nos beneficiaria consideravelmente. (O assentamento do módulo, como iremos vendo, foi projetado na área em que devia erguer-se a parabólica de 26 metros de diâmetro.) Por outro lado, em boa lógica, e com a finalidade de não retardar o trabalho dos técnicos, os israelenses concordaram com a proposta de seus aliados: a instalação e as provas da parabólica ficariam para a fase final.

Até a terça-feira, 27 de fevereiro, não se iniciaria a montagem propriamente dita da estação receptora de fotos do *Big Bird*. Na segunda-feira, finalizada a operação de transvase do gasóleo, os israelenses, sempre minuciosos e desconfiados, colaboraram na desembalagem dos equipamentos, mas seus esforços e sua máxima atenção concentraram-se na infra-estrutura que devia “mover” aquela complexa rede de instrumentos e instalações. Boa parte de seus homens permaneceu sob a terra, verificando e pondo à prova uma e outra vez os sistemas de aeração, suprimento de combustível, fiação elétrica *etc.*

Lembro-me de que a chegada dos jornais – ali pelo meio-dia da terça-feira – trouxe um salutar relaxamento dentro do campo. Ainda que as reações contra a derrubada do 727 da Líbia continuassem extremamente duras,⁶⁰ as tranqüilizadoras declarações de Hafiz Ismail, conselheiro de Segurança Nacional do Egito – conhecido como o Kissinger egípcio – lançaram um pouco de luz sobre a tormentosa conjuntura do Oriente Médio...

“Apesar do incidente no Sinai” – dizia Ismail em Washington – “ainda há esperanças de paz.”

Ao mesmo tempo, Dayan pedia um telefone vermelho para unir Israel com outras capitais árabes, como meio de evitar incidentes como o do Boeing líbio.

Mas o que causou especial impacto foi a súbita viagem de Golda aos Estados Unidos. Segundo os jornais israelenses, a primeira-ministra chegaria nessa mesma noite de terça-feira aos Estados Unidos. Fontes oficiais adiantavam que “a visita tinha como objetivos prioritários encontros com o presidente Nixon e outras altas autoridades e, presumivelmente, a negociação da compra de aviões Phantom”.

Se levássemos em conta que no sábado, dia 24, o ministro israelense Galilli havia declarado ao *Jerusalem Post* que a visita de Golda Meir aos Estados Unidos se daria em princípios de março, como deveríamos interpretar semelhante mudança de planos?⁶¹

Instintivamente, os homens do Cavalo de Tróia associaram este inesperado vôo da primeira-ministra de Israel a Washington à não menos repentina viagem do nosso chefe, o general Curtiss.

“Algo” especialmente grave sucedia...

Era curioso e significativo. Por mais que mergulhássemos naquele emaranhado de notícias ainda não havíamos achado uma só que fizesse alusão ao pensamento ou às intenções do coronel líbio Kadafi. Eram decorridos seis dias desde que o Boeing fora abatido e, inexplicavelmente para os observadores políticos, o messiânico e polêmico líder da revolução líbia continuava mudo. Horas antes, em Bengazi, durante os funerais das vítimas do avião, milhares de líbios haviam saído às ruas bradando por vingança: “Vingança, Kadafi, vingança!” Cartazes diziam: “As almas dos mártires do Sinai só descansarão com a vingança” e “Olho por olho, dente por dente”.

O tumulto alcançou tal grau de histeria e violência que Kadafi viu-se obrigado a escapar da multidão em um Land Rover. O estranho, porém, é que o dirigente líbio ainda dessa vez não fez manifestação alguma.

Os egípcios, por seu lado, também se haviam lançado às ruas clamando por vingança e bradando em coro um grito que nos encheu de espanto: “Guerra, guerra, Sadat!”.

Deus meu! Em que podia acabar tudo aquilo? Talvez a melhor síntese tenha sido a que fez o então ministro de Assuntos Exteriores do Egito, Mohamed Hassan el Zayyat: “O Oriente Médio” – declarou ele na segunda-feira, 26 de fevereiro – “está próximo de estourar. Nosso país deve empreender todos os esforços racionais, tanto políticos como militares ou econômicos, para solucionar a atual situação.”

Essas manifestações – formuladas depois da reunião dos embaixadores árabes no Cairo para tratar do incidente do Sinai – abalaram muito especialmente

os militares israelenses do acampamento Eleazar. Prudentemente, porém, guardaram silêncio, negando-se a fazer comentários. As medidas de segurança em torno de nossa base e das instalações do funicular foram discretamente reforçadas. Notícias procedentes de Damasco – onde se haviam reunido guerrilheiros palestinos, sob a presidência de Yasser Arafat, líder da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) – advertiam para um iminente recrudescimento dos atentados terroristas contra Israel, “em todo o mundo e em todos os níveis”.

Naquela tarde, a pedido dos israelenses, haveria no acampamento uma reunião secreta e urgente, com a participação de nossos diretores, na qualidade de representantes de Curtiss. No dia seguinte, os homens teriam ocasião de conhecer e experimentar algumas das “medidas especiais” adotadas por nossos superiores...

Ao fim da reunião, a tenda que abrigava o rádio conheceu uma inusitada atividade. Os oficiais israelenses entravam e saíam distribuindo ordens ao pessoal subordinado. Ao cabo de uma daquelas sigilosas comunicações com a estação da plataforma-base do funicular, a grua e os tratores começaram a ser desmontados a grande velocidade. Pelas 10 horas da noite, o eco do motor de um helicóptero, golpeando como uma gigantesca massa a escarpa oeste da Massada, tirou-nos dos albergues. Poucos minutos depois, outro poderoso Sikorsky (S-64) fazia uma manobra estacionária a 3 metros do topo. E ali permaneceu, sem tocar em terra, até que o contêiner, com o material desmontado, fosse adequadamente acoplado ao seu bojo. Depois se alçaria e desapareceria como uma sombra, recortando-se entre as estrelas.

De acordo com o Estado-Maior israelense, as ruínas arqueológicas da montanha foram definitivamente abertas ao público na manhã da quarta-feira, 28 de fevereiro. O tempo havia melhorado nos últimos dias e, por expressa recomendação do Mossad, era conveniente não levantar suspeitas, o que ocorreria se continuasse fechado o acesso ao topo. Se, como se esperava, as ações guerrilheiras voltassem a multiplicar-se, uma parcial “normalidade” na Massada poderia ser uma excelente fórmula para desviar a atenção dos palestinos. A presença de turistas, ainda que escassos, comportava também alguns riscos; mas a Inteligência israelense e os militares do acampamento Eleazar souberam resolver as coisas satisfatoriamente. Desde aquela mesma manhã tudo retomou seu ritmo normal, tanto no funicular quanto nas ruínas do setor norte. Os soldados “desapareceram”, e diante do portão da paliçada foi erguido um grande painel em que se lia, em inglês e em hebraico:

OBRAS DE RESTAURAÇÃO DA CIDADELA OCIDENTAL

UNIVERSIDADE HEBREIA DE JERUSALÉM
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO DA TERRA SANTA
DEPARTAMENTO DE ANTIGUIDADE DO GOVERNO DE ISRAEL
– PROIBIDA A PASSAGEM –

Nem é preciso dizer que aquele “proibida a passagem” era praticamente ocioso. O único acesso ao triângulo sul era por aquele portão. E este, desde o amanhecer daquela quarta-feira, estava, já, permanentemente vigiado por dois israelenses cuja missão básica era identificar quantos entrassem ou saíssem. Na reunião secreta do dia anterior, nossos diretores e os oficiais israelenses se haviam posto de acordo, entre outras questões, em que se estabelecessem rigorosos turnos de vigilância interna e externa do acampamento, assim como em que se criasse um curioso sistema de contra-senha. Explico-me. Cada dia – enquanto durasse a operação – o chefe da segurança receberia do Estado-Maior, em código, um nome. Esta palavra era transmitida pelo rádio à meia-noite e valia por 24 horas. A idéia deve ter sido obra de alguém que conhecia bem os pormenores das anteriores escavações arqueológicas de Yadin. Ao longo desses trabalhos, os membros da expedição – creio que um dos voluntários, domador de elefantes em sua vida normal – encontraram entre as ruínas⁶² onze pequenos e estranhos “ostraca” ou artefatos de olaria com inscrições que na Antiguidade constituíam material comum e habitual de escrita. (Convém recordar que o papiro e o pergaminho eram muito caros.) Pois bem, nesses onze “ostraca” – diferentes das setecentas inscrições achadas na Massada – apareciam vários nomes, nenhum igual ao outro, ainda que, aparentemente, escritos por uma mesma mão.⁶³ Eram vocábulos estranhos. Algo como apelidos ou codinomes. Por exemplo “Joav” ou “Joab” (nome pouco freqüente na época do Segundo Templo e que significava “homem especialmente valoroso”). Outro dos nomes era o mítico Ben Yair, que, seguramente, se referia ao caudilho zelote: Eleazar Ben Yair.

As contra-senhas usadas naqueles dias basearam-se, todas, nesses nomes. De acordo com as necessidades do acampamento, cada pessoa que o deixava recebia o santo e a senha do dia. Apenas o chefe da segurança e os guardiões do portão estavam a par do nome. Qualquer (improvável) tentativa de penetração de um estranho à operação estaria condenada ao fracasso.

Além dessa medida, os israelenses designaram, dentre seus homens liberados do serviço na “piscina”, um turno permanente de dez vigilantes, responsáveis pela segurança geral do acampamento. Nós, os americanos, de acordo com os planos do Exército, ficamos de fora dessa ingrata missão. Ainda que o acesso ao topo da Massada pelas encostas oriental e ocidental fosse quase

impraticável, os israelenses estabeleceram seis pontos de observação (três em cada uma das vertentes citadas), estrategicamente distribuídos no interior da casamata. Com semelhante manobra, os trabalhos na meseta viram-se contínua e perfeitamente protegidos.

“Demasiado protegidos”, deploramos, nós os homens do Cavalo de Tróia, ao prever que aquele férreo controle do acampamento só nos poderia trazer transtornos nos momentos decisivos da decolagem do “berço”.

Só que Curtiss não era fácil de vencer...

A rotina era quase um milagre com aquele homem. Uma vez mais ele nos surpreenderia a todos. Às 12 horas da quarta-feira, 28 de fevereiro, quando o primeiro turno de trabalho – no qual eu estava incluído – deu por terminada sua missão na “piscina”, um sorridente e familiar rosto nos aguardava no alto da pequena escada de acesso ao fosso.

Curtiss!

O General havia regressado tão inesperadamente como se fora. E, como era de seu costume, não deu grandes explicações, ao menos nas primeiras horas de sua nova estada no acampamento. O pessoal de folga o rodeou e assediou com mil perguntas, mas ele, impenetrável, limitou-se a perguntar pela marcha da montagem da estação. A verdade é que, impelidos pelos acontecimentos do Sinai e o agravamento da situação internacional, os oficiais israelenses haviam imprimido um ritmo acelerado às tarefas de montagem. Era evidente que pressentiam alguma coisa e desejavam concluir a Operação Eleazar em tempo recorde.

Eliseu, os diretores e eu quase não trocávamos palavras com o General. Bastou-nos atentar para seus olhos para compreender que ocultava “algo” especialmente grave. Decidimos esperar. Se o desejasse, não tardaria a abrir-se conosco.

E assim foi, de fato. Terminado o almoço, com a desculpa de mostrar-lhe Charlie e as admiráveis instalações levadas a cabo no reservatório subterrâneo, os diretores, meu irmão e eu tivemos oportunidade de conhecer esse “algo”. Com franqueza, hesitei no momento de narrar esta parte da operação. Transcorridos cinco anos, será que beneficia alguém o conhecimento do que aconteceu naqueles primeiros meses de 1973? Talvez não. Do que estou seguro – razão que definitivamente me impeliu a relatá-lo – é de que o mundo tem direito a saber como e até que extremos é manipulado secretamente pelas grandes potências. Meu Deus, como estamos cegos! Ignoramos tudo que se trama nos escritórios dos políticos e militares; e o pior é que muitas dessas “manobras” e “operações” confidenciais – como no caso que me disponho a expor – têm

conduzido e continuarão a conduzir à morte, à ruína e ao caos milhões de inocentes...

Sirva, pois, de exemplo o que vou dizer.

O general Curtiss explicou-nos como foi chamado pelo próprio Kissinger. No mesmo dia de sua chegada a Nova York – 25, domingo – o então conselheiro do presidente Nixon o atendera em seu apartamento de luxo do Hotel Waldorf Astoria. Dentro do mais estrito segredo, Curtiss receberia duas informações que justificaram de sobra seu precipitado chamado aos Estados Unidos. E que, certamente, o fizeram tremer...

A primeira referia-se à derrubada do Boeing 727 líbio no coração da península do Sinai. Todos – já o manifestei anteriormente – havíamos intuído que aquele acontecimento obedecia a “razões especialmente graves”. Não era normal que a Força Aérea israelense se dedicasse a metralhar aviões civis, e de passageiros, em pleno vôo... Os agentes norte-americanos em Jerusalém e Tel Aviv – sempre em estreita conexão com a Inteligência de Israel – haviam confirmado um ponto decisivo que, obviamente, jamais seria admitido pelo governo de Golda Meir: no momento do encontro entre os caças Phantom e o Boeing 727, este sobrevoava a área de Refidim. Nesse ponto, àquela época, achava-se estacionada parte do arsenal nuclear israelense. (Em outubro do mesmo ano de 1973, no transcurso das primeiras e dramáticas horas da guerra do Yom Kippur – quando o Estado judeu viu-se surpreendido pelos ataques sírio-egípcios –, o próprio Parlamento de Israel chegou a cogitar da hipótese de utilizar uma de suas bombas atômicas sobre a cidade de Damasco. Mas este tenebroso assunto nos afastaria demais do verdadeiro objetivo deste diário.)⁶⁴

A desobediência dos pilotos do avião líbio certamente crispou os nervos do Estado-Maior israelense, que deu então a ordem de neutralizá-lo. O que nunca se apurou – Kissinger, ao menos, parecia não o saber – é se o 727 chegou a registrar informações à sua passagem por Refidim, ou se, como pensavam alguns setores do Mossad, os planos secretos da base já viajavam no Boeing. Nesta hipótese, o desvio do avião podia obedecer ao intuito de confirmar o que já tinham. De uma ou de outra forma, a verdade é que o abate do 727 cortara pela raiz ambas as (verossímeis) possibilidades. (Deve-se recordar que as vítimas – incluídos os sete sobreviventes – e os restos do aparelho foram controlados desde o primeiro instante pelo Exército de Israel.)

Se isso era certo, o desacostumado silêncio do coronel Kadafi estava justificado...

Segundo Kissinger, o incidente era suspeito demais para que se lhe colasse a etiqueta de “casual” ou fosse atribuído a uma “infeliz audácia” dos líbios, inimigos mortais de Israel. O Mossad estava especialmente preocupado com

aquela invasão aérea. Como haveriam obtido uma informação tão altamente secreta? Quem estaria por trás dos medíocres serviços de espionagem da Líbia?

A resposta possível estava irremediavelmente vinculada à segunda informação proporcionada pelo conselheiro presidencial a Curtiss. Uma informação que fez empalidecer nosso chefe e nós com ele...

O bramido de Charlie era tal que Curtiss nos convidou a procurar um lugar mais sossegado. Antes, porém, abrindo as páginas de um exemplar do *New York Times*, exclamou, indicando determinada parte do jornal:

– Vejam isto! Mao também está aprendendo inglês!

Desconcertados pelo insólito comentário, precipitamo-nos sobre o jornal que Curtiss tinha na mão. Na página 6, realmente, entre outras informações das agências *United Press* e *Associated Press*, estava uma breve e discreta resenha de uma entrevista gravada nos estúdios da NBC (*National Broadcasting Company*), em Nova York. Os protagonistas: Henry Kissinger e a temida jornalista Barbara Walters.

Sob a desculpa da recente viagem de Kissinger à China e de sua entrevista com Mao Tsé-tung, Barbara havia inquirido o conselheiro presidencial acerca do inglês do líder chinês.

– Leiam, leiam! – animou-nos Curtiss. – É um diálogo que não devemos esquecer!

Olhamo-nos com estranheza. Que queria dizer? Por que não devíamos “esquecer” semelhante trivialidade?

Referindo-se a um comentário anterior de Kissinger – no qual afirmava que Mao “usava algumas frases em inglês” –, a jornalista fizera a seguinte pergunta:

“– Podia dizer-nos quais?

“– ‘Sente-se, por favor’ – respondia Kissinger.

“– Isso é mais do que o senhor pode dizer em chinês...

“– Assim é, realmente.”

Alguém do grupo quis saber de Curtiss qual seria o interesse de tão intrascendente diálogo. O chefe, depois de um pigarro simulado, lançou um olhar furtivo aos técnicos de manutenção do gerador. Continuavam distantes e alheios à nossa conversação.

– Apenas – sentenciou enfaticamente –, não o esqueçam. Pode ser-nos útil na fase “vermelha”.

Obedecemos e nos calamos. Ao cabo de minutos, quando já havíamos memorizado o diálogo, o General tornou a folhear o jornal e nos mostrou outra “surpresa”. Sobre toda a página dedicada à habitual seção de Business-Finance havia sido colada uma folha de papel mecanografada e com um cabeçalho que, a princípio, não nos disse grande coisa:

“O RAPTO DE EUROPA”.

Pelo pouco que pudemos ler, aquele documento – tão destramente camuflado – falava de um plano secreto entre a União Soviética e nosso país, os Estados Unidos. O fato, porém, é que quase não tivemos tempo de passar do primeiro parágrafo. Quando Curtiss calculou que havia captado nossa atenção, fechou o jornal e nos deixou em suspense. Galgamos os degraus de pedra e, uma vez no acampamento, o rosto do General sofreu uma drástica transformação. Dias depois, com a chegada dos novos equipamentos, seus olhos voltariam a obscurecer-se com a mesma amargura.

O Sol começava a tingir de violeta o horizonte do deserto. Sem pressa, simulando um passeio, fomos aproximando da metade oriental da paliçada. Ali, após nos sentarmos sobre os sacos de terra, a prudente distância dos israelenses, tivemos conhecimento do mais sujo e inumano projeto que qualquer mente poderia imaginar.

Curtiss abriu de novo o jornal e, com voz baixa e insegura, leu-nos aquele documento: a segunda informação – altamente confidencial – transmitida por Kissinger.

Em síntese – porque a exposição detalhada do plano poderia ocupar muitas páginas e não é esse o meu verdadeiro objetivo – estávamos diante de um acordo secreto dos dois grandes – União Soviética e Estados Unidos – para provocar a destruição moral e econômica de dois perigosos “rivais” no concerto mundial: Europa e Japão. Esses dois blocos estavam colocando em sério risco os programas econômicos e expansionistas de soviéticos e norte-americanos. Pois bem, semanas antes, Moscou e Washington haviam traçado o chamado Rapto de Europa: título em código⁶⁵ de uma diabólica manobra. Tanto o corrupto Nixon quanto o frio e impiedoso Brezhnev sabiam que a fórmula mais eficaz para lograr seus propósitos era a utilização de uma nova e infalível arma: o petróleo. Se a Europa e o império nipônico vissem cortados seus suprimentos de óleo, suas economias sofreriam violentamente. Mas como conseguiu-lo? Como fazer para que os poços petrolíferos do Oriente Médio – principais “torneiras” de alimentação da pujança do mundo ocidental – fossem fechados? E, sobretudo, como conseguir que nenhum dos “inspiradores” do macabro projeto fosse descoberto ou envolvido diretamente?

Não é preciso dizer que semelhante plano somente era conhecido pelos muito chegados a Nixon e Brezhnev.

A Operação Rapto de Europa implicava uma sinistra solução: uma quarta guerra no Oriente Médio. Um plano tão simples quanto impiedoso.

– Para isso – prosseguiu o General –, sempre de comum acordo, os “grandes” deviam manipular todos os processos a seu alcance para “estimular e

dirigir os maltratados sentimentos patrióticos dos árabes contra o sempre odiado vencedor: Israel”.

Essa guerra havia sido meticulosamente planejada pelo Kremlin e pelo Pentágono. O documento estabelecia, também, as possíveis datas para o conflito, sua duração máxima, países que deveriam enfrentar o Exército israelense, táticas a seguir, limites nos apoios logísticos e de material por parte dos Estados Unidos e União Soviética e seus respectivos “aliados” e até o número de baixas estimado nas hostilidades...⁶⁶

Entre os métodos a adotar para “elevar a temperatura da pré-guerra” na zona, o Rapto de Europa especificava uma série de gradativas mobilizações dos Exércitos árabes (desde janeiro de 1973 o Egito mobilizaria suas reservas em vinte ocasiões, intensas campanhas terroristas,⁶⁷ intoxicação da opinião pública mundial contra Israel, com a difusão de emissões de rádio que indicassem a iminência de um ataque dos israelenses em qualquer de suas fronteiras, falsas pistas e comunicados à imprensa estrangeira em relação ao “deficiente material bélico dos árabes”⁶⁸ e um pormenorizado *et cetera* que contribuiu para aumentar nossa vergonha...

A operação concluía com uma não menos exaustiva análise das posições políticas e econômicas dos países europeus e do Japão, com respeito a árabes e judeus, e das “quase certas” conseqüências da projetada quarta guerra. Conseqüências – como fatalmente sucederia – que trariam divisão entre os povos e o sombrio colapso das economias. (Nem a União Soviética, nem os Estados Unidos dependiam do petróleo árabe.) No caso do império nipônico, por exemplo, seu consumo de petróleo desde 1971 representava uns 8% de toda a produção mundial. Desse percentual, 75% procediam dos poços do Oriente Médio...

O ardil, em suma, era perfeito. No fundo, o resultado da contenda – “pré-traçado” por Washington e Moscou – era pouco importante. A chave da sinistra operação era outra: forçar o mundo muçulmano a cortar ou reduzir o abastecimento do petróleo. O fantasma de alta dos preços do petróleo fazia tempo que pairava sobre os países industrializados. Com esta “criminosa jogada” a Europa e o Japão ver-se-iam forçados a tomar posição, ou a favor do dinheiro judeu ou do fluxo (vital) do óleo árabe. A neutralidade diante da guerra era quase impensável. Até porque nem uns nem outros a perdoariam.

A sorte do Japão e da Europa estava lançada. (Basta analisar os meses que se seguiram à guerra do Yom Kippur para perceber a extensão do diabólico plano.⁶⁹ Um projeto que ninguém se atreveu a revelar até hoje.)

Era grotesco. Sentados sobre uns prosaicos sacos de terra, acabávamos de conhecer um dos segredos mais zelosamente guardados. O mais paradoxal,

porém, é que ali estávamos nós, americanos, no alto da Massada, em pleno coração de Israel, colaborando na montagem de uma estação receptora de imagens com fins de espionagem, ao mesmo tempo que nosso governo se declarava “amigo” dos judeus, forjava e consentia em uma guerra contra o seu aliado... Não era para enlouquecer?

Na opinião de Curtiss, a derrubada do Boeing líbio fazia parte da campanha orquestrada pelo plano Rapto de Europa para instigar e promover o ódio generalizado aos israelenses, assim contribuindo para a deterioração crescente da atmosfera política no Oriente Médio. Nesta linha, Kissinger lhe havia “insinuado” que, segundo seu Serviço de Inteligência, a informação sobre o arsenal nuclear de Refidim havia sido fornecida à Líbia por uma típica e tortuosa via que não inspirava suspeitas aos receptores de alto segredo. A sibilina operação foi ativada no final de 1972 pelo GRU,²⁰ serviço secreto soviético, com prévio conhecimento e consentimento da CIA. Os agentes russos expulsos do Egito em julho de 1972 pelo presidente Sadat se haviam apoderado de preciosos e precisos detalhes acerca da localização e natureza das bombas atômicas israelenses. O Mukhabarat el Kharbeiyah (serviço de espionagem do Cairo) havia pressionado os assessores soviéticos para que lhes transmitissem o que sabiam sobre tão apetitoso assunto. Mas Moscou negou-se enfaticamente. Como costuma suceder no tenebroso mundo dos serviços de informação, os egípcios, contrariados, não tiveram escrúpulo em colocar nesse campo os cada vez mais numerosos homens da CIA em terras egípcias. Em compensação, a Inteligência americana proporcionou-lhes informes²¹ de “segunda categoria” e outros, “altamente secretos”... e falsos.

O caso é que quando os russos abandonaram o país os serviços egípcios de espionagem – e, quase simultaneamente, os norte-americanos – tiveram muitas surpresas. Uma delas, por sinal, especialmente grave. Durante sua estada no Egito, os agentes do Departamento de Tecnologia e Investigação do Ministério da Defesa da União Soviética haviam efetuado provas de guerra bacteriológica no interior das pirâmides...

Aquilo foi uma comoção para a CIA. Pelo que Kissinger relatou a Curtiss, as surpreendentes alterações de radiação dentro das pirâmides favoreciam ao extremo o desenvolvimento de determinadas bactérias, altamente letais. Os egípcios não souberam o que fazer com aquela perigosa informação. Mas a CIA, sim.

Naquele mesmo verão de 1972, representantes da KBG soviética e da CIA acertaram uma entrevista em terreno neutro: Paris. Ali, uns e outros confirmaram a veracidade de suas respectivas suspeitas: os norte-americanos sabiam das atividades russas nas pirâmides e Moscou, por sua vez, do arsenal atômico

israelense e da assistência técnica de Washington ao arsenal. E, como em ocasiões precedentes, estabeleceram um pacto: cada parte arquivaria o que havia descoberto em relação à outra. Ambos os lados tinham muito que perder e, por isso mesmo, o arranjo foi rápido e simples.

Todavia, ao nascer o projeto Rapto de Europa, russos e norte-americanos entrariam em acordo e decidiriam utilizar parte daquela informação em benefício mútuo.

Era um segredo de polichinelo que a França vinha fornecendo armamento – em especial aviões Mirage – a diferentes países árabes. Um dos clientes era a Líbia. Pois bem, Washington e Moscou estenderam sua teia preparando uma sutil tramóia.

Quase ao final desse ano de 1972, três agentes soviéticos na França – Alexei Krojin, V. Romanov e Victor Volodin⁷² – receberam de seus superiores um dossiê “altamente secreto”, com a missão específica de que o deixassem cair em mãos francesas. Tratava-se de uma detalhada e fiel informação sobre a possível base nuclear de Refidin (Sinai). Um daqueles agentes russos havia organizado uma rede de espionagem dentro da polícia política francesa. A “filtragem” do dossiê, portanto, não foi laboriosa. O que as autoridades gaulesas ignoravam, naturalmente, é que – paralelamente – Kadafi havia recebido dos próprios russos algumas “insinuações”, dando-lhe a entender que Paris dispunha de uma preciosa informação sobre o arsenal atômico de Israel. Em suas conversas com o coronel líbio, os astutos soviéticos o aconselharam a pagar as altas cifras exigidas pela França pelos Mirage, “sempre e quando – em justa compensação – os franceses fizessem acompanhar os caças do valioso dossiê”. O temperamental Kadafi mordeu a isca, esfregando as mãos diante da magnífica possibilidade de obter um segredo que beneficiaria seus irmãos árabes. A ambiciosa França cedeu finalmente às pretensões da Líbia, fechando a venda de 28 aviões Mirage.⁷³ Em princípios de 1973, o documento em questão era transferido ao chefe da revolução líbia.

O resto da truculenta história é fácil de imaginar. Com uma mais que notável torpeza, Kadafi instruiu os pilotos do Boeing 727 a confirmarem a informação que chegara ao seu poder. O resultado final – de todos conhecido – “elevou a tensão no Oriente Médio”, precisamente como desejavam os “pais da Operação Rapto de Europa”...

Quando Curtiss finalizou sua minuciosa e dramática exposição, um silêncio de morte caiu sobre nós.

Não era preciso que o General nos recordasse o caráter “absolutamente confidencial” do monstruoso plano, nem tampouco o grave risco que correriam as vidas de todos nós, na hipótese de que alguém se decidisse a prevenir os

israelenses ou os árabes. Simplesmente, estávamos prisioneiros da gigantesca envergadura do próprio segredo.

Alguém, por fim, decidiu-se a fazer um comentário, lamentando que um presidente dos Estados Unidos fosse capaz de participar de semelhante aberração. E Curtiss, com as pupilas fatigadas, limitou-se a responder com umas expressões que se revelariam proféticas:

– Nixon pagará por isto... Watergate será seu verdugo...

Antes de nos recolhermos às tendas, o General fez um último esforço, aconselhando-nos a esquecer e a nos entregar à nossa verdadeira e secreta missão de paz. Kissinger, ao perguntar, interessado, pelos preparativos do Cavalo de Tróia para a “segunda grande viagem”, o havia animado a executá-la “o mais rapidamente possível”. Se o plano de Moscou e Washington prosperasse, não haveria outras oportunidades. A enlouquecida parafernália da guerra estava em marcha. Era preciso, portanto, agir com cautela e diligência.

Na manhã seguinte, quinta-feira, 1º de março, durante a sobremesa, Bahat, o supervisor, mais excitado do que nunca, meteu-se em uma acre polêmica com outros militares israelenses. O motivo não era outro senão a repentina visita a Moscou do ministro da Guerra do Egito. O general Ahmed Ismail Ali, acompanhado de representantes de todas as armas de seu país, havia iniciado na capital soviética uma suspeita rodada de conversações do mais alto nível. Ainda que essa conferência egípcio-soviética estivesse envolta em impenetrável segredo, o fato de Ismail Ali haver voado em avião especial e ser escoltado por altos oficiais de todas as armas egípcias infundiu em Israel um especial receio. Para alguns dos técnicos que polemizavam com Bahat, estávamos diante de uma perigosa fase de rearmamento egípcio. O supervisor, por sua vez, foi mais longe: “Aquela súbita reaproximação entre Cairo e Moscou” – advertiu com tanta veemência quanto razão – “só podia ser o prelúdio da guerra.”

Curtiss, em silêncio, deixava-os falar. Ao ouvir a palavra “guerra”, dirigiu-nos um olhar eloqüente, dando-nos a entender que as apreciações de Bahat não eram despropositadas. Aqueles cinco dias de entrevistas na União Soviética não tinham outra finalidade senão a de colocar os egípcios “a par de alguns dos capítulos essenciais do sinistro plano concebido por Washington e Moscou”. Naturalmente, durante as cinco horas que durou a reunião entre Ismail e Brezhnev, o *premier* russo teve o especial cuidado de não levantar suspeitas entre seus “amigos”, os egípcios, quanto aos verdadeiros objetivos e inspirações do projeto Rapto de Europa. Quando os enviados de Sadat regressaram ao Cairo, a quarta guerra se convertera em algo irreversível...

Aquele indisfarçável sentimento de perigo – paradoxos do destino! –

beneficiaria nossos planos secretos. Israel, desconfiado sempre, ativou suas defesas e redes de informação até limites insuspeitos. E uma das recomendações do Estado-Maior israelense, por sinal, afetou-nos em cheio: “A estação receptora de fotografias tinha prioridade absoluta. Não se devia poupar homens nem meios para pô-la a funcionar com fulminante rapidez”.

E os técnicos e militares israelenses – e nós com eles – se lançaram a um esgotante esforço. A estação – essa foi a ordem – deveria iniciar suas primeiras recepções de imagens em 1º de abril. Isso nos dava uma escassa margem de tempo e, conseqüentemente, novas preocupações. A mais grave, pelo menos no momento, era o combustível do “berço”. Nem os diretores do programa, nem Eliseu nem eu tínhamos a mais leve idéia de como e quando podia ele chegar até o alto da Massada. Certamente nossas notícias a respeito da “vara de Moisés” eram igualmente nulas. Mas alguma coisa havíamos aprendido naquela apaixonante aventura: a confiar em Curtiss. Assim, no decurso da primeira semana de março, ainda que essas interrogações estivessem nas mentes de todos, ninguém mostrou inquietação alguma. Simplesmente trabalhamos duro e esperamos...

Naquela quinta-feira, ao sabermos do assalto à Embaixada da Arábia Saudita em Cartum, no Sudão, por parte dos guerrilheiros do Setembro Negro, o acampamento sentiu um novo abalo. As ações terroristas, como previa o Mossad, seguiam sua inelutável espiral, favorecendo, assim, as diabólicas maquinações do Rapto de Europa.

Por fim, ao meio-dia do sábado, 3 de março, nosso chefe decidiu-se a falar. Depois de usarmos a contra-senha do dia “Yehohanan” (João) –, cruzamos o portão de saída e nos juntamos, como turistas, aos escassos visitantes das ruínas. O General, os diretores, meu irmão e eu comunicamos a Yefet que desejávamos estirar as pernas e estaríamos de volta no último horário do funicular. A tensão e o esforço daqueles dias haviam sido tais que os israelenses o compreenderam e não opuseram resistência ao que supunham um irrelevante e inofensivo passeio pelo chamado “caminho das víboras”.

De ânimo bem disposto, deixamos para trás o cume e iniciamos uma compassada descida pelo coleante caminho da face oriental da Massada.

A uns 100 metros do topo, Curtiss deteve-se. Sentou-se à beira da vereda e, baixando a cabeça, começou a desenhar estranhos signos na amarelenta e calcinada terra. Seu espírito parecia mais tranqüilo do que nos dias anteriores. Passados alguns momentos, presa de uma contagiosa excitação, deu-nos a conhecer seus planos imediatos:

– Dada a celeridade com que decorrem os trabalhos no acampamento Eleazar, é mais do que provável que na próxima segunda ou terça-feira nos

vejam os forçados a iniciar a fase secreta da montagem da estação. Nesse momento – continuou, com sua borbulhante euforia – ativaremos a última etapa do nosso plano: a “vermelha”. Como sabem, os israelenses deverão desalojar a “piscina”...

O General fez uma pausa, como que buscando as palavras e o tom adequados ao que pretendia comunicar-nos.

– ... Sei qual será a resposta dos senhores – continuou, enquanto apontava para o alto da Massada –, mas minha obrigação é perguntar-lhes. Estão os homens do Cavalo de Tróia em condições de assumir um novo e considerável esforço?

– De que tipo? – foi nossa obrigatória pergunta.

– É preciso que o módulo esteja pronto para o começo da noite de 9 de março, sexta-feira...

Olhamo-nos em silêncio. Supondo que, efetivamente, a fase secreta da montagem arrancasse na segunda ou na terça, isso significava uma margem de três ou quatro dias...

Alguns diretores moveram a cabeça, manifestando suas dúvidas...

– Para quando está previsto o lançamento? – interveio Eliseu com seu costumeiro pragmatismo.

– Para essa mesma noite de 9 – respondeu o General sem rodeios –, se é que seremos capazes de colocar o “berço” no centro do fosso...

Creio que nenhum de nós punha em dúvida a eficiência e a dedicação daquela meia centena de especialistas que nos acompanhava desde o princípio da missão. O que nos inquietava – isso mesmo dissemos a Curtiss – era a falta de notícias do combustível, da “vara de Moisés” e do resto dos equipamentos projetados para a segunda exploração. Além disso, as reservas de hélio – vitais para o funcionamento dos amplificadores maser⁷⁴ – também não haviam chegado ao alto da Massada. O General, como nós, sabia que sem os botijões de gás os trabalhos eram inviáveis.

Mas o chefe do Cavalo de Tróia, como o fizera em ocasiões anteriores ao lhe manifestarmos estas mesmas apreensões, não se alterou. Evidentemente, o que o preocupava naquele momento era saber se podia contar ou não com o supremo esforço que solicitava de nossos homens. Quando, por fim, arriscando-nos a assumir o sentimento da maioria, lhe asseguramos que o “berço” estaria pronto no lugar e no momento desejados, Curtiss aliviou a ansiedade geral anunciando-nos que, segundo os planos, tanto o hélio quanto o combustível para o módulo estavam a caminho. Ambos chegariam ao acampamento na noite seguinte, domingo... simultaneamente.

Na previsão de uma possível sabotagem palestina, o fornecimento de hélio

à estação receptora havia sido planejado – seguindo as recomendações do Serviço de Informação Militar israelense – por dupla via. Excetuadas, obviamente, as jazidas russas, o resto das reservas naturais desse gás nobre está localizado no Canadá, na Polônia e em meu próprio país: Estados Unidos. Esta circunstância e o fato de os Estados Unidos monopolizarem sua extração, manipulação e distribuição por meio mundo nos proporcionaram uma estimável vantagem. O abastecimento estava garantido, tanto em volume como em periodicidade.

Quanto à dupla via de suprimento à Massada, judeus e norte-americanos haviam estabelecido duas pontes aéreas: uma, desde a Polônia e outra, desde os Estados Unidos. Aviões cargueiros, especializados nesse tipo de transporte, deviam aterrissar em Israel no curso das primeiras horas do domingo, 4 de março. Mas um suspeito acidente de aviação, ocorrido na noite de 25 de fevereiro, forçou a mudança de parte dos planos e o sacrifício de uma das pontes: a polonesa.

Nessa noite de quarta-feira última, segundo as informações recebidas por Curtiss por volta das 23 horas, um aparelho da força aérea polonesa, tipo AN-24, se havia acidentado a uns 6 quilômetros do aeroporto de Varsóvia. Ainda que a visibilidade fosse boa, o aparelho incendiou-se em pleno vôo, perecendo seus quinze ocupantes. Procedia de Golenion, perto do porto de Szczecin, no mar Báltico. O Mossad não descartava a hipótese de um atentado. O governo polonês havia sido previamente notificado do plano de transportar um determinado carregamento de hélio para Israel com fins puramente “industriais”: como gás portador para cromatografia – e, “casualmente”, a pessoa que estava a par da tal operação comercial, o ministro polonês do Interior, Wieslaw Ocieka, viajava no avião acidentado... Como medida de segurança, o Estado-Maior israelense optou por suprimir a fonte polonesa. O abastecimento, portanto, viria unicamente das jazidas dos Estados Unidos.

O resto do passeio até a plataforma-base do funicular transcorreu em animada conversa. O General havia conseguido infundir-nos seu entusiasmo. Quase sem dar-nos conta estávamos a ponto de iniciar a “contagem regressiva” da ansiada “segunda aventura”. Não imaginávamos, naquele instante, que, dois dias mais tarde, nossas esperanças sofreriam um duro revés...

A ordem de Curtiss foi recebida com euforia pela gente do Cavalo de Tróia: “A descida dos frascos de hélio ao fundo da “piscina” assinalaria o início da fase “vermelha”. E todos nós nos preparamos para o grande momento.

No dia seguinte, domingo, com a chegada da noite, um resplendor avermelhado e cintilante e o estralejar de motores nos advertiram da

aproximação dos poderosos S-64. Os dois primeiros helicópteros-grua depositaram no cume da Massada um total de 360 bujões de heliogás (N-60). Duas horas mais tarde, outra parelha ultimava o transporte com uma carga similar. No total, 720 botijões de 9,3 metros cúbicos cada um. Reserva mais do que suficiente para garantir o funcionamento permanente (24 horas por dia) do criogênio durante 30 dias.⁷⁵ O que não podiam os israelenses suspeitar era que, confundidas entre os bujões de aço de 1,60 metro de altura e 68 quilos de peso cada um, se achavam também outras “garrafas” – idênticas na forma – mas com um conteúdo muito diferente: o combustível para o “berço”!⁷⁶ Segundo as explicações do General, a direção do Cavalo de Tróia, levando em conta a maior duração do tempo de voo do módulo neste novo “salto”, havia modificado o tipo de carburante, substituindo o peróxido de hidrogênio por uma mistura mais segura e potente. Existia, ademais, outra razão: o forte caráter oxidante do H₂O₂ desaconselhava seu transporte por via aérea. Na Mesquita da Ascensão, ainda que a manobra para a introdução do combustível houvesse sido praticamente a mesma (confundido entre o heliogás), o Cavalo de Tróia não havia tido necessidade de enfrentar, como agora, um transporte por via aérea.

O que importava, em todo caso, era que o carburante – vital para nossos propósitos – estava já no acampamento Eleazar.

Como proprietários e únicos responsáveis pela montagem dos *maser*, a manipulação do hélio N-60 foi dirigida e executada pelo grupo norte-americano. Isso era o pactuado. Os israelenses, respeitosos, deixaram-nos agir. Durante essa noite, debaixo da atenta vigilância do General, baixamos os 720 botijões até o fundo da “piscina” e os depositamos cuidadosamente, em posição horizontal, no recinto de 20 por 2 metros destinado ao armazenamento.

Ao alvorecer da segunda-feira, 5 de março, quando as nove fileiras de 80 bujões cada uma estavam dispostas, Curtiss anunciou a Yefet e aos demais oficiais que estávamos prontos para iniciar a fase secreta da montagem da estação.

Assim deu-se começo à última etapa que precederia o lançamento do módulo. Mas os “problemas”, como passarei a contar, não haviam acabado.

A equipe diretora do Cavalo de Tróia soube conjugar nossas autênticas necessidades com as dos israelenses. No protocolo prévio, Curtiss havia estabelecido, entre outras condições, um tempo máximo de duas semanas para a completa montagem do instrumental “secreto”. Durante esse período – tido como aceitável pelo Estado-Maior israelense – a presença de técnicos e militares judeus no acampamento Eleazar ver-se-ia reduzida consideravelmente. Apenas uma mínima parte dos cinquenta homens permaneceria no cume e, naturalmente,

sem possibilidade de acesso ao interior da estação. Foram mantidos os serviços de vigilância, cozinha e supervisão de Charlie e do tanque de armazenamento de gásóleo. Yefet, como chefe do acampamento, foi o único oficial autorizado a continuar na meseta, responsável que era pelas comunicações.

Naquela manhã de segunda-feira, 34 israelenses abandonaram temporariamente a Massada dispostos a desfrutar de um merecido descanso. Sua volta foi fixada para terça-feira, 20 de março. Esta era, portanto, a margem de que dispúnhamos para preparar o “berço” para o lançamento e posterior regresso. Se não surgissem inconvenientes, a hora zero – vale dizer, a decolagem do módulo – teria lugar na noite de sexta-feira, 9 de março. (Curtiss manteve em segredo a hora exata até a manhã desse novo histórico dia.) De acordo com esses planos, Eliseu e eu nos “ausentariíamos” por um período de dez dias. A missão deveria estar concluída, improrrogavelmente, na madrugada de 19 para 20 do mesmo mês de março. Todavia, como havia sugerido Eliseu em uma das múltiplas sessões de trabalho do Cavalo de Tróia, nossa permanência real “no outro lado” não seria de dez dias.

A manipulação dos *swivels* nos oferecia a oportunidade única de “viver” um período indefinido (inicialmente fixado em 40 ou 50 dias), e voltar ao nosso presente cronológico (1973) no instante desejado. Como também insinuei, a idéia tropeçou a princípio com a resistência, lógica, de alguns dos diretores do projeto. Não havia informação sobre as possíveis repercussões dessa extrema manipulação do tempo no organismo humano. Era provável que nada sucedesse. Mas, com base nessa mesma lógica, tampouco podíamos ignorar a hipótese contrária. O que era certo, todavia, é que estávamos dispostos a levar a efeito uma experiência singular: viver um “tempo” – biológico e cronológico – mais prolongado e teoricamente dissociado do nosso “agora” real.

Apesar das compreensíveis dúvidas, a missão se afigurava tão fascinante, quer do ponto de vista histórico, quer do científico, que os diretores terminaram por ceder, assumindo, do mesmo modo que nós, o possível risco. Quem haveria imaginado, àquela altura, que a genial idéia de Eliseu nos conduziria a uma “terceira e maravilhosa” experiência... e à morte?

Os homens do Cavalo de Tróia, tal como supúnhamos, aceitaram entusiasmados o novo desafio. Tínhamos quatro dias e algumas horas para colocar o módulo no centro da “piscina” e lançá-lo. E às 12 horas daquela segunda-feira, 5 de março, com uma certa solenidade, o fecho hidráulico foi acionado, sepultando no fosso meia centena de técnicos e engenheiros em estado de absoluta euforia.

Contra o desejo geral, Curtiss estabeleceu um rigoroso sistema de turnos de trabalho. Não convinha nos arriscarmos a despertar suspeitas entre os israelenses

que nos acompanhavam lançando-nos – como queria a equipe – a um trabalho em massa e sem pausa, todos nós, americanos, metidos todo o tempo debaixo da terra. De outro lado, além do necessário descanso, os homens de folga deveriam vigiar estreitamente os passos e a atitude de nossos “aliados”.

Como medida de precaução, a cobertura do fosso só seria retirada alguns minutos antes do lançamento do “berço”. Até esse instante, as entradas e saídas do pessoal se efetuariam pelas escotilhas de emergência, abertas no fecho do fosso, precisamente no centro, junto aos lados oriental e ocidental do grande retângulo, respectivamente. Dessa forma, nossas manipulações no interior da estação ficariam a salvo de qualquer olhar indiscreto.

Enquanto os técnicos faziam a rápida desmontagem dos sete grandes cubos de “pedras” alaranjados depositados no centro da “piscina”, Curtiss e outros especialistas se ocuparam da exaustiva revisão dos botijões de hélio. Ainda que, à primeira vista, todos fossem iguais, logo me dei conta do que diferenciava os que continham o combustível. Em sua parte superior – na área da ogiva cor de tabaco – havia uma etiqueta de contraste que, habitualmente, vem no corpo da peça. Junto à indicação da pressão (200 bares) aparecia, igualmente, uma fórmula de falso conteúdo.²⁷

Era preciso conhecer-se bem o que constitui uma fórmula típica do hélio N-60 para detectar-se que um de seus componentes – o O₂ – estava ligeiramente alterado em sua proporção. Em lugar de 0,15 ppm, Cavalo de Tróia havia colocado 0,16. Esta ligeiríssima diferença no índice de oxigênio e a posição das etiquetas nas cabeças dos bujões, bem junto às correspondentes torneiras, era a chave para distinguir umas das outras.

Subitamente, porém, Eliseu e eu experimentamos uma profunda emoção. Ao retirar os painéis de cor de laranja – que outra coisa não eram senão grossas pranchas de aço, recobertas exteriormente por uma delgada placa de pedra dolomítica – o módulo, a nossa querida nave, surgiu aos nossos olhos. E, ao acariciar-lhe as peças, uma torrente de recordações e sensações invadiu-nos a ambos...

Tudo correu normalmente até pouco depois daquela comunicação da plataforma-base da estação do funicular. Pelas 4 horas da tarde de terça-feira, 6 de março, Yefet anunciou ao General a chegada dos dois técnicos norte-americanos que dias antes haviam voado para os Estados Unidos com os estojos blindados que, oficialmente, continham “material de laboratório”. O regresso de nossos companheiros com a “vara de Moisés” encheu-nos de alegria. Tudo parecia sair na medida dos nossos desejos... Todavia, para Curtiss e para mim, essa satisfação ver-se-ia ofuscada por uma das notícias que traziam os viajantes

procedentes da base de Edwards.

O próprio chefe do Cavalo de Tróia, acompanhado por alguns homens que no momento estavam de folga, saiu ao encontro dos recém-chegados, carregando para o interior da “piscina” as urnas que continham as diferentes peças que deviam integrar minha saudosa “vara” e dois volumosos arcazes de aço sobre os quais se liam idênticos rótulos: “Frágil. Material de laboratório”.

Os responsáveis por esse transporte fizeram a entrega a Curtiss de dois envelopes lacrados. Ali mesmo, diante da mal dissimulada curiosidade dos técnicos, que se empenhavam na preparação do módulo, o General abriu um deles. Depois de examinar os documentos, terminou por passá-los a um dos diretores. A informação que ele recebera – à qual me referirei daqui a pouco – estava relacionada com os novos equipamentos a serem instalados no “berço”. E incluía, igualmente, uma série de instruções sobre as modificações introduzidas na “vara de Moisés” e no meu equipamento pessoal. O novo instrumental achava-se nos baús metálicos.

A leitura da segunda mensagem foi muito diferente. O General, surpreendido pelas informações, empalideceu. Um dos documentos, em especial, devia conter alguma coisa sumamente grave. Não satisfeito com uma primeira leitura, repassou-a mais uma vez, enquanto um quase imperceptível tremor dos dedos o traiu. Maquinalmente, estendeu a primeira mensagem a outro dos diretores, guardando a que tão profundamente o havia impressionado. Então, com o semblante alterado, procurou-me no meio dos homens e dirigiu-me um olhar significativo. Tive a intuição, nesse instante, de que a informação dizia respeito a mim e, presumivelmente, a meu irmão de expedição. Mas em que sentido? Por que se alterara daquela forma o frio e veterano militar? A resposta, desoladora, chegaria nessa mesma noite.

A partir desse momento, pretextando uma persistente dor de cabeça, nosso chefe desapareceu do fosso. E, após solicitar permissão para deixar o acampamento, perdeu-se na solidão das ruínas do setor norte da meseta. Era evidente que necessitava meditar e – quem podia suspeitar no momento – tomar uma decisão crítica.

Eliseu, alguns diretores e eu trocamos um olhar cheio de funestos presságios. Mas as tarefas na estação seguiram o ritmo costumeiro.

Antes de nos recolhermos, Eliseu e eu fomos requisitados pela equipe de diretores que nos mostrou um dos documentos: o conteúdo do segundo envelope. Procedia do Centro Geológico do Colorado e era a resposta dos especialistas em terremotos aos sismogramas obtidos no monte das Oliveiras no inesquecível dia 7 de abril do ano 30. Exatamente como presumia o Cavalo de Tróia, as análises concluía por uma “apreciável explosão subterrânea” como a explicação mais

verossímil do que aparecia nos registros digitais e analógicos. Naturalmente, os sismólogos não haviam sido informados nem do lugar nem da data em que haviam sido captados aqueles movimentos telúricos. Por essa razão, os especialistas em sismologia – ainda que determinassem a magnitude dos abalos, a possível energia liberada na suposta explosão e outros parâmetros complementares – insistiam na necessidade de conhecer, sobretudo, as coordenadas da estação sismográfica da qual procediam os misteriosos sismogramas. Com esse dado e com a data exata dos movimentos sísmicos – esquecimento qualificado de incompreensível pelos *experts* do Colorado –, seria possível uma consulta à rede de estações mais próxima, completando assim o estudo.⁷⁸ Certamente a equipe do Cavalo de Tróia jamais lhes proporcionaria os informes solicitados e supostamente “esquecidos”.

Para nós era mais do que suficiente a confirmação de que estávamos ante uma série de tremores provocados por uma explosão e não por um terremoto comum e habitual.⁷⁹ À vista das ondas longitudinais – do tipo “P” –, muito claras, e das que foram registradas a seguir – superficiais – menores e regulares, os sismólogos haviam determinado a magnitude do segundo abalo entre 6,0 e 6,9, inclinando-se, com certas reservas, para 6,5. A energia liberada para esta última magnitude correspondia a $5,6 \times 10^{21}$ érgios. Em outras palavras, uma detonação equivalente a uns 125 quilotons, com uma intensidade, segundo a escala de Mercalli, de VII, aproximadamente.⁸⁰

Graças a uma conscienciosa análise dos tempos de chegada das ondas “P” e de outros parâmetros mais complexos, Cavalo de Tróia tinha a certeza de que a misteriosa “explosão” havia ocorrido a várias centenas de milhas a leste-sudeste de Jerusalém. Talvez em alguns dos domos ou cúpulas salinas ou no interior de uma cavidade natural, nos depósitos estratificados de sal dos desertos de Nefud ou de Dahna. Esta verificação veio confirmar nossa idéia inicial: o terremoto descrito pelo evangelista nos momentos que precederam a morte do Filho do Homem não foi casual nem podia ter origem natural. Principalmente em uma zona, como Israel, de baixo índice de ocorrências desse tipo. Aquele era um motivo a mais para realizarmos nosso plano de “voltar”. Curtiss, os diretores e nós mesmos estávamos de acordo em um ponto: uma prospecção na área da detonação podia lançar muita luz sobre tão incrível fenômeno.

Parece que a irrupção de Eliseu em minha tenda foi providencial. Eram 9 da noite e o General continuava sem dar sinais de vida. Preocupado, meu companheiro animou-me a sair em sua busca. Não era normal que em plena fase “vermelha” Curtiss se ausentasse durante tanto tempo.

A benigna temperatura daquela terça-feira e o reluzente firmamento da

Massada convidavam a passear. Assim, providos de lanternas e da contra-senha, deixamos para trás a paliçada.

Em silêncio, e em uma crescente inquietude, como se pressentíssemos alguma coisa, escolhemos o labirinto dos armazéns herodianos e rumamos para o palácio do norte. Uma vez na “proa” do “porta-aviões” de pedra, distinguimos no mesmo instante a escura silhueta do General. Encontrava-se reclinado sobre a balaustrada semicircular que fecha o terraço superior.

Ao ouvir nossos passos voltou-se lentamente.

– Eu os esperava – exclamou com voz inflamada.

Uma familiar corrente de fogo – prelúdio infalível de situações graves ou comprometedoras – percorreu-me todo o corpo.

– Esperava-os – repetiu, já agora com um fio de voz. E, introduzindo a mão direita em um dos bolsos do seu blusão de trabalho, mostrou-nos os documentos que o haviam perturbado no fosso.

Nem Eliseu nem eu nos atrevemos a articular palavra alguma.

– Tenho más notícias – anunciou, por fim, com o rosto descomposto. – Esta informação, absolutamente confidencial, vem de Edwards...

– E então?

A voz de meu irmão saiu cheia de impaciência.

– Se isso for certo, talvez tenhamos cometido um erro irreparável...

Visivelmente esgotado, Curtiss deteve-se de novo. Eliseu fez um gesto de arrebatá-lhe da mão os papéis, mas eu o contive e pedi-lhe calma.

– Será melhor que, como médico, o leia e opine. – E me estendeu o papel.

Assim fiz. E, depois de uma atropelada leitura, também minha expressão foi de perturbação.

Eliseu, sem pestanejar, esperava minha palavra.

– Bem – balbuciei sem demasiada convicção – ... Isso não parece definitivo...

– Pelo amor de Deus! – explodiu meu companheiro. – Que diabos está acontecendo?

– Os rapazes de Mojave – comecei a explicar, buscando termos pouco complicados – descobriram “algo” de anormal nas ratas de laboratório. “Algo” que, a meu ver, guarda estreita relação com as experiências de inversão de massa dos *swivels*. “Algo” que pode afetar também nossos cérebros...

Diante da expressão de incredulidade de Eliseu, optei por mostrar-lhe várias das microfotografias que acompanhavam os documentos. Em uma delas, assinalados com uma flecha, apareciam os pigmentos do envelhecimento (lipofucsina), típicos da passagem do tempo nos neurônios e em outras células fixas posmitóticas ou sumamente diferenciadas dos mamíferos e demais animais

multicelulares. A microfotografia mostrava o aspecto característico de tais pigmentos em um neurônio do cérebro de uma rata de 8 meses.⁸¹ (A imagem havia sido aumentada 500 vezes.)

– ... A presença desses pigmentos de envelhecimento – prossegui, sem demasiadas esperanças de que Eliseu captara o dramático sentido de minhas palavras – seria normal, não fora por um “detalhe”... arrepiante: esses neurônios das ratas de laboratório estavam sucumbindo ver-ti-gi-no-sa-men-te, por haverem sido submetidos a sucessivos processos de inversão de massa. O que, em um processo normal de envelhecimento houvera necessitado meses ou anos, em tais circunstâncias se dera em questão de dias... Não sei se me explico com suficiente clareza.

– Mas por quê? – interpelou-nos Eliseu, intuindo o alcance daquelas descobertas.

– Isso ainda não está claro – tornei eu, indicando o informe. – Parece que durante a fase infinitesimal de tempo da inversão dos *swivels* “algo” afeta os neurônios, superexcitando-os ou estressando-os, com o conseqüente e galopante consumo de oxigênio.⁸² E isso, como talvez você saiba, é uma arma de dois gumes. O homem, em sua dependência aeróbica de ser pluricelular altamente diferenciado, deve ao oxigênio sua vida e seu envelhecimento. Estamos, em suma, ante a teoria dos chamados “radicais livres”, proposta pelos doutores Harman, Nagy, Hosta e outros.⁸³ Os radicais livres, para que me compreenda, não são outra coisa que o oxigênio normal transformado e ativado pelas células. Pois bem, se excitamos um neurônio, seu consumo de oxigênio se multiplica e os R-OH (radicais livres) atuam como poderosos e corrosivos oxidantes, acelerando-lhe o envelhecimento e causando-lhe a morte. Como vê, paradoxalmente, um gasto anormal de oxigênio pelos neurônios leva-nos, inapelavelmente, a uma involução senil. Ainda que exista toda uma gama de fatores ambientais e de dieta que contribuem igualmente para a ação oxidante dos R-OH, o estresse é, possivelmente, um dos grandes algozes. Você tem reparado como e a que velocidade envelhecem os estadistas e os executivos?

Meu companheiro caiu em profundo abatimento.

– Todavia – tornei, tentando animá-lo e animar-me –, isso não pode ser tomado como fato consumado. Afinal de contas, os resultados sobre animais de laboratório nem sempre são aplicáveis ao homem...

Curtiss e meu irmão escutaram-me com benevolência. O certo é que nem eu mesmo concedia demasiada credibilidade a tais raciocínios. No fundo não podia compreender meu próprio comportamento. Eu, como Eliseu, talvez fosse vítima de um erro fatal da Operação Cavalo de Tróia. E, no entanto, em lugar de mostrar-me nervoso, ou assustado, estava lutando por negar importância ao

assunto. Nunca consegui explicar a mim mesmo o porquê daquela ilógica serenidade...

– O certo – argumentou o General abandonando seu mutismo e retomando os documentos – é que estamos diante de uma grave possibilidade. E, para confirmá-la ou não, só há um meio: voar para casa e submetê-los a um minucioso *check-up*. Aqui não dispomos de especialistas nem de meios adequados. Se o processo de inversão de massa afetou também seus cérebros, quem sabe estamos ainda a tempo de evitar uma catástrofe...

E o militar, erguendo um olhar para as estrelas, suspirou ruidosamente, para em seguida encerrar-se em nova e profunda meditação.

Um estranho temor tomou-me dos pés à cabeça. Eu sabia o que representavam as últimas palavras do chefe do projeto. Mas uma súbita e importante pergunta de meu companheiro distraiu meus temores.

– Diga-me, Curtiss, por que não fomos advertidos antes do primeiro “salto”? Será que a falha não foi detectada nas experiências preliminares?

Inadvertidamente, com sua segunda pergunta, Eliseu mesmo havia respondido.

O General esboçou um amargo sorriso.

– Está insinuando que, se o houvesse sabido de antemão, Cavalo de Tróia os haveria lançado a essa aventura?

– Não, suponho que não... – reconheceu Eliseu, baixando os olhos.

– Só o que posso dizer-lhes – revelou-nos Curtiss, como que rogando indulgência – é que, em todos os ensaios prévios com animais de laboratório, o controle e a observação dos *experts* centraram-se no comportamento das funções vitais das cobaias. E jamais foi detectada alteração grave. Certamente, agora o sabemos, devíamos ter insistido nas explorações com os *scanners*, ao nível cerebral, como sugeriu o doutor Shock, de Baltimore...

Deus meu! Aquela confissão trouxe-me à memória a inexplicável obsessão do General pela nossa segurança pouco antes do lançamento do módulo na Mesquita da Ascensão. E ainda que nunca chegasse a reprová-lo, naquele momento eu tive a certeza de que o chefe da operação sabia “algo”, muito antes de janeiro de 1973.

– ... Mas quem poderia supor que se registraria uma alteração dessa natureza e num ponto tão remoto como a colônia de neurônios?

Nisso Curtiss estava com a razão. De outra parte, a má sorte – ou não foi a “má sorte”? – fizera com que a maioria daqueles animais utilizados nas inversões dos *swivels* fosse abandonada ou sacrificada uma vez concluídas – “satisfatoriamente” – as provas. O caráter secreto e militar do Cavalo de Tróia e a pressa sempre implícita nessas operações conflitavam, evidentemente, com

uma autêntica e sensata política de investigação científica... Mas nada disso tinha mais conserto. Cumpria enfrentar os fatos.

Agora entendia eu a razão da palidez do General na “piscina” e o porquê do seu isolamento no rochedo. Sentia-se responsável. E, de pronto, à semelhança de uma pancada, anunciou-nos o que, sem dúvida, era fruto de uma prolongada e penosa reflexão:

– Está decidido... Não haverá uma segunda viagem.

Fiquei paralisado. Praticamente, sentime pregado no solo da Massada. E o General, sem mais comentários, fez menção de retirar-se. Não fosse por Eliseu, ali mesmo tudo estaria acabado. Mas meu companheiro, recuperada sua habitual frieza, interpôs-se em seu caminho. E, pousando suas mãos nos ombros de Curtiss – um gesto muito “familiar” para mim –, falou-lhe nos seguintes termos:

– Um momento. Creio que você está equivocado...

Cansado, o General fitou-o sem compreender.

– Afinal – continuou Eliseu com calor – somos nós que deveremos tomar essa decisão. São nossos cérebros os teoricamente lesados. Se a descoberta de Edwards não fosse sobre nós, reconheço que haveríamos perdido uma oportunidade única. Se, ao contrário, estão certos, e nossos neurônios foram danificados, esta – guarda bem! – é uma ocasião que não podemos nem devemos desperdiçar...

Curtiss moveu a cabeça, aturdido.

– Escute, velho cabeçudo! Achemo-nos a um passo da decolagem. Você mesmo o reconheceu: agora é impossível analisar nossos malditos cérebros. Em compensação, se continuarmos com o plano previsto, a terceira e a quarta inversão podem lançar novos e preciosos dados sobre o problema. Como você vai compreender, tanto Jasão como eu nos prestaríamos a uma missão mortal ou irreversível. Entendo que os médicos e especialistas poderiam, talvez, encontrar um atalho ou remediar mais eficazmente a hipotética alteração neuronal, se contassem com uma série de comprovações.

Meu irmão procurou apoio ao seu duvidoso posicionamento, lançando-me um olhar que jamais esquecerei. Deixando-me guiar pela intuição, terminei, então, de encurralar o frágil ânimo do nosso chefe.

– Estou de acordo. Se realmente estima nossa vida, permita que sigamos adiante. Apenas – rematei com toda autoridade de que fui capaz – exigimos um minucioso controle no instante da inversão dos *swivels*. Como você já pôde observar, as condições, físicas e mentais de seus astronautas são impecáveis. E mais – acrescentei sem demasiada convicção –, duvido muito que nossos neurônios estejam lesados...

Aquela meia verdade se reduziria a nada em meu coração quando, quase

simultaneamente, lembrei a aparição, em minha pele, de escamas e manchas cor de café. Era mais do que provável que tais incipientes sintomas de envelhecimento estivessem dando razão aos cientistas da base Edwards. Mas, graças aos céus, Curtiss não foi informado... ao menos naquela altura dos acontecimentos.

Eliseu e eu percebemos uma onda de complacência no ressuscitado olhar de nosso amigo.

– E então? – incitou-o meu irmão.

O General pigarreou, tentando ganhar tempo:

– Não sei – murmurou teimosamente.

– Curtiss! Em nome de nossa amizade: confie em nós!

– Não sei... Tenho de pensar.

E, safando-se das mãos de Eliseu, deu-nos as costas e caminhou no rumo do acampamento. Segundos depois deteve-se, girou sobre os calcanhares e, com os olhos úmidos, sussurrou:

– Deus os abençoe.

Aquela noite de terça-feira, 6 de março, foi simplesmente um pesadelo. Suponho que Curtiss, como nós mesmos, não conseguiu dormir. Friamente, na solidão de minha tenda, a informação procedente do deserto de Mojave se instalava para todo o sempre em minha vida. Os dados eram escassos e pouco contrastados, mas tragicamente corretos. Eu o sabia. No fundo, e da minha perspectiva atual, talvez deva agradecer à Providência que as coisas se passassem assim. Não fosse a chegada daquela correspondência, nem meu companheiro nem eu teríamos tomado uma “decisão” como a que – afortunadamente – adotamos em plena segunda exploração... Mas essa é outra “história”, que deverei contar mais adiante.

No momento – e nisso não havíamos mentido – nossos cérebros continuavam funcionando normalmente. Mas... até quando? Na miscelânea das explicações científicas expostas no fatídico documento, uma havia que, intencionalmente, apanhei de soslaio em nossa conversa no extremo norte da Massada. Segundo os neurofisiólogos, a maior parte das mutações observadas nos cérebros dos ratos registrava-se no hipocampo.⁸⁴ E eu sabia que essa área cerebral regula o conceito e a sensação de espaço e tempo. Em inúmeros casos de demência senil, por exemplo, o envelhecimento do hipocampo é uma realidade clara e indiscutível. Que sucederia com Eliseu e comigo se nossos hipocampos se vissem igualmente lesados? Uma perda de memória, em tais circunstâncias, só para dar um exemplo, teria sido o fim...

Assaltado por esses e outros menos funestos pensamentos, acabei por abandonar a cama e sair da tenda. Uma ligeira brisa havia começado a soprar do

norte, fazendo baixar a temperatura e arrancando intermitentes cintilações brancas e azuis das estrelas. E comecei a caminhar sem rumo. À exceção dos dez vigilantes israelenses e do pessoal do turno que trabalhava no interior do fosso, o resto do acampamento dormia placidamente. Contornei a margem norte da “piscina” e, à busca de um lugar solitário, dirigi-me ao setor oriental da paliçada. Quando me achava a poucos metros dos sacos de terra, a inesperada presença de um vulto escuro sobressaltou-me. Ao ver-me, o indivíduo pôs-se em pé e avançou em minha direção. Era tal a obscuridade que só quando chegou a 1 metro de mim é que distingui a robusta silhueta de Eliseu. Como no meu caso, tampouco ele tinha podido conciliar o sono. Mas suas razões eram outras.

Sentados sobre os sacos, sem que fosse necessário que eu o pressionasse, abriu-me seu coração, confessando-me por que havia adotado aquela valente e insólita postura diante do General. De certo modo, aquela atitude de meu irmão não era surpresa para mim. Durante nossa estada em Jerusalém, Eliseu já me havia dito: “Desejo, necessito ver Jesus de Nazaré... frente a frente”. E aquela segunda oportunidade talvez não voltasse a apresentar-se. Não podia permitir que uns malditos informes médicos, por mais graves que fossem, arruinassem seus propósitos.

– E mais – acrescentou com veemência – se for preciso, continuarei fingindo e mentindo.

– Mentindo? – interrompi-o sem compreender.

– Querido amigo – continuou ele, como se lesse meus pensamentos –, seu destino e o meu estão unidos. Não nos enganemos. Você sabe muito bem que não fui sincero ao antepor o interesse científico da missão à nossa sobrevivência. Não me preocupa saber se, com as novas inversões de massa, se estancará ou não o mal que se instalou em nosso organismo. Foi a primeira coisa que me ocorreu naquele crítico momento e foi como se Deus me houvesse iluminado... Curtiss duvidou. Você não pensa assim?

– Decerto que não. O General – disselhe sem dissimulação – não é homem fácil de enganar. Mas em alguma coisa você teve razão, e ele soube captá-lo e agradecer: a decisão de levar a cabo a segunda exploração depende, agora mais do que nunca, de nós dois...

Eliseu conhecia bem minha posição a esse respeito. Todavia, com sua natural ingenuidade, forçou-me a expô-la mais uma vez.

– Está bem – tranqüilizei-o – também eu desejo “voltar”. E compartilho seus sentimentos: não é a busca de um remédio para o nosso mal que me move a isso. É “Ele” que me impele...

Meu companheiro sorriu satisfeito. E, ainda que ambos soubéssemos que a última palavra quem a tinha era Curtiss, deixamo-nos arrastar pelo entusiasmo e

a esperança, discutindo e analisando, até o amanhecer, os pormenores de nossa segunda e ainda hipotética missão.

E justamente ao alvorecer nossas dúvidas ver-se-iam dissipadas...

– Bom-dia, rapazes!

Eliseu, perplexo, não conseguiu responder ao General. Quase tive de arrastá-lo até a mesa em que, sozinho, o General tomava uma fumegante e apetecível xícara de café. A fisionomia de nosso chefe parecia transfigurada. Aquela cordialíssima saudação e o sorriso aberto, tão oposto ao sombrio semblante da noite anterior, deixaram-nos admiradíssimos. Que teria ocorrido?

Divertido, ele repetiu o bom-dia e, depois de tomar os últimos goles, foi direto ao que desejávamos ouvir:

– Vocês ganharam. A missão seguirá adiante.

Pouco faltou para que meu irmão saltasse sobre ele, abraçando-o. Curtiss e eu o contivemos, fazendo-lhe ver que não estávamos sós no refeitório.

– ... Sobretudo – sentenciou, enquanto assinalava com seu dedo indicador os documentos que conservava em um dos bolsos – que ninguém saiba, ao menos até que regressem, da existência do informe médico.

Aceitamos com um pronto e afirmativo movimento de cabeça. Mas, enquanto Eliseu, com o ânimo refeito, despachava vorazmente seu desjejum, Curtiss leu em meu olhar: “Que o havia feito mudar?”.

– Suponho que vocês têm direito a saber o porquê desta decisão.

O militar esfregou a face brandamente, cerrando os cansados e avermelhados olhos. Quando baixou as mãos, já, o sorriso inicial se havia transformado em um ricto severo.

– Como sabem, os graves acontecimentos que se aproximam no Oriente Médio já sentenciaram a Operação Cavalo de Tróia. Esta é, portanto, nossa última oportunidade de “voltar”. E desde que vocês, meus queridos “exploradores”, livre e voluntariamente, colocaram o interesse histórico da missão acima de sua própria segurança e sobrevivência, não serei eu quem se oporá. Entendo que há momentos na vida de todo ser humano nos quais um ideal pode e deve pairar acima, até, dos interesses pessoais. Nenhum de nós, agora, tem perfeita consciência da transcendência do que temos em mãos. Será a História que um dia julgará a Operação Cavalo de Tróia.

E, antes de retirar-se, comovido, resumiu seus sentimentos com as mesmas palavras que pronunciara diante do palácio de Herodes:

– Que Deus os abençoe...

Tal como eu imaginava, ainda que houvesse feito alusão ao “interesse histórico e científico da missão”, ao General não escapara a verdadeira motivação da nossa decisão de prosseguir. Curiosamente, nós três nos havíamos

convertido em cúmplices de um “sonho”...

Trinta e seis horas antes do lançamento do “berço”, a atividade na “piscina” atingira um ritmo extraordinário. O renovado otimismo de Curtiss foi, aliás, determinante. Tudo estava pronto. O módulo, definitivamente montado, e com os novos equipamentos já embarcados, só esperava o abastecimento dos tanques de combustível. Entretanto, por estritas razões de segurança, o combustível não seria transvasado até a manhã do dia seguinte, sexta-feira.

O resto daquela quinta-feira, 8 de março, ainda que arrastássemos o cansaço de uma tensa e dramática noite de vigília, transcorreu num abrir e fechar de olhos. As reuniões com a equipe de diretores sucederam-se até bem entrada a tarde. Os planos da segunda operação foram revistos várias vezes, com especial atenção aos obrigatórios vôos da nave da Massada ao monte das Oliveiras e vice-versa. Todos tínhamos noção da transcendência dessa navegação. Qualquer falha, fosse na ida, fosse no retorno ao rochedo, podia ser desastrosa. Mas deixarei para mais adiante os pormenores do nosso plano de vôo, assim como a descrição de algumas das inovações introduzidas no módulo e nos equipamentos com vistas a essa fascinante exploração no ano 30 da nossa era. Mas desejo anotar, aqui e agora, um fato ocorrido nessa mesma noite de quinta, e que, em minha opinião, confirmou o que já sabíamos em relação às verdadeiras e profundas motivações do general Curtiss no momento em que autorizou aquele segundo lançamento.

Por outro lado, penso que – de acordo com minha intenção de transcrever fiel e escrupulosamente tudo quanto vi e ouvi na Palestina de Cristo – este é o momento próprio para encaixar um relato que havia ficado pendente: as conversações de Jesus de Nazaré com seus íntimos na histórica “última ceia” da quinta-feira, 6 de abril. Por motivos estritamente éticos, como assinalei em páginas anteriores, não me fora permitido estar presente a esse tão notável acontecimento. Graças, porém, às gravações captadas no módulo e a meus diálogos com André, o irmão de Simão Pedro, a histórica reunião pôde ser reconstituída pelo Cavalo de Tróia. Antes de entrar na transcrição da fita, é minha obrigação recordar algo que já aponte antes: pela enésima vez, como inevitável consequência da passagem do tempo, muitas das palavras do Mestre da Galiléia naquela “última ceia” seriam mutiladas, omitidas e, o que é pior, adulteradas pelos chamados escritores sagrados e, em última instância, pela própria igreja. Com o decorrer dos séculos, a maravilhosa mensagem proferida por Jesus naquela “Quinta-Feira Santa” viu-se reduzida a uma simples “fórmula matemática”. Uma caricatura...

Foi ali pelas 10 da noite. Eu me havia retirado para descansar, quando, de

súbito, apresentou-se na tenda um dos vigilantes israelenses. Curtiss chamava-me. Em um primeiro momento supus que se tratasse de alguma comprovação técnica. Mas, ao ver que nos dirigíamos para o portão da paliçada, minha curiosidade voltou a estimular-me. Ao transmitir-me o santo e a senha, o judeu indicou o palácio do norte, explicando-me que o General e outro companheiro me aguardavam junto ao terraço superior. Um tanto alarmado, tomei o rumo indicado e, realmente, encontrei lá, relaxados, em animada conversa, meu irmão e o general Curtiss.

Ao ver-me, Curtiss convidou-me a sentar-me junto deles, sobre o solo do terraço. E, sob o branco silêncio de milhares de estrelas, em um tom doce, quase suplicante, rogou-me que antes de partir lhe satisfizesse um íntimo desejo, materialmente sufocado até então pelas circunstâncias:

– Fale-me sobre Ele!

Certamente, os nada felizes acontecimentos em que nos havíamos envolvido desde que pousáramos o módulo no hangar da Mesquita da Ascensão, as viagens e sua transferência para a Massada, não nos haviam permitido uma serena e repousada troca de impressões sobre a incrível figura que havia motivado nosso primeiro “salto”. E ainda que me sentisse feliz por poder falar de Jesus de Nazaré, de sua enorme atração humana, de suas palavras e de sua fascinante personalidade, tive especial cuidado em não mostrar demasiada veemência. A sagacidade do General não tinha limites e um erro nesse sentido, revelando meu entusiasmo por Ele e pondo em dúvida nossa obrigatória objetividade como “exploradores de outro tempo”, poderia ter tido, talvez, efeito mais severo que o da descoberta de Edwards. E mais. Sangrando-me em saúde, manifestei certas dúvidas em torno de sua pretensa ressurreição, acrescentando, tendenciosamente, que a “nova exploração” poderia ser altamente esclarecedora nesse sentido.

Durante várias horas Curtiss ouviu meu relato sem quase formular perguntas. Mas, ao chegar à noite de “Quinta-Feira Santa” e lembrar-lhe que as palavras do Nazareno e de seus apóstolos haviam ficado gravadas no “berço”, o General, com a voz entrecortada por uma súbita emoção, pediu-me que aguardasse. E, abrindo o zíper do seu blusão, apanhou um pequeno pacote, envolto em papel de jornal, colocou-o em terra e, cerimoniosamente, passou a desembulhá-la.

Ao vermos do que se tratava, Eliseu e eu nos olhamos, adivinhando logo quais eram suas intenções. Então, uma torrente de sensações se propagou pelo meu interior, turbando-me a mente.

Curtiss acionou o diminuto gravador e uma nostálgica voz – doce, profunda e brilhante como aquele firmamento – encheu o silêncio da montanha,

crispando-me a pele. O dedo do General deteve o giro da fita e a fez retroceder até o início da gravação. Uma gravação que eu conhecia muito bem...

– Jasão, um último favor...

Não pude responder. Um nó havia cerrado minha garganta.

– ... Quero que você me traduza suas palavras.

Como não me ouvisse responder, Curtiss deve ter pensado que àquela altura, 2 da madrugada, meu mutismo era um natural sintoma de cansaço. Então rogou-nos que desculpássemos sua imprudência e, apanhando a garrafa térmica que Eliseu trazia, ofereceu-me uma transbordante caneca de café. Mas não era a sede ou o esgotamento o que me paralisava naquele momento. Meu irmão percebeu o delicado transe que eu atravessava e, com uma presteza invejável, tomou a iniciativa. A pretexto de estirar as pernas doloridas, apoiou-se em meu ombro direito e golpeou com o joelho a caneca do fumegante café. O líquido escorreu sobre meus músculos e a dor provocou minha reação. O pequeno e intencional incidente devolveu-me à realidade. Tomei uma nova dose de café e, refeito, anunciei a Curtiss que estava disposto a fazer a tradução.

Antes, porém, que ele acionasse a fita fiz-lhe um resumo dos acontecimentos anteriores às conversações que iríamos escutar e que, do meu ponto de vista, eram fundamentais para uma melhor compreensão do que ocorreu naquela noite no pavimento superior da casa dos Marcos.⁸⁵

Conforme fui avançando em minha exposição, o rosto do General foi refletindo a surpresa. De certa maneira, a situação era absurda. O responsável máximo pela Operação Cavalo de Tróia – se bem que eu reconheça que havia razões de sobra para isso – não conhecia ainda muitos dos pormenores da nossa primeira missão nem as circunstâncias que haviam rodeado os últimos onze dias da vida de Cristo... Daí, por exemplo, o incidente dos divãs e a negativa dos apóstolos a se deixarem lavar as mãos e os pés lhe causassem uma especial comoção. Nenhum dos evangelistas – como apontou acertadamente – fazia alusão a tais fatos, criando com isso uma imperdoável “lacuna informativa” que obscurecia a realidade histórica. A cena da lavagem dos pés aparece nos Evangelhos Canônicos como simples iniciativa do Galileu, desvinculada de qualquer acontecimento anterior. Todavia, basta repassar esses textos, que os cristãos consideram sagrados, para observar que o Mestre não era muito amante das iniciativas “gratuitas”. Todos os seus atos e palavras tiveram sempre uma razão de ser. Mas, como já relatei e continuarei revelando nas próximas páginas, não foram estes os únicos acontecimentos escamoteados – consciente ou inconscientemente – pelos citados evangelistas...

O microfone, dissimulado na base do lampião que havia iluminado a mesa em forma de “U” da “última ceia”, havia respondido com perfeição. O som foi

captado “5 x 5” nos instrumentos do módulo.⁸⁶

Em meio a um solene silêncio, Curtiss ativou a gravação. E meu coração voou à histórica noite.

A extrema sensibilidade do microfone havia registrado até o rangido da porta de dupla folha, empurrada pelos íntimos de Jesus quando entraram na sala.

– O Mestre – fui comentando enquanto ouvíamos passos e murmúrios – achava-se no pavimento inferior, reunido com a família Marcos...

As vozes – todas em um claro aramaico ocidental ou galileu (a língua falada por Jesus) – foram fazendo-se mais fortes e nítidas, à medida que os doze começaram a distribuir-se em torno do “U”. Durante quatro ou cinco minutos, tudo correu normalmente. De súbito, porém, fez-se um brusco silêncio. Segundos mais tarde, o sinal sofreu uma considerável elevação. Em uma confusa miscelânea, foram surgindo ameaças, protestos e até maldições. Os discípulos, encolerizados, recriminavam Judas por haver ocupado o divã situado à esquerda do lugar de honra. Aquele vozerio cresceu ainda mais quando – a julgar pelos comentários – João Zebedeu fez o mesmo, acomodando-se no divã da direita. A voz de Simão Pedro, que se mostrava mais exaltado do que os outros, era facilmente distinguível. Mas, de súbito, também a áspera e poderosa voz de Pedro silenciou. E entre as acaloradas acusações ouvimos uns passos que, precipitadamente, se afastavam da curvatura da mesa.

– Esse é Pedro – expliquei, interrompendo a gravação. – Está procurando o divã mais baixo e distante, precisamente como explicou seu irmão André...

– Qual foi a distribuição final em torno à mesa? – perguntou o General.

– Segundo meu informante, Judas Iscariotes e João achavam-se à esquerda e à direita do Mestre, respectivamente. O rabi, como sabes, ocupava o divã de honra, no centro do “U”. Os demais distribuíram-se na seguinte ordem: Simão, o Zelote, Mateus, Tiago Zebedeu e André, pelo lado de Judas. À direita de João, os gêmeos Alfeu, Felipe, Bartolomeu, Tomé e Simão Pedro.

Tornei a acionar o gravador e, por um espaço de cinco ou seis minutos, as violentas recriações dos discípulos sucederam-se em um tom mais do que vexatório. Provavelmente, anos mais tarde, quando alguns daqueles apóstolos e seguidores do Nazareno decidiram-se a registrar por escrito a vida e a mensagem do Filho do Homem, tiveram todo o cuidado de “esquecer” um incidente que, ainda que humano, denegria a dignidade do nascente “colégio apostólico”.

Subitamente, os doze guardaram silêncio. Os registros do módulo haviam captado o leve ranger de uma porta.

– Aí está Jesus... – exclamei imaginando Jesus no umbral do cenáculo.

Cinco segundos depois, em meio a um espesso silêncio, ouviam-se os passos do gigante, em direção ao centro da mesa.

Um minuto... Dois... O mutismo era completo, apenas rompido de quando em quando por um embaraçoso pigarro. Pouco a pouco, as vozes foram brotando na sala, um pouco mais espontâneas e cordiais. Jesus de Nazaré continuava calado, provavelmente observando seus amigos. Por fim, como se nada houvesse ocorrido, sua voz se propagou, doce e conciliadora, provocando em nós uma indescritível emoção:

– “Muito tenho desejado” – fui traduzindo com um fio de voz – “partilhar desta ceia de Páscoa convosco... Queria fazê-lo uma vez mais antes de sofrer... Minha hora é chegada e, quanto a amanhã, todos estamos nas mãos do Pai, cuja vontade vim cumprir. Não voltarei a comer convosco até que vos senteis comigo no reino que meu Pai me entregará quando houver terminado aquilo para que me enviou a este mundo.”

O Mestre interrompeu-se e as conversas recomeçaram. Mas nenhum dos comensais fez referência às proféticas palavras do rabi. Ao contrário, vários discípulos ressuscitaram a áspera polêmica dos divãs, criticando igualmente a família Marcos por não haver designado um ou dois criados, com o que se haveria evitado o aborrecido tema das abluções.

Por um momento imaginei o rosto grave e quem sabe decepcionado do Galileu, atento à polêmica. Como André me advertira, seus olhos buscariam as jarras destinadas às abluções, a ver se haviam ou não sido usadas.

O ardor da discussão arrefeceu, substituído pelo inconfundível som do vinho sendo despejado nos recipientes de cristal. Era o ritual da primeira taça. Dois minutos mais tarde, cumprida a cerimônia da mistura de água e vinho, Tadeu voltou ao seu lugar e a voz de Jesus de Nazaré – mais severa do que da primeira vez – encheu novamente o recinto. Depois de dar graças, exclamou:

– “Tomai esta taça e dividia entre vós. E quando a houverdes compartilhado, pensai que já não beberei convosco o fruto da videira... Esta é nossa última ceia...”

Curtiss, Eliseu e eu captamos uma sombra de tristeza naquela breve pausa.

“– ... Quando nos sentarmos outra vez” – concluiu o Mestre – “será no reino que está por vir.”

Novo silêncio caiu sobre a sala. Como já comentei, a tradição judaica estabelecia que, uma vez sorvida a primeira taça, os comensais deviam levantar-se e proceder ao rito das abluções. Entretanto, como já me havia dito o chefe dos apóstolos, os registros sonoros não haviam detectado movimento algum entre os doze. Melhor dizendo, apenas gravaram o roçar das vestes de um homem que se ergue de seu assento e alguns passos – os do Nazareno – contornando o “U” em direção às bacias. A seguir, ouvimos, partido daquele lugar da sala, o borbulhar de um líquido – a água de uma das jarras – ao ser vertido em uma vasilha larga

de metal. Depois, três ou quatro novos passos, o golpe seco de uma das bacias ao ser depositada no chão e outro impacto – de natureza desconhecida – sobre o piso. (Possivelmente o ruído produzido pelo Galileu ao deixar-se cair de joelhos sobre o assoalho.) Apenas dois segundos depois, o microfone fazia-nos chegar uma confusa mescla de sons: copos depositados sobre a mesa, exclamações de surpresa e corpos que se erguiam precipitadamente. Eram os doze levantando-se de seus bancos, aturdidos ao descobrir a intenção do Mestre. E, pelo espaço de vários e prolongados minutos, silêncio. Um total e eloqüente silêncio... Ninguém parecia disposto a reconhecer a infantil e grosseira atitude geral. A suspensão daquele dramático vazio coube a Pedro. Com voz trêmula e insegura, perguntou:

“– Mestre, realmente vais lavar-me os pés?”

Jesus deve ter erguido o rosto para o impetuoso e decepcionado pescador, porque logo em seguida ouviu-se que dizia:

“– Pode ser que não compreendais o que me disponho a fazer... Mas, de agora em diante, conhecereis o sentido de todas estas coisas.”

Um suspiro profundo escapou da garganta de Pedro.

“– Mestre, nunca me lavarás os pés!”.

Um tímido suspiro acompanhou essa imperativa decisão do discípulo. Estava claro que os onze aprovavam as palavras de seu companheiro repelindo o que qualificavam de penosa humilhação. (Como desejei ter estado presente àquela cena e, sobretudo, haver perscrutado o rosto do Iscariotes! Compartilharia ele aquele sentimento?)

“– Pedro” – replicou Jesus em um tom que não deixava lugar a dúvidas –, “em verdade te digo que, se não te lavo os pés, não tomarás parte comigo no que estou pronto a levar a cabo”.

Silêncio. Quinze, vinte, trinta segundos de um angustioso silêncio. Não era difícil imaginar o atônito olhar de Simão Pedro. E, finalmente, outra das típicas explosões do bom galileu:

“– Então, Mestre, não me laves apenas os pés... Também as mãos e a cabeça!”.

Ninguém na sala parecia respirar. Só o ruído da água revelava que o rabi havia iniciado a lavagem.

“– Aquele que já está limpo” - interveio de novo o Mestre – “só necessita que se lhe lavem os pés. Vós, que vos sentais comigo esta noite, estais limpos...”

Seguiu-se uma pausa.

“– ... Ainda que não todos.”

Aguçamos os ouvidos, no intento de captar alguma pergunta em relação à observação feita por Cristo. Mas talvez aqueles homens não tivessem sabido avaliar a velada acusação do rabi...

E a voz de Jesus, entremeada com o ruído da água, continuou assim:

“– Deveríeis haver lavado o pó de vossos pés antes de vos sentardes para tomar o alimento comigo. Ademais, quero fazer esta tarefa para ilustrar um novo mandamento que vou dar-vos”.

Não houve mais comentários. Durante o tempo que durou a lavagem dos pés dos seus íntimos – 36 minutos ao todo –, os passos de Jesus, suas sucessivas genuflexões em torno do “U” e o rumor da água na bacia foram os únicos registros gravados no módulo.

Concluída a operação, Jesus retornou ao seu divã. O ranger da madeira sob seus pés foi, nesse momento, mais lento e leve. Como se as abluções o houvessem relaxado.

Logo mais, sua potente voz soou clara e cálida:

“– Compreendeis o que vos fiz?”.

Silêncio.

“– Chamais-me ‘Rabi’” – acrescentou em tom condescendente – “e o dizeis bem, pois o sou. Então, se o Mestre lavou-vos os pés, por que vos negais a lavar-vos uns aos outros? Que lição deveis aprender desta parábola em que o Mestre, tão prazerosamente, fez um serviço que vós haveis-vos negado mutuamente? Em verdade, em verdade vos digo que um criado não é maior que seu amo. Nem tampouco é maior o enviado do que aquele que o envia. Vistes qual tem sido a forma do meu trabalho em vida. Bendito seja quem tiver a desprezível valentia de fazer outro tanto. Mas por que sois tão lentos em aprender que o segredo da grandeza no reino do espírito nada tem a ver com os métodos do mundo do material? Quando cheguei a esta sala, não só recusáveis lavar-vos os pés uns aos outros senão que, além disso, discutíeis sobre quem deve ocupar os lugares de honra em torno de minha mesa. Essas honras são os fariseus que as buscam... e as crianças. Mas não será assim entre os mensageiros do reino celestial. Será que não sabeis que não pode haver lugar de preferência em minha mesa? Não compreendeis que vos amo a cada um de vós como aos outros? O lugar mais próximo a mim pode não significar nada em relação a vosso posto no reino dos céus. Não ignorais que os reis dos gentios têm poder e domínio sobre seus súditos e que até são chamados benfeitores. No reino dos céus não será assim. Se algum de vós quer ter a preferência, que saiba renunciar ao privilégio da idade. E se outro deseja ser chefe, que se torne servidor. Quem é maior: o que se senta a comer ou o que serve? Não se considera ao primeiro como principal? E, todavia, observai que eu estou entre vós como o que serve...”

“Em verdade, em verdade vos digo que se assim agirdes, fazendo comigo a vontade de meu Pai, então tereis um lugar, ao meu lado, no poder.”

Quando Jesus terminou, interrompi a fita e alertei o absorto General sobre

as cenas que estávamos prontos para escutar e que lançam uma nova luz em torno das confusas explicações dos evangelistas acerca de Judas e sua traição.

Pelas 8 horas daquela noite de quinta-feira, 6 de abril do ano 30 de nossa era – à hora, aproximadamente, do início da histórica “última ceia” – os sensíveis receptores instalados no “berço” registraram uma série de passos e o agudo lamento dos gonzos da porta de duas folhas ao ser aberta. Aqueles ruídos correspondiam à primeira saída dos discípulos do cenáculo. Eram os gêmeos, Tiago e Judas de Alfeu, que desciam ao piso térreo para recolher parte da ceia. Lembro-me muito bem de seus rostos, a refletirem uma tristeza que não lhes era habitual.

Por espaço de breves minutos, Curtiss assistiu – entre divertido e escandalizado – a uma inconfundível “sinfonia” de sons. Aqueles homens rudes não se distinguiam precisamente por sua delicadeza ao deglutir ou beber...

Era evidente que os apóstolos tinham fome. Durante cinco ou dez minutos, ninguém fez o menor comentário. Mas, pouco a pouco, após o segundo prato, começaram a surgir algumas troças acerca do cordeiro assado. O Galileu, recuperado seu característico e habitual bom humor, interveio também, fazendo um caloroso elogio da *jarôset*: uma geléia à base de vinho, vinagre e frutas esmagadas, feita pela mãe de João Marcos e apropriada a aliviar o azedo sabor das obrigatórias ervas amargas. Assim, gradualmente, a conversação se foi fazendo mais alegre e convencional, como se nada houvesse ocorrido.

Mas o Mestre tinha ainda muito que dizer. E sua voz voltou a soar, “5 x 5”, anunciando, pública e oficialmente, a traição do Iscariotes:

“– Já vos disse quanto desejava celebrar esta ceia convosco...”

O Nazareno parecia perturbado.

“– E sabendo de que forma as demoníacas forças das trevas têm conspirado para levar à morte o Filho do Homem, tomei a decisão de cear convosco, nesta casa, em segredo, e um dia antes da Páscoa...”

Os discípulos, a julgar pelos esporádicos estalidos de suas línguas, o golpear dos ossos ao serem atirados sobre os pratos e uma ou outra generosa eructação, continuavam comendo, mais atentos, aparentemente, às deliciosas iguarias que às proféticas palavras do rabi.

“– ... já que amanhã, a esta mesma hora, não estarei convosco.”

O dramático anúncio de Jesus deve ter sido captado por alguns dos apóstolos porque, de súbito, a movimentação da ceia decresceu. E o silêncio se fez mais profundo.

“– ... Repetidas vezes vos disse” – continuou o Nazareno – “que devo voltar ao Pai. Agora é chegada minha hora, ainda que não fosse necessário que um de

vós me traísse e me pusesse em mãos de meus inimigos.”

Após essas palavras, a ausência de ruídos foi tal que Curtiss chegou a supor que ocorrera alguma falha na transmissão. Neguei com um movimento de cabeça. Pela primeira vez, os discípulos de Cristo – alertados pelo próprio rabi – começavam a tomar consciência de que havia um renegado no seio do grupo. Aquilo soou tão grave e inesperado que eles necessitaram de vários minutos para reagir. Por fim, um após outro, temerosamente, formularam a mesma pergunta:

“– Serei eu?”.

Intencionalmente, com o propósito de que o General se advertisse do que estava a ponto de acontecer, fui contando e identificando a procedência das sucessivas indagações. Ao chegar ao décimo primeiro ‘serei eu?’ – todos sem resposta por parte do Nazareno – imobilizei a fita.

– Você deve ter notado – comentei com ele – que o único que não fez a pergunta foi Judas...

– É óbvio – replicou Curtiss. – O Iscariotes, ainda que traidor, não era estúpido.

– Pois observe o que vem em seguida.

Liguei o gravador e, após o décimo primeiro “serei eu?” citado, surgiu a voz de Cristo, repetindo parte do que já dissera antes:

“– É necessário que eu vá ao Pai. Mas, para cumprir sua vontade, não era preciso que um de vós se convertesse em traidor. Isso é fruto da maldade de alguém que não conseguiu amar a Verdade... Que enganoso é o orgulho que precede a queda espiritual! Um velho amigo, que, por sinal, come neste momento meu pão, está desejoso de trair-me. Mesmo agora” – repetiu o Galileu, dando ênfase especial a suas palavras – “que junta sua mão à minha no prato...”

Este novo discurso foi seguido de murmúrios e de um outro repetitivo “serei eu?”. Mas o Mestre não respondeu. Os comentários entre os discípulos se generalizaram e esta, quase com toda certeza, foi a razão de que nenhum dos onze prestasse atenção a um lacônico colóquio entre o Iscariotes e Jesus.

No meio daquele turbilhão de comentários, Judas – reclinado à esquerda do Mestre – perguntou por sua vez, ainda que em um tom dificilmente perceptível para os outros:

“– Serei eu?”.

A meu pedido, durante as horas que antecederam a decolagem do módulo e em que tive ocasião de escutar essa gravação pela primeira vez, Eliseu havia neutralizado o ruído de fundo, amplificando ao máximo aquele breve diálogo e os escassos sons que pareciam proceder do centro da curvatura do “U”. Graças a esse milagre da técnica foi possível reconstruir um detalhe que, como tenho dito, não aparece de todo claro na exposição dos evangelistas.

Uma vez formulada a pergunta por Judas, o rabi mergulhou um pedaço de pão no prato de ervas que lhe estava à frente e o ofereceu ao traidor. Segundos depois de perceber o ruído do pão ao partir-se contra o fundo de madeira do prato, Jesus – também a meia voz – respondeu com seu fatídico “Tu o disseste!”.

Não houve silêncio ou indício algum que, após a aberta conversa entre Iscariotes e o rabi, revelasse que os outros onze haviam escutado a definitiva confirmação da traição. Normalizados os registros, a fita apenas ofereceu uma continuação dos atropelados e confusos comentários dos apóstolos, discutindo efusivamente sobre a identidade do hipotético renegado. Dentro da lógica, se um só dos que se sentavam junto ao Galileu o tivesse ouvido, a polêmica estaria acabada. Prova disso é que, logo depois, João Zebedeu – sentado à direita do Mestre e em nível de audição muito baixo, como se a pergunta houvesse sido formulada quase ao ouvido (o próprio São João, ao referir-se a este episódio, explica que “se recostou sobre o peito de Jesus”) – lhe rogaria:

“– Quem é?... Devemos saber quem é infiel à sua crença”.

E o rabi – em um tom igualmente confidencial – respondeu:

“– Já vos disse: aquele a quem dou o pão molhado...”.

Não houve resposta de João. O costume, por parte do anfitrião ou do convidado de honra, de oferecer pão embebido em um molho, era tão usual que, muito provavelmente, nenhum dos onze – no caso de havê-lo percebido – deve ter dado demasiada importância a tão específico gesto. Naqueles momentos que antecederam a segunda exploração duvidamos até mesmo de que João, tão próximo à cena de que tratamos, houvesse captado o “sinal” de Jesus. (Este era outro dos muitos pontos a esclarecer no iminente “regresso” ao ano 30.)

Jesus permaneceu calado. Na sala prosseguia a batalha dialética. E, de súbito, de um dos extremos da mesa, uma excitada e inconfundível voz suplantou as demais. Era Simão Pedro.

“– Pergunta-lhe quem é! Ou, se já te disse, diz-me quem é o traidor.”

Pela direção do som, parecia provável que a sugestão do nervoso galileu havia sido dirigida a João. Este, todavia, não pôde satisfazer a curiosidade de Pedro. (Supondo, claro, que o soubesse nesse momento.)

Os cochichos e as especulações dos apóstolos foram cortados duramente por Jesus.

“– Penaliza-me” – disselhes – “que este mal haja chegado a prosperar. Esperava, mesmo até esta hora, que o poder da Verdade triunfasse sobre os ardis do mal. Mas essas vitórias não se conquistam sem a fé e um sincero amor pela Verdade. Não vos houvera dito isso em nossa última ceia se não fosse pelo meu desejo de advertir-vos e preparar-vos sobre o que está agora sobre nós...”

Apesar da nitidez das palavras, Curtiss, Eliseu e eu estivemos de acordo em

algo: “Aqueles onze toscos judeus não pareciam compreender o alcance verdadeiro de tais manifestações”. Como já relatei anteriormente, os acontecimentos registrados nas horas que se seguiram ao convite nos dariam razão.

“– ... Falei-vos disso porque desejo que recordeis, depois da minha partida, que eu sabia de todas estas malvadas conspirações e que vos adverti da traição. E só o faço para que possais ser mais fortes diante das tentações e julgamentos que temos justamente à frente.”

Concluídas tais advertências, o Nazareno, em um tom enfático e alto o suficiente para que todos o pudessem ouvir, dirigiu-se a Judas imperativamente:

“– O que decidiste fazer... faze-o depressa”.

Eram 9 da noite. O Iscariotes não abriu a boca. Levantou-se do seu divã e o rápido ranger da madeira sob suas sandálias de couro revelou-nos que se dirigia para a porta e para o inexorável...

Nessa ocasião, João Zebedeu estava certo. Nenhum dos presentes – nem ele próprio – entendeu o sentido real da ordem de Jesus. Entre outras razões, porque, como expliquei em páginas anteriores, supunham que Judas continuava como administrador do grupo. (O Iscariotes, como é sabido, havia horas que delegara a bolsa comum a Davi Zebedeu, chefe dos emissários.) Todos supunham que o encargo do Mestre – “o que decidiste fazer... faze-o depressa” – guardava relação com seu cotidiano trabalho como pagador ou “tesoureiro”.

Quando Judas Iscariotes abandonou a sala, Curtiss fez um interessante julgamento. Uma observação que tem provocado rios de tinta e pungentes polêmicas ao longo da História:

– Então é certo que o traidor não chegou a comungar...

Minha resposta – um imediato e irônico sorriso – deixou-o perturbado.

– Não entendo – tornou ele, em tom de justa reprovação.

– Você vai entender em seguida – repliquei. – Prepare-se para ouvir algo que nada tem a ver com o que escreveram três dos quatro evangelistas e, muitíssimo menos, com a posterior interpretação das Igrejas...

– Então não houve instituição da Eucaristia?

Neguei-me a responder. Acionei de novo a fita, convidando-o a que prestasse a maior atenção.

Como dizia, os discípulos não concederam muita importância à precipitada saída do Iscariotes. E, mais, a discussão sobre a identidade do traidor ainda se prolongaria por alguns minutos. É quase seguro que Jesus fizera algum sinal porque, subitamente, a polêmica cessou. Ouviram-se alguns passos que se aproximavam do divã do rabi e, a seguir, o ruído da água e do vinho – em partes

iguais – ao serem vertidos na taça do Mestre. O discípulo encarregado desta cerimônia – conhecida como a terceira taça ou da bênção – retornou ao seu lugar. O Galileu pôs-se de pé e todos os outros o imitaram. Após uma breve pausa – possivelmente, de acordo com a tradição e com seu próprio costume, Jesus abençoou a taça – sua voz encheu de novo o silêncio da Massada:

“– Tomai esta taça e bebei todos dela... Esta será a taça de minha recordação. Esta é a taça da bênção de um novo desígnio divino de graça e verdade. Este será o símbolo da outorga e do ministério do divino Espírito da Verdade”.

Da solenidade o rabi passou à tristeza.

“– ... Já não beberei convosco até que não o faça em uma nova forma, no reino eterno de meu Pai.”

Os apóstolos pareciam constrangidos. Depois de beberem, a taça de cristal foi colocada sobre a mesa. Nesse instante, o suave roçar das vestes de Jesus revelou que ele se inclinava para o “U”. Tomou algo e, depois de dar graças, ouviu-se o crepitar do pão ao ser partido. O microfone multidirecional captaria igualmente um movimento generalizado. Como se os discípulos distribuíssem as fatias entre si.

“– Tomai este pão e comei-o” – disse o Mestre. – “Afirmar-vos que sou o pão da vida, que é a vida unificada do Pai e do Filho em um só dom. A palavra do Pai, tal como foi revelada pelo Filho, é realmente o pão da vida.”

Quando acabaram de comer reclinaram-se sobre os divãs e o silêncio fez-se de novo. Era como se o Galileu – não sei se seus homens também – houvesse entrado em profunda reflexão.

Estive a ponto de intervir. Ardia em desejos de comentar aquelas últimas frases sobre o vinho e o pão, tão diferentes das que figuram nos escritos de Marcos, Mateus e Lucas. Mas, acertadamente, suponho, deixei isso para o final da gravação.

Por fim, Jesus rompeu seu silêncio:

“– Quando fizerdes estas coisas, recordai a vida que tenho vivido na Terra e regozijai-vos porque continuarei vivendo convosco. Não luteis para averiguar quem é maior entre vós. Sede como irmãos. E, quando o reino crescer até alcançar numerosos grupos de fiéis, não luteis tampouco por essa grandeza ou por buscar acesso entre tais grupos. E, tão freqüentemente como fizerdes isso, fazei-o em minha memória. E, quando me recordardes, primeiro olhai para trás: minha vida na carne. E recordai que uma vez estive convosco. Então, pela fé, perceberéis que todos ceareis alguma vez, comigo, no reino eterno do Pai. Esta é a nova Páscoa que vos deixo: a palavra da eterna Verdade, meu amor por vós e o derramamento do espírito sobre a carne...”

A um aceno do Mestre, os onze levantaram-se e entoaram o Salmo 118:

“– Aleluia! Dai graças a Yavé, porque é bom, porque é eterno seu amor...!”.

A voz de Cristo, vigorosa e sustentada – invejável para qualquer bom barítono – impôs-se desde o princípio, eclipsando e conduzindo a de seus homens:

*“... Yavé está por mim, não tenho medo,
que pode fazer-me o homem?...”.*

Senti um novo frêmito. Até as estrofes pareciam especialmente escolhidas para aquele momento...

*“A pedra que os construtores rejeitaram
em pedra angular se converteu:
esta foi a obra de Yavé...”*

Terminado o cântico, alguns discípulos lembraram a necessidade de regressar ao Getsêmani. A ceia havia terminado e, claro, fazia-se tarde. Mas Jesus mandou que se sentassem.

“– Recordais bem quando vos enviei sem bolsa nem carteira e até vos adverti que não levásseis roupa de muda...”

Os apóstolos, com monossílabos, responderam afirmativamente.

“... Todos estareis recordados de que nada vos faltou. Todavia, agora os tempos são difíceis. Já não podeis depender da boa vontade das multidões. Portanto, daqui em diante, aquele que tiver bolsa que a leve. Quando sairdes para o mundo a proclamar este Evangelho, fazei provisão para vosso sustento, como melhor vos pareça. Vim trazer a paz, mas, por um tempo, esta não surgirá.

“Chegou o tempo em que o Filho do Homem será glorificado e o Pai, nele...”

Sua voz tornou a turbar-se.

“– ... Amigos meus: vou estar convosco só um pouco mais. Logo me buscareis, mas não me achareis, pois vou para um lugar ao qual hoje ainda não podeis vir. Quando houverdes terminado vosso trabalho na Terra, como eu concluí o meu, então vireis a mim da mesma forma que eu me preparo para ir ao Pai.”

Os abafados comentários de vários discípulos mostravam que não conseguiam entender seu Mestre. Mas Jesus, como se não os tivesse ouvido, prosseguiu:

“– Em muito pouco tempo vos deixarei... Já não me vereis na Terra, mas todos me vereis no tempo vindouro, quando ascenderdes ao reino que meu Pai

me deu”.

Ferida pela tristeza, sua voz baixou de tom. E os onze, ainda que sem demasiada decisão, se engalfinharam em nova disputa, no esforço de desvendar o misterioso significado daquelas frases.

Jesus de Nazaré deixou-os falar e, passados alguns minutos, levantou-se e dirigiu-lhes algumas palavras que, como as outras muitas, viriam a ser pessimamente transmitidas.

“– Quando vos narrei uma parábola, assinalando como deveis estar ansiosos por servir-vos uns aos outros, também vos disse que desejava dar-vos um novo mandamento. Vou fazê-lo agora, já que estou prestes a deixar-vos. Conheceis bem o mandamento que ordena amar-vos uns aos outros e ao vosso próximo como a vós mesmos...”

Jesus fez uma calculada pausa.

“– Entretanto, não estou de todo satisfeito, nem mesmo com essa sincera devoção por parte de meus filhos. Quero que façais maiores atos de amor no reino da irmandade dos fiéis. Por isso, eis aqui meu novo mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos tenho amado.”

A expressão “como eu vos tenho amado” foi reforçada com uma clara elevação do tom de voz.

“– Se assim o fizerdes, os homens saberão que sois meus discípulos.”

Sem fazer pausa, o Nazareno referiu-se a algo que tampouco foi registrado nas Escrituras em sua totalidade. Nem mesmo por João, que se achava à sua direita.

“– Com este novo mandamento não sobrecarrego vossas almas com um novo peso. Ao contrário: trago-vos nova alegria e torno possível que experimenteis um novo prazer, ao conhecerdes as delícias da doação, pelo amor, para o vosso próximo. Eu mesmo estou prestes a experimentar o supremo regozijo (ainda que suportando uma pena exterior), com a entrega de meu afeto por vós e pelos demais mortais.

“Quando vos convido a amar-vos uns aos outros como eu vos tenho amado, apresento-vos a suprema medida do verdadeiro afeto. Nenhum homem pode alcançar um amor superior a este: o de dar a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos e continuareis sendo-o se apenas desejardes fazer o que vos ensinei. Tendes-me chamado de Mestre, mas eu não vos chamo servidores. Se vos amardes uns aos outros como eu vos amo, então sereis meus amigos e eu vos falarei alguma vez daquilo que meu Pai me revelou. Não fostes vós que me elegestes, senão eu. E tenho-vos ordenado sairdes pelo mundo para entregar o fruto do serviço amoroso a vossos semelhantes, da mesma forma como vivi entre vós e vos revelei a meu Pai. Ambos trabalharemos convosco e experimentareis a

divina plenitude da alegria se vos limitardes a obedecer a este novo mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.

“Se compartilhades o regozijo do Mestre, deveis compartilhar seu amor. E compartilhar seu amor significa que compartilhastes seu serviço. Tal experiência de amor não vos liberta das dificuldades deste mundo. Mas, com certeza, faz ‘novo’ o velho mundo...”

A seguir, Jesus pronunciaria algumas frases – uma delas em especial – que, se fossem conhecidas, talvez houvessem modificado alguns dos incongruentes conceitos religiosos sobre o “sacrifício”.

“– Recordai: é lealdade o que vos peço. Não sacrifício. A consciência de sacrifício implica a ausência desse afeto incondicional que faria do serviço amoroso uma suprema alegria. A idéia de obrigação significa que, mentalmente, vos converteis em servidores, com isso perdendo a poderosa sensação de praticar vosso serviço como amigos e para os amigos. A amizade transcende o significado da obrigação e o serviço de um amigo para outro jamais deve ser qualificado como sacrifício. O Mestre vos ensinou que sois filhos de Deus. Chamou-vos irmãos. E agora, antes de partir, vos chama seus amigos.”

Cristo levantou-se de seu divã. E, enquanto caminhava de um extremo ao outro da sala, dirigiu-lhes a seguinte parábola:

“– Sou a verdadeira cepa e meu Pai, o lavrador. Eu sou a videira e vós os ramos. Todos os ramos que brotam de mim e que não dão frutos meu Pai os arrancará. Em compensação, aqueles que trouxerem frutos o Pai os limpará para que multipliquem sua riqueza. Já estais limpos, através das palavras que vos tenho dirigido, mas deveis continuar limpos. Deveis morar em mim e eu em vós. Se for separado da cepa, o ramo fenecerá. Assim como o ramo não pode ter frutos se não mora na vinha, assim vós não podereis render os frutos do amor se não morardes em mim. Lembrai: Eu sou a verdadeira cepa e vós os ramos vivos. O que vive em mim, e eu nele, dará muito fruto e experimentará a suprema alegria da colheita espiritual. Se mantiverdes este vínculo vivencial e espiritual comigo, serão os vossos frutos abundantes. Se morardes em mim e minhas palavras em vós, podereis comunicar-vos livremente comigo. Então, meu espírito vivente vos infundirá de tal forma que podereis pedir o que quiserdes. O Pai avalizará vossa petição. Assim é glorificado o Pai. Que a cepa tenha muitos e vívidos ramos e que cada ramo proporcione muitos frutos. Quando o mundo vir esses ramos vivos e carregados de fruto (quer dizer, meus amigos que se amam como eu os tenho amado), os homens saberão, então, que sois em verdade meus discípulos. Como meu Pai me tem amado, assim vos tenho amado. Vivei em meu amor, como eu vivo no de meu Pai. Se fizerdes como vos tenho ensinado, morareis em mim e, tal e como vos tenho prometido, em seu amor.”

Os discípulos continuavam sem compreender. O Mestre guardou alguns minutos de silêncio, mas continuou caminhando pela sala, a escutar, como nós, as contraditórias opiniões de seus homens sobre a mensagem da cepa e dos ramos. Finalmente, detendo-se diante da porta, pediu silêncio e insistiu uma vez mais em sua iminente partida:

“– Quando vos houver deixado, não vos desalenteis diante da hostilidade do mundo. Não vos deixeis abater quando crentes de coração débil até se voltarem contra vós e unirem suas mãos às dos inimigos do reino. Se o mundo vos odiar, recordai que me odiou a mim antes que a vós. Se fôsseis deste mundo, então o mundo estaria amando o que é seu. Mas, como não sois, o mundo nega-se a amar-vos. Estais neste mundo mas vossas vidas não devem ser deste mundo. Escolhi a vós dentro do mundo para representardes o espírito do outro mundo. Recordai sempre minhas palavras: o servidor não é maior que seu amo. Se se atreverem a perseguir-me, também vos perseguirão. Se minhas palavras ofendem aos não crentes, também as vossas ofenderão aos sem Deus. Far-vos-ão tudo isso porque não crêem em mim nem naquele que me enviou. Por isso sofrereis muitas coisas em nome do meu Evangelho. Mas, ao suportardes essas atribulações, recordai que também eu sofri, antes de vós, em nome deste Evangelho do reino celestial.

“Muitos dos que vos atacam ignoram a Luz do céu. Isso, em compensação, não é assim para alguns que agora nos perseguem. Se não lhes houvéssemos ensinado a Verdade poderiam fazer coisas estranhas, sem cair na condenação. Mas agora, posto que conheceram a Luz e a repeliram, não têm desculpa para sua atitude. O que me odeia, odeia a meu Pai. Não pode ser de outro modo. Da mesma forma que a Luz os salvará, se for aceita, os condenará se, conhecendo-a, a rejeitarem.

“E que fiz eu para que esses homens me odeiem com tanto afinco? Nada, salvo oferecer-lhes a irmandade na Terra e a salvação no céu. Acaso não haveis lido na Escritura: ‘E me odiarão sem uma causa?’

“Mas não vos deixarei sós no mundo. Bem depressa, depois que me vá, vos enviarei um espírito auxiliador. Tereis então convosco alguém que tomará o meu lugar. Alguém que continuará ensinando o caminho da Verdade e que também vos consolará.

“Não permitais que se perturbem vossos corações. Crede em Deus. Continuai crendo também em mim. Conquanto deva deixar-vos, não estarei longe de vós. Já vos disse que no Universo de meu Pai há muitas moradas onde ficar. Se não fosse verdade não vos haveria falado repetidamente sobre isso. Vou retornar a esses mundos de luz: paragens, no céu do Pai, às quais alguma vez ascendereis. Desses lugares vim a este mundo e agora é chegado o momento em

que devo voltar ao trabalho de meu Pai nas esferas do alto.

“Portanto, se vou antes de vós ao reino celestial do Pai, podeis estar certos de que intercederei por vós para que possais estar comigo nas moradas que foram preparadas para os filhos mortais de Deus antes que existisse este mundo...”

– Estranhas palavras – murmurou Curtiss, referindo-se aos “mundos de luz”. – Muito estranhas...

– Sobretudo para aqueles homens do ano 30... – rematei com toda intenção.

“– Conquanto deva deixar-vos” – continuou Jesus ante a lógica incompreensão dos atentos discípulos – “continuarei presente em espírito. Finalmente estareis comigo em pessoa quando tiverdes subido até mim, em meu Universo, assim como eu estou prestes a ascender a meu Pai, a seu Universo maior.⁸⁷ E o que vos digo é eterno e verdadeiro, mesmo que agora não o compreendais de todo. Eu vou ao Pai e, se agora não podeis seguir-me, certamente o fareis no futuro.”

Os passos do Galileu dirigiram-se ao divã. E ele já se havia reclinado quando um dos apóstolos pôs-se em pé, em mais uma demonstração do seu peculiar senso prático. Era o pragmático Tomé:

“– Mestre” – disselhe – “não sabemos aonde vais. Não conhecemos o caminho. Mas, se o mostrares, nesta mesma noite te seguiremos...”.

Aquelas palavras resumiam à perfeição o desconcerto e o amor dos onze por seu rabi.

A resposta do Mestre não se fez esperar:

“– Tomé, eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Homem algum vai ao Pai senão através de mim. Todos quantos encontram o Pai, primeiro encontram a mim. Se me conheceis, conheceis o caminho para o Pai. E vós me conheceis porque tendes vivido comigo e me estais vendo”.

Jesus interrompeu-se, como que penetrando nos corações de seus amigos. Mas, como se verá a seguir, seu raciocínio era demasiado profundo. Tomé sentou-se de novo, e, em meio a um significativo silêncio, apenas se ouviu uma distante troca de opiniões entre dois discípulos. Eram Felipe e Bartolomeu. O primeiro, talvez atendendo a um rogo ou sugestão do segundo, levantou-se e, dirigindo-se ao rabi, falou assim:

“– Mestre, mostra-nos o Pai e tudo quanto disseste ficará claro”.

Replicou o Nazareno em tom de evidente decepção:

“– Felipe, estive tanto tempo contigo e ainda não me conheces? De novo declaro-vos: quem houver visto a mim haverá visto o Pai. Como então podes dizer-me ‘mostra-nos o Pai’? Não crês que estou no Pai e Ele em mim? Não vos ensinei que as palavras que digo não são minhas, mas do Pai? Eu falo pelo Pai e

não por mim mesmo. Estou neste mundo para fazer sua vontade e isso tenho feito. Meu Pai mora em mim e atua através de mim. Crede-me quando digo que o Pai está em mim e eu, nele. Ou, senão, crede ao menos em nome da vida que tenho levado e em nome de minhas obras”.

Os onze, mais com boa fé do que outra coisa, enredaram-se em nova discussão. Então percebemos que o Mestre levantava-se e se dirigia para o lugar em que se achavam as vasilhas e as jarras de água. Ouviu-se um ruído como se alguém estivesse a banhar o rosto e, a seguir, as passadas do rabi retornando ao seu divã. A polêmica acalorou-se e, em meio àquele tumulto de vozes, impôs-se, de novo, o vozeirão de Simão Pedro. Aparentemente, dispunha-se ele a lançar-se à aventura de um longo discurso. Mas suas palavras foram cortadas firmemente pelo Galileu.

“– Quando eu tiver ido ao Pai” – recomeçou Jesus – “e depois que Ele aceitar o trabalho que fiz na Terra para vós e que eu receba a soberania final do meu próprio domínio, então direi a meu Pai: ‘Tendo deixado meus filhos sozinhos sobre a Terra, de acordo com minha promessa, envio-lhes outro Mestre’. E quando o Pai o aprovar, verterei o Espírito da Verdade sobre toda a carne. O espírito de meu Pai já está em vossos corações; e, quando chegar esse dia, também me tereis a mim convosco, assim como agora tendes o Pai. Este novo dom é o Espírito da Verdade vivente. Os que não creram não ouviram seus ensinamentos, mas os Filhos da Luz o receberão com agrado e de todo o coração. E conhecereis este espírito quando vier, da mesma forma que me conhecestes. E recebereis este dom em vossos corações e Ele morará em vós. Percebeis, pois, que não vou deixar-vos sem ajuda e sem guia? Não vos deixarei na desolação. Hoje só posso estar convosco em pessoa. Nos tempos vindouros estarei convosco e com todos os homens que desejem minha presença, onde quer que estejais e com cada um ao mesmo tempo. Não atentaís que é melhor para mim que me vá e que vos deixe em carne para que possa estar convosco em espírito?

“Dentro de umas poucas horas o mundo não me verá mais. Mas continuareis conhecendo-me em vossos corações, até que vos envie novo mestre: o Espírito da Verdade. Assim como tenho vivido convosco em pessoa, assim viverei então em vós: serei uno com vossas experiências pessoais no reino do espírito. E, quando chegar o momento, quando isso acontecer, sabereis certamente que eu estou no Pai e que, enquanto vossa vida está oculta com o Pai em mim, eu também estarei convosco. Tenho amado o Pai e mantido sua palavra. Haveis-me amado e mantereis minha palavra. Assim como meu Pai deu-me seu espírito, assim vos darei eu o meu. E este Espírito da Verdade que eu vos outorgarei vos guiará e confortará e, ao final, vos conduzirá a toda a

Verdade.

“Digo-vos estas coisas para que possais melhor preparar-vos e bem suportar as provas que vos aguardam. Quando esse novo dia chegar, sereis habitados pelo Filho e pelo Pai. E esses dons do céu trabalharão sempre um com o outro, do mesmo modo que o Pai e eu forjamos sobre a Terra, e diante de vossos olhos, o Filho do Homem como uma só pessoa. Este espírito amigo vos lembrará tudo quanto vos tenho ensinado.”

Aquelas, sem dúvida, difíceis palavras acabaram por confundir o já arrasado ânimo dos discípulos. Ninguém replicou. Quem poderia associar a profundidade daquela mensagem às arraigadas idéias de um Messias político e libertador do jugo romano? Necessitariam de tempo e da irrupção desse Espírito da Verdade para começar a vislumbrar a grandeza do que Jesus acabava de anunciar-lhes. Mas não antecipemos os acontecimentos...

O acaso é que, em meio a tanto silêncio e confusão, um dos mais tímidos apóstolos – o gêmeo Judas de Alfeu – atreveu-se a perguntar:

“– Mestre, tens sempre vivido entre nós como um amigo. Como te reconheceremos quando já não te manifestares a nós senão por meio desse espírito? Se o mundo não te vê, como estaremos certos de ti? Como te mostrarás a nós?”

“– Filhos meus” – a voz de Cristo era extremamente cordial. – “Eu me vou. Volto ao Pai. Dentro de muito pouco já não me vereis como o fazeis agora, como carne e sangue. E em muito pouco tempo vos enviarei meu espírito, que é igual a mim, exceto por este corpo físico. Este novo Mestre é o Espírito da Verdade, que viverá com cada um de vós, em vosso coração. Portanto, todos os Filhos da Luz serão um. Dessa forma, tanto meu Pai como eu poderemos viver na alma de cada um de vós e também no coração dos outros homens que nos amam e que fazem desse amor realidade, amando-se uns aos outros como eu agora vos estou amando.”

Por espaço de alguns minutos, Pedro, os irmãos Zebedeu e Mateus dirigiram-se ao Mestre formulando-lhe perguntas sobre o Espírito da Verdade e sobre sua não menos incompreensível partida. Jesus de Nazaré passaria a responder a todas elas, no que, evidentemente, era seu discurso de despedida.

“– Digo-vos tudo isso” – repetiu pela enésima vez – “para que possais estar preparados para o que vos aguarda e não caiais em erro. As autoridades não se satisfarão com atirar-vos fora das sinagogas. Aviso-vos: avizinha-se a hora em que aqueles que vos matarem o farão acreditando que estão prestando um serviço a Deus. Far-vos-ão tudo isso porque não conhecem o Pai. E têm recusado conhecê-Lo porque têm recusado receber-me. E eles recusam receber-me quando vos rechaçam. Conto-vos estas coisas antecipadamente para que, quando chegar

vossa hora, como chegou agora a minha, possais reconfortar-vos ao lembrar que tudo me era conhecido e que meu espírito estará convosco em vossos sofrimentos. É com este fim que venho falando tão claramente desde o início. Até vos adverti que os inimigos de um homem podem ser de sua própria casa. Ainda que este Evangelho do reino jamais deixe de trazer grande paz à Terra até que o homem se mostre desejoso de crer nos meus ensinamentos com todo o seu coração, estabelecendo a prática de fazer a vontade do Pai como o propósito principal de toda vida mortal.

“E agora que vos deixo, vendo que é chegada a hora em que estou pronto para ir ao Pai, estou surpreso de que nenhum de vós me haja perguntado: ‘Por que nos deixas?’

“De qualquer forma, sei que vos fazeis esta pergunta em vossos corações. Falar-vos-ei com clareza. Como um amigo a outro...”

O silêncio fez-se mais denso. Sinal inequívoco da expectativa despertada pelo Mestre.

“– ... É na verdade proveitoso para vós que eu parta. Se não me fosse, o novo Mestre não poderia vir a vossos corações. Devo ser despojado deste corpo mortal e restituído a meu lugar, no alto, antes de poder enviar esse espírito que será o vosso Mestre. E quando meu espírito vier morar em vós, Ele fará luz sobre a diferença entre o pecado e a retidão e vos fará capazes de julgar sabiamente.”

O cansaço devia estar fazendo estragos entre seus homens, porque, de súbito, Jesus fez alusão a ele:

“– Tenho ainda muito que dizer-vos, se bem que veja que já não vos tendes em pé. Quando o espírito vier, Ele vos conduzirá finalmente a toda a Verdade, fazendo-vos passar pelas muitas moradas do Universo de meu Pai. Este espírito não falará de si próprio. Mostrar-vos-á o que o Pai revelou ao Filho e também as coisas que estão por vir. Ele me glorificará, assim como o tenho feito com meu Pai. Ele virá depois de mim e vos revelará minha verdade. Tudo quanto o Pai tem, nesse domínio, é agora meu. Portanto, este novo Mestre tomará do que é meu e vo-lo manifestará.

“Dentro de muito pouco vos deixarei, se bem que por pouco tempo. Depois, quando voltardes a ver-me, estarei já a caminho de meu Pai. E não me vereis por muito tempo.”

Como era de esperar, os apóstolos mais uma vez estavam absolutamente confusos. E, aproveitando o silêncio do Mestre, começaram a perguntar-se uns aos outros:

“– Que é isso que Ele nos contou?... Em breve vos deixarei e, quando me tornardes a ver, será por pouco tempo, pois estarei a caminho do Pai? Que pode

querer dizer com esse ‘dentro de muito pouco’ e ‘se bem que por pouco tempo’?... Não podemos compreender o que nos está dizendo...”.

As respostas a essas óbvias perguntas – facilmente inteligíveis para quem sabe da ressurreição do Filho do Homem – não tardariam a ser dadas. Mas os fatigados discípulos precisariam de semanas para assimilá-las por inteiro.

“– Perguntais o que quis dizer quando falei que dentro em pouco já não estaria convosco e que, quando me vísseis outra vez, estaria a caminho de meu Pai? Falei-vos claramente” – insistiu Jesus. – “O Filho do Homem deve morrer, mas voltará a erguer-se. Será que não podeis discernir o significado de minhas palavras? Primeiro vos penalizareis. Mais tarde, quando essas coisas houverem sucedido, regozijar-vos-eis com todos aqueles que o compreenderem. Uma mulher fica verdadeiramente aflita na hora do parto. Mas, uma vez livre do filho, esquece de imediato sua angústia diante da alegria de saber que trouxe um homem ao mundo. E assim estais: prestes a afligir-vos pela minha partida. Mas logo voltareis a ver-me, e também podereis pedir em meu nome, e eu vos ouvirei.

“Aqui embaixo tenho-vos ensinado em provérbios e vos falado em parábolas. Assim fiz porque sois apenas crianças no espírito. Mas é chegado o tempo em que vos falarei claramente a respeito do Pai e de seu reino. E o farei porque o próprio Pai vos ama e deseja ver-se claramente revelado a vós. O homem mortal não pode ver o Pai Espírito. Por isso vim ao mundo: para vo-Lo mostrar. Quando o crescimento do espírito vos aperfeiçoar, então vereis o Pai.”

Para nosso assombro, alguns dos discípulos replicaram com expressões como estas:

“– Vede, realmente fala-nos com clareza. Seguramente, o Mestre veio de Deus. Mas por que diz que deve voltar ao Pai?”.

Apesar de seus repetidos esforços, saltava à vista que não O compreendiam. Aqueles rudes galileus estavam muito longe de captar o glorioso e esperançoso sentido de suas palavras. Mas, curiosamente – e convido os cristãos a que o compreendam por si mesmos –, nenhum dos evangelistas reconhece esta humana limitação de seus cérebros naqueles dramáticos momentos...

Concluído o que podíamos qualificar, repito, de discurso de despedida, o Nazareno deixou o divã. Alguns dos apóstolos o imitaram e, durante quinze ou vinte minutos, conversaram amistosamente, rememorando algumas das experiências da vida em comum. Depois, todos voltaram a seus assentos.

Jesus prepara-se para distribuir seus últimos conselhos – adverti ao não menos fatigado General. Mas Curtiss fez-me um gesto tranquilizador. Estava disposto a escutar até o final.

Quando os onze voltaram a reclinar-se em seus divãs, o Mestre, em pé, falou-lhes assim:

“– Enquanto permanecer convosco, sob a forma carnal, não posso ser mais do que um indivíduo no meio do mundo. Mas quando tiver sido liberado desta investidura de natureza mortal, poderei viver como espírito e morar em cada um de vós e nos outros que crêem neste Evangelho do reino. Assim, o Filho do Homem se tornará uma Encarnação Espiritual na alma de todos os verdadeiros fiéis.

“Quando tiver voltado a vós em espírito poderei guiar-vos melhor através desta vida e das muitas moradas da vida futura, no céu dos céus. A vida na eterna criação do Pai não é um repouso, uma ociosidade sem fim...”

Não sei ainda por que o fiz. O fato é que interrompi a fita e a rebobinei parcialmente. Curtiss e Eliseu olharam-me surpresos. Mas nada perguntaram.

“– ... através desta vida” – voltamos a ouvir a voz de Jesus – “e das muitas moradas da vida futura, no céu dos céus. A vida na eterna criação do Pai não é um repouso, uma ociosidade sem-fim, ou uma egoística comodidade, senão uma incessante progressão em graça, verdade e glória. Cada uma das inúmeras moradas da casa de meu Pai é um lugar de passagem, uma vida projetada para servir-vos de preparação para a seguinte. E assim os Filhos da Luz seguirão de glória em glória até alcançar o estado divino, no qual serão espiritualmente perfeitos, tal qual o Pai é perfeito em todas as coisas.”

– Deus meu! – exclamei sem poder conter-me. – Vocês ouviram o mesmo que eu? É a promessa mais clara e categórica não de uma e sim de muitas “vidas”, em contínua e progressiva perfeição!... Mas que poderão ser essas “moradas”?

– Eis aí mais uma razão maravilhosa para voltar – reforçou meu companheiro, com os olhos cravados em Curtiss.

O General assentiu em silêncio.

A seguir, o Mestre faria uma sutil recomendação; uma insinuação que, quando analisada detidamente, coloca em dúvida o empenho de muitos cristãos em imitar em tudo o Filho do Homem.

“– Se me seguirdes quando vos deixar, ponde vossos mais ardentes esforços em viver de acordo com o espírito de meus ensinamentos e com o ideal de minha vida: fazer a vontade de meu Pai. Fazei isso em lugar de tentar imitar minha natural vida carnal...”

“O Pai me enviou a este mundo, mas só uns poucos elegeram receber-me plenamente. Verterei meu espírito sobre toda carne, mas nem todos os homens elegerão receber este novo Mestre como guia e consolo de sua alma. Mas o Espírito da Verdade se transformará, neles, em fonte de água viva, jorrando a

vida eterna.

“E agora, já que estou a ponto de deixar-vos, quero transmitir-vos palavras de consolo. Deixo-vos a paz. Dou-vos minha paz. E dou estes dons, não como os dá o mundo, gradualmente. Dou a cada um de vós tudo quanto fordes capazes de receber. Não permitais que vosso coração se perturbe ou se mostre temeroso. Eu venci o mundo e em mim todos triunfareis pela fé. Já vos adverti que o Filho do Homem será morto, mas asseguro-vos que voltarei antes de ir ao Pai, mesmo que seja apenas por um pouco. E, depois que houver ascendido ao Pai, com certeza enviarei o novo Mestre para que habite em vossos próprios corações. E quando virdes que chegou o momento em que tudo isso ocorre, não vos consterneis. Crede. Tanto mais que já o sabíeis por antecipação. Amei-vos com todo afeto e não vos deixaria. Mas é a vontade do Senhor meu Pai. Minha hora é chegada.

“Não duvideis destas verdades, mesmo que vos acheis dispersos pelo estrangeiro, por causa das perseguições, ou abatidos por muitas penas. Quando vos sentirdes sós no mundo; eu saberei da vossa solidão, da mesma forma que vós sabereis da minha quando deixardes o Filho do Homem nas mãos de seus inimigos. A diferença é que eu nunca estou só. O Pai sempre está comigo. Mesmo nesses momentos rogarei por vós. Disse-vos todas estas coisas para que possais ter paz e a tenhais abundantemente. Neste mundo tereis atribulações mas conservai o bom humor. Eu venci o mundo e mostrei-vos o caminho para a alegria eterna e para o serviço eterno. Não deixeis que se perturbe vosso coração... nem vos deixeis sentir medo.”

Aquelas formosas palavras puseram ponto final na chamada “última ceia”. Apenas restava um derradeiro e emocionante capítulo: o das despedidas pessoais...

Um... dois passos. O Mestre foi colocar-se diante do divã ocupado por João Zebedeu, que se levantou prontamente. O Galileu, então, com uma voz cálida e íntima, dirigiu-lhe estas palavras de despedida:

“– Tu, João, és o mais jovem de meus irmãos. Tens estado muito junto de mim e, ainda que eu ame a todos vós com o mesmo afeto que um pai tem por seus filhos, foste designado por André como um dos três que sempre deveriam estar ao meu lado...”

Curtiss pediu-me que parasse a fita.

– Que significa isso? – indagou-me, presumindo que eu conhecia a resposta. – De que designação fala?

É claro que eu também não tinha uma explicação. A enigmática eleição de André, o chefe dos apóstolos, devia ser um fato sucedido muito antes de nossa primeira exploração. Certamente como eu havia tido oportunidade de comprovar

na oração do horto de Getsêmani, Jesus de Nazaré parecia mais ligado a três de seus homens que aos demais. Em outras muitas passagens dos textos evangélicos – passagens sempre de uma especialíssima transcendência –, João, seu irmão Tiago e Simão Pedro achavam-se sempre muito próximos da figura do rabi. Todos os exegetas e comentaristas bíblicos atribuíram este fato a uma decidida predileção do Mestre por esses homens. Na falta de uma referência nos Evangelhos e demais escritos sagrados a esta específica designação de André, era lógico supor que a contínua presença dos “eleitos” junto ao Nazareno tivesse origem puramente emotiva.

Mas quando se conhece e se estuda em profundidade a vida e o comportamento do Filho do Homem fica difícil aceitar que Cristo fizesse distinções pessoais, provocando, quem sabe, hipotéticas situações de inveja ou ciúmes entre os que o rodeavam todos os dias. Ainda que naquele momento eu ignorasse tudo sobre a presumida designação, a suposição de que esta tivesse sido obra dos próprios apóstolos, e não do Mestre, começou a ganhar terreno em meu coração. E se a eleição daqueles três galileus tivesse obedecido a um puro e simples empenho de proteger a figura do Mestre? Isso, ao menos em tese, podia encaixar-se com a forma de atuar de Cristo e, sobretudo, com a geral e pacífica aceitação desses “guarda-costas” por parte do grupo.

Da mesma forma que Felipe e Judas Iscariotes haviam sido nomeados intendente e administrador dos fundos comuns, respectivamente, os irmãos Zebedeu e Pedro podiam haver assumido a responsabilidade pela segurança do seu líder. Com exceção do Iscariotes, os discípulos jamais se haviam mostrado contrários a essa permanente “escolta” em torno de Jesus. Sintoma inequívoco de que haviam participado do ato da designação ou, quando menos, de que davam sua aprovação à decisão de André. Talvez agora, com a passagem dos séculos, quando as figuras dos apóstolos adquiriram um natural halo de santidade e elevação espiritual, torne-se difícil imaginar esses homens empenhados em uma rude tarefa de proteção. Mas, por amor à verdade, não devemos esquecer que, durante boa parte de suas vidas, nem sempre suas reações e pensamentos foram tão santos como hoje nos inclinamos a crer. Uma boa prova do que digo, por exemplo, é o fato de que usavam armas...

Naturalmente, tanto Eliseu quanto eu prometemos a Curtiss que aquele seria outro dos mistérios a esclarecer em nosso novo e iminente “salto” no tempo. O que então não podíamos imaginar eram as “circunstâncias” em que chegaríamos a obter essa informação. Mas prossigamos com o “adeus” de Jesus de Nazaré ao jovem João:

“– Afora isto, tens atuado por mim mesmo e deves continuar assim, trabalhando pelos assuntos relacionados com minha família na Terra. Eu vou ao

Pai, João, cheio de confiança em que continuarás velando por aqueles que são meus na carne. Cuida que a confusão em que estão, com respeito à minha missão, de maneira alguma te impeça de dar-lhes toda a simpatia, orientação e ajuda que, tu sabes, eu lhes daria se devesse permanecer na carne.

“E agora, enquanto ingresso nas horas finais da minha trajetória na Terra, permanece próximo, à mão, para que eu possa deixar alguma mensagem à minha família.”

Dessa vez fui eu quem interrompeu a gravação. Quis que o chefe do projeto captasse a especial importância daquela última frase do rabi:

“... permanece perto, à mão, para que eu possa deixar alguma mensagem à minha família”.

Isso fornecia plena explicação à quase contínua presença de João durante a prisão, os interrogatórios, a crucificação e a morte do Galileu. Como já comentei em outro ponto deste diário, o jovem e audaz discípulo se uniria ao pelotão que prendeu o Mestre nas proximidades do horto do Getsêmani, jamais separando-se dele, com exceção de alguns trágicos momentos como o espancamento em um dos intervalos do simulacro de julgamento por parte de Caifás, no interior da Fortaleza Antônio, da não menos dramática flagelação e da caminhada para o Gólgota.

Ainda que venha a ter tempo de comentá-lo, nunca pude entender por que nem João nem os demais evangelistas falam destas despedidas em seus escritos. No primeiro caso, a constatação da ordem do Galileu – de que João não se afastasse dele – haveria economizado muitas e rebuscadas explicações exegéticas sobre as “razões” do Zebedeu para permanecer ao lado do Mestre. Como vemos, as coisas são quase sempre mais simples do que acreditamos.

“– Pelo que diz respeito à minha obra, posta em minhas mãos pelo Pai” – prosseguiu Jesus –, “está concluída, com exceção de minha morte na carne. E estou preparado para beber este último cálice. Quanto às responsabilidades deixadas por José, meu pai na Terra, assim como eu as atendi durante minha vida, dependendo agora de ti para que atues em meu lugar, resolvendo estes assuntos. E te elegi para que faças isso por mim, João, porque és o mais jovem e, portanto, é mais provável que sobrevivias aos outros apóstolos.”

Esta insólita revelação de Jesus de Nazaré – omitida também pelos evangelistas – vinha corroborar minhas suposições de que a designação de João como encarregado da custódia de seus assuntos familiares – incluído o cuidado de Maria, sua mãe – não obedecera a razões sentimentais ou de especial simpatia por João. Nada disso. A julgar por essas palavras do Nazareno, os motivos eram os mais pragmáticos: Jesus “sabia” ou “intuía” que, sendo João ainda menor, sua estada no mundo dos vivos deveria ser mais prolongada que a dos outros. E não

se equivocaria. João Evangelista deve ter falecido na década de 90 da nossa era. Quem sabe até no ano 100.

“– Uma vez chamei a ti e a teu irmão filhos do trovão. Começaste conosco com uma mente rígida e intolerante. Mas mudaste muito desde que me pediste que fizesse cair fogo do céu contra os ignorantes e irrefletidos não crentes. E ainda deves mudar mais. Tens de chegar a ser o apóstolo do novo mandamento que vos dei esta noite. Dedica tua vida a ensinar teus irmãos a amarem-se uns aos outros como eu vos tenho amado.”

Quando Jesus terminou, um coro de lamentações quebrou o silêncio dos seus discípulos. João chorava. E foi com a voz entrecortada que respondeu:

“– E assim o farei, Mestre. Mas como posso aprender a amar a meus irmãos?”.

“– Aprenderás a amar a teus irmãos” – respondeu solícito Jesus – “quando aprenderes a amar primeiro ao Pai do céu e quando chegares a estar verdadeiramente interessado no bem-estar de todos eles... no tempo e na eternidade. E todo esse interesse humano vê-se favorecido com o serviço generoso, com a compreensão, com a simpatia e o perdão ilimitado. Homem algum depreciará tua juventude. Exorto-te, porém, a que concedas sempre a devida consideração ao fato de que a velhice representa, normalmente, experiência. E nada, nos assuntos do homem, pode substituir a autêntica experiência. Esforça-te por viver pacificamente com todos os homens. Em especial com teus amigos na irmandade do reino celestial. E lembra-te sempre, João: não lutes com as almas que poderias ganhar para o reino.”

Sem poder conter o pranto, João sentou-se. Os passos do Galileu contornaram seu próprio divã em direção ao outro braço do “U”, detendo-se, porém, diante do assento que havia sido ocupado por Judas. E ali Jesus permaneceu, imóvel, em silêncio, por vinte ou trinta segundos. Não houve comentário ou indicação que nos permitisse imaginar o semblante ou a atitude de Jesus diante do divã que o traidor ocupara. (Mais adiante, no meu “regresso à Palestina do ano 30, André descreveria para mim aquele crítico instante como de “suma tristeza para o Mestre”. O único pensamento que então atravessou as mentes dos onze foi a inexplicável demora de Judas. “Haviam acontecido tantas coisas desde que Judas desaparecera de nossa vista – acrescentaria o chefe dos apóstolos – que chegamos até a nos esquecer dele.”)

Ao cabo desse breve período de reflexão, Jesus de Nazaré continuou avançando e de novo se deteve diante do combativo Simão, o Zelote. Uma vez em pé, o provável membro ou simpatizante do grupo guerrilheiro ouviu as seguintes palavras:

“– És um verdadeiro filho de Abraão. Mas quanto tempo levei para

converter-te em um filho do reino celestial!... Quero bem a ti e a teus irmãos também. Sei que me amas, Simão, e que amas também o reino, mas continuas tentando fazer com que este reino esteja de acordo com teu gosto. Sei muito bem que, finalmente, compreenderás a natureza espiritual e o significado do meu Evangelho e que realizarás um valente trabalho para que ele seja proclamado. Mas estou preocupado pelo que possa ocorrer a ti quando me for. Alegrar-me-ia saber que não duvidarás. Seria feliz se pudesse saber que, depois que eu voltar ao Pai, não deixarás de ser meu apóstolo e te comportarás aceitavelmente como mensageiro do reino celestial”.

O ardente patriota não hesitou em sua resposta:

“– Mestre, não temas por minha lealdade. Voltei as costas a tudo para poder dedicar minha vida à implantação do teu reino na Terra e não falharei. Até agora sobrevivi a todas as armadilhas e não te abandonarei”.

Essa manifestação do zelote era de extrema importância para melhor entender-se o grau de frustração de alguns dos seguidores do Galileu, convencidos até o último momento do papel político e terreno de Jesus. Mas haverá tempo para aprofundar esse espinhoso assunto, tão parcamente tratado pelos evangelistas...

Ao ouvir tão veemente afirmação, o Mestre replicou com certa crueza:

“– É realmente agradável ouvir-te falar assim em um momento como este. Mas, meu bom amigo, ainda não sabes do que estás falando. Nem por um instante duvidaria de tua lealdade ou devoção. Sei que não vacilarias em prosseguir na luta e em morrer por mim, como fariam estes...”.

Um murmúrio geral de aprovação interrompeu as palavras do Mestre.

“– ... mas não se exigirá isso de vós. Tenho-vos dito e repetido que meu reino não é deste mundo e que meus discípulos não lutarão para levar a cabo sua implantação. Disse-vos muitas vezes, Simão, mas não quereis enfrentar a verdade. Não estou preocupado com vossa lealdade para comigo ou para com o reino. Mas que fareis quando eu me for e vos derdes conta de que não compreendestes o significado de meu ensinamento e tiverdes de ajustar vossos conceitos errôneos a outra realidade?”

Simão Pedro tentou falar. Jesus, porém, prosseguiu:

“– Nenhum de meus apóstolos é mais sincero e honesto de coração do que tu, mas nenhum estará tão abatido e perturbado como tu, depois da minha ida. No teu desalento, meu espírito morará em ti, e estes, teus irmãos, não te abandonarão. Não esqueças o que te ensinei sobre a relação entre os cidadãos do mundo e a ‘cidadania’ dos outros filhos: os do reino de meu Pai. Medita bem sobre tudo que te tenho dito sobre dar a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e a mim o que é meu. Dedicar tua vida, Simão, a mostrar quanto

aceitavelmente pode o homem mortal cumprir meu preceito referente ao reconhecimento simultâneo do dever temporal para com os poderes civis e o serviço espiritual na irmandade do reino. Se és ensinado pelo Espírito da Verdade, nunca haverá conflito entre as obrigações impostas pela cidadania da Terra e as próprias de ser filhos do céu... a não ser que os dirigentes temporais exijam de vós a homenagem e a admiração que só a Deus pertencem.

“E agora, Simão, quando vires finalmente tudo isso, tenhas sacudido de ti o desânimo e caminha adiante, proclamando com grande poder este Evangelho, nunca esqueças que eu estava contigo, mesmo nos teus momentos de desalento, e que continuarei contigo até o fim. Sempre serás meu apóstolo e, quando chegares a ver com os olhos do espírito e a submeter plenamente tua vontade à do Pai do céu, então voltarás a trabalhar como meu emissário. Apesar da tua lentidão em compreender as verdades que te tenho ensinado, ninguém tirará de ti a autoridade que te dei.

“Assim, Simão, previno-te uma vez mais: os que lutam com a espada morrem pela espada. Mas os que trabalham no espírito conseguem a vida eterna no reino e a paz e a alegria na Terra. Quando a missão incumbida a tuas mãos tiver terminado no mundo, tu, Simão, te sentarás comigo em meu reino. E verás realmente o reino pelo qual tens suspirado. Não, porém, nesta vida. Continua crendo em mim e no que te revelei e receberás o presente da vida eterna.”

A seguir, o Mestre postou-se diante de Mateus Levi.

“– Já não te competirá cuidar da caixa do grupo apostólico. Breve, muito breve, todos vos dispersareis. Não vos será permitido desfrutar sequer o reconfortante e contínuo apoio de um só de vossos irmãos. Quando sairdes a pregar este Evangelho do reino tereis de buscar novos companheiros. Enviei-vos de dois em dois durante o tempo de treinamento, mas, agora que vos deixo, deveis, assim que vos tiverdes recobrado do golpe, ir sozinhos até os confins da Terra proclamando esta boa nova: que mortais vivificados na fé são os filhos de Deus.”

Mateus, com sua calma e senso prático de sempre, perguntou por sua vez:

“– Mas, Mestre, quem nos enviará e como saberemos aonde ir? André nos ensinará o caminho?”

“– Não, Levi” – respondeu Jesus, confirmando assim o que já se sabia e deixei bem claro em relatos anteriores: a chefia do irmão de Simão Pedro –, “André já não vos dirigirá na proclamação do Evangelho. Na verdade, continuará como vosso amigo e conselheiro até o dia em que chegar o novo Mestre. Então o Espírito da Verdade vos guiará ao estrangeiro para que trabalheis pela ampliação do reino. Muitas mudanças operaram-se em vós desde aquele dia, no armazém aduaneiro, quando pela primeira vez começastes a

seguir-me. Mas muitas mais devem acontecer antes que possais contemplar a visão de uma irmandade na qual estrangeiros e judeus se sentem em fraternal associação. Mas sede rápidos em ganhar vossos irmãos judeus. Quando vos sentirdes totalmente satisfeitos, voltaí então com ardor para os estrangeiros. De uma coisa podes estar seguro, Levi: ganhaste a confiança e o afeto de teus irmãos. Todos gostam de ti.”

Um novo e geral murmúrio de aprovação sublinhou as últimas palavras de Jesus:

“– Levi, sei de tuas ansiedades, sacrifícios e trabalhos para manter cheia a caixa. Teus irmãos não o souberam. E sinto-me contente de que, ainda que o que leva a bolsa não esteja presente, aqui esteja, em minha reunião de despedida, o representante do taverneiro, com os mensageiros do reino. Oro para que possas discernir o significado do meu ensinamento com os olhos do espírito. E, quando o novo Mestre chegar ao teu coração, segue adiante. Ele te guiará. E mostra a teus irmãos e a todo o mundo o que o Pai pode fazer com um odiado arrecadador de impostos que se atreveu a seguir o Filho do Homem e a crer no Evangelho do reino. Desde o princípio, Levi, gostei de ti como gostei destes outros galileus. Sabendo, então, muito bem que nem o Pai nem o Filho têm em conta a posição das pessoas, cuida de não fazer essa distinção entre os que chegarem a crer no Evangelho através de teu ministério. E assim, Mateus, dedica toda tua vida de serviço futuro, a mostrar aos homens que Deus não tem em conta a posição das pessoas. Que, no conceito do Pai e da irmandade, todos os humanos são iguais, todos são filhos de Deus”.

Tiago Zebedeu, o irmão de João, aguardava em pé o Mestre, que se encaminhou para ele dizendo:

“– Tiago, quando tu e teu irmão menor chegastes uma vez a mim, buscando preferências nas honras do céu e vos respondi que essas honras eram outorgadas pelo Pai, perguntei-vos se sereis capazes de beber da minha taça. Os dois respondestes que sim. Ainda que nem então nem agora estejais preparados para isso, breve estareis dispostos para tal serviço, graças à experiência que estais a ponto de viver. Por aquele comportamento irritastes vossos irmãos. Se ainda não perdoaram a ti de todo, o farão quando virem que bebes da minha taça. Seja o teu ministério longo ou curto, conserva tua alma em paz. Quando vier o novo Mestre deixa que Ele te ensine o equilíbrio da compaixão e essa amável tolerância que nasce da sublime confiança em mim e da perfeita submissão à vontade do Pai. Dedica tua vida a demonstrar afeto humano e dignidade divina combinados. E todos os que viverem assim revelarão o Evangelho, até na forma de sua morte. Tu e teu irmão João ireis por diferentes caminhos e um de vós pode ser que se sente comigo no reino eterno muito antes que o outro...”.

Sutilmente, Jesus de Nazaré estava anunciando a Tiago que sua morte ocorreria muito antes que a de seu irmão.

“– Ajudar-vos-ia muito saber que a verdadeira sabedoria compreende discrição e coragem ao mesmo tempo. Aprendereis a sagacidade, para associá-la à vossa agressividade. Virão momentos supremos em que meus discípulos não hesitarão em dar suas vidas por este Evangelho. Mas em circunstâncias ordinárias será melhor aplacar a ira dos não crentes para que possais viver e continuar pregando as boas novas. Enquanto tiverdes forças, vivei longamente para que vosso trabalho seja frutífero em almas conquistadas para o reino celestial.”

Concluída sua despedida a Tiago, Jesus caminhou até a extremidade da mesa. Ali encontrava-se André, seu fiel ajudante. Suas frases relacionadas com a chefia do apóstolo não deixaram lugar a dúvidas:

“– André, tu me representaste com fidelidade como cabeça dos emissários do reino celestial. Ainda que tenhas duvidado muitas vezes e em outras ocasiões hajas manifestado uma clara e perigosa timidez, mesmo assim tens sido sempre sincero e justo em tuas relações com os companheiros. Desde tua ordenação e a de teus irmãos como mensageiros do reino tens sabido governar-te a ti mesmo nos assuntos administrativos do grupo. Em nenhum outro assunto temporal tive de dirigir ou influir em tuas decisões. E assim fiz para ensinar-te, com vistas a tuas deliberações nos grupos futuros. Em meu Universo e no Universo dos Universos de meu Pai, nossos filhos-irmãos são tratados como indivíduos em todas as suas relações espirituais. Mas nas de grupo fazemos que exista uma direção. Nosso reino é um reino de ordem e, onde duas ou mais criaturas atuem em cooperação, sempre existe essa autoridade.

“E agora, André, uma vez que és o chefe de teus irmãos pela autoridade da minha nomeação, e uma vez que assim tens servido, como meu representante pessoal, e uma vez que estou prestes a ir-me para meu Pai, libero-te de toda responsabilidade no concernente aos assuntos temporais e administrativos. De agora em diante podes não exercer jurisdição sobre teus irmãos, exceto a que tenhas ganho por tua capacidade como líder espiritual e que eles reconheçam livremente. Desde este momento podes não exercer nenhuma autoridade sobre teus irmãos, a não ser que eles a restaurem. Mas esta liberação como cabeça administrativa do grupo de maneira alguma reduz tua responsabilidade moral para fazer tudo que esteja em tuas mãos com respeito à manutenção da união de todos no período de prova que se aproxima. De agora em diante só exercerei autoridade espiritual sobre e entre vós.

“Se teus irmãos desejarem conservar-te como conselheiro, digo-te que deves fazer tudo quanto possas para promover a paz e a harmonia (tanto nos

assuntos temporais quanto nos espirituais) entre os grupos de sinceros crentes no Evangelho. Dedicar o resto de tua vida a impulsionar os aspectos práticos do amor fraterno. Sê amável com meus irmãos na carne. Mostra uma devoção amorosa e imparcial aos gregos do oeste e a Abner, do leste. Ainda que estes, meus apóstolos, venham a ser dispersos muito em breve pelos quatro cantos da Terra para proclamar a boa nova da salvação, debes mantê-los unidos durante o tempo de prova que se aproxima. Nessa ocasião deveis, todos vós, aprender a crer neste Evangelho sem a minha presença pessoal. E assim, André, conquanto não recaiam em ti os grandes trabalhos que vêm dos homens, contenta-te com ser o mestre e conselheiro dos que os fazem. Segue adiante com teu trabalho na Terra (até o fim) e assim continuarás este ministério no reino eterno. Não te tenho dito muitas vezes que tenho outras ovelhas que não as deste rebanho?”

A despedida seguinte foi para os gêmeos Alfeu. Em pé, entre os dois, anunciou-lhes:

“– Filhos meus, sois um dos três grupos de irmãos que escolheram seguir-me...”.

Não conhecendo com precisão como se fizera a eleição dos doze, aquelas palavras nos confundiram. Será que apenas a metade dos discípulos – os irmãos Alfeu, André e Simão Pedro e Tiago de Zebedeu – haviam elegido seguir o Mestre? E os outros seis?

Os motivos que justificavam nossa decisão de “regressar” continuavam multiplicando-se...

“– ... Os seis” – prosseguiu Jesus – “tendes trabalhado bem e em paz com vossa própria carne e sangue. Mas ninguém o tem feito melhor que vós. Tempos duros se aproximam... Talvez não compreendais tudo que vai acontecer, mas não duvideis de que uma vez fostes chamados para a tarefa do reino. Por algum tempo não haverá multidões a dirigir. Mas não desanimeis. Quando vosso trabalho nesta vida estiver concluído, receber-vos-ei no alto e ali, na glória, falareis de vossa salvação aos exércitos seráficos e às multidões dos elevados Filhos de Deus. Dedicai vossa vida a engrandecer as tarefas triviais. Mostrai a todos os homens e aos anjos quão alegre e valente pode chegar a ser o homem mortal. E, após vossa etapa a serviço de Deus, voltai aos trabalhos cotidianos. E fazei-o com a nova luz da experiência de saber-vos filhos de Deus. A vós que haveis trabalhado comigo, tudo vos tem tornado sagrado. Todo labor terreno é um serviço a Deus Pai. E quando ouvirdes notícias dos feitos dos vossos anteriores companheiros apostólicos, regozijai-vos com eles e continuai vosso trabalho diário como os que esperam em Deus e servem enquanto esperam. Tendes sido meus apóstolos e sempre o sereis e sempre vos recordarei no reino que há de chegar.”

Era a primeira vez que Jesus de Nazaré admitia que vários de seus homens mais próximos não desempenhariam a tarefa de evangelizadores após o seu desaparecimento. A verdade é que, à exceção de uns poucos discípulos, as atividades apostólicas do resto do grupo quase não ficaram refletidas nos escritos e nas tradições dos cristãos.

Felipe foi o seguinte. Em pé, como os demais, escutou atentamente o seu rabi:

“– Felipe, tens-me feito muitas e loucas perguntas. E tenho feito o possível para responder a todas elas. Agora responderei à última que surgiu em tua muito honesta ainda que pouco espiritual mente. Todo o tempo tenho estado acudindo-te enquanto te perguntavas: ‘Que farei se o Mestre se vai e nos deixa sós no mundo?’ Oh! tu, homem de pouca fé! E assim, e contudo, tens quase tanta quantos muitos de teus irmãos... Tens sido um bom servidor, Felipe. Não falhaste senão poucas vezes. E uma das falhas a utilizamos para manifestar a glória do Pai...”.

– A que pode estar-se referindo? – interveio Curtiss.

Tampouco eu soube responder. Sabia que Felipe era o responsável pela intendência geral do grupo, mas nesse momento não podia imaginar de que falava o Galileu. Quem poderia supor que eu mesmo assistiria à “falha” em questão? Mas não adiantemos os acontecimentos...

“– Teu encargo de servidor está próximo de terminar. Logo deverás fazer o trabalho para o qual foste chamado: a pregação deste Evangelho. Felipe, sempre quiseste que se te mostrassem as coisas. Logo verás grandes feitos. Como tens sido sincero, até mesmo em tua visão material, viverás para ver cumpridas minhas palavras. E então, quando fores beneficiado com a visão espiritual, segue adiante com teu trabalho, dedicando tua vida à condução da humanidade para a busca de Deus e das realidades espirituais, mas com os olhos da fé, não com os da mente material. Não te esqueças, Felipe, tens uma grande missão na Terra. O mundo está cheio de homens que olham a vida como tu mesmo tens feito. Tens um grande trabalho por fazer, e quando o terminares virás a mim, em meu reino, e terei grande prazer em ensinar-te o que o olho não tenha visto, o ouvido, escutado, nem concebido a mente mortal. Enquanto isso, sê como um menino no reino do espírito e permite-me, como espírito do novo Mestre, guiar-te para o reino espiritual. Desta forma poderei fazer muito por ti: o que não pude concluir quando permaneci contigo como mortal. E recorda sempre, Felipe, quem me viu, viu o Pai.”

Quando Cristo terminou, Felipe voltou a sentar-se. E os passos do Mestre dirigiram-se para o divã que vinha a seguir: o de Bartolomeu ou Natanael. Este já se havia posto em pé, mas Jesus fez-lhe sinal para que se sentasse. O próprio

rabi fez o mesmo, acomodando-se a seu lado. E assim falou-lhe:

“– Natanael, tens aprendido a viver acima dos preconceitos e a praticar uma tolerância cada vez maior, posto que te fizeste apóstolo. Mas há ainda muito que aprenderes. Tens sido uma bênção para teus companheiros, sempre advertidos com tua sinceridade. Quando me houver ido, pode dar-se que tua franqueza interfira nas relações com teus irmãos, tanto os antigos quanto os novos. Deves aprender que até mesmo a expressão de um bom pensamento tem de ser modulada de acordo com o nível intelectual e o desenvolvimento espiritual daquele que ouve. A sinceridade é mais útil nas tarefas do reino quando se casa com a discrição.

“Se aprendesses a trabalhar com teus irmãos poderias finalizar muito mais coisas. Mas se te encontrares a ti mesmo na busca daqueles que pensam como tu, nesse caso dedica tua vida a demonstrar que o discípulo conhecedor de Deus pode chegar a ser um construtor do reino, mesmo que esteja só e separado de seus irmãos crentes. Sei que serás fiel até o fim. E algum dia te darei as boas-vindas ao amplo serviço do meu reino, no alto.”

Bartolomeu dirigiu-se então ao rabi indagando-lhe:

“– Tenho escutado teus ensinamentos desde a primeira vez em que me chamaste ao serviço deste reino. Mas, honestamente, não pude compreender todo o significado do que dizes. Não sei que mais devemos esperar. E creio que a maioria de meus irmãos está perplexa como eu, ainda que hesitem em admitir sua confusão. Podes ajudar-me?”.

“– Meu amigo” – respondeu-lhe Cristo prontamente – “não é estranho que te encontres perplexo em tua tentativa de compreender o significado de meus ensinamentos espirituais. Arcas com o preconceito da tradição judia e te empenhas em interpretar meu Evangelho de acordo com o que ensinam os escribas e fariseus. Tenho-vos ensinado pela palavra da minha boca e vivido entre vós. Tenho feito o possível para iluminar vossas mentes e libertar vossas almas, mas o que não haveis conseguido até agora por meus ensinamentos deveis adquiri-lo da mão desse mestre dos mestres: a experiência real. Nessa nova marcha, eu irei adiante e o Espírito da Verdade estará convosco. Não temais. O que agora não podeis compreender, o novo Mestre, ao chegar, vos revelará nesta vida e em vosso aprendizado no tempo eterno.”

Então Jesus dirigiu sua voz para o centro da mesa:

“Não vos perturbeis por não poderdes assimilar todo o significado do Evangelho. Não sois mais do que homens finitos e mortais e o que vos tenho ensinado é infinito, divino e eterno. Sede pacientes. Tende coragem. Tendes as idades eternas diante de vós. Nelas continuareis vossa progressiva perfeição, assim como vosso Pai do Paraíso é perfeito”.

Curtiss, Eliseu e eu nos olhamos, assaltados pelo mesmo sentimento. Era como se as últimas palavras do Mestre – dirigidas para o centro do “U”, precisamente o ponto onde se encontrava o microfone – não houvessem sido endereçadas apenas aos seus íntimos...

Jesus levantou-se e caminhou para Tomé. E ouviu-se que dizia:

“– Tomé, muitas vezes te tem faltado a fé. Todavia, apesar desses momentos de dúvida, nunca careceste de coragem. Sei muito bem que os falsos profetas e mestres não te enganaram. Depois que eu me houver ido, teus irmãos apreciarão muito tua forma crítica de ver e julgar os ensinamentos. E quando todos vos dispersardes pelos confins da Terra, recorda que ainda és meu mensageiro. Dedica tua vida à grande obra de mostrar como a mente crítica material pode triunfar sobre a inércia da dúvida intelectual quando se a enfrenta com a demonstração da manifestação da verdade viva.

“Tomé, estou contente de que te tenhas unido a nós. E sei que após um curto período de perplexidade seguirás adiante no serviço do reino. Tuas dúvidas têm confundido teus irmãos, mas não a mim. Tenho confiança em ti e irei adiante de ti aos mais remotos lugares da Terra.”

E Jesus, lentamente, foi colocar-se diante de um dos seus homens mais difíceis e queridos: Simão Pedro. Estávamos a ponto de ouvir a outra profética alocução...

No caso de Pedro, como se verá, as repreensões do Mestre foram mais duras.

“– Pedro, sei que me amas. E sei que dedicarás tua vida à proclamação pública deste Evangelho do reino a judeus e pagãos. Mas estou penalizado... Teus anos de firme associação comigo não te ajudaram o suficiente para pensar antes de falar...”

Lastimei não ter estado presente àquela reunião. Estou certo de que a expressão de Pedro devia ser um livro aberto.

“– ... Que experiência tens de viver para aprenderes a ser cauteloso com tua boca? Quantos problemas nos tens dado por tua irresponsabilidade e tua presunçosa confiança em ti mesmo! E estás destinado a criar-te muitos mais se não dominares essa debilidade. Sabes que, apesar desse teu defeito, teus irmãos te amam. E deves entender também que essa debilidade de modo algum diminui meu afeto por ti. Mas reduz tua eficácia e multiplica teus problemas...”

O tom de Jesus fez-se menos severo.

“– Certamente, a experiência que passarás esta noite será para ti de grande ajuda. E o que agora te digo, Simão Pedro, serve também para todos os que aqui estão reunidos: esta noite correreis perigo se estiverdes comigo. Sabeis que está

escrito: ‘O Pastor será castigado e as ovelhas, dispersadas.’ Quando eu estiver ausente haverá o risco de que alguns de vós sucumbam diante da dúvida e sofram pelo que me suceder. Mas agora mesmo prometo-vos que voltarei por um curto tempo e entrarei, então, na Galiléia.”

O fogoso Pedro não tardou em replicar:

“– Não importa se todos os meus irmãos vierem a sucumbir diante da dúvida por tua causa. Prometo que não estarei contra nada que possas fazer. Irei contigo! E, se for necessário, morrerei por ti!”.

O ardente e voluntarioso apóstolo aguardou a resposta do Mestre. E esta chegou como um jarro de água gelada.

“– Pedro, em verdade, em verdade te digo que esta noite, antes que o galo cante, ter-me-ás negado... três ou quatro vezes.”

– Três ou quatro vezes? – exclamou o General, que, obviamente, não conhecia ainda nossa versão sobre o acontecido nessa madrugada de quinta para sexta-feira.

– Afirmativo – respondi. – Foram três negações públicas e uma praticamente em caráter privado.

“– ... Dessa forma” – prosseguiu Jesus –, “o que não tens conseguido aprender em tua pacífica união comigo, o assumirás entre problemas e penas. E, quando houveres entendido esta necessária lição, deverás reconfortar teus irmãos e seguir adiante, levando uma vida dedicada à pregação deste Evangelho. Ainda que possas ir para a prisão e talvez seguir-me, pagando o preço supremo pelo amoroso serviço de construção do reino do Pai.”

Simão Pedro, como os outros, não entendeu então o trágico alcance daquelas proféticas palavras.

“– Mas, recorda minha promessa: quando eu ressuscitar, ficarei convosco algum tempo, antes de ir ao Pai. Esta noite farei súplicas para que vos fortaleçais diante do que deveis suportar. Amo-vos a todos com o amor com que o Pai me ama e, portanto de agora em diante, deveis amar-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.”

O grupo pôs-se em pé e, dirigido por Jesus, entoou um novo cântico.

Cerca das 22h30 daquela quinta-feira, 6 de abril do ano 30, os passos e os murmúrios dos doze perdiam-se no piso inferior do lar da família Marcos. A “última ceia” havia terminado.

Um prolongado silêncio caiu entre nós três. De fato, havia demasiados pontos sobre os quais meditar. E ainda que eu dê ao hipotético leitor deste diário o direito de tirar suas próprias conclusões, penso que é minha obrigação dar conta de algumas das apreciações e comentários que externamos naquela

madrugada, na solidão do cume da Massada.

Para o General – muito mais afetado do que nós pelo que acabávamos de ouvir –, parecia de todo incompreensível que os evangelistas não tivessem feito menção, entre outras coisas, aos incidentes dos divãs e dos lavatórios e às onze últimas despedidas do Galileu. Só um dos escritores sagrados – Lucas – deixa entrever que “algo” raro sucedeu entre os apóstolos: “Entre eles houve também uma alteração sobre quem dentre eles parecia ser o ‘maior’ (22, 24)”. Por que nenhum dos outros três fala dessa estranha “alteração”?

Para Eliseu, como para mim, a possível resposta – sempre a título de hipótese de trabalho – estava justamente no denominador comum das mencionadas três situações. Tanto na ácida polêmica sobre quem devia ocupar os postos mais próximos do rabi, como na orgulhosa postura de não quererem lavar-se mutuamente os pés e nas despedidas, os apóstolos não se saíram dignamente. Como vimos, em cada “adeus” do Mestre fluía uma considerável carga de censura. Jesus, uma vez mais, chamou as coisas por seu nome revelando os principais defeitos de seus discípulos. E isso, insisto, com o passar dos anos, deve ter sido considerado como não “construtivo” pelo “colégio apostólico” ou pelos responsáveis pelas respectivas redações evangélicas. Mas nem mesmo é o único caso nos Evangelhos Canônicos...

Nesse mesmo sentido, é altamente estranho, para não dizer sintomático, que apenas um dos evangelistas, João, registre em seus escritos o belíssimo gesto de Jesus ao banhar os pés dos seus discípulos. Por que Mateus, Marcos e Lucas omitem completamente um fato tão edificante? Ocorreria, por acaso, que no momento de descrevê-lo, e tendo obrigação moral de contar os fatos tal como ocorreram, preferissem guardar silêncio para evitar um desgaste de sua imagem individual e coletiva? Em defesa da objetividade informativa dos evangelistas – ainda que haja fissuras demais para crer nessa objetividade – cabe alegar também que talvez as atuais versões dos textos de Mateus, Marcos e Lucas não correspondam aos escritos originais.

O primeiro documento sobre a vida e os ensinamentos de Cristo – ao menos de que se tem notícia – foi obra de Mateus. Assegura a tradição que este, Mateus, foi um dos doze. Entretanto, os cristãos não dispõem de prova irrefutável nesse sentido. Admitindo, mesmo, que Mateus Levi, autor desse evangelho, fosse o apóstolo, deparamo-nos com outro fato incontornável: o texto primigênio, redigido em língua aramaica, foi perdido. Ficou-nos um evangelho de Mateus em grego, que não é outra coisa senão uma fusão – cheia de possíveis modificações – do Mateus genuíno. Para cúmulo dos males, a atual versão, em grego, deve ter sido lançada ao redor dos anos 60 de nossa era. Quer dizer, uns trinta anos após a morte do Salvador. Um período, ainda que historicamente

curto, demasiado longo para poder reconstituir com exatidão os extensos e profundos discursos de Jesus. Eu acrescentaria que os dez ou vinte anos que talvez houvessem transcorrido entre a desapareição do Galileu e a redação do primeiro evangelho – o Mateus aramaico – constituem tempo demasiado para tentar memorizar e reter com acerto as centenas de milhares de palavras proferidas pelo Mestre.

Quanto aos outros evangelistas – Marcos e Lucas –, a situação ainda se obscurece mais. O primeiro talvez tenha sido aquele adolescente, João Marcos, que de fato conheceu e conviveu com o Galileu.⁸⁸ Mas sua permanência junto ao Mestre foi muito espaçada e esporádica. É mais do que seguro que ao pôr no papel as lembranças e pesquisas sobre o Cristo tivesse de recorrer às fontes já existentes: Mateus e outros documentos que circulavam entre as comunidades cristãs. Ausente da última ceia, Marcos teve de fiar-se em versões alheias. Então, ou a “altercação” dos divãs e o tema dos lavatórios já haviam sido censurados ou, de mútuo acordo com os apóstolos sobreviventes, achou mais prudente ignorá-los. O fato é que nunca conheceremos as verdadeiras razões desta tríplice lacuna informativa.

O caso de Lucas afigura-se mais lógico. Os *experts* têm demonstrado que seu evangelho foi escrito com base – em boa medida – nos textos de Mateus e de Marcos.⁸⁹ O evangelista copiou, modificou e suprimiu uma infinidade de passagens, a seu critério e, sem dúvida, ao dos que o rodeavam. Sua versão, em consequência, deixa muito a desejar, sem contar, como já observei, o deslize do caso da “altercação”.

Talvez, porém, o capítulo mais delicado seja o da instituição da Eucaristia. Não usarei rodeios. De meu ponto de vista, Jesus não instituiu Eucaristia alguma, tal como hoje conceituam os cristãos este sacramento. E uma importante prova do que afirmo está justamente na única testemunha que viveu a cena e sobre ela escreveu: João. Se Cristo houvesse em verdade pronunciado as conhecidas palavras – “tomai, este é meu corpo” ou “este é meu sangue” –, o jovem discípulo, que se encontrava à sua direita, não poderia tê-las ignorado. Se o fato passou-se assim, reveste-se de uma tal importância que por si só eclipsa muitas outras passagens da vida do Galileu. Por que, então, não aparece na narração de João Evangelista? Alguns exegetas tentam contornar o acontecimento, alegando que a missão de João ao escrever seu evangelho era tão somente a de completar as lacunas dos outros três. A alegação é muito débil. Se essa tivesse sido realmente a intenção do Zebedeu, por que repetir tantas passagens que já figuravam nos evangelhos de seus companheiros? Por que insistir, por exemplo, na morte e ressurreição?

Ao longo de toda sua existência o Filho do Homem jamais deixou um só

legado ou registro que não fosse sua mensagem e sua atitude diante da vida. Foi tão sutil que nada deixou escrito. Nem sequer seus restos mortais nos ficaram. Por que razão se arriscaria a cristalizar em umas palavras algo que, com o passar do tempo, poderia ser motivo de interpretações e definições que limitassem suas grandes verdades espirituais? Mais lógico seria que, sob o simbolismo do pão e do vinho, falasse a seus discípulos de uma simples ceia de recordação. Esta, em minha opinião, pode ter sido sua verdadeira intenção: que soubéssemos e tivéssemos consciência de que, cada vez que se juntem os fiéis, Ele estará presente. Mas o está sempre, sem necessidade de “fórmulas mágicas ou matemáticas” que, definitivamente, constituem hoje a Eucaristia. Uma vez mais, suas palavras e intenções foram manipuladas e enclausuradas pelos falsos e pueris julgamentos do homem, que sente uma especial atração pelos dogmas. Quando se realiza uma reunião de fiéis crentes, não é necessário associar a presença divina a um pedaço de pão ou a uma taça de vinho. O espírito vivente do Filho de Deus – tal como Ele repetiu – faz-se fisicamente presente em cada um dos espíritos dos congregados.

“Tomai esta taça e bebei dela. Esta será a taça da minha recordação...”

A manipulação do homem, uma vez mais, foi total. Duvido muito que Jesus desejasse destruir o conceito individual da divina comunhão, estabelecendo uma fórmula tão precisa e estranha aos seus hábitos, como a que hoje praticam os cristãos. Seu estilo não foi precisamente o de limitar a imaginação espiritual do crente, bloqueando-a com formalismos.

“Tomai este pão e comei-o. Tenho-vos manifestado que sou o pão da vida, que é a vida unificada do Pai e do Filho em um só dom. A palavra do Pai, como foi revelada pelo Filho, é realmente o pão da vida.”

Que relação guardam estas frases com as que nos transmitiram os três evangelistas? Em minha opinião, nenhuma. Nem na letra, nem no espírito. Infelizmente, de todas as suas parábolas e ensinamentos, talvez essa tenha sido a mais manipulada e padronizada. Mas, como se verá mais adiante, não é o único fato deformado ou omitido...

Em suma, considerando que não houve transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Galileu, como hoje sentencia a crença dos cristãos, menos se pode polemizar sobre se Judas chegou a “comungar” ou não. O pedaço de pão embebido no molho foi simplesmente um costume e um sinal. Uma “pista” que sequer foi captada pelos discípulos. Como vimos, nem mesmo João – que se achava à direita do rabi – percebeu o breve diálogo entre o Mestre e o traidor. É óbvio, portanto, que o chamado “anúncio da traição de Judas”, de que fala João, foi um fato “descoberto” pelo Evangelista, não no momento em que se produziu, mas sim *a posteriori*. Seguramente, os onze saíram do cenáculo ignorando as

maquinações de Judas. Só depois é que se inteiraram.

Por último – já que a análise da “última ceia” nos levaria longe demais –, por que os textos evangélicos não dizem uma só palavra sobre a chefia de André, o irmão de Simão Pedro? Por que não dedicam mais espaço às belas e esperançosas revelações de Jesus sobre “seu Universo” e o “Universo dos Universos do Pai”, ou ainda sobre as “moradas” ou “lugares de passagem” no mais além? Será que o Universo do Filho do Homem é um e o de seu Pai outro?⁹⁰

Será que não interessava deixar tudo isso bem esclarecido ou que, simplesmente, nada compreenderam?

Creio que algumas destas apreciações pessoais podem ferir ou inquietar o ânimo dos cristãos menos evoluídos. Não é essa a minha intenção. Poucas pessoas no mundo professam uma fé em Cristo como a que me foi dada. Mas isso não poderia significar ou implicar uma escravizante submissão a dogmas ou ritos que não me satisfazem e que, sobretudo, não foram desejados pelo Mestre...

Nossas discussões terminaram com o amanhecer. E não por falta de temas ou de interesse. Simplesmente por esgotamento. Curtiss, compreendendo que se havia excedido, recomendou-nos que dormíssemos até nova ordem. E assim fizemos.

Pelas 2 da tarde daquela sexta-feira, 9 de março de 1973, Eliseu tirou-me de um profundo e reparador sono. Seu rosto parecia feliz. Iluminado.

– Vamos – sussurrou-me sem dissimular sua emoção. – Tudo está pronto.

O tempo havia mudado bruscamente. Nuvens negras e ameaçadoras levantavam-se ao norte, impelidas por um forte vento. Meu companheiro percebeu minha preocupação e, arrastando-me para o refeitório, pediu-me que esquecesse a meteorologia.

Após um frugal almoço descemos ao fosso. A febril atividade do dia anterior havia diminuído sensivelmente. O formidável esforço dos homens do Cavalo de Tróia começava dar seus frutos. No centro da “piscina” – reluzente e majestoso –, aguardava o módulo, com seus quase 7 metros de altura. Nesse instante, ao rodeá-lo, um tremor sacudiu-me dos pés à cabeça. E creio que foi a partir desse momento que intuí que “algo” extraordinário e inimaginável esperava-nos no “outro lado”.

O combustível – dimetil-hidrazina e tetróxido de nitrogênio – havia sido colocado nos tanques. No total, 16.400 quilos. Mais do que suficiente para nossos propósitos. Com aquelas quase 16 toneladas e meia dispúnhamos de uma margem máxima de vôo de 5 horas e 14 minutos.

Nessa altura, em razão dos novos equipamentos e da duração maior da missão, o peso do “berço” havia aumentado consideravelmente, chegando a 25

toneladas, das quais umas 17 correspondiam aos tanques e aos propelentes.

O General fez-nos sinal convidando-nos para uma reunião com os diretores do projeto. Ali, afinal, tivemos notícia da “hora zero”. Salvo imprevistos, o lançamento se daria à 1 hora de sábado, 10 de março.

Quando lhe pedimos informações sobre as medidas de segurança para o crítico momento, Curtiss, sem perder o sorriso, esquivou-se:

- Não há problema – limitou-se a responder. – Será como um passeio.
- Mas, e os vigilantes? – tornei, alarmado.

O chefe da operação nem sequer me escutou. E prosseguiu concentrado nos detalhes da exploração.

Por unanimidade, a inclinação dos eixos dos *swivels* havia sido fixada para a primeira hora do domingo, 9 de abril do ano 30. Assim, uma vez realizada a inversão de massa do módulo, teríamos tempo suficiente para alcançar o cume do monte das Oliveiras antes das 3 da madrugada desse mesmo dia. A razão era simples: eu devia estar no jardim (propriedade de José de Arimatéia) precisamente ao ocorrer a primeira das supostas aparições do Ressuscitado. Como já assinalei, a “vara de Moisés” havia passado por certas modificações. Uma delas – que descreverei no momento adequado – consistia na incorporação de um revolucionário sistema baseado em “transdutores de hélio”, que, na opinião dos cientistas, podia ser de grande utilidade para analisar o enigmático corpo “glorioso” de Jesus. Mas as coisas não iriam ser tão simples...

O General e os diretores mostravam-se especialmente preocupados com a falta de dados concretos sobre as “aparições” do Mestre da Galiléia, as quais, insisto, constituíam um dos objetivos básicos da missão. Mas, na hora de traçar o plano, as múltiplas contradições dos evangelistas – nossa principal fonte de informação – só contribuíram para complicar as coisas. Enquanto Mateus e Lucas, por exemplo, falam apenas de duas aparições, Marcos cita três e João, o mais confiável, quatro.⁹¹

Um dos poucos pontos coincidentes nos quatro Evangelhos era o da data da primeira aparição: “o primeiro dia da semana”, vale dizer, o domingo. O mesmo não acontecia, entretanto, com a hora. Para Mateus, as mulheres que foram ao sepulcro – sobre cuja identidade e número tampouco estão de acordo os escritores sagrados – o fizeram “ao alvorecer” o dia. Marcos, como vimos, fala da “saída do Sol”. Lucas é mais impreciso: “muito cedo”. Finalmente, João, mais minucioso, oferece-nos um dado importante: “de madrugada... quando ainda estava escuro”.

Para nós, ainda que dispuséssemos da hora exata em que se registraram os enigmáticos acontecimentos que rodearam a suposta ressurreição, o fato de poder determinar com precisão o momento em que as mulheres irromperam na

propriedade de José de Arimatéia era de especial interesse. Se tivéssemos em conta que o orto solar naquela data se havia dado, em Jerusalém, às 5h42, a tendência generalizada entre os homens do Cavalo de Tróia inclinava-se pela versão de João Evangelista. Mas era preciso fazer uma verificação “sobre o terreno”.

No que diz respeito ao famoso “terremoto” citado por Mateus – e ignorado pelos outros três escritores – nosso ceticismo foi total. As vibrações e o zumbido que acompanharam ou precederam – este ponto não estava de todo claro – a “desaparição” do corpo do interior da gruta nada tinham a ver com o que hoje interpretamos como um sismo. Quanto à pedra que fechava o sepulcro, as contradições eram igualmente palpáveis. Mateus “culpa” o Anjo do Senhor que baixou do céu. Marcos, Lucas e João, prudentemente, estão de acordo em que, quando as mulheres chegaram ao lugar, a pedra já havia sido deslocada. Mas, como e por quem? Possivelmente, como eu mesmo tive ocasião de ouvir do pombal, o movimento, não de uma, mas das duas lápides, obedeceu a alguma força ou entidade invisível aos olhos humanos.

Com respeito aos “jovens” ou “anjos” de vestes brancas e resplandecentes que foram vistos pelas mulheres, o assunto complica-se até limites insuspeitados. Mateus e Marcos falam de um só. Para o primeiro, fora do sepulcro. O segundo, ao contrário, coloca-o no interior da cripta. Lucas e João citam os dois, respectivamente...

Com que versão ficávamos?

O primeiro dos evangelistas – Mateus –, quando fala na aparição às mulheres, entra de novo em flagrante oposição com João. Enquanto Mateus afirma que Jesus saiu ao encontro das mulheres e que estas, “acercando-se, se ajoelharam aos seus pés e o adoraram”, o Zebedeu assegura coisa muito diferente: que Maria Madalena “voltou-se – estando ainda junto ao sepulcro – e viu Jesus”. E mais: chegou a confundi-lo com o jardineiro, pedindo-lhe que lhe dissesse onde havia deixado o corpo do Mestre. Quando, finalmente, Madalena reconhece o Galileu, este proíbe-lhe que o toque, “que ainda não subi ao Pai.”

Enfim, para que continuar? O estudo e a revisão dessas passagens só contribuíram para confundir-nos. Era necessário reconstituir os fatos. E desde o princípio. Daí minha presença no jardim ser vital. E, se possível, como havia sido planejado pelos diretores do Cavalo de Tróia, desde o momento da suposta ressurreição. Mas o destino tinha outros planos...

Pelo segundo dos livros atribuídos a Lucas – *Atos dos Apóstolos* – sabíamos que a última das aparições do Mestre a seus discípulos (denominada entre os cristãos como a “Ascensão aos Céus”) verificou-se no quadragésimo dia da sua

ressurreição. Quer dizer, ali por 18 de maio, quinta-feira. Mas, logicamente, o dado não era muito seguro. Assim, ainda que o tempo destinado a esta segunda exploração ficasse inteiramente em nossas mãos, Cavalo de Tróia preocupou-se em encher a dispensa do módulo com uma reserva de água e alimentos suficientes para uns doze dias. Ainda que menor, esta foi outra das preocupações do General. Se a missão, como estava inicialmente previsto, se prolongasse até um total de quarenta ou 45 dias, Eliseu e eu deveríamos suprir a falta de provisões recorrendo “às fontes naturais do próprio meio”. Dadas as deficientes condições higiênicas da época, a equipe de diretores havia fixado uma série de normas drásticas, de caráter preventivo, que devíamos cumprir estritamente. Mas isso é assunto para mais adiante...

A maior parte das reservas alimentícias do “berço”, tal qual sucedera no primeiro “salto”, havia sido meticulosamente estudada, seguindo – como não! – as diretrizes e costumes da NASA. No plano diário de trabalho – que afetava sobretudo meu irmão – contemplavam-se três itens muito concretos: “desjejum”, “almoço” e “jantar”. No total, o Cavalo de Tróia havia selecionado um cardápio integrado por 35 pratos diferentes, todos desidratados. A dieta diária abrangia desde espaguete com molho de carne até salada de camarão, passando pelos mais variados sucos de frutas, bolo de maçã, queijo, leite e uma infinidade de verduras e outros alimentos ricos em glicídios ou hidratos de carbono, lipídios, vitaminas⁹² e minerais. Este último capítulo recebeu uma atenção especial por parte dos nossos especialistas. Sabe-se que os minerais, tal como as vitaminas, não fornecem energia, mas têm muita importância na regulação de todas as funções vitais. O homem pode tolerar a falta de vitaminas durante semanas. Todavia, qualquer pequena alteração na concentração de cloreto de sódio no sangue, para dar um exemplo, pode ter consequências fatais. Daí haverem merecido um lugar de destaque as provisões ricas em minerais, sobretudo em sódio, potássio, ferro, magnésio, cálcio, fósforo, iodo, cobalto, cloro e flúor.

Os alimentos que costumam desfazer-se em migalhas foram reunidos por bocados. Cada um perfeitamente envolto em uma camada de fécula que evitava o esmigalhamento. A preparação do correspondente cardápio obrigava a um tratamento prévio, à base de água fria ou quente, dependendo dos gostos pessoais e da natureza dos manjares. Cada desjejum, almoço e jantar, havia sido acondicionado em diferentes recipientes cilíndricos e tudo isso, por sua vez, hermeticamente protegido em um compartimento destinado à “dispensa” e situado na “popa” da nave. Por causa da forma prismática do “berço” – com um pouco mais de 60 metros cúbicos de capacidade – no que poderíamos denominar de “proa” havia sido colocado o grosso dos equipamentos eletrônicos e de navegação e também o computador central: nosso serviçal e utilíssimo Papai

Noel.

À direita e à esquerda dos assentos de pilotagem, ocupando quase a totalidade das paredes laterais, estavam colocados os depósitos de combustível, água e gases auxiliares. Tudo isso em compartimentos estanques, fabricados com uma liga especial de alumínio. As juntas e outras áreas que podiam ver-se submetidas a maiores esforços mecânicos eram de titânio. Sob nossos pés, como creio já ter comentado antes, o motor principal e o dos reatores auxiliares e reguláveis. Os outros oito foguetes achavam-se divididos estrategicamente nas diferentes faces do módulo.

A “popa”, além da “dispensa” e dos beliches, abrigava complexos circuitos de rádio, de medição ambiental interna e externa e uma bateria atômica – tipo SNAP 27 –, capaz de transformar a energia calorífica do plutônio radioativo em corrente elétrica (50 W), com uma vida útil de um ano. Esta pilha, especialmente blindada, era o “coração” do módulo. Todos os circuitos e instrumentos, em maior ou menor grau, dependiam dela. Não quero nem pensar no que nos teria sucedido se se produzisse uma falha no sistema elétrico... Como medida de precaução, Cavalo de Tróia acrescentou aos novos equipamentos uma bateria de espelhos metálicos – doze ao todo – que podiam ser montados no exterior do “berço”, com aproveitamento da radiação solar e podendo gerar até 500 W.⁹³

Entre os assentos dos tripulantes achava-se o núcleo de controle dos eixos dos *swivels*, essencial para a inversão de massa e o retrocesso no tempo.⁹⁴ Este grupo de equipamentos era controlado pelo computador central – Papai Noel – do qual já tenho falado e cuja natureza nada tem a ver com seus “irmãos”, os computadores de válvulas de alto vácuo ou de estado sólido. A coordenação dos principais sistemas – propulsão, inversão dos eixos, varredura visual para vôos, descidas do módulo, detecção e emissão, controles do meio biológico, alimentação geral dos equipamentos *etc.* era executada mediante a técnica conhecida como “controle por retroversão com o auxílio de computadores.”⁹⁵

E ainda que não pretenda estender-me nas sempre difíceis e complexas características técnicas do instrumental e dos sistemas utilizados, tanto meu companheiro de aventuras como eu mesmo sentimos uma profunda satisfação quando, ao revisar o interior do “berço”, comprovamos que a equipe do Cavalo de Tróia havia aceitado algumas das nossas sugestões, diante da iminência da nova exploração. Na “popa”, adequadamente acondicionados, achavam-se, entre outros, os seguintes aparelhos e “ferramentas”:

Dois microscópios. Um do tipo Ultropack, da casa Leitz, muito útil para visualização de corpos opacos, e o segundo, mais completo, que àquela época ensaiava seus primeiros passos no mundo da investigação científica: o denominado “efeito túnel” – que procurarei detalhar oportunamente – e que seria

de grande utilidade para os propósitos da missão. O considerável peso e volume do microscópio eletrônico levou-nos a desistir de sua instalação no interior da nave.

Além disso, um microdensitômetro e um sofisticado “interpretador” de imagens que contribuiriam – e de que forma! – para o que, sem dúvida, foi um dos mais sensacionais achados desse segundo “salto”.

O novo instrumental era complementado por um laser experimental, destinado a comunicações a longa distância; um aparelho miniaturizado de raios X de modulações dirigidas; material termográfico de alta velocidade e outros “dispositivos” que, como disse, irei revelando quando chegar a ocasião.

Em um dos compartimentos da “dispensa” – protegidos a baixa temperatura – foram incluídos diversos reativos e uma ampla série de antibióticos, sulfamidas e outros fármacos sintéticos, imprescindíveis em um clima temperado, em especial para combater possíveis infecções microbianas.⁹⁶ Além dessa generosa representação da mais moderna quimioterapia – reservada, em princípio, de acordo com o estrito código da operação, aos ocupantes do módulo – o general Curtiss e alguns dos diretores haviam insistido na necessidade de abastecer a nave de uma extensa reserva de plantas medicinais. No total, 147 espécies altamente benéficas e que, em caso de necessidade, a nosso critério, poderiam ser tiradas do “berço”. A maior parte delas, segundo os estudos de nossos especialistas, existia naquele tempo na Palestina e regiões circunvizinhas. Sua presença, por isso mesmo, não quebrava os esquemas ou o “quadro” evolutivo do momento. E devo reconhecer que a idéia teria um resultado muito útil... Cada erva, depois de seca, foi introduzida em pequenos frascos de vidro, etiquetados com o nome da planta e a data em que fora colhida. Papai Noel recebeu igualmente uma completíssima informação sobre a natureza, origem e propriedades curativas de todas elas.

Por último, entre as novidades, contávamos também com umas valiosas réplicas das tábuas astrológicas utilizadas pelos egípcios nos tempos de Jesus, assim como uma série de astrolábios assírios – igualmente talhados em tabuinhas de madeira policromada que deveriam “ajudar-me” em minha tarefa como “áugure” e “adivinho”.

Mas o que mais chamou nossa atenção foi uma caixa de aço, quadrada, hermeticamente fechada, colocada também na “popa” e diretamente conectada com o computador central. Por mais que inspecionássemos suas paredes – de 40 centímetros –, fomos incapazes de descobrir uma só inscrição ou pista que revelasse seu conteúdo. Por achar-se firmemente aparafusada, não pudemos também avaliar seu peso ou sequer intuir a razão de sua presença no interior do módulo. Eliseu e eu, de mútuo acordo, interrogamos Curtiss sobre o misterioso

recipiente. O General parecia estar esperando a pergunta. Seu rosto ensombrou-se fugazmente e, em tom autoritário, pouco comum nele, replicou:

– Lamento. “Isso” é matéria confidencial. Alto segredo.

E, dando meia-volta, afastou-se em direção à escotilha de emergência do fosso.

Naturalmente, acatamos a ordem. Mas Curtiss sabia que aquela medida de caráter militar só poderia contribuir para excitar nossa curiosidade e, cedo ou tarde, a tentar descobrir a missão de tão enigmática caixa...

Pelas 4h30 o General retornou à “piscina”. Ocupados na enésima revisão dos equipamentos de bordo, não nos advertimos de sua chegada. Foi um dos engenheiros quem, assomando a cabeça pela escotilha aberta no piso do “berço”, anunciou-nos que o chefe reclamava nossa presença. Ao descermos pela escadinha hidráulica do módulo, aguardava-nos outra surpresa: a totalidade do turno de trabalho e outros homens de folga estavam reunidos diante da nave. Curtiss, na primeira fila, sorridente, tinha nas mãos um cilindro de cristal. Consultou seu relógio e, esbanjando satisfação, exclamou:

– Rapazes, dentro de sete horas e trinta minutos, se tudo correr normalmente, iniciaremos a contagem regressiva... Desta vez não estarei fisicamente presente. A segurança de vocês e de toda a equipe depende, em boa medida, da minha ausência... temporal. Logo compreenderão.

Baixou os olhos e, reunindo toda a sua energia, resumiu em uma frase os desejos e sentimentos de quantos ali estávamos:

– Boa sorte... e que Ele os abençoe de novo!

Com os olhos umedecidos estendeu suas mãos para Eliseu e entregou-lhe o broto de oliveira que a urna continha.

– Um último rogo – acrescentou. – Levem também este rebento e plantem-no em nome dos que ficamos deste lado... Será o humilde e secreto símbolo de homens que somente buscam a paz. Uma paz sem fronteiras. Uma paz sem limitações de espaço... nem de tempo. Obrigado! E repito: boa sorte!

Antes que pudéssemos dizer qualquer coisa abraçou-nos e rapidamente abriu passagem entre os emocionados técnicos do projeto, perdendo-se escada acima, rumo à superfície da Massada.

Eliseu e eu, com os corações acelerados, só tivemos forças para murmurar um duplo e comovido “obrigado”. Tal qual ocorrera no primeiro “salto”, na Mesquita da Ascensão, as palavras negaram-se a fluir dos nossos lábios.

Restabelecida a normalidade na estação, os diretores explicaram-nos por que o General se ausentara inesperadamente nos últimos momentos da fase

“vermelha”.

Dias antes, Curtiss havia convencido Qasim, o xeque beduíno que havia erguido sua tenda bem junto à plataforma-base do funicular, a celebrar uma típica ceia nômade, justamente na noite de sexta-feira, 9 de março. Os cordeiros e um substancial presente – em dólares, claro – haviam sido decisivos. A finalidade outra não era senão manter Yefet, o chefe do acampamento Eleazar, afastado do cimo do rochedo durante a abertura da “piscina” e o posterior lançamento do “berço”.

O capitão israelense e nosso chefe eram os únicos convidados. Yefet interpretou o gesto como manifestação da tradicional hospitalidade beduína e aceitou encantado. Por um lado, recusar o convite dos shammar haveria sido um insulto. Por outro, a festa rompia a monotonia e o duro enclausuramento a que se achava submetido desde fevereiro.

Como o serviço do funicular se encerrava com o crepúsculo, e uma das cabinas conduziu-os à base da Massada às 5 da tarde, ambos deveriam pernoitar na tenda árabe. Como precaução especial, o chefe do Cavalo de Tróia havia estabelecido uma senha, a utilizar nestes hipotéticos casos: se algo falhasse no fosso e a decolagem do módulo falhasse, um de nossos homens deveria transmitir imediatamente à estação de rádio localizada na plataforma-base do funicular uma das frases da conversa mantida entre Kissinger e a jornalista da NBC Barbara Walters, a propósito do aprendizado de inglês de Mao Tsé-tung:

“Sente-se, por favor”.

Se, ao contrário, Yefet fosse inesperadamente chamado para cima, abandonando a hospitalidade dos shammar antes da 1 hora da madrugada do sábado, Curtiss teria de engendrar um pretexto para vencer os 200 metros que separavam a tenda da estação de rádio e transmitir para o acampamento outras frases que nos havia recomendado memorizar durante a visita ao gerador:

“Isso é mais do que o senhor pode dizer em chinês”.

– Esperamos, para o bem da missão e de todos – foram os nossos votos –, que não seja necessário usar nenhuma das ridículas frases...

Entretanto, nossa opinião era que nem tudo parecia tão simples. Ainda que o perigoso Yefet houvesse sido afastado da meseta, ali estavam ainda outros 25 israelenses. E como despistá-los? Sobretudo, como neutralizar os vinte vigilantes? À primeira vista, o plano do General era bom. Com os dois técnicos encarregados da manutenção de Charlie não havia problema. Era improvável que, encontrando-se na cisterna, vissem ou ouvissem algo de anormal. Quanto aos demais – os cozinheiros e os componentes do grupo de vigilantes –, as ordens eram drásticas. Pouco antes do jantar, por volta das 9 da noite, um de nossos homens deveria infiltrar-se na cozinha, misturando na comida, na água e

no vinho uma dose reduzida de nembutal, um sedativo cuja ação – dependendo do número de miligramas, pode prolongar-se entre 30 minutos e 5 ou 6 horas. De certa forma, tanto o turno que iniciava a vigilância desde as casamatas oriental e ocidental às 10 da noite, como o que a deixava e se encaminhava para o refeitório estariam sob os efeitos do sonífero 45 a 50 minutos após a ingestão.

Para não levantar suspeitas, os vinte especialistas do Cavalo de Tróia que terminavam seu serviço na “piscina” pelas 21h30 deviam dirigir-se normalmente ao refeitório e compartilhar com nossos aliados o jantar... e o nembutal... Se no dia seguinte algum dos vigilantes decidisse confessar que havia dormido no seu posto de observação – coisa pouco provável –, descobrindo-se, talvez, que os demais haviam feito o mesmo, os militares israelenses seriam obrigados a reconhecer que também os norte-americanos de folga haviam sofrido a mesma “anomalia”. O golpe imaginado não era mau. Todavia, confiamos em que a situação não chegasse a tais extremos. No acampamento era um segredo de polichinelo que, em geral a partir das 11 ou meia-noite, a maioria dos vigilantes acabava por acomodar-se em seus improvisados catres e dava umas “cabeçadas”... Não fora a inevitável abertura do fecho hidráulico do fosso e o silvo dos motores do módulo ao decolar, talvez aquela série de precauções houvesse sido desnecessária. (Como já mencionei, o “berço” dispunha de um sistema de emissão de radiação infravermelha que o tornava invisível aos olhos de qualquer hipotético observador. Essa fonte energética radiava a partir de toda a “membrana”, que, como também já expliquei, recobria totalmente a nave.⁹⁷

23 horas.

Eliseu cerrou a escotilha do módulo.

– Sessenta minutos para o início da contagem regressiva.

– Entendido...

A voz dos técnicos chegava forte e clara. Nosso passo seguinte foi vestirmos os trajes especialmente desenhados para o processo de inversão de massa, checando no computador o novo dispositivo de RMN⁹⁸ alojado nos escafandros e que deveria fotografar os tecidos neuronais durante a mudança dos eixos dos *swivels*. Aquela havia sido uma de nossas “exigências” para prosseguir na missão. Durante o tempo infinitesimal das duas “inversões” inicialmente previstas, o sistema miniaturizado de RMN, ou ressonância magnética nuclear, permitiria um fiel e minucioso acompanhamento da atividade dos nossos neurônios, trazendo, talvez, nova informação sobre o mal que – estávamos seguros – afetava nosso cérebro. Papai Noel verificou e interpretou aqueles primeiros “cortes” da massa cerebral, marcando a nova ligação automática da RMN para as 24h45; quer dizer, um quarto de hora antes da decolagem. Isso permitiria – na presunção de que regressássemos – uma análise comparativa do

comportamento e possíveis modificações dos pigmentos de envelhecimento, antes, durante e depois da inversão axial. Essa espécie de “radiografias magnéticas” é totalmente inofensiva. Todavia, o sistema não foi cogitado quando da nossa primeira exploração. Em princípio deveria ter sido incorporado à “vara de Moisés”, com a missão básica de estudar o cérebro de Jesus de Nazaré durante sua Paixão e Morte. Mas o fato de que a RMN provoque a orientação de certos átomos na direção do campo magnético foi tido como uma forma de alteração do organismo humano a observar. E isso, como ficou dito, estava terminantemente proibido. O sistema, ademais, não fora miniaturizado a tempo e foi preciso esquecê-lo. Agora as coisas eram diferentes. De um ponto de vista ético não nos parecia reprovável tentar estudar um corpo “glorioso” com a ajuda da ressonância magnética nuclear. O empenho, nós o sabíamos, tinha mais de sonho do que de realidade científica. Nem sequer estávamos seguros da existência desse “organismo” ressuscitado. E no caso de que fosse real e visível, com que podíamos defrontar-nos?

Mas percebo que estou caindo na velha tentação de adiantar-me aos fatos...

23h30.

Estamos sentados diante do grande painel de instrumentos. Meu irmão dá início à última consulta ao computador central...

– Medidores do campo gravitacional...

– OK.

– Indicadores de velocidade...

– OK.

– Painel de instrumentos de vigilância de motores: temperatura...

– OK.

A revisão concluiu-se às 23h40. Na realidade, tanto a decolagem, como o voo e a aterrissagem, assim como a maioria das funções de abastecimento, pilotagem etc., achavam-se controlados pelo Papai Noel. Nosso papel, por conseguinte, era de meros supervisores ou, em casos extremos, de retificadores.

– 0 hora.

– Sessenta minutos para a subida...

O início da contagem regressiva acelerou nossa frequência cardíaca.

Se temos de ser sinceros, durante boa parte daqueles intermináveis sessenta minutos, ainda que seguíssemos mecanicamente a evolução dos parâmetros de voo fornecidos pelo computador, nossos pensamentos estavam fora da nave. Justamente na tenda que hospedava a estação de rádio. Àquela altura da noite – já madrugada de sábado, 10 de março – a julgar pelas indicações dos técnicos que permaneciam em contato com o interior do módulo, o sonífero fazia tempo

que surtira efeito, imergindo o acampamento em profundo silêncio. Quanto ao receptor-transmissor de rádio, continuava “maravilhosamente mudo”...

Instintivamente imaginamos o velho General rodeado de beduínos e com os olhos fixos no cronômetro.

– 0h30.

– A 30 minutos da decolagem...

Nervosamente, digitei um dos terminais do computador central buscando o último informe meteorológico. Aquelas nuvens e o forte vento que ameaçavam a Massada às primeiras horas da tarde continuavam fixos em minha mente.

A resposta de Papai Noel foi tranquilizadora:

“Temperatura: 11,8 °C. Umidade relativa: 81%. Velocidade do vento: 11 km por hora...”.

Respirei aliviado.

“ ... Direção do vento: 270 graus...”

Havia amainado e desviado para o oeste.

“ ... Nebulosidade: 7/8. Cúmulos-nimbos. Altitude: 2.100 metros. Últimas precipitações às 20 horas: 1,6 mm.”

Eliseu olhou de soslaio o monitor e, após comparar aqueles dados com as previsões da estação de Kalya, ao norte do mar Morto, comentou:

– Disselhe que não se preocupasse... O “berço” subirá como uma bala.

– 0h45.

Papai Noel ativou o dispositivo de RMN.

– 0h55.

– Pronta a absorção de ondas decimétricas. Também a camuflagem infravermelha...

– ... Sinais de alarme: negativo...

– Controles de graduação de pré-ignição no automático...

– OK, rapazes – ressoou a voz do controle externo. – O fecho hidráulico foi retirado...

– 0h58.

– Atenção!... Ignição em 20 segundos!

Comprovação de silenciadores?

– Roger... Aqui vamos!

– OK... escutando “5 x 5”. Ignição em 60 segundos e continua a contagem regressiva.

Aquele foi outro minuto interminável. Troquei um olhar com Eliseu. Apesar do vertiginoso ritmo cardíaco – perto de 130 pulsações –, seus olhos brilharam com uma luz especial.

Piscou-me um olho e continuou preso ao painel eletrônico, absorvido, como

eu, no medidor de combustível e na perigosa e iminente ignição do motor principal.

– ... 45 segundos.

Sobre nossas cabeças, as nuvens negras ascendentes haviam começado a fragmentar-se. E a Lua – como um presságio –, na fase crescente, apareceu por momentos, com sua afilada forma de foice.

– Atenção, rapazes!... Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um!...

Foram as últimas palavras do controle.

– Ignição!

– Roger! Aqui vamos!

E o módulo, envolto em uma espessa e branca nuvem, foi catapultado para o céu da Massada.

Os relógios marcavam 1 hora de sábado, 10 de março de 1973.

A aventura havia começado...

– Vamos!... Vamos! Para cima! Para cima, princesa!

Os sistemas responderam com uma doçura quase humana:

– Altitude: 300 pés sobre a Massada e elevando-se a 0,1 por segundo... 350... 375...

– Roger, princesa, Roger!

Nossas vozes se misturavam, carregadas de emoção e nervosismo.

– Leitura: combustível e temperatura de motor?

– Corretas – replicou Eliseu –, queimando a 5,2 quilos por segundo...

O “berço” prosseguiu sua ascensão.

– ... 700 pés... 750... A 50 para o nível estacionário.

– OK, observe a leitura de Papai Noel...

– Prontos foguetes auxiliares!

– Roger... 800 pés!... Manobra de freagem!

– OK, vamos bem...

– Ajustado nível de estacionário: estamos a 800 pés sobre a meseta.

– Dê-me combustível e tempo de ascensão.

– Trinta segundos desde a ignição... Consumo estimado até nível 8: 156 quilos. Estamos a 99,1%.

Aquilo significava que contávamos com um total de 16.244 quilos de combustível. Mais do que de sobra para os vôos de ida e volta e para as manobras de aterrissagem e decolagem. Mas, ainda que as comunicações com a terra houvessem sido cortadas no instante mesmo da ignição e o módulo se achasse camuflado, não convinha prolongar a situação de imobilidade ou estacionário. Nessas condições, o consumo de propelentes era sempre brutal.

- Pronta incandescência “membrana” blindagem externa...
- Roger! Programada a 5 mil graus.
- Atenção! Ativação do sistema de inversão axial à 1h1.
- Dispositivo em automático... Dê-me o “WX”. Quero saber se necessitarei de um guarda-chuva...

Eliseu agradeceu a piada. Aqueles segundos que antecediam a inversão dos eixos das partículas subatômicas do módulo e de tudo quanto se encerrava em seu interior eram sempre de especial tensão. Mais ainda quando sabíamos que as novas mudanças de marcos tridimensionais podiam acarretar-nos funestas conseqüências neuronais.

– WX a 10 milhas: visibilidade 6.300 BRKN. Vento 190 graus... Não há variação de velocidade ao nível 8. Em altura, por cima dos cúmulos-nimbos, ventos em 30 a 25. Nível: 10 mil pés.⁹⁹

- OK, amigo – anunciei a meu amigo. – Lá vamos.
- 1h55...
- Boa sorte!
- 1 hora e 60 segundos.

O computador central disparou o mecanismo de incandescência da blindagem externa e, ao mesmo tempo, o sistema de inversão de massa, “aniquilando” todo tipo de germes que houvesse podido aderir à fuselagem e “lançando-nos” ao que poderíamos qualificar como “outro agora” no permanente fluir do tempo.¹⁰⁰

E os eixos do tempo dos *swivels* foram empurrados para um ângulo equivalente ao retrocesso desejado: 1 hora de domingo, 9 de abril do ano 30 de nossa era.¹⁰¹

Décimos de segundo depois, o primitivo sistema referencial (1973) era substituído pelo “novo tempo”. Os cronômetros monoiônicos da nave haviam iniciado a esperada e fascinante contagem: “09-04-30” e a hora real de nossa “aparição”: 1 hora da madrugada. E, diante de nós, um maravilhoso enigma: 40 ou 45 dias de exploração... Havíamos retrocedido 709.637 dias.

¹ Na época, as ondas utilizadas habitualmente pelos radares militares de Israel oscilavam entre os 1.347 e os 2.400 megaciclos. (Nota do Major.)

² As comunicações entre o módulo e os equipamentos situados em terra haviam sido estabelecidas na chamada “faixa integrada S”, que se acha no setor das ondas de rádio ultracurtas, abrangendo freqüências desde 1.550 até 5.220 megaciclos, correspondentes a longitudes de onda de 19 a 5,8 centímetros. Por motivos de segurança não estou autorizado a revelar a freqüência específica utilizada neste caso. (N. do M.)

³ Este revolucionário sistema de navegação “às cegas”, que algum dia será largamente utilizado na aviação comercial, consiste, em síntese, em um pára-brisa monitor no qual são projetados todos os dados necessários para a aterrissagem, perfeitamente superpostos à paisagem ou a um desenho informativo que

reproduz com fidelidade o ponto da aterrissagem. Em nosso caso, Cavalo de Tróia desenhou um sistema modificado MLS (Microwave Landing System) que, localizado em terra, simplificava a operação de descida, “projetando” para o módulo um sinal que o computador central decodificava em forma de “túnel sintético, com efeito de perspectiva”, permitindo uma confortável e automática aproximação. Estruturalmente, um sistema desse tipo é integrado por quatro elementos básicos: o gerador de símbolos (um tubo de raios catódicos que visualiza as informações de pilotagem recebidas do MLS); um sistema de focalização; um espelho plano que recebe as informações projetadas pelo sistema de focalização e as dirige para a óptica de colimação e a própria óptica de colimação. (N. do M.)

- 4 Direção do vento: 45 graus (nordeste), com uma velocidade de 15 nós (uns 30 quilômetros por hora). (N. do M.)
- 5 Como já descrevi anteriormente, o “berço” dispunha de oito pequenos motores-foguetes. Cada um era acionado por uma válvula solenóide individual do tipo de intervalos. Como em um pequeno avião, o piloto controlava o cabeceio por meio do movimento proa-popa e o bamboleio pelo movimento direita-esquerda de uma alavanca. O controle de guinada e os citados movimentos estavam conectados eletricamente às válvulas. (N. do M.)
- 6 “Tanques on”: o módulo tinha praticamente esgotadas as reservas exteriores de combustível e iniciou a ignição dos tanques interiores. O volume total de peróxido de hidrogênio chegava, então, a um escasso 7%. (N. do M.)
- 7 O resfriamento da “membrana” que cobria a blindagem exterior do “berço” – cuja espessura era de 0,0329 metro – precisava de no mínimo três minutos para se efetuar. Este revestimento poroso da nave, de composição cerâmica, tinha um elevado ponto de fusão: 7.260,64 graus Celsius; seu poder de emissão externa era igualmente muito alto. Sua condutividade térmica, ao invés, era muito baixa: $2,07113 \times 10^{-16}$ Col em s / oC. (N. do M.)
- 8 A energia liberada em um terremoto desloca-se pela rocha em forma de ondas. Embora seus padrões sejam muito complexos, constantemente modificados que são pelas propriedades de reflexão, difração, refração e dispersão de ondas, internacionalmente essas ondas são divididas em três grupos: “P”, “8” e “L”. As “P” ou primárias, de empuxo, achatadas ou longitudinais, viajam pelo interior da terra a velocidades muito grandes: entre 6 e 11,3 quilômetros por segundo, sendo a primeira a chegar à estação registradora. Nas explosões nucleares subterrâneas, este tipo de ondas “P” é característico e muito forte, comparado às “L” ou superficiais. (N. do M.)
- 9 DIA: Agência de Inteligência da Defesa. (N. T.)
- 10 Durante a Guerra do Vietnã, entre 1967 a 1969, o governo dos Estados Unidos dedicou 6 bilhões de dólares anuais a atividades de espionagem, com 150 mil pessoas empregadas em tais misteres. A CIA, nesse caso, levou a parte do leão. De fato, a partir da posse de Schlesinger, desviou ela sua atenção do Sudeste Asiático, considerando o Oriente Médio como “o campo geográfico da próxima etapa de atrito dos Estados Unidos”. (N. do M.)
- 11 Nome dado à equipe de confiança de Golda pelo povo de Israel. A senhora Meir, com sua forte personalidade, havia desenvolvido um estilo próprio e muito peculiar de governo, contornando em numerosas ocasiões a mecânica burocrática e institucional. Ela preferia trabalhar em estreita colaboração com seus mais próximos, formando um sistema ad hoc que se fez célebre e que era conhecido por “a cozinha de Golda”. (N. do M.)
- 12 CIRVIS: organismo dedicado a Instruções de Comunicação para Informar Avistamentos Vitais de Inteligência. (N. do M.)
- 13 O rei Hussein havia chegado a Washington no dia 6 de fevereiro, mantendo no dia seguinte uma entrevista com o presidente Nixon. Naquela data esperava-se uma ofensiva diplomática do meu país no Oriente Médio. Antes de partir de Amã, Hussein declarara que o conflito entre os países árabes e Israel teria de ser resolvido globalmente e não em tratados separados. Dessa forma furtou-se a falar dos rumores existentes sobre um acordo de paz secreto entre seu país e Israel, em relação ao futuro status de Jerusalém e dos refugiados palestinos. (N. do M.)
- 14 A libertação desses guerrilheiros levou Israel a pedir explicações ao Ministério de Assuntos Exteriores

da Itália. Segundo os serviços de Inteligência de Israel, Zaid e Hasem, encarcerados em Roma desde agosto de 1972, eram dois destacados e perigosos terroristas. (N. do M.)

15 As informações dos serviços de Inteligência jordaniana e israelense eram corretas. Semanas mais tarde – em 1º de março –, guerrilheiros do Setembro Negro faziam reféns na embaixada da Arábia Saudita em Cartum (Sudão). Entre as exigências dos terroristas estava a libertação de quarenta guerrilheiros palestinos encarcerados em Israel e de outra meia centena de guerrilheiros, prisioneiros na Alemanha Ocidental, Jordânia e Israel, assim como do assassino do senador Robert Kennedy, Sirhan Bischara Sirhan. Com grande constrangimento de nossa parte – e supomos que dos serviços de espionagem judeu e jordaniano, que naquela data não conseguiram uma informação mais detalhada –, os oito guerrilheiros do Setembro Negro matariam três diplomatas retidos na embaixada: Aleo A. Noel, nosso embaixador no Sudão; Guy Eid, funcionário belga, e Curtiss Moore, também diplomata norte-americano. (N. do M.)

16 Este arsenal seria descoberto pela polícia italiana em 5 de setembro desse mesmo ano de 1973, em Óstia, perto de Roma, em uma casa em que se alojavam nove palestinos, membros de um grupo terrorista. Entre as numerosas armas foram encontrados lança-foguetes Strela, de fabricação russa, que poderiam ter sido utilizados para a derrubada de aviões comerciais em voo. O temível Strela consta de um tubo de 1,35 metro com um peso de 13 quilos, podendo ser disparado com um fuzil; quer dizer, apoiando-o num ombro e apontando com uma teleobjetiva de reduzidas dimensões, alcança facilmente o motor de um avião, graças ao sistema de guia por raios infravermelhos. (N. do M.)

17 Embora já tenha sido detalhado no meu livro anterior – Cavalo de Tróia 1 –, talvez seja conveniente lembrar a natureza desse tipo de satélites artificiais, que tiveram um papel decisivo nos dramáticos dias que precederam a guerra do Yom Kippur, em outubro de 1973. “A série de satélites Big Bird, ou Grande Pássaro – consta em uma das notas do Major – e, em especial, o protótipo KH II, pode voar a uma velocidade de 25 mil quilômetros por hora, demandando um total de 90 minutos para dar uma volta completa no planeta. Como a Terra oscila ligeiramente durante esse lapso de tempo (22 graus, 30 minutos), o Big Bird sobrevoa durante a volta seguinte uma faixa diferente da Terra e volta à sua trajetória original ao cabo de 24 horas. Se o Pentágono ‘descobre’ algo interessante, o satélite pode modificar sua órbita alongando o tempo de revolução durante alguns minutos, baixando sua órbita até 120 quilômetros de altitude. Uma diferença de 1 grau e 30 minutos, por exemplo, a cada dia, vai permitir que ele cubra a cada dez dias uma zona de conflito, sobrevoando todas as cidades e zonas de ‘interesse militar’. Posteriormente, o Big Bird é impulsionado até uma ‘órbita superior’. Com a instalação, em Israel, de uma dessas sofisticadas estações receptoras de imagens – além de materializar os propósitos da Operação Cavalo de Tróia –, os judeus passariam a dispor de um rápido e fiel sistema de controle de seus inimigos e os Estados Unidos, de uma estratégica estação. Isso poupava-lhes tempo e boa parte da sempre complicada manobra de recuperação das oito cápsulas descartáveis que cada satélite carregava e que eram resgatadas a cada 15 dias nas vizinhanças do Havaí. Militarmente, a operação era de grande interesse para os americanos, que desse modo podiam fotografar à vontade faixas tão instáveis como as fronteiras da Rússia com o Irã e Afeganistão, Paquistão e Golfo Pérsico, recebendo centenas de negativos depois de sobrevoar tais áreas por espaço de três minutos. (N. de J. J. Benítez.)

18 Este muro, chamado “das Lamentações”, é o lugar mais venerado pelo povo judeu. Trata-se da única relíquia que restou do grande templo edificado pelo rei Herodes, o Grande, no ano 20 a.C. O imperador romano Tito, ao destruir Jerusalém no ano 70 de nossa era, ordenou que aquela parte da muralha que rodeava o Templo permanecesse em pé, como demonstração do poder de Roma e de seus legionários, capazes de destruir tão sólida construção. No período bizantino, os judeus foram autorizados a visitar a Cidade Santa e daí em diante aproximar-se do Muro das Lamentações uma vez por ano, precisamente na data do aniversário da destruição de Jerusalém. E ali passaram a lamentar a destruição e a rezar pela reunificação do povo de Israel, costume que perduraria durante séculos. Entre os anos 1948 e 1967, essa parte de Jerusalém foi proibida novamente aos israelitas por estar no setor conquistado pela Jordânia. Sobrevindo, porém, a guerra dos Seis Dias, o muro ocidental foi tomado pelos judeus e, desde então, constitui-se em ponto de exaltação nacional e de culto. (N. do M.)

19 Filactério (philactêrion, amuleto): amuleto ou talismã antigo. Constitui-se de um pergaminho com

alguma passagem da Escritura que os judeus levavam dentro de uma pequena bolsa de couro amarrada ao braço esquerdo. (N. T.)

20 Estas e outras palavras de Jesus de Nazaré sobre a oração aparecem em Cavalo de Tróia 1, Editora Planeta, São Paulo, 2008, páginas 305 e seguintes. (N. de J. J. Benítez.)

21 Antigamente, mesmo quando os israelitas estavam prestes a empreender uma viagem, cravavam um prego de ferro entre as fendas do muro ocidental, em sinal de apego à pátria. (N. do M.)

22 Eis aqui, como um exemplo do que afirmo, alguns dos mais notáveis episódios vividos por Israel – e por Jerusalém em particular – a partir do ano 587 a.C.:

No ano 539 a.C., o rei persa Ciro conquista a Babilônia, permitindo a volta dos judeus a Jerusalém. O templo seria reconstruído por Zorobabel. Em 334 a.C., Israel é conquistada novamente, e desta vez por Alexandre, o Grande. Após sua morte, é controlada pelos ptolomeus do Egito. Em 198 a.C., Antíoco III da Síria vence os egípcios e Israel passa às mãos dos Selêucidas. No ano 175 a.C., Antíoco IV é coroado e ordena a supressão do culto a Deus e profana o templo, oferecendo em seu altar sacrifícios pagãos. Em 167 a.C., os judeus levantam-se contra os Selêucidas e os derrotam. No ano 64 a.C., Pompeu conquista Israel. Algum tempo depois, no ano 40 a.C., os partos derrotam os romanos e conquistam o país. No ano 39 a.C., Herodes, o Grande, vence os partos e reina até 4 a.C., sempre sob o comando de Roma. Já no século I de nossa era, no ano 66, os judeus rebelam-se contra o Império Romano. No ano 70, Tito reprime a rebelião e destrói a cidade. Nos anos 132-135 registra-se nova revolta judia, dirigida por Bar-Kojvá. O imperador Adriano vence e destrói Jerusalém. A reconstrução dá-se pouco depois e Jerusalém recebe o nome pagão de Aelia Capitolina. Nos anos 330-634 acontece a dominação bizantina. Com a conversão de Constantino ao cristianismo constroem-se numerosas igrejas na Cidade Santa. No ano 614, nova invasão, dessa vez protagonizada pelos persas, e centenas de igrejas são destruídas. No ano 636, os muçulmanos conquistam a Palestina e transformam Jerusalém na sua terceira cidade santa, depois de Meca e Medina. Em 1009, o califa fatimita Jakem destrói a igreja do Santo Sepulcro e outros santuários cristãos. Têm início, assim, 200 anos de lutas entre Oriente e Ocidente, dando lugar às famosas Cruzadas. No ano 1099, a Cidade Santa cai em poder dos cruzados. Em 1187, Saladino, príncipe árabe, derrota os cruzados nos chamados Cornos de Hittin, pondo fim ao Reino Latino do Oriente. Em 1263, outro sultão, o mameluco Bairbars, do Egito, conquista as fortalezas do litoral, que estavam em mãos dos cruzados. Pelos 250 anos seguintes permanecem elas sob o domínio mameluco. Em 1400, tribos mongólicas dirigidas por Tamerlão, invadem Israel. Em 1517 são os turcos que entram na Palestina a sangue e fogo. Durante quatro séculos Israel fará parte do Império Otomano. Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, a Palestina é ocupada por tropas aliadas dirigidas pelo general Allenby. Esse ano é lembrado como o da Declaração Balfour para a criação, na Palestina, de um Lar Nacional Judeu. Em 1922, o mandato britânico sobre a Palestina é confirmado pela Liga das Nações. Em 1947, a Organização das Nações Unidas estabelece um plano que divide a Palestina em um Estado judeu e outro árabe. Em 1948 termina o mandato britânico e no dia 14 de maio o Conselho Nacional Judeu proclama o nascimento do Estado de Israel. Mas o novo Estado é invadido pelos países vizinhos. Ao terminar a guerra, a Palestina fica dividida entre Israel e Jordânia. (N. do M.)

23 Construída entre os anos 709 e 715 pelo califa El-Walid, filho de Abdel Malek, que edificou a outra mesquita: a do Domo da Rocha. A de El-Aksa encontra-se quase exatamente sobre o que foi o palácio de Salomão. (N. do M.)

24 No ano 135 de nossa era o imperador Adriano levantou neste lugar um templo dedicado a Júpiter e desde então o local passou a ser considerado maldito. Em 636, após a invasão árabe, o califa Omar retirou os escombros do monte Moriá e construiu uma mesquita que ainda hoje leva seu nome. Os muçulmanos identificaram a rocha ou cume do monte Moriá com o lugar de onde Maomé subiu aos céus num cavalo alado. Segundo outra tradição, esta rocha branca foi o ponto onde Abraão esteve a ponto de sacrificar seu filho Isaac. (Os árabes consideram que o filho em questão era Ismael.) No ano 691, Abdel Malek, da dinastia dos Omeyas, restaurou a primitiva mesquita e a transformou na que hoje conhecemos. Sob a abóbada, feita à base de folhas de alumínio banhadas de ouro que cintilam sob o Sol de Jerusalém,

encontra-se a rocha ou cúspide do monte Moriá. Alcança 45 metros de comprimento por 11 de largura, elevando-se outros 2 acima da superfície. No mundo islâmico, o Domo da Rocha é o terceiro lugar sagrado depois da Kaaba de Meca e do túmulo do Profeta na cidade de Medina. (N. do M.)

25 A Fortaleza Antônia foi totalmente destruída pelo general romano Tito, ao romper o cerco judeu no ano 70. Durante séculos, não passou de um monte de escombros sobre o qual se erigiram diversas construções. Pouco a pouco, em tempos modernos, a arqueologia foi estabelecendo sua posição exata. Na atualidade, o que foi a fortaleza reconstruída também por Herodes, o Grande, abriga uma escola muçulmana, um monastério da Ordem Franciscana e o convento das Irmãs de Sião. Neste é que se encontra, em minha opinião, o vestígio mais claro de uma das instalações do “quartel-general” romano durante as festas da Páscoa judia. (N. do M.)

26 Litóstrotos, que em grego significa “pátio pavimentado com grandes lajes”, foi descoberto na parte oeste do lugar onde supostamente se situava a Fortaleza Antônia. Com base no texto de João o Evangelista (19.13) – “Então, Pilatos, ouvindo estas palavras, levou Jesus e sentou-se no tribunal, no lugar chamado litóstrotos” –, alguns especialistas bíblicos acreditam ser aquele o cenário de parte do julgamento romano de Jesus de Nazaré e de sua apresentação ao povo judeu. Outros, no entanto, pensam que o litóstrotos pode ter sido o pátio principal da fortaleza em que Cristo foi flagelado e da qual sairia com o lenho ou patibulum, rumo ao Gólgota. A fundação do convento das Irmãs de Sião deve-se a um judeu convertido, o padre Ratisbone. Entre 1931 e 1937, a madre Godeleine e o padre Vicente, da Escola Bíblica de Jerusalém, escavando o lugar, descobriram o pavimento em questão. Recentemente, arqueólogos ingleses e o professor judeu Kaufman levantaram uma terceira hipótese: o litóstrotos poderia datar do ano 135 d.C. (do tempo de Adriano). (N. do M.)

27 Digo “suposta” Via Dolorosa porque, como já disse neste diário, o caminho que Jesus de Nazaré seguiu desde o interior da Fortaleza Antônia ao Gólgota, na manhã da sexta-feira, 7 de abril do ano 30, não foi o que tradicionalmente os cristãos veneram. As circunstâncias políticas, como expliquei, levaram o oficial romano a escolher outra via: a que circundava o exterior da muralha norte da Jerusalém de então. Como tem ocorrido com outros “lugares santos”, a tradição não foi muito feliz ao fixar com exatidão onde ocorreram tão importantes acontecimentos. (N. do M.)

28 O pitoresco dos chamados “Santos Lugares” chega ao extremo. Um pouco ao norte da Porta de Damasco, o visitante pode encontrar “outro Gólgota”. Tudo começou a partir do ano 1883, quando o general britânico C. Gordon associou um montículo ali existente com a forma de uma “caveira”. A existência, na rocha, de um túmulo do século I contribuiu – e de que forma – para dividir as opiniões. Em 1892, a Sociedade do Jardim do Túmulo comprou o lugar, que vem sendo visitado desde então por numerosos peregrinos. Pessoalmente não compartilho do critério do bom general inglês. Entre outras razões, porque a citada Porta de Damasco e a muralha na qual se encontra não existiam nos tempos de Cristo. O verdadeiro Gólgota estava muito mais próximo, nas cercanias da Porta de Efraim. (N. do M.)

29 A atual igreja do Santo Sepulcro, construída em grande parte pelos cruzados no ano 1149, está dividida entre seis confissões religiosas, de acordo com um status quo decretado em 1852 pelos turcos, diante das constantes brigas e autênticas “batalhas campais” que aconteciam e ainda acontecem entre os diferentes credos que compartilham da propriedade. No lugar em que realmente está o Gólgota ou Calvário existem duas capelas pertencentes às seitas mais prósperas e poderosas: a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica Romana. A primeira – a grega – ocupa o lugar onde se supõe que Cristo foi crucificado. Segundo a tradição, o local da capela católica corresponde ao ponto onde Jesus foi despojado de suas vestes. Quase um terço da base em que se localizam as duas capelas faz parte da rocha do Gólgota propriamente dita. Somente uma pequena porção dela pode ser vista sob o altar dedicado a Nossa Senhora das Dores, assim como na parte inferior de outra capela: a de Adão. (N. do M.)

30 Esta tradição tem pouco fundamento. A realidade é que não era costume dos legionários romanos desprezar as cruzes para as execuções. E mais: a madeira vertical (ou stipe) permanecia plantada no chão. O drama desta “atormentada” igreja remonta ao século IV. No ano 324, quando foi edificada pela primeira vez, ficou quase no centro do que era então a Jerusalém amuralhada. Segundo todos os vestígios arqueológicos, uns onze anos após a morte de Cristo o Gólgota já havia ficado dentro da cidade, graças à

muralha construída por Herodes Agripa no ano 44. Em 135, o imperador Adriano, tratando de apagar os lugares venerados por cristãos e judeus, ordenou a construção de um templo a Júpiter nos pontos onde, segundo a tradição, achavam-se o Gólgota e o túmulo de Cristo. E o mesmo aconteceria com a gruta da Natividade, em Belém. Tomando como referência os templos pagãos, a rainha Santa Helena, mãe do imperador Constantino, erigiu no ano 326 uma magnífica basílica nos lugares ocupados pelo Calvário e o suposto túmulo de Jesus. Em 614, os persas a destruíram, mas foi levantada de novo pelo abade Modesto. Em 1009, o califa Jakem a arrasaria novamente, sendo a destruição desta igreja uma das origens das Cruzadas. Em 1048 seria restaurada por Constantino Monômaco. (N. do M.)

31 Uma descrição detalhada da cripta onde foi sepultado Jesus aparece nas páginas 575 e seguintes da minha obra anterior, Cavalo de Tróia 1, que corresponde à primeira parte do Diário do Major norte-americano. Nela, de fato, se diz que o pé-direito da gruta era de 1,70 m e que a câmara era quadrada: de uns 3 metros de comprimento. (N. de J. J. Benítez.)

32 Dominus Flevit ou “O Senhor chorou”, lembra as lágrimas derramadas por Jesus na manhã do Domingo de Ramos. A primitiva igreja, obra dos cruzados, data do século II. Após sua destruição, foi reconstruída em 1891 em forma de “lágrima”. (N. do M.)

33 Também chamada de igreja Russa. Foi edificada em 1888 pelo czar Alexandre III, em memória de sua mãe. É propriedade das freiras russas. Na cripta encontra-se sepultada a grã-duquesa Elizabeth Feodorovna, irmã da imperatriz Alexandra, morta na Sibéria em 1918 pelos bolcheviques. (N. do M.)

34 A atual igreja, uma das mais bonitas de Jerusalém, foi edificada nos primórdios do século XX. É chamada “das Nações” porque os fundos para sua construção foram doados por dezesseis países. Em cada uma das cúpulas pode-se admirar os escudos de mosaico de cada uma das dezesseis nações. Em frente ao altar pode contemplar os restos do que a tradição cristã considera como uma das rochas da agonia de Jesus de Nazaré. A verdade é que a basílica e a massa pétreia em questão encontram-se praticamente no fundo do vale do Cedron, e a “oração do horto” teve lugar em uma altitude superior e um pouco mais ao norte da ladeira ocidental do monte das Oliveiras. (N. do M.)

35 As tradições judaico-cristãs asseguram que este estreito vale do Cedron será o cenário do Juízo Final. (N. do M.)

36 Para muitos historiadores, este ponto não está completamente esclarecido. Flávio Josefo escreve que Tito mandou cortar as árvores existentes ao redor da Cidade Santa. Isto aconteceu no ano 70. Outros especialistas, ao invés, opinam o contrário: que o general romano Vespasiano e seu filho Tito tiveram extremo cuidado em respeitar os lugares sagrados. E este, Getsêmani ou “Jardim de Zorobabel”, como ainda o chamam os árabes, era considerado zona sagrada, como monumento. Ao que parece, o “jardim” foi plantado por ordem do rei Ciro da Babilônia, cerca de 520-530 a.C. (N. do M.)

37 Quando da minha primeira visita a Israel (1985), ao percorrer o Getsêmani, pude comprovar que alguns turistas chegavam a pagar até 50 dólares para que seus guias lhes conseguissem – sempre às escondidas – algumas folhas ou galhos das oliveiras. (N. de J. J. Benítez.)

38 Nesta parte do Diário do Major há um envelopinho de plástico, grampeado em uma página, que contém três folhas de oliveira de 4,5 centímetros de comprimento cada uma. Para mim também constituem um caro “tesouro”... (N. de J. J. Benítez.)

39 El Agaf ou Agaf Hamodiín: Serviço de Inteligência do Exército de Israel. Trabalha paralelamente ao Mossad e é um dos departamentos do Estado-Maior. Entre suas múltiplas funções “especiais” figuram a estruturação das avaliações na política de segurança nacional, sempre baseadas em informações secretas; a obtenção de informação de caráter militar nos países vizinhos (especialmente nos árabes); desenvolvimento de metodologias e tecnologias especiais para o trabalho da Inteligência; cartografia militar; censura e segurança militares e a supervisão da missão dos adidos militares israelitas no estrangeiro. Sua eficácia era extraordinária, tendo conseguido, tal qual o Mossad, o prestígio e o reconhecimento mundiais. (N. do M.)

40 Os veículos com este tipo de placa ou licença estão autorizados a circular livremente por todo o Estado de Israel. Nas chamadas “zonas ocupadas” (principalmente naquelas habitadas por árabes), os automóveis particulares usam placas azuis e os táxis, verdes. (N. do M.)

- 41 Assim são chamados os nascidos em Israel. Sabra é o nome do fruto da figueira-da-índia, muito abundante naquele país. Como os sabras – repletos de espinhos por fora, doces, porém, por dentro – os israelenses, à primeira vista, são duros. Quando os conhecemos, percebe-se que são amáveis e agradáveis tal qual o fruto da figueira-da-índia. (N. de J. J. Benítez.)
- 42 Quem chegar a ler este diário deverá perdoar-me por não ter citado agora o lugar dessas expedições arqueológicas. É meu propósito tentar respeitar ao máximo a ordem cronológica dos acontecimentos vitais que precederam a nossa “partida”. (N. do M.)
- 43 Embora no meu livro anterior, Cavalo de Tróia 1, incluam-se diversas notas explicativas sobre esta intrincada matéria (páginas 69 e seguintes), entendo que, nesse momento, talvez seja bom refrescar a memória do leitor com algumas daquelas surpreendentes revelações. “Em essência (escrevia o Major), esse ‘sistema básico’ que havia impulsionado a operação consistia na descoberta de uma entidade elementar – generalizada no Cosmo – na qual a ciência não havia reparado até esse momento e que resultara, e resultaria no futuro, na ‘pedra angular’ para uma melhor compreensão da formação da matéria e do próprio Universo. Tal entidade elementar – que foi batizada com o nome de swivel – evidenciou que todos os esforços da ciência para detectar e classificar novas partículas subatômicas nada mais eram do que estéril miragem. A razão – minuciosamente comprovada pelos homens da operação em que trabalhei – era tão simples quanto espetacular: um swivel tem a propriedade de mudar a posição ou orientação de seus hipotéticos ‘eixos’ e transformar-se, com isso, em um swivel diferente. Ainda hoje, e posto que esse sensacional descobrimento não foi dado a conhecer à comunidade científica do mundo, numerosos investigadores e experts em física quântica continuam descobrindo e detectando infinidade de subpartículas (neutrinos, mésons, antiprótons etc.) que só contribuem para obscurecer o intrincado campo da física. No dia em que os cientistas tiverem acesso a essa informação compreenderão que todas essas partículas que formam a matéria não são outra coisa senão diferentes cadeias de swivels, cada um deles orientado de uma forma peculiar em relação aos outros. Tanto os especialistas que participaram desta operação, como eu mesmo, tivemos de alterar nossas velhas concepções euclidianas de espaço, com sua trama de pontos e retas, para assimilar que um swivel é formado por um feixe de eixos ortogonais que ‘não podem cortar-se entre si’. Esta aparente contradição ficou explicada quando nossos cientistas comprovaram que não se tratava de ‘eixos’ propriamente ditos, mas de ângulos. (Daí haver eu colocado entre aspas o termo ‘eixo’ e haver-me referido a hipotéticos eixos.) A chave, portanto, estava em atribuir aos ângulos uma nova propriedade ou um novo caráter: o dimensional. A descoberta deixou perplexos os escassos iniciados, arrastando-os irremediavelmente a uma visão muito diferente do espaço da configuração íntima da matéria e do tradicional conceito de tempo. O espaço, por exemplo, não podia mais ser considerado como um ‘contínuo escalar’ em todas as direções. O descobrimento do swivel deitava por terra as tradicionais abstrações de ‘ponto’, ‘plano’ e ‘reta’. Não são esses os verdadeiros componentes do Universo. Cientistas como Gauss, Riemann, Bolyai e Lobatschewsky ampliaram genialmente os restritos critérios de Euclides, elaborando uma nova geometria para um ‘n-espaço’. Nesse caso, o auxílio das matemáticas ajudava a transpor o grave obstáculo da percepção mental de um corpo de mais de três dimensões. Nós havíamos suposto um universo em que os átomos, partículas etc. formam as galáxias, sistemas solares, planetas, campos gravitacionais e magnéticos etc. Mas o achado do swivel e sua ulterior comprovação trouxe-nos uma visão muito diversa do Cosmo: o espaço não é outra coisa senão um conjunto associado de fatores angulares, integrado por cadeias de swivels. Segundo este critério, poderíamos representar o Cosmo não como uma reta, mas como um enxame dessas entidades elementares. Graças a tais alicerces, os astrofísicos e matemáticos recrutados pelo general Curtiss para o ‘Projeto Swivel’ foram verificando, com assombro, como em nosso Universo conhecido registra-se periodicamente uma série de curvaturas ou ondulações que oferecem uma imagem geral muito diferente da que sempre havíamos tido. Em princípios de 1960, e como consequência de um maior aprofundamento na observação dos swivels, uma das equipes do projeto concretizou outra descoberta que, em minha opinião, constituirá um marco histórico para a humanidade: por meio de uma tecnologia que não posso sequer insinuar, esses hipotéticos eixos de entidades elementares tiveram invertida sua posição. O resultado encheu de espanto e alegria, ao mesmo tempo, a todos os cientistas: o minúsculo

protótipo sobre o qual se havia feito a experiência desapareceu da vista dos pesquisadores, enquanto o instrumental continuava detectando-lhe a presença... Ao multiplicar nossos conhecimentos sobre os swivels e dominar a técnica de inversão da matéria, surgiu diante da equipe uma fascinante realidade: ‘mais para lá’, ou ‘do outro lado’ de nossas limitadas percepções físicas, há outros universos tão materiais e tangíveis como o que conhecemos (?). Em sucessivas experiências, os homens do general Curtiss chegaram à conclusão de que nosso Cosmo possui uma infinidade de dimensões desconhecidas. (Matematicamente, foi possível a comprovação de dez.) Dessas dez dimensões, três são perceptíveis por nossos sentidos e uma quarta – o tempo – chega-nos aos órgãos sensoriais como uma espécie de ‘fluir’, em um único sentido, que poderíamos definir grosseiramente como ‘flecha ou sentido orientado do tempo’. A mim, pessoalmente, o que acabou por cativar foi o novo conceito de ‘tempo’. Ao manipularem-se os eixos dos swivels, comprovou-se que essas entidades elementares não ‘sofriam’ o passar do tempo. Elas eram o tempo! Longas e laboriosas investigações puseram em relevo, por exemplo, o que chamamos ‘intervalo infinitesimal de tempo’, não era outra coisa senão uma diferença de orientação angular entre dois swivels intimamente ligados. Aquilo constituiu um autêntico cataclismo em nosso conceito de tempo. As sucessivas verificações demonstraram, por exemplo, que o tempo pode assemelhar-se a uma série de swivels cujos eixos estão orientados ortogonalmente em relação aos raios vetores que implicam distâncias. Com isso descobrimos que se pode dar o caso – se a inversão dos eixos for adequada – de um observador, em seu novo marco de referência, apreciar como distância o que no antigo sistema referencial era avaliado como ‘intervalo de tempo’. É fácil então compreender por que um acontecimento ocorrido longe da Terra (por exemplo, em um planeta do aglomerado estelar M-13, situado a 22.500 anos-luz) não pode ser jamais simultâneo a outro que se registra em nosso mundo. Isso nos deu a explicação de como um objeto que pudesse viajar à velocidade da luz encurtaria sobre o eixo de translação, até reduzir-se a um par de swivels. Distância que, ainda que tenda a zero, não é nula, como aponta erroneamente uma das transformações do matemático Lorentz. E já que mencionei o processo de inversão de eixos dos swivels, devo assinalar que, a princípio, muitas das tentativas de inversão da matéria frustraram-se precisamente por falta de exatidão na dita operação. Ao não lograr uma inversão absoluta, o corpo em questão – por exemplo, um átomo de molibdênio – sofria o conhecido fenômeno de conversão da massa em energia. (Ao desorientar no núcleo de um átomo de Mo_1 , um só ‘nucleon’ – um próton, por exemplo – obtínhamos um isótopo de Neóbio-10.) Quando essa inversão foi absoluta, o próton estava aniquilado, sem quebrar, no entanto, o princípio universal da conservação de massa e energia. Não foi muito difícil detectar que, por um desses milagres da natureza, os eixos do tempo de cada swivel apontavam em uma direção comum... para cada um dos instantes que poderíamos definir puerilmente como ‘meu agora’. No instante seguinte, e no seguinte e no seguinte – e assim sucessivamente – esses eixos imaginários variavam de posição, dando passo a diferentes ‘agora’. E o mesmo ocorria, obviamente, com os ‘agora’ que chamamos passado. Aquele potencial – simplesmente ao alcance de nossa tecnologia – fez-nos vibrar de emoção, ao imaginar as esplêndidas possibilidades de ‘viagens’ ao futuro e ao passado. Tratarei de assinalar, ainda que superficialmente, algumas das linhas básicas dessa nova definição de ‘intervalo de tempo’. Como disse, nossos cientistas entendem um intervalo de tempo ‘T’ como uma sucessão de swivels cujos ângulos diferem entre si quantidades constantes. Quer dizer, consideremos em um swivel os quatro eixos (que não são outra coisa senão uma representação do marco tridimensional de referência), e que não existem na realidade; em outras palavras, são tão convencionais como um símbolo, ainda que sirvam ao matemático para fixar a posição do ângulo real. Se dentro desse marco ideal oscila o ângulo real, imaginemos agora um novo sistema referencial dos ângulos, cada um dos quais formando 90 graus com os quatro anteriores. Este novo marco de ação de um ângulo real e o anteriormente definido, definem, respectivamente, espaço e tempo. Observemos que os ‘eixos diretores’ que definem espaço e tempo possuem graus de liberdade diferentes. O primeiro pode percorrer ângulos-espaço em três orientações diferentes, que correspondem às três dimensões típicas do espaço; o segundo está ‘condenado’ a desfazer-se em um só plano. Isso nos leva a crer que dois swivels cujos eixos diferem em um ângulo tal que não exista no Universo outro swivel cujo ângulo esteja situado entre ambos, definirão o mínimo intervalo de tempo. A este intervalo, repito,

chamamos ‘instante’. Conforme já o disse, não posso sequer sugerir a base técnica que leva à mencionada inversão de todos e cada um dos eixos dos swivels, mas posso adiantar que o processo é instantâneo e que o aporte da energia necessária para esta transformação física é muito considerável. Essa energia necessária, posta em jogo até o instante em que todas as subpartículas sofrem sua inversão, é restituída ‘integralmente’, sem perdas, transformando-se no novo marco tridimensional em forma de massa. Os experimentos prévios demonstraram que, imediatamente depois desse salto de marco tridimensional, o módulo se deslocava a uma velocidade superior, sem que a brusca mudança de velocidade (aceleração infinita) no instante da inversão fosse acusada pelo veículo. Este procedimento de viagem, como é fácil adivinhar, torna inúteis os demais esforços dos engenheiros e especialistas em foguetes espaciais, empenhados ainda em obter equipamentos cada vez mais sofisticados e poderosos... mas sempre impulsionados pela força bruta da combustão ou da fissão nuclear...” (N. de J. J. Benítez.)

44 Nesta data, Hafiz Ismail voou a Londres para entrevistar-se com Sir Alec Douglas Home, na ocasião ministro inglês dos Assuntos Exteriores. Objetivos? Em primeiro lugar, negociar uma possível abertura do canal de Suez e um novo plano de paz para o Oriente Médio. A proposta compreendia três fases.

Primeira: a retirada parcial das tropas israelenses da zona do Sinai para permitir a reabertura de Suez. Esta etapa só seria aceita pelos árabes no caso de Israel comprometer-se a uma segunda fase, ou seja, retirada completa na zona do canal, Golfo de Ágaba, Jordânia e Síria.

Segunda: o problema palestino entraria então em discussão, embora se ignorasse a fórmula que o Egito poderia propor. Especulou-se que talvez se estivesse tentando dar aos palestinos a possibilidade de opinar nas negociações.

Terceira: um acordo seria negociado para que terminasse a guerra de 1967, com o compromisso dos árabes de respeitar as fronteiras de Israel.

Ismail, o Kissinger do presidente egípcio Anwar el Sadat, celebraria em Londres a primeira de uma série de reuniões com as potências mundiais em torno do plano de paz elaborado no Cairo. Nos círculos pró-judeus londrinos especulou-se, então, que o plano não era de paz, mas sim de “não guerra”. (N. do M.)

45 No início da rebelião judia do ano 66 d.C., um grupo de fanáticos conquistou a Massada ao tomar de assalto a guarnição romana destacada para guardá-la. E ali permaneceu enquanto durou a guerra. Quando Tito tomou Jerusalém, um grupo de zelotes, com suas famílias, e também alguns membros da seita dos essênios, fugiram para o Sul, refugiando-se na Massada e unindo-se aos patriotas que haviam conquistado a fortaleza. Durante dois anos lutaram pela sua liberdade, fustigando os romanos do alto do estratégico lugar. Segundo F. Josefo, o primeiro a usar como fortificação esse local de defesa natural foi Jônatas, o “Grande Sacerdote”. Contudo, quem verdadeiramente transformou a Massada em um reduto quase inexpugnável foi o rei Herodes, o Grande. Entre os anos 36 e 30 a.C. – seguramente, por temer uma possível invasão dos exércitos de Cleópatra –, edificou uma muralha com ameias que rodeava o cimo todo, uma torre de vigia, grandes cisternas escavadas na rocha, armazéns, quartéis, palácios e arsenais. Estas construções foram aproveitadas pelos 960 zelotes. (N. do M.)

46 Flávio Josefo: em seus livros Antiquidades Judaicas (XIV e XV) e A Guerra dos Judeus (I, II, IV e VII). (N. do M.)

47 O anemocinemógrafo é um dos mais completos aparelhos usados na meteorologia para medir a velocidade e a força do vento. Costuma ser formado por um cata-vento registrador, um anemômetro que registra o percurso do vento e um registrador de rajadas que se baseia no chamado “tubo de Pitot”. (N. do M.)

48 Embora não seja minha intenção detalhar aqui a sofisticada e secreta tecnologia norte-americana utilizada nesse tipo de instalações, posso dizer que os dois amplificadores maser da estação – de grande alcance – processam dados com uma exatidão extraordinária. A baixa temperatura requerida por esse tipo de aparelhos (269 °C abaixo de zero) obrigaria a um isolamento especial dos amplificadores do conjunto da estrutura. Os masers funcionavam cada qual em duplo canal. Sua característica fundamental era a grande capacidade do seu canal de informação, que lhe permitia uma recepção de dados da ordem dos 200 quilobits por segundo. (N. do M.)

49 Esta antena parabólica – construída à base de materiais muito leves – pode trabalhar simultaneamente

nas proximidades dos 2 GHz e dos 400 MHz, graças a um sub-refletor dicróico transparente a certas frequências. Graças ao seu extraordinário alcance, ela pode aumentar 1 milhão de vezes a potência do transmissor, permitindo que seja orientada para qualquer ponto do espaço com uma precisão de milésimos de graus. (N. do M.)

- 50 O GSFC, ou Goddard Space Flight Center, localizado em Greenbelt (Maryland), nos Estados Unidos, é um centro destinado à coordenação e realização de projetos espaciais (não tripulados). Uma das missões do GSFC é a vigilância da rede STDN, ou Rede de Seguimento e Aquisição de Dados de Vãos Espaciais, que consta de dezesseis estações distribuídas pelo mundo todo. (N. do M.)
- 51 Segundo os dados do Serviço Meteorológico de Israel – que tão valiosas informações prestaria à missão – o ponto médio dos dias de Sol na região da Massada e Sodoma, ao sul do mar Morto, é de 26 para fevereiro e de 31 para março, o que havia levado os eruditos a contínuas polêmicas em torno das afirmações do historiador F. Josefo em relação às chuvas sobre a Massada. Conta Josefo, por exemplo, que antes do reinado de Herodes, o Grande, José e outros membros de sua família se refugiaram nesse cume. Resistindo às tropas dos últimos asmoneus e às de seus aliados, os partos, estavam a ponto de perecer de sede quando, de súbito, abriram-se os céus e as cisternas da Massada se encheram de água. E José e os seus, disse Flávio Josefo, salvaram-se. De nossa parte, pudemos, como anteriormente Yigael Yadin o fez, confirmar a exatidão dos textos do judeu romanizado. (N. do M.)
- 52 Esse tipo de gerador consome em média, 142 m³ de ar por minuto, apenas para a combustão do motor, que trabalha à razão de 60 ciclos. De outro lado, a refrigeração do radiador exige 2.349 m³ de ar, também por minuto. Todo o conjunto emite um calor equivalente a 189 KW por minuto. (N. do M.)
- 53 Neste alcantilado sudeste da Massada, muito perto da casamata, pode distinguir-se uma fileira de covas. Na do extremo sul, a menor de todas, as expedições arqueológicas de Yadin encontraram os restos de 25 seres humanos. Provavelmente zelotes auto-imolados naquela histórica noite. Entre os esqueletos havia fragmentos de tecido e pedaços de lenços. Segundo o doutor N. Hass, da Faculdade de Medicina da Universidade Hebréia, aqueles ossos pertenceram a catorze homens, seis mulheres e o resto a crianças. Quase com toda certeza, defensores da Massada. Esta circunstância, ainda que incrível, condicionou demais a operação. Mesmo que os arqueólogos de Yadin houvessem examinado as cavernas restantes, não encontrando novos esqueletos, antes de “profanar” uma daquelas grutas com o depósito de gás-óleo, os israelitas submeteram todas elas a uma exaustiva revisão, para se certificar de que nenhuma delas guardava ainda os restos mortais de seus heróis. (N. do M.)
- 54 Por não existir estação meteorológica na Massada, os dados foram fornecidos pela de Kalya Alef. Seus três observatórios se encontram localizados a 395, 270 e 60 metros abaixo do nível do mar, respectivamente. (N. do M.)
- 55 Nos escritos de Flávio Josefo lê-se, em relação a esta rampa: “Já que o general Silva havia construído uma muralha externa, ao redor deste lugar, e dessa maneira se prevenido muito adequadamente para evitar que qualquer dos sitiados fugisse, dedicou-se ao assédio propriamente dito, ainda que encontrasse tão-somente um lugar onde fosse possível edificar a rampa que projetara, já que atrás daquela torre que protegia o caminho do palácio, e até o cume da colina pela parte oeste, havia uma certa eminência da rocha, muito larga e proeminente, e apenas 300 côvados (198 metros) por sob a parte mais elevada da Massada. Era chamado o ‘promontório Branco’. Portanto, subiu até aquele lugar do penedo e ordenou a seus soldados que trouxessem terra; e, quando se aplicaram a essa tarefa com ardor grande quantidade deles, levantou-se a rampa que era sólida, de 200 côvados (132 metros) de altura e, todavia, não se considerou essa rampa suficientemente alta para o uso das máquinas de guerra que deviam instalar-se ali e se elevou sobre essa rampa outra, alta e grande, feita de grandes pedras unidas, medindo 50 côvados (33 metros), tanto de altura quanto de largura”. (N. do M.)
- 56 As rotas comerciais de vôo de Bahrain a Alexandria, no Egito, seguem, habitualmente, as seguintes direções: uma para Damasco; dali, sobrevoando o sul de Beirute e águas internacionais do Mediterrâneo, a Alexandria. A segunda rota cruza a Arábia Saudita, sobre Buraida e o norte de Medina, até entrar no Egito. Ao norte de Assuã os aviões giram 90 graus, na direção de Alexandria. O Sinai encontra-se na bissetriz de ambas as rotas. (N. do M.)

- 57 Esse escarpado caminho nasce praticamente nas atuais instalações, ao pé da montanha, a uns 1.200 pés do cimo. A bom passo necessita-se de 40 a 50 minutos, se não mais, para percorrê-lo. Suas “pedras escalonadas” foram dramaticamente descritas por Flávio Josefo. Os israelenses desaconselharam seu uso para o transporte do material até o alto da meseta. (N. do M.)
- 58 Os shammar constituem uma das mais nobres e antigas tribos beduínas da Arábia setentrional. Subdividem-se em quatro grandes facções tribais: os abde, os singiara, os aslam e os tuman. Os shammar se consideram qathanitas, ou seja, descendentes de Qathar, que, juntamente com o mítico Ismael, é reconhecido como um dos fundadores de várias estirpes do povo muçulmano. Supõe-se que os shammar se estabeleceram na região compreendida entre o Yébel Agia e o Yébel Selma, ao sul, e o terrível deserto do Grande Nefud, ao norte. (N. do M.)
- 59 O plano de assédio a Massada pelo general romano Silva, como já mencionei, compreendia a construção de uma muralha que abraçasse a rocha, assim como o levantamento de oito acampamentos para uns 15 mil homens. Estes “castros” conservam-se em tão bom estado que, observados da crista ou de avião, pareciam como se acabassem de ser abandonados. Foram montados dois acampamentos grandes – o “B” e o “F” – e outros seis menores. O primeiro, a leste da Massada, e o “F”, a oeste. Ambos se acham fora da muralha de circunvalação e são quase gêmeos, tanto em dimensões – 128 x 165 metros o “B” e 119 x 146 o “F” – como em seu planejamento. Metade do grosso da Décima Legião (fretensis) se alojou no “B” e o resto no “F”. Este último acampamento, segundo Josefo, foi o quartel-general de Silva durante o ataque. (N. do M.)
- 60 O rei Hassan II do Marrocos chegou a anunciar que enviaria tropas à Síria no mês de março. Pelo visto, estava convencido de que Israel “atacaria seus irmãos sírios nas colinas de Golan”. (N. do M.)
- 61 No decorrer da visita do Kissinger egípcio aos Estados Unidos – a primeira de um representante do governo do Egito desde a guerra dos Seis Dias (1967) –, a Casa Branca anunciaria também a chegada de Golda Meir aos Estados Unidos para os primeiros dias de março. (N. do M.)
- 62 Yadin conta que este achado se deu em um dos lugares estratégicos da Massada perto da entrada que conduz às canalizações de água e próximo à praça que se localiza entre os armazéns e o edifício administrativo, em um ponto em que confluem todos os caminhos que vão ao cimo. (N. do M.)
- 63 Os arqueólogos pensam que esses onze “ostraca” poderiam ser as peças utilizadas no fatídico “sorteio” realizado pelos zelotes. Josefo escreve, a propósito: “Então eles escolheram por sorteio dez homens, para que matassem os demais; todos se estenderam no solo, ao lado de sua mulher e filhos, e, pondo seu braço por sobre eles, ofereceram o pescoço à cutilada daqueles que, por sorteio, deviam executar tão triste tarefa; e quando esses dez homens sem medo terminaram a execução, seguiram a mesma regra para jogar a sorte entre si, que aquele a quem coubera a sorte primeiro, mataria os outros nove e em seguida se mataria”. (N. do M.)
- 64 Nove meses depois da derrubada do Boeing líbio, o prestigioso comentarista político Hassanein Heikal, amigo pessoal do presidente egípcio Sadat, daria a conhecer (23 de novembro) uma informação que ratificava o que haviam dito os serviços de informação israelense-norte-americanos. Segundo Heikal, Israel já dispunha naquela altura de três bombas nucleares e de capacidade para fabricar outras em um prazo de seis meses. “Os esforços dos israelenses para ter esse tipo de armas” – escrevia o comentarista egípcio – “remontam a 1957, quer dizer, depois da guerra do Suez, na qual Israel, ajudado pela Grã-Bretanha e França, atacou o Egito. Na ocasião, a França vendeu a Israel um reator atômico que foi instalado em Dimona. Por seu lado, os árabes também têm-se esforçado para conseguir a bomba atômica. Ao que se sabe” – prosseguiu Heikal – “em três ocasiões:
- “A primeira, antes de estalar a guerra dos Seis Dias, em 1967. Mas a falta de meios e de dinheiro os levou a desistir.
- “A segunda, depois de 1967, quando a China começou a estreitar relações com os países árabes. Mas Pequim aconselhou-os a só dependerem, nesse assunto, de si próprios.
- “A terceira foi protagonizada pelo coronel Muamar Kadafi, em 1970, quando tentou comprar uma bomba nuclear. O Clube Atômico respondeu-lhe que ‘as bombas atômicas não estavam à venda’”.
- Um dia antes dessas revelações do comentarista egípcio, outro jornal de prestígio – o New York Times –

insistia sobre o tema das armas nucleares. Assegurava o diário norte-americano que a União Soviética havia enviado bombas atômicas para o Egito, por causa da guerra do Yom Kippur, em outubro de 1973. Tais bombas estavam sob o rígido controle de assessores soviéticos. Estas informações, colhidas pelos serviços de inteligência norte-americanos, foram uma das principais causas que levaram Nixon a declarar em estado de máximo alerta as tropas norte-americanas no mundo durante a “quarta guerra” árabe-israelense. (Em 26 de outubro deste ano de 1973, Nixon declarava a respeito: “A crise mundial mais difícil e grave desde 1962, quando do envio de mísseis soviéticos a Cuba, teve lugar durante a guerra do Yom Kippur. A União Soviética dispunha-se a enviar ao Egito uma ‘força substancial’, razão por que os Estados Unidos puseram seus exércitos em estado de alerta máximo...”). (N. do M.)

65 O Rapto de Europa era um título tristemente inspirado na mitologia grega. Europa, filha de Fênix, rei da Fenícia, estava um dia à beira-mar, colhendo flores. Em dado momento chamou-lhe a atenção a presença de um touro de pêlo brilhante e aspecto majestoso, que pastava entre os rebanhos de seu pai. Não imaginando que se tratava do deus Zeus, que adotara essa forma para raptá-la, a jovem acercou-se do animal e o acariciou. O touro, gentilmente, dobrou os joelhos, permitindo que a jovem o cavalgasse. De súbito, o touro ergueu-se e se lançou na água, arrastando consigo a infortunada Europa. Zeus levou-a até Gortina, na costa meridional da ilha de Creta. Da união do deus e de Europa nasceram Minos, Radamântis e Sarpédon. O rei Astérion, de Creta, os adotou e converteu-se no esposo de Europa. (N. do M.)

66 Ainda que me repugne recordar uma história tão louca, eis aqui, muito resumidos, alguns dos informes da Operação Rapto de Europa:

As datas mais propícias para o ataque a Israel foram fixadas inicialmente para três momentos de 1973: na segunda quinzena de maio, em setembro e em outubro. De fato, em janeiro desse ano Sadat ordenaria ao chefe do Estado-Maior egípcio, General Shazli, a “prontidão” do cruzamento do canal de Suez. Com o passar dos dias, os russos escolheriam a terceira data. E o dia foi fixado para 6 desse mês de outubro. O ódio cego dos árabes aos judeus os impeliu a escolher essa data, não só porque o estado da maré no canal era mais favorável, mas, muito especialmente, porque a data coincidia com o décimo dia do Ramadã. (Nesse dia, no ano de 624, o profeta Maomé iniciou os preparativos para a batalha do Badr, que seria o prelúdio de sua triunfal entrada em Meca e do início da expansão do Islã.) Para cúmulo das coincidências, esse 6 de outubro era o Dia do Perdão dos israelitas: uma solene celebração religiosa na qual todo judeu é obrigado a reconciliar-se e pedir desculpas a todos a quem quer que haja ofendido no decurso do ano. Durante o Yom Kippur, ou Dia do Perdão, tudo em Israel paralisa. O maquiavelismo árabe – por que negá-lo? –, russo e norte-americano chegou a estes repugnantes extremos. “Um ataque maciço naquela dia” – previa o plano – “teria um resultado vantajoso para os exércitos atacantes: egípcios, sírios e jordanianos. Eram esses – segundo o Rapto de Europa – os países árabes que suportariam o peso da nova guerra. Outras nações do Oriente Médio figuravam como “forças de apoio e reserva” tanto no envio de tropas quanto de armamento em geral. Na hora da verdade, o prudente rei jordaniano não cairia na trama, limitando-se a enviar a Brigada 40 quando a guerra já ia pelo sétimo dia e as pressões sobre si se tornaram insuportáveis.

“A duração máxima” – permitida! – “das hostilidades” – assim rezava o plano secreto – “será de 40 dias.” (Efetivamente, o acordo final de cessar-fogo egípcio-israelense foi firmado no domingo, 11 de novembro, pelo general Aron Yariv, então chefe do Serviço de Informação Militar israelense, e pelo também general Ismail Jamsi, chefe de operações do Exército. Havia transcorrido 35 dias desde 6 de outubro.)

O plano geral de ataque – batizado com o nome em código de Chispa – baseava-se em duas fases: a primeira, a travessia do canal de Suez e a consolidação dos exércitos egípcios no Sinai; a segunda, uma invasão maciça e simultânea das colinas do Golan pelas forças sírio-jordanianas. Com o mais glacial pragmatismo, os “artífices” da guerra haviam previsto até mesmo o número de baixas em soldados, blindados e aviões, em especial na frente do canal, a mais virulenta. Em sua totalidade, a operação de cruzamento poderia custar cerca de 30 mil baixas para os egípcios, incluindo 10 mil mortos. O minucioso estudo russo-norte-americano especificava qual podia ser o contingente de forças de ambos os lados antes da guerra. Israel disporia de 30 mil homens, ainda que fosse exequível uma mobilização de 300 mil

reservistas em 72 horas. Quanto ao potencial bélico dos egípcios, sírios e jordanianos, Rapto de Europa o estimava em uns 500 mil homens (298 mil egípcios, 132 mil sírios e ao redor de 70 mil jordanianos). Israel contava com 1.700 carros de combate, de tipo médio, contra uns 4 mil de seus inimigos. A temida e eficiente Força Aérea israelense dispunha, por sua vez, de 488 aviões de combate (12 bombardeiros ligeiros, 9 caças F-4, 36 Mirage, 165 caça-bombardeiros Skyhawks do tipo A-4, 24 caças Baraks, 18 Super-Mystères, entre outros). Os atacantes somavam mais de 1.200 aparelhos, sem contar os 200 aviões egípcios “de reserva”.

Essa esmagadora desproporção de forças e o fator surpresa (os árabes dispunham de dezesseis preciosos minutos até que soassem os alarmes israelenses) inclinavam a balança da guerra para o lado atacante. Todavia, segundo o documento de Curtiss, a “vitória seria parcial”. Quer dizer, as batalhas teriam um objetivo duplo: reconquistar as colinas de Golan e parte do Sinai e descarregar um “golpe moral” sobre Israel. Os suprimentos de munição e equipamentos militares aos contendores – tanto no caso russo como no norte-americano – eram estimados em um máximo de 100 mil toneladas, com uma inversão em armas (antes do conflito) limitada a 1,5 bilhão de dólares, respectivamente. O obstáculo representado pela “não presença de assessores soviéticos no Egito” – expulsos que haviam sido em julho de 1972 – foi contornado com o compromisso de sucessivas reuniões russo-egípcias e, durante a guerra, com uma “ponte” aérea através da Iugoslávia. (Em janeiro deste ano, Sadat visitou o marechal Tito, consolidando o direito de trânsito da União Soviética sobre território iugoslavo.) (N. do M.)

67 Entre os atentados e operações terroristas ocorridos nos meses que antecederam a guerra do Yom Kippur, cabe destacar – como simples amostra – o assalto, em 29 de setembro, a um trem que conduzia emigrantes judeus de Moscou a Viena. No momento em que o comboio deixou a fronteira entre a Checoslováquia e a Áustria, dois guerrilheiros palestinos apoderaram-se de cinco judeus e um funcionário aduaneiro austríaco. No decorrer das tensas negociações, o então primeiro-ministro austríaco, Bruno Kreisky, propôs que em troca da liberdade dos reféns se fechasse o acampamento de trânsito para os emigrantes judeus da Rússia, instalado no castelo de Schönau, nos arredores de Viena. A medida causou indignação em Israel, forçando até uma viagem relâmpago de Golda Meir a Viena. (N. do M.)

68 Entre as mistificações árabes lembro-me de um estranho informe aparecido na imprensa britânica sobre o “pobre estado de manutenção dos mísseis antiaéreos no Egito”. As “fontes” informantes – soviéticas, certamente – asseguravam que tais armas eram praticamente imprestáveis. Depois da quarta guerra, Sadat declararia, com evidente regozijo, que os “israelenses haviam chegado a morder a isca...” (N. do M.)

69 A grande crise do petróleo – da qual o mundo ainda não se recuperou – foi, sem dúvida, o resultado de um confronto de 6,5 milhões de árabes contra 650 milhões de europeus e japoneses. Em 8 de novembro desse ano de 1973, a Arábia Saudita, maior produtora de petróleo do mundo, reduziria sua produção em 31,7% em relação à produção de setembro. O governo saudita planejava para esse novembro de 1973 uma produção global de 9,1 milhões de barris/dia. Esta cota, pois, seria reduzida a 3,44 milhões/dia. O exemplo da Arábia seria secundado pelo resto dos países do Oriente Médio, caindo, desse modo, na cilada soviético-norte-americano. Em 13 de novembro, por exemplo, o primeiro-ministro líbio, Abdel Saïam Jallud, declararia que o embargo de petróleo para a Europa e o Japão continuaria enquanto persistissem na negativa de facilitar o fornecimento de armas modernas ao mundo árabe. A Europa veio abaixo e os países do Golfo Pérsico aproveitaram a “anemia e as disputas” do Ocidente para intensificar a pior das guerras: a da energia. Excetuando o Irã, os países do Golfo, representando 60% da produção mundial de petróleo, estabeleceram três “frentes de batalha”: uma, aumentando os preços do petróleo em 17%; duas, Abu Dhabi, inicialmente, e o resto dos países árabes, depois, decidindo suspender o envio do ouro negro para qualquer nação que se declarasse partidária de Israel. Além disso, reduzindo sua produção em 10% e, mais tarde, em mais 5%; e três: inclinando-se à nacionalização de seus recursos e indústrias derivadas. Houvesse ocorrido a nacionalização completa e a medida haver-se-ia voltado contra os Estados Unidos. Mas isso, obviamente, não chegaria jamais a concretizar-se... (N. do M.)

70 GRU: Glavnoie Razvedivatelnoie Upravlenie. (N. do M.)

71 Os serviços secretos norte-americanos multiplicaram-se no Egito como resultado da expulsão dos assessores russos. Substanciosos créditos americanos e um paciente trabalho da CIA, intoxicando o

Mukhabarat el Kharbeiyah e o Mukhabar Elasma (serviço secreto de contraespionagem egípcio), “convenceram” Sadat de que Moscou poderia arrebatar-lhe o poder. Daí a expulsão: entre outros argumentos, a CIA jogou, perante os egípcios, com a alegação – totalmente falsa – de que os serviços de informação soviéticos haviam entrado em conluio com o partido comunista no Cairo com o fim de levar a cabo um plano que culminaria com a colocação do partido no poder. Para isso contaram os americanos com a ajuda de um falso agente chinês que, no Quênia, fez contato com um membro do serviço secreto do Egito e o informou sobre as aspirações de hegemonia russa no Egito. (N. do M.)

72 Estes espões russos – o primeiro, Krojin, foi terceiro secretário da embaixada russa em Paris e chefe de treinamento da KGB na França; o segundo, adido de imprensa, e o terceiro, membro dos serviços de segurança da embaixada – foram expulsos da França no final de 1972, graças a uma denúncia de um quarto agente soviético – Fedosseief –, que se passou para os serviços secretos da OTAN na Inglaterra. (N. do M.)

73 Pouco depois da chegada dos Mirage ao território líbio, e exatamente como esperavam os responsáveis pelo Rapto de Europa, o Mossad de Israel descobriu a presença dos caças na Líbia. E em 21 de março um avião de transporte norte-americano C-130, preparado para espionagem eletrônica e pilotado por pessoal israelense, esteve a ponto de ser abatido por dois caças líbios. O C-130, baseado em Atenas, pretendia confirmar as suspeitas do Serviço Secreto de Israel; e, ao ser atacado, ao sul da ilha de Malta, teve de fugir precipitadamente. Na ocasião, a imprensa internacional associou esse novo incidente à derrubada do Boeing líbio no Sinai. O governo de Golda Meir denunciou a presença dos Mirage franceses na Líbia, mas a França, cinicamente, negou a acusação. E, como previam os militares israelenses, os caças foram repassados ao Egito. As insistentes reclamações israelenses, porém, foram sistematicamente desatendidas. Em 26 de abril de 1973, o Conselho de Ministros francês, sob a presidência de George Pompidou, chegou a veicular uma nota afirmando que até então “não havia confirmação dos rumores que corriam sobre o tema”. Horas depois, o comentarista Yves Cau, de Le Figaro, punha em xeque o governo francês, revelando que, de fato, os Mirage vendidos pela França à Líbia se encontravam em bases egípcias próximas ao canal de Suez. Dezoito dos caças saíram na primeira semana de abril de Trípoli. O traslado definitivo começou dias depois, gradualmente, com vôos entre Tobruk e a base egípcia de Nasr. Dali passaram para as bases de Benisueif e Fayum. (N. do M.)

74 Os amplificadores maser da estação, como creio já haver dito antes, processavam os dados com uma extraordinária pureza. Esses sofisticados equipamentos requerem uma temperatura permanente de 269 °C abaixo de zero. (Vale dizer, apenas 5 graus acima do zero absoluto.) Para isso, deviam ser submersos em hélio 60 previamente liquefeito em um criogênio que fazia parte do instrumental. Este criogênio, ou coldbox, havia sido comprado de uma multinacional suíça. Com a ajuda de turbinas de expansão, gradientes ou etapas de gás e intercambiadores térmicos de placas, alcançava-se a temperatura requerida: -269 °C (4,2 K), e com isso a liquefação do heliogás. Logicamente, sem essas reservas de hélio, o criogênio e os maser não poderiam funcionar. (N. do M.)

75 O consumo médio de hélio calculado pelos experts na liquefação do gás era de 5 litros por hora. (De cada bujão de 9,3 m³ obtinha-se aproximadamente esse mesmo volume de gás.) (N. do M.)

76 O novo combustível – tetróxido de nitrogênio (oxidante) e uma mistura de 50% de hidrazina e dimetil-hidrazina assimétrica – havia sido calculado para um período global de 5 horas e 14 minutos, com uma disponibilidade máxima de 16.400 quilos. (N. do M.)

77 H₂O < 0,7. Ne < 0,6. N₂ < 0,6. O₂ < 0,16. H₂ < 0,08 e CH₄ < 0,01. (Sempre “ppm”). (N. do M.)

78 Um importante parâmetro para a classificação desse tipo de explosões consiste na determinação da latitude e longitude do fenômeno. A posição se estabelece registrando os tempos de chegada das ondas “P” de período curto a várias estações sismográficas distribuídas pelo mundo. Segundo Lynn R. Sykes e J. F. Everden, “o tempo que levam as ondas ‘P’ a chegar a cada estação é função da distância e profundidade do foco. A partir dos tempos de chegada, precisa-se a localização da fonte com uma margem de erro inferior a 10 ou 25 quilômetros, se os dados sísmicos forem de alta qualidade”. (N. do M.)

- 79 As atuais redes de instrumentos estão perfeitamente capacitadas para diferenciar um sismo provocado por terremoto do provocado por explosão subterrânea, mesmo que esta libere uma energia equivalente a um quiloton apenas. (Um quiloton é a energia irradiada por uma detonação de mil toneladas de trinitrotolueno ou TNT.) Uma explosão nuclear subterrânea é uma fonte quase pura de ondas “P” ou primárias, porque aplica uma pressão uniforme às paredes da cavidade que origina. Um terremoto, ao invés, se produz ao deslizarem rapidamente dois blocos da crosta terrestre do largo de uma área de falha. Devido a esse movimento em “tesoura”, um sismo natural emite, sobretudo, ondas do tipo “S” ou secundárias. Além disso, uma explosão gera outro tipo de ondas sísmicas – as chamadas Rayleigh –, que procedem de complexas reflexões de parte da energia que conduzem as ondas dos estratos superiores da crosta terrestre. Diversamente dos terremotos, as explosões subterrâneas quase não geram ondas do tipo Love. Também a localização da profundidade do foco permite distinguir uma explosão de um sismo normal. De 55 a 60% dos terremotos que se registram na Terra se produzem a profundidades superiores a 30 quilômetros. Até hoje ninguém foi capaz de perfurar a crosta terrestre além dos 10. As explosões nucleares mais profundas de que se tem notícia têm sido detonadas a não mais que 2 mil metros. (N. do M.)
- 80 De acordo com a escala de intensidade Mercalli – modificada e abreviada –, em um movimento sísmico de grau VII, “todo mundo corre para o exterior. Registram-se danos de pouca monta nos edifícios de boa arquitetura e leves ou moderados em estruturas comuns mais bem construídas. Os danos, ao invés, são consideráveis em estruturas pobremente construídas, ou mal desenhadas. Rompem-se algumas chaminés e o fenômeno é percebido por pessoas que conduzem automóveis (VIII da escala Rossi-Forel)”. (N. do M.)
- 81 Está demonstrado que o corpo dos mamíferos, inclusive o homem, contém em seus tecidos células que envelhecem e outras que, ao contrário, conservam seu aspecto juvenil, até mesmo em seres idosos. Um exemplo das primeiras são os neurônios do cérebro e as que se alojam nas criptas de Lieberkuhn, no duodeno. As segundas – amebóides – têm uma capacidade inexaurível de crescimento. (N. do M.)
- 82 Em minha qualidade de médico, e movido por esse fatal achado, consultei as mais avançadas hipóteses em torno do obscuro problema do envelhecimento humano. Em especial, as formuladas por homens como Harman, da Universidade de Nebraska (pai da teoria dos radicais livres); Warburg, Prêmio Nobel que identificou o oxigênio como o grande responsável pela diferenciação celular; J. Miquel, chefe da Seção de Patologia Experimental do Ames Research Center da NASA; Imre Zs-Nagy; e mais um amplo *et cetera*. Todos, à sua maneira, coincidiam no fato de que o calcanhar-de-aquiles do envelhecimento não está nas células que gozam da capacidade de divisão, mas nas que, como o neurônio, perderam a virtude da proliferação e, devido a seu elevado consumo de oxigênio nas mitocôndrias, sofrem uma desorganização peroxidativa. Miquel, que pôs à prova a teoria do doutor Harman, explica isso quando diz: “Nossa hipótese é que o genoma mitocondrial é a chave. Sua vulnerabilidade abre caminho à involução senil. O envelhecimento celular é o resultado da toxidez do oxigênio, ou melhor, dos radicais livres (R-OH). Estes radicais surgem durante a redução univalente do oxigênio na cadeia respiratória mitocondrial”. (N. do M.)
- 83 Dentro da programação genética da duração da vida, como assinala o doutor A. Hosta, a teoria de sua limitação pela toxicidade dos radicais livres ao nível celular está em linha coerente com os conhecimentos e experiências dos últimos anos. A escassa divulgação do conceito de R-OH impele-me a considerar, aqui e agora, o que são e como agem. Com isso, o leitor poderá captar melhor a natureza da nossa tragédia. Os R-OH são compostos químicos de gênese plural, com uma grande capacidade de reação e alto poder oxidante. Digo “gênese plural” porque podem originar-se tanto ao nível celular, resultado forçoso da respiração aeróbica da célula, como pela ação direta ou induzida da contaminação provinda do meio ambiente, radiações, alimentação *etc.* Os R-OH agem interferindo, com sua capacidade reativo-oxidante, nos esquemas de funcionamento metabólico preestabelecidos. São eles os responsáveis pela peroxidação dos ácidos graxos insaturados dos fosfolipídios componentes das membranas biológicas. Ao desorganizar as membranas celulares e seus pequenos órgãos, acumulam lipopigmentos e (fundamentalmente no coração e no cérebro) incrementam o cross-linking de macrocélulas

(especialmente colágenos e elastina), geram a fibrose arteríolo-capilar e degradam os mucopolissacarídeos. O microscópio eletrônico mostra as mutações morfológicas que a ação dos R-OH introduz na célula, sobretudo quanto à perda de estrutura (membranas), diminuição do número de mitocôndrias (fonte de energia celular ou ATP) e inclusões no citoplasma de lipopigmentos inertes (lipofucsina etc.).

Do ponto de vista funcional, o panorama anterior inclui uma perda de funcionalidade da célula, que, com a destruição da mitocôndria, alcança o clímax da involução celular, já que não pode responder sequer à demanda de energia normal (90% da energia celular provém da mitocôndria), quanto mais ao incremento de consumo que o organismo do paciente passará a exigir numerosas vezes.

A farmacologia experimental pode quantificar, em ensaios adequados, a perda de funcionalidade (capacidade de aparelhamento, coordenação neuromuscular, rigidez, elasticidade etc.) que esta queda do tônus vital implica. Mas será que o organismo não se defende? A lógica da biologia nos diria que sim. Existe toda uma prevenção bioquímica para a degradação oxidativa, cuja eficácia nos é provada pelo retardamento da aparição da involução senil. O aporte exógeno de antioxidantes pela dieta, por exemplo, pode ser a explicação do mecanismo de proteção de que o homem necessita para contrapor-se ao efeito tóxico dos R-OH, e hoje mais do que nunca, graças ao incremento de fontes de radicais livres que o quadro atual possibilita. A presença do α -tocoferol na dieta (acumulado no tecido graxo e circulando no sangue), como antioxidante biológico, tem sido indispensável no caminhar evolutivo da espécie, para assegurar uma proteção eficaz diante da toxidez dos inevitáveis R-OH, consubstanciais à respiração celular. Isso explicaria o aparente contra-senso entre a existência de uma vitamina tão amplamente distribuída e o fato de que não se possa atribuir-lhe claramente uma síndrome carencial. (N. do M.)

84 O hipocampo é uma saliência alongada que ocupa a parede externa do divertículo esfenoidal de cada ventrículo lateral do cérebro. (N. do M.)

85 Com o objetivo de despertar a memória do leitor – se bem que esses acontecimentos aos quais se refere o Major fossem detalhados em minha obra anterior (Cavalo de Tróia 1 a partir da página 340), pensei ser oportuno rememorar-los neste momento. Uma vez terminada a “última ceia”, a narração do Major transcorria nos seguintes termos: “... Os onze, ao menos naquele momento, estavam bem mais descontraídos do que pela manhã. Despedimo-nos todos da família Marcos e empreendemos o caminho de volta ao acampamento. “Enquanto cruzávamos as solitárias ruas do bairro baixo, em direção à porta das Fontes, ao sul de Jerusalém, fiz o que pude para separar André do resto do grupo. Perguntei-lhe como se desenrolara a ceia. O chefe dos apóstolos começou dizendo que tanto ele como seus companheiros estavam intrigados com a súbita desapareção de Judas e, muito especialmente, com o fato de que ele não voltara ao cenáculo. ‘No início, quando o vimos sair, todos pensamos que ele se dirigia ao andar de baixo em busca de alguns víveres para a ceia. Outros pensaram que o Mestre lhe havia dado algum encargo...’

“Os pensamentos dos discípulos estavam corretos, já que nenhum deles dispunha de informação verdadeira sobre a trama. Além disso, com exceção de Davi Zebedeu, que não havia participado da ceia pascal, os discípulos ignoravam que o dinheiro comum estava desde aquela mesma tarde em poder do chefe dos emissários.

“E André continuou com o relato, dando ênfase a um fato acontecido logo que eles adentraram o piso superior da casa dos Marcos, fato que, do meu ponto de vista, esclarecia perfeitamente por que o Nazareno decidira lavar os pés dos discípulos. Os evangelistas haviam dado uma versão acertada: Jesus praticou esse gesto para realçar a honrosíssima virtude da humildade. No entanto, qual teria sido a ‘faísca’ ou a causa imediata desse ato? Será que tudo obedecera a uma simples e pura iniciativa de Jesus? Sim e não...

“Ao visitar o recinto onde iria ser celebrada a ceia pascal, eu havia reparado nos lavatórios, bacias e ‘toalhas’ dispostos para as obrigatórias lavagens de pés e mãos. O costume judeu mandava que, antes de se sentar à mesa, os comensais deviam ser lavados pelos criados ou pelos próprios anfitriões. Essa era a tradição. Todavia, as ordens do Mestre haviam sido taxativas: não haveria criados no cenáculo. E a prova é que, quando foi preciso, os gêmeos haviam descido para pegar o cordeiro assado. Pois bem, aí surgiu a polêmica entre os doze...

“– Quando entramos no cenáculo – continuou André –, todos notamos as bacias e a água para a lavagem de pés e mãos. Mas, se o rabi havia ordenado que não houvesse criadagem presente, quem se encarregaria da lavagem obrigatória? Devo confessar humildemente que tanto eu como os demais tivemos o mesmo pensamento. ‘Eu não desceria tanto, a ponto de me prestar a lavar os pés dos demais. Isso era missão para criados...’

“‘E todos, em silêncio, procuramos dissimular o constrangimento, evitando qualquer comentário sobre o assunto.

“‘A atmosfera começou a se carregar perigosamente e, para cúmulo do azar, o aborrecido assunto do asseio pessoal foi envenenado por outro fato que nos fez explodir e nos enredou em uma áspera polêmica. O Mestre não se resolvia a subir e, enquanto isso, cada um se ocupou de inspecionar os divãs. Saltava aos olhos que o lugar de honra correspondia ao divã mais alto – o do centro – e novamente caímos na tentação. Quem ocuparia os lugares próximos a Jesus? Suponho que quase todos voltamos a pensar o mesmo: ‘O Mestre é quem vai escolher os discípulos prediletos’. E estávamos nesse pensamento quando, inesperadamente, Judas aproximou-se do assento colocado à esquerda do principal, manifestando com isso sua intenção de acomodar-se nele como ‘convidado preferido’. Essa atitude de Iscariotes nos revoltou a todos, gerando uma desagradável discussão. Mas Judas já se havia instalado no divã e João, em um de seus ímpetos, o imitou, apoderando-se do divã da direita.

“‘Como podes imaginar, a irritação foi geral. Mas as ameaças e os protestos de nada serviram. Judas e João não estavam dispostos a ceder. Talvez o mais aborrecido fosse meu irmão Simão, que se sentiu ferido e fraudado pelo que chamou ‘orgulho indecente’ de seus companheiros. E, visivelmente alterado, deu uma volta ao redor da mesa e escolheu o último lugar, justamente o do divã mais baixo. A partir desse momento, os demais foram-se instalando onde puderam. Tu sabes que Pedro é bom e ama intensamente o Mestre, mas, nessa ocasião, sua debilidade foi grande. Conheço meu irmão e sei por que fez aquilo...’

“– Por quê? – animei-o a se abrir comigo.

“André tinha necessidade de confidenciar a alguém e descarregou isso sobre mim:

“– Perturbado pelo ciúme e pela impertinente iniciativa de Judas e João, Pedro não hesitou em se acomodar no último dos lugares da mesa com uma esperança secreta: de que o Mestre, ao entrar, pedisse publicamente a ele para que deixasse aquele divã e ocupasse o de Judas ou o do próprio João. Dessa forma, ele se veria honrado e deixaria mal seus ‘orgulhosos’ companheiros.

“‘Quando o rabi apareceu à porta do cenáculo, os doze nos achávamos ainda em plena batalha dialética, recriminando-nos mutuamente. A sua entrada fez-se um brusco silêncio.

“‘Jesus permaneceu no umbral por alguns instantes. Seu rosto foi-se tornando paulatinamente sério. Era evidente que havia percebido a situação, mas, sem nenhum comentário, dirigiu-se para o seu lugar, ante o desolado olhar de meu irmão.

“‘Foram minutos tensos. Mas Jesus foi recobrando sua habitual e característica doçura, e todos nos sentimos um pouco mais descontraídos. Mais um pouco e a conversa foi retomada, embora alguns de meus companheiros continuassem empenhados em jogar na cara uns dos outros o incidente da escolha dos divãs, assim como a aparente falta de consideração da família Marcos por não haver providenciado um ou mais criados que lavassem os pés dos convidados.

“‘Jesus desviou então seu olhar para os lavatórios, assegurando-se de que eles não haviam sido ainda utilizados. Mas nada disse.

“‘Tadeu (o gêmeo Tiago) começou a servir o primeiro copo de vinho, enquanto o rabi escutava e observava em silêncio.

“‘Como sabes, uma vez esvaziado o primeiro copo, manda a tradição que os comensais se levantem e lavem as mãos. Nós sabíamos que o Mestre não era muito amante dessas formalidades e aguardamos com interesse. ‘Mas, ante a surpresa geral, o rabi levantou-se e caminhou silenciosamente para as jarras de água. Surpresos, ficamos olhando uns para os outros quando ele, sem mais delongas, despiu a túnica e cingiu a cintura com um dos lenços. Depois, carregando uma bacia e a água, deu uma volta completa em torno da mesa, chegando até o lugar menos honorífico: o que meu irmão ocupava. Aí, ajoelhando-se com

grande humildade e mansidão, dispôs-se a lavar os pés de Pedro. Diante da cena, os doze nos levantamos como um só homem, e do estupor passamos à vergonha. Jesus havia arcado com o trabalho de um criado qualquer, recriminando assim nossa mútua falta de consideração e caridade. Judas e João baixaram os olhos, aparentemente mais mortificados do que os outros...’

“– Também Judas? – interrompi com certa incredulidade.

“– Sim.

“André parou e, olhando-me fixamente, perguntou:

“– Jasão, tu sabes algo... Que acontece com Judas?

“Encolhi os ombros, procurando esquivar-me da pergunta. Mas o chefe dos apóstolos insistiu e, dada a iminência da prisão do Mestre, confessei-lhe que, de fato, eu também duvidava da lealdade de Iscariotes. Prosseguimos e, ao cruzar o Cedron, meu acompanhante saiu do seu sombrio mutismo. Supliquei-lhe que continuasse seu relato e André atendeu meu pedido:

“– Quando Pedro viu Jesus ajoelhado diante dele, seu coração se incendiou e de novo protestou energicamente. Como eu te disse, meu irmão ama o Mestre acima de tudo e de todos. Suponho que, ao vê-lo assim, como um insignificante criado e disposto a fazer aquilo que nós todos havíamos recusado, compreendeu seu erro e quis dissuadir o Mestre. Mas a decisão do rabi era irrevogável e Pedro teve de resignar-se. Um a um, como eu te dizia, Jesus nos foi lavando os pés. Depois das palavras de Pedro, nenhum de nós se animou a protestar. E, dentro de um silêncio dramático, o Mestre foi contornando a mesa até chegar ao último dos comensais. Depois vestiu a túnica e retomou ao seu lugar à mesa.

“– João e Judas continuavam à direita e à esquerda do Mestre?

“– Sim, ninguém saiu do lugar, com exceção de Judas, que saiu da sala pouco antes de ser servido o terceiro copo de vinho: o das bênçãos...

“A aproximação do acampamento obrigou-me a suspender aquele esclarecedor relato. No entanto, em minha mente se acumulavam ainda muitas interrogações. Como havia sido a revelação de Jesus a João sobre a identidade do traidor? Como foi possível que os demais apóstolos não o tivessem ouvido? E foi assim, sem dúvida, pois ninguém estava a par das manobras de Judas. Só havia suspeitas...” (N. de J. J. Benítez.)

86 Esse sofisticado microfone, de pouco mais de 10 gramas de peso, media 20 mm de altura por 12 de largura e 6 de espessura, com uma antena de 25 cm de comprimento e um fio de 2 mm de diâmetro. (A pequena antena, do mesmo modo que o emissor multidirecional, havia sido perfeitamente camuflada entre uns pendentos que ornavam o lampião.) Os especialistas do Cavalo de Tróia haviam feito um excelente trabalho ao incorporar ao microemissor um conversor A/D (analógico-digital) miniaturizado, que eliminava qualquer ruído estranho. Dado que o som devia cruzar vários muros antes de propagar-se até o cimo do monte das Oliveiras, dividindo assim por dois seu alcance máximo (calculado em uns dois quilômetros), a transmissão havia sido apoiada por um telemicrofone, do tipo unidirecional, montado sobre o “berço” e apontando diretamente para o pavimento superior da casa de Elias Marcos. Esta espécie de teleobjetiva sonora – sincronizada na mesma frequência do micromultidirecional (130 Mhz) – atuava como um zoom, “enganchando” e facilitando o “transporte” do som emitido pelo “microespião”. Um excepcionalmente sensível receptor Sony, alimentado pela pilha SNAP-10A, fazia o resto. (N. do M.)

87 Ao reler essas frases no Diário do meu amigo, o Major, não resisto à tentação de recordar ao leitor um dos meus últimos livros – A Rebelião de Lúcifer –, no qual, do meu ponto de vista, se encontra uma apreciável informação sobre esses “universos” e “esferas do alto” a que se refere Jesus. (N. de J. J. Benítez.)

88 João Marcos, o filho de Elias Marcos, em cuja casa se celebrou a última ceia. No Evangelho de Marcos (14, 51-53) oferece-se uma sutil pista sobre sua própria identidade: “Um jovem o seguia coberto apenas com um lençol; e o detém. Mas ele, deixando o lençol, escapou desnudo”. (N. do M.)

89 Por simples comparação dos textos verifica-se que em Lucas há 350 versículos comuns a Marcos e Mateus (tradição tríplice) e uns 50 em comum com Marcos (tradição dupla). (N. do M.)

90 Sobre estas insólitas revelações em torno do “Universo particular de Jesus” e ao “Universo dos Universos” do Pai, atrevo-me a sugerir ao leitor que se aventure em meu livro: A Rebelião de Lúcifer. (N. de J. J. Benítez.)

91 Eis aqui os textos evangélicos que nos serviram de suporte inicial. Mateus, no capítulo 28, versículos 1 a 11, escreve: “Passado o sábado, ao alvorecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. Subitamente, produziu-se um grande terremoto, pois o Anjo do Senhor baixou do céu e, acercando-se, fez rodar a pedra e sentou-se sobre ela.

“Seu aspecto era como de um relâmpago e sua veste, branca como a neve. Os guardas, atemorizados diante dele, puseram-se a tremer e ficaram como mortos. O Anjo dirigiu-se às mulheres e lhes disse: ‘Não temais, pois sei que buscais Jesus, o Crucificado; não está aqui, ressuscitou, como o havia dito. Vinde ver o lugar em que estava. E agora ide dizer a seus discípulos: ‘Ressuscitou de entre os mortos e irá diante de vós à Galiléia; ali o vereis. Já vos disse.’ Elas partiram a toda pressa do sepulcro, com medo e grande júbilo, e correram a dar a notícia a seus discípulos.

“Nisto, Jesus saiu-lhes ao encontro e lhes disse: ‘Deus vos guarde!’ E elas, aproximando-se, atiraram-se aos seus pés e o adoraram. Então disselhes Jesus: ‘Não temais. Ide e avisai a meus irmãos para irem à Galiléia; ali me verão’.

Mais adiante (versículos 16 a 18), se diz: “Por sua parte, os onze discípulos foram para a Galiléia, ao monte que Jesus lhes havia indicado. E ao vê-lo o adoraram; alguns, todavia, duvidaram”.

Quanto a Marcos (16, 1-19), eis sua versão: “Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir embalsamá-Lo. E, madrugada alta, no primeiro dia da semana, ao sair do Sol, vão ao sepulcro. Diziam-se umas às outras: ‘Quem nos há de retirar a pedra da porta do sepulcro?’. E, levantando os olhos, vêem que a pedra já estava retirada, e era muito grande. E entrando no sepulcro viram um jovem sentado ao lado direito, vestido com uma túnica branca e se assustaram. Mas ele disselhes: ‘Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, o Crucificado; ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer a seus discípulos e a Pedro que Ele irá diante de vós à Galiléia; ali O vereis, como vos disse’. Elas saíram fugindo do sepulcro, pois um grande tremor e espanto se havia apoderado delas, e nada disseram a ninguém porque tinham medo...

“Jesus ressuscitou de madrugada, no primeiro dia da semana, e apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual já havia tirado sete demônios. Ela foi dar a notícia aos que haviam vivido com Ele e que estavam tristes e chorosos. Ao ouvirem que vivia e que havia sido visto por ela, não acreditaram. Depois disso, apareceu, debaixo de outra figura, a dois deles quando estavam a caminho de uma aldeia. Eles voltaram e o comunicaram aos demais; mas estes tampouco acreditaram.

“Por último, estando à mesa os onze discípulos, Ele apareceu-lhes e reprovou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não haverem dado crédito aos que o haviam visto ressuscitado. E disselhes: ‘Ide pelo mundo todo e proclamai a Boa-Nova a toda a criação. O que crer e for batizado, salvar-se-á; o que não crer, condenar-se-á. Estes são os sinais que acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios, falarão em línguas novas, agarrarão serpentes com suas mãos e, mesmo que bebam veneno, não lhes fará mal; imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão’.

“Com isso, o Senhor Jesus, depois de falar-lhes, foi elevado aos céus e se sentou à direita de Deus.”

Lucas dedica o último capítulo de seu evangelho, o 24, a relatar os acontecimentos nos seguintes termos:

“No primeiro dia da semana, muito cedo, foram ao sepulcro levando os aromas que haviam preparado. Mas viram que a pedra havia sido retirada do sepulcro e entraram, mas não acharam o corpo de Jesus. Não sabiam o que pensar disso quando se apresentaram diante delas dois homens com vestes resplandecentes. Como elas temessem e inclinassem o rosto para a terra, eles lhes disseram: ‘Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou. Recordai como vos falou quando estava ainda na Galiléia: ‘É necessário que o Filho do Homem seja entregue em mãos dos pecadores e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite’. E elas recordaram suas palavras.

“Regressando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais. As que diziam estas coisas aos apóstolos eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e as demais que estavam com elas. Mas todas essas palavras lhes pareciam como desatinos e não acreditavam nelas.

“Pedro ergueu-se e correu ao sepulcro. Inclinou-se e só viu os panos e voltou para casa assombrado pelo acontecido.

“Naquele mesmo dia iam dois deles a um povoado chamado Emaús, distante pouco mais de 60 estádios de Jerusalém, e conversavam sobre tudo que se havia passado. E aconteceu que, enquanto eles conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e caminhou com eles; mas seus olhos estavam semicerrados para que não o reconhecessem. Disselhes Ele: ‘De que falais entre vós enquanto estais andando?’ Eles pararam com um ar entristecido.

“Um deles chamado Cleofás lhe respondeu; ‘És tu o único morador de Jerusalém que não sabe as coisas que estes dias têm ocorrido nela?’ Ele perguntou: ‘Que coisas?’. Eles disseram: ‘Sobre Jesus o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como nossos sumos sacerdotes e magistrados o condenaram à morte e o crucificaram. Esperávamos que seria ele quem iria livrar Israel; mas, com todas essas coisas, levamos já três dias desde que isso se passou. O caso é que algumas das nossas mulheres nos sobressaltaram porque foram de madrugada ao sepulcro e, ao não achar o corpo, vieram dizendo que até haviam visto uma aparição de anjos que diziam que ele vivia. Foram também alguns dos nossos ao sepulcro e o acharam tal qual as mulheres haviam dito, mas a Ele não viram’.

“Ele disselhes: ‘Oh! insensatos e tardos de coração para crer em tudo que disseram os profetas! Não era necessário que o Cristo padecesse isso e entrasse assim em sua glória?’. E, começando por Moisés e continuando por todos os profetas, explicou-lhes o que havia sobre Ele em todas as escrituras.

“Ao se aproximarem do povoado para onde iam, Ele fez um gesto de seguir adiante. Mas eles o retiveram dizendo-lhe: ‘Fica conosco, porque se faz tarde e o dia já declinou’. E entrou para ficar com eles. E sucedeu que, quando se pôs à mesa com eles, pegou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e começou a distribuí-lo. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram, mas ele desapareceu de seu lado. Então disseram-se um para o outro: ‘Não estava ardendo nosso coração dentro de nós quando nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?’. E, levantando-se, voltaram a Jerusalém e encontraram reunidos os onze e os que com eles estavam e que diziam: ‘É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!’. Eles, por sua parte, contaram o que se havia passado no caminho e como haviam reconhecido a partilha do pão. Estavam falando dessas coisas quando Ele se apresentou no meio deles e lhes disse: ‘A paz seja convosco’. Surpreendidos e assustados, acreditavam ver um espírito. Mas Ele lhes disse: ‘Por que vos perturbais e por que se suscitam dúvidas em vosso coração? Olhai minhas mãos e meus pés; sou eu mesmo. Apalpai-me e vede que um espírito não tem carne e ossos como vedes que eu tenho’. E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. Como eles não conseguissem acreditar de tanta alegria e se mostrassem assombrados, disselhes: ‘Tendes algo de comer?’. Eles lhe ofereceram parte de um peixe assado. Tomou-o e comeu-o diante deles...

“Levou-os até as proximidades de Betânia e, elevando as mãos, os abençoou. E sucedeu que, enquanto os benzia, separou-se deles e foi levado para o céu. Eles, depois de prostrar-se diante dEle, voltaram a Jerusalém com grande gáudio, e estavam sempre no Templo bendizendo a Deus.”

Por último, João Evangelista (20, 1-31 e 21, 1-25) fala de quatro aparições:

“No primeiro dia da semana vai Maria Madalena ao sepulcro quando ainda estava escuro e vê a pedra deslocada do sepulcro. Começa a correr e chega até Simão Pedro e outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: ‘Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde terá sido posto’. Saíram Pedro e o outro discípulo e se encaminharam ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu na frente, mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Inclinou-se e viu os lençóis no chão, mas não entrou. Chega também Simão Pedro seguindo-o, entra no sepulcro e vê os lençóis no chão e o pano que cobrira sua cabeça, não junto aos lençóis, mas dobrado em um lugar à parte. Aí entrou também o outro discípulo, o que havia chegado primeiro ao sepulcro; viu e acreditou, pois até então não havia compreendido que, segundo a Escritura, Jesus devia ressuscitar de entre os mortos. Os discípulos, então, voltaram a casa”.

Quanto à aparição de Madalena, diz João:

“Estava Maria junto ao sepulcro, fora, chorando. E enquanto chorava inclinou-se para o sepulcro e viu dois

anjos de branco, sentados onde havia estado o corpo de Jesus, um à cabeceira, outro aos pés. Dizem eles: ‘Mulher, por que choras?’ Ela respondeu-lhes: ‘Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram’. Dito isso, voltou-se e viu Jesus, de pé, mas não sabia que era Jesus. Disselhe Jesus: ‘Mulher, por que choras? A quem buscas?’ Ela, pensando que era o encarregado do horto, disselhe: ‘Senhor, se tu o levaste, diz-me para onde e eu o levarei comigo.’ Jesus lhe disse: ‘Maria’. Ela volta-se e diz em hebraico: Rabbuni – que quer dizer Mestre. – Disselhe Jesus: ‘Não me toques, que ainda não subi ao Pai. Mas vai a meus irmãos e diz-lhes: subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus.’ Foi Maria Madalena e disse aos discípulos que havia visto o Senhor e que havia dito essas palavras.

“Ao entardecer daquele dia, o primeiro da semana, estando cerradas, por medo dos judeus, as portas do lugar onde se encontravam os discípulos, apresentou-se Jesus no meio deles e lhes disse: ‘A paz seja convosco’. Dito que lhes mostrou as mãos e o flanco. Os discípulos alegraram-se de ver o Senhor. Disselhes Jesus de novo: ‘A paz seja convosco. Como o Pai me enviou, também eu vos envio.’ Dito isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ficarão perdoados; os que não perdoardes ficarão suspensos’.”

Tomé, um dos doze, chamado o Dídimo, estava ausente quando Jesus chegou. Os outros discípulos disseram-lhe: ‘Vimos o Senhor’. Mas ele respondeu: ‘Se eu não vejo em suas mãos o sinal dos cravos e não meto meu dedo em seu flanco não creerei’. Oito dias depois, estavam outra vez seus discípulos dentro e Tomé com eles. Apresentou-se Jesus no meio deles estando as portas fechadas e disse: ‘A paz seja convosco’. Logo disse a Tomé: ‘Aproxima aqui teu dedo e olha minhas mãos; traz tua mão e mete-a em meu flanco, e não sejas incrédulo, mas crente’. Tomé respondeu-lhe: ‘Senhor meu e Deus meu’. Disselhe Jesus: ‘Porque me viste me creste. Felizes os que não viram e creram’.”

Finalmente, após afirmar que Jesus realizou outros muitos sinais na presença de seus discípulos, João relatou a aparição às margens do lago de Tiberíades:

“Depois disso manifestou-se Jesus outra vez a seus discípulos às margens do mar de Tiberíades. Manifestou-se dessa maneira. Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado o Dídimo, Natanael, o de Caná de Galiléia, os de Zebedeu e outros dois discípulos. Simão Pedro disselhes: ‘Vou pescar’. Respondem-lhe eles: ‘Também nós vamos contigo’. Foram e subiram na barca, mas naquela noite nada pescaram. Quando amanheceu, estava Jesus na margem; mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Disselhes Jesus: ‘Rapazes, não pescastes?’ Responderam: ‘Não’. Ele lhes disse: ‘Jogai a rede à direita da barca e encontrareis’. Jogaram-na, pois, e já não podiam arrastá-la tal a abundância de peixes. O discípulo a quem Jesus amava disse então a Pedro: ‘É o Senhor’. Quando Simão Pedro ouviu ‘É o Senhor’, vestiu sua roupa – pois estava nu – e lançou-se ao mar. Os demais vieram na barca, arrastando a rede com os peixes; pois não estavam afastados muito da terra, quase uns 200 côvados. Chegados à terra, vêem preparadas umas brasas e um peixe sobre elas e pão. Disselhes Jesus: ‘Trazei alguns dos peixes que acabais de pescar’. Simão Pedro subiu e arrastou a rede para a terra, cheia de grandes peixes: 153. E, mesmo sendo tantos, não se rompeu a rede. Disselhes Jesus: ‘Vinde e comei’. Nenhum dos discípulos atrevia-se a perguntar-lhe: ‘Quem és tu?’, sabendo que era o Senhor. Vem então, Jesus, toma o pão e o dá e de igual modo o peixe. Esta foi a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos depois de ressuscitar de entre os mortos...”. (N. do M.)

92 A lista de alimentos ricos em vitaminas abarcava os sete grandes grupos essenciais: I: verduras e hortaliças; II: frutos cítricos (laranjas, tangerinas e limões); III: batatas e frutas diversas; IV: leite e derivados; V: carne, pescado e ovos; VI: pão, patê, cereais e seus derivados; e VII: manteiga, margarina enriquecida com vitamina A e azeites vegetais. (N. do M.)

93 Tais espelhos, de vidro revestido de prata, mediam 29,3 cm de diâmetro. Na parte posterior levavam diversas películas de cobre, podendo ser fixados a um estribo de ferro, em disposição azimutal biaxial. Idealizado pelo professor israelense Tabor, o sistema, graças à fórmula especular assimétrica e o deslocamento do eixo de giro horizontal no centro da curvatura da imagem, permitia que toda a radiação refletida incidisse em um único ponto. Conquanto a capacidade de reflexão do vidro revestido de prata fosse alta – 88% –, Cavalo de Tróia abastecia-nos também de outras pranchas de reposição, à base de aço maleável prateado e metal eletroprateado, com índices de reflexão de 91 e 96%, respectivamente. (N.

do M.)

- 94 Este núcleo de controle havia sido disposto em uma pequena cúpula cilíndrica. A “rede” de inversão de massa estendia-se, contudo, a toda a estrutura sólida do “berço”, incluindo, naturalmente, a “membrana” que recobria a blindagem externa a que me referi no começo deste diário. Qualquer partícula subatômica ou quantum energético que se achasse no recinto seria automaticamente invertido, incluídas, certamente, as massas dos astronautas, os gases *etc.* A inversão simultânea dos eixos orientados dos swivels alcançaria também uma pequena área do envoltório cortical da nave: até uma distância de 0,0329 m. (N. do M.)
- 95 Papai Noel, o computador central, operava, em uma primeira fase, mediante uma análise das funções contínuas ou analógicas. Posteriormente, por um processo automático de amostragem estatística, selecionava os parâmetros básicos, efetuando os cálculos digitalmente. Dessa forma oferecia-nos uma resposta definitiva e quantificada. A confiabilidade dos resultados era extraordinária: praticamente total. (N. do M.)
- 96 Ainda haverá ocasião para falar disso, mas sirva de antecipação que entre o arsenal de medicamentos figuravam, por exemplo, penicilinas, aminoglicocídios e aminociclitóis, cefalosporinas, macrolídeos e lincosamidas, tetraciclinas, peptídios, antibióticos, antimicóticos, clorofenicol *etc.* (N. do M.)
- 97 As funções básicas desta “membrana” eram: primeiro, como ficou dito, a camuflagem do módulo por meio de um “escudo” ou “colchão” de radiação infravermelha (acima dos 700 nanômetros). Este requisito era imprescindível para nossas observações, não afetando assim o ritmo natural dos indivíduos que se pretendia estudar ou controlar. Segundo, procurar a absorção – sem reflexo ou retorno – das ondas decimétricas, utilizadas fundamentalmente nos radares. (No caso das camuflagens militares israelenses, estes dispositivos de segurança foram previamente ajustados às ondas utilizadas por tais radares: 1.347 e 2.402 megaciclos.) Este procedimento anulava a possibilidade de localização eletrônica do “berço” enquanto era elevado a 800 pés, ponto ideal para a imediata fase de inversão de massa dos swivels. Por último, a “membrana” que cobre a blindagem externa da nave, cujo espessador é de 0,0329 metro, deveria provocar uma incandescência artificial que eliminasse qualquer tipo de germe vivo que aderisse à sua superfície. Essa precaução evitava que tais germes fossem invertidos tridimensionalmente com a nave. Um involuntário “ingresso” de tais organismos em outro “tempo” ou outro marco tridimensional poderia acarretar consequências imprevisíveis de caráter biológico. Como informação puramente descritiva, posso dizer que a “membrana” possui propriedades de resistência estrutural muito especiais. Este recobrimento poroso do “berço”, de composição cerâmica, goza de elevado ponto de fusão: 7.260,64 °C, sendo seu poder de emissão externa igualmente alto. Sua condutibilidade térmica, ao contrário, é muito baixa: $2,07113 \times 10^{-6}$ CoI/Cm/s/oC. (Para esta membrana é muito importante que a ablação se mantenha dentro de uma margem de tolerância muito ampla.) Para isso utiliza-se um sistema de resfriamento por transpiração, com base no lítio liquefeito. Além disso, foi provida de uma fina camada de platina colonial colocada a 0,0108 metro da superfície externa. (N. do M.)
- 98 O fundamento de RMN baseia-se na peculiar característica do núcleo dos átomos de hidrogênio. Empregando palavras simples, vêm a ser como microscópicos ímãs, capazes de originar um fenômeno de ressonância magnética. Submetendo tais átomos a um campo magnético de alta frequência (0,15 tesla), os núcleos de hidrogênio se alinham. Ao serem excitados mediante ondas de rádio, esses núcleos atômicos “giram” sobre si mesmos, perdendo a energia inicial em forma de radiação. Esta pode ser captada e processada com o auxílio de um computador, sendo “traduzida” para imagens. Nosso dispositivo RMN – especialmente miniaturizado –, trabalhando em um campo magnético de 2 teslas, podia explorar a fundo a totalidade de nossas massas cerebrais, interpretando cada órgão e região em três dimensões simultâneas e reconstruindo os “cortes” em forma sagital, axial ou oblíqua. (N. do M.)
- 99 “WX” ou condições meteorológicas. Visibilidade a 6.300 BRKN quer dizer 6.300 pés de altura – base das nuvens – e “BRKN”, abreviatura de broken (quebrado, em inglês), em que as nuvens aparecem quebradas em algumas zonas do céu. Estão cobertos mais de quatro oitavos do céu. Vento 190 graus: direção sudoeste. Nível 8: a 800 pés de altura. Ventos em 30 a 25: que têm direção nordeste e que alcançam uma velocidade de 25 nós ou 50 quilômetros por hora, aproximadamente. (N. do M.)

100 Não é meu desejo desviar-me agora para as revolucionárias descobertas dos especialistas do Cavalo de Tróia em relação ao Tempo e ao Espaço (parte delas já descrevi sumariamente). Como simples apontamento complementar, mencionarei algumas definições do que agora entendemos como “tempo”. No contínuo “espaço-tempo” – erroneamente concebido ainda por muitos físicos – o homem não é outra coisa senão uma espécie de “ruga” a mais desse espaço; uma “depressão” através da quarta dimensão, que poderíamos definir matematicamente com dez dimensões. Em suma, uma “massa” com volume e tempo associados. Para a maioria dos seres humanos atuais, esse homem é um ser de três dimensões que “vive” o fluir do tempo através de uma sucessão encadeada de fatos ou acontecimentos. Para essas pessoas só há “lembranças” de acontecimentos ou situações pretéritas. O presente é a única realidade e o futuro, naturalmente, não existe.

Nossas descobertas demonstraram que essa concepção é errônea. Darei um exemplo: imaginemos todos os acontecimentos que viveu, vive e viverá um ser humano ao longo de sua existência. E imaginemo-los alinhados sobre um eixo que represente a dimensão “tempo”. Cada acontecimento aparece com uma data. Pois bem, de acordo com nossas descobertas, o espaço e o tempo encontram-se tão estreitamente vinculados que, se fundirmos esses acontecimentos todos, formando uma única imagem, resultará uma estranha “criatura” de quatro dimensões (volume mais tempo), e de forma cilíndrica ou tubular. Cada seção será a representação de um fato. A esse formidável “tubo” poderíamos qualificá-lo como um “contínuo e permanente presente”. Um para cada indivíduo.

E que representa um corte ou seção desse “contínuo presente”? Um acontecimento em que o ser humano é o protagonista. Mas esse acontecimento é mera ficção. Como seria uma ilusão pensar que a totalidade do “cilindro” não pode ser cortada em rodela, formando um todo inviolável. Usarei outra comparação. Suponhamos um bosque pelo qual serpenteia um túnel de cristal ou plástico transparente. No interior do túnel encontram-se móveis, utensílios domésticos e objetos diversos. E imaginemos um homem – nossa consciência – que caminha por ele. É noite e ele traz uma lanterna. Ao longo de sua caminhada, o indivíduo vai iluminando os objetos que encontra em sua passagem, incluindo parte das árvores mais próximas às paredes transparentes do sinuoso corredor. Surpreendido, nosso protagonista irá vendo outros pontos luminosos (outras lanternas) que outra coisa não são senão uma infinidade de homens, como ele, que caminham por seus respectivos túneis. Tanto a passagem quanto o bosque já existiam anteriormente à aparição de cada ser humano. Todavia, cada um dos que ali transitam pensa que o que está iluminando nesse instante acaba de ocorrer nesse preciso momento. E o chama “presente”. O que foi deixado para trás ele chama de “passado”; e os objetos que ainda não viu, de “futuro”. Certamente, nem um nem outro – “passado” e “futuro” – existem para esse ser humano. Evidentemente se equivoca. “Tudo é um permanente presente.”

Pode-se argumentar, com razão, que essa situação excluiria a liberdade. Aí, exatamente, intervém outro “fator” – ao qual me referirei mais adiante – e que “descobrimos” em nossa segunda exploração: o que muitos chamam de “alma”. Uma entidade difícil de rotular, adimensional, que goza de uma sublime prerrogativa: poder “modelar” a conduta do corpo em que se aloja. Conquanto, insisto, mais à frente eu venha a referir-me a essa sensacional conquista – a descoberta científica da “alma” – talvez um novo exemplo seja esclarecedor, de momento. Imaginemos de novo que esse túnel, longo e flexível, é adquirido por seu “proprietário” (a alma), que pode curvá-lo e estendê-lo pelo bosque com inteira liberdade. Obviamente, terá de adaptá-lo à topografia, contornando as árvores e os acidentes geográficos e, muito especialmente, terá de cuidar que o traçado não perturbe os demais túneis. Com um só olhar o verdadeiro “proprietário” poderá contemplar a totalidade de “seu” túnel. O homem que, ao nascer, começa a caminhar por ele, não é seu autêntico dono. Trata-se apenas de um corpo e uma “consciência”. A “consciência” (A) real é outra coisa. Mas essas diferenças entre “consciência” e “consciência” nos levariam longe demais... (N. do M.)

(A) O termo “consciência” deriva do latim conscientia. O português, o francês e o inglês conservaram a

grafia etimológica. O espanhol alterou-a, eliminando o “s” conciencia. Entretanto, manteve-a nos adjetivos e nos advérbios: “consciente” e “inconsciente”, “conscientemente” e “inconscientemente”. Mas a acepção do substantivo conciencia, no Espanhol, corresponde à das outras línguas. (N. T.)

101 O cálculo exato dos dias e horas que devíamos “retroceder” no tempo não constituiu problema algum para os computadores do Cavalo de Tróia. Os especialistas basearam-se no sistema conhecido como “data juliana”. Para achar o tempo transcorrido entre duas datas muito distanciadas é preciso levar em conta as correções dos diferentes calendários, as diferentes eras, os anos bissextos *etc.* A “data juliana”, que nada tem que ver com o calendário juliano, começa a contar os dias a partir de segunda-feira, 1º de janeiro do ano 4713 a.C. Esse dia recebe o número 1. (N. do M.)

9 de abril, domingo (ano 30)

– Tudo bem?

Eliseu respondeu com uma nova piscadela. E durante alguns segundos procedemos à obrigatória e rotineira checagem dos instrumentos. Os altímetros especiais – a que aludirei em breve – não haviam modificado suas leituras: 800 pés sobre o terreno situado sob o “berço”. O passo seguinte foi conferir nossas coordenadas. Meu companheiro, auxiliado por um sextante, anotou as novas posições da Lua e de algumas das estrelas e forneceu os dados a Papai Noel. O computador fez o cálculo e, segundos após, líamos no monitor o que já supúnhamos: o módulo não havia alterado sua localização no espaço.

– Regulagem da plataforma de inércia sem variação...

Um pouco mais tranquilos, demos uma olhadela no exterior. A Lua, às “três” de nossa posição, quase cheia, brilhava fortemente sobre as imóveis águas do mar Morto. Não havia rastro da nebulosidade que cobriria a região... 1943 anos “depois”! A nossos pés, tremulamente iluminada, a meseta da Massada. O brilho da Lua permitia vislumbrar os perfis dos edifícios herodianos, agora intactos. No setor norte, atrás dos armazéns, e junto à torre ocidental despontavam diversas fogueiras, únicos sinais de vida no alto do penedo. Possivelmente, obra dos turnos de guarda da pequena guarnição.

– 1h65...

Após consultar o WX – vento calmo, visibilidade ilimitada, baixa umidade relativa e 10 graus de temperatura, em ascensão –, Papai Noel, de acordo com o programado, efetuou o giro do motor principal (o J85), cujo eixo Cardan havia sido modificado nessa ocasião, para permitir uma propulsão horizontal do módulo.¹⁰²

– Roger – exclamou Eliseu, surpreendido uma vez mais pela precisão do computador central –, *pegeons*: 10 graus... distância estimada ao ponto Gedi? 9,7 milhas...¹⁰³

– OK. Leitura de combustível?

– Estamos a 99%.

E o “berço” iniciou seu vôo para o nordeste, em busca do chamado oásis de Ein Gedi. Uma vez ali, automaticamente, o computador retificaria o rumo, variando para o noroeste.

– Oscilação nula... Mantendo o nível.

– OK, Eliseu. Tempo estimado para o ponto Gedi?

Meu companheiro consultou o “plano de vôo”.

– A partir deste instante, dois minutos e seis segundos.

1h2’5” – quer dizer, um minuto depois de haver rompido o estacionário –, a nave alcançava a velocidade de cruzeiro prevista: 400 km/hora.

– Nível?

– 2 mil pés...

Nossos altímetros “gravitacionais”,¹⁰⁴ do mesmo modo que os barométricos e os radiaímetros, mostravam que o “berço” deslocava-se seguindo a margem ocidental do Mar Morto.

– Ponto Gedi...

Eliseu continuou lendo o monitor.

– Retificação a radial 335... OK, Papai Noel é uma bênção!

A nave, com efeito, havia girado para o noroeste, rumo ao ponto “B”.

– Distância estimada: 39 quilômetros... Papai Noel calcula o tempo de vôo em 6 minutos e 5 segundos.

– Roger... parece que tudo vai saindo exatamente como pedimos...

A verdade é que não tardaria a arrepender-me daquele comentário.

– Mantendo 18 mil pés por minuto.

Três minutos depois de iniciado o novo rumo, os radares detectaram um núcleo humano às “oito” de nossa posição (aproximadamente para o sudoeste). Embaixo, a mais de 900 metros de altitude, a cambiante semi-obscuridade dos contrafortes do deserto da Judéia era quebrada por um compacto campo de pontos de luz tremeluzentes e amarelados. Eram os archotes e lâmpadas de azeite de Hebron.

– O perfil do terreno continua elevando-se... 1.092 pés... 1.263... 1.485. Efetuamos correção ascensional?

Consultei os altímetros “gravitacionais”:

– Margem de segurança a 515 pés...

– Não, vamos proceder sobre o ponto “B” – respondi, indicando-lhe nossa altitude: 2 mil pés. – De momento vamos bem... Dê-me o combustível.

– 98,7%...

– Entendido 98,7.

– Afirmativo.

O radar alertou de novo meu companheiro.

– Atenção!... Vejo o Herodium “5 x 5”... 72 segundos para a vertical do ponto “B”.

– Roger.

O Herodium, com sua forma cônica, semelhante a um vulcão, estava à vista. Isso significava que nos encontrávamos a uns 8 quilômetros ao sudeste do

ponto “B”. A especial configuração desse promontório, isolado entre dois áridos montes da Judéia, nos havia levado a considerá-lo – nos primeiros momentos, quando planejávamos esta segunda expedição – como um dos lugares possíveis para o assentamento da estação receptora de fotografias do *Big Bird*. Subindo-se ao Herodium, descobre-se uma formidável cratera artificial e, no seu interior, um suntuoso palácio fortificado, residências reais, piscinas e jardins em anfiteatro, tudo isso comunicando-se com uma cidadela superior através de duzentos degraus de mármore. Foi outra das ciclópicas obras do rei Herodes, o Grande. Ao que parece, o sanguinário Herodes morreu em Jericó, mas deixou escrito que queria ser sepultado na fortaleza que tem o seu nome. Na atualidade, apesar das escavações arqueológicas, a esplêndida urna funerária de ouro com incrustações de pedras preciosas não foi achada. Nossa idéia, como fiz ver neste diário, não chegou a prosperar. Os judeus elegeram Massada.

- Herodium na tela e a 15 segundos...

- Recebido.

- Herodium em nossa vertical! Retificação a radial 360 graus...

- Dê-me o nível.

- 1.500 pés e subindo... 1.600...

- Distância estimada para junção com ponto “B”? Vamos tê-lo a 7 quilômetros...

- OK, vigie Papai Noel.

Eliseu seguiu minhas ordens, constatando, com satisfação, que o computador forçava em vários graus a direção do jato do motor principal, elevando a nave a um novo nível de vôo.

- Roger... Alcançando os 3 mil pés... 35 graus... 20 graus... Módulo estabilizado.

- Atenção!... Ponto “B” à vista... O radar dá leitura clara: colinas pétreas... Perfil: 2.400 pés.

- Repita nível de vôo.

- Estabilizado em 3 mil.

- Roger...

A verdade é que, se tivesse disposto de margem de tempo mais ampla, no momento de planificar essa nova exploração e tivesse tido um conhecimento prévio do lugar de assentamento da estação, o pessoal do Cavalo de Tróia haveria podido simplificar o “plano de vôo” do “berço”, introduzindo no computador o sistema SMAC de condução.¹⁰⁵ Mas as coisas eram como eram...

- Contato com o ponto “B”!

Senti um estremecimento. Ali embaixo, a apenas 600 pés, entre colinas e escarpas salpicadas de enormes pedras brancas, achava-se outro dos objetivos de

nossa exploração: Belém!

A obscuridade não nos permitiu visualizar a posição exata da aldeia. De outra parte, as irregularidades do terreno tornavam muito precária a leitura do radar. Quase no cimo de um daqueles montes, orientado para o norte, desenhava-se o perfil de um reduzido núcleo de pequenas casas, quase todas térreas. E aqui e ali, dispersas pelos arredores, uma ou outra luz...

– Ativada correção automática de vôo. Virando a radial 15 graus. Distância em vertical da “base-mãe” confirmada.

– OK.

– “Base-mãe” em 15 e 4,56 milhas.

– Roger, reduzindo a 9 mil por minuto...

– Diga-me o nível.

– Perfil descendo... 2 mil pés... Agora subindo! 2.200 pés.

– Roger!... Aí o temos!

– Graças a Deus!

A tela do radar começava a traçar-nos o perfil sul do monte das Oliveiras, nossa “base-mãe”.

– Confirme redução de velocidade e combustível.

– Afirmativo. Continua descendo: 6 mil pés por minuto. Tanques a 98,2.

A tensão daqueles últimos minutos envolveu-nos por completo. O módulo havia sido programado para voar até a vertical da altitude máxima do monte das Oliveiras – situada ao norte e a 2.425 pés sobre o nível do mar – e, uma vez ali, proceder à descida. O “ponto de contato” era praticamente o mesmo do nosso anterior “salto”.

– Dê as coordenadas.

– OK: 31 graus, 45 minutos norte... 35 graus, 15 minutos leste...

Afirmativo: o radar apresenta o perfil de uma cidade às “nove” de nossa posição.

– Jerusalém!

– E o que você esperava?... Honolulu?

Eliseu não respondeu à piada. E, de pronto, o coração saltou no meu peito. Sob a mortífera luz avermelhada da cabine, vi que sua fronte estava banhada de um copioso suor.

– Você está bem?

Moveu a cabeça afirmativamente e continuou de olhos fixos no painel de instrumentos.

A princípio não dei excessiva importância à transpiração de Eliseu. Ainda que a temperatura ambiente do módulo não ultrapassasse os 15 graus Celsius, tranqüilizei-me atribuindo o suor à forte excitação daqueles últimos instantes.

– Acionados retrofoguetes... A 60 segundos para o estacionário.

O computador central, pontual e seguro, reduziu a força do J85, fazendo-o girar 90 graus.

– Dê-me nível de voo..

Eliseu não respondeu.



Trajetória do módulo. Decolagem da Massada.
Voo para Ein Gedi, Belém e monte das Oliveiras.

– Repito: nível de voo.

– 3 mil pés... e a 30 para estacionário.

– Tanques?

– A noven...

– Repita!

Deus meu! Meu companheiro não pôde concluir a leitura. Jazia sobre o braço do assento, com o rosto pálido e coberto pelo suor.

– Eliseu! Responda! Eliseu!

Foi inútil. Chequei suas funções vitais. A frequência cardíaca havia caído bruscamente: de 120 a 90, provocando uma perda de consciência.

– Oh Deus!

Com meus nervos a ponto de explodir, os sinais acústicos e luminosos do

painel de alarme romperam o silêncio da cabina, devolvendo-me a noção da crítica realidade. Era preciso aterrissar o módulo.

“1h11’41” .”

A nave havia coberto as 38,39 milhas de vôo (quase 70 quilômetros) e acabava de fazer estacionário a 546 pés sobre o cimo norte do monte das Oliveiras. Não havia tempo a perder. Se me deixasse arrastar pelo pânico, nossas vidas e nossa missão poderiam terminar ali mesmo...

“Zero grau. Oscilação nula.”

– Vamos!... Para baixo, para baixo, princesa!...

– Assim!... Baixando a 23 pés por minuto.

Em voz alta, animando-me a mim mesmo, fui controlando a descida, atento ao intenso fluxo de leituras do computador central.

Papai Noel, com precisão matemática, havia “colimado” a pequena clareira de dura pedra calcária sobre a qual havia estacionado o “berço” na primeira missão e que – se conseguíssemos sair sãos e salvos – constituiria a “base-mãe” na nova expedição.

– Roger!... Tanques a um 98,1%... Nível: 320 pés e baixando para quatro... Roger, princesa!...

Eliseu continuava inconsciente.

– Assim!... 200 pés e baixando. Quatro e meio e para baixo.

Conquanto houvesse sido previsto para o momento da tomada de terra, ativei o dispositivo de segurança do módulo, projetando a 30 pés do “berço” uma “parede” de ondas gravitacionais, em forma de cúpula, que nos protegeria diante de uma eventual aproximação de pessoas ou animais.

Os registros eletrônicos continuavam despejando parâmetros.

– ... 75 pés para a tomada de contato... Redução da velocidade a 2,5 pés por minuto... 50 pés... 45... Redução a dois...

– Deus meu! É quase nosso!

E, de súbito, uma seca freada. Os quatro pés extensíveis da nave chocaram-se com o solo pedregoso, disparando as luzes de contato no painel de comando.

Respirei profundamente. Os cronômetros indicavam: 1h13’11” da madrugada.

“Enfim, de volta!” Mas não eram aquelas as circunstâncias que havia imaginado para o ansiado retorno à Palestina de Cristo...

Papai Noel anunciou uma ligeira inclinação no módulo: 15 graus. Imediatamente fiz que se equilibrassem as seções telescópicas do trem de aterrissagem, nivelando a nave.

Desprezando o que fora planejado pelo Cavalo de Tróia, desativei o J85, anulando a ordem do computador, que previa a manutenção da ignição do motor

principal durante minuto e meio, a partir da aterrissagem. Em caso de emergência, teria bastado uma rápida digitação e Papai Noel – cumprindo o programa de retorno – elevaria de novo o “berço”, efetuando o plano de vôo inverso ao que acabávamos de realizar.

Segundos mais tarde, silenciada a quase totalidade dos circuitos, verifiquei a camuflagem infravermelha e deixei no automático os sensores do segundo cordão de segurança que rodeava o “berço”. A 150 pés do módulo – e a toda a sua volta – qualquer ser vivo que cruzasse o perímetro podia ser visualizado nos monitores, graças às radiações infravermelhas emitidas por seu corpo. Como já comentei, se o intruso continuasse avançando, a “membrana” externa estava em condições de emitir um fluxo de ondas gravitacionais que se comportavam – a 30 pés da nave – como um vento do tipo furacão, impossibilitando o avanço de homens ou animais.

Então, com o ânimo arrasado, dediquei-me por inteiro a meu irmão...

– Responda!... Maldição!

De repente, ao tomá-lo pelos ombros, descobri que seu dispositivo de RMN continuava funcionando. Mal-humorado, retirei-o, e também o escafandro.

– Eliseu!... Deus do céu!

A palidez e o suor frio e abundante me haviam angustiado. A que se deveria aquela súbita perda da consciência?

Naquele dramático momento não consegui associar o estado de prostração de meu companheiro ao recente processo de inversão dos *swivels* e, conseqüentemente, à rede neuronal. Se houvesse sequer cogitado, talvez minha reação tivesse sido radicalmente diversa. O mais provável é que houvesse dado por concluída a missão e retornado imediatamente à Massada e a “nosso tempo”.

Mas, como se verá, mais uma vez o destino tinha outros planos...

Busquei acomodá-lo no piso da nave, com as pernas elevadas sobre o assento de pilotagem. Se aquele desfalecimento – pensava eu atropeladamente – se devesse à deficiência de sono e ao agudo estresse das últimas jornadas, sem desprezar a tensão do vôo até a “base-mãe”, era possível que estivéssemos ante uma passageira e nada preocupante síncope, por insuficiência de irrigação cerebral. Ao checar as funções vitais de Eliseu durante aquele período de inconsciência, o computador ratificou meu diagnóstico inicial: brusca queda da frequência cardíaca, problemas respiratórios e de tensão arterial... Conclusão estimada: “lipotimia”. Todavia, ainda que o controle do Papai Noel acusasse a “noxa”¹⁰⁶ como possível responsável pelo desmaio, alguns dos parâmetros não se encaixavam no quadro clínico dessa classe de síncope. Chamaram-me a atenção, sobretudo, as inusitadas alterações eletrocardiográficas e umas também

pouco comuns mudanças patológicas nas artérias carótidas: as que fornecem a irrigação sangüínea à cabeça. Mas a confusão do momento fez-me esquecer o assunto por algum tempo pelo menos.

Depois de aplicar-lhe algumas vigorosas bofetadas, na desesperada tentativa de obter alguma reação, tomei-lhe o pulso. Continuava baixo. Cada vez mais aturdido, recorri à reserva de fármacos e passei a lutar para fazê-lo beber uma mistura de água com vinte gotas de um analéptico respiratório, especialmente recomendado para esses casos de perda de consciência. O estimulante atuou sobre sua circulação e em dez minutos voltava a si. Pouco a pouco sua frequência cardíaca, o ritmo arterial e a cor foram-se estabilizando.

– Jasão, o módulo!

Aquelas primeiras e titubeantes palavras devolveram-me em parte o sossego. Quis levantar-se, mas eu o impedi. Insisti em que permanecesse por mais alguns minutos na mesma posição.

– Calma! Tudo está sob controle – tranqüilizei-o –, o pior já passou... Estamos em terra.

Eliseu cerrou os olhos e, depois de inspirar profundamente, indicou-me com a cabeça que estava de acordo e que seguiria minha sugestão.

Obedecendo a um primeiro impulso, digitei o Papai Noel. Imediatamente, o computador ofereceu-me completa informação sobre as plantas medicinais existentes na nave e que podiam aplicar-se ao caso de meu irmão:

“Efedra. Contém alcalóides etc., etc., etc... Efeito: vasodilatador, aumenta a tensão arterial, estimula a circulação, antialérgico...”

“Escila. Contém glicocídios cardíacos etc., etc., etc... Efeito: diurético, estimula o músculo cardíaco, regula o ritmo cardíaco...”

“Ginkgo. Contém azeite flavonóide alcanforado etc., etc., etc... Efeito: aumenta o fluxo sangüíneo por vasodilatação...”

A lista parecia interminável, e sem mais optei pelo ginkgo, uma planta extraída da árvore do mesmo nome e originária da China e do Japão.

Em meia hora, Eliseu, com sua habitual docilidade, ingeria o extrato preparado com o espécime que eu escolhera.

Eliseu não tardou a levantar-se e às 2h30, plenamente recuperado, retomou seu posto, diante do painel de comandos. Minhas recomendações para que se recostasse no beliche e descansasse foram rejeitadas. Nesse ponto Eliseu tinha razão. Havia muito que fazer e o tempo perdido já preocupava. Minha presença no horto de propriedade de José de Arimatéia havia sido marcada pelo Cavalo de Tróia para as 3 horas aproximadamente.

De comum acordo, antes de pôr em marcha a primeira fase da exploração, fizemos uma minuciosa revisão dos equipamentos básicos. A pilha atômica

continuava abastecendo com regularidade e os sistemas de infravermelho não detectavam anormalidade alguma no exterior. As reservas de propelentes achavam-se no nível previamente calculado para o momento da tomada de terra: 98% justos. A verdade é que, ainda que nossa confiança no Papai Noel fosse quase absoluta e soubéssemos que haveria sido o primeiro a alertar-nos em caso de possíveis falhas ou avaria nos instrumentos, tanto meu companheiro como eu ficamos mais tranqüilos depois daquela última revisão geral.

A disposição de Eliseu voltava rapidamente e, de acordo com o planejado, iniciamos os preparativos para minha imediata saída do módulo.

Eram 2h45.

Não foi muito o que tive de deixar no módulo. Como já tenho observado, a operação não permitia, evidentemente, que os exploradores de “outro tempo” carregassem objetos que pudessem ser anacrônicos para a população da época histórica a estudar.

– Relógio de pulso, anel de ouro... e a placa de identidade. Eliseu guardou meus pertences. Desnudei-me, tal como mandava o plano, e ele cooperou comigo em uma meticulosa revisão de meu corpo. Qualquer descuido poderia ser comprometedor.

Foi nessa operação, que precedia a implantação da chamada “pele de serpente”, que meu irmão reparou em alguma coisa que eu havia esquecido.

– E isso?

Ao indicar as escamas que me cobriam parte das faces anteriores das pernas e as regiões dorsais dos antebraços, só pude dar de ombros.

Eliseu fulminou-me com o olhar. E, diante de sua insistência, não tive alternativa senão contar-lhe a verdade. Fazia dias, realmente, que aquelas zonas do meu corpo apresentavam anormal ressecamento e aquelas escamas. Ao mesmo tempo, revelei-lhe a não menos estranha floração de sardas ou manchas senis de cor café que salpicavam os dorsos de minhas mãos, parte do pescoço, braços e antebraços.

– Bem...

Meu companheiro, pouco amante de rodeios, foi diretamente ao que ambos tínhamos em mente.

– ... Pode ter relação com o possível ataque aos tecidos neuronais?

Era difícil dizê-lo. E assim lhe expliquei. Só o que estava claro era que a descamação – um fenômeno conhecido como xerose – obedecia inegavelmente a uma alteração involutiva das estruturas epidérmicas e cutâneas. Um fenômeno muito bem estudado pela geriatria, tanto em seus aspectos biológicos e psicológicos como sociais. Havia, portanto, uma probabilidade de que tais

manifestações em minha pele tivessem uma origem muito mais profunda e grave: a alteração dos pigmentos do envelhecimento no âmago dos neurônios. Todavia, numa tentativa de desanuviar a cada vez mais sombria atmosfera que nos envolvia, coloquei especial ênfase em outra possível causa daquelas sardas e escamas:

– É provável que estejamos levando as coisas demasiadamente longe. Não podemos descartar o possível efeito da “pele de serpente” sobre a epiderme e até sobre a derme. Esse ressecamento, positivamente – acrescentei sem muito poder de convencimento –, está em relação direta com uma menor produção cutânea de gordura. E você deve saber que isso ocorre, às vezes, pelo uso de sabões não graxos ou pelo atrito de vestes de lã e linho. Ao nosso regresso falaremos disso com Curtiss.

Eliseu esboçou um meio e cético sorriso. A “pele de serpente” havia sido provada de sobra e jamais originara problemas como aquele.¹⁰⁷ Inteligentemente, meu companheiro mudou de conversa e esqueceu o incidente. Isso, pelo menos, foi o que eu pensei no momento...

Sem mais interrupções submeti-me à pulverização, “vestindo” a valiosa e indispensável “armadura”. Como por ocasião da primeira exploração, escolhi uma “pele de serpente” totalmente transparente que evitaria perguntas ou situações embaraçosas. E, diversamente daquele primeiro “salto”, tendo em conta a maior duração da presente missão e o virtual incremento dos riscos, a pulverização não se limitou às zonas críticas: tronco, ventre, genitais e pescoço. Por expresso desejo dos diretores do projeto, a “pele de serpente” cobriu também a totalidade das extremidades superiores e inferiores, apenas excluindo os pés e a cabeça.

Por estritas razões de continuidade, minha aparência não foi alterada. Para as pessoas com as quais me havia relacionado desde a sexta-feira, 30 de março, à madrugada de domingo, 9 de abril do ano 30, tudo – principalmente a indumentária – devia continuar sendo igual. Aliás, para elas, de um ponto de vista puramente cronológico, não se passara mais que umas poucas horas desde que me haviam visto pela última vez.

Para minha alegria, quando eu vestia a tanga, meu irmão rompeu a rir. Meu aspecto não devia ser muito ortodoxo e a insólita aparência serviu para suavizar os amargos momentos que havíamos atravessado. Aquela espécie de *saq*, muito semelhante à usada pela quase totalidade dos homens da Palestina do primeiro século, havia sido confeccionada e “amaciada” na medida do possível, com algodão, tomando por modelos os *saq* ou tangas que aparecem nos documentos arqueológicos do Egito e da Mesopotâmia. O algodão, dado o caráter íntimo da peça, era uma concessão dos *experts*. Na realidade, se se devesse seguir ao pé da

letra a informação oficial, minha tanga teria de ser fabricada com um tecido mais grosseiro: pano de saco. Por outro lado, o fato de ser um “rico comerciante grego da Tessalônica” – dedicado ao negócio de vinhos e madeiras – autorizava-me a dispor de uma indumentária mais adequada ao meu *status* social...

Quando o *saq* foi atado ao redor de minha cintura, Eliseu ajudou-me a vestir a fralda marrom-escuro e a túnica simples de cor marfim. Essa última, feita sem costuras num tecido à base de linho de sequeiro por hábeis tecelões sírios – herdeiros do antigo núcleo comercial de Palmira –, respeitando o costume grego, era um pouco mais curta do que o *chaluk* ou túnica judia. Tratava-se, na realidade, de uma réplica do *chiton* de meus “compatriotas”, os helenos. De acordo com as medidas padronizadas dessas túnicas ou *chiton*, a minha prolongava-se uns poucos centímetros abaixo dos joelhos.

Ainda que o cinto ou “cingidor” pudesse ter sido de melhor qualidade, de acordo com minha hierarquia e posição econômica, o Cavalo de Tróia entendeu que não conviria chamar a atenção nem tentar a cobiça alheia com uma peça de ouro ou prata. Para o seu entrançado foram suficientes umas modestas cordas egípcias.

O manto ou *chlamys* – a que nunca cheguei a acostumar-me – era mais chamativo do que o utilizado habitualmente pelos judeus: o *talith*. Tecido igualmente a mão, com lã das montanhas da Judéia, era de um discreto, mas aveludado azul-celeste obtido do fruto do glasto utilizado em tintura. Essa veste, que no momento eu procurava enrolar em torno do pescoço e ombros, era de todo imprescindível na vida cotidiana daquela sociedade. Além de constituir um símbolo de dignidade (para os judeus era de mau tom apresentar-se sem ele no Templo ou diante de um superior), servia para múltiplas situações: como cobertor ou manta para abrigar-se ao dormir ao relento, como capa de cadeira e até para atirá-lo aos pés de um herói ou personagem de relevo.¹⁰⁸

Os dois pares de sandálias que me haviam sido dados, esses sim, foram modificados, de acordo com o delineamento da última fase de nossa exploração e que, como narrarei mais adiante, exigia de nós um especial esforço físico. Ainda que o material empregado fosse basicamente o mesmo – esparto trançado nas montanhas turcas de Ancara –, os solados foram substituídos por um sólido aglomerado de juncos e cortiça de palmeira, parcialmente oco. Em reduzidos “nichos”, os especialistas haviam camuflado dois sofisticados sistemas. Dado que uma das últimas etapas de nossa estada em Israel previa, como já disse, várias e rudes caminhadas, as sandálias haviam sido providas de um microcontador de passos, com o correspondente cronômetro digital e um interruptor de programa. O sistema fora provado fazia algum tempo pelo astronauta Aldrin em uma de suas caminhadas pela superfície da Lua. Os

sensores colocados na sola permitiam saber as distâncias percorridas, tempos gastos e até o dispêndio de calorias em cada deslocação. Além disso, se o quiséssemos, poderíamos ativar uma minúscula célula que elevava a temperatura do calçado, protegendo os pés em situações de extrema inclemência.¹⁰⁹ Aquelas sandálias eletrônicas – como as chamávamos entre nós – iriam prestar-nos um notável serviço. Cada exemplar foi perfurado manualmente e a toda volta da sola foram incrustadas diversas pares de finas tiras de couro de vaca untadas de peixe. Cada cordel – de 50 centímetros – permitia firmar o calçado com folga suficiente para se poder enrolá-lo na perna com quatro voltas.

O segundo dispositivo, também alojado na sola, tinha caráter puramente logístico. Consistia em um radiotransmissor capaz de emitir impulsos eletromagnéticos a um ritmo de 0,0001385 segundo. Esse sinal era registrado na “vara de Moisés” e em seguida amplificado e “transportado” a longa distância por um especialíssimo laser que procurarei descrever em seu momento. Graças a este processo, de uma apreciável precisão, Eliseu podia seguir meus “passos” no radar do “berço”. Essa “radioajuda” seria ativada unicamente quando – por necessidades da exploração – me visse obrigado a distanciar-me do módulo além de 4,5 quilômetros. A partir desse limite, a faixa de recepção da “conexão auditiva”, que também devia carregar no interior do meu ouvido direito, se fazia imprestável.

Depois de um último exame em meu “uniforme”, sentei-me e sinalizei a meu irmão que estava pronto para receber a “cabeça de cera”. Assim havíamos batizado as cápsulas acústicas miniaturizadas que eram excitadas por um equipamento de ondas gravitacionais. Esta “conexão auditiva” – de inestimável valor, como ficou demonstrado na missão passada – iria proporcionar-nos uma clara e permanente comunicação enquanto eu estivesse no “exterior”.

A implantação da prótese, embora simples, requeria mãos hábeis. E em poucos minutos ficava encaixada a poucos milímetros do orifício de entrada do conduto auditivo externo, entre as paredes cartilaginosas.

Eliseu colocou-se, então, diante do receptor-transmissor e fez-me sinal para realizarmos um teste. Pressionei com os dedos a área central da orelha, fundindo o “trago” e o “antitrigo”. Diversos alertas – um agudo assobio e um piloto laranja – confirmaram a excelente “conexão auditiva”.

– OK!... E não se esqueça de que é surdo de nascença.¹¹⁰

Agradei o bom humor de meu companheiro. Os ponteiros avançavam inexoravelmente e eu começava a inquietar-me. A missão deveria ter-se iniciado às 2h30 e já eram 4 da madrugada.

Curtiss desprezou o terceiro dispositivo de ligação com a nave. Com a “cabeça de cera” e o microtransmissor na sola da sandália direita tinha eu mais

do que o suficiente para garantir uma contínua e nítida conexão. A fivela de bronze que havia prendido meu cinto, na investigação passada, e que ocultava um emissor para mensagens de curta duração, foi, portanto, desprezada, mas ficou no “berço”, pronta para ser utilizada em caso de emergência. Em seu lugar, a *chlamys* foi dotada de uma fivela normal, de elos, também de bronze e muito parecida com nossos alfinetes “imperdíveis”.

Finalmente, apanhei a bolsa de borracha impermeabilizada, introduzindo nela os cem denários restantes da última exploração, meia libra romana em pepitas de ouro, as incômodas mas necessárias lentes de contato “crótalos” e o salvo-conduto que ainda conservava e que me fora concedido pelo procurador romano na manhã de 5 de abril, quarta-feira.

A primeira fase da missão consistia em uma breve incursão, com a duração máxima de oito horas. Quer dizer, supondo que eu houvesse descido em terra à hora marcada – 2h30 da madrugada –, minha volta ao módulo deveria registrar-se às 10h30. Nesse espaço de tempo eu teria desempenhado os dois primeiros e importantes objetivos: tentar aproximar-me do suposto corpo “glorioso” do Mestre, fazer sua análise e depois aviar-me com um “tesouro”. Um “tesouro” científico e arqueológico, entenda-se. Um “tesouro” que deveria ser trasladado para a nave, submetido a uma investigação exaustiva e, naturalmente, devolvido a seu lugar de origem no menor prazo possível...

Por essa razão, e considerando que devia regressar naquela manhã de domingo, as restantes peças do meu equipamento pessoal – a ser utilizado ao longo da exploração – não seriam retiradas do módulo nessa primeira saída. Essa circunstância aconselhava também que os “dinheiros” a manipular nesse momento se limitassem às primeiras necessidades. O Cavalo de Tróia, por isso mesmo, fixou os 100 denários e a meia libra – uns 163 gramas de ouro – como “suficientes”.^{III} Primeiro que tudo era preciso trocá-los por moedas de curso legal na Palestina: denários de prata e peças fracionárias, especialmente shekels, asses e óbolos ou sestércios.

– 4h15...

Meu irmão preparou a “vara de Moisés” e, ao entregá-la, exclamou com a voz entrecortada de emoção:

– Boa sorte!

Ainda que minha ausência não devesse ser longa, fi-lo jurar que ao menor sintoma de desfalecimento ou mal-estar me avisaria imediatamente. Eliseu compreendeu e apreciou minha sincera preocupação e, sorrindo-me, voltou ao seu painel de comandos. Verificou os sensores de infravermelho e, após comprovar que os arredores continuavam desertos e silenciosos, indicou-me o monitor e a última leitura meteorológica:

– Temperatura na superfície: 12,8 graus Celsius. Vento calmo. Umidade relativa: abaixo dos 17%.

E com um golpe seco – sem desviar o olhar dos controles eletrônicos – acionou o mecanismo de descida da escadinha.

Também eu não era amante das despedidas. Por isso, notando que meus olhos se umedeciam, não fiz mais do que deixar cair minha mão esquerda sobre o ombro de meu irmão; e, girando nos calcanhares, introduzi-me pela escotilha de saída e desapareci.

Eram 4h28...

Precisei de um ou dois minutos para que minhas pupilas se acomodassem à obscuridade e, pouco a pouco, a luz oblíqua da Lua arrancava milhares de cintilações das cinzentas copas das oliveiras que rodeavam a clareira ao sul. Dei quatro ou cinco passos e me detive. Um silêncio pastoso e anormal havia tomado o local. Como na primeira descida sobre a Palestina de Cristo, as emissões de ondas e a poeira levantada pelo J85 haviam feito emudecer os insetos e avezinhas que faziam morada naquele segundo cimo do monte. Observei tudo ao meu redor, perfurando a azulada obscuridade que se recortava entre os negros troncos das oliveiras. Tudo parecia calmo. Mas aquele silêncio... Se ao menos tivesse ouvido o gorjeio do zamir...

Após alguns segundos de vacilação, retomei a marcha e alcancei a pequena elevação que dava para a parte oeste da plataforma da nave. Se meu sentido de orientação não falhasse, em questão de minutos eu alcançaria a cabeceira da rampa. Uma vez ali, com Jerusalém do outro lado do desfiladeiro, minha marcha seria mais cômoda.

Ao contornar os maciços de murtas e acantos, à medida que me aproximava da borda do cume, meu coração começou a disparar e uma incontrolável excitação fez fraquejarem-me as pernas. Não tive remédio senão deter-me de novo.

– Deus meu!

Eliseu ouviu minha exclamação e, abrindo o contato, perguntou:

– Estou recebendo-o “5 x 5”... Que é que se passa?

Antes de responder inspirei várias vezes, buscando apaziguar meu pulso.

– Roger! Eu também recebo você alto e claro... Nada! Deve ser a emoção... Estou quase entrando na velha cidade e isso me traz recordações... Câmbio.

– OK!... Ânimo!

Enxuguei o suor das mãos e, firmando com força a “vara”, repeti as inspirações, recebendo então a intensa e agradável fragrância do matagal anunciando a esplêndida primavera judaica. E meu espírito, agradecido e

estimulado, foi recobrando a tranqüilidade.

Quando me distanciei por uns 50 metros do “ponto de contato”, a voz do meu solitário amigo voltou a soar em minha cabeça:

– Atenção, Jasão!... Você está na borda do segundo cinturão de segurança. O radar o “vê” a 45 metros do “berço”... Câmbio.

Dei meia-volta, olhei para a plataforma rochosa na qual se achava pousado o “invisível” módulo, pressionei o ouvido e repliquei a meia voz:

– Entendido, câmbio.

– Creio que antes de prosseguir você deve testar as “crótalos”... E dê-me o resultado.

Eliseu tinha razão. A tensão daqueles momentos me havia feito esquecer a necessária verificação das lentes especiais de contato.¹¹² Tirei-as da minha bolsa e, depois de adaptá-las a meu olhos, levantei o rosto para o centro da clareira. A radiação infravermelha que envolvia a nave apareceu-me como uma rubra e infernal visão, radiante e gigantesca no meio de um negro e frio cenário. Sob aquela massa vermelha resplandecia uma franja de um branco amarelado, produto do calor acumulado pelo motor principal. Vejo você “5 x 5”... Impressionante! Agora continuo a descer.

– OK!... E de novo boa sorte!

Como eu esperava, minutos mais tarde, já à borda da grande escarpa do Cedron, a claridade lunar apresentou diante de meus olhos os perfis da nostálgica Cidade Santa.

– Jerusalém!...

Um frêmito e uma torrente de sensações paralisaram-me. Ali estava: majestosa, com suas altas muralhas refletindo um azul espectral e a cúpula do Templo apontando – branca, quase nevada – para um céu translúcido e pontilhado por uma Via Láctea feito espuma.

O último quarto da noite corria para seu fim e as sinuosas e apertadas ruas dos bairros alto e baixo – pessimamente iluminadas pelos facho e lâmpadas de azeite – estavam desertas. Alheias ao extraordinário fato ocorrido uma hora antes e que em breve, ao alvorecer, faria estremecer seus habitantes.

Fiz uma nova conexão com o módulo e Eliseu deu-me a hora exata:

– 4h50.

Não havia tempo a perder. A saída do Sol ocorreria às 5h42. E, de acordo com nossos cálculos, a chegada das mulheres no jardim de José de Arimatéia, dispostas a lavar e amortilhar o corpo do Galileu, dar-se-ia de um momento para outro... se é que já não ocorrera.

Aquela extraordinária cadeia de imprevistos e contratemplos nos havia atrasado perigosamente. Não restava mais do que uma hora para o nascer do Sol.

Se a primeira das supostas aparições do Mestre já houvesse ocorrido, ver-me-ia obrigado a tentar a sorte com a “segunda”, citada pelo evangelista Lucas. Conforme seu texto, nesse mesmo dia – embora sem citar a hora – o Ressuscitado havia acompanhado dois dos discípulos quando caminhavam para a povoação de Emaús. Mas, como disse, o relato evangélico era confuso. Como e onde localizar tais discípulos?

Consolei-me com o pensamento de que, no pior dos casos, se ambas as tentativas fracassassem, sempre restava uma terceira oportunidade: a reunião dos apóstolos “no entardecer daquele domingo, primeiro dia da semana”, segundo as palavras de João...

A situação estava mais comprometida do que havíamos imaginado. Era mister uma mudança de planos. O Cavalo de Tróia, de acordo com minhas sugestões, havia previsto meu acesso ao sepulcro pelo caminho mais longo... e seguro. Uma vez no “exterior” devia buscar o caminho que, procedente de Betânia, cruzava o topo do monte das Oliveiras para descer até o extremo sul da cidade. Meu acesso para ele seria pela Porta da Fonte. Depois, aproveitando várias ruas, atravessaria a cidade sigilosamente e desembocaria no extremo norte, pela Porta dos Peixes. O trecho entre a muralha setentrional e a propriedade de José poderia ser coberto em questão de minutos.

Uma breve reflexão convenceu-me. Era preferível esquecer o itinerário inicial e, para ganhar tempo, aventurar-me pelo caminho mais curto e perigoso. Não havia alternativa, se eu quisesse estar presente à primeira aparição.

Para não inquietar Eliseu inutilmente, guardei silêncio sobre minha decisão. Era a primeira violação do plano estabelecido por Curtiss e, por sorte ou por infortúnio, não seria a última...

Assim, com muita disposição de ânimo, lancei-me ladeira abaixo, ao encontro do fundo do vale que me separava da muralha oriental do Templo.

Aquele voluntarioso gesto me custaria caro...

A abrupta ladeira recebeu-me como seria de esperar. Guardando o equilíbrio com dificuldade, aferrando-me aqui e ali aos lentiscos e giestas e evitando os afilados penhascos, fui ganhando terreno. Em mais de uma ocasião maldisse minha estupidez. A descomposta *chlamys* ficava enganchada na espinhosa e agreste vegetação e, se não fosse a minha “pele de serpente”, meus braços e pernas haveriam apresentado um sangrento e deplorável aspecto.

Uns quinze minutos depois eu vencia a escarpa e atingia o leito seco e pedregoso.

Detive-me para respirar. Recompus meu amarrotado manto, lamentando os rasgões, e, com o coração ainda acelerado, lancei o olhar à minha volta. Os 50

ou 60 metros de profundidade do Cedron, naquele ponto, e o já iminente desaparecimento da Lua por detrás da penedia oeste haviam sepultado o desfiladeiro em inquietantes trevas.

Após uns segundos de nervosa escuta e mais do que difícil observação, decidi cruzar o fundo do vale, em direção ao muro informe que fechava o Templo e a cidade e que se erguia como se fora parte da nova escarpa que tinha diante de mim. Tudo naquele tétrico lugar era silêncio. Um plúmbeo e irritante silêncio.

Muito próximo de onde me encontrava, um pouco mais ao norte, corria outra das pistas que, nascendo nas vizinhas aldeias de Betânia e Betfagé, galgava o monte das Oliveiras, descia pela vertente oeste e ia morrer nas proximidades da Porta Dourada, na mesma muralha oriental do Templo. Mas logo, junto à esquina nordeste do recinto sagrado, o caminho ramificava-se e, dobrando a muralha, perdia-se paralelamente ao muro norte e à Fortaleza Antônio. Depois, diante da Porta dos Peixes, de novo desdobrava-se em diferentes rotas: uma que levava à costa, a Cesaréia, e outra diretamente ao norte, a Samaria e Galiléia. Minha intenção era sair ao encontro da pista e, contornando Jerusalém, atingir rapidamente o horto e o sepulcro. O caminho escolhido, sensivelmente mais curto, era também muito solitário e por isso teoricamente pouco recomendável àquelas horas da noite. Por um momento veio-me à memória o desagradável tropeço com um ladrão, na noite da Quinta-Feira Santa. E tive de reunir todas as minhas energias para prosseguir.

Procurando esquivar-me aos seixos rolados que salpicavam o leito do Cedron, avancei alguns metros. Subitamente, uma “coisa” me paralisou. Eram grunhidos. Imóvel como uma estátua, esforcei-me para devassar o negror do leito do Cedron. Mas as trevas eram tão densas que meus olhos perderam-se entre as rochas e ilhotas de moitas. De novo caiu o silêncio. Um negro silêncio...

Perscrutei inutilmente a zona sul do desfiladeiro. O coração, em alerta máximo, bombeava forte. E uma inconfundível sensação de medo eriçou-me os cabelos.

Pela segunda vez – agora às minhas costas –, aquele grunhido me aterrorizou. Virei-me rapidamente. Fosse o que fosse, achava-se para o norte e, a julgar pela intensidade do som, bastante mais próximo.

Forcei de novo a vista, em um desesperado intento de localizar algum vulto ou, quando menos, um movimento da ramagem. Inútil.

Começando a tremer, deslizei minha mão direita para o alto da “vara de Moisés”, buscando um dos cravos de cabeça de cobre. Se os grunhidos fossem de um animal selvagem, aquela era uma rara ocasião para provar o dispositivo de defesa incorporado ao meu novo “equipamento”.

Pressionei o cravo...

“Maldição!”

Eu não usava as “crótalos”. E sem as lentes especiais de contato a eficiência do sistema diminuía notavelmente...

Aturdido, agarrei a bolsa de borracha. Mas, quando me dispunha a abri-la, várias moitas de arbustos situadas a 5 ou 6 metros à minha frente oscilaram violentamente. Senti que o sangue me gelava nas veias...

“Algo” avançava para mim. Era uma sombra baixa e alongada. Um! Dois...

Retrocedi dois passos, mas com tanto azar que tropecei em um dos penhascos, estatelando-me estrepitosamente... Liguei a conexão auditiva.

– Deus!

– Jasão!... Que foi?

Eliseu havia escutado minha exclamação e, alarmado, abrira a conexão auditiva.

Não houve tempo para uma resposta. Os vultos se haviam detido e, quase simultaneamente, emitiram agudos e sinistros uivos.

– Jasão! – insistiu meu irmão. – Que foi? Responda!

Levantei-me de um salto. Um novo calafrio eriçou-me os cabelos como se fossem cravos.

– Não... sei! – respondi quase sem respiração. – Parecem chacais!... Talvez cães selvagens!

Eu havia tido ocasião de ver, em minha anterior exploração, algumas matilhas de cães tornados selvagens – metade lobos, metade chacais comuns ou *Canis aureus*, tão perigosos quanto seus congêneres, os africanos de dorso negro ou listrado – perambulando pelos arredores da Cidade Santa e devorando carniça. Aqueles famélicos, ariscos e perigosos cães-chacais, muito diferentes dos cães domésticos que hoje conhecemos, eram um pesadelo para o infeliz peregrino que viajasse só. E aquele desfiladeiro e o depósito de lixo localizado ao sul – a célebre “Geena” – constituíam um território muito propício para suas correrias.

Os vultos foram avançando.

– Jasão!...

Quando os tive a pouco mais de 3 ou 4 metros, dois pares de olhos semi-abertos e cor de mel relampaguearam na obscuridade. E, erguendo as cabeças, intensificaram os seus uivos, que ecoavam nas paredes do desfiladeiro.

De repente os uivos cessaram e um dos animais, grunhindo surdamente, ergueu suas longas e pontiagudas orelhas, mostrando-me uns afilados e brilhantes caninos. Lutei por abrir a bolsa...

– Oh! Deus!...

Aquela besta retesou seus nervosos jarretes e arremeteu, saltando como um raio em meu pescoço.

Em um movimento reflexo interpus meu braço esquerdo e inclinei-me para trás instintivamente.

– Jasão!... Responda!...

As fauces do animal agarraram meu pulso e cerraram-se como uma armadilha em minha pele. Melhor dizendo, na “pele de serpente”. E em poucos segundos, com um estalido, alguns dos caninos saltaram pelos ares. O animal, cego em seu selvagem ataque, continuou revolvendo-se no chão sem soltar sua presa.

– Maldição!... Jasão!

Aterrorizado, com os músculos retesados, esforcei-me por livrar-me de suas mandíbulas. Mas a situação complicou-se quando o segundo chacal ou cão selvagem, intuindo, quem sabe, que seu irmão havia conseguido imobilizar sua vítima, precipitou-se no meu flanco direito desferindo-me seguidas dentadas na coxa e baixo ventre.

Em alguns de seus furiosos embates o último chacal rasgou-me parte da túnica e o manto.

Tratei de golpeá-lo com a base da “vara”, mas seus contínuos avanços e recuos e fortes empuxões do outro animal tornavam imprecisos meus golpes e pontapés.

Tinha de arriscar-me. E, banhado em suor, quase sem ar, apontei a extremidade do bastão para o crânio do que se empenhava, entre golfadas de espumosa saliva e grunhidos, por quebrar meu pulso esquerdo. O dispositivo ultra-sônico de defesa falhou nas primeiras tentativas. Então, inclinando-me até sentir o nauseabundo odor da fera, aproximei a faixa negra da “vara” até um palmo da base de sua cabeça. O segundo animal, em novo e frenético ataque, se havia levantado sobre os quartos traseiros e fundido suas mandíbulas e suas afiadas unhas em forma de foice em meu braço e flanco. Então seus caninos e garras tiveram a mesma sorte que os do primeiro.

Desta vez, sim, tive sorte. O feixe de ondas penetrou por um dos olhos da besta. Ao receber a “descarga” de 21 mil hertz, emitiu um lastimoso e curto grunhido e soltou meu braço.

– Jasão!... Jasão!

Cheio de dor, o segundo chacal saltou para trás, fugindo precipitadamente e, como o outro, grunhindo e com a longa cauda entre as patas.

Em menos de um segundo desapareceram na obscuridade. Seus ganidos foram distanciando-se e, dentro em pouco, o silêncio voltava a dominar a quebrada.

– Jasão! Responda!

Eliseu, desesperado, insistia. Deixei-me cair sobre uma pedra, ainda tremendo dos pés à cabeça, pus-me em conexão com Eliseu e narrei-lhe o ocorrido.

– Pelo amor de Deus!...

E meu companheiro, com razão, desafogou, tachando-me de inconsciente e insensato. Mas o pior havia passado. A defesa ultra-sônica⁴¹³ e a “pele de serpente” haviam funcionado. Essa frequência, que podia ser forçada até 10¹⁰ hertz, chegando quase ao hipersônico, era fulminante para determinadas espécies animais...

Disse eu que “o pior já havia passado”?... Sim, esse foi meu pensamento. Mas as “surpresas” naquela madrugada não haviam feito senão começar.

Não havia tempo para contemporizações. Assim, esquecendo os rasgões que arruinavam o manto e a túnica, pus-me a caminhar, ansioso por sair de uma vez por todas daquele funesto vale.

Faltavam apenas doze minutos para a alvorada.

“Que haveria ocorrido no horto de José?”

Enredado nessas reflexões, depois de caminhar outros cem ou 150 passos Cedron acima, compreendi que continuava perdendo tempo. E, num impulso, renunciei à busca do caminho. Entrei pelo lado esquerdo, iniciando a suave e curta ladeira que conduzia ao muro oriental do Templo.

Ao assomar à estreita esplanada que corria paralelamente à imponente muralha, uma claridade malva ascendia, já, por trás do monte das Oliveiras, apagando o brilho das estrelas e arrancando longínquos cantos entre os galos madrugadores. As trombetas dos levitas não tardariam a soar, anunciando o novo dia. Era preciso acelerar a marcha. Em questão de minutos, os agora solitários trechos fora dos muros da cidade ver-se-iam paulatinamente animados por homens e animais. E os milhares de peregrinos que haviam celebrado a Páscoa, assim como os habitantes de Jerusalém, empreenderiam suas tarefas cotidianas. Aquilo podia complicar muito nossos planos.

E, sem pensar duas vezes, lancei-me a uma frenética corrida. A poeira levantada por minhas sandálias e a espalhafatosa agitação do roupão assustaram as pombas que dormitavam entre as pedras do muro. E um branco matraqueado elevou-se sobre as construções.

Dobrei a esquina nordeste e, animado diante da solidão do lugar, forcei a marcha, procurando ao mesmo tempo dosar a respiração. Deixei à direita o escuro promontório de Beza'tha e os imprecisos perfis da “piscina das cinco galerias”, abordando o último trecho: o que me separava do bastião norte da Antônia.

“A Fortaleza Antônia!”

Um súbito sentimento de perigo fez-me reduzir o passo. Com o coração golpeando forte as paredes do tórax, distingi a distância os fogos de dois dos quatro *stationes* ou postos de guarda localizados na mais alta das torres que se erguiam airosoas em cada um dos ângulos do formidável “castelo”.¹¹⁴

E, subitamente, quando me restavam uns poucos metros para situar-me à altura do parapeito de pedra que circundava o fosso do quartel-general de Pôncio, ouvi gritos. Sem deter-me, levantei a vista. Na torre mais próxima, entre as ameias cinzentas, alguns legionários gesticulavam, trocando palavras com a *uigiliae* ou patrulha noturna postada na torre noroeste. O vozerio não durou muito. Com a forte suspeita de que aqueles gritos de alerta tinham muito a ver comigo, forcei as pernas. Faltavam apenas 100 metros para a bifurcação do caminho...

Vão empenho. Num abrir e fechar de olhos, antes que eu tivesse percorrido uma décima parte desse trajeto, três infantes romanos (soldados de Infantaria) irromperam no meio do caminho, cortando-me a passagem.

Era evidente que eu havia cometido dois novos e lamentáveis erros. Primeiro, lançar-me a tão suspeitosa corrida; segundo, esquecer a vigilância noturna da Antônia e a abertura ou “porta” existente no parapeito, permanentemente custodiada.

Parei, ofegante, e esperei que se aproximassem. Fugir teria sido um terceiro erro...

Enquanto enchia meus pulmões no fatigante empenho por acalmar-me, um familiar ruído chegou até meus ouvidos. Era a moagem diária do grão. Jerusalém despertava. E, como uma fatal confirmação, a repentina claridade do dia caiu sobre a cidade, fazendo reverberar os polidos capacetes de bronze dos legionários.

Batalhei com meu cérebro. Tinha de encontrar alguma boa desculpa. Mas qual?

Os infantes detiveram-se e, cautelosamente, sem dizer palavra, percorreram-me com a vista. Ao reconhecer suas indumentárias de campanha estremei. Não pude evitar uma profunda emoção. Eram os primeiros seres humanos com que me deparava naquele novo e acidentado “salto”.

E o primeiro toque das trombetas do Templo, anunciando o amanhecer, retumbou entre as muralhas, agitando o céu azul com dezenas de remoinhos de pombas e o negro planar das andorinhas.

Os levitas, do alto do santuário, seguindo um costume ancestral, advertiam os habitantes da Cidade Santa que o Sol estava a ponto de romper no azulado horizonte dos montes de Moab.

Eram 5h42.

Minhas sujas e esfrangalhadas vestes e o suor que escorria de minhas têmporas até as barbas não deviam inspirar excessiva confiança aos soldados. Abrindo para os lados, eles prosseguiram seu avanço. Apontavam-me suas longas lanças ou *pilum*.

Os três vestiam cotas trançadas à base de malhas de ferro em forma de túnica curta (até o meio da coxa). Estas couraças, muito flexíveis e sólidas, descansavam sobre um gibão de couro de idênticas dimensões. Por último, a pesada indumentária entrava em contato com uma túnica vermelha, de mangas curtas (até o cotovelo), que excedia a armadura em 10 ou 15 centímetros, caindo sobre os joelhos.

Quando se achavam a 3 metros, os legionários dos flancos detiveram-se pela segunda vez. E as brilhantes pontas de flecha de suas *pilum* ficaram a 1 metro de meu ventre.

Ao observar seus rostos fatigados e sonolentos deduzi que se tratava de uma das patrulhas de serviço durante a quarta e última vigília da noite.¹¹⁵ Para minha desgraça, havia chegado no pior momento: justamente quando aqueles legionários iam ser rendidos. Seu desgosto e contrariedade estavam estampados na forte contração de suas mandíbulas e nos olhos avermelhados e acusadores.

Ergui meu braço esquerdo, com a palma da mão estendida, em sinal de paz e submissão. No mesmo instante o que estava no centro da formação levou sua mão esquerda ao flanco direito e desembainhou a espada: uma *hispanicus* de 50 centímetros e gume duplo.

Uma corrente de fogo parecia devorar minhas entranhas. Que tencionava fazer aquele infante?

O segundo toque das sete trombetas, anunciando a abertura da célebre Porta de Nicanor, no Templo, fez o legionário hesitar. Seu *gladius*, a um palmo do meu esterno, cintilou por um instante, aumentando minha já copiosa transpiração.

Com voz rouca, e erguendo a espada até minha garganta, o soldado pronunciou umas palavras que não compreendi. Devia tratar-se de legionário da tropa auxiliar, integrada por trácios, sírios, germanos ou espanhóis.

Com um leve gesto de cabeça fiz-lhe ver que não entendia sua língua. Mas, visivelmente alterado, repetiu a pergunta em tom imperativo, cravando a ponta da *hispanicus* sob meu queixo.

– Jasão!...

Eliseu estava na minha escuta. Mas que podia ele fazer em tão crítica situação? Senti o afiado metal afundar ligeiramente em minha pele e fui obrigado a erguer a cabeça. Era evidente que ao menor movimento suspeito podia dar-me por morto. Esforçando-me por manter a cabeça naquela violenta

posição, respondi em grego, com a esperança de que algum dos legionários me compreendesse.

– Sou da Tessalônica...

O soldado colocado à minha esquerda pareceu entender; e, no mesmo jargão utilizado pelo que mantinha a espada debaixo do meu queixo, comentou algo com os companheiros. Esse mesmo indivíduo adiantou-se e, colocando-se junto ao da espada, lançou-me uma série de acusadoras perguntas:

– Por que corrias? A quem roubaste? Reconheces que és um bastardo e sujo judeu? Fala!

Difícilmente poderia eu fazê-lo. Apontando com o indicador da mão esquerda a ponta da espada espetada no meu queixo, pedi-lhes que baixassem a arma. A pressão cedeu, mas o *gladius* permaneceu a poucos centímetros do meu pescoço.

Engoli em seco e, simulando um inexistente prurido, pressionei o ouvido direito, ao mesmo tempo em que me preparava para desfazer aquele mal-entendido.

– Sinto!... Não era minha intenção... Sou grego e amigo do procurador. Tenho um salvo-conduto!

A firmeza do meu acento e a menção do salvo-conduto aliviaram a tensão. Mas o improvisado “intérprete”, desconfiando e tocando os rasgos da minha túnica com a ponta do *pilum*, insistiu:

– E isto?...

Quando me dispunha a esclarecer a razão da minha lamentável aparência, o infante colocou de novo sua lança em posição vertical e, num gesto arrebatado, desferiu-me uma forte e sonora bofetada.

– Mentos! Por que corrias?

Meu rosto endureceu-se. E, pressionando as mandíbulas em um ataque de ira, encarei o jovem infante lançando-lhe em pleno rosto:

– Cívís!... Levai-me ante vosso *primipilus*!

O nome do centurião, comandante-em-chefe das sessenta centúrias e homem de confiança de Pôncio, causou o efeito que eu desejava. Os lábios do legionário que me havia golpeado tremeram nervosamente e a expressão do seu rosto mudou. Balbuciou umas ininteligíveis palavras e no mesmo instante a *hispanicus* voltou para o fundo da bainha.

Quando estava pronto a mostrar-lhes o rolo com a firma e o selo do procurador, o “intérprete”, sem abandonar o tom autoritário, ordenou-me que o acompanhasse.

Ao franquear o parapeito de pedra e distinguir, ao fundo, do outro lado da ponte levadiça, a monumental porta coroada por um arco de meio ponto e

provida de sólidos batentes de madeira, novas e emocionantes recordações acudiram à minha mente. Quão distantes e próximas me pareciam, ao mesmo tempo, aquelas cenas do interrogatório de Pilatos e da enfurecida multidão clamando pela libertação de Barrabás.

Um grande grupo de legionários apareceu, então, sob o portão. Vestiam também a indumentária de campanha e estavam providos de escudos vermelhos, retangulares – de uns 80 centímetros de altura – e com a mesma e bela águia amarela que eu havia admirado em ocasiões anteriores, decorando o *umbon* ou protuberância central. Avançaram rapidamente e na borda mesma do fosso se uniram a meus três guardiões. Trocaram algumas palavras e sem deixar de observar-me, puseram-se de novo em movimento obrigando-me a cruzar com eles a ponte de grossos troncos e a penetrar no interior da fortaleza.

Até esse momento – quase 6 horas da manhã – a esquiva sorte só nos havia proporcionado desgosto atrás de desgosto...

Resignado, deixei-me conduzir.

Ao cruzar a muralha pensei que a patrulha se dirigisse para o terraço onde Pilatos havia tentado administrar justiça – na cadeira curul – na manhã de sexta-feira. Não foi assim. Mal chegados ao largo pátio, com os alvos seixos rolados que o pavimentavam, os legionários detiveram-se. Aí, dois deles entraram em um quartinho encostado ao muro e à esquerda da grande porta aberta na muralha. Aparentemente, fazia as vezes de “posto da guarda”.

Por um momento, no silêncio e na lassidão daquele amanhecer, voltaram-me à lembrança os gritos da turba congregada naquele mesmo recinto, reclamando a liberdade de Barrabás, o revolucionário, e a execução do Mestre.

A silhueta robusta de um suboficial, recortando-se na penumbra da porta do “posto da guarda”, dissipou minhas recordações. Era um *optio*, uma espécie de ajudante ou homem de confiança dos centuriões e responsável pela *uigiliae* ou vigilância noturna naquele setor. Vestia-se como os legionários, com o *gladius* à direita e um pequeno punhal no flanco oposto. A única diferença consistia em uma peça metálica – espécie de *greba* – que se adaptava à perna direita, cobrindo-a desde o joelho até o começo do pé. (Sem dúvida, um vestígio militar da época do manípulo. Segundo autores como Arriano e Vegécio, esta couraça apenas se usava na perna direita, já que a esquerda ficava protegida pelo escudo.) As *caligas* ou sandálias de correia, de solas fortes e cravejadas, envolviam os tornozelos e o dorso dos pés, completando o uniforme de campanha.

Durante breves instantes, reclinado displicentemente no gonzo da porta e tamborilando com os dedos no interior de uma escudela de madeira, me “repassou” dos pés à cabeça. Concluído o exame, se foi aproximando lentamente

e com um ar cansado. Ao chegar junto a mim baixou os olhos brincando com os girões do manto e da túnica. Tirou uma tâmara do fundo da tigela e, com um sorriso malicioso, levou-a à boca. As negras cáries que devastavam os poucos dentes que ainda lhe restavam eram um exato reflexo dos seus pensamentos. Mastigou o fruto parcimoniosamente e, diante da expectativa de seus homens, cuspiu o caroço entre minhas sandálias.

Não pestanejei. Com idêntica frieza sustentei seu olhar desafiador e estendi-lhe o salvo-conduto.

Minha firmeza fê-lo hesitar. E com um safanão arrebatou-me o rolo.

– E por que desejas ver Cívili? – perguntou por fim, ao devolver-me o documento.

Era preciso arriscar. E admitindo que a patrulha de vigilância no sepulcro já havia regressado à fortaleza e que a notícia da estranha desapareição do corpo do crucificado era mais que conhecida pelo *optio*, anunciei-lhe que “havia ocorrido algo especial”.

– Especial? – ajuntou com curiosidade. – Onde?

– No túmulo situado na propriedade de José, o membro do Sinédrio, e que, como sabes, era vigiado por levitas e homens desta guarnição.

O *optio* franziu o cenho.

– Que sabes desse assunto?

Movendo a cabeça, fiz-lhe ver que só falaria disso em presença de Cívili ou do procurador.

– Sabes que eu poderia apaleiar-te por isso? Quem és tu, miserável andrajoso, para pretendes molestar o governador de toda a Judéia?

Apanhou uma segunda tâmara e, antes que eu tivesse tempo para responder-lhe, formulou uma terceira pergunta:

– Não terás sido um dos ladrões?...

Sem querer acabava de confirmar minha suposição: os dez legionários que integravam a escolta de vigilância no sepulcro deviam ter voltado. Sem dúvida, uma vez recuperados de sua passageira inconsciência, e comprovado que a tumba se achava vazia, haviam optado por regressar à fortaleza para dar parte do ocorrido. Mas por que havia mencionado o termo “ladrões”?

Decidido a encerrar o estéril diálogo, disselhe com severidade:

– Cuidado com tuas maneiras! Pôncio está a par de minha recente estada na Ilha de Capri, junto ao divino Tibério... E duvido que eles aprovelem que se apaleie um astrólogo a serviço do “velhinho”.

O nome de César foi decisivo. O *optio*, atônito, engoliu a tâmara e, entre os sarcásticos cochichos da tropa, deu ordens para que Cívili fosse informado de minha presença no lugar.

Em dez minutos, ante o assombro de todos os presentes, o próprio comandante-em-chefe aparecia no alto do terraço e descia apressadamente as escadarias. Atrás, com evidente dificuldade para o seguir, distingi outro centurião e o infante que levava a mensagem.

Adiantei-me e, cruzando o pátio, fui ao encontro do salvador *primipilus*.

Civílis, ao ver-me, sorriu-me. Ostentava sua habitual cota de malha e um fulgurante capacete prateado, rematado por uma *crista* ou cimeira transversal sobre a qual se destacava um penacho semicircular de plumas vermelhas. Suas longas passadas faziam flutuar a capa granadina, que ele mantinha segura elegantemente com a mão esquerda. Com a direita sustentava o emblema do centurionato e símbolo, por outro lado, da disciplina do Exército romano: a *uitis* ou ramo de videira, tão temida entre os soldados.

Ao chegar diante de mim, sem deixar o seu sorriso, ergueu o braço, saudando-me:

– Salve, Jasão!... Mas que te sucedeu?

Satisfeito pelo encontro com o leal e eficiente chefe dos centuriões, correspon-di-lhe com idênticas demonstrações de afeto. E, enquanto iniciávamos um curto passeio, ante o desconcertado olhar do suboficial e de seus infantes, fui improvisando.

Eu não via Civílis desde a manhã de sexta-feira e, como pude, resumi para ele minhas andanças durante aquelas 72 horas.

Em parte fui sincero. Conte-i-lhe como, depois de ouvir repetidas vezes a estranha história que circulava por Jerusalém sobre a possível ressurreição do rabi da Galiléia, minha curiosidade de “áugure” me havia impelido a esconder-me nas proximidades da tumba; e como, ali pelas 3 da madrugada, havia sido testemunha de um inédito e impressionante fenômeno luminoso que, brotando da entrada da cova sepulcral, se propagara até as árvores próximas, atirando por terra os bravos legionários que montavam a guarda. Os oficiais ouviam-me com a maior atenção.

– Depois – prossegui, aparentando grande desalento –, do mesmo modo que teus homens, também me vi surpreendido por uma força maléfica e caí sem sentidos. Quando os deuses permitiram que eu voltasse a mim, o túmulo estava vazio... E o medo fez-me correr e vagar sem rumo. Sei que algo sobrenatural, obra dos deuses, aconteceu nesse horto... E, ao alvorecer, com o espírito mais sereno, tomei a decisão de correr à fortaleza e relatar-te tudo que vi e ouvi.

O comandante deteve-se. Levou a mão esquerda ao punho da espada e, com um gesto grave, perguntou-me:

– E por que a mim? Sabes que não creio nessas mentiras...

Sentime atrapalhado. Mas Eliseu, atento, sempre na minha escuta no

módulo, ofereceu-me um argumento que não podia ser melhor. E o expus a Cívilis.

– É muito simples. Em minhas caminhadas pelas ruas da cidade – menti-lhe –, tenho tido ocasião de ouvir uma versão que, alimentada por essas ratazanas do Sinédrio, começou a circular por Jerusalém. Caifás e seus sequazes lançaram o rumor de que seus levitas e teus legionários dormiram e que, aproveitando essa circunstância, os discípulos do Galileu roubaram o corpo...

O comandante assentiu com a cabeça.

– ... Eu, como te disse, fui testemunha privilegiada do ocorrido e vi que os guardas do Templo, de fato, fugiram como covardes. Mas não a patrulha romana. Foram os deuses que renderam teus bravos soldados.

Dessa vez Cívilis não replicou à minha calorosa exposição. Aquele mutismo levou-me a supor que de fato o centurião estava a par dos acontecimentos. Então, após uns segundos de reflexão, interrogou-me de novo:

– Estarias disposto a repetir tudo isso diante do procurador?

Aquela inesperada oportunidade de voltar a entrevistar-me com Pôncio deixou-me perplexo. Não fazia parte dos nossos planos. Entretanto, entendendo que poderia ser altamente benéfica, apressei-me a aceitar e aguicei a curiosidade de Cívilis com uma sentença que – estava seguro – avivaria a superstição do governador.

– Pôncio precisa saber, além disso, que o milagre do sepulcro é apenas o princípio...

Fiz uma estudada pausa.

– ... de outros não menos prodigiosos fenômenos.

– A que te referes?

Enquanto improvisava, uma idéia havia germinado em meu cérebro. E propus-me a utilizá-la.

Sorri e, colocando a mão esquerda no ombro do meu amigo, roguei-lhe que não me perguntasse.

– Agora devo fazer decente meu aspecto e meditar... Amanhã, se o procurador achar oportuno, terei o maior prazer em fazer-vos partícipes do que li nos astros.

Cívilis golpeou sua perna com a vara de videira e, encerrando o assunto, propôs-me a hora *terça* (9 da manhã) do dia seguinte para a reunião.

Quando, por fim, deixei para trás o fosso e o parapeito da Antônia, meu irmão reativou a conexão auditiva e quis saber detalhes da minha captura e, sobretudo, da maquinação concebida no pátio da fortaleza. Meu “plano”, como supunha, só contribuíra para duplicar sua inquietação...

Sentime abatido. Os cronômetros do módulo, devorando dígitos, aproximavam-se das 6h30 da manhã. Eram decorridas 5 horas, 16 minutos e 49 segundos desde a tomada de contato no monte das Oliveiras... e estávamos no marco zero! Levávamos, ou, para ser mais preciso, eu levava mais de 180 minutos de atraso sobre o plano do Cavalo de Tróia. A uma centena de passos da bifurcação para Cesaréia e Samaria – com a muralha gris azulada da Antônia à minha esquerda – hesitei:

“Que adiantaria dirigir-me ao horto de José? O mais provável era que se achasse deserto. Não seria mais prudente seguir o planejado e entrar na Cidade Santa, à procura dos apóstolos e das mulheres? Estas, sim, estariam em condições de relatar-me o acontecimento”.

Estive a ponto de confiar tais indecisões a Eliseu. Mas, não querendo perturbar mais sua solidão, guardei silêncio. Se minhas suposições estivessem corretas, fazia uma hora – quem sabe mais – que os legionários haviam abandonado o horto. Pela lógica, as mulheres deveriam ter chegado ao sepulcro depois disso. Em suma, ao mesmo tempo que a guarda – constatado o desaparecimento do corpo que deviam guardar – tomava a decisão de retomar ao quartel-general. Com os dez romanos no jardim, as amigas do Mestre não se teriam atrevido a traspasar a cerca da propriedade.

“Que fazer?”

E voltei a experimentar um curioso fenômeno. Enquanto minha lógica e meu senso comum ditavam-me o caminho de Jerusalém, outra força que não sei explicar e que a cada dia se faz menos sutil, arrastava-me para o sepulcro.

“Que podia eu encontrar ali?”

Como um autômato, deixei o caminho às minhas costas e penetrei em uma pradaria que subia para o norte e ia morrer nos cimos dos promontórios que, em cadeia, circundavam Jerusalém do Gareb ao Cedron. E propus-me averiguar por que aquela tumba exercia semelhante atração sobre meu atormentado espírito.

Diante de mim, desde os 800 metros de altitude do Gareb a oeste – até os 735 metros de Beza’tha – à minha direita aquela suave sucessão de colinas achava-se ocupada por pequenos e médios hortos, repletos de figueiras, ciprestes de perfumada madeira, zimbros de até 20 metros de altura, terebintos compactos e exuberantes, de folhas muito parecidas às de noqueira e de penetrante fragrância e, enfim, de abundantes e seletos pomares. Ante semelhante pomar, compreendi as sérias dificuldades de Tito quando, 36 anos mais tarde, ao sitiar Jerusalém, avançou com seu Exército desde o monte Scopus, um pouco mais ao norte de onde me encontrava.

Se eu continuasse pelo caminho inicial, tomando, diante da Porta dos Peixes, o desvio que levava a Samaria, talvez meus problemas se houvessem

multiplicado. Meu aspecto era penoso e chamativo, e muito provavelmente haveria despertado a curiosidade dos comerciantes, camponeses e pastores que, muito antes daquela “aurora de dedos rosados” – como havia cantado Homero –, tangiam seus jumentos e rebanhos em direção ao grande mercado do bairro alto da cidade: o *sûq ha-‘elyon*. (Muitas das hortaliças, grãos e outros produtos do campo procediam naqueles tempos de Samaria e da planície que fazia fronteira com a Iduméia.)

Contemplada da muralha norte de Jerusalém, seja da Porta dos Peixes, seja dos muros da Antônia, a propriedade de José situava-se à direita da rota norte – a de Samaria –, derramando-se para o leste e terminando em uma ribanceira, fronteira às colinas de Beza’tha. Era um autêntico prodígio que os israelitas houvessem conquistado aqueles solos calcários e pedregosos e transformado cada palmo de terra útil em uma bênção. Apesar disso, as brancas calvas pétreas despontavam aqui e ali, entre os maciços de árvores e sementeiras. Meu objetivo era precisamente uma daquelas formações rochosas. Atraído por aquela força irresistível de que falei, aventurei-me pela verdejante pradaria. A tépida primavera e as chuvas de março haviam feito crescer a erva, salpicando-a de gladiolos silvestres e das pequenas flores “do vento” – as anêmonas – com suas campainhas de cor violeta púrpura.

O orvalho do alvorecer não tardou a umedecer minhas sandálias, e dezenas de gotículas de água foram ficando presas entre os pêlos e a “pele de serpente” de minhas pernas.

Ainda que houvesse tomado alguns referenciais em minha primeira visita ao horto de José de Arimatéia – durante o triste traslado do corpo sem vida do rabi –, assim que transpus o curto prado deu-se o que eu temia: um labirinto de cercas, serpenteantes veredas e altas sebes de artemísias amargas retardaram minha marcha. Guiando-me pelas quatro torres da Antônia (sempre às minhas costas), o brilho avermelhado do novo Sol (pela minha direita) e os esporádicos balidos do gado que descia pelo caminho de Samaria (à minha esquerda), fui penetrando entre os hortos com a esperança de topar, de um momento para outro, com a cerca de estacas brancas que fechava a propriedade de José. E, de súbito, à minha esquerda, ouvi um típico saudar judeu:

– *Schalom alekh hem!*...

Aquele “a paz esteja contigo” procedia de um madrugador camponês que, ao ver-me passar diante de seu campo, destacou-se por trás de um magnífico sicômoro. Levava o *chaluk* ou túnica enrolada na cintura, mostrando umas pernas peludas e famélicas. Carregava ao ombro direito uma pele de cabra inflada.

– Saúde! – apressei-me a responder, adotando um tom cordial. – Busco o

horto de José, o de Arimatéia...

Ao perceber meu acento estrangeiro, o judeu franziu o rosto, manifestando contrariedade. E, resmungando algumas pragas – entre as quais cheguei a distinguir um “maldita seja tua mãe!” –, deu-me as costas e continuou na sua singular irrigação da terra. Vi então que do rústico odre de pele de cabra um jorro avermelhado precipitava-se sobre os sulcos. Era sangue. Não se tratava, portanto, de uma rega propriamente dita, mas de um fertilizante. Boa parte do sangue que corria nos pátios do Templo durante os sacrifícios rituais de animais era aproveitada pela casta sacerdotal e vendida aos agricultores. A esplanada do Santuário, perfeitamente pavimentada e em declive, havia sido provida de uma rede de canaletas por onde se recolhiam os milhares de litros de sangue de bois, cordeiros *etc.* O sangue era depois armazenado em cisternas subterrâneas, enquanto as sobras perdiam-se na corrente do Cedron, conduzidas por um canal de desaguamento. Esta era a explicação para a misteriosa “água vermelha” que havíamos detectado do módulo em nossa primeira exploração na Cidade Santa.

Não muito contrariado pelo desprazer do horticultor – afinal de contas, aquelas saudações jamais eram dirigidas aos estrangeiros –, prossegui no meu lento avanço. Ao referir-lhe o incidente e o curioso sistema de adubação, Eliseu, após consultar o Papai Noel, deu-me amplos detalhes sobre esse particular.¹¹⁶

Em poucos minutos, entre a ramagem das amendoeiras ou “espreitadores” (*saqed*) – como os judeus chamavam estes precoces anunciadores da primavera –, pensei ter distinguido, semi-ocultas pelas alvas flores, as estacas pontiagudas, de 1 metro de altura, do ansiado horto. Corri para elas. Meu coração bateu fortemente ao descobrir, de fato, ao longe, como uma branca confirmação entre o escuro verdor de ameixeiras, macieiras e romãzeiras, a casinha na qual, sem dúvida, morava o corpulento jardineiro que havia ajudado José ao entardecer da sexta-feira.

E, tomando por referência o Sol, caminhei para a minha direita sem afastar-me da cerca. Não tardei a encontrar a cancela de entrada. A porta de tábuas achava-se aberta. Misteriosamente aberta...

Dessa vez comuniquei ao “berço” minhas intenções. Dispunha-me a aventurar-me pelo interior do silencioso horto. Talvez este seja outro conceito não muito bem interpretado pelos cristãos. Ao ler-se os textos evangélicos tem-se a impressão de que o lugar onde foi sepultado o Mestre era um simples horto, com um sepulcro novo, como reza João. Na realidade, mais do que horto, a propriedade de José poderia ser qualificada como de plantio. E nada modesta, por certo. Todo um sítio de recreação, com dezenas de árvores frutíferas e hortaliças, uma casa rústica, um pombal e, certamente, como correspondia à sua

elevada posição, um panteão familiar. Mas sigamos com o que importa.

Como disse, não era normal que a cerca se achasse aberta de par em par. Aquilo fez-me suspeitar de que algo inusitado havia ocorrido – ou estava ocorrendo – na propriedade. Lentamente, com os cinco sentidos alertados ao máximo, fui entrando pelo estreito caminho que, nascendo na cerca, se perdia para o norte, ladeado por árvores frutíferas.

O silêncio era absoluto. Muito significativo...

Detive-me uma ou duas vezes, esperando ouvir algum som. Talvez os latidos ou as brincadeiras dos cachorros que guardavam a propriedade. Nada.

A meia centena de metros da entrada, a vereda dividia-se em duas. O ramal da esquerda, como tivera oportunidade de comprovar em minha anterior visita, corria junto à casa do horticultor, perdendo-se depois entre carregados pés de camoesas, uma variedade de maçã, e açoifeiras. Dessa vez a chaminé parecia apagada.

O da direita levava à cripta. A coisa de uns vinte passos, delicadamente ensombrada pelas árvores que a circundavam, distingui a clareira rochosa que se erguia pouco mais de metro e meio acima do nível do terreno. Estremeci.

“E se tudo houvesse sido um sonho? E se o Mestre não houvesse ressuscitado?”

Tão absurdos pensamentos ficaram praticamente desmontados quando, meio oculto entre os miúdos troncos das árvores frutíferas, compreendi que, de fato, as patrulhas judia e romana haviam desaparecido. O lógico era que, se não houvesse acontecido nada de anormal, continuassem ali, defronte das escadas e da rústica e estreita passagem que conduziam ao sepulcro.

Prudentemente, dediquei vários minutos a uma conscienciosa exploração dos arredores. Só o que descobri foram restos de comida, armas e alguns mantos, esparramados pelo terreno argiloso que rodeava a formação calcária. Não havia dúvida: levitas e legionários haviam abandonado o lugar. E os primeiros, a julgar pelo que fui encontrando, após uma vergonhosa fuga, ainda não haviam regressado.

Mais confiante, separei-me do pequeno bosque e aproximei-me cautelosamente dos restos da fogueira que havia iluminado e aquecido a guarda romana. As cinzas achavam-se tépidas. Soprei-as e alguns tições se reavivaram fugazmente. Era provável que a lenha se houvesse consumido havia pouco mais de meia hora...

De cócoras, dei uma esquiva olhada à passagem que levava ao sepulcro. E meu coração respondeu com força. Fiz um esforço e me contive. Primeiro devia examinar aqueles restos.

No trecho de terra que haviam ocupado os levitas ou guardas do Templo, a

desordem era total. Roupões amarelos pisoteados na precipitação; bastões e clavas – típicas dos servidores dos sumos sacerdotes betusianos e temidas por seus revestimentos de cravos – semi-enterrados na vermelha e esponjosa argila; um carcás de couro, cilíndrico, repleto de flechas de 50 centímetros de comprimento, e um duplo machado de combate, igualmente esquecida na fuga, constituíam o desolador cenário. Por último, tombada em consequência de algum golpe dos aterrorizados guardiões do Santuário, uma bojuda vasilha de barro conservava em seu interior parte da ceia: um espesso guisado à base de sêmola de trigo cozida, com abundantes pedaços de carneiro. E um pouco mais além, cuidadosamente envoltas em um pano de lã, várias rodela de pão de trigo e outra “coroa” ou fogaça de forma circular, meio começada. Ao pé de uma das árvores descobri também um odre de pele de cabra cuidadosamente curtida, fechado com uma cavilha de madeira. Pesava uns 10 *log* (pouco mais de 4 litros e meio) e, ao agitá-lo, deduzi que servia para armazenar água, talvez vinho. Verti parte do conteúdo, senti-lhe o cheiro e comprovei que se tratava da *schechar*, uma espécie de cerveja fraca elaborada à base de milho e cevada e com uma remota semelhança com a *cervisia* latina.

No setor ocupado pelos legionários, ao contrário, e com exceção das cinzas da fogueira, não encontrei um só sinal que indicasse um desonroso abandono do local. Os romanos, como já comentei em seu momento, conheciam muito bem que classe de penalidade os aguardava em caso de fuga ou deserção.¹¹⁷ Os levitas já não se achavam sujeitos a uma disciplina tão férrea. A esta nada desprezível circunstância temos de acrescentar que, sem nenhuma dúvida, os infantes do Exército romano eram homens física e psicologicamente melhor preparados para enfrentar o medo e os perigos do combate ou simplesmente de uma guarda noturna. Não têm sentido, pois, as afirmações do evangelista Mateus quando, em seu capítulo 28 (11-16) diz, textualmente: “Enquanto elas iam (refere-se às mulheres), alguns da guarda foram à cidade contar aos sumos sacerdotes tudo que se havia passado. Estes, reunidos com os anciãos, celebraram conselho e deram uma boa soma de dinheiro aos soldados, advertindo-os: ‘Dizei: seus discípulos vieram de noite e o roubaram enquanto nós dormíamos. E se a coisa chega ao ouvido do procurador nós o convenceremos e vos evitaremos complicações’. Eles tomaram o dinheiro e procederam de acordo com as instruções recebidas. E correu essa versão entre os judeus até o dia de hoje.”

Se Mateus se refere aos legionários romanos – coisa nada clara – comete ao menos dois erros. Primeiro: estes soldados estavam sujeitos às ordens e à disciplina do Exército romano e não à autoridade dos sumos sacerdotes judeus. Por que então recorrer a Caifás e a seus sequazes no Sinédrio? Se falassem, o teriam feito a seus comandantes naturais: o *optio* ou o centurião correspondente.

Segundo: esses infantes – veteranos em sua maioria – conheciam o preço a pagar por seu abandono do serviço ou, o que vinha a ser o mesmo, por dormirem em plena *uigiliae* e, cúmulo dos cúmulos, ser roubados e burlados... As palavras do evangelista nesse sentido não são muito sensatas. É preciso ser ingênuo para crer que os romanos – que odiavam os israelitas – podiam aceitar semelhante trato. Não esqueçamos que uma notícia daquela índole – a suposta ressurreição do crucificado – era impossível de ocultar. E muito menos ao procurador. Desde o sábado, 8 de abril, Jerusalém só falava na profecia do rabi da Galiléia, sua ressurreição. Milhares de peregrinos e vizinhos da Cidade Santa só pensavam nesse “terceiro dia”, quer dizer, domingo. Se os soldados da Antônia houvessem aceitado o suborno, quanto haveria durado a satisfação pelo dinheiro recebido? E mais: de que lhes houvera servido se o castigo imediato e inapelável era a morte? Os legionários podiam ser ambiciosos ou corruptos, mas não tão estúpidos...

Pessoalmente, creio que o evangelista referia-se à guarda do Templo: aos levitas, não aos infantes romanos. Aqueles, sim, deviam obediência aos sumos sacerdotes, seus chefes. E tanto uns quanto outros eram muito capazes de propor e aceitar esse tipo de suborno.

Que terá ocorrido, então, com o texto de Mateus? Equivocou-se o escritor sagrado? Foi deformada ou mal interpretada a versão aramaica? Por que o resto dos evangelistas tampouco faz menção a esse espinhoso assunto?

Mas voltemos àquela manhã de domingo, 9 de abril do ano 30...

Conforme fui-me aproximando da escada que conduzia à estreita passagem, “ante-sala” da tumba, fui ficando tenso. Minha respiração agitou-se e os velhos calafrios apareceram, incontidos. Durante alguns minutos – quem sabe quantos? – permaneci imóvel e hipnotizado ante aquela abertura quadrangular, parcialmente tampada pela tosca e pesada roda de moinho que servia de fechadura. Nesse momento, presa de uma angústia e umas dúvidas inenarráveis, não me dei conta de um muito interessante “detalhe” relacionado com a lápide circular. Meu espírito racional e científico continuava dominando. Apesar de haver vivido com o Mestre, apesar do inegável poder daquele Homem, apesar de sua misteriosa e atraente natureza, apesar de tudo... eu continuava a duvidar.

“Não é possível” – repetia-me uma e outra vez. – “Não é possível que um cadáver, após 36 horas...”

Uns familiares saquinhos de serrapilheira, cuidadosamente depositados sobre o último dos degraus, vieram resgatar-me de tanta e tão profunda incerteza. Eram os utilizados por José e Nicodemos durante os agitados minutos que precederam o fechamento do sepulcro. E recordei como as mulheres, já de regresso a Jerusalém, se haviam encarregado das 100 libras de aloés e mirra com que se propunham rematar, ao fim do sábado, a precipitada lavagem e o

embalsamamento de Jesus.

Desci a escada e, inclinando-me sobre o saco maior, examinei-o. Estava fechado. Pareceu-me reconhecê-lo. Tratava-se dos 15 ou 20 quilos de pó granulado, de cor amarelo-ouro e sumamente aromático. Devia ser o aloé. A seu lado, um pano escondia o mesmo e campanudo jarro de cobre que eu havia visto os amigos do rabi manipular no sepulcro. Achava-se meticulosamente lacrado com um tampão de tela. Deduzi que estava diante daquela substância pastosa, uma resina gomosa, que identifiquei como mirra.

Em um terceiro envoltório, firmemente atado, descobri ao tato um segundo recipiente de metal. Agitei-o e ouvi ruído de líquido. Talvez uma vasilha destinada ao asseio do corpo.

Por último, em um cesto de vime de regular tamanho, apareceram vários rolos de tela, uma rígida e enegrecida esponja, um frasquinho de vidro com um líquido cor de conhaque, possivelmente nardo, e uma bolsa de couro de uns 20 centímetros, delicadamente fechada com um passador ou fivela de bronze em forma de arco. A curiosidade venceu-me. Apalpei seu interior e percebi alguma coisa dura e alongada. Desenganchei o alfinete de segurança e, excitado, extraí seu conteúdo. Era uma chave! Uma daquelas curiosas chaves utilizadas pelos judeus para as portas e arcas. Dispunha de um cabo de madeira e um corpo em bronze, dobrado em forma de “L”, com cinco dentes, longos e paralelos, na extremidade.

Não pude deixar de sorrir. Aquele símbolo, depositado sobre um defunto, representava seu celibato. Às vezes, em lugar de uma chave, deixavam uma pena. E se se tratasse de uma noiva tinha ela direito, assim dizia a lei, a um pálido.

A delicadeza das mulheres para com seu querido rabi comoveu-me.

Já não havia dúvida. As fiéis seguidoras do Mestre haviam estado ali. Transmitem ao módulo minhas descobertas, acrescentando que os sacos pareciam abandonados. Obviamente não haviam sido utilizados. Mas, por quê? Que estranho acontecimento havia impelido as israelitas a suspender a lavagem e o embalsamamento do Crucificado?

A resposta, eu o sabia, só podia estar ali: no fundo da cova sepulcral.

Pus-me em pé e, sentindo que minhas pernas fraquejavam, dirigi o olhar para a “boca” da cripta...

Por que duvidava? Não podia compreendê-lo. Eu havia visto o sepulcro vazio... Entretanto, ainda meu espírito racional e científico resistia a admitir sua volta à vida. Apesar de o haver conhecido, de sua irresistível personalidade, de seu poder e de suas próprias palavras, anunciando sua ressurreição, apesar de tudo isso continuava duvidando...

“Não é possível” – repetia-me obstinadamente. – “Não é possível.”

Mas, passo a passo, fui vencendo os 2,20 metros que separavam aquele último degrau da fachada do panteão.

A claridade da manhã morria obliquamente no interior, a dois palmos do umbral daquela boca quadrangular de 90 centímetros de largura. Senti a falta de uma tocha. E o medo voltou a assaltar-me. Entrava? Não entrava?

“É preciso” – dizia-me a mim mesmo. – “Tenho de estar seguro. Preciso comprovar uma vez mais...”

Obcecado por esta idéia, dei-me conta, só então, da falta dos selos do procurador. Depois que fui surpreendido com o deslocamento das pedras que fechavam a tumba, haviam ficado esparsos pelo chão, na estreita passagem.

Apoiei a “vara de Moisés” contra a rocha, enchi os pulmões, pus-me de cócoras e lancei uma temerosa olhada para o fundo da cripta. As trevas, porém, impossibilitaram qualquer observação. Não havia alternativa. Tinha de entrar. Fechei os olhos e, obrigando meus músculos a obedecer, introduzi-me bruscamente.

O pavor – mais do que medo – secou-me a garganta. Abri os olhos e, durante alguns segundos, permaneci na mesma posição: de joelhos sobre o áspero e rochoso piso, esforçando-me por dominar os nervos e por distinguir algo naquela câmara de 3 metros de largura por 1,70 de altura. Precisei de vários minutos, intermináveis como séculos, para adivinhar as formas das coisas no meio de tanto entulho e de uma escuridão absoluta.

Fazia frio ou o terror gelara meu sangue nas veias?

Lentamente, com a remota esperança de que meus dedos tropeçassem no corpo do Mestre, estendi os braços. Se não me falhava a memória, o banco escavado na pedra achava-se a pouco mais de meio metro do chão.

Entre tremores meus dedos chocaram-se com a parede e uma convulsão dolorosa tomou-me as entranhas.

Tateei o muro. Fui erguendo as mãos e logo percebi a borda. Detive-me.

“Um pouco mais!...”

E num ímpeto comecei a tatear na escuridão.

“Deus meu!”

Só encontrei o vazio. Um espesso e revelador vazio. Vasculhei o espaço com as mãos, à direita e à esquerda, no vão intento de apalpar o corpo. Nada. E, ao colocar as mãos sobre a plataforma rochosa, uma nova e intensa câibra sacudiu-me até a medula. Identifiquei o lençol de linho. Parecia conservar a mesma posição de poucas horas antes.

Levantei-me, inclinei-me sobre a mortalha e passei a explorá-la. Na cabeceira, sob o lenço, percebi uma forma dura, rígida e ovalada.

“Não pode ser!”

Com toda a delicadeza de que fui capaz ergui a parte superior do lençol, para confirmar minha suposição. Mas o negror era tal que a tentativa foi inútil. Decidido, entretanto, a sair das dúvidas, deslizei a mão direita entre as duas metades do lenço até tocar o objeto.

“Incrível!”

Com efeito, tratava-se do xale que Nicodemos havia torcido e atado em torno da cabeça de Jesus, para levantar o maxilar inferior e evitar a queda da boca.

– Deus do céu! – exclamei sem poder conter minha admiração –, como é possível?

A desconcertante desapareição do corpo não havia alterado a primitiva posição do xale, que continuava no mesmo lugar e “envolvendo” uma cabeça inexistente...

A razão e o senso comum chocavam-se com os fatos. E durante mais de um minuto continuei ali, cheio de dúvidas.

“Se o corpo havia sido roubado” – lutava por racionalizar a questão – “por que os panos estavam como se ninguém houvesse tocado o rabi?”

O normal haveria sido que, ao ser o corpo manipulado, o lençol que o envolvia caísse ao solo. Ou então levado junto com ele. O transporte teria sido até mais cômodo, com a utilização do longo sudário.

Tive de render-me à evidência. Conquanto saiba que não há nisso a menor consistência científica, aquele corpo parecia haver-se “esfumado” ou “evaporado”. Só assim podia entender-se que o linho que repousava sobre sua parte frontal se houvesse “desinflado” e caído suavemente sobre a parte dorsal.

Emocionado, deixei-me levar por outro e irresistível impulso antes de abandonar o lugar. Aproximei meus lábios do sudário e depus nele um cáldo beijo. E nesse instante captei algo novo: um penetrante e, de certo modo, familiar odor. Mas não soube identificá-lo.

Lancei um último olhar à cripta e rapidamente retomei à radiante claridade exterior.

Minha habitual lentidão e a estreiteza da abertura do sepulcro valeram-me, ao sair, um forte baque no ombro direito. Minha intenção era regressar a Jerusalém e localizar as mulheres. Teria de restabelecer o acontecido na propriedade de José durante os minutos que precederam o amanhecer. Mas aquela topada com a mó foi providencial. Recuperei a “vara” e, enquanto apalpava o dolorido ombro, reparei em outro singular detalhe. Ao contrário da segunda pedra – a que servia habitualmente para tapar o poço e que fora colocada pelos guardas junto à lápide circular para reforçar o fechamento do

túmulo – a mó de moinho não se achava caída no caminho. Havia rolado para a esquerda, seguindo o álveo da canaleta de 20 centímetros de profundidade e 30 de largura que corria ao pé e por toda a extensão da fechada.

“Como pode ser?”

Nem os soldados nem eu mesmo havíamos visto sair ninguém da tumba. Imaginar que alguém, do interior, tivesse podido remover aqueles 700 quilos ou mais certamente era pouco verossímil. O fato é que a mole circular de 1 metro de diâmetro havia sido deslocada, deixando a abertura praticamente livre. Só uma parte dela, uns 30 centímetros, continuava obstruída pela borda direita da mó. Naturalmente, aquele vão era suficiente para permitir a passagem de uma pessoa...

Mas, contrariamente ao que a equipe do Cavalo de Tróia havia suposto, o movimento das pedras, a julgar pelo que eu tinha diante dos olhos, não podia dever-se a uma “explosão” no interior da cova. Era certo que eu havia visto brotar uma labareda de “luz” que se propagara até as árvores mais próximas. Aquela língua de um branco azulado não fora, todavia, acompanhada de detonação alguma. Além disso, tinha sido posterior à abertura da tumba. Se se houvesse registrado uma onda expansiva, a lápide principal ter-se-ia deslocado e quebrado pela base.

Examinei a pedra e não encontrei vestígio algum da hipotética explosão. Estava claro que “algo” ou “alguém”, de uma força mais do que respeitável, a havia feito rolar. O mistério, longe de aclarar-se, enredava-se de minuto a minuto.

Subi a escada e quando me encontrava no alto voltei-me para o sepulcro. Era estranho, muito estranho, que aquela “labareda luminosa” não houvesse chamuscado os degraus ou as paredes do fosso. Medi visualmente a distância, em linha reta, desde a boca da cova até o ponto em que me encontrava. Não chegava a 3 metros. Em seguida, guiado pela intuição, dei uma volta e coloquei-me de frente para as árvores frutíferas que estavam a pouco mais de 4 metros. A “língua” se havia prolongado – seguindo uma natural via de escape – em sentido oblíquo e até as ramagens das árvores. No total, uns 7 metros.

Caminei até a base de um corpulento sicômoro que, de acordo com a trajetória da radiação, deveria ter sido o mais afetado. Eu estava certo. Parte da ramagem e um bom número de bagos apresentavam um aspecto diferente. A ramaria estava ressecada e acinzentada, como se uma súbita onda de calor a houvesse calcinado. Quebrei uma pequena amostra e apanhei alguns figos. Ao cheirá-los tive a mesma sensação que tive ao beijar o sudário. As bagas, sobretudo, me surpreenderam. Estavam consumidas e duras como fósseis. Rodeei o belo exemplar, mas não pude descobrir nenhum outro sinal de

ressecamento. O sicômoro apresentava um florescimento normal. Talvez um meticuloso exame no “berço” pudesse trazer luz sobre o enigma. Depois de guardar na bolsa um par de bagos, várias folhas e duas ou três pequenas porções de um dos ramos, dirigi-me para a saída, disposto a procurar as mulheres. Estava certo de que elas podiam ajudar-me.

Eram 7h30.

Vista dos suaves promontórios do norte, Jerusalém apresentava-se ao caminhante como “um cervo deitado nas colinas”. A luz da manhã branqueava suas muralhas, tingindo de vermelho e amarelo o calcário de suas bizarras vivendas que galgavam por ambas as encostas do vale do Tiropeon. Nos grandes bairros, o do noroeste e o de Akra ou *sûq ha-tajtôn*, elevavam-se, já, preguiçosas, finas colunas de fumaça cinzenta. A vida despertava pujante e livre. Entre o quadrado ocre daqueles milhares de casinholos, e envoltos em outras tantas e móveis sombras, os palácios dos Asmoneus, de Herodes e dos sumos sacerdotes, com suas torres de agulhas douradas e seus brancos terraços. Mais além, no oeste, o peregrino podia distinguir o perfil quebrado da muralha abraçando a cidade e correndo, desafiador, até o topo do cerro do Gareb.

Uma onda de formigamento foi-me invadindo à medida que eu me aproximava da movimentada Porta dos Peixes, no muro norte. Desde as primeiras horas, o trânsito de homens, bestas e carros era incessante.

Lancei um olhar à minha comprometedora aparência e, com uma ponta de receio, aferrando-me com força à “vara”, caí naquela maré de comerciantes, horticultores, pastores, peregrinos de mil terras e rebanhos de monótonos balidos.

Trabalhadores tão andrajosos como eu, trazendo toda sorte de ferramentas agrícolas, saíam, em bando ou solitários, rumo aos hortos e pastagens.

Às portas da cidade, aleijados, mendigos e malandros alongavam seus famélicos braços à passagem dos viandantes, fazendo soar um ou outro *lepton* no fundo de suas escudelas e apregoando suas misérias entre gemidos ou rogando a benevolência e a caridade.

Vários comerciantes de Alexandria, ostentando luxuosas vestes de linho, contemplavam, extasiados, a resplandecente e altiva cúpula do Templo, provocando comentários de admiração entre os judeus menos favorecidos pela fortuna. E, entre semelhante barafunda, centenas de peregrinos, entrando e saindo do recinto amuralhado, esquivando-se mutuamente ou desculpando-se com exagerados e intermináveis gestos quando tropeçavam entre si. Havia os de todas as latitudes: hebreus da Babilônia de mantos negros até as sandálias; persas de reluzentes sedas recamadas de ouro e prata; judeus das mesetas da Anatólia

com suas típicas e grandes saias ou túnicas de pêlo de cabra; e fenícios de calções multicoloridos...

Ao cruzar o arco da Porta dos Peixes, um penetrante odor de pescado recordou-me que aquele era o ponto habitual dos tírios. À sombra da muralha, uma dezena de fenícios, todos pagãos, convidava a clientela a provar as excelências das “recentes pescas do lago de Genesaré e da vizinha costa de Tiro”. Ao dar uma olhada nas carroças pude distinguir alguns belos exemplares de percas, salmões, *timalos* e lúcios, protegidos entre folhas de samambaias e grosso sal diamantino. Astutamente, punham à vista os exemplares considerados “puros”. Os que a Lei de Moisés considerava “impuros” – todos os que não tinham escamas ou barbatanas eram escondidos sob as carroças. Após doze ou quinze horas desde sua possível saída do litoral mediterrâneo, até que a mercadoria não parecia excessivamente deteriorada. A neve, ainda que conhecida e utilizada, já, como meio de conservação dos alimentos, era ainda artigo de luxo, acessível tão somente às mesas de imperadores ou grandes magnatas.

Quando recusei a oferta de um dos vendedores, um tírio, dando-me uma piscadela ao captar meu acento estrangeiro, apanhou um cesto oculto sob o improvisado posto e, em tom de cumplicidade, disse-me que suas “arraias, lampréias, lagostas, enguias e siluros não tinham por que invejar os peixes ‘puros’”.

Correspondi-lhe com um sorriso e, desejando-lhe “saúde”, afastei-me daquele empestado e enlouquecedor ambiente. Curiosamente, a maior parte dos “clientes” era composta de homens, judeus de abundantes barbas e bigodes raspados, ataviados com seus clássicos roupões de listras verticais vermelhas e azuis e trazendo na mão esquerda diferentes cabazes de palha, nos quais iam depositando as iguarias.

Aos tropeções fui abrindo passagem para o sul, em busca da muralha que separava aquele setor noroeste do não menos concorrido bairro ou cidade baixa. (Como narra Josefo em *A Guerra dos Judeus*, V, 42, 143, esta muralha, conhecida como “a primeira”, “partia do flanco norte, onde está a torre Hípico, estendia-se até o Xisto, continuando logo até a Cúria e terminando no pórtico ocidental do Templo.”)

As vielas de Jerusalém, com sua infernal desordem, foram sempre um tormento. E as que confluíam no grande mercado do bairro alto – o *sûq ha-‘elyon* – não o eram menos. As casas e oficinas de adobe, encostadas umas às outras e estas sobre aquelas, fundidas em um labirinto de sombras, passagens sem saída e centenas de degraus umedecidos e empestados pelas urinas da criança e das bestas de carga, representavam um sério problema para quem

precisasse orientar-se. Embora pareça exagero, foram os ruídos e odores, característicos de cada a zona da cidade, que me ajudaram a saber onde demônios me encontrava.

Naquele momento, por exemplo, o ruído chocho e monótono dos pisoeiros lavando, impermeabilizando e convertendo em feltro a pelúcia da lã e os tecidos procedentes dos teares, recordou-me que me achava no bairro alto, o setor pagão por excelência, onde, segundo os doutores da Lei, o “cuspe daqueles pisoeiros era tido por impuro”.

À medida que fui descendo, com cautela para não escorregar nos desgastados paralelepípedos – em Jerusalém era impossível caminhar mais de quinze minutos seguidos sem descer ou subir escadas –, o inconfundível e ritmado golpear dos caldeireiros foi eclipsando a atividade dos pisoeiros.

De quando em quando via-me forçado a andar junto às paredes para dar passagem a algum dos numerosos e dóceis asnos “mascate”, de longas orelhas e grande estatura, de um pêlo quase branco e tangidos sem piedade por crianças, adultos e velhos. Aqueles sofridos animais, carregados com ensebadas e gotejantes canastras em que se balançavam bojudas ânforas de azeite ou vinho, eram tão abundantes na Cidade Santa e em toda a Palestina que seus excrementos, pisoteados pelo constante ir e vir das pessoas, formavam um todo com a pavimentação das ruas. Na realidade, só algumas praças e as poucas artérias principais, como as duas ruas de colunatas de ambos os mercados, por exemplo, eram varridas diariamente pelos coletores de lixo e vassoureiros “oficiais”. (R. Shemaya bar Zeera escreve que as ruas de Jerusalém eram varridas todos os dias. E era certo. Mas a limpeza limitava-se a uma mínima parte do solo urbano.)

Às portas das tenebrosas casas, mulheres de enormes mantos verdes, marrons e de outras cores, indefinidas de tanta sujeira, lidavam com suas panelas de barro cozido, enchendo o ar com o odor azedo da gordura quente e das especiarias e cobrindo o rosto à passagem dos homens. E entre as escadas e patamares daquela rede de ruelas pestilentas, dezenas de meninos de cabeças raspadas, olhos negros e profundos e pele fustigada por nuvens de moscas e crostas purulentas, tudo consequência da péssima higiene. A criançada, alheia a tanta miséria, enchia a manhã do primeiro dia da semana com seus gritos, saltos e jogos, sonhando aventuras com “leviatãs” ou pequenos crocodilos de madeira, passarinhos de tosca argila avermelhada, trepidantes matracas e umas pedras caneladas multicoloridas. Ainda que a escola estivesse instituída desde anos antes, muitos daqueles meninos e adolescentes eram instruídos por seus pais, quase basicamente na Torá, passando desde os cinco anos ao aprendizado do ofício do progenitor. Na maioria dos casos, suas vidas eram marcadas pela

profissão do pai. Espero poder falar mais adiante deste curioso capítulo da educação, exclusivamente dedicada aos filhos homens...

Por fim avistei a larga rua principal, com seu pórtico. Era a sede do mercado do bairro alto e ali o tumulto ultrapassava tudo que se pudesse imaginar.

Sob as colunas e sobre o lajeado central, toda sorte de vendedores empenhavam-se em suas tarefas, chamando a atenção dos possíveis compradores com seus guinchos, cânticos e estentóreos pregões. Os bufarinheiros ambulantes propunham trocas: túnicas purpúreas de Sidon, anéis e meias-luas de ouro, tapetes ou tecidos finos de *bysus* em troca de plantas medicinais, madeiras, frutas, mel ou, certamente, denários de prata...

Muitos daqueles artesãos – a Bíblia cita 25 ofícios – eram facilmente reconhecíveis por seus emblemas e distintivos. Os carpinteiros, por uma apana na orelha; os alfaiates, por uma grossa agulha de osso espetada na roupa; um trapo de cor distinguia os tintureiros.

Enquanto cruzava aquele “mercado”, esquivando-me de toda sorte de trastes velhos e as mais variadas “exposições” de sandálias de couro de vaca ou pele de camelo, objetos de bronze, mantos da Judéia, xales e túnicas dos hábeis tecelões galileus, artigos de olaria do Hebron, Maresa, Cef e Socob, redomas de vidro, marfim, refinado alabastro ou pedra calcária que continham ungüentos e perfumes, chamou-me a atenção o círculo ocupado pelos médicos. Naqueles tempos o conceito de médico era muito mais impreciso do que em nossos dias. Eram considerados artesãos, *’ûmanut*, e, como anuncia uma sentença do tratado rabínico *Qiddushin* (LXXXII, a), tão pessimamente valorizados como em todos os tempos. “O melhor dos médicos” – lamentava-se um dos rabis no citado *Qiddushin* – “está destinado à Geena!” Seus honorários, como sempre, oscilavam de acordo com a categoria. Havia os tão “notáveis” que jamais se ocupavam do povo, preferindo os presentes e boas pagas dos poderosos. Os “médicos das tripas”, por exemplo, eram os responsáveis pelo cuidado dos sacerdotes do Templo, quase sempre afetados por problemas intestinais por causa das excessivas dietas de carne. Outros, cujos preços eram muito baixos ou irrisórios, eram tidos por “inúteis”...

Ao perceber minha curiosidade, um dos “galenos” pôs-se em pé e, indicando minha desleixada barba, ofereceu-se para raspá-la por um asse. Como recusei, começou a apregoar o resto de suas habilidades: extração de algum dente? Circuncisão? Uma sangria? Uma beberagem?

Empenhado em servir-me em qualquer coisa, o homem convidou-me a visitar sua “botica”. A verdade é que suas explicações mostravam um profundo conhecimento das virtudes curativas das plantas. O hebreu invocou o *Livro de*

Salomão, fazendo-me ver que estava a par da detalhada lista de remédios ali consignada:

– Azeite, unções suavizantes. Mel para feridas abertas ou como remédio para angina...

– Sofres de antraz? Aqui tenho um prodigioso emplastro de figos... Ou preferes o vinho mesclado com aloé púrpura?

Mudo e sorridente, deixei-o continuar falando.

– Se tens filhos, dá-lhes esta avenca: acaba com as lombrigas num abrir e fechar de olhos...

O médico indicou então uma bateria de cestinhos de palha descolorida repletos das mais diversas ervas: alecrim, hissopo, centinódia, arruda, charamela de pastor ou bignônia...

– São excelentes contra as enfermidades do ventre... Também tenho “água de Dekarim”.

Ao perguntar-lhe sobre esse remédio, o judeu me disse que era extraído da raiz de certas palmeiras. Mas, zeloso de seus conhecimentos, rogou-me que relevasse sua parca explicação.

– Padeces de palpitações? Tenho o melhor!

E, pegando um cântaro de bico, animou-me a examiná-lo. Um odor horrível de leite coalhado fez-me franzir a face. O médico sorriu.

– É uma mistura de cevada molhada e leite de camela coalhado... Prova-o.

Neguei-me firmemente.

E o artesão-médico-curandeiro, insensível ao desânimo, prosseguiu na enumeração do gênero que tinha à vista:

– Cataplasmas de salmoura de peixe para o reumatismo? Alho ou raiz de parietária para dor de dentes? Sal ou levedura para as gengivas? Ou um tiquinho de mandrágora?

Piscou-me um olho, acrescentando que aquela solanácea, tão parecida com a beladona, podia estimular minha virilidade.

– Tens pai?

Nem me deixou responder.

– Este extrato de fígado é o indicado para curar a catarata... Também disponho de ventosas, colírios contra o rigor do Sol...

Esgotado seu repertório, concluiu mostrando-me uma afiada adaga.

– Se ainda não completaste os 40 anos, posso praticar-te uma benéfica sangria a cada trinta dias. Que dizes?

Por meu aspecto, saltava à vista que eu já havia passado, e muito, daquela idade. E para não frustrá-lo pedi meio *log* daquela malcheirosa coalhada, de duvidosa eficácia como sedativo. Pouco depois, na casa de Elias Marcos, teria

ocasião de testar suas decantadas excelências.

Ao trasvasar os 250 gramas da poção em uma minúscula redoma de vidro verde, o médico não deixou de exaltar “minha alta inteligência e melhor gosto”, assegurando-me que havia feito uma boa compra. Mas seus desmedidos elogios converteram-se em gritos de admiração e surpresa quando, obrigado pelas circunstâncias, não tive alternativa senão colocar em suas engelhadas mãos um denário de prata... Naquele momento carecia de moeda divisionária e, para minha desgraça, os uivos de alegria do médico atraíram os demais vendedores, que se precipitaram para mim como corvos carneiros sobre uma succulenta peça.

Saltei como pude por entre aquelas bugigangas e os cestos de frutas e hortaliças, safando-me das garras dos gesticulantes e falastrões perfumistas, alfaiates, sapateiros e demais artesãos, fugindo rua abaixo e confundindo-me entre os peões que entravam e saíam do agitado bazar.

Ninguém seguiu atrás de mim. Uma vez repostos do ataque, cruzei a “primeira muralha”, margeando o mastodôntico palácio dos Asmoneus na direção oeste. O grandioso edifício, que seria restaurado e ampliado por Agripa II, marcava para mim o início da cidade baixa.

Aquela zona de Jerusalém achava-se ligeiramente mais bem urbanizada do que o território dos tírios, gregos, sírios e demais “impuros pagãos”. Algumas de suas vielas, calçadas com pedras brancas e calcárias, guardavam um simulacro de paralelismo, quase obrigatório devido ao profundo desnível entre os dois extremos do setor sul da Cidade Santa. O que se situava à sombra da muralha ocidental, dominado pelo palácio de Herodes e os jardins reais, levantava-se em uma das cotas máximas de Jerusalém: 760 metros. Dali, os cachos de casas cúbicas, caiadas e de mesquinhas portas e janelas, precipitavam-se em sucessivos e intermináveis terraços para o lado oposto: o muro oriental. Nesse lugar, como já disse, junto à piscina de Silóé e à Porta da Fonte, o nível do terreno achava-se muito mais baixo: 660 metros, aproximadamente. Tão acentuada inclinação havia obrigado os construtores a uma edificação escalonada, aberta a cada 50 ou 100 metros por ladeiras, mais do que ruas, que, nascendo no palácio de Herodes, o Grande, cobriam os mil metros que separavam dito ponto do ângulo sul. Eram estas as “artérias” mais bem pavimentadas, dispondo, até, de pequenos canais centrais que davam vazão à água nas grandes chuvas. Dispunham igualmente de outra “rua” principal, a do mercado sul, que corria paralela ao muro oeste do Templo e da qual partia outra trama de vias menores, tão escuras, estreitas e pestilentas quanto as que eu acabava de deixar para trás. O piso da artéria de pórtico suportava as aduelas de

um arco, hoje conhecido como de Robinson, que ligava o Átrio dos Gentios com a parte norte.

Pressionado pelo tempo e sem o menor desejo de repetir minha anterior e agitada experiência, tomei como referência as altas torres de Mariamme e Phasael, no palácio herodiano, dirigindo meus passos para o poente. Contornei o bairro das tinturarias e, após alguns momentos de hesitação, identifiquei a grande casa de Anás e o murinho gradeado que cercava o memorável pátio das negações de Pedro. E a coisa de um minuto, ao dobrar uma das esquinas, ofereceu-se diante de mim a luxuosa mansão dos Marcos.

Eliseu, com certa premência, recordou-me que faltavam duas horas e meia para o meu obrigatório regresso ao módulo.

Avancei rapidamente, passeando a vista pela sólida fachada de pedra trabalhada, trazida pelos pais de Elias Marcos das pedreiras de Beth-Kerem, em uma colina próxima a Teqoa. Aquela mansão de dois pavimentos, de tão cálidas recordações, parecia morta. Silenciosa... Postei-me diante da alta e pesada porta de carvalho, contemplando e reconhecendo a *mezuzá* que lhe adornava o flanco direito: uma fina tira de madeira de sicômoro de 10 por 3 centímetros, encravada na ombreira e em cuja superfície haviam sido gravados a fogo os mandamentos de Deus. Todo judeu respeitoso para com a tradição punha especial empenho em tocar a *mezuzá* com os dedos e depois levá-los aos lábios, ao deixar o lar e ao retomar.

Inspirando profundamente, empurrei uma das folhas, que girou preguiçosamente nos gonzos.

Transpus o curto vestíbulo e, ao atingir o espaçoso pátio a céu aberto, distingui ao fundo algumas caras conhecidas. O jovem João Marcos, de cócoras, observava atentamente um dos serviçais. Armado de um longo bastão, o criado batia com ímpeto um inflado odre de pele de cabra que pendia de um tripode de madeira. Um segundo criado, ajoelhado diante das toscas tábuas, segurava dois deles, procurando com que as certas pancadas não os deslocassem do lajedo avermelhado. Era uma ancestral e habitual fórmula, entre os povos do Oriente, para fabricar a manteiga. O odre era enchido com leite azedo, geralmente de cabra ou ovelha, já que o de camela não tem nata, e, de acordo com os costumes de cada região, golpeado ou agitado, remexendo-se assim o conteúdo.

– Paz aos desta casa!

Ao ouvir minha tímida saudação, o filho de Elias voltou o rosto, enquanto o criado suspendia o trabalho. Os negros olhos do audaz adolescente abriram-se de par em par e, de um salto, atirou-se para mim abraçando-se ao meu peito.

– Jasão!... Ouviste o que dizem as mulheres?

Tomei seu rosto entre minhas mãos e, agradecendo aquele gesto de afeto, sorri-lhe, fazendo com a cabeça um gesto negativo.

– Onde tens estado? Todo mundo fala do Mestre... Sua tumba está vazia. As mulheres dizem...

Passei meus braços sobre seus ombros e ele, atropeladamente, enquanto nos aproximávamos dos criados, foi-me informando de alguns dos pormenores dos sucessos registrados pouco antes.

– Paz, irmão! – responderam os serventes, retomando o trabalho.

O rapaz, cada vez mais excitado, saltava de um assunto a outro, multiplicando minha já considerável confusão. Pedi-lhe que se sentasse e, acariciando seu rosto de pomos marcados, tomei a iniciativa.

– Dize-me, filho... As mulheres estão aqui?

– Sim, estão, amigo Jasão.

A afirmativa partiu de Maria, a mãe, que, com o rosto radiante de felicidade, olhava-me da porta situada às costas dos criados, no extremo oposto ao lugar por onde eu ingressara no pátio. E, ainda que não fosse costume entre os judeus, apressei-me a sair ao seu encontro e aliviá-la do pesado cântaro que trazia ao quadril esquerdo.

– Bem-vindo, irmão!

E, sem mais comentários, encaminhou-se a um dos cantos do pátio, cuidando do cozimento do pão. Segui-a em silêncio. Ardia em desejos de interrogá-la, mas, prudentemente, aguardei que concluísse. A mulher inclinou-se sobre uma prancha de ferro convexa, examinando as dez ou doze tortas redondas que já apresentavam uma apetitosa tonalidade dourada. Aquela espécie de escudo metálico descansava sobre uma lareira igualmente circular, feita de negras pedras basálticas. Junto ao fogo, esparramados pelo piso, contei três alguidares de pedra de diferentes diâmetros e profundidades, um grande caldeirão de bronze e outra vasilha pequena de metal. Uma vez moído o grão, as mulheres haviam disposto a massa, feita à base de farinha, água, sal e levedura, que estava dividida naqueles recipientes. Uma vez amassada a mão, a pasta leitosa era delicadamente cortada em forma de tortas e posta a descansar sobre o candente e improvisado forno.

Maria tocou um dos pães com a ponta do indicador esquerdo e, suspirando, endireitou-se e levou as mãos aos rins:

– Esta dor acabará comigo...

Antes que eu pudesse interessar-me por sua saúde, Maria perdeu-se pela escura portinha pela qual surgira. Coloquei o cântaro no chão e vi que se tratava de leite quente. João Marcos, de novo a meu lado, havia compreendido minhas verdadeiras intenções. E, disposto a satisfazer “ao pagão que, segundo ele, havia

demonstrado mais coragem do que muitos dos discípulos de seu amado rabi”, fez-me a pergunta-chave:

– Queres falar com elas?

Agradei sua boa vontade, mas fiz-lhe ver que talvez devesse aguardar a permissão de sua mãe. E estávamos nisso quando, tão diligentemente como havia desaparecido de nossa vista, assim se apresentou de novo a esposa de Elias Marcos. Carregava uma larga bandeja de madeira e, sobre ela, duas pilhas de vasilhas fundas igualmente de alva madeira de pinho.

Ao ver-me esboçou um sorriso de cumplicidade. Naquele instante não compreendi a razão de sua transbordante alegria. Mas logo o soube. Ela, como Davi Zebedeu e outros poucos seguidores mais, lembravam e acreditavam na promessa do Galileu. Maria fora das primeiras a conhecer a notícia do sepulcro vazio e não hesitara em associá-la com a prometida ressurreição. Fraco serviço o dos evangelistas não deixando registro desta elite de indefinidos personagens que, diversamente dos apóstolos, souberam conservar-se à altura das circunstâncias! Mas não nos precipitemos...

Fez-me sinal que a ajudasse com a bandeja. Depois recolheu os pães, ajeitou o cântaro no quadril, piscou-me um olho e me fez acompanhá-la. A aguda intuição da hebréia vinha simplificar meu objetivo...

João Marcos, alvoroçado, correu adiante, desaparecendo na penumbra do vestíbulo. Quando comecei a subir os degraus que conduziam ao pavimento superior, meu coração acelerou. Se as notícias se confirmassem, ali mesmo, no próprio cenário da última ceia, estaria a maior parte dos íntimos de Jesus de Nazaré. No entardecer da véspera, sábado, como ficou dito, os onze apóstolos e outros discípulos haviam celebrado algo assim como uma assembléia de urgência, em que analisaram a situação. E ainda que eu imaginasse qual seria o estado de ânimo geral, a extraordinária possibilidade de verificá-lo por mim mesmo deixou-me excitado. Que me esperaria do outro lado daquela porta?

Enganei-me. A cena que se ofereceu a meus olhos foi mais dolorosa e deprimente do que eu havia imaginado.

Maria foi a primeira a entrar. E seu filho, detendo-se, deu-me passagem. Lembro-me de que minha primeira sensação foi muito desagradável. Um característico e azedo odor a lugar fechado e longamente ocupado por seres humanos. A luz matinal entrava muito reduzida pelas esguias janelas daquela memorável sala retangular de 20 metros de comprimento por 6 ou 7 de largura. E os candelabros pendentes das paredes, com suas amareladas e vacilantes chamas, não eram suficientes. Sobre a mesa em forma de “U” os criados haviam colocado outro par de lâmpadas de azeite que contribuía para endurecer os

perfis dos presentes.

Não foi fácil adaptar-me e começar a distinguir as formas e silhuetas dos ocupantes da escura e carregada sala. A maior parte dos divãs continuava praticamente nos mesmos lugares onde os havia visto na noite de quinta-feira: estrategicamente divididos ao redor do “U”. Só um havia sido deslocado para junto da parede da direita (sempre tomando como referência a porta de entrada da sala). Meus olhos foram ajustando-se à penumbra e, entre as sombras, enquanto a mãe de João Marcos punha o leite sobre a mesa, livrando-me da bandeja, pareceu-me ouvir uns gemidos. Ao fundo, no ângulo esquerdo, descobri então a origem dos velados lamentos. Eram quatro ou cinco vultos.

Avancei uns dois passos, ouvindo o ranger do assoalho. João Marcos agarrou meu braço e puxou-me para aquele lado. Diante de mim, reclinados ou sentados em nove dos doze bancos, achava-se a maioria dos apóstolos. O mutismo entre eles era total. Em uma primeira e incompleta observação não soube se os que se encontravam recostados dormiam ou simplesmente descansavam. Creio que nem me viram. Deixando-me arrastar pelo menino, desfilei lentamente diante dos abatidos galileus. Sim, talvez seja essa a expressão mais apropriada: abatidos, com as cabeças pendentes e as mãos escuras e crispadas entre as pregas dos mantos multicoloridos. Detive-me, contando de novo e procurando identificá-los. Faltavam dois. O Iscariotes, por certo; e o outro... Mas, qual? O décimo homem, o que se achava reclinado no divã recuado, tinha o rosto colado à parede. Em torno do “U” distingi os irmãos Zebedeu; Mateus Levi; os gêmeos, que, com sua habitual presteza, ergueram-se e ajudaram Maria a encher as canecas com o leite quente; Felipe, o “intendente”, e Bartolomeu, deitados ambos e com as cabeças semicobertas pelos roupões; o chefe de todos, André, que não deixava de olhar para o lado de onde partiam os intermináveis soluços, e Pedro, sentado e esfregando sua cara redonda com ambas as mãos. O décimo apóstolo, o que se ocultava à direita da sala, só podia ser Simão, o Zelote, ou Tomé...

João Marcos terminou por conduzir-me até o ponto onde se agrupavam, de fato, cinco mulheres. Uma delas era rodeada e assistida pelas demais. Mas, de súbito, quando me preparava para averiguar a identidade daquela que gemia, uma conhecida, potente e rouca voz obrigou-me a virar para trás.

– Visões!... Isso é o que tivestes! Visões próprias de mulheres assustadiças e tolas!

Era Pedro. De pé, gesticulando, pescoço inchado por aquele súbito arrebatamento, prosseguiu em tom de censura:

– A tumba vazia!... O jejum e o choro te transtornaram...

Maldita sejas! Por que não nos deixas em paz com nossa dor?

André intercedeu, pedindo calma a seu fogueiro irmão. E Simão, resmungando, acedeu em sentar-se de novo, enquanto Judas de Alfeu, um dos gêmeos, oferecia-lhe uma caneca e um dos pães. Mas com um safanão o pescador atirou a caneca ao solo, e o leite se esparramou pelo brilhante piso de madeira. A violenta reação, típica de Pedro, só contribuiu para exaltar mais os ânimos. E vários dos discípulos recriminaram sua atitude, surgindo daí uma áspera troca de insultos e impropérios.

Aquela explosão, como me confirmaria André pouco depois, outra coisa não era senão a lógica e humana conseqüência da forte pressão a que se achavam submetidos desde a prisão e crucificação do rabi. Não eram as dúvidas ou o desespero que haviam aturdido a inteligência daqueles homens. Era algo muito pior: o medo do Sinédrio e da guarda do Templo e a vergonha individual e coletiva diante da ignominiosa execução do seu líder. O fato de haverem permanecido no pavimento superior da casa de Marcos por tantas horas, com as espadas na cinta e sem forças para voltar para casa, na Galiléia, era a melhor e mais palpável demonstração do terror que os dominava. Certamente, essa tensa situação havia-lhes feito esquecer até a promessa de Jesus de voltar à vida. Por isso, quando as mulheres correram agitadas para a casa dos Marcos, todos, sem exceção, as tomaram por loucas, estúpidas e visionárias.

E, no meio dos gritos e maldições, enquanto Maria, silenciosa e pacientemente, procurava enxugar o leite derramado e João Marcos, assustado, agarrava-se ao meu braço, uns baques secos retumbaram na sala. O discípulo que estava no divã ao pé da parede havia começado a golpear a fronte contra a pedra. João Zebedeu saltou de seu banco e precipitou-se para seu companheiro, agarrando-o pelos ombros. Mas o robusto apóstolo, tomado de um ataque de histeria e desespero, continuava lançando seu crânio contra a parede. Impotente, o esguio e jovem discípulo voltou-se para o grupo pedindo ajuda. André e os gêmeos rapidamente puseram-se ao seu lado e imobilizaram Simão, o Zelote. Tratava-se, efetivamente, desse impulsivo simpatizante do grupo revolucionário. Precisamente como o Mestre previra na “última ceia”, aquela tragédia havia-o lançado em uma desolação que não tinha igual entre seus irmãos. Todos os seus ideais, seus sonhos e suas ânsias de liberdade haviam desmoronado com a morte de Jesus.

Desfiz-me do cajado e, aproximando-me do desesperado galileu, esforcei-me por examiná-lo. Simão, com os olhos fechados, lutava por desembaraçar-se dos braços de seus amigos. Cabeceava repetidamente, procurando a parede, e emitia, ao mesmo tempo, uma série entrecortada de agudos e angustiados gritos. A muito custo agarrei-lhe o braço e tomei-lhe o pulso. Estava muito acelerado. Apanhei a vasilha com a cevada e o leite coalhado e, a um sinal meu, André e o

jovem Zebedeu tentaram abrir-lhe a boca. Sem hesitar, derramei parte do líquido entre sua negra e hirsuta barba. Ao sentir a repugnante beberagem, seus olhos abriram-se espantados. Estavam vermelhos devido às longas horas de pranto. Pouco a pouco, entre suspiros e esporádicos estremecimentos, se foi acalmando. Não sei se foi efeito daquela mistura malcheirosa ou das palavras de consolo de seus irmãos, mas Simão, o Zelote, caiu logo em um doce torpor. E, revirando os olhos, voltou a reclinar-se no divã, totalmente alheio a quanto acontecia ao seu redor.

Os gêmeos permaneceram a seu lado, enquanto João e André, com um olhar muito triste, retomavam à mesa. O patético espetáculo de Simão atirando-se contra a parede havia acabado com a discussão. E aqueles oprimidos seguidores do Nazareno entregaram-se, impotentes, a obscuras reflexões.

O silêncio porém, duraria pouco. Após recuperar a “vara” dei meia-volta e resolvi prosseguir em minhas averiguações junto às mulheres. Nem foi preciso. Uma delas, a que havia estado soluçando, acabava de destacar-se do grupo e parara a meio metro de Pedro. Era Maria Madalena, uma das hebréias mais destacadas (ao mesmo tempo audaciosa e sensata) de quantas seguiam o rabi.

Ao vê-la, fiquei paralisado. Agora começava a compreender o porquê de seus queixumes. Aquela brava mulher, de queixo hipoplásico,¹¹⁸ rosto estreito e triangular, olhos perdidos em profundas órbitas sombreadas por largas olheiras, encarou valentemente o homem que a havia advertido. A fúria inflamou as artérias de seu grácil pescoço e uma temível chispa faiscou no seu olhar de azeviche. Pedro mal teve tempo de levantar seus apagados olhos. Como um terremoto, com suas ossudas e longas mãos sobre o magro peito, Maria jurou-lhe pelo divino nome de Deus que não mentia, que não sofria de alucinação alguma e que – obstinado galileu! – se quisesse fosse com ela mesma comprovar...

Simão Pedro empalideceu diante da justificada cólera de Madalena. Em sua veemência, o manto que lhe cobria a cabeça acabou por resvalar para o chão, deixando a descoberto uns cabelos negros desordenados mas suaves. E os finos cordõezinhos dourados que pendiam dos orifícios dos lóbulos das orelhas oscilaram ritmadamente, enquanto na silenciosa sala se ouvia o entrecocar de seu colar de conchas.

Uma das mulheres, discretamente, recolheu o manto, entregou-o à furiosa Maria e tentou dissuadi-la. Mas ela, que não em vão havia sido cortesã na industriosa e dissoluta vila de Magdala,¹¹⁹ sabia enfrentar os homens; e, com a força que proporcionam a segurança e o conhecimento da verdade, refutou sua companheira, acrescentando:

– E não só dou testemunho, como estas outras, de que a tumba estava vazia...! Também vos juro que o vi e falei com Ele!

Pedro, farto de tanto palavrório, pôs-se a esfregar a calva, encolheu os ombros e voltou as costas.

João Marcos salvou a embaraçosa situação. Antes que Madalena se atirasse novamente contra o incrédulo apóstolo, o menino se interpôs entre ambos os contendores suplicando à mulher que me relatasse o que dizia haver visto e ouvido. O espontâneo impulso do caçula da casa pareceu acalmar os nervos da hebréia. E diante da expectativa geral fui acomodar-me em um dos divãs vazios, renovando o pedido de João Marcos. Madalena observou-me com desconfiança. Aparentemente, eu era o único homem, entre os ali reunidos, que dava atenção a suas palavras. A dona da casa, Maria, contribuiu para distender a desagradável atmosfera, enchendo as restantes canecas e oferecendo, solícita e conciliadora, as já frias tortinhas de pão. Todos aceitaram com prazer, mesmo Pedro, que, com a mesma espontaneidade, pediu perdão à esposa de Marcos.

Então, a de Magdala, com seu ar cansado, sem mostrar demasiado crédito à minha boa fé, recolheu as pregas de sua túnica verde e sentou-se de pernas abertas no divã de honra. Ao deixar a descoberto parte de suas pernas, um leve brilho fez com que eu fixasse a vista em um de seus tornozelos. À trêmula luz das lanternas, vi reluzir uma pérola pequena, presa a uma correntinha que envolvia o tornozelo.

Sorri para ela, animando-a a começar. E ela, após cobrir-se com o manto, suspirou com grande sentimento, cravou seus olhos em mim e, por fim, deu-me um sorriso de agradecimento que revelou uma dentadura impecável. Eu estava a ponto de conhecer o que, segundo aquelas mulheres, constituía o primeiro de uma longa cadeia de misteriosos e inquietantes acontecimentos...

– Estas que vês aqui – e Madalena apontou as quatro mulheres que haviam ido sentar-se a seus pés –, e outras dez ou quinze que crêem no reino do nosso Mestre, passamos a festa do *shabbat* recolhidas na casa de José de Arimatéia. Era tão grande nossa tristeza e tão profunda nossa desolação que muitas de nós acreditamos que íamos morrer.

“E antes de apontar o primeiro dia da semana, de acordo com o prometido a José e Nicodemos, levamos os azeites e aromáticos...

– Então – interrompia, cuidando de reunir todos os dados – eram cinco as mulheres?

– Sim.

E Maria foi indicando e identificando cada uma delas.

– Joana, esposa de Chuza... Maria, a mãe dos gêmeos Alfeu... Salomé, de João e Tiago de Zebedeu, e Susana, a mais jovem de Ezra, o de Alexandria.¹²⁰

Apenas o curtido rosto de Salomé me era familiar. A verdade é que eram tão numerosas as mulheres que seguiam habitualmente Jesus e o grupo

apostólico que era difícil memorizar seus nomes e fisionomias. Mas algum dia terei de falar destas esforçadas, imprescindíveis e esquecidas discípulas do rabi da Galiléia. Sim, quem sabe mais adiante, supondo que Deus continue iluminando-me e sustentando-me.

– Caminhamos apressadas. Não tardaria a amanhecer e queríamos concluir o mais rápido possível o doloroso transe da lavagem e preparação do corpo de nosso Senhor. Chegamos à tumba e ao vermos a lápide...

Madalena falava muito rapidamente. Eu precisava de mais detalhes. Por exemplo, o que sabiam elas das patrulhas de vigilância colocadas no sepulcro? Como pensavam agir para que elas lhes permitissem o acesso à cripta?

– Estava removida! Compreendes, Jasão?

De novo defrontava-me com uma delicada situação. Devia mover-me com tato e delicadeza extremos. Por nada do mundo poderia sugerir, antecipar ou revelar o que eu já sabia. Isso se chocaria com o rígido código moral da operação. Assim, pesando meus pensamentos e palavras, fui conduzindo a veemente Madalena para onde me interessava.

– Pelo caminho – prosseguiu a mulher – minhas companheiras e eu havíamos mostrado certa preocupação com o assunto da rocha. Tu a viste e sabes que se precisa de quatro ou cinco homens para movê-la. Mas, como te dizia, ao chegarmos à escada, vimos a pedra deslocada.

Ergui as mãos fazendo-lhe sinal de que desejava falar. Madalena, intrigada, consentiu.

– Mas... e a guarda?

Minha pergunta despertou interesse entre os apáticos discípulos.

– Ah, sim! Esses bastardos!...

– Estavam lá? – perguntei.

Confundida por tantas e tão excitantes emoções, a hebréia – como eu supunha – havia esquecido algo. Foi Salomé quem se encarregou de recordá-lo:

– Quando chegamos à Porta dos Peixes cruzamos com uma patrulha da Antônia. Eram uns dez legionários. E pareciam ter muita pressa. Gritavam entre si e não cessavam de olhar para trás. Como se alguém os perseguisse...

“Surpreendidas, tentamos descobrir o que acontecia. Aquela zona, tu sabes, está deserta a essas horas e tememos que houvesse algum perigo...”

– Qual, por exemplo?

– Não sei, talvez bandidos ou animais selvagens. Mas os soldados, descompostos e suarentos, nos ignoraram e continuaram em sua precipitada marcha para a fortaleza.

Era estranho. Aqueles soldados romanos estavam mais do que acostumados a enfrentar os salteadores de estrada e as feras. As mulheres deveriam ter levado

em conta essa indiscutível circunstância. Se pareciam fugir, a causa tinha de ser de outra natureza. Eu a conhecia, mas durante alguns minutos fiquei intrigado. Por que as cinco hebréias não haviam atinado com a questão?

– Um momento – intervim novamente –, então ninguém as avisou a respeito da custódia ordenada por Pôncio?

– Não, naquele momento ignorávamos que o sepulcro estivera guardado por uma patrulha.

Madalena, talvez sentindo algo de suspeito em minhas perguntas, mirou-me diretamente nos olhos.

– E tu, como sabias dos guardas?

João Zebedeu, que não perdia um detalhe, livrou-me da explicação:

– Ele estava comigo quando, na manhã de sábado, José deu-nos notícias da suja manobra do Sinédrio.

A mulher ficou satisfeita e, retomando o fio da narrativa, prosseguiu:

– Salomé tem razão. A atitude dos legionários em fuga deixou-nos inquietas. Mas não a associamos com a sepultura do Mestre. Como te fizemos ver, nem sequer estávamos a par de que houvera vigilância.

Minhas suspeitas, portanto, tinham fundamento. José de Arimatéia, não sei por que razão, não as havia informado sobre as patrulhas. Por isso as mulheres saíram da casa do ancião absolutamente ignorantes do cerco militar que se estabelecera no sepulcro. Talvez tenha sido melhor assim. Se o soubessem, o mais provável era que os fatos se houvessem desenvolvido de outra forma. Talvez houvessem questionado o acesso ao sepulcro e até desistido do propósito. Na verdade, os caminhos da Providência são misteriosos...

Madalena, como sempre, foi categórica. A julgar por suas palavras, nem ela nem suas amigas chegaram a pensar sequer na possibilidade de que o rabi houvesse ressuscitado. Não me cansarei de insistir nesse ponto. Salvo Davi Zebedeu, os demais discípulos e simpatizantes de Cristo não acreditaram nem um pouco nas promessas do Galileu. Não fosse isso e aquelas mulheres não haveriam perdido tempo em preparar os ungüentos e demais utensílios necessários ao embalsamento.

– ... Assim, mortas de medo – acrescentou –, cruzamos os hortos e chegamos à propriedade de José.

– Havia já amanhecido?

Madalena, cada vez mais confusa com minhas aparentemente superficiais perguntas, olhou para suas companheiras tentando lembrar-se.

– Não...

Suas amigas concordaram.

– Mas não faltava muito. Creio que estávamos no final da última vigília da

noite.

Por alguns dos detalhes que fui obtendo ao longo daquela instrutiva conversa, e pelas informações que pude recolher no dia seguinte, em minha entrevista com os legionários da Antônia, quase estou em condições de afirmar que o encontro das mulheres com os soldados romanos (os levitas haviam fugido muito antes) pode ter ocorrido ao redor das 5 ou 5h15 dessa madrugada. Quer dizer, faltando 45 ou 30 minutos para o nascer do Sol. João, o Evangelista, em consequência, era o que mais se aproximava da verdade:

“Quando ainda estava escuro”. (*João*, 20,1)

– Durante algum tempo, surpreendidas ante a visão da tumba aberta, não conseguimos mover-nos da borda da escada. Não sabíamos o que fazer. E o medo se foi apossando de nós todas. Algumas achavam que devíamos regressar e transmitir o fato aos homens. Mas eu sentia uma curiosidade irresistível e por isso animei-as a descer a escada. Deixamos os volumes no chão e, tirando forças da fraqueza, aproximei-me da boca da gruta. Tudo estava escuro e, não dispondo de tocha, minha primeira observação do interior foi nula.

Sorri para dentro de mim. A narração de Madalena começava a parecer-me “familiar”... E entendi seu terror.

– Minhas companheiras, imóveis ao pé da escada, suplicaram-me que desistisse e voltasse com elas. Mas ainda que meu corpo inteiro tremesse tomei a firme decisão de entrar e averiguar o que estava acontecendo. E assim fiz. Sem pensar, penetrei na escura gruta. Tateando, dei enfim com o banco de pedra sobre o qual devia estar o corpo do Senhor. Ao verificar que estava vazio, quase desmaiei. Gritei horrorizada. E, meio enlouquecida pelo susto, com as mãos estendidas, lutei por encontrar a saída. Mas o pânico perturbou-me os sentidos e fui chocar-me com uma das paredes do sepulcro. Foram momentos angustiosos...

Emocionada pelas lembranças, fez uma pausa.

– Quando, por fim, palpei as arestas da entrada e saí para o exterior, minhas companheiras haviam desaparecido.

Olhei para as quatro atentas mulheres e uma delas, Susana, confirmou-o:

– Ao ouvir o alarido de Maria, a tensão e o pavor explodiram e nos precipitamos escada acima. Não sabíamos o que estava ocorrendo, mas corremos. Corremos como loucas, tropeçando aqui e ali, até chegarmos às muralhas. Uma vez junto à cidade, enquanto tentávamos recuperar o fôlego, Joana, mais serena que as outras, fez-nos ver que havíamos abandonado Maria. Discutimos, mas, por fim, de mãos dadas e tiritando de medo, refizemos o caminho e entramos de novo no horto.

Madalena desculpou suas amigas com um sorriso. E acrescentou:

– Quando as vi aparecer lancei-me ao seu encontro gritando-lhes: “Não está

mais! Levaram-no!”.

Estas primeiras expressões de Madalena, de meu ponto de vista, eram especialmente importantes. Refletiam suas autênticas convicções e pensamentos em tão crítico momento. Não gritou: “Ele ressuscitou!”. Simplesmente, sua lógica materializou o que lhe parecia evidente: “que o haviam levado”. Mas, desejoso de escutá-lo de seus próprios lábios, carreguei nas tintas do grito:

– Levaram-no? Isso foi a primeira coisa que pensaste?

Humildemente, sem o menor desejo de arrogar-se uma falsa fé na promessa de Jesus, respondeu com um categórico “sim”.

Fiz silêncio, emocionado por sua sinceridade.

– Então, quase arrastando, as conduzi até a boca da gruta e obriguei-as a entrar e certificar-se do que eu dizia.

– Assim o fizemos – confirmaram todas.

– E qual foi vosso primeiro pensamento?

– O de Maria: que alguém havia roubado e trasladado o corpo para outro lugar.

Pouco me faltou para indagar-lhes se haviam visto “algo” mais. Por exemplo, os “anjos de vestes luminosas” citados pelos evangelistas; ou se ouviram ou sentiram o “terremoto” de que fala Mateus. Mas optei por esperar e tatear o assunto um pouco mais adiante, quando elas tivessem concluído sua versão, e com a delicadeza suficiente para não levantar suspeitas. De qualquer forma, era muito sintomático que nenhuma das mulheres houvesse feito referência alguma a um acontecimento tão fora do comum como a possível aparição de um “anjo do Senhor”. A haver ocorrido tal coisa, nenhuma a teria ignorado...

– E que fizestes depois?

– Tão confusas estávamos que durante um bom tempo ninguém disse nada. Fomo-nos sentar na segunda pedra, a que estava atirada no centro da vereda, e começamos a discutir entre nós. Nem José nem Nicodemos nos haviam dito que o corpo devia ser trasladado. Chegamos a nos sentir até magoadas pelo que considerávamos uma falta de delicadeza. Mas quase no mesmo instante repudiamos essa possibilidade. O furto teria de ser obra de outras pessoas. Seguramente, comentamos, os responsáveis foram Caifás e suas ratazanas... Além do mais, havia outro pormenor inexplicável. Quando começou a clarear, com um pouco mais de luz e serenidade, entramos de novo na gruta e constatamos a estranha ordem em que estavam os panos.

Aquilo me interessava particularmente. Simulando não haver entendido, pedi-lhes que repetissem as explicações. Efetivamente, as mulheres, mais perspicazes do que os homens para essas questões, também haviam reparado na

singular disposição do sudário e do lenço.

– Era muito curioso – insistiram. – Se alguém rouba um corpo, por que se preocuparia em deixar o lençol tão bem disposto?

Naqueles momentos de confusão, apesar da evidência da mortalha, Madalena e suas companheiras continuaram convencidas de que tudo aquilo era obra humana. Foi preciso acontecer “algo” especial para que comesçassem a entender...

– O primeiro toque das trombetas do Templo – continuou Madalena – tirou-nos de tão emaranhada discussão. E já estávamos prontas para regressar e comunicar os fatos quando, de repente, ao subir a escada do panteão, vimos um homem sob as árvores.

– E como soubeste que era um homem?

A súbita pergunta de Simão Pedro envolvia uma irritante carga de ironia. E a maioria dos discípulos riu do aparte.

O rosto de Madalena voltou a endurecer. Nesse momento reparei no jarão de barro colocado sobre a mesa. Ali continuavam os ramos de alfazema e os lírios brancos e cor de amora que eu havia colhido nos arredores do Getsêmani e que haviam enfeitado a mesa em “U” durante a última ceia. Ainda conservavam boa parte de sua fragrância e viço. No intento de aliviar a tensão e provar minha fé nas palavras da hebreia, estendi o braço e apanhei uma daquelas delicadas flores. Levantei-me, abri as palmas de suas mãos e, com um doce sorriso, roguei-lhe que a aceitasse. Maria, comovida, passou da dor e da raiva à gratidão. Voltei para o meu divã, ante o assombro dos mordazes discípulos e o olhar de aprovação de João Marcos, e fiz-lhe ver que ardia em desejos de ouvir o resto.

Fazendo um esforço – e respondendo diretamente a Pedro –, Madalena prosseguiu:

– Sua túnica e seu manto eram de homem. Alguma coisa diferentes, sim, mas os de um homem...

– Por quê? – perguntei intrigado.

– Não saberia explicá-lo.

Passeou o olhar pelas suas companheiras como que buscando apoio.

– Eram de linho e lã. Disso quase estamos seguras. Mas suas cores... As roupas pareciam nevadas.

Pedro soltou outra inoportuna e sonora gargalhada. Mas dessa vez Maria fez como se não tivesse ouvido.

– Brilhantes, queres dizer? – animei-a.

A cabeça de Madalena oscilou à direita e à esquerda, em sinal de vacilação.

– Não exatamente. Seu brilho era fosco. Em um primeiro momento tive a

impressão de que as vestes estavam cobertas de pequeníssimos flocos de neve. Mas sei que isso é impossível...

– Está bem. Continue, por favor.

– Ficamos quietas. Em silêncio. Observando-o. Estava a certa distância...

– A quanto?

– Não sei... Sob as árvores frutíferas.

Isso queria dizer a 4 ou 5 metros da borda da escada.

– Parecia concentrado em algo que havia no chão. Parece-me que eram uns mantos amarelos e uns bastões com cravos.

– Uns bastões? – perguntei, simulando estranheza.

Mas as mulheres deram de ombros. Evidentemente não sabiam a razão da presença de tais objetos nas proximidades do sepulcro. Então guardei prudente silêncio.

– Uma de minhas companheiras sussurrou-me alguma coisa sobre o jardineiro de José. Mas não estávamos certas. Era tão alto e forte como o horticultor, isso sim, mas vestia-se de forma diferente. Além disso, seu rosto...

Ao pronunciar aquela palavra, o silêncio na sala fez-se mais denso. Ainda que alguns tratassem de dissimular, a verdade é que a quase totalidade dos apóstolos seguia o relato com especial curiosidade.

– ... Seu rosto, Jasão, não te rias, era como o cristal.

Claro que não movi um só músculo. E a mulher agradeceu minha discreta atitude.

– ... É tão difícil de explicar!...

– Queres dizer que seu rosto era luminoso?

– Não, ninguém lembra que aquele homem emitisse luz. Era outra coisa. Conquanto nos mantivéssemos a uma certa distância, pudemos observar seus traços e seus cabelos. Não eram como os de um ser humano. Pareciam transparentes!

“Transparentes?” Aquilo sim era novo para mim. E devo ser sincero. Ao ouvi-lo duvidei. Estava alvorecendo. A luz era ainda difusa. A visão das coisas, muito parcial e limitada. As mulheres estavam submetidas a um intenso choque... A imaginação e o desejo de voltar a ver o Mestre bem que poderiam tê-las levado a uma ilusão. Era preciso que eu presenciasse alguma daquelas supostas aparições. Assim, lutando por não deixar transparecer minha dúvida, tratei de eliminar as descrições perguntando-lhe sem rodeios:

– E que ocorreu?

– Minhas amigas não se atreveram a dar um passo sequer. Mas eu, pensando que aquele homem soubesse algo sobre a desapareição do corpo, fui até ele; e quando cheguei a 2 ou 3 metros chamei sua atenção perguntando-lhe:

“Para onde levaste o Mestre? Onde repousa? Dize, para que possamos recolhê-lo”. O estrangeiro não respondeu. Nem sequer olhou para mim. Ali continuou, com os longos braços caídos, a cabeça baixa, olhando para o chão.

– Estrangeiro? – indaguei. – Por que o chamaste “estrangeiro”?

– Porque não o conhecia. Além disso, suas roupas...

Ainda que agora, em nossa época, o gesto de Maria nos pareça normal, indo ao encontro de um homem e interrogando-o, naquele tempo não era assim. Muito ao contrário. A sociedade julgava mal a mulher que tivesse a ousadia de dirigir a palavra aos homens ou de deter-se na rua para conversar com um estranho.

O caso é que Madalena, no limite de sua resistência, e não recebendo resposta por parte do misterioso personagem, pôs-se a chorar e deixou-se cair sobre o solo argiloso do horto.

– Em meio ao meu desespero – acrescentou Madalena com renovada energia –, aquele “estrangeiro”, por fim, ergueu o rosto e falou-nos.

– Lembras suas palavras... exatamente?

– Uma por uma. Parece-me que o estou vendo e ouvindo...

Maria levou o lírio aos lábios. E as asas de seu nariz tremeram levemente.

“– ‘Que buscais?...’

“Fiquei surpreendida. Aquela voz... Enxuguei as lágrimas como pude e, olhando-o, consegui responder:

“– ‘Buscamos Jesus... enterrado na tumba de José... Mas já não está. Sabes para onde o levaram?’”.

A impaciência me consumia. E, sem deixar que ela terminasse, abordei seu comentário a respeito da voz do “estrangeiro”, pedindo mais detalhes.

Madalena, com os olhos umedecidos, moveu a cabeça afirmativamente. Creio que lhe faltavam as palavras. Finalmente, em um tom mais cálido, quase confidencial, superou sua emoção:

– Era Ele... Então o soube. Sua voz... sua voz... Ocultou o rosto entre as mãos e, por um instante, pensei que ela estava a ponto de começar a chorar. Todos ali presentes, comovidos, mal se atreviam a respirar.

– Sua voz! Sim, eu a conheço... Era Ele!

– Mas que respondeu?

– “Este Jesus não vos disse, já na Galiléia, que morreria, mas que ressuscitaria?”

– Estás certa de que essas foram as palavras do “estrangeiro”?

Maria, apertando os dentes, afogada em sua emoção, apenas pôde responder com vários e sucessivos movimentos de cabeça. Por fim, suas lágrimas correram pelas brancas faces. Algumas das mulheres apressaram-se a consolá-la, enquanto

o silêncio se fazia violento, pesado.

– Todas nos comovemos – prosseguiu Salomé. – Todas compreendemos... Mas não soubemos reagir... Mas logo ele voltou a falar. Sua voz, doce e afetuosa, pronunciou um nome:

“– Maria!”.

Esperei que Madalena recuperasse sua calma. Enxugou o pranto e, ao ver que meus olhos continuavam fixos nela, desculpou-se e pediu-me que relevasse sua fraqueza. Alguma coisa devia ter notado em meu olhar porque, esboçando um leve sorriso, exclamou:

– Obrigada, Jasão!... Tu és diferente de todos estes.

O brilho de meus olhos foi a melhor resposta. E a valente hebréia continuou:

– Então, ao ouvir meu nome, já não duvidei. Era o Mestre! Mas como estava mudado!...

“E, presa de uma mescla de alegria, surpresa e medo, enterrei meu rosto no pó, murmurando: ‘Meu Senhor!... Meu Mestre!’

“Minhas companheiras me imitaram e caíram igualmente de joelhos, atônitas. Sei que pode parecer uma criança, mas, ardendo em desejos de abraçá-lo, beijá-lo, estreitá-lo em meus braços, fui-me aproximando dele. E, quando me dispunha a fazê-lo, Ele retrocedeu, dizendo: ‘Não me toques, Maria! Não sou o que tu conhecestes na carne...’”

Interrompia de novo. E minha pergunta, claro, devia ter-lhe parecido absurda. Mas tinha de fazê-la.

– Chegaste a ver os seus pés?

Maria, surpreendida, sem perceber minhas intenções, franziu as feições.

– Não sei... Creio que sim.

– Como eram? – continuei, sem dar-lhe tempo a recorrer à memória.

– Bem... agora me recordo. Espera... sim... eram como o vidro! Sim, Deus meu! Podia ver a terra através deles!

Não fiz mais comentários. O detalhe da “transparência” me havia transtornado. Por um lado duvidava, mas, por outro, a segurança da testemunha parecia tão sólida...

– Claro que não me atrevi a desobedecê-lo. E ali fiquei, de joelhos, absorta...

– Visões! Isso é tudo...

Pedro voltou à sua idéia fixa, movendo-se inquieto em seu divã e remoendo entre dentes sua teoria.

– Por que crês que te disse que não era o que tu havias conhecido na carne?

E Maria respondeu com uma lógica esmagadora:

– Porque, ainda que tivesse forma humana, não parecia de carne e osso.
– Disse mais alguma coisa?
– Sim. Depois de ordenar-me que não o tocasse, acrescentou: “... Sob esta forma permanecerei entre vós antes de ir para junto do Pai”.

“Sob esta forma?” A que podia referir-se Maria? Que tipo de “corpo” era o que asseguravam ter visto? Que novo mistério teria diante de mim?

Madalena levantou-se e, com os olhos fixos no obstinado Pedro, gritou:

– E disse algo mais!

Deu a volta pelos divãs e, aproximando-se do pescador, explodiu:

– “Agora ide todas e dizei a meus apóstolos e a Pedro que ressuscitei e que me falastes!”.

A reação do rude galileu surpreendeu-nos a todos. Ao ouvir seu nome levantou-se e, lívido, sem desviar os olhos de Madalena, resmungou:

– Dis... se meu no... me?

– Todas o escutamos – responderam as mulheres ao mesmo tempo.

– Estais... cer... tas?

– “Agora ide todas e dizei a meus apóstolos e a Pedro que ressuscitei e que me falastes!”

Maria repetiu as palavras de Jesus, pondo especial ênfase na alusão ao incrédulo galileu.

Compreendi então que aqueles homens, com suas zombarias e críticas, nem sequer haviam permitido às mulheres explicar-se e narrar o acontecido em sua totalidade. E algo que dormia no coração de Pedro despertou, fazendo-o reagir. Pôs o manto nos ombros e, em outro de seus característicos impulsos, saiu da sala correndo.

Um segundo depois, como que movido por outra mola, João Zebedeu o imitava. Saltou do banco e correu atrás de Pedro.

Nenhum dos demais discípulos moveu um só dedo. A incredulidade continuava refletida em seus rostos.

Não pensei duas vezes. Tomei o cajado e, sem trocar palavra alguma com os presentes, venci a distância que me separava da porta e desapareci.

Em minha mente acumulavam-se ainda muitas perguntas. O relato de Madalena não havia feito senão estimular minha curiosidade. Mas devia executar o plano do Cavalo de Tróia. Era imprescindível que estivesse junto a Pedro e João no momento em que descobrissem a demolidora realidade da tumba vazia. Como reagiriam? Ocorreriam os fatos como contam alguns dos escritores sagrados?

Nesse aspecto, pelo que já havia visto e ouvido, nem sequer o confiável João havia respeitado a ordem cronológica daqueles primeiros acontecimentos. E

mais: essa parte de seu evangelho está desordenada. No capítulo 20, como é fácil comprovar, a famosa corrida para o sepulcro é intercalada antes da aparição do rabi a Maria Madalena. Lendo o evangelista em questão, tem-se a impressão de que Maria Madalena foi ao sepulcro sozinha, sem as mulheres, e que, ao descobrir que ele estava vazio, correu à cidade, deu a notícia aos discípulos e Pedro e João precipitaram-se para a propriedade de José. Incompreensível.

Como já referi mais de uma vez, e como continuarei demonstrando, a correção dos evangelistas como historiadores e anotadores dos fatos e ditos de Jesus de Nazaré deixa muito a desejar...

Ao sair da casa estabeleci uma rápida conexão com o módulo, anunciando a Eliseu que me preparava para cobrir outro dos objetivos do plano. Eram 8h45.

O barulho havia aumentado nas ruas da cidade e, seguindo a inteligente recomendação de meu irmão, decidi evitar as aglomerações. Havia perdido de vista os discípulos, mas imaginava qual poderia ser sua rota. Com toda probabilidade fariam ao inverso o mesmo caminho que eu havia feito para chegar à mansão de Elias Marcos. Se fosse diligente talvez chegasse ao horto ao mesmo tempo que eles...

Subi rapidamente a rampa que desembocava na fachada sul do palácio herodiano, abandonando o recinto amuralhado pela Porta dos Jardins ou do Ângulo. E dali, correndo sempre em paralelo aos setores oeste e norte da muralha, não tardei a avistar a dupla corcova rochosa do Gólgota. Estremeci ao reconhecer as *stipes* verticais, negras e nuas, recortadas sobre o fundo azul do céu. Procurei não olhar e continuei minha frenética corrida, em meio aos surpreendidos olhares dos peregrinos que haviam montado suas tendas ao pé dos muros e que, sentados sobre suas esteiras, ocupavam-se na moagem do grão, penteavam barbas e cabeleiras com largos pentes de madeira ou mexiam os grandes caldeirões comunitários. Deixei atrás o concorrido caminho que partia da Porta de Efraim em direção a Jafa, mas antes tive de escutar as maldições de um indignado aguadeiro com quem havia topado e cujo odre, inevitavelmente, rolou por terra. Não estou muito certo, mas creio que minha descida desde a colina do Gareb até o vale do Tiropeon foi acompanhada de uma ou outra pedra fortemente atirada pelo atropelado e pelos cuidadores de ovelhas cujos rebanhos ficaram meio desgovernados à minha passagem.

Ofegante, cruzei o caminho de Cesaréia, correndo ladeira abaixo, ao encontro da rota que conduzia ao norte. Ao chegar ao caminho de Samaria detive-me por alguns segundos. Necessitava de oxigênio. Tomei a vertente oriental da calçada, procurando reconhecer a propriedade de José. Uma cintilação fez-me voltar o rosto para a esquerda. E com uma não pequena

inquietação distingui ao fundo do poeirento caminho uma *turmae* romana: uma pequena unidade de cavalaria. No total, uns trinta cavaleiros, com suas reluzentes couraças de ferro trançado e seus característicos calções vermelhos justos. Certamente voltavam à Fortaleza Antônio. E, ainda que seus cavalos tordilhos cavalgassem a passo e se achassem ainda a uns 200 metros, tratei de evitar novo encontro com as longas e afiadas lanças dos soldados. Saltei o pronunciado talude e ocultei-me entre as fileiras de oliveiras silvestres e as saliências do terreno. Dessa vez a sorte esteve ao meu lado. Dentro em pouco, quando vi que a patrulha distanciava-se, retomei a marcha.

Não demorei a divisar a cerca de madeira caiada. Saltei e, procurando fazer o menor ruído possível, depois de ver a posição do Sol, caminhei para o sudeste. A área ocidental da propriedade achava-se plantada de hortaliças. Fui esquivando-me como podia às fileiras de cebola egípcia, assim como aos “alhos de cavalo” ou alhos-poró, às belas e cuidadas escarolas e berinjelas e, logo, à minha direita, entre as primeiras fileiras de árvores frutíferas, reconheci as imaculadas paredes da casa do horticultor. A propriedade continuava em silêncio.

À minha frente abriam-se as altas videiras – as “tamareiras de Beirute” – que o ancião proprietário havia importado da costa fenícia e que tratava com grande esmero. No outro lado do vinhedo erguia-se o pombal, de angustiosa recordação para mim.

Que faria? Deveria ocultar-me de novo no pombal? Afastei a idéia. O que primeiro devia fazer era averiguar se os discípulos haviam chegado. Escolhi o pomar e, sigilosamente, como em ocasiões anteriores, fui avançando entre as árvores. Era muito estranho que os cães não dessem sinais de vida. Mas atribuí o fato à prolongada presença dos guardas e legionários. Rodeei a casinha pela sua parte posterior e, deixando o bocal do poço à minha direita, acabei por agachar-me entre os troncos miúdos das árvores que começavam a sombrear o suave promontório rochoso. Tudo defronte à escada que levava ao panteão continuava inalterado: os mantos, as maçãs e a marmitta continuavam ali, abandonados. Não havia sinal algum de Pedro ou de João. Acertadamente, supus que sua passagem pelas congestionadas ruelas de Jerusalém não havia sido tão rápida como a minha.

Aqueles minutos ajudaram-me a recobrar o fôlego. Dei a Eliseu minha posição e ele, prudentemente, recordou-me que eram 9 horas e que eu teria noventa minutos para retornar ao “berço”. Não me havia esquecido. Mas antes devia inventar um meio para subtrair temporariamente uma das peças vitais em todo aquele enredo e, certamente, em nossa nova “exploração”.

Não tive de esperar muito. Poucos segundos depois de interromper a

conexão auditiva, João aparecia na bifurcação da vereda que nascia na cancela de entrada. Vinha suarento, muito agitado, respirando espalhafatosamente pela boca e com seus grandes olhos negros quase fora das órbitas. Em suas feições havia medo e esperança.

Antes de escolher o caminho para o sepulcro dedicou alguns instantes a inspecionar à sua volta. O jovem sabia da guarda e, ainda que Madalena houvesse dito e repetido que o lugar estava deserto, quis certificar-se. Uma vez convencido de que tudo estava calmo, deu uns poucos e cautelosos passos e se deteve ao descobrir os mantos dos levitas, espalhados pelo chão. Aquilo surpreendeu-o. Agachou-se e, tomando um dos bastões, resmungou com raiva:

– Bastardos!...

Atirou fora a arma com asco e, enxugando o suor da fronte com a ampla manga esquerda de sua túnica cor-de-marfim, caminhou em frente, diretamente aos degraus que desciam ao fosso ou ante-sala da cova funerária. Hesitou. E ao descer o primeiro degrau ficou imóvel. Voltou a cabeça em direção à vereda pela qual havia chegado e, com um esgar de impaciência diante da demora de seu amigo, encolheu os ombros. Vi-o saltar os breves degraus e deter-se de novo na estreita passagem. Como se achava de costas não pude saber qual sua reação à vista das pedras removidas. Continuava indeciso. Colocou-se diante da boca da gruta e, após lançar uma segunda olhada às suas costas, inclinou-se e tentou perscrutar o escuro interior da cripta. Assim permaneceu, de cócoras e com a mão esquerda apoiada na borda superior da lápide circular que tapava metade da entrada, até que sonoros e dramáticos ofegos o alertaram e obrigaram a voltar-se pela terceira vez. Era Pedro.

Embora houvesse saído antes da mansão de Elias Marcos, a idade e a nada desprezível gordura que se acumulava no ventre e dorso haviam atrasado a marcha de Pedro.

Não pude evitá-lo. Senti pena do esgotado pescador. João precipitou-se escada acima e, ao vê-lo, Simão Pedro ficou calado, interrogando-o com os olhos. Mas seu esforço havia sido excessivo e teve de reclinar-se em uma das árvores, enchendo o silêncio do lugar com intermináveis e intensas inspirações. Sua barba branca e irregular gotejava copioso suor, enquanto sua túnica já estava empapada e colada à pele.

Mas sua curiosidade e inquietação eram mais fortes do que o cansaço. Então, com um gesto de mãos – incapaz que estava, ainda, de articular palavra –, interrogou de novo seu companheiro. João, da borda da escada, fez com a cabeça um gesto negativo, mas não conseguiu descobrir o que quis dizer. E imagino que tampouco Pedro tenha interpretado corretamente aquele gesto negativo. Estaria João referindo-se à ausência do corpo ou queria explicar que ainda não tinha tido

tempo nem oportunidade de penetrar na gruta?

Pesadamente, sem deixar de ofegar, e com um mal dissimulado desgosto que fazia mais pronunciadas as rugas de seu rosto, Simão caminhou até João e, sem pergunta ou comentário de qualquer um deles, ambos lançaram-se degraus abaixo. No meio do caminho, ao ver o negro orifício de entrada, Pedro titubeou. Foi uma fração de segundo. Então, como um meteoro, pôs-se de joelhos e entrou decididamente no sepulcro. João, perplexo e admirado diante da indubitável coragem de seu companheiro, não se moveu.

Não havia transcorrido um minuto quando vi reaparecer a calva do galileu. Dessa vez, sua saída da cova foi lenta e cansada. João, como eu, aguardava sua reação. Levantou-se com dificuldade e, cambaleante, sem abrir os lábios, foi acomodar-se na pedra que servia de proteção à boca da gruta e que, como eu já disse, se achava tombada junto à fachada de pedra do panteão. Seus olhos claros estavam perdidos, sem fixar-se em parte alguma. Parecia hipnotizado. Pálido e alheio a quanto o circundava.

João, nervoso, impaciente, interrogou-o da boca do sepulcro. Então compreendi que o Zebedeu não havia tido ocasião de distinguir com nitidez a superfície do banco onde descansara o corpo do Mestre. Era lógico. Ainda que o Sol houvesse já remontado o perfil do monte das Oliveiras, iluminando toda a área com uma doce e meridiana claridade, a luz que entrava na câmara mortuária era escassa. E suponho que o decidido Pedro, como Madalena e eu mesmo, se havia contentado em apalpar o vazio...

– Quê...?

Simão Pedro nem pestanejou. E com um vago gesto da mão esquerda mandou que ele entrasse.

João franziu o cenho e, contrariado pelo mutismo de Pedro, ficou de cócoras, agachou a cabeça e se perdeu nas trevas do sepulcro. Sua estada no interior foi um pouco mais prolongada do que a de seu companheiro. E quando retomou, diversamente de Pedro, seu rosto estava radiante, transfigurado...

Durante uns dois minutos nada disse. Deixou-se cair de costas contra a fachada da cripta e, virando os olhos, chorou. Foram lágrimas silenciosas, de paz, que diziam mais do que todas as palavras do mundo.

Pedro acabou por voltar à realidade, e, com um amargo ricto nos lábios, exclamou:

– Filhos de mãe velhaca!... Profanaram sua tumba!

A reação do pescador deve ter inflamado o ânimo de João, que, abrindo os olhos, foi sentar-se a seu lado. Visivelmente alterado, apontando a boca da cova, o mais jovem dos Zebedeu tratou de convencê-lo de algo em que, aparentemente, seu amigo não havia reparado: a estranha disposição da

mortalha. Como explicá-lo? Por que os supostos profanadores não haviam levado a mortalha e o lenço?

Os argumentos – tão sutis quanto razoáveis – não sensibilizaram Pedro. Enquanto João argumentava e o chamava de “teimoso” e “estúpido”, Pedro, inalterável, limitava-se a negar com a cabeça, repetindo como um papagaio:

– Eles o roubaram!... Roubaram!

João, que parecia convencido da misteriosa ressurreição, invocou a promessa do rabi de voltar à vida ao terceiro dia. Foi inútil. Sua alegria e seu envolvente entusiasmo chocavam-se sempre com o ceticismo de Pedro.

Em uma desesperada e derradeira tentativa de fazê-lo entender que aquele sepulcro vazio não podia ser obra de ladrões, João pegou Pedro pelo braço e o convidou a entrar de novo. O galileu concordou de má vontade. E ambos perderam-se pela segunda vez na escuridão da tumba.

Não sei do que falaram, mas estou quase seguro de que os dois tatearam a superfície da plataforma rochosa, encontrando, como eu, o lençol de linho e o lenço, misteriosamente e inexplicavelmente “desinflados”... e vazios.

Dentro em pouco saíram. Pedro, sem mudança aparente: confuso e aferrado à idéia da profanação. João, ao contrário, exultante. Cada vez mais convencido de que o Mestre havia ressuscitado. Saltava de júbilo e golpeava a fachada do panteão com ambas as mãos, ao mesmo tempo que repetia aos gritos:

– Ele o fez!... Cumpriu!... As mulheres tinham razão!

Simão, mal-humorado e temeroso, tentou fazê-lo calar-se. Seu medo dos sinedristas não havia passado. O medo de ser igualmente capturado continuava dominando e dirigindo sua débil vontade. E, ao ver que seu jovem amigo não cedia, deu meia-volta e se afastou escada acima.

A verdade é que, ao rememorar essa passagem, eu não soube o que pensar. João, o Evangelista, não alude em momento algum à dura e arisca postura de Simão Pedro. No seu texto (*João*, 20, 1-10), o escritor deixa claro que ele “viu e acreditou”. Mas por que não fala da incredulidade e do nevoeiro mental de seu companheiro? Por compaixão? Talvez por benevolência? Ou, como já vimos na “última ceia”, por que não convinha empanar a imagem daquele que depois seria o cabeça visível da Igreja?

As cenas da famosa corrida e da entrada na sepultura estavam terminadas. Mas não as surpresas daquela agitada manhã de domingo, 9 de abril do ano 30...

No fundo, como passarei a relatar, a imprevista irrupção daquela mulher na propriedade contribuiu, e não pouco, para multiplicar minha desolação. Isto foi o que presenciei.

Pedro, como eu disse, subiu os degraus e, gesticulando e resmungando

incongruências, dirigiu-se para o caminho. Parecia disposto a deixar sozinho seu amigo. Mas de súbito o ruído de uns apressados passos obrigou-o a deter-se. Eu, que me havia erguido e me preparava para sair ao encontro dos apóstolos, fiz o mesmo. Aquilo não estava previsto nem está nos textos evangélicos.

Ao fundo da vereda, entre a ramagem das árvores, aproximava-se impetuosamente uma silhueta. João subiu à pequena esplanada aberta diante da rocha e, lentamente, foi colocar-se junto a seu expectante companheiro. Não se falaram. Pedro levou a mão esquerda ao punho de sua espada. Temendo um encontro desagradável, esperaram.

A alta e espigada figura chegou na bifurcação do estreito caminho. E ao descobrir a presença dos dois galileus deteve seu nervoso caminhar. Era uma mulher. Tinha o rosto coberto por um folgado manto verde. Acreditei reconhecer o talhe e aquelas delicadas vestes. E foi João quem confirmou minha suposição.

– Maria – exclamou o Zebedeu. E, abrindo os braços, precipitou-se para a hebréia. – Maria! Perdoa-me!... É verdade, é verdade!

Madalena descobriu o rosto, acolhendo o feliz discípulo. Simão tirou as mãos da espada e, respirando aliviado, ficou imóvel. João e Madalena puseram-se a chorar e assim ficaram durante vários minutos, fortemente abraçados. Mas Simão, cuja paciência não era precisamente generosa, tratou de cortar aquela emotiva cena, censurando-lhes a “infantil credulidade” e instando João a sair quanto antes daquele “perigoso lugar”. Foi então, ao lançar um inquieto olhar à sua volta, que descobriu minha presença. Sobressaltado, o pescador desembainhou a espada. Então saí do meu esconderijo e dei-me a conhecer, pedindo-lhe calma...

Ao reconhecer-me, João enxugou as lágrimas e, não obstante o gesto de contrariedade de Pedro, chegou-se a mim para relatar-me aquilo que eu já sabia. Durante alguns instantes eu não soube o que dizer ou fazer. Tinha consciência de que não devia influir em nenhum sentido no ânimo e nas decisões daqueles homens. Meu papel era de mero espectador. Todavia, em situações como aquela, a fria e necessária imparcialidade tornava-se extremamente difícil... Então limitei-me a acariciar seus revoltos e sedosos cabelos enquanto ele falava.

Foi Pedro quem, agora mais sereno, tirou-me de tão embaraçosa situação. Deixando-se levar pela sua lógica e senso comum, e ignorando a presença de Maria, deu alguns passos entre os bastões e a marmitta dos guardas do Templo e enunciou o que, em princípio, me pareceu uma excelente sugestão:

– Devemos comunicar o roubo a José e aos demais...

Ao ouvir a palavra “roubo”, Madalena reiniciou seu choro, presa de um novo ataque de desespero. Mas o teimoso galileu nem olhou para ela. Agarrou João pelo pulso e o arrastou vereda acima. E desapareceram ambos de nossa

vista.

Por um lado, alegrei-me. A intransigência do pescador havia começado a crispar meus nervos.

A missão obrigava-me a permanecer no horto, atento à sorte dos panos mortuários. Esse era meu próximo e delicado objetivo: tomá-los e, durante umas horas, submetê-los a uma exaustiva análise científica no interior do módulo. Uma vez colocados no “berço”, teria início a segunda fase daquela, no momento, acidentada aventura. Mas sigamos a ordem cronológica dos fatos...

Comovido, aproximei-me de Maria. Ela se havia ajoelhado e, abatida, ocultava o rosto entre as mãos. Deixei-a chorar e desafogar-se. E quando vi que seus soluços e suspiros começavam a espaçar-se, fui retirando delicadamente suas longas mãos do rosto, pedindo-lhe calma. Mas Madalena, com os olhos inchados e vermelhos, moveu a cabeça, revelando toda a sua impotência e profunda angústia. Era triste e desesperador, para mim, não poder ajudar mais aquela bela hebréia de 20 ou 22 anos. Bem que eu desejaria antecipar-lhe algo do que eu conhecia. Mas o estrito código moral que regia nosso trabalho impôs-se mais uma vez.

De joelhos diante dela, solidário com sua amargura, tive de pronto a sensação de que alguém nos observava. Senti um calafrio na nuca. E, ao voltar-me, dei, de fato, com a robusta figura de um homem. Achava-se descalço. Talvez por isso não o ouvisse chegar. Ergui a vista e respirei com alívio ao reconhecer o horticultor de José. Vestia um tosco *chaluk* de lã de cor cinza descolorida e cobria-se com um não menos gasto chapéu de folha de palma. Na mão esquerda trazia uma tocha. O *am-ha-arez* – como eram conhecidos os sofridos trabalhadores do campo e a massa do povo – sorriu-me, deixando ver os dois ou três únicos dentes que continuavam em pé em suas inflamadas e negras gengivas.

Parece-me que aquela foi uma das poucas ocasiões em que o ouvi falar. Fiel seguidor dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, o homem havia ouvido os rumores que já circulavam pela cidade sobre o desaparecimento do corpo do Mestre e, em um quase indecifrável aramaico galileu, perguntou-me se eu sabia alguma coisa a respeito.¹²¹

Pus-me em pé e, apontando Maria, improvisei, explicando-lhe que sim, havia ouvido qualquer coisa, mas que não estava muito certo...

O horticultor caiu então no seu habitual mutismo. Olhou para a mulher e, hierático como um poste, afastou-se em direção ao fosso. Percebendo que ele estava disposto a confirmar os fatos por si mesmo, decidi, após uns segundos de vacilação, unir-me a ele. A tocha era importante. Até então minhas sucessivas incursões à cripta tinham sido feitas em precárias condições de visibilidade.

Então, deixei Madalena e apressei-me a seguir os decididos passos do horticultor.

Em má hora...

O nauseabundo odor de sebo de vaca que impregnava a tocha tomou conta de tudo. E a vacilante chama, entre esporádicas chispas, foi arrancando reflexos avermelhados das paredes da gruta e alongando e deformando nossas sombras. O silencioso horticultor, com a cabeça e o torso inclinados, para não bater no teto, permaneceu com os olhos fixos no banco vazio. Parecia hipnotizado.

Durante uns segundos fiquei observando o homem, à espera de algum comentário ou expressão de surpresa. Em vão. Frio como o gelo, limitou-se a explorar com a tocha toda a plataforma rochosa, para verificar, como eu, que o lençol apresentava uma posição estranha.

Passados uns minutos, fez um gesto de retirar-se do lúgubre recinto. Mas – leviano que fui! – fiz-lhe um sinal e o seco mas atencioso servidor de José acedeu ao meu pedido, aproximando a tocha do linho. Obviamente, devido à escuridão, nas anteriores oportunidades eu não havia podido reparar em um “detalhe” que agora, à luz da chama, me deixou atônito. Um “detalhe” do qual havia tido conhecimento “em meu tempo”, mas que, honestamente, nunca valorizei como “sério” e “científico”. Estou-me referindo a umas assombrosas manchas, de um tom caramelo, que se viam em ambas as faces interiores do pano de linho. Mas vamos por ordem.

Lembro que, em uma primeira exploração da metade superior do lençol, me chamara a atenção uma série de coágulos e filetes de sangue. Quase coleí o nariz sobre tais manchas, observando com não pequena perplexidade que estavam intactas. “Limpas.” Perfeitamente definidas. Aquilo era incompreensível. Depois de 34 horas – tempo aproximado de permanência do corpo na sepultura –, a maioria das feridas e grumos sanguinolentos deveria ter ficado colada ao pano. Se o corpo tivesse sido roubado e trasladado, o lógico teria sido que, no percurso, ao descolar-se, os coágulos borrassem o lençol. Ao contrário, os decalques de sangue conservavam-se intactos.

Deus meu! que haveria sucedido no negrume daquele lugar na madrugada de domingo?

Levantei a face superior do lençol e, à luz da tocha, entre uma constelação de fios de sangue igualmente nítidos, descobri aquelas “manchas” douradas. Ou não seriam “manchas”? Nervoso e confuso diante de tanto desatino científico, alisei a superfície da metade inferior da mortalha. As pontas dos dedos roçaram primeiro em alguns grumos de sangue. Mas, ao fazer o mesmo sobre as supostas “manchas” de cor escura, não percebi a rugosidade dos coágulos. A deficiente

iluminação e a proibição estabelecida pelo Cavalo de Tróia de manipular ou alterar a disposição daqueles panos, ao menos enquanto permanecessem na tumba, não me permitiram chegar a conclusão alguma. Enquanto durou a curta e apressada exploração vieram-me à mente várias hipóteses. Tratava-se de manchas originais pelos unguentos? Ou quem sabe seriam fluidos de origem orgânica, resultantes da decomposição do cadáver, que haviam empapado o linho?

O assombroso era que tais “manchas” reproduziam o perfil do corpo que estivera envolvido no lençol.

– Isso é loucura!

Minha exclamação deve ter removido a frieza do jardineiro porque, imitando-me, aproximou sua vista do pano. Cruzamos um olhar de incredulidade. Todavia, não foram as misteriosas “manchas” douradas ou a desconcertante estrutura dos coágulos que surpreenderam o sagaz horticultor. Suponho que estas sutilezas escaparam ao seu fino instinto. Não assim, porém, em relação a outro “detalhe” que, se não houvesse sido por ele, certamente teria passado inadvertido para mim. Sem pronunciar palavra, apontou com o indicador da mão direita para o centro do lençol. Ao ver “aquilo”, o coração saltou-me no peito. Quase no centro do banco, entre ambas as partes da mortalha, e justamente no ponto onde haviam repousado os pulsos do Nazareno, estava a estreita tira de pano que, uma vez pulverizada com aloés, havia servido para atar suas destroçadas mãos. O incrível é que a peça estava enrolada, em forma de anel, perfeitamente atada e envolvendo o... vazio!

Fechei os olhos. Será que eu também era vítima de uma alucinação ou da histeria coletiva? Mas não. Ao abri-los, a “descoberta” do jardineiro continuava ali, desafiando a lógica humana. Como ocorrera com o lenço que havia sustentado a mandíbula inferior do rabi e que, como expliquei, encontrava-se firme e “em seu lugar”, aquela peça de pano, obrigatória nos sepultamentos judeus da época, não mostrava sinais de manipulação. Se um hipotético profanador houvesse carregado o corpo, por que soltaria as tiras para atá-las novamente e, para cúmulo do absurdo, as colocaria delicada e calculadamente no mesmo ponto e posição que haviam ocupado?

Ali havia ocorrido “algo” extraordinário. “Algo” que superava minha capacidade mental. Mas que seria?

Como imaginei, a faixa que Nicodemos havia atado à altura dos tornozelos do Mestre estava em posição e condições idênticas. Meticulosamente enrolada e com os nós intactos...

Satisfeita minha curiosidade, mas não minhas dúvidas, recoloquei a metade superior do lençol na sua posição original. Agora, mais do que nunca, devia

apanhar aquela mortalha e submeter o tecido, os coágulos e as “manchas” douradas a uma completa análise médico-científica. Mas não imaginava então as múltiplas surpresas que nos reservariam esses estudos! E antes teria de resolver um “pequeno problema”: como e quando retirar os panos?

Creio que estávamos a ponto de abandonar a cripta quando, de súbito, uma sucessão de gritos nos alarmou. Que havia acontecido?

De fato, creio que foi uma leviandade de minha parte. Jamais deveria ter retido o horticultor na cripta. Mas o destino, como se verá, tem estas coisas...

Fui o primeiro a sair. Meio cego devido à forte claridade da manhã, estive a ponto de tropeçar na segunda lápide.

As vozes vinham do ponto onde, pouco antes, havíamos deixado a aflita Maria Madalena. Não pareciam gritos de medo ou de dor. Era difícil explicar. Soavam como invocações. Como se alguém, uma mulher, sem dúvida, reclamasse a atenção ou a presença de outra pessoa.

Ao chegar ao último degrau, vi que se tratava de Madalena. De costas, ajoelhada e com os braços para o alto, ela não parava de clamar, repetindo uma mesma e única palavra:

– *Rabbuní!*...

O termo – “Mestre” – referia-se ao falecido rabi da Galiléia. Disso tenho certeza. Mas por que ela invocava seu nome? E, principalmente, por que o fazia naquele estranho tom?

Tive um pressentimento. Olhei ao meu redor mas não tardei a afastar tão absurda idéia. Ali não havia ninguém. Tudo se achava em calma. Além disso, os textos sagrados consultados pela equipe do Cavalo de Tróia não falam de uma segunda aparição do Nazareno a Madalena.

A mulher não se havia movido, praticamente, da borda do pomar. Talvez, pensei, tenha sido vítima de outra depressão.

O horticultor parou junto a mim e nos olhamos sem compreender. E devagar, procurando não assustá-la, caminhamos para ela.

– *Rabbuní!*

Aquilo era uma chamada...

Detivemo-nos cada um a um lado dela e, por um intervalo de alguns minutos, a contemplamos com tanta inquietação quanto curiosidade. Maria Madalena apresentava uma expressão diametralmente oposta. O abatimento anterior havia desaparecido de sua face. Era muito estranho...

Seus olhos, muito abertos, sem pestanejar, pareciam fixados em um ponto invisível do espaço. Havia neles uma sombra de espanto e surpresa. Foi então, ao olhar para suas mãos, que reparei na direção e posição de seus dedos. Estavam

rígidos, crispados e em atitude de querer tocar ou agarrar algo...

– *Rabbuní!*

Imóvel, Maria nem se apercebeu de nossa presença. E continuava a repetir o título do Nazareno, num tom, evidentemente, de súplica. Eu não sabia o que pensar. Todos os sintomas indicavam uma nova crise. E comecei a questionar-me se a saúde e o equilíbrio mental da antiga cortesã estariam normais.

Não fora a fulminante reação do jardineiro e talvez aquela situação se prolongasse indefinidamente. Mas o homem, compreendendo que Maria se achava fora de si, acabou por lançar-se sobre ela e sacudi-la pelos ombros, quase a levantando para o ar. As secas e violentas sacudidas tiveram efeito: Madalena pestanejou várias vezes, voltando à realidade. Suas faces recuperaram a cor. Então baixou a cabeça e suspirou ansiosamente.

– Estás bem? – atrevi-me a perguntar.

Ergueu os olhos e suas pupilas da cor do azeviche falaram em silêncio e com uma força que me recordou o poderoso olhar do Filho do Homem. Estremeci e ela percebeu. Sorriu com íntima satisfação e, erguendo a mão esquerda para as árvores do pomar, comentou sem vacilação:

– Eu o vi!

O horticultor, instintivamente, voltou a cabeça para o ponto assinalado pela mulher.

– Sim, tu nos contaste... – respondi em tom conciliatório.

– Não! – bradou trêmula. – Agora!... Foi agora!

Dessa vez fui eu quem empalideceu. Mas, suspeitando que Madalena podia estar sendo vítima de suas próprias emoções, esforcei-me por conservar a calma e seguir a corrente.

– Fica calma. Sabes que acreditei no teu testemunho. Sei que o viste.

– Não! – interrompeu-me ela violentamente. Sua face havia mudado. Madalena sofria por ver que, uma vez mais, não era acreditada. – Repito que o vi pela segunda vez!... Aqui!

Avançou dois passos e foi colocar-se a 1 metro das árvores. O silencioso jardineiro fez um ar de dúvida. Voltamos a trocar um olhar e, prudentemente, não fizemos nenhum comentário. Uma segunda suposta aparição do não menos suposto ressuscitado era demais... E, sem querer, vi-me colhido pelo mesmo ceticismo que, paradoxalmente, eu havia, no íntimo, criticado em Pedro. Era curioso. Apesar da veemência da hebréia, fui incapaz de crer em sua palavra. Ou seria que a sensação de frustração que vinha germinando em meu ânimo bloqueava minha mente até o ponto de refutar seu testemunho só para buscar minha própria justificativa? Agora sei que só a idéia de que aquilo era verdade, de que Ele havia estado ali, tão próximo, havia começado a minar minhas

forças...

– Era Ele!...

E Maria, sem que ninguém lhe perguntasse, repetiu a mesma descrição do “estrangeiro” de túnica e manto “nevados”. Deixamo-la que desabafasse. Que mais podíamos fazer?

– ... E me falou – continuou ela com uma crescente emoção. – Disse-me: “Não fiques em dúvida. Tem coragem... Crê no que viste e ouviste. Volta aos apóstolos e diz-lhes outra vez que ressuscitei... que aparecerei diante deles e que logo, como lhes prometi, os precederei na Galiléia.”

Ela examinou nossos rostos. O silêncio que se seguiu ao seu relato foi revelador. Mas dessa vez Madalena não se alterou. Não houve protesto ou lamento. Sabia quais eram os pensamentos daqueles homens e, ocultando o rosto com a borda do manto, afastou-se em passos rápidos.

Eram 9h40. Supondo que esta segunda manifestação do Mestre houvesse sido real, devia ter-se registrado três ou quatro minutos antes.

Confusos, sem saber o que dizer, vimos a mulher tomar a vereda e correr. Nesse momento, enquanto ela desaparecia, em direção à cancela, outras duas figuras apareceram entre a ramagem. Ao cruzar com Madalena detiveram-se, mas, aparentemente, ela nem sequer respondeu à saudação dos dois homens. Continuou a correr e perdeu-se vereda acima. Os novos visitantes, visivelmente contrariados, hesitaram por um momento, mas, ao descobrirem nossa presença, retomaram a marcha. Eram José de Arimatéia, dono do lugar, e o eficiente Davi, irmão dos Zebedeu e chefe dos “mensageiros”.

Tanto um quanto outro, do mesmo modo que a maioria dos seguidores de Jesus que eu havia tido ocasião de ver até esse instante, traziam no rosto o esgotante cansaço de dois dias e duas noites de vigília, a angústia e o horror da tragédia e, sobretudo no caso de Davi Zebedeu, uma chispa de esperança no olhar.

Ambos se mostraram alegres ao ver-me. E José, sabedor, desde o princípio, da existência da férrea vigilância do panteão, elogiou minha presença no lugar, comparando-a com a “mesquinha e covarde atitude” de muitos dos íntimos do Mestre. Tentei dissuadi-lo, mas o ancião, mudando de assunto, entrou logo a falar daquilo que era o verdadeiro motivo de sua visita à propriedade: o sepulcro. As mulheres que haviam acompanhado Madalena naquela madrugada – disseram eles –, depois de transmitirem aos apóstolos a notícia da tumba vazia, da desaparecimento das patrulhas e da suposta presença do rabi no jardim, haviam estado na mansão de José e contado à sua filha e às restantes mulheres tudo o que haviam visto e ouvido. Pouco depois a filha de José e as quatro testemunhas em questão foram à casa de Nicodemos. Ali estavam Davi Zebedeu e o ancião

membro do Sinédrio. Repetiram a história, mas, segundo as próprias palavras de José, quase todos duvidaram da veracidade de tais fatos. Sobre tudo da pouco crível ressurreição de Jesus. Tanto Nicodemos como os discípulos que se ocultavam na casa inclinaram-se a crer que o corpo podia ter sido roubado. Só Davi e José recordaram as promessas do Filho do Homem e, movidos pela esperança e curiosidade – no caso de José, esta última era mais poderosa do que a primeira –, tomaram a decisão de ir ver a cripta e esclarecer o enigma.

Davi quase não abriu a boca. Observou minuciosamente a esplanada e depois, tremendo de impaciência, instou com o ancião para que não perdesse mais tempo e tomasse a frente no ingresso do sepulcro. José concordou e, a um sinal seu, o horticultor os acompanhou como guia. Eu, cauteloso, fiquei atrás e aguardei no meio da escada. Durante os poucos minutos que durou a visita, um pensamento, quase uma obsessão, atormentou-me impiedosamente:

– “E se aquela segunda aparição tivesse sido real?”.

Os acontecimentos que eu estava presenciando nem mesmo figuram nos Evangelhos. Nem a segunda e até então presumida aparição do Mestre a Madalena, nem a visita de José e Davi à tumba e muito menos o que ocorreria logo depois. Não me cansarei de repetir: é uma lástima que os escritores sagrados não se tenham empenhado em uma narrativa mais minuciosa e completa dos sucessos que cercaram a vida e a morte do Filho do Homem! Se o houvessem feito, os cristãos e não crentes haveriam compreendido melhor os protagonistas dessa época. Quanta razão tem João, o Evangelista, quando, em seu último versículo (21, 25), afirma que “há, ademais, outras muitas coisas que Jesus fez...” Mas não quero incidir em novas elucubrações pessoais.

Curiosamente, aqueles dois homens seriam os últimos fiéis seguidores de Cristo a terem acesso à cova quando ainda “intacta”, quer dizer, com os panos mortuários tal como haviam sido vistos depois da enigmática desapareição do corpo.

José de Arimatéia não tardou a sair do sepulcro. Sua atitude, a princípio, foi de contrariedade. Levou as mãos às costas, caminhou um pouco e abanou a cabeça, como que repelindo a idéia da ressurreição. De certo modo lembrava Simão Pedro.

Davi Zebedeu, ao contrário, tal como seu irmão João, saiu da tumba com novo ânimo. Com uma eloqüente felicidade no olhar.

Antes que o chefe dos “emissários” fizesse comentário ou desse opinião, o *euschemon* – nome com que também naquele tempo se designava um rico proprietário rural – aproximou-se de seu amigo, olhou-o fixamente e perguntou-lhe:

– Qual é sua opinião?

A resposta do galileu, no meu entender, foi perfeita:

– Fiz bem em convocar meus homens para hoje... Estou curioso para conhecer as reações dos apóstolos. Irei à casa de Elias e lhes perguntarei. Jesus prometeu ressuscitar no terceiro dia e cumpriu. Quando chegar o último dos meus “emissários” darei as ordens para que divulguem a boa-nova.

– Mas...

A previsível impugnação de José nem chegou a ser formulada. Um distante vozerio obrigou-nos a voltar a atenção para o alto da escada. Davi interrogou com o olhar o sinedrista. Este, encolhendo os ombros, consultou o horticultor. Ninguém sabia do que se tratava.

Subiram os degraus cautelosamente e, uma vez em cima, detiveram-se. Apressei-me, por minha vez, a segui-los. Espalhados entre as árvores – juraria que em posição de combate – aproximavam-se uns vinte homens. Vestiam-se de forma bem variada. Cinco ou seis tinham longas túnicas verdes que roçavam o solo e camisas de escamas metálicas até o meio da coxa. Cobriam-se com capacetes polidos e em forma de cúpula e portavam arcos de dupla curvatura. Avançavam no centro da formação e um deles, talvez o chefe, ia ligeiramente adiantado e com uma tocha acesa na mão esquerda.

Outros vestiam roupões amarelos idênticos aos que haviam sido abandonados no solo. Reconheci em suas mãos ou nos cintos alguns daqueles longos e temíveis bastões com cravos. Os demais, ao menos os que caminhavam na primeira linha, vestiam umas curiosas peças – parecidas com as nossas camisetas – de um pano forte e mangas curtas, todas de uma só cor, pardo-canela. Sobre uma minguada túnica da mesma cor – talvez se tratasse da mesma peça – cingiam a cintura com uma larga faixa de couro reluzente, de uns 30 centímetros, dividida em três barras, com todas as características de uma couraça abdominal. Suas cabeças estavam cobertas com turbantes de tom igual ao das vestes. Um dos pendentes daquele simulacro de capacete caía sobre a orelha direita, com longas franjas que repousavam sobre a clavícula. Uma lança de madeira, de mais de 2 metros, e com ponta de ferro triangular, e um grosso escudo ovalado, também de madeira de sicômoro (capaz de resistir aos vermes) completavam o armamento. A estampa daqueles guardas do Templo, porque disso se tratava, trouxe-me à memória o detalhe de um dos alto-relevos descobertos no palácio de Senaquerib, em Nínive, em que se representa a conquista da cidade judaica de Lakis, em 701 a.C.

Ao ver-nos assomar no alto da escada, a guarda judia deteve sua marcha. Vários deles, os que traziam arcos em forma de canga, moveram as mãos para trás e tiraram várias flechas de umas aljavas cilíndricas, de cor granada. Mas o

da frente fez um sinal com a acha e as flechas voltaram às aljavas.

Davi Zebedeu, percebendo as intenções daqueles *ammarkelîn* ou *strategoi* como os chamou Flávio Josefo, desembainhou seu *gladius* e, frio como o próprio gelo, cobriu seu amigo ancião. Mas este, consciente de sua superioridade sobre os esbirros de Caifás, obrigou o discípulo a guardar sua arma. Depois, adiantando-se até a orla do pomar, censurou o que parecia o cabeça, chamando-o por seu nome. Tratava-se de um tal Eleazar, um dos *sagan* ou chefes do Templo.¹²² O capitão dos levitas adiantou-se até José e ambos discutiram acaloradamente por alguns minutos. Por fim, depois de fazer um sinal ao grupo que permanecia atento e a curta distância, saiu de trás dos guardas um judeu de longa túnica branca de linho, com um cinto de pano da mesma cor do qual pendia uma pequena caixa de fina madeira. Impressionou-me seu nobre porte, tranqüilo e circunspecto. Devia estar pela mesma idade de José: uns 60 anos. O recém-chegado saudou José de Arimatéia com uma leve reverência e, introduzindo a mão na ampla manga direita mostrou-lhe um rolo de pele de borrego, cuidadosamente atado por um cordãozinho vermelho. José abriu-o e o leu atentamente. Sem poder resistir à curiosidade, inclinei-me dissimuladamente sobre Davi, perguntando-lhe ao ouvido, num sussurro, se podia adiantar-me uma explicação. Sem deixar de observar os três homens, o Zebedeu disseme que não tinha certeza.

– Talvez pretendam fechar a tumba...

Mas o chefe dos “mensageiros” estava equivocado. A intenção daqueles homens ou, para ser mais preciso, do sumo sacerdote Caifás e dos saduceus que o secundavam no “problema” chamado Jesus era muito mais sibilino...

José devolveu o pergaminho ao ancião e, dando meia-volta, encaminhou-se para nós. Seu rosto, habitualmente tranqüilo, estava congestionado. Indicou-nos com um gesto de mão que nos afastássemos para o lado, deixando livre o acesso ao fosso, e, com um conciso e seco comentário, assim resumiu a situação:

– Ordem de registro...

– Mas, por quê? De quem?

José olhou para Davi e respondeu com um sorriso mordaz. Foi o Zebedeu quem respondeu a si próprio, e corretamente, claro:

– Caifás! Esse bastardo!

A princípio, como meus companheiros, não compreendi o sentido de tal registro. O sumo sacerdote havia sido informado pela própria patrulha judia da desapareição do corpo e do não menos inquietante fenômeno das pedras rolando por si mesmas. Que obscuras intenções podiam ocultar-se, portanto, atrás daquela absurda ordem? Não tardaria a averiguar.

Os levitas cercaram por fim o acesso à cova e nós, em silêncio,

permanecemos de lado, atentos à desconcertante manobra. O capitão reclamou então a presença dos elementos que não pareciam fazer parte do corpo de vigilantes do Templo. Vestiam-se como a maioria dos *am-ha-arez* ou plebeus: túnicas gastas e de uma cor indefinível debaixo da imundície. Um deles tinha a cabeça enfaixada à altura das têmporas, o que lhe ocultava a orelha direita. Ao olhá-lo mais detidamente pareceu-me reconhecer o servo do sumo sacerdote que havia provocado a alteração nos arredores do horto do Getsêmani. Aquele sírio ou nabateu,¹²³ que se chamava Malco e a quem eu havia procurado em vão nas últimas horas do meu primeiro “salto”, parecia bem recuperado do terrível golpe desferido por Pedro. Se as circunstâncias não fossem tão rígidas, certamente eu teria tentado satisfazer uma íntima curiosidade: examinar a orelha e o ombro direitos do servo. Mas não podia senão dominar-me. “Quem sabe haverá uma terceira ocasião”, disse a mim mesmo. De qualquer forma, enquanto Eleazar, o capitão dos guardas, dava instruções aos esfarrapados, pude esclarecer outro interessante dado. Aqueles indivíduos não eram em realidade serviçais, no sentido que podemos atribuir hoje a tal qualificativo. O ostensivo orifício no lóbulo da orelha direita do segundo personagem revelava claramente que se tratava de escravos. Nesse caso, escravos pagãos. (Procurarei, mais adiante, penetrar no tenebroso e pouco conhecido mundo da escravatura em Israel no tempo de Cristo, à qual, incompreensivelmente, Jesus não prestou excessiva atenção.)

O caso é que, para minha surpresa e desaponto, o chefe do Templo cedeu a tocha a Malco e este, em companhia do segundo escravo e de três dos levitas de túnicas verdes, desceu a escada e se dirigiu para a entrada do sepulcro. O capitão ordenou que fossem recolhidos os mantos, os bastões e a marmita deixados pela patrulha que havia estado de guarda na tumba; depois desceu e introduziu-se na cripta. Pelo que pude ver, só os escravos e o chefe daquele novo pelotão entraram no sepulcro. Este último, certamente, deslizou pela abertura com precauções que me pareceram tão absurdas quanto excessivas. Os três levitas restantes mantiveram-se diante da fachada, guardando o acesso ao interior.

A explicação para a quase teatral maneira como o capitão ingressou no panteão – evitando por todos os meios roçar sequer a pedra circular que servia para fechá-lo – foi-me dada por Davi, que, espontaneamente, lembrou uma diatribe do Mestre:

– “Sepulcros caiados!”

Que queria dizer o Zebedeu? Muito simples. A lei mosaica era estrita no que se referia à contaminação pelo contato com cadáveres. Na *Misná*, por exemplo, capítulo *Ohalot*¹²⁴ lêem-se, entre outros, os seguintes preceitos, fundamentados no livro de *Números* (19, 14): “A pedra circular que fecha a

tumba” – reza o capítulo 11 – “e as pedras de apoio propagam impureza por contato e sob a tenda, ainda que não por transporte...

“As seguintes coisas são puras se forem imperfeitas, quer dizer, se não alcançarem a medida: como meia azeitona de um cadáver, como meia azeitona de substância cadavérica putrefata, uma colherada de podridão, um quarto de *log* de sangue (um *log* equivalia a 500 gramas), um osso do tamanho de um grão de cevada, um membro de um ser vivo ao que falta o osso.

“Se uma pessoa toca um morto e depois alguns objetos, estes tornam-se impuros. Se projeta sua sombra sobre um morto e depois a projeta sobre alguns objetos, estes permanecem puros. Mas, se sua mão tiver uma extensão de um palmo quadrado, os objetos tornam-se impuros...”

Todas essas medidas – que a princípio tiveram, sem dúvida, caráter higiênico-sanitário – haviam sido distorcidas e manipuladas pelos doutores da Lei, transformando-se, com o passar dos séculos, em um pesadelo. E ainda que a maioria do povo desprezasse aquelas centenas de regras e absurdas prescrições não acontecia o mesmo com os sacerdotes e certas castas, direta ou indiretamente vinculadas ao Templo ou à Lei. Esse era o caso do chefe de turno dos levitas. E essa era a razão pela qual se haviam feito acompanhar de dois “desprezíveis escravos pagãos” que não estavam obrigados ao ritual sobre “impurezas”. Como teria ocasião de presenciar minutos mais tarde, aqueles “sepulcros caiados” obedeciam às formalidades até o extremo de não tocar nos panos mortuários. Malco e o outro pagão é que os manipularam. Foi até surpreendente que Eleazar se houvesse dignado ultrapassar a porta da cripta. Mas suas ordens, aparentemente, o obrigavam a tal “aberração religiosa”... Seguindo os costumes de Caifás, e dadas as especiais circunstâncias, a Lei, nesse caso, havia sido acomodada aos inconfessáveis interesses da hierarquia.

Em poucos minutos, com efeito, o “registro” foi ultimado. E vimos o capitão e seus homens reaparecerem. O da orelha perfurada levava sob o braço um envoltório. José reconheceu logo o lençol de linho que ele mesmo havia comprado e que servira para o transporte e o provisório amortalhamento do corpo do rabi. Enfurecido, saiu ao encontro do chefe da patrulha exigindo o lençol. Eleazar interpôs-se bruscamente. Foram segundos de muita tensão. Davi levou a mão esquerda ao punho da espada, mas antes que a arma deslizasse para fora da bainha de madeira os levitas que nos cercavam encostaram os ferros de suas lanças em nossos quadris e ventres.

Os protestos do ancião sinedrista foram estéreis. E os soldados, cumprida a missão, dispuseram-se a abandonar o horto. Antes, aos empurrões e sob a contínua ameaça das lanças, o horticultor, Davi e eu fôramos forçados a retirarmos para a vereda de saída da propriedade. Mas José, que não fugia das

dificuldades, voltou a enfrentar o capitão. E, apontando o velho da túnica de linho, lembrou-lhe que aquela era uma propriedade sua e que eles tinham quando menos a obrigação de lavar a do confisco. Eleazar, desorientado, esperou a resposta do rabi ou escriba. Este, conhecido pelo nome de Johanan ben Zakkai, concordou discretamente. O chefe do Templo cedeu e, a um sinal seu, os levitas nos obrigaram a voltar à esplanada. Íamos servir de testemunha.

O servo que carregava as roupas atirou-as no chão e, após consultar Eleazar, apressou-se a abri-las. Tanto o capitão como os esbirros retrocederam vários passos, como que movidos por uma mola. E o ancião, depois de assegurar-se de que sua sombra e as dos levitas não se projetavam sobre o pacote fúnebre, foi sentar-se diante dele à maneira turca. Depois colocou a caixa retangular sobre as coxas e, silenciosamente, recreando-se no que sem dúvida constituía todo um cerimonial, começou a abri-la. Fiquei fascinado. Era uma espécie de módulo, chapeado em madeira fina, com duas concavidades circulares em uma das extremidades. Nelas, pelotas de tinta solidificada. Uma preta e outra vermelha. Possivelmente fuligem e ocre, misturados com goma, e que se diluíam em água na hora de usar. (Algo semelhante a nossa tinta nanquim, que permitia lavagem fácil e, naturalmente, toda sorte de falsificações.) A massa avermelhada obtinha-se também da *sikra*, um pó que resultava da moagem de cochonilhas e era aproveitado pelas hebréias como cosmético. No centro da caixa havia um terceiro orifício no qual se acomodavam os utensílios próprios da escrita: os cálamos ou pequenos juncos marítimos, que faziam as vezes de penas. Tinham sido recortados obliquamente em uma das extremidades e, na outra, esmagados, com o que podiam ser utilizados como pincéis.

Por último, em outra concavidade aberta na caixa, o escriba guardava uma série de tabuinhas de madeira, muito delgadas, cobertas de cera. Junto delas havia um estilete de osso. Uma das pontas formava uma espátula que deveria servir para amassar a cera e assim desfazer a escritura e reaproveitar a tabuinha. A extremidade oposta era afiada e pontiaguda.

O tal Zakkai tomou uma daquelas tabuinhas e, com a esquerda, dispôs-se a perfurar a cobertura de cera. Deu o sinal com o estilete e o escravo foi erguendo cada uma das peças mortuárias e mostrando-as aos presentes.

Da direita para a esquerda, em aramaico – o hebraico só era usado em assuntos religiosos –, o rabi foi escrevendo sem pressa e com grandes letras:

“Um lenço... duas faixas para mãos e pés... e um lençol de linho de Palmira”.

Ao erguer parcialmente o longo lençol, todos, incluídos Davi e o de Arimatéia, pudemos observar “algo” que, sobretudo para mim, nos surpreendeu. À clara luz da manhã, entre os restos sanguinolentos, o sudário apresentava umas

insólitas “manchas” douradas, as que eu havia descoberto na cripta e que reproduziam parte de uma figura humana. Ainda que breve, a exposição do pano permitiu-nos distinguir as plantas de uns pés nus e a metade inferior de umas pernas. O incrível “desenho” – no momento não pude defini-lo melhor – não passou despercebido a Eleazar e ao escriba. Este, ao notar as “manchas”, permaneceu um instante com a pena no ar, atônito. Davi Zebedeu olhou-me de soslaio, interrogando-me com uma quase imperceptível elevação da cabeça. Eu me limitei a arquear as sobancelhas, dando-lhe a entender que também não tinha uma explicação para aquilo.

A abrupta reação do capitão foi muito significativa. Ao perceber que aquela mortalha continha “muito mais” do que coágulos de sangue, simulou uma súbita pressa, deu por concluído o protocolo e ordenou que o escravo refizesse o pacote. E o rabi, após estampar seu selo ao pé de tão concisa “ata”, guardou o instrumental e se levantou.

A partir daí, tudo se passou com rapidez. Os levitas nos provocaram com suas armas e nos obrigaram a sair da propriedade, enquanto o resto do pelotão, com Eleazar à frente, seguia-nos a curta distância. Transposta a cerca de madeira, os soldados deixaram-nos em paz, unindo-se aos seus companheiros. José e Davi, indignados pelo que consideravam uma violência, convidaram-me a acompanhá-los até a casa de Elias Marcos. Hesitei. Aquela parte da missão não havia sido concluída. Eu devia cuidar dos panos mortuários e levá-los para o “berço”. Mas como? O servo que os levava não parecia disposto a perdê-los nem a entregá-los a ninguém. Assim, desculpando-me, disselhes que nos veríamos mais tarde. Sem mais palavras, meus amigos tomaram a direção da cidade. O horticultor perguntou ao chefe do Templo se podia voltar ao seu trabalho na plantação e, uma vez autorizado, desapareceu igualmente pela vereda do horto. Minha obsessão era apoderar-me do sudário. Mas a sorte não parecia estar ao meu lado. Que fazer?

Os entendimentos de Eleazar com sua gente foram brevíssimos. Eu precisava manter os olhos bem abertos e seguir a pista do sudário. Não havia outra solução. Assim, simulando um inexistente cansaço, deixei-me cair ao pé da paliçada, sentindo a agradável e tépida carícia do Sol em meu rosto. Semicerrei os olhos, lamentando não haver sido mais rápido e não haver-me já apossado da mortalha. O Cavalo de Tróia, no planejamento desta segunda missão, havia sido categórico: a análise daquela peça era vital para o nosso intento de esclarecer o hipotético fenômeno que os cristãos chamam “ressurreição”. Em consequência, deveria eu levá-la para o módulo a qualquer preço. Mas aquele pensamento foi rejeitado de pronto. Já não havia remédio. Além disso, haveria ido contra o curso

natural dos acontecimentos que, em parte, eu havia presenciado. Um erro dessa natureza, confiscando a mortalha antes do tempo, poderia ter alterado substancialmente os fatos históricos, tal como os conhecemos. Se eu houvesse apanhado o sudário em uma de minhas primeiras incursões no interior da cripta, o relato de João Evangelista, por exemplo, não haveria sido o mesmo. Nem ele nem Simão Pedro, depois da famosa corrida, teriam tido oportunidade de ver os panos e sua estranha disposição sobre o banco de pedra. Minha responsabilidade, uma vez mais, era muito grande. Tinha de esperar, tinha de aguardar o momento propício. Um momento em que o pacote passasse a segundo plano, historicamente falando. Mas quando e onde? E se as intenções do sumo sacerdote fossem de destruí-lo? De Caifás e sua gente podia esperar-se qualquer coisa. Se o embrulho que o servo levava terminasse em algum obscuro lugar de Jerusalém ou simplesmente fosse incinerado, adeus nosso objetivo...

Mas talvez eu estivesse superestimando a agudeza daqueles esbirros. A julgar pelo que haviam feito, não estavam convencidos nem um pouco de que os rumores sobre a volta à vida do Galileu fossem verdadeiros.

A patrulha, congregada em torno de seu chefe, deu por terminado o “conclave” e, enquanto o grosso dela punha-se em movimento em direção à muralha norte, Eleazar, o escravo que tinha o envoltório funerário e dois dos arqueiros deram meia-volta e se afastaram em sentido contrário ao da tropa. Então um raio de esperança brilhou no meu coração. Qual seria sua intenção?

Nem sequer repararam em mim. Os quatro indivíduos cruzaram por aquele maltrapilho e dorminhoco estrangeiro, contornando a cerca da propriedade em direção ao nordeste e a grandes passadas. Vi-os desaparecerem no interior de uma fileira de espessas algarobeiras carregadas de vistosas flores vermelhas. Foi uma excelente referência.

Levantei-me rapidamente e, após assegurar-me de que o grosso dos levitas prosseguia em seu caminho para a Porta dos Peixes, saltei a sebe da propriedade situada diante da de José, procurando contornar o pequeno bosque de algarobeiras pela frente leste.

Não tive de caminhar muito. Em sua vertente oriental, a reduzida massa de árvores aparecia cortada bruscamente por uma das muitas depressões dos contrafortes das colinas e desfiladeiros de Beza'tha. Tratava-se de uma das mil rampas rochosas de marga, tão freqüentes na tortuosa superfície da Judéia. Colei-me ao pó vermelho do terreno e, oculto entre os matagais, vi o capitão e seus homens na borda do precipício.

Eleazar apontou para o rochedo e o escravo, obedecendo à ordem, atirou o envoltório ao fundo da escarpa. Cumprida a missão, afastaram-se pelo mesmo caminho que haviam trilhado.

Aguardei alguns minutos. Tudo naquela remota paragem achava-se deserto e silencioso. Verdadeiramente, o lugar em que se desfizeram da mortalha não podia ser mais bem escolhido. A estrada mais próxima – a de Samaria – ficava muito mais ao oeste e a escarpa dos penhascos a estava isolando de qualquer caminho ou atalho. Quem podia aventurar-se por semelhante abismo?

Com todas as precauções fui-me aproximando do declive rochoso e não tardei em distinguir meu objetivo. Havia ficado meio enganchado nos ramos novos de um alcaparreiro silvestre. A verdade é que da borda do pequeno bosque não havia sido muito difícil localizá-la. Qualquer hipotético observador teria visto sem dificuldade o estranho pacote, salpicado por uma infinidade de manchas de sangue já obscurecidas pelo passar das horas.

Estive tentado a desatar o envoltório e satisfazer minha ardente curiosidade. Aquelas “manchas” de cor tostada me intrigavam demais. Mas é claro que o momento e o lugar não eram os mais adequados. Haveria tempo para examinar os panos e surpreender-me com seu “conteúdo”.

Rasguei meu imprestável manto e ateí o farrapo a um tenro ramo do alcaparreiro. Dessa forma, ainda que não me esquecesse do ponto exato da queda dos panos mortuários, teria menos problemas quando os fosse repor no lugar em que haviam sido ocultos e abandonados.

Os evangelistas omitem também esse caso. Talvez não o considerassem importante. É possível que João, o único dos escritores sagrados que “viu” os panos “arrumados”, não tivesse tido oportunidade de reparar nas misteriosas “manchas”. Ou, se o fez, como em outros muitos capítulos da vida do Filho do Homem, não lhe deu importância. Entretanto, em nossa opinião, como terei ocasião de demonstrar mais adiante, os panos em questão – especialmente o lençol – teriam uma decisiva importância quando se enfocasse o controvertido fenômeno da ressurreição. Refiro-me, naturalmente, ao lado científico do tema, não ao da fé.

Como naturalmente já terá adivinhado o possível leitor dessas lembranças e apressadas anotações, esse longo pano de linho que serviu para envolver o corpo sem vida do Mestre tinha muito a ver com uma polêmica relíquia venerada no século XX na cidade italiana de Turim. Como comentei, eu havia tido conhecimento dela, mas não lhe dei a devida atenção. Como tantas outras relíquias dos cristãos, pareceu-me algo pouco sério do ponto de vista da ciência. Como estava equivocado!

Sem poder conter minha alegria, comuniquei a Eliseu meu “achado”, anunciando-lhe que partiria imediatamente para a “base-mãe” e com todas as peças mortuárias.

Eram 10h45. Meu ingresso no módulo se daria com um apreciável atraso

sobre o programa previsto pelo Cavalo de Tróia. Um atraso que provocaria novas frustrações a este péssimo explorador...

Sem nenhuma complacência, rasguei o linho de minha túnica, com o meu “tesouro” oculto no flanco esquerdo. O Sol caminhava para o zênite. A passos largos, tomando como referência a piscina das “cinco galerias” e o monumento ao pisoeiro, no ângulo nordeste da muralha setentrional, fui desembocar na poeirenta pista que corria pela garganta do Cedron e serpenteava pela falda ocidental do monte das Oliveiras. Com o auxílio das “crótalos”, a localização do “berço” foi extremamente simples. E às 11h15 dessa manhã do “domingo de glória”, exausto e pleno de satisfação, voltava a abraçar meu irmão.

Não havia tempo a perder. Substituí minhas destruídas roupas por outra túnica e roupão exatamente iguais, prendendo ao cinto uma segunda bolsa confeccionada com uma estopa tosca, quadrada, de 25 centímetros de largura, que continha os astrolábios assírios e os “quadrados” astrológicos egípcios, tudo isso em madeira policromada. Eliseu, aparentemente recuperado de sua passageira indisposição, não fez muitas perguntas. Ambos estávamos conscientes do grave atraso no programa e do muito que havia por fazer naquela tensa e memorável jornada do domingo, 9 de abril. Nem sequer me aborreci de ter de colocar novas pepitas de ouro na bolsa de borracha. Os primitivos 163 gramas-ouro e os 100 denários, que não havia tido tempo de trocar por moeda divisionária, continuavam sendo mais do que suficientes para minhas necessidades. Depois de tudo, meu segundo e forçado retorno ao módulo deveria dar-se em poucas horas. De acordo com o plano, uma vez examinados, os panos deveriam ser devolvidos, intactos, claro, ao lugar onde os apanhara.

Antes de abandonar a nave, e enquanto ajudava meu irmão na abertura da mesa giratória de alumínio e aço inoxidável, especialmente desenhada para o Cavalo de Tróia para a análise do grande lençol, Eliseu, consumido pela curiosidade, não resistiu à tentação e me interrogou sobre um dos objetivos fundamentais daquela primeira fase da operação: a suposta ressurreição do Mestre. Não soube o que responder. E, apontando a impressionante figura que se destacava sobre a suja e sanguinolenta mortalha, comentei:

– Talvez as análises “disto” lhe digam muito mais do que eu, por ora, poderia adiantar-lhe.

Ao observar a “mancha” dourada – réplica fiel de um corpo deitado – meu companheiro ficou perplexo.

– Isto...

A surpresa e a admiração de Eliseu eram justificadas. Como eu próprio, ele também havia identificado a majestosa figura “impressa” no linho com a do

Sudário de Turim, a enigmática relíquia a que me referi.

– Você acha que se trata do mesmo?

Preferi não me pronunciar. A origem e a história do Santo Sudário são francamente obscuras.¹²⁵ E ali o deixei, entusiasmado em seu novo trabalho. Um dos mais ambiciosos do projeto.

Às 12h15, com o ânimo refeito, afastei-me da clareira que nos servia de base. O restante do dia prometia ser especialmente tenso.

Dessa vez tomei o caminho que conduzia ao extremo meridional da cidade, com o objetivo de entrar pela Porta da Fonte. Dali, descendo pelo bairro baixo, a mansão dos Marcos não ficava muito distante. E enquanto passava junto às improvisadas tendas dos peregrinos galileus, muitos dos quais haviam começado a recolher seus utensílios com a visível intenção de regressar às terras do norte, fui fazendo uma recapitulação do que havia visto e ouvido naquelas primeiras e agitadas horas. Não podia tirar do pensamento as duas supostas aparições de Jesus a Madalena e às quatro outras mulheres. Pelos textos evangélicos, ainda deveriam ocorrer outras duas ou três materializações do rabi, além das registradas no lago de Tiberíades. Mas essa parte da missão estava ainda muito longe. Era preciso encontrar a fórmula para estar presente em alguns dos acontecimentos ocorridos em Jerusalém ou no caminho para a aldeia de Emaús.

Se os evangelistas diziam a verdade, nesse mesmo entardecer, no pavimento superior da casa de Elias Marcos, devia ocorrer uma daquelas pouco críveis aparições. E digo “pouco críveis” porque, levando em conta o que eu vira até esse momento, algumas das passagens dos quatro escritores sagrados sobre a ressurreição de Cristo não pareciam ter o menor fundamento. Ninguém falara, por exemplo, dos famosos anjos ou jovens de vestes resplandecentes que haveriam sido vistos no interior do sepulcro, sentados sobre a pedra que havia cerrado a tumba. O bom Mateus havia deixado levar-se por seu entusiasmo e ardente imaginação, fazendo crer aos cristãos que a abertura da cripta fora obra de um anjo do Senhor, o qual, além disso, provocara um terremoto. Nem Madalena nem as demais judias viram tais personagens celestes, nem, certamente, houve sismo algum. Quanto ao assunto dos “panos”, mencionado por Lucas e João, também não merece credibilidade. Certamente que não estavam “no solo”, como diz João. Fosse assim, por que acreditaria em algo sobrenatural? Isso seria, sim, um claro sinal de profanação ou roubo do corpo.

Não me cansarei de insistir: os panos estavam arrumados e o lenço e os dois pares de faixas utilizados para atar os pulsos e tornozelos do rabi, em seus correspondentes e exatos lugares, como se o corpo se houvesse “esfumado”. Tanto os tradutores desses textos como o próprio esforço dos evangelistas para enaltecer o fenômeno da tumba vazia têm levado, quase com certeza, a erros e

falsas interpretações. A verdade ia ser mais simples e sublime.

Mas antes de “defrontar-me” com essa verdade aguardava-me toda uma série de obstáculos e decepções...

Na residência dos Marcos não observei mudanças importantes. Depois de minha precipitada saída, os discípulos haviam continuado enclausurados e imersos no medo e na tristeza. A primeira a regressar foi Maria Madalena. Relatou aos íntimos a segunda e suposta aparição de Jesus a ela na propriedade de José, mas, pelo que pude deduzir, não conseguiu fazer-se acreditar. Simão Pedro e o jovem João retornaram pouco depois. Sua intenção de localizar José de Arimatéia fora vã. Como imaginei, o ancião e Davi, alertados pelas outras mulheres, abandonaram a casa minutos antes que o cético pescador e o Zebedeu chegassem. Ainda que a versão de ambos sobre o sepulcro vazio não fosse muito convincente, o certo é que o resto dos apóstolos deixou de rir-se de Madalena. Algo havia ocorrido na cripta. Isso estava claro para todos. Mas a quase totalidade das opiniões era coincidente: esse “algo” só podia ser um roubo ou uma astuta manobra de Caifás e seus odiados sequazes. E o terror daqueles galileus cresceu a ponto de solicitarem à dona da casa algumas tábuas para escorar a porta do cenáculo. E as discussões entre eles recrudesceram de novo.

Entristecido por aquele patético clima, acabei por descer ao pátio. Ali, em companhia de João Marcos, de sua mãe e de Madalena, que havia optado por não tomar mais conhecimento dos teimosos amigos de Jesus, relatou duas vezes sua segunda visão. E foi ela quem me informou também da visita de José e de Davi Zebedeu aos discípulos. Aparentemente, cumprindo o desejo expresso do chefe dos “emissários” na propriedade, ambos se haviam dirigido diretamente dali à casa de Elias Marcos. Sua conversa com os oito apóstolos girou a princípio em torno do panteão vazio e da possibilidade de que o Mestre houvesse ressuscitado. Mas, apesar dos argumentos e do raciocínio de Davi, aqueles homens continuavam aferrados à hipótese do roubo.

– Davi não quis discutir – explicou-me Madalena, elogiando a postura do irmão dos Zebedeu –, mas disselhes o que pensava. Estas foram suas palavras: “Vós sois os apóstolos e deveríeis compreender estas coisas. Não vou questionar convosco. Seja como for, vou à casa de Nicodemos, para onde convoquei os mensageiros. Quando lá estiverem todos eles, enviá-los-ei a cumprir a última missão: a de anunciar a ressurreição do Mestre. Ouvi-o dizer que, após sua morte, ressuscitaria ao terceiro dia. E eu creio nisso”.

Pela enésima vez maravilhou-me a inquebrantável fé daquele discípulo de “segunda linha”.

Derrotados e, o que era pior, desesperados, os apóstolos não lhe deram

demasiado crédito. E Davi, após despedir-se, colocou nos joelhos de Mateus Levi a bolsa que Judas lhe confiara antes dos tristes acontecimentos da quinta-feira. Era o dinheiro do grupo. Ignoro se naquele momento conheciam a sorte do traidor. Possivelmente não. Mas também não estranharam a transferência da bolsa. Sua humilhação e medo ante uma possível captura em massa pelos guardas do Templo eram tais que seus únicos pensamentos gravitavam em torno de uma obsessão: fugir da cidade. Essa era sua verdadeira preocupação: a sobrevivência. Alguns até planejaram fugir quando caísse a noite. Quão pouco e deficientemente se refletiria depois essa dramática e prolongada angústia dos mais chegados a Jesus de Nazaré durante aquele interminável domingo!

O tempo urgia. Mas, ainda que um de meus “trabalhos” obrigatórios naquela jornada consistisse na recuperação do microfone que havia servido para a transmissão da “última ceia”, a informação de Madalena sobre as intenções do chefe dos emissários pôs-me em alerta. Aquilo também não figurava nos textos dos evangelistas. E pensei que talvez fosse útil e interessante estar presente à reunião dos “correios”. Depois de tudo, as seguintes e presumidas aparições de Cristo, sempre segundo os Evangelhos, não deveriam registrar-se antes do entardecer. O planejado pelo Cavalo de Tróia era tão simples quanto problemático. Se eu fracassasse nas primeiras manifestações do Ressuscitado, e assim havia acontecido, deveria concentrar meus esforços na localização dos discípulos que Lucas menciona (24, 13-35) e que, segundo esse relato, habitavam em um povoado chamado Emaús, a uns 60 estádios da Cidade Santa. Se o empenho falhasse de novo, a operação havia traçado minha imperdoável presença no que parecia ser o último acontecimento “prodigioso” daquele domingo: a aparição no cenáculo.

No caso de novo fracasso, tinha eu pela frente outras oportunidades: a mencionada por João, “oito dias depois e com a presença de Tomé”, ou os intrigantes acontecimentos da Galiléia. Mas estas últimas ocorrências, que constituíam nossa fase final, ainda eram remotas. No momento, como já disse, minha preocupação centrava-se nos discípulos de Emaús. E antes de partir para a casa de Nicodemos, simulando um especial interesse pelos vimeiros que parece que cresciam na Ammaus citada por Flávio Josefo (*Guerra dos Judeus*, VII, 217),¹²⁶ fiz algumas discretas indagações entre os criados de Elias Marcos, enfocando-as principalmente no ponto que me preocupava: a busca e identificação de alguém próximo ao grupo de fiéis do Nazareno que vivesse na aldeia e pudesse auxiliar-me na pretensa compra de vime. Como comerciante, nada haveria de estranho que houvesse mostrado interesse no lucrativo negócio dos vimeiros. Era-me terminantemente proibido fazer a menor alusão à suposta aparição no caminho para Ammaus ou Emaús e, por isso mesmo, devia realizar

minhas pesquisas com infinito cuidado. Mas ninguém na casa, nem sequer a mãe de João Marcos ou Madalena, soube dar-me informações. Descartei a idéia de interrogar lá em cima os apóstolos. E um tanto intranquilo por aquela nova frustração, consolei-me imaginando que talvez Davi Zebedeu, excelente conhecedor de quantos haviam rodeado Jesus, poderia tirar-me as dúvidas.

E com esta desculpa e a prévia autorização de sua mãe, o jovem João Marcos e eu nos dirigimos à casa de Nicodemos, outro notável personagem na vida da Cidade Santa e amigo público – nada “secreto”, como insinuem os evangelistas – do rabi da Galiléia. Pelo caminho, enquanto cruzávamos o bairro alto, o menino foi respondendo a algumas de minhas perguntas sobre aquele rico fariseu, membro do Sinédrio e aparentado com o ramo dos Ben Gorion. Anos mais tarde, segundo Josefo (*B. j.*, IV, 3, 9), um tal Gorion ou Gurion ocuparia um posto proeminente na Jerusalém de 70. Nicodemos ou Naqdemon comerciava com trigo, tendo chegado a acumular uma invejável fortuna, estimada por seus inimigos em mais de 1 milhão de sestércios.¹²⁷ Entre os 6 mil “santos” ou “separados”, como se denominava a casta dos fariseus, enumerados na Palestina no tempo do rei Herodes,¹²⁸ nosso homem, como o de Arimatéia e outros membros da “nobreza”, se havia distinguido sempre por seu espírito liberal e de “abertura”, mais próximo à escola de Hillel que à de Schammai.¹²⁹ Ambas as ideologias ou tendências, dentro do farisaísmo da época, apontavam para uma espécie de “direita” e “esquerda”. Hillel, que foi ganhando terreno, simbolizava a esquerda: mais aberta, prudente e compreensiva que a de Schammai, rígida, reacionária e mais ritualista. E Nicodemos, seguindo o exemplo do próprio Mestre, que teve muito em conta a escola de Hillel, sentia-se mais próximo à cada vez mais numerosa “ala de esquerda”. E ainda que tenhamos outras oportunidades de nos aprofundar no curioso “mundo” das comunidades dos fariseus, ou *habûrôf*, e dos igualmente “separados” essênios – ambas ramos de um tronco comum – creio não ser inconveniente insistir de quando em quando em um fato que já aponte em outras ocasiões neste diário e que pode ser útil para distinguir uns fariseus de outros. Infelizmente o mundo moderno meteu-os a todos no mesmo saco. E isso não é justo. Houve fariseus que defenderam Jesus, que se distinguiram e se orgulharam da sua amizade com o Galileu. E até mesmo, como no caso de alguns dos dezenove sinedristas já citados, os que não hesitaram em demitir-se do Conselho quando observaram as irregularidades praticadas por Caifás no processo aberto contra o Mestre.

As diatribes do rabi da Galiléia não eram dirigidas contra esses, quase todos solidários com os ensinamentos de Hillel. As famosas acusações de Mateus (13) – “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!...” – foram lançadas contra os fariseus de “direita”. Era um segredo mal guardado que tais “santos” eram

“mentirosos”, “sepulcros caiados”, e que “lançavam às costas dos outros as cargas que eles se negavam a levar”. Eram os popularmente conhecidos como “fariseus tingidos” e que um velho apólogo recolhido pelo Talmud retrata às mil maravilhas: “Há sete classes de fariseus: o fariseu ‘onde está meu interesse?’; o fariseu ‘bem o pareço’; o fariseu ‘sangra-me a cabeça’, porque caminha com os olhos baixos para não ver as mulheres, tropeça e bate com a cabeça nas paredes; o fariseu ‘malhador’, que caminha tão encurvado que parece uma mão de almofariz; o fariseu ‘qual é meu dever para cumpri-lo?’; o fariseu ‘faço uma boa ação todo dia’; e, finalmente, o único e verdadeiro fariseu: ‘o que o é por temor e amor a Deus’”.

E nessa barafunda de critérios e posturas, Nicodemos, como eu já disse, havia tido suficiente coragem para enfrentar não só os da “direita”, senão também a muitos de seus companheiros de “esquerda”, para os quais os ensinamentos do crucificado eram duvidosos e excessivamente radicalizados para uma espécie de “extrema esquerda”. Assim foram qualificadas as palavras do Filho do Homem quando defendia as prostitutas e os “impuros gentios” ou quando aceitava em seu grupo as mulheres e até um publicano ou arrecadador dos impostos indiretos, como foi o caso de Mateus.

Deus meu! Como parecem haver mudado tão pouco as coisas depois de 2 mil anos! Quantos membros das igrejas do século XX se enquadrariam na rigidez e intransigência daqueles fariseus de “direita”?

De bom grado me haveria aproximado dos numerosos grupos de judeus que fomos encontrando à medida que nos aproximávamos da muralha norte. Discutiam, polemizavam e se transmitiam mutuamente as “últimas notícias” sobre o sepulcro vazio do rabi da Galiléia. A ocorrência havia terminado por chegar à cidade, e Jerusalém foi convertida em uma feira de mentiras e boatos em que até mesmo apostas se faziam sobre a sorte do Crucificado. Era o prato do dia. E tão excitante e inevitável situação alarmou-me. O sumo sacerdote e quem mais havia maquinado para destruir o Mestre não receberiam com agrado aqueles incessantes rumores sobre a pretensa ressurreição e a conseqüente glorificação do odiado Galileu. Alguma coisa engendrariam para neutralizar tal movimento...

Cruzamos de novo a Porta dos Peixes e tomamos o caminho de Cesaréia, para o oeste, sempre sob a orientação do menino. A mansão de Nicodemos, muito mais luxuosa que a de José, estava a coisa de 3 estádios da cidade (uns 500 metros), no mais alto contraforte do Gareb: a uns 778 metros sobre o nível do mar e no que poderíamos considerar a zona privilegiada fora dos muros de Jerusalém. Nesse promontório, situado entre as estradas de Samaria e Cesaréia, os judeus endinheirados haviam levantado sólidas e espaçosas vilas, muitas delas

obedecendo às tendências arquitetônicas romanas e helênicas, à sombra de corpulentos terebintos, carvalhos e ciprestes. Maravilhou-me a paz do lugar, assim como as soberbas edificações, que nada tinham a ver com as míseras casinhas de adobe e palha triturada dos grandes bairros da Cidade Santa.

O solícito e eficiente João Marcos deteve-se por fim diante de um daqueles palacetes de dois pavimentos, cercado por um muro de pedra rematado por uma grade de quase 2 metros de altura e semi-enterrado por uma densa trama de trepadeiras. Um amplo jardim de finas e cuidadas plantas estendia-se diante da casa. À direita da cancela de ferro divisei um poço sombreado por altos carvalhos. Havia os do tipo “*velani*”, de uns 15 metros de altura, e os quase eternos “de galhas”, de menor corpulência.

Uma estreita vereda de imaculados calhaus de rio, brancos como as paredes da mansão, conduzia à fachada da casa. Seguindo a moda da época, Nicodemos havia erguido sua vila no mais puro estilo das residências romanas ou *domus*. O *atrium*, a parte semipública, que se destacava por sua forma de tetrastilo, consistente em um espaçoso pátio quadrangular, rodeado por colunas sustentadas por um pilar em cada um dos ângulos do pátio. No centro do pavimento, como havia observado, já, na casa de Lázaro, abria-se uma cisterna retangular que captava as águas das chuvas. Umas reluzentes e semicirculares escadas de mármore branco davam acesso à morada propriamente dita. Mas nessa ocasião não tive oportunidade de visitá-la. Davi Zebedeu e o dono da casa, além de um numeroso grupo de pessoas, talvez trinta ou 35 no total, dialogavam à esquerda do tetrastilo, à sombra da área de colunas.

Pelo menos uma vez havia chegado a tempo. E ali fui testemunha de outro fato que, embora anedótico, foi tão emocionante quanto novo.

Quando nos aproximamos, vários daqueles hebreus, jovens em sua maioria, cobertos pelos típicos mantos de linhas verticais azuis e vermelhas, discutiam ao estilo da raça: em altas vozes e desmedida gesticulação. Nicodemos, sentado em uma cadeira de tesoura, contemplava a cena em silêncio. Ao ver-me chegar sorriu, erguendo a mão esquerda em sinal de amizade. Minha obrigatória presença ao pé da cruz me havia valido a estima de muitos daqueles fiéis seguidores do Mestre. De fato, à medida que fui entrando e apreendendo o tema da polêmica, deduzi que todos os presentes eram isso: discípulos de Jesus. Davi, de pé, à esquerda do anfitrião, acompanhava as opiniões com atenção, mas com uma sombra de tristeza e decepção nos olhos verde-azuis.

Uns vinte homens achavam-se sentados aos pés do Zebedeu, atentos ao menor movimento ou palavra do chefe dos emissários. Seriam aqueles os “correios” convocados pelo irmão de João e Tiago?

A discussão girava – claro! – em torno do sepulcro vazio e da ressurreição ou não de Jesus. A maior parte das opiniões dos discípulos soara-me muito familiar. Pareciam contagiados pelo ceticismo de Pedro e dos demais apóstolos. Zombavam descaradamente de Madalena, qualificando-a de “cortesã bêbada”, “mentirosa como boa mulher” e “visionária transtornada”. O tom dos insultos foi adquirindo níveis preocupantes e Zebedeu, com um autoritário gesto de mãos, impôs silêncio, lembrando aos mais exaltados que “entre aquelas mulheres visionárias estava sua mãe, Salomé...”.

Envergonhados, os hebreus baixaram a cabeça, mas continuaram resmungando os seus “impossível”, “incrível” e “fantástico”...

Então Davi, a quem não me lembro de haver visto perder sua serenidade, retirou da cabeça o manto, deixando a descoberto sua vasta cabeleira preta, ligeiramente branqueada por uns prematuros fios de cabelo branco, e, dirigindo-se aos que estavam sentados no chão, disselhes:

– Vós todos, meus irmãos, tendes-me servido sempre de conformidade com o juramento que nos fizemos mutuamente. Agora tomo-vos como testemunhas de que jamais dei uma notícia falsa...

Não cabia dúvida: aqueles 20 ou 25 homens eram os “correios”, que tão eficientes serviços haviam prestado ao grupo apostólico de Cristo.

– ... Vou confiar-vos a última missão como mensageiros voluntários do reino. Ao fazer isso, libero-vos de vosso juramento. Amigos, declaro que terminamos nosso trabalho. O Mestre não necessita mais de mensageiros humanos. Ressuscitou de entre os mortos!

O cáldo timbre de voz de Davi ganhava em expressão e força, fazendo vibrar os corações de seus homens. Alguns dos discípulos negavam com a cabeça...

– Antes de sua prisão – prosseguiu sem se alterar ante os gestos de desaprovação dos hebreus –, disse-nos que morreria e que ressuscitaria no terceiro dia.

Fez uma pausa e, com os olhos cravados nos opositores, exclamou com uma força que não deixava margem a dúvida:

– Vi sua tumba. Está vazia!... Falei com Maria Madalena e com outras quatro mulheres que viram Jesus. Agora vos despeço e vos digo adeus, ao mesmo tempo que vos envio a vossas respectivas missões com a seguinte mensagem, que levareis aos que crêem.

O silêncio foi quebrado apenas pelos alegres trinados das andorinhas que esvoaçavam sobre o pátio.

– Jesus ressuscitou dos mortos. A tumba está vazia.

A um sinal do Zebedeu, um dos criados da casa avançou de detrás do grupo

carregando uma pilha de cartuchos cilíndricos, feitos de couro e com um cordel em forma de laçada em uma das extremidades. Foi colocar-se junto a Davi e este, tomando um dos tubos marrons, levantou a tampa e extraiu do seu interior um pequeno rolo de pele de cabra. Leu-o e, com um gesto de aprovação, recolocou-o no tubo. Como um só homem, os emissários puseram-se de pé e, um após outro, foram aproximando-se do chefe. Após abraçá-los, Davi ia entregando a cada um o correspondente cilindro, a todos chamando pelo nome e desejando boa sorte. Contei um total de 26 “correios”, todos, sem exceção, jovens entre 20 e 30 anos. Traziam armas e um par de sandálias sobressalente que pendia das largas faixas ou *hagorah*.

Mas a emotiva cena viu-se turbada por novas e azedas intervenções dos discípulos, que buscavam convencer Davi a desistir de seu “louco propósito” de transmitir uma mensagem que, na opinião da maioria, era uma falsidade. Todavia, o imperturbável chefe dos emissários não replicou nem se dignou a olhar para eles. Continuou a fazer as entregas, sempre sorrindo para seus homens. Estes, conforme recebiam o seu cartucho, passavam o cordão em torno do pescoço e o cilindro ficava pendurado ao peito.

Diante do nulo êxito com Davi, os hebreus, desolados e furiosos, tentaram influenciar os emissários, persuadindo-os a desistir da missão. Mas o resultado foi igualmente desastroso. Aqueles jovens e entusiastas corredores tinham uma fé cega em Davi. Jamais os havia enganado e agora, como em tantas ocasiões, dispunham-se a cumprir sua última missão no serviço particular de correio organizado pelo Zebedeu.¹³⁰

Pelas 14h15, os últimos mensageiros deixavam a mansão de Nicodemos, rumo aos quatro pontos cardeais: Damasco e Síria, no norte; Beersheba, no sul; Alexandria, no oeste, e Filadélfia e Betânia, no leste. Graças àqueles esforçados e valentes emissários, a notícia da ressurreição seria conhecida por milhares de adeptos do Filho do Homem. No fundo era triste e paradoxal que, enquanto aqueles 26 hebreus que mal haviam conhecido Jesus corriam pelos caminhos da Palestina com a Boa-Nova, os íntimos do Mestre, sobre os quais pesava a responsabilidade da expansão do reino, continuassem reclusos, mortos de medo, incerteza e desespero. Sem planejar, eu havia assistido a uma lição de audácia e fé. Uma lição que nem sequer consta dos Evangelhos...

Após a saída dos mensageiros, mal troquei umas palavras com Davi. Os incrédulos discípulos continuaram envenenando-o; e ele, ansioso por dar-lhes as costas, despediu-se de Nicodemos, comunicando-lhe, antes, suas imediatas intenções. Passaria pela casa de José de Arimatéia, para buscar sua mãe, Salomé, e em seguida viajaria para Betânia, à casa de Lázaro, onde estava alojada parte da família de Jesus. Pelo que pude ouvir, o Zebedeu havia prometido a Maria e

Marta acompanhá-las até Filadélfia, onde se reuniriam com seu irmão Lázaro, ali refugiado por causa das ameaças do Sinédrio.

Assim, Davi deixou o palacete de Nicodemos e regressou à cidade. No curto trecho em que João Marcos e eu pudemos acompanhá-lo, o chefe dos mensageiros, como eu supunha, proporcionou-me uma simples mas valiosa informação. Efetivamente, conhecia os famosos discípulos de Emaús. Mas, para minha surpresa, assegurou-me que não eram precisamente discípulos ou crentes no reino. Tratava-se de dois irmãos, pastores por sinal e por isso de péssima reputação. Um deles, um tal de Cleofás, o mais velho, parecia sentir certa simpatia por Jesus. Mas nada mais que isso. O outro, Jacó, era, na opinião de Davi, pessoa inquieta e curiosa que de quando em vez comparecia às conferências e aulas do Galileu.

“Seguramente poderás encontrá-los na casa de José”, acrescentou, advertindo-me que, como bons pastores, talvez tentassem enganar-me.

Não era a primeira vez que eu ouvia um comentário como aquele. Para certos setores da Palestina do tempo de Cristo, além da pureza da origem existia outra realidade de grande peso social: os chamados ofícios ou profissões desprezíveis, que rebaixavam de forma mais ou menos inexorável quem os exercia. Jeremias escreveu um magnífico estudo a respeito (*Zöllner und Sünder*: ZNW, 30, 1931). E chegou-se a elaborar até quatro listas com esses ofícios repudiados e repudiáveis.¹³¹

A verdade, como sempre, encontrava-se no meio-termo. Ainda que muitos desses ofícios pudessem expor seus praticantes à tentação do roubo, da picardia ou da mentira, a realidade, como eu disse, não era tão dramática. É certo que para muitos sacerdotes, escribas, fariseus e puritanos da Lei os médicos, pastores ou ambulantes eram todos indesejáveis. Oficialmente, por exemplo, aos pastores eram proibidos vender lã, leite ou cabritos. (Supunha-se que podiam ser produtos roubados dos legítimos donos dos rebanhos ou a outros pastores.) Mas no geral o povo afável convivia encantado com esses artesãos, requisitando seus serviços quando precisava deles.

De qualquer forma, a advertência de Davi, precisamente por proceder de um homem que eu julgava justo e sincero, pôs-me em guarda. Sob a muralha norte nos despedimos. Ele seguiu para o extremo meridional de Jerusalém e João Marcos e eu, para o leste, em direção ao Templo.

Tivesse eu seguido seu conselho, indo consigo à mansão de José, e não teria tido de lamentar, uma vez mais, minha pouca sorte...

Antes de sair da casa de Elias Marcos eu havia pedido a Maria, a dona da casa, um pequeno favor. A mulher consentiu sem reservas nem receios. Como

estrangeiro, necessitava de um guia que facilitasse minhas idas e vindas pela cidade. De certo modo assim era. O jovem João Marcos saltou de alegria ao receber a autorização de sua mãe. Durante aquele dia – “e todos que forem necessários” – poderia encontrar seu filho, pronto e encantado, para servir-me, disseme a senhora. E graças à generosidade de tão afável família, meus passos por Jerusalém não foram tão difíceis nem infrutíferos como na primeira aventura. Apesar disso, como é notório e como exporei brevemente, o destino continuaria zombando de mim...

A razão por que não acompanhei Davi Zebedeu à casa de José de Arimatéia foi quase banal. Mas assim havia sido estabelecido pelo Cavalo de Tróia e eu devia ajustar-me ao programa sempre que possível. Como já mencionei, as seguintes e sempre supostas aparições de Cristo não se registrariam antes do entardecer. O ocaso teria lugar às 18h22. Aproximávamo-nos da hora “nona” (15 horas) e, portanto, ao dispor de uma relativa folga de tempo, todos os meus esforços deviam concentrar-se em outro dos objetivos-chave da missão: rastrear, localizar e resgatar o microfone involuntariamente extraviado. O lampião em cujo interior eu havia colocado dissimuladamente a minúscula e sofisticada peça eletrônica – que por nada do mundo devia ficar perdida naquele tempo – ficara avariado durante os movimentos sísmicos registrados nas primeiras horas da tarde de sexta-feira, 7 de abril. E Maria Marcos havia mandado repará-lo por um dos artesãos da cidade alta. Essa era, em suma, minha seguinte e imediata tarefa. Mas antes devia cumprir outro obrigatório trâmite: trocar parte da meia libra romana de ouro por moedas fracionárias. Assim, confiante, deixei-me conduzir pelo menino.

Sinceramente, se eu tivesse tentado repetir a travessia daquele setor do bairro alto sozinho, o fracasso teria sido total. Mal perdi de vista o mercadinho dos tírios, João Marcos tomou a esquerda, entrando em um fétido e obscuro labirinto de voltas e reviravoltas, passadiços e becos sem aparente saída. Aquilo não eram ruas. Era uma doida rede de casebres imbricados entre si, formando um infernal labirinto, pestilento, devorado por uma umidade que roía a cal das paredes de adobe, lembrando os piores trechos da Casbá de Argel.

Do interior de muitas das vivendas (?), formadas em sua maioria por um único e cavernoso cômodo, emanava um vapor agressivo, com um penetrante odor de urina que me lembrou o carbonato de sódio ou *natrum carbonicum*. Ao chegar ao negro umbral de uma das portas, mal pude perceber dois ou três indivíduos que banhavam e esfregavam peças e peças de tecidos em enormes tachos de barro. Em um dos cantos, escavado no chão de terra batida, um grosseiro fogão fazia ferver a água contida em um grande caldeirão de bronze, do qual, precisamente, se elevava aquele vapor comum a toda a zona. Eram os

pisoeiros ou “lavadores”, autênticos párias da sociedade judia, pagãos em sua quase totalidade, lutando para eliminar a imundície das roupas de seus patrícios. Utilizavam para isso o natrão, umas pastilhas de carbonato de sódio importadas da Síria e do Egito e que faziam as vezes do nosso sabão.

Uma vez lavados, os roupões, as túnicas, saíotes *etc.* eram pendurados por entre as casas, convertendo as já apertadas e confusas vielas em um varal multicolorido e gotejante. De quando em quando os pisoeiros tinham a garganta afetada pelo irritante vapor e então lançavam os seus escarros no meio dos irregulares paralelepípedos. Aquele repugnante costume, forçado, aliás, pelas duras condições do ofício, havia derivado, com o passar dos anos, em um símbolo de impureza religiosa. E, ainda que constituísse um hábito generalizado em todas as classes sociais, incluídas as mais refinadas, as sutilezas das leis e das prescrições religiosas haviam conduzido a situações tão absurdas como esta: o escarro de um pagão do bairro alto contaminava; o de um judeu do setor oposto, da cidade alta, não. A “contaminação”, naturalmente, era de ordem ritual ou religiosa.

Pelo ano 20, por causa de uma dessas cusparadas, chegou-se até mesmo a impor a obrigatória reclusão noturna do sumo sacerdote durante a semana anterior ao solene dia da Expição. Pelo visto, Simeão, filho de Kamith, que exerceu a função de sumo sacerdote entre 17 e 18 d.C., teve a má sorte de receber o cuspe de um árabe na noite anterior ao citado dia da Expição e ficou impossibilitado de officiar.

Evitando a teia de aranha dos varais, a imunda criançada que nos barrava os passos e nos estendia as mãos, na esperança de ganhar um lepton ou sestércio, e os fogareiros chispantes colocados pelas mulheres no meio das calçadas, desembocamos, por fim, na arenosa esplanada de Xisto, na borda direita do vale do Tiropeon. A altiva muralha oeste do Templo apresentou-se diante de mim branca e aquecida pelo Sol. Respirei aliviado. Apesar das centenas de agulhas e pontas resplandecentes que coroadavam o Santuário central, erguidas para evitar os pássaros, grandes bandos de pombos e andorinhas faziam das suas sobre o majestoso edifício, sombreando-o com seus rápidos e desordenados vôos.

Cruzamos uma das pontezinhas de pedra, construída sobre o leito seco que sulcava Jerusalém de norte a sul, galgando depois as escadas do arco de Robinson. Aquele acesso, em forma de “L”, conduzia a uma das treze portas do Templo: a da extremidade sudoeste do grande retângulo amuralhado. Um grande vão, aberto na ciclópica muralha provida de enormes portas de ébano recobertas com pranchas de bronze nas duas extremidades, conduzia diretamente ao Átrio dos Gentios: a imensa e bela plataforma de 225 metros de comprimento em que se permitia o acesso a todos os *goyims*, quer dizer, a pagãos, homens e mulheres,

e até a hereges, impuros, gente enlutada e excomungados. Como já comentei em ocasiões anteriores, aquela esplanada vinha a ser uma espécie de praça pública, foro romano ou ágora ateniense, na qual se passeava, discutia, se pronunciavam os mais variados discursos e, certamente, traficava-se com os mais variados tipos de mercadorias.

Ainda que a solene festa da Páscoa daquele ano, duplamente festiva por haver coincidido com o sábado, já se houvesse encerrado, a animação ainda era extraordinária. Ao longo do pórtico Real e de Salomão, nas faces sul e leste do grande retângulo, respectivamente, os vendedores e cambistas disputavam a atenção dos possíveis compradores, em um confuso turbilhão de gritos, pechinchas e acesas polêmicas que, na maior parte dos casos, não iam além dos insultos e das mútuas acusações. Sob os tetos de madeira de cedro, entre a tríplice colunata de 11 metros de altura do pórtico de Salomão, numerosos hebreus, escribas em sua maioria, passeavam de mãos dadas, detendo-se às vezes para contemplar a embriagadora paisagem do monte das Oliveiras. Ao longe, no quadrante noroeste, os brilhantes capacetes dos legionários romanos, de guarda nas torres da Fortaleza Antônia, cintilavam anunciando o próximo poente.

Fomos contornando as mesas e tendinhas dos vendedores de rolas e pombas, mais abundantes agora do que os traficantes de especiarias, e que, com suas monótonas cantilenas, mostravam os “excelentes e baratos passarinhos e aves”, destinados, em sua maioria, às oferendas a que as parturientes e os leprosos curados estavam obrigados.

A operação de câmbio de moeda era sempre aborrecida e árdua. Decerto eu conhecia a técnica do regateio, exigida em qualquer tipo de transação, e, mesmo sabendo que o cambista tentava sempre enganar o cliente, simulei diante de João Marcos uma cuidadosa escolha da mesa sobre a qual devia efetuar a operação. O adolescente, habituado a esse negócio, recomendou-me desde o primeiro momento um velho caldeu, coberto com um turbante de cor granada e de amplos *sarabarae* ou calções de seda púrpura. Concordei e, após uma exagerada reverência, meu jovem acompanhante me apresentou como um honrado comerciante grego de passagem por Jerusalém. Os olhinhos do cambista percorreram num relance minha esmerada aparência e, apontando para a pequena balança romana colocada sobre o tabuleiro de pinho de sua tenda, correspondeu com outra não menos falsa e pronunciada inclinação de cabeça. O menino, esperto como um esquilo, observou que eu tardava a corresponder à saudação e, com um dissimulado toque de sua sandália, fez-me compreender que estava sendo descortês. Inclinei a cabeça e, antes que tivesse tempo de expor o motivo da minha presença, o homem, em um grego quase perfeito, e mostrando com orgulho os fios de ouro que lhe sustentavam vários dentes postiços (réplicas

em marfim dos naturais), deu início a uma litania na qual mesclou sua remota e sagrada origem babilônica com minha sabedoria por haver sabido escolher “o mais honesto dos cambistas de moedas genuínas”. O monótono preâmbulo fazia parte do cerimonial; e, sem ânimo de contrariá-lo, aguardei pacientemente que terminasse. Soube, assim, que seu nome era Serug e que descendia do bisavô do próprio Abraão. Também ressaltou que, desde longo tempo, um ramo dos Serug se havia instalado ao oeste de Jaran fundando a cidade de Sarugi. É claro que não acreditei em uma só palavra, ainda que os nomes e dados fossem corretos.

Por fim, quando se sentiu satisfeito, entramos nas negociações. Entreguei-lhe um dos saquinhos em que o Cavalo de Tróia havia dividido os 163 gramas de ouro e, após derramar seu conteúdo sobre a palma da mão e tocar as pepitas com a ponta do dedo mínimo, tomou uma delas, ergueu-a sobre sua cabeça, observou-lhe o brilho e, por fim, depositou-a cuidadosamente sobre a mesa. Observou-me com um ar grave e, como se se tratasse de pura rotina, apanhou uma pedra de toque. Esfregou depois, a pepita com energia, aplicou-lhe um líquido (algo semelhante à água-forte) e comparou o resultado com uma contraprova de outra pepita de sua propriedade.¹³² Satisfeito, passou à prova seguinte apanhando um martelo de madeira que se achava junto da balança. Ergueu-o uns dois palmos acima da pepita e descarregou um preciso e sonoro golpe que, como não podia deixar de ser, achatou o nobre e maleável metal. A primeira martelada seguiram-se outras duas, que fizeram da pepita uma lâmina. Naturalmente, o ouro era excelente¹³³ e, com um profundo suspiro, convencido de sua autenticidade, recolheu a porção, juntando-a ao resto dos 81,5 gramas. Perguntou que tipo de moeda eu desejava. Pedi-lhe shekels e sestércios. Eu sabia que aquele quarto de libra romana de ouro equivalia a uns 189 denários-prata ou, o que era a mesma coisa, ao redor de 47 shekels ou 1.134 sestércios.

O problema, em princípio, estava nas peças utilizadas pelo cambista e no tipo de interesse que a operação merecesse dele. Despejou o ouro sobre um dos pratinhos de latão da balança e em seguida rebuscou em um caixão de madeira em que se alinhava uma bateria de peças de bronze. Eu havia sido treinado para esse trabalho e reconheci as “minas” (cujo peso oficial seria de 571 gramas), os siclos (de 11,4 gramas), os meios siclos (de 5,7 gramas) e os óbolos (de 0,6 grama).

Mas, exatamente como eu suspeitava, nenhuma atingia o peso exigido pela lei. Não demorei a comprová-lo. Acostumado a esse tipo de manipulações, o caldeu foi diretamente aos siclos, tomando meia dezena daquelas peças cúbicas, já desgastadas. Com grande teatralidade, foi alinhando-as sobre o pratinho oposto e, ao chegar ao número 6, a balança equilibrou-se. Tive de fazer grandes esforços para não sorrir. Era óbvio que deveria ele ter colocado sete daquelas

peças e ainda haveriam faltado alguns décimos de grama... O pícaro cambista acabava de furtar-me algo mais de 11,5 gramas de ouro. Faltava ainda a taxa ou os juros fixados como margem no negócio. E o amigo Serug lançou mão de uma tabuinha de madeira encerada que pendia de um sujíssimo cordel atado à sua faixa, rabiscando não sei que estranhas inscrições com um fino estilete de osso que sacou de debaixo do turbante. Foi murmurando para si uma prolixa e indecifrável cadeia de operações aritméticas e, finalmente, com aquele falso sorriso pendurado no escuro rosto, mostrou-me a tabuinha com o resultado final:

– 40 shekels e 874 sestércios.

Fiz um rápido cálculo mental e deduzi que, além do furto no peso, aquele maldito cambista havia aplicado a mais alta tarifa permitida: o meio óbolo ou meia *guerá* por cada meio siclo ou meio shekel oferecido. Algo assim em torno de 10% sobre o valor total.

João Marcos voltou a dar-me um pontapé, dando a entender que eu devia rejeitar a oferta ou pelo menos regatear. Mas o tempo me pressionava e, ignorando os justos conselhos do rapaz, aceitei a proposta. O pagão abriu os olhos de par em par sem compreender e, mudo ante a inesperada postura daquele grego supostamente tolo ou excessivamente rico, apressou-se a entregar-me a quantidade que me cabia. Dessa vez sua reverência quase o levou a topar com a mesa de câmbio.

Então, a grandes passadas, e com as críticas de meu amigo às minhas costas, abandonei o agitado Átrio dos Gentios.

João Marcos havia começado a sentir verdadeiro carinho por mim. E eu por ele. E ainda que o Cavalo de Tróia, em suas estritas normas, proibisse qualquer relacionamento que pudesse conduzir à criação de laços de caráter sentimental, deixei por conta do destino. Acaricieei seus sedosos cabelos negros e dei-lhe a entender que, no assunto do cambista, o enganado, realmente, tinha sido o caldeu. Enquanto cruzávamos de novo o Tiropeon recordei-lhe os ensinamentos de seu saudoso ídolo: Jesus de Nazaré. “A mentira” – disselhe parafraseando Chesterfield e Geibel – “é a única arte dos medíocres e o refúgio dos vis. E, ainda que seja astuta, sempre acaba por quebrar uma perna.”

Ainda que tais frases não houvessem sido ditas pelo Filho do Homem, o menino elogiou minha fidelidade para com o Mestre, e sua estima pelo velho comerciante da Tessalônica cresceu um pouco mais.

Quando me interrogou sobre nosso próximo destino, ficou surpreso. Pedi-lhe que guardasse segredo e, em voz baixa, disselhe que desejava fazer um pequeno favor a sua mãe. Seus olhos vivos iluminaram-se. E, tomando-me da mão, conduziu-me para o setor noroeste da cidade. Havia-lhe pedido que me

levasse à oficina onde, ao que parecia, ele mesmo havia entregue o lampião quadrado de ferro forjado que ficara danificada pelo terremoto. Realmente eu desejava corresponder às atenções da esposa de Elias Marcos e não me ocorreu melhor pretexto do que arcar com o reparo do lampião. Dessa forma – essa era minha intenção –, meu acesso ao microfone não se daria de forma suspeita. Isso supondo, naturalmente, que ainda continuasse no mesmo lugar...

Caminhamos ao longo da muralha que separava os dois grandes bairros e, ao avistarmos as torres do palácio herodiano, viramos para a direita, atravessando o grande arco da porta de Ginnot. Logo distingi o marteleio do grupo de ferreiros, um som que, ao cessar, servia à gente dos arredores para assinalar o fim da jornada.

Assombrou-me a diferença entre aquela área do bairro alto, corretamente pavimentada, de fachadas caiadas e sem poças de urina nem excrementos de alimárias nos paralelepípedos de um cinzento azulado, e as míseras ruelas que eu havia pisado pouco antes, no extremo oposto. A explicação podia estar na relativa proximidade do palácio de Herodes. Pouco depois, ao entrar em uma das fundições e ver o que aí se fazia, entendi as razões do tetrarca para manter contentes tais artesãos ou “gente de ofício”, como também eram chamados...

O caso é que logo me vi em um amplo pátio descoberto de uns 15 por 10 metros. Diante de mim abria-se um espetáculo que haveria sido reconhecido pelos homens da Idade Média e até mesmo do século XIX: meia dezena de homens musculosos, de pele tostada e banhados de suor, cobertos unicamente pelos *saq* ou tanga, trabalhavam cada qual em sua bigorna. Com a mão esquerda, e com a ajuda de grandes tenazes, imobilizavam diversas peças incandescentes, que eram ritmadamente golpeadas com pesados e negros martelos. Às vezes, interrompiam o martelar para introduzir os rubros metais em umas cubas de madeira repletas de água ou areia, o que provocava silvantes colunas de fumaça branca. O estrondo era tão ensurdecidor que João Marcos, que se havia adiantado até um dos ferreiros, teve de falar com ele quase por sinais.

Ao fundo do recinto alinhavam-se três curiosas forjas. Duas eram semi-esféricas, rematadas por altas e pontudas chaminés. A terceira, construída também de blocos calcários, tinha a forma de um poço. Na base das primeiras, através de diferentes “janelas” abertas nas pedras, escapavam umas chamas avermelhadas e vorazes. Segundo o quenita que dirigia a oficina, descendente de uma antiga família fenícia de ferreiros ambulantes, os fornos fechados destinavam-se habitualmente à fundição de pequenas quantidades de cobre. A “tostadura” preliminar do mineral, que era extraído das minas do *wadi* Arabá, ao sul do mar Morto, se fazia em fornos situados nas jazidas. Quanto aos lingotes destinados à exportação, eram preparados em outra grande fundição: a de Esyon-

Gueber, obra de Salomão.

A Jerusalém, portanto, o metal chegava pronto para sua última e definitiva transformação. Um engenhoso sistema subterrâneo em forma de “L” e recoberto de ladrilho fazia as vezes de conduto de ar. E este era insuflado por grandes e não menos artesanais “globos”, mais do que foles. Consistiam em volumosos pelegos de boi ou vaca, amarrados pelo pescoço e ânus e inflados a sopro. Uma prancha circular, de madeira de pinho, provida de uma braçadeira e fixada com cordas à parte superior de cada odre, servia para desinchá-los. Quando os fogões perdiam força, um dos ferreiros colocava o longo “pescoço” do boi no orifício de entrada do conduto subterrâneo e, com grande habilidade, soltava o nó que prendia o ar, pressionando com todo o peso do seu corpo o fecho superior. Com essa manobra o fole soltava seu conteúdo, avivando a lenha ou carvão vegetal depositado no álveo do crisol. Depois, lenta e penosamente, o homem devia soprar até encher de novo o pelego.

No momento em que o cobre ou qualquer outro metal alcançava seu ponto exato de moldagem, os sofridos e excelentes artesãos retiravam os crisóis cônicos, de barro, com a ajuda de uma de suas longas tenazes.

Tanto o solo de terra como as paredes altas da oficina estavam repletos das mais variadas ferramentas, armas e instrumentos domésticos da época. Fiquei fascinado. Havia ali rolhas de arado, agulhões, machados comuns, muito semelhantes aos atuais, machados duplos, picaretas (espécie de machado e enxadão), bridões de cavalos, grandes panos de armadura, facas de múltiplas formas e dimensões, braceletes, argolas, todo tipo de vasos, copos e pratos e uma infinidade de pequenos utensílios de uso comum nas casas e em outras oficinas: cinzéis, espátulas, agulhas, tenazes, fivelas *etc.*

João Marcos interrompeu minha observação. Ele estava acompanhado do capataz ou chefe da forja, a quem já havia explicado minha intenção. Elevando a voz sobre o frenético martelar de seus companheiros, deu-me a entender que o lampião ainda não havia sido consertado. Embora a peça houvesse sido levada para a oficina na mesma tarde de sexta-feira, a entrada do sábado e a celebração da Páscoa haviam atrasado seu reparo. O quenita, convertido à religião judaica, aproveitou aqueles minutos de descanso para desatar a faixa de pano que cingia sua frente e cabelos, retorcendo-a e fazendo escorrer o abundante suor que a empapava. Depois convidou-me a segui-lo até o lugar onde guardava a base do lampião.

Acostumado a ver e manipular toda classe de objetos metálicos, logo identificou o motivo da minha presença na oficina, retirando-a sem demasiadas buscas do meio de um montão de painéis e trastes velhos enferrujados. Temi que resolvesse examiná-la. E dei graças aos céus pela providencial jornada festiva.

Se aqueles artesãos houvessem feito o trabalho, quase com toda a certeza teriam encontrado a estranha peça e a antena camuflada entre os pendentes. E nesse caso minha situação estaria comprometida.

A queda havia partido o pé sobre o qual se sustentava a caixa de ferro, que também ficou danificada em uma de suas arestas e em três das quatro lâminas de vidro colorido. Com certo nervosismo, simulando um especial interesse pelos trabalhos do lampião, pedi-lhe que me deixasse examiná-la. E o homem, com indiferença, estendeu-a para mim. Senti minhas pernas fraquejarem. Entre as fissuras dos cristais percebi a tríplice mecha de cânhamo e a tigela destinada às cargas de azeite. E por debaixo, tateando com os dedos, o microfone, solidamente imantado na base do lampião.

Agora devia desprendê-lo e ocultá-lo na bolsa de borracha. Mas o ferreiro e João Marcos continuavam atentos aos meus movimentos e à minha decisão. Precisava encontrar uma fórmula para distraí-los ou afastá-los durante uns segundos.

Perguntei ao capataz quando calculava que estivesse pronto o serviço e quanto custaria. Não soube responder a nenhuma das questões. Aquilo, aparentemente tão fácil, começava a enredar-se. E o chefe da oficina, impaciente pelo que, realmente, parecia uma minúcia, fez um gesto de retomar a luminária. Por um momento pensei desfalecer. Mas, recordando minha promessa de obsequiar a mãe do rapaz, retive a peça e disse ao quenita algo que o agradou. Aos gritos, aproximando meu rosto do seu ouvido, expus-lhe minha intenção de comprar-lhe algum objeto, com a condição de que fosse realmente valioso e original. Como não especifiquei que o destinatário era uma mulher, o artesão supôs que o presenteado era um homem. A verdade é que naquele tempo e na sociedade judaica não era muito freqüente que os homens obsequiassem as mulheres. E muito menos tratando-se de um pagão e estrangeiro...

O involuntário erro de ambos nos ia levar a uma sensacional descoberta, ao menos do ângulo da indústria metalúrgica.

– Valioso e original? – repetiu o ferreiro.

Assenti sem hesitação.

Dando meia-volta, ele se dirigiu para o terceiro forno: o que tinha forma de poço. Meu guia foi atrás dele. Aí, sem pensar duas vezes, introduzi a mão na base da luminária e desprendi o microfone. Sem dar-me muita conta do que fazia, atirei a caixa metálica sobre os tachos de bronze e apressei-me a guardá-lo. Sem poder evitá-lo, fechei os olhos e respirei com todas as minhas forças.

O quenita e João Marcos retornaram logo. O primeiro mantinha nas mãos um fino pano de algodão preto, que, obviamente, servia para envolver algo. Mas esse algo, a julgar pelas dimensões do tecido que o recobria, deveria ser longo. O

ferreiro, ao notar minha curiosidade, sorriu divertido. Retirando a parte superior do pano, deixou a descoberto uma obra de arte: uma espada de uns 60 ou 70 centímetros, enfiada em uma bainha de marfim, finamente esculpida em ambas as faces com um trançado de estrelas de cinco pontas.

Percebi que havia algum erro. Mas, fascinado, apanhei-a pela empunhadura, também de marfim, desembainhando-a. Como o *gladius* romano, dispunha de duplo gume e uma pequena ponta, porém afiada. Ao brandi-la, notei algo estranho. Pesava muito pouco. E, de pronto, o reflexo avermelhado da forja espalhou-se pela lâmina, chamando minha atenção. Examinei o suposto ferro e, surpreendido, descobri que ambas as faces eram recobertas por suaves e belas marcas ondulantes que lhe emprestavam uma tonalidade branco-azulada.

Levantei os olhos e o sorriso de profunda satisfação do quenita confirmou minhas suspeitas. Aquilo não era ferro. Era aço! Mas como podia ser? As primeiras descrições conhecidas do denominado aço de Damasco datam do ano 540 d.C. Devia haver uma confusão. Aproximei-me de uma das bocas dos crisóis e, à luz do fogo, tornei a examinar com os olhos e com os dedos a enigmática superfície da espada. Eu havia tido a oportunidade de ver em mais de uma ocasião o fascinante exemplar existente no Museu de Arte Metropolitano de Nova York – uma cimitarra persa do século XVII –, trabalhada à base de um aço com altas concentrações de carbono e com as típicas marcas verticais ou “escada de Maomé” em sua lâmina.

Sim, não cabia dúvidas. Aquelas partes esbranquiçadas do aço eram o carboneto de ferro ou cementita. E as faixas escuras do fundo, ferro com um teor inferior de carbono.

Certamente, eu sabia que o uso do aço de “Damasco”¹³⁴ já era conhecido nos tempos de Alexandre Magno (323 anos antes de nossa era). Mas até esse momento não havia uma constatação fidedigna de que houvesse sido utilizado ou manipulado no século I.

O ferreiro insistiu em revelar-me seu segredo. Mas depois de assegurar-lhe de que eu só queria averiguar o lugar de origem do “misterioso material” que permitia a confecção de semelhante arma, levou-me a uma pequena cobertura de palha, mostrando-me uma pastilha de uns 75 milímetros de diâmetro, cor de chumbo, muito semelhante aos discos usados no *hockey* sobre o gelo. Era o famoso *wootz* ou aço fabricado na Índia e que – isso não me quis dizer – havia começado a ser-lhe entregue por uma das caravanas mesopotâmicas.

No terceiro forno, sempre no maior dos segredos, o ferreiro submetia a peça de *wootz* a temperaturas que oscilavam entre 650 e 850 graus Celsius, forjando depois o aço. (Os aços com alto teor de carbono são dúcteis nessa gama de temperatura.) Sem dispor de termômetros, esses engenhosos ferreiros avaliavam

as diferentes temperaturas por antiquíssimas referências, transmitidas de pais para filhos, como a encontrada no templo de Balgala, na Ásia Menor. Dizia assim: “Esquentar-se-á o *bulat* [aço de “Damasco”] até que não brilhe, tal qual o sol nascente no deserto, e o esfriar-se-á depois abaixo da cor da púrpura real e o introduzir-se-á no corpo de um escravo musculoso... a força do escravo se transfere à lâmina e é a única que confere sua resistência ao metal”.

À margem desta última e fantástica “prescrição”, a verdade é que as indicações das cores – “sol nascente” e “púrpura real” – eram bastante aproximadas. Em torno dos mil graus Celsius para o “sol nascente” e uns 800 para a “púrpura real”. Por último, as peças eram temperadas em salmoura quente, a uns 37 graus Celsius.

Devo confessá-lo. Meu primeiro pensamento foi adquirir aquele exemplar “supersecreto” – desconhecido, também, para as legiões romanas – e levá-lo ao módulo. Mas esta ação não teria sido aprovada pelo Cavalo de Tróia e, tal como havia planejado, optei por obedecer a meu impulso inicial: dá-la de presente não a Maria, a mãe do rapaz, mas sim a Elias, seu pai. No fundo, meu presente seria bem acolhido por ambos.

Não tive nem problemas nem regateios com a compra. Os 50 denários exigidos pelo ferreiro me pareceram justos. Em troca, consegui que o conserto do lampião entrasse também naquele preço final. Ao receber as moedas de prata, o quenita, enlevado pela inesperada e perfeita operação, levou aos lábios o amuleto que trazia pendurado ao pescoço. Era um cravo de bronze de um supliciado na cruz! Mais adiante, talvez, se apresente a ocasião de falar também das incríveis superstições dos judeus e pagãos que povoavam a Palestina de Cristo. Mas, meu Deus, são tantas as coisas que devo contar!... Só peço forças para chegar ao fim do relato da que foi nossa segunda... e terceira aventuras.

Consultei a posição do Sol. Faltavam mais ou menos duas horas para o ocaso. Devia apressar-me se quisesse localizar os pastores de Emaús. Lucas, em seu Evangelho, fala que “entardecia quando se acercavam do povoado” e que os discípulos tentaram convencer o estranho a pernoitar com eles, já que o “dia declinava”. Estas “pistas”, ainda que inseguras, eram as únicas de que eu dispunha. Se a aldeia em questão se encontrasse a 60 estádios – dado também apontado por Lucas (24, 13-14) –, era lógico supor que os irmãos, bons andarilhos, dada sua condição de pastores, deveriam partir de Jerusalém por volta das 17 ou 17h30, ou seja, uma hora ou uma hora e meia antes do ocaso, que ocorria nessa época do ano às 18h22, tal como já tive oportunidade de aludir em outras ocasiões. Com um pouco de sorte, talvez os viesse a encontrar, todavia, na mansão de José...

Ao nos pormos a caminho, detivemo-nos uns minutos na residência do jovem João Marcos. O rapaz, feliz, correu ao encontro de sua mãe, relatando-lhe atropeladamente tudo quanto fizéramos. Elias, o esposo, entretanto, não havia regressado, e, impaciente por acorrer ao encontro do ancião de Arimatéia, coloquei meu presente nas mãos de Maria, ao mesmo tempo que lhe agradei por seus obséquios. A mulher, atônita, não conseguiu pronunciar palavra. E sem dar-lhe oportunidade de recusar o presente, despedi-me adiantando-lhe que, com quase toda certeza, voltaríamos a ver-nos antes do anoitecer.

O silêncio reinante na casa – especialmente no pavimento superior – deu-me a entender que tudo continuava sem mudanças entre os íntimos do Mestre. E, sem esperar por João Marcos, saí o mais rápido possível por uma das rampas parcialmente escalonadas que morriam no ângulo sul da cidade. Cruzei outro dos pontilhões sobre o leito do Tiropeon e contornei a alta edificação que cercava a piscina de Siloé. Os raios do Sol, já bem oblíquos, iluminavam as colunas que rematavam as paredes do popular tanque. O tempo continuava correndo contra mim. Dessa vez eu não podia falhar. Era vital que localizasse os pastores e que me encontrasse – face a face – com o misterioso Ressuscitado.

A sólida casa de José, erigida ao pé da muralha leste e muito próxima à sinagoga dos Libertos, foi sempre um dos lugares mais fáceis de localizar. O brasão circular, com uma estrela de Davi e as cinco letras hebraicas entre as pontas, formando a palavra “Jerusalém”, primorosamente lavrado no lintel de pedra, era a última e definitiva confirmação de que eu necessitava.

Antes de entrar, estabeleci uma rotineira comunicação com o “berço”. Eliseu parecia muito excitado e animado. Seus trabalhos sobre o lençol mortuário haviam começado a dar frutos surpreendentes. Confirmei a hora – 16h55 – e, depois de nos desejarmos mútua sorte, cruzei o umbral com determinação. Só que o meu entusiasmo não tardaria a arrefecer-se...

Desde a porta já pude escutar uma mescla de gritos e cânticos que me alarmou. Atravessei o vestíbulo e, ao pisar o pátio central ladrilhado, o que vim a presenciar acabou por desconcertar-me. Homens e mulheres, discípulos e seguidores de Jesus, em sua maioria, corriam de um lado para outro, tropeçando uns nos outros, como se fugissem de alguma coisa. Gritavam, riam ou choravam, abraçando-se e elevando os braços para o céu. Em um dos ângulos, no claustro em arcadas, que rodeava o local, outro grupo de mulheres batia palmas e dançava em círculos. Não entendi nada. Ao ouvir os lamentos, pensei que uma súbita desgraça se houvesse abatido sobre a casa do sinedrista. Mas, por outro lado, as danças e mostras de alegria...

De súbito, por uma das portas que desembocavam no pátio, vi aparecer José

seguido de um dos serviçais. O escravo carregava um cântaro e um lenço que pendia de seu braço direito. Ambos estavam apressados. Ao ver-me, Arimatéia, sem deter-se, convidou-me com um aceno a segui-lo. E assim fiz, intrigado e confuso.

Entramos em um cômodo, fracamente iluminado por quatro ou cinco lamparinas de azeite. A princípio, só pude distinguir uns vultos encurvados que se agitavam na penumbra. José e o servo abriram caminho por entre as sombras e foi aí que verifiquei que se tratava de outro grupo de hebréias chorosas. Aproximei-me das mulheres e então vi no chão, desmaiada, entre as esteiras, minha velha amiga: a de Magdala. Estremeci. Que lhe teria acontecido desta vez? Ajoelhei-me ao lado de José e, enquanto o criado molhava o lenço com a água da jarra, tomei-lhe o pulso. Não me pareceu nada grave. O contato com o frescor da compressa fez Madalena estremecer.

– Que aconteceu? – perguntei ao sinedrista sem fazer idéia do que ocorria.

José demorou a responder. Sua face apresentava uma palidez tão acentuada quanto a da mulher. E, fazendo esforço, como se lhe faltassem as palavras, sussurrou, ao mesmo tempo que desenhava um círculo no ar, apontando o grupo de mulheres:

– Estas... que dizem tê-Lo visto.

Eu havia escutado perfeitamente bem. Mas durante alguns segundos fiquei mudo. Perplexo.

– Outra vez? – consegui balbuciar.

Arimatéia pôs-se de pé e imitei-o. E ambos nos separamos do grupo que, solícito, assistia Madalena. Ela começava a recobrar-se do desmaio. Uma vez distanciados, pedi-lhe que se explicasse com mais detalhes.

– Não sei – hesitou o ancião –, eu não estava aqui...

Dizem que Ele tornou a apresentar-se.

– Mas quem?

Meu interlocutor olhou-me com uma certa reprovação. Com efeito, a pergunta havia sido totalmente estúpida.

– Ah! compreendo – corriji-me, olhando-o penetrantemente nos olhos.

José, porém, esquivou-se do meu olhar, e antes que eu conseguisse expressar-lhe meu profundo ceticismo, adiantou-se dizendo:

– Sei o que pensas. Mas dessa vez há algo mais... Algo que com certeza desconheces.

Aguardei ansiosamente. Mas a chegada do servo frustrou o esclarecimento do nervoso dono da casa. O escravo havia concluído sua tarefa e perguntou ao amo se achava necessária a presença de um médico. Arimatéia fez-me a pergunta e eu, convencido de que os sintomas refletiam tão-somente um mal-estar

passageiro de pouca importância, fiz-lhe um gesto negativo. O servo inoportuno retirou-se e José, que parecia ter-se esquecido de suas palavras anteriores, deu meia-volta e retomou ao grupo. Maria, quase refeita, achava-se recostada sobre almofadões. Acabavam de dar-lhe uma taça de vinho e, sorvendo-o aos poucos, esforçava-se por erguer-se.

José pediu silêncio e, dirigindo-se a Madalena, perguntou-lhe:

– Queres repetir o ocorrido?

A mulher levantou os olhos. Olhou-nos com um infinito cansaço e acedeu com um quase imperceptível aceno de cabeça. Uma lágrima solitária havia começado a rolar-lhe pela face. Sentime condoído. Três aparições, e ela como testemunha de todas; era demasiado... Aquela situação começava a preocupar-me seriamente. Estaria Madalena em seu pleno juízo? Será que a morte de seu adorado Mestre a havia perturbado? Naquele instante lamentei não haver indagado os antecedentes de Maria. Que havia querido dizer o evangelista quando assegura que Madalena fora curada por Jesus, “expulsando dela sete demônios”? Tratava-se de algum tipo de doença mental? Talvez de uma ninfomania? Ou estaria referindo-se a uma doença venérea? Não podia esquecer-me dos anos em que fora prostituta na vila de Magdala... Claro que tal expressão – “sete espíritos malignos ou imundos” – podia ser igualmente uma “chave” ou imagem esotérica ou cabalística, a que eram tão apegados os orientais.

Prometi a mim mesmo que na primeira oportunidade falaria com ela e tentaria reconstituir o seu “histórico clínico”. À primeira vista, Maria era uma mulher sadia. Com demasiada experiência para sua idade – fruto de seu trabalho como cortesã –, valente e sincera. Era contra a odiosa e injusta opressão de suas companheiras na sociedade judaica. Sua audácia e lucidez mental sempre me haviam chamado atenção. E pela enésima vez perguntei-me se estaria ela sendo vítima de algum tipo de alucinação ou neurose. Dentro do complexo mundo da psicopatologia da percepção, o estado afetivo do indivíduo pode condicionar gravemente a objetividade daquele que observa ou daquele que crê observar. E o ânimo de Maria, assim como o de muitos dos discípulos, achava-se quebrantado pelos últimos e funestos acontecimentos.¹³⁵

Repassei meus velhos conhecimentos de psiquiatria e psicopatologia, no empenho de entender racionalmente aquele cada vez mais enredado fenômeno das supostas aparições cristológicas. De acordo com a clássica definição de Ball sobre a alucinação, ela resulta em uma “percepção sem objeto”, com o pleno convencimento, por parte do sujeito, de sua realidade.

Dessa forma, a alucinação verdadeira ou psico-sensorial é definida por Ey e Claude em função de três parâmetros: projeção objetivante no espaço exterior ao sujeito, cuja personalidade inteira fica envolvida nesse ato perceptivo anômalo;

ausência do objeto; e juízo de realidade positivo.

Para Madalena e o resto das testemunhas, o “objeto” – Jesus, nesse caso – constituía algo real e exterior a elas. Com formas físicas claras e até mesmo com voz. As coisas, portanto, se complicavam muitíssimo. Essa suposta “realidade” externa descartava a primeira categoria dentro das alucinações. A que Ey chama “pseudo-alucinação” ou alucinação psíquica e que constitui com frequência uma perturbação comum nas esquizofrenias e outros delírios crônicos. Um dos dados que melhor a definem é seu aparecimento no interior do indivíduo. Que eu soubesse, nenhuma daquelas hebréias sofria de esquizofrenia.

E, quanto ao segundo tipo de alucinação – a “alucinose” –, tampouco aparecia com clareza. As alucinoses são definidas como percepções “sem objeto” e corretamente criticadas pelo protagonista, que as vive como algo patológico.¹³⁶ Que me recordasse, Madalena sempre afastou a possibilidade de que o que havia visto e ouvido pudesse ser irreal. Ela até tentou abraçar os pés “transparentes” do Mestre... De qualquer maneira, o assunto era confuso. Eu desconhecia se a mulher havia padecido ou padecia nesse momento de alguma enfermidade somática.

Restava a terceira categoria – a “ilusão” –, que pressupõe uma deformação de algo real e que costuma acontecer tanto com pessoas sãs como enfermas. Se são numerosas e muito vívidas, denominam-se “pareidolias”. É bem conhecido o exemplo de indivíduos que crêem ver nos ramos de uma árvore rostos ou figuras dos mais diversos. Nessa nova suposição, tropeçava com um outro problema não menos espinhoso: que poderia ter sido esse “algo” real que tanto Madalena quanto as outras haviam forjado em suas mentes, convertendo-o em uma ilusão? Ou não se tratava de uma ilusão?

Sem elementos de juízo, não quis sequer estabelecer a ou as possíveis causas das alucinações em questão, supondo, repito, que assim fossem. (Certamente, algumas das teorias patogênicas das alucinações não se encaixavam no caso de Maria.) E dentro do capítulo psiquiátrico da classificação das perturbações perceptivas, segundo o canal sensorial, as chamadas “alucinações visuais” tampouco se encaixavam com o que fora descrito pelas hebréias. As características nessas alucinações variam extraordinariamente: aparecem como elementares ou complexas, móveis ou estáticas, em branco e preto ou coloridas, agradáveis ou ameaçadoras (que são as mais comuns), de tamanho reduzido ou “liliputianas”, ou gigantescas (“gulliverianas”).¹³⁷

As descrições que ouvira – um Jesus estático, nada ameaçador, colorido e de tamanho natural – constituíam uma arrevezada miscelânea que coincidia em partes com os traços típicos das alucinações “visuais”. Em suma, estava armada uma verdadeira confusão.

– Por favor... – animei Madalena. – O que aconteceu?

Suspirou, e entre lamúrias começou:

– Achava-me aqui, com elas, contando as duas aparições do rabi em Betânia quando...

Não pude conter-me. Ao ouvir aquilo, reagi com brusquidão.

– Betânia? Duas o quê?..

O tom desagradou Madalena. E José, conciliador, pediu-me calma.

– ... E estava no meio da narração do acontecido na casa de Lázaro – prosseguiu ela – quando, inexplicavelmente, sentimos frio. Foi uma sensação muito clara. Como a de um vento gelado. Olhamo-nos em silêncio, com estranheza... Essa porta estava aberta, sim, mas lá fora não havia vento nem fazia frio.

Apesar de seu evidente cansaço, Maria raciocinava com seu habitual domínio e senso comum. E isso mergulhou-me em uma confusão maior.

– ... E, de repente, no centro do grupo, vimos a forma do Mestre.

Ao escutar o relato, algumas das mulheres puseram-se a chorar nervosamente. Impacientei-me. Mas o ancião, com sua voz imperativa, ordenou silêncio.

– Era Ele! E saudou-nos, dizendo: “Que a paz seja convosco”.

Preferi não fazer perguntas. Deveria primeiro ouvir a versão de Madalena.

– ... Depois disse-nos: “Na comunhão do reino não haverá nem judeu nem gentio. Nem rico nem pobre. Nem homem nem mulher. Nem escravo nem senhor... Vós também estais conclamadas a proclamar a boa-nova da libertação da Humanidade pelo Evangelho da união com Deus no reino dos céus. Ide pelo mundo inteiro anunciando este Evangelho e confirmando aos que crêem nesta fé. Quando fizerdes isso, não vos esqueçais dos enfermos e alentai aos tímidos e temerosos. Estarei sempre convosco até os confins da Terra”. E, dito isso, desapareceu. Nós, como sabeis, caímos de joelhos, mortas de medo. Suponho que perdi os sentidos. O resto o sabeis.

Terminada a exposição, caiu em um profundo mutismo. Evidentemente, Maria achava-se muito atingida. Eu diria que muito mais que nas ocasiões precedentes. Sua atitude era até diferente. Havia passado da euforia, dos gritos e da luta contra os céuticos, a uma introversão e melancolia impróprias de seu temperamento. Chorava sim, mas doce e sossegadamente. Também não mostrava desejo de falar ou comunicar-se. Era muito estranho...

Mas eu precisava esclarecer aquele “manicômio”. Que havia querido dizer com as aparições em Betânia? Será que continuavam repetindo-se as supostas visitas do Ressuscitado? Aquilo não tinha nem pé nem cabeça... Os Evangelhos nada falam sobre possíveis “materializações” de Jesus na casa de Marta e Maria

e tampouco daquela terceira e duvidosa “aparição” a Madalena e às hebréias que a acompanhavam. Claro que, nesse ponto, ainda não confiava nos evangelistas...

Se Maria e as outras não estavam mentindo e não eram vítimas de alguma alucinação, as palavras do Filho do Homem e o fato, em si, de haver aparecido a mulheres sozinhas eram sumamente interessantes e significativos. Repito: se era um fato a aparição do rabi, a confirmação do papel das mulheres na pregação do Evangelho do Reino havia sido escamoteada pelos homens. Clara e categoricamente. E isso não era de estranhar, dado o secundário, quase infantil e menosprezado lugar das mulheres na sociedade de então e dos séculos posteriores. Eis aqui um testemunho que, se tivesse sido publicado, talvez houvesse alterado os estreitos, mesquinhos e machistas esquemas das igrejas em relação às mulheres.

Dessa vez respeitei o silêncio de Maria. E, tomando José pelo braço, saí com ele. Eram muitas as perguntas que eu desejava fazer-lhe.

Minha pressa desapareceu. O inesperado rumo dos acontecimentos daquele agitado domingo fez-me esquecer temporariamente os planos da missão. Se aquelas novas e supostas aparições fossem reais, já não importava a localização e acompanhamento dos pastores de Emaús. Jesus era capaz de apresentar-se nos lugares mais insuspeitados... Só devia manter-me com os olhos bem abertos. Deixar-me guiar pela intuição e, naturalmente, tratar de decifrar aquela charada.

Passeamos longo tempo sob o teto de cedro ricamente trabalhado dos claustros. As mulheres, já agora mais tranqüilas, recomeçavam seus cânticos. Um dos servos ofereceu-nos uma deliciosa e reconfortante taça de vinho negro e doce, aromatizado com mel. A verdade é que o bom José não soube dar-me muitas explicações sobre a ocorrência de Betânia. Encontrava-se ocupado em seus trabalhos quando, pelas 4 ou 4 e um quarto dessa tarde, os criados lhe haviam anunciado a visita de Maria Madalena. Vinha da residência de Marta e Maria, na pequena aldeia do leste. Aparentemente, depois de sua segunda “visão” no horto e de seu novo e estrepitoso fracasso com os apóstolos, tomara a decisão de ir à casa de Lázaro para dar-lhes a conhecer os fatos que, em parte, havia protagonizado. Duas horas antes, como eu já sabia, Davi Zebedeu havia passado pela mansão de Arimatéia para buscar sua mãe, Salomé. Depois se despedira de todos e tomara o mesmo destino de Madalena. Quando esta chegou a Betânia, os rumores sobre a tumba vazia já circulavam pela povoação. Os numerosos peregrinos e viajantes se haviam encarregado de difundi-los, de modo que já eram conhecidos pelas irmãs de Lázaro e pelos membros da família de Jesus que ali estavam hospedados.

– Não sei muito bem – disse José –, mas imagino que os irmãos do Mestre

duvidaram também das palavras de Madalena. O caso é que, ali pela hora sexta (pelas 12), quando Maria conversava com os de Betânia, aconteceu outra vez...

José de Arimatéia deteve-se diante da urna em que guardava suas valiosas pedras ovóides e esféricas e o vaso de diatreta encontrado na Germânia e, durante alguns segundos, encerrou-se em grave silêncio. Depois, como que tentando convencer-se a si mesmo, murmurou:

– Mas nessa ocasião não foi visto por mulheres assustadiças...

O ancião, com grande surpresa de minha parte, concluiu seu conciso relato – tomado por sua vez do de Madalena – dizendo-me que a testemunha dessa aparição (a terceira, segundo meus cálculos) havia sido Tiago, um dos irmãos do Nazareno. Esse fato havia confundido muito mais José de Arimatéia. Tiago, com efeito, era um homem muito sensato e positivo. Maria, apesar de sua natural loquacidade, se havia mostrado algo imprecisa ao descrever a visão.

– Pelo visto – acrescentou José –, a entrevista com Jesus foi muito particular.

A segunda visão de Betânia, sempre segundo o ancião, teria ocorrido horas mais tarde. Passada a hora nona (mais ou menos às 15 horas). E, como na anterior narração, José falava por ouvir dizer. Ainda assim, esta quarta ocorrência, considerada em uma estreita ordem cronológica, parecia havê-lo afetado tanto ou mais que a de Tiago. A razão era muito simples: essa nova aparição do Filho do Homem, registrada igualmente na casa de Lázaro, havia sido compartilhada por Marta, Maria, a família do Galileu e por Davi Zebedeu e sua mãe, que, ao que parece, acabavam de chegar na aldeia.

Eu conhecia um pouco a índole fria e sóbria do chefe dos “mensageiros” e compreendi, do mesmo modo que meu amigo, que Davi não era pessoa fácil de enganar ou suggestionar. O dado me deixou perplexo.

Quando me interessei por conhecer as circunstâncias dessa última aparição e a possível mensagem de Jesus, o ancião deu de ombros. Madalena, que também havia presenciado o incrível acontecimento, quase não havia falado a respeito.

Santo Deus! O labirinto começava a converter-se em pesadelo. Madalena, segundo José, havia “visto” e “ouvido” o Ressuscitado... quatro vezes! Logo, aqueles homens, Tiago e Davi, eram dignos de toda a confiança. E minhas convicções sobre os fenômenos das aparições começaram a desmoronar. Eu já não estava tão seguro de que tudo fora pura imaginação, fruto da neurose de umas mulheres emocionalmente perturbadas ou meras alucinações individuais ou coletivas. Confesso honestamente: minha mente, em branco, negava-se a raciocinar. Talvez fosse o melhor... Só o que, suponho, me animou a continuar naquele difícil e confuso momento foi o meu rígido senso de educação militar.

Agora, mais do que nunca, devia conservar a calma e a frieza.

Certamente, minha visita a Betânia era obrigatória. E ainda que figurasse no programa do Cavalo de Tróia, decidi antecipá-la. As entrevistas com Davi e com o irmão de Jesus eram fundamentais.

Estava decidido a colocar ordem na “teia de aranha” que me envolvia e, graças aos céus, o conseguiria. Mas, antes, deveria passar por novos sustos...

Suponho que tenha sido uma falha de minha memória. Nunca me havia ocorrido antes. E ainda que não queira justificar-me, aquele lapso e o que me ocorreria pouco depois, quando estava prestes a entrar no cenáculo, foram de todo alheios à minha vontade. Irei por partes.

Ali pelas 18 horas, em pleno caminho de regresso à casa dos Marcos, dei-me conta de que não havia indagado sobre os irmãos de Emaús. E, como disse, abstraí-me das emoções e do frenético desenrolar dos acontecimentos.

Perto da mansão detive-me, colocando-me o dilema: que faria? Sairia pela estrada de Jaffa, à busca dos pastores, ou permanecia na residência de Elias, à espera da suposta aparição aos íntimos do Nazareno? Pesei minhas possibilidades. A noite cairia às 18h22. Na realidade, como diziam os hebreus, “já quase não se distinguia um fio branco de outro negro...”.

Se me lançasse atrás de Cleofás e Jacó necessitaria, com sorte, ao redor de hora e meia para cobrir os 11 quilômetros que me separavam da povoação dos vimeiros. Quer dizer, por muito que corresse, e a obscuridade não me facilitaria as coisas, a noite me surpreenderia na metade do caminho. A “pele de serpente” e os ultra-sons da vara eram uma boa proteção. Todavia, o Cavalo de Tróia recomendava evitar riscos. Sobretudo os desnecessários. Não sei se já comentei o problema dos caminhos de Israel naquela época. Os ladrões, bandoleiros, mendigos famintos, escravos fugitivos e “sicários” ou revolucionários, que realizavam incursões contra os romanos ou contra as hostes da numerosa família herodiana, formavam legião nas calçadas e caminhos. Sobretudo na região do leste. Isso obrigava a que não se viajasse nunca à noite e muito menos sozinho. De outra parte, o fato de não conhecer fisicamente os pastores e a possibilidade de que pudesse cruzar com eles em plena marcha acabaram por dissuadir-me. O mais prudente e prático era aguardar os acontecimentos na companhia dos Marcos. “Depois de tudo”, raciocinei enquanto batia na porta, “se conseguisse estar presente na que se menciona como última aparição do Ressuscitado naquele domingo, os objetivos da missão estariam satisfeitos em boa parte...”

Alguém, do outro lado da porta, fez com que me identificasse. Só então, e com umas exageradas medidas de segurança, pude entrar na mansão. Aquela mudança alarmou-me. Que estaria se passando? Logo o comprovaria por mim

mesmo.

O caso é que entre os Marcos e seus criados reinava uma agitação especial, mescla de nervosismo e de uma incontida alegria. A princípio não entendi muito bem tão contraditória situação.

O dono, de regresso do campo, me recebeu no pátio com o tradicional beijo da paz. Correspondi com outro beijo na face e, durante alguns minutos, tive de suportar, sorridente, suas paternas recriminações. Meu presente era tão régio quanto desnecessário.

Maria, a esposa, apressou-se a resgatar-me censurando o bom Elias por sua tagarelice e falta de tato para com um amigo. Notei que estava feliz. Obrigou-me a sentar em um dos tamboretos estrategicamente espalhados em torno da lareira, sobre a qual estava suspenso um caldeirão de cobre de quase meio metro de diâmetro. A enorme caçarola pendia de uma corrente que, por sua vez, estava fixada a uma das vigas de madeira que cruzavam o pátio a céu aberto. O aroma que escapava da panela lembrou-me que fazia muitas horas que não comia nada. (Em realidade, 1.943 anos...)

Não vi João Marcos. Sua mãe continuou mexendo o guisado e, enquanto o anfitrião me estendia um generoso copo de vinho do Hebron, perguntou-me se estava a par das notícias que corriam por Jerusalém. Respondi-lhe que em parte, e ela, desejosa de fazer-me partícipe do seu contentamento, foi-me contando alguns dos muitos rumores que eu já conhecia. Mas meus pensamentos estavam postos no pavimento superior e, com o pretexto de dar uma olhada no guisado, aproximei-me de Maria Marcos e perguntei-lhe pelo estado dos íntimos de Jesus. A senhora recolheu seu permanente sorriso e resumiu a situação com uma palavra:

– Aterrados!...

E, elevando os olhos para o pavimento onde continuavam encerrados, acrescentou que eu podia comprová-lo por mim mesmo.

O forte aroma das lentilhas borbulhantes, sabiamente condimentadas com cebola, pimenta verde e louro, distraiu-me momentaneamente. A mulher notou-o e, curiosa, perguntou-me se estava com fome. Disselhe que sim e muita, “apesar de haver almoçado” – menti-lhe – “com tanto apetite e tão cedo que sessenta corredores não teriam conseguido alcançar-me”. Maria sorriu, reconhecendo o velho adágio hebreu, e, depois de provar as fumegantes lentilhas com sua colher de pau, chamou um dos serviçais para que me acompanhasse ao pavimento superior.

Carregando uma concha do mar onde flutuava uma lamparina de azeite, o fiel criado guiou-me até o local onde se achavam os dez. Naquele momento, o longo e triste som do *sofar* – o chifre do caprino macho – anunciou o final do

dia. A lua de Nisan não tardaria a luzir no sereno céu da Cidade Santa.

No instante, não me pareceu grave. Sei agora que devo contá-lo. Ocorreu quando eu subia os dez ou quinze degraus de pedra que conduziam ao cenáculo. Foi coisa de segundos...

Minha visão, de repente, anuviou-se. Acreditei ter perdido a noção de tempo e de espaço. Tudo foi vertiginoso. Tive de apoiar-me na parede e, instintivamente, fazer várias e profundas respirações. Sacudi a cabeça sem entender o que se passava. Um suor frio empapou minhas fontes e, como veio, a obnubilação passou. Que havia acontecido?

Refeito da estranha vertigem, tranqüilizei-me atribuindo-a às quase dezessete horas de ininterrupto ir e vir e à falta de alimento. Dias depois, quando do terceiro retorno ao módulo, entendi que aquela indisposição passageira obedecia a razões mais sérias. Mas falarei disso a seu tempo.

O servo bateu três vezes à porta. Logo em seguida, do outro lado, escutou-se uma voz:

– Quem é?

– Um fiel! – respondeu o criado.

Ainda não havia saído do meu assombro quando ouvi e identifiquei o ranger da madeira. A porta de dupla folha foi entreaberta e, após verificar a identidade do escravo, o discípulo – um dos gêmeos – franqueou-nos a entrada. Meu gentil acompanhante retirou-se e, em seguida, como se disso dependesse sua vida, Judas Alfeu precipitou-se sobre a tranca e entrincheirou a porta. Observei-o entre atônito e divertido. Qualquer levita ou guarda do Templo poderia abri-la com um pontapé. Mas o terror daqueles homens era tal que pareciam cegos. Será que a absurda, quase grotesca, contra-senha teria servido para alguma coisa se a casa fosse abordada pelos inimigos?

Deus do céu! Que diferença abissal existia nas atmosferas de ambos os pavimentos da casa! Embaixo, os seguidores de Cristo estavam praticamente convencidos de sua ressurreição. A esperança e o júbilo eram um fato físico palpável. E ali, a poucos metros, entre os “grandes” do reino, somente encontrei desolação. Como foi mal registrada essa dramática situação pelos evangelistas!

A meia dezena de lamparinas de azeite que escassamente alumiaava a sala havia sido reduzida a duas. Uma, na parede da direita; outra, sobre a mesa em forma de “U”. No primeiro instante tive dificuldade em divisá-los. O campo de visão era muito restrito. O apóstolo que nos havia aberto a porta e João Zebedeu acolheram-me de imediato, crivando-me de perguntas. Pareciam ser os únicos com um mínimo de vitalidade naquele decepcionante quadro.

Enquanto me aproximava de um dos divãs vazios, fui-lhes respondendo por monossílabos e sem a menor precisão. Pelo que pude captar, o jovem João

Marcos os fora informando sobre a marcha dos acontecimentos, ainda que ignorassem os acontecimentos de Betânia e, por conseguinte, o recentíssimo da casa de José de Arimatéia.

Prudentemente, não fiz a menor alusão a eles. Meu papel continuava sendo o de um observador e, por nada do mundo, podia nem devia interferir. Suponho que esta minha extrema parcimônia os tenha frustrado. E durante alguns minutos deixaram-me em paz.

Meus olhos, acostumados de novo à penumbra, percorreram a sala, tentando distinguir cada um dos enclausurados e adivinhar suas condições psicológicas. Tudo continuava mais ou menos como eu havia deixado. Talvez até pior. Simão, o Zelote, deitado em seu assento e de cara para a parede parecia adormecido. Simão Pedro, sentado junto a seu irmão, com a cabeça entre suas enormes mãos, cochilava. O resto deles, reclinado nos bancos avermelhados ou dormitando no assoalho. Dois deles – o segundo gêmeo e Mateus Levi – roncavam beatífica e ritmadamente. Essa me pareceu a atitude mais inteligente. Tiago, irmão de João, foi talvez quem mais me preocupou naquela minha primeira observação. Sentara-se no fundo do salão, recostando-se contra a parede. Em um inabordável silêncio, matava o tempo de uma maneira que hoje poderia fazer estremecer os cristãos, mas que então, dadas as circunstâncias e sua deplorável concepção dos acontecimentos, nada tinha de estranho. Mecânica e pacientemente, fazia passar a lâmina de sua espada sobre uma pedra negrusca que, provavelmente, continha coríndon granulado, para afiá-la. Agora sei que aquele som sibilante – o único que rompia o carregado ambiente junto dos roncos e cochilos de Pedro e André – era, na verdade, o melhor resumo dos pensamentos dos presentes. Só importava a sobrevivência.

Fazia um pouco mais de um quarto de hora que eu chegara quando, talvez cansado de suportar as lamúrias de seu irmão, André, o que havia sido chefe dos apóstolos, veio sentar-se a meu lado. E mantivemos uma interessante e ilustrativa conversa. Principalmente para mim.

O sofrimento daquele pescador, como o da maioria de seus companheiros, era digno de pena. O galileu, solícito e agradecido diante da oportunidade de poder descarregar sua angústia e seus temores, foi respondendo a minhas perguntas. Haviam, certamente, discutido a idéia de fugir da cidade. Mas seu medo do Sinédrio, e não me cansarei de insistir, era enorme. E por unanimidade decidiram pela fuga durante a noite. Era inacreditável! Conheciam, por certo, os insistentes rumores que circulavam por Jerusalém. Rumores contraditórios, é verdade, mas que, em sua maioria, coincidiam no possível e milagroso fenômeno da volta à vida de seu pranteado Mestre. Entretanto, nenhum deles havia tido a coragem de lançar-se às ruas e interrogar as pessoas. Na realidade, a incursão de

Pedro e João até a tumba só servira para avivar as dúvidas, as mútuas agressões verbais e o medo de uma possível prisão. “Se Caifás fora capaz de terminar com a vida de Jesus” – pensavam com razão –, “que tipo de benevolência podemos esperar nós, seus seguidores?”

André lamentou-se também pelo pouco valor que haviam dado até então ao excelente serviço de Davi Zebedeu e seus “correios”. Agora, ainda que João Marcos e algumas mulheres os mantivessem informados, compreendiam a importância daquele trabalho. Devo ser sincero uma vez mais. A opressão e a tristeza daqueles pobres e infortunados discípulos eram tais que pouco faltou-me para pô-los a par do quanto eu sabia.

E quase sem perceber, e pouco a pouco, André e eu fomos repassando a situação pessoal de cada um dos presentes.

O ex-chefe dos apóstolos – que se sentia grandemente aliviado pelo fato de haver sido eximido de sua responsabilidade em momentos tão difíceis – elogiou sem rodeios João Zebedeu. Fora o único a manter sua fé na ressurreição de Jesus. Recordou-lhes em cinco ocasiões as promessas do rabi e – sempre segundo meu informante – em outras três oportunidades aludiu às palavras do Mestre sobre a data precisa de sua volta à vida: “ao terceiro dia”. Bartolomeu sentiu-se especialmente reconfortado pela obstinada insistência de João. Mas, ao que parece, a juventude do Zebedeu tirara seriedade e peso a suas esperanças palavras. E o grupo terminou por esquecê-lo ou fazê-lo calar-se.

Tiago, um dos mais racionais, absorto na tarefa de afiar seu *gladius*, havia apoiado, a princípio, a sugestão de acudir em massa à tumba e verificar o que lhes fora relatado pelas mulheres, Simão Pedro e seu próprio irmão. “É preciso chegar ao fundo do mistério”, chegara a dizer de manhã. Diante, porém, das exigências de Bartolomeu e de vários outros, de não se mostrarem em público, para assim não expor suas vidas, tal como lhes havia pedido o Mestre, o Zebedeu acabou por ceder, recolhendo-se naquele triste mutismo. Como a maioria, limitou-se a esperar pelos acontecimentos, bastante frustrado, isso sim, diante do “inexplicável comportamento de Jesus”.

– Inexplicável comportamento? – interroguei-o sem compreender.

Baixando o tom de voz, André fez-me ver que não eram tão estúpidos e que, naturalmente, diante da torrente de notícias sobre as manifestações do rabi, muitos pensavam que tais misteriosas “aparições” do Mestre poderiam ser reais. Todavia, supondo que assim fosse, por que Jesus não se apresentara primeiro aos “eleitos”? Que razão havia para que o fizesse a umas “tontas e inúteis mulheres, cujo papel na evangelização do reino era publicamente reconhecido como nulo?”.

– Deves concordar conosco – sentenciou ele convencido – que se Jesus

houvesse ressuscitado de entre os mortos e decidido fazer-se visível, tê-lo-ia feito primeiro e antes de mais nada a seus íntimos. A nós...

Olhei-o surpreso. André falava absolutamente a sério. Eis aí outro “detalhe” habilmente “esquecido” pelos evangelistas, homens no fim das contas..

Depois de tudo que ouvi, a verdade é que recebi suas outras explicações com um certo desgosto e mal-estar.

Bartolomeu, com sua típica indecisão, mais uma vez não chegara a definir-se. Se em nenhum momento negou a possibilidade de que Jesus houvesse ressuscitado, também não chegou a admiti-lo. Animou seus irmãos, é verdade, mas em um nível puramente humano.

– E quanto a Simão, o Zelote – e André apontou para o divã onde ele continuava deitado –, é como vês, até agora não abriu a boca. Continua em pânico.

Pelas declarações do pescador deduzi que o simpatizante dos zelotes se havia negado a participar das discussões. Seu conceito do “reino” havia desmoronado. Em um momento de lucidez chegara a intervir na polêmica, afirmando, com uma perigosa dose de pessimismo, que, na realidade, “o fato da discutível ressurreição do rabi não mudava as coisas”. Pelo menos ele não se sentia capaz de discernir em que o pouco crível acontecimento da volta à vida do Crucificado podia modificar a desonrosa situação geral. Exatamente como havia previsto o Galileu, necessitaria de muito tempo para recobrar-se da decepção, do medo e da ruína moral.

O caso de Mateus Levi, docemente ausente graças ao sono, refletia também sua especial idiossincrasia. Segundo André, “todo o seu problema eram as finanças”. Como eu já disse, Davi Zebedeu lhe havia feito a entrega da bolsa com os fundos da comunidade e, desde então, seu velho espírito de coletar impostos se impusera sobre tudo o mais. Não deu opinião sobre a discutida ressurreição. Isso não fazia parte de suas preocupações no momento. Sua obsessão era a falta de um chefe hábil e capacitado para levar adiante o projeto do reino e, como eu já disse, as contas... “Não tomarei decisões” – declarou Mateus antes de dormir – “até que tenha visto Jesus frente a frente...”

Sem querer, Mateus havia revelado seu subconsciente, reconhecendo que acreditava – ou desejava acreditar – na ressurreição do rabi.

Os gêmeos de Alfeu, como sempre, eram um caso à parte. Suas únicas preocupações sérias haviam sido de ordem doméstica: comidas, entrincheiramento da porta, contra-senha *etc.*

– Somente em uma oportunidade – manifestou André com um sorriso de benevolência – atreveram-se a dar opinião, forçados, porém, diante de uma diretíssima pergunta de Felipe: “Nós” – disseram – “não entendemos muito bem

toda essa história do sepulcro vazio e da ressurreição de Jesus, mas nossa mãe nos disse que falou com o Mestre e cremos nela”.

Não fez mais comentários sobre os ingênuos, mas fiéis gêmeos.

Felipe, falastrão e gracejador, fazia jus à sua fama de brincalhão e tagarela incorrigível. Foi ele o que mais fez intervenções nas discussões, andando de um lado para outro e comportando-se grosseiramente.

André fez um gesto de desaprovação, ante o que classificou de “dúvidas infantis” por parte de seu companheiro. Pelo visto, a máxima preocupação de Felipe, o intendente, repetida à exaustão no transcurso daquela tarde, havia sido se Jesus – uma vez ressuscitado – apresentaria ou não as marcas físicas de sua crucificação. Como vemos, não era só Tomé, refugiado na aldeia de Betfagé, que mostrava interesse em um fato tão banal...

Os outros nove, ainda que o escutassem com prazer e paciência, não mostraram demasiada consideração às mordazes reflexões de Felipe. Simão Pedro, especialmente, mostrou-se cortante para com o ingênuo apóstolo.

Deixar o irmão de André para o penúltimo lugar naquele apressado exame não foi casual. Eu tinha um especial interesse em Pedro. Sua personalidade contraditória e as emoções que havia vivido, desde a prisão de Jesus de Nazaré, mereciam uma análise detalhada e a mais racional possível. Sua conduta naquele domingo – creio-o sinceramente – não foi mostrada em sua verdadeira dimensão. E faz-se necessário conhecê-la para compreendê-lo e entender sua gigantesca tragédia interior...

O fogoso pescador da Galiléia, assim entendi, havia passado por variadas fases – tristeza, desmoronamento e medo – durante as horas que se seguiram à captura e crucificação de seu Amigo. Na madrugada do primeiro dia da semana, ao saber da notícia da sepultura vazia e da suposta aparição de Jesus, sentira irritação e um ceticismo brutal, tudo isso acrescido do pavor da guarda do Sinédrio. Depois, ao comprovar por si mesmo a veracidade do sepulcro vazio, foi assaltado por outras dúvidas, igualmente espantosas, mas que acabaram por se resumir à “teoria do roubo do corpo”. Mas as notícias e rumores sobre as novas aparições continuaram a multiplicar-se e Simão Pedro – que desejava como ninguém a “volta” de seu Senhor – foi derivando até uma posição mais maleável e ao mesmo tempo perigosa. Com o passar do dia, sem muito ânimo para negar com a força dos primeiros instantes, o atormentado apóstolo chegou a dizer: “Mas, se ressuscitou e falou com as mulheres, por que não se apresenta ante seus apóstolos?”.

E um lamentável pensamento começou a cristalizar-se desde então em seu coração. André estava convencido – assim eu o ouvira dizer a seu irmão – de que Simão Pedro sentia-se culpado...

– Por quê? – interrompi-o sem saber onde queria ele chegar.

André meneou a cabeça como se estivesse diante de um menino.

– E tu o perguntas, Jásão?

Lançou um olhar complacente sobre seu irmão e continuou:

– Fugiu como todos nós e, ademais, renegou-O. É natural que se sinta assim...

Eu começava a perceber a nova obsessão do rude pescador, o que me seria confirmado por André. Simão Pedro – apesar do relativo e passageiro consolo que significou para ele a menção de seu nome em uma das aparições – havia caído no erro de crer que o Filho do Homem não se apresentara ante os “escolhidos” por causa de sua quádrupla traição no pátio da casa de Anás. Por outro lado, para acabar de enredar sua confusa mente, continuava resistindo a aceitar o testemunho das mulheres. A possibilidade e o medo de cair prisioneiro o mantinham encurralado. Um pouco antes, quando o vi cochichar com André, Pedro estava com a decisão tomada: pronto a separar-se do grupo apostólico. Só assim – pensava o aturdido discípulo –, supondo que Jesus houvesse ressuscitado realmente, se produziria a ansiada aparição do Mestre aos seus. Fiquei perplexo.

– Ele tem a real intenção de partir?

O irmão assentiu com resignação.

– E nada nem ninguém o dissuadirá – enfatizou.

Disso, sim, estava seguro. Ele, que mais tarde seria uma das “cabeças” do movimento cristão, era lento e tardo em suas decisões; porém, uma vez tomadas...

– E quando pensa partir?

André não o sabia com exatidão.

– Não o disse a mim, mas imagino que nesta mesma noite...

Para mim estava claro que Simão Pedro era vítima, naquelas horas, de uma aguda crise neurótica. Bastava vê-lo e saber das suas freqüentes, complexas e absurdas mudanças, para perceber que atravessava o que hoje poderíamos definir como algumas das formas clínicas da neurose: de angústia, de histeria, fóbica ou obsessiva. Talvez uma mescla da primeira e da última.

O estado de alma de meu acompanhante, André, era, talvez, um dos mais estáveis: aliviado por sua liberação como chefe daqueles despojos humanos e esperançado. Sua grande preocupação naquele instante era Pedro. Somente Pedro.

Do apóstolo ausente, Tomé, praticamente não falamos. Contagiado de certa forma pela inquietude de André, fui até Pedro. Acomodei-me a seu lado e, durante breves minutos, dediquei-me a observá-lo. Qualquer psiquiatra teria ficado feliz, e eu também, se houvesse podido submeter o pescador a qualquer

dos testes ou questionários que servem para avaliar a neurose e ansiedade: Cattell, NAD, Hamilton, SN59, Taylor *etc.* Mas isso, evidentemente, teria sido um tanto comprometedor. De toda maneira, propus-me a tentá-lo... mais adiante. A experiência poderia ser apaixonante...

De momento, contentei-me com uma ligeira exploração de alguma de suas constantes vitais. Passei o braço pelos seus ombros e, procurando transmitir-lhe todo o meu afeto e simpatia, tentei animá-lo. Quase não olhou para mim. E aí percebi algumas das características dos indivíduos atormentados pela neurose: uma grande rigidez perceptivo-motora e escasso controle corporal. Faltava-me um terceiro elemento e, em tom de cumplicidade, de forma que os demais não me pudessem ouvir, perguntei-lhe se a luz o molestava. Negou com a cabeça e, de pronto, reprovou seus irmãos por haverem apagado as luzes. Tal qual eu suspeitava, sua adaptação sensorial à visão na obscuridade era medíocre. (Outro sintoma indicativo do grave momento que atravessava.)

Notei que seu ritmo respiratório sofria altos e baixos e, recordando-lhe minha condição de “curandeiro”, tomei-lhe o pulso. Assentiu aborrecido. Efetivamente, sua excitação nervosa estava acelerando seus batimentos cardíacos, com uma possível elevação da pressão arterial. A condutância cutânea parecia alta. Apalpei seus antebraços e o fluxo sanguíneo revelou-se muito acelerado.¹³⁸ Se eu tivesse tido acesso a uma análise do sangue, talvez houvéssemos encontrado uma elevação de colinesterasa.

– Sentes frio?

– Um pouco...

A verdade é que não havia motivo. A temperatura exterior era moderada, talvez uns 12 ou 14 graus, e a ambiente, algo superior. Aquela especial sensibilidade ao frio e a fácil fatigabilidade de Pedro eram novos sintomas que vinham enriquecer meu diagnóstico provisório. E ainda que eu soubesse que esse quadro biológico deveria ser utilizado com prudência para um diagnóstico, era indicativo de uma insuficiência energética geral e de um estado de hiperatividade ou elevado *drive* ou ansiedade, próprio do que hoje chamamos estresse.

– Que está acontecendo comigo, Jásão?

A voz enrouquecida do apóstolo soou-me com uma indescritível tristeza. Como os de João e Simão, o Zelote, seus olhos estavam inchados, injetados pela vigília e pelas lágrimas, e marcados por profundas olheiras.

Quanto desejei dizer-lhe a verdade! Anunciar-lhe o que lhe reservava o destino e, assim, aliviar seu padecimento e o meu... Mas não era esse meu trabalho. Então, dando-lhe umas palmadinhas nas costas, somente ocorreu-me uma vaga e nada reconfortante resposta:

– Trata-se de um mal-estar passageiro...

O bom Pedro tentou retribuir com um sorriso. Mas não conseguiu. E, escondendo o rosto naquelas peludas e calejadas mãos de pescador, pôs-se a soluçar entre esporádicos tremores.

Tive de retirar-me, maldizendo o código moral a que estava sujeito.

Mas, de repente, alguns golpes na porta tiraram-me de meu aturdimento.

A reação do grupo foi fulminante e digna de haver sido narrada pelos evangelistas. Tiago Zebedeu pôs-se em pé de um salto, brandindo a espada. Pedro, com os olhos desfigurados pelo medo, foi entrincheirar-se atrás do divã, não conseguindo sequer, em seu nervosismo, desembainhar o *gladius*. João e os gêmeos, lívidos, não moveram um músculo. Bartolomeu, na pressa de correr para o fundo da sala escura, pisou em seu manto e caiu de bruços sobre o assoalho. Felipe correu a despertar Mateus Levi, e André, pálido e vacilante, permaneceu sentado, paralisado pelo terror. Eu, claro, também me assustei. E, reunindo toda a minha serenidade, pus-me de lado, encostando-me à parede da direita. Estive a ponto de tropeçar no divã de Simão, o Zelote. Seu estado de prostração era tal que nem sequer ouviu as batidas.

Evidentemente, aquele que se encontrava do outro lado da porta não se lembrava da contra-senha. E, entre o silêncio e o rumor de uma ou outra respiração entrecortada, o “intruso” tornou a bater na porta, fazendo estremecer os desolados discípulos. Tiago Zebedeu, mais frio e audacioso que seus amigos, deu alguns passos, sem fazer ruído, e aproximou-se da porta. Postou-se de lado, levantou sua arma afiada por cima da cabeça e, com a mão direita, ordenou a André que destrancasse a porta. Em meio a uma grande tensão, o irmão de Pedro caminhou devagar até a tranca, e já se dispunha a retirá-la de um golpe, quando uma voz aguda e familiar nos encheu de perplexidade. Era João Marcos!

Um suspiro de alívio ressoou pelo cenáculo, ao mesmo tempo que alguns dos íntimos de Jesus se precipitaram para a porta. Mas Tiago, o “filho do trovão”, com a espada levantada, obrigou-os a se afastarem.

– Pode ser uma armadilha!

Então André, ajudado por Mateus Levi, passou a liberar o acesso. O rapaz invadiu a sala. Suarento e arquejante, gesticulando e apontando para o interior, fez muito esforço para articular as palavras. Mas sua excitação era tamanha que precisou de alguns segundos para consegui-lo. Desconfiados, os gêmeos, seguindo a direção indicada pelo benjamim, voltaram a cabeça para fora. E, dando de ombros, tornaram aos seus companheiros, ansiosos. Ali, com efeito, não havia ninguém.

Passado o falso alarme, os discípulos, sumamente irritados, admoestaram o rapazinho. Mas João Marcos, sem se importar, foi sentar-se em um dos divãs e

só então lançou a revelação:

– Viram-nO!... Outra vez!

Supus que se tratasse da última e pretensa aparição de Cristo em casa de José de Arimatéia. Tornei a equivocar-me. E, tão perplexo quanto os demais, escutei dos lábios do menino outra não menos singular e incrível notícia. Este foi seu atropelado relato:

– Por volta das quatro e meia... na casa de Flávio... E mais de quarenta gregos O viram...

André ajoelhou-se diante do mancebo e pediu-lhe calma, João Marcos, engolindo em seco, assentiu com a cabeça. Foi inútil. Seu coração estava a ponto de saltar-lhe pela boca...

– Disseram-me – continuou com os olhos iluminados – que lhes falou...

Os apóstolos amontoaram-se em torno do aturdido “correio”, comiam-no com os olhos, seguindo-lhe atentamente cada gesto e cada palavra. Se alguém os houvesse observado naquela hora jamais diria que se tratava de homens céticos e tíbios. Eu mesmo cheguei a duvidar. Sobretudo Pedro, com a boca aberta e o olhar perdido, esfregava nervosamente as mãos, assentindo ritmicamente com a cabeça a cada uma das explicações do rapaz. E uma imensa, ainda que momentânea alegria, fez-me tremer de emoção.

– Que disse Ele? – explodiu impaciente João Zebedeu.

– Não me lembro...

A decepção estampou-se nos rostos e algumas imprecações foram ouvidas. Mas João Marcos era tão sincero quanto eficaz. E, vasculhando entre as pregas de sua túnica, tirou um caco de argila – provavelmente restos de um cântaro ou de uma gamela – no qual, com caracteres mal traçados, havia copiado as palavras, ou as supostas palavras, do Galileu nessa nova aparição.

Orgulhoso, exibiu aquela espécie de *ostraca* e, adotando um tom solene, leu as toscas letras, feitas com pedra ou objeto pontiagudo:

“– Que a paz seja convosco. Ainda que o Filho do Homem haja aparecido na Terra entre os judeus, trazia o ministério para todos os homens...”

O rapaz parecia ter problemas com sua própria escrita apressada.

– Que mais?

Os “incrédulos” apóstolos movimentaram-se nervosamente.

– Ah! sim – disse João Marcos –, agora o entendo... “trazia seu ministério para todos os homens. Dentro do reino de meu Pai não há nem haverá judeus nem gentios. Todos sereis irmãos... Os Filhos de Deus”.

– Essa última parte não me parece certa – sentenciou Mateus.

João Marcos releu o caco de argila e, levantando os olhos para o impaciente grupo, repetiu:

“– Todos sereis irmãos... Os Filhos de Deus”. Isso foi o que me afirmaram que Ele disse.

Aquele possível erro de transcrição – tão próximo e “quente” – era simbólico. Se o voluntarioso caçula dos Marcos não havia sido capaz de copiar com precisão algumas das palavras do Mestre, que se podia esperar de uns textos elaborados dezenas de anos mais tarde, e por pessoas que nem sequer haviam conhecido o Mestre ou escutado seus ensinamentos?

– Está bem, está bem! Continua!

“– ... Ide, portanto, pelo mundo inteiro espalhando este evangelho da salvação, como o recebestes dos mensageiros do reino e Eu os receberei na comunhão da fraternidade dos filhos do Pai na fé e na verdade...”

O mensageiro silenciou.

– E que mais? – insistiram vários dos presentes.

– Mais nada – respondeu João Marcos. – Despediu-se e desapareceu de nossa vista.

Os discípulos trocaram alguns olhares, interrogando-se em silêncio. Ninguém se atreveu a pronunciar-se em primeiro lugar. Mas, enquanto voltavam a acomodar-se, a atmosfera eletrizante alcançou seu clímax, e foi suficiente um espontâneo e depreciativo comentário para que surgisse uma discussão.

– Gregos!

Não sei bem quem disse isso. Tampouco me senti agredido. Não havia razão. O caso é que, em um segundo, como um ciclone, Simão Pedro, de mãos às costas e andando de um lado para outro, arvorou-se em chefe dos recalcitrantes.

– Por que aos pagãos...?

João Zebedeu, paladino dos que acreditavam na ressurreição do Mestre, reprovou Pedro pelo comentário pouco caritativo que fizera. E de pronto enroscaram-se no velho círculo vicioso de “ressurreição sim, ressurreição não, e por que primeiro as estúpidas mulheres e impuros infiéis”. Já não era bom que Ele se houvesse mostrado às hebréias antes que aos “eleitos do reino”, mas “aquilo dos gregos” – argumentavam – enchia todas as medidas...

Os gritos, as mútuas acusações e os desaforos foram aumentando, convertendo o local em uma jaula, onde só se respirava mal-estar.

Cansado e deprimido, tirei João Marcos daquele manicômio e desci para o pátio. O ar fresco da noite reconfortou-me. Maria e os serviçais continuavam felizes, entregues à faina da preparação do jantar. Tomei o pequeno pela mão e passeamos sossegadamente junto às trepadeiras e aos perfumados jasmims que adornavam o alto muro. Soube assim que aquele Flávio era um pagão, velho conhecido de Jesus, e que morava perto de Jerusalém.

Quanto aos gregos, segundo as informações do benjamim, eu tinha tido a oportunidade de conhecer muitos deles no Átrio dos Gentios, no almoço celebrado na casa de Arimatéia e no Getsêmani. Ao que parece, tratava-se dos mesmos que haviam presenciado a prisão do Filho do Homem e que, juntamente com Pedro e João Zebedeu, se haviam lançado contra Malco e os levitas.

Sentime tão frustrado que não quis tirar conclusões. Se todas aquelas histórias estavam certas, minha missão começava a transformar-se em um flagrante fracasso. Bastava repassar a cronologia das supostas “aparições” do Galileu naquele domingo para reconhecer que não havia tido muita sorte. Chegava sempre tarde...

Primeiro, de madrugada, no encontro de Madalena e as quatro mulheres no horto de José. Onde estava eu? Perdido em estúpidos problemas...

Depois, na segunda e não menos suposta visão de Madalena, por volta de 9h35, a poucos metros, mas “ausente”, ensimesmado no exame dos lençóis mortuários...

Às 12, enquanto Ele aparecia em Betânia, encontrava-me a ponto de deixar o “berço”...

Às 15h30, aproximadamente, na quarta manifestação – também em casa de Marta e Maria –, eu me achava estupidamente ocupado na troca de ouro por moedas fracionárias...

E que dizer da quinta visão, acontecida, segundo testemunhas, às 16h30 na casa do ancião sinedrista de Arimatéia? Se ao menos não me tivesse entretido no assunto do aço de “Damasco”...

Quanto à sexta, a dos gregos, que talvez tenha tido lugar a poucos minutos da que Madalena e as hebréias haviam assistido, pilhara-me, como é sabido, em pleno lar de José.

Se já sabia que abrisse mão da sétima, ou seja, a dos irmãos Emaús, da qual ainda não tivera notícias, que me restava? Somente a do cenáculo...

Pobre de mim! A “corrida de obstáculos” em que se havia convertido minha pessoal perseguição do Ressuscitado estava a ponto de sofrer outro incrível fracasso...

Por volta das 19h30, um dos criados tirou-me de tão negros pensamentos. O jantar estava pronto. E, apesar dos protestos da dona da casa, ajudei no transporte dos caldeirões de madeira cheios de um apetitoso e fumegante guisado de lentilhas, ao qual Maria acrescentara *jeezer*, uma variedade de alecrim silvestre. Era curioso. Ignorando olímpicamente as controvertidas opiniões dos discípulos do Mestre, a família – feliz e convencida da realidade da ressurreição – havia decidido celebrá-la junto com o pessoal do cenáculo.

Aquela ceia, na realidade, era uma das primeiras manifestações do regozijo e da fé dos verdadeiros fiéis. E, além do delicioso primeiro prato, Maria e sua gente se haviam esforçado por aprimorar o pequeno banquete com uma das especialidades da mãe de João Marcos: os bolinhos de mel. Em um forninho separado, à medida que consumíamos as lentilhas, a senhora, com ajuda de um dos criados, ia fritando em um amplo tacho de ferro porções de uma massa elaborada à base de farinha, levedo, mel, ovos e leite de cabra. Enquanto desapareciam os dourados e crocantes bolinhos, completava a sobremesa outra não menos saborosa fritura: umas tortas também de flor de farinha perfumada com cominho, canela e outras especiarias.

Essas iguarias, assim como várias bandejas repletas de figos secos, tâmaras, cidra, foram sucessivamente transportadas ao cenáculo.

Eu me instalei em um dos extremos do “U”, mas antes tive de submeter-me ao ritual da lavagem dos pés. Os criados, diligentemente, cumpriram as obrigatórias normas de hospitalidade oriental. E, mesmo que alguns dos discípulos não estivessem de humor propício para as abluções, o certo é que a succulenta ceia os fez esquecer suas divergências, reunindo-se todos em torno à mesa e devorando em silêncio os manjares que iam chegando do pátio. Cada um, de acordo também com o costume, devia lavar suas próprias mãos. Bastava a direita.

Os lampiões de azeite foram acesos em sua totalidade e, talvez com a generosa intenção de amenizar as angústias e tensões dos apóstolos, Elias fez subir da sua adega um espesso e excelente vinho tinto, rico em álcool e taninho e previamente filtrado. Seguindo uma das modas greco-romanas, e a pedido de cada um, o anfitrião foi adicionar em algumas das taças de bronze e latão pequenas porções de canela, tomilho e também flores de jasmim. Esse toque servia para aromatizar o vinho. Os mais prudentes, uma minoria, preferiram misturar àquele vinho do sul da Judéia apenas água. Os demais, possivelmente em muito humano desejo de aliviar suas penas, tomaram copo atrás de copo, sem mais respaldo e ajuda que as generosas porções de lentilha ou de bolinhos.

Tiago Zebedeu, Simão Pedro, os gêmeos e Mateus Levi, ainda dentro das normas de boa conduta, desfizeram-se previamente de suas espadas, que repousaram cintilantes ao longo da baixa mesa de madeira. Simão, o Zelote, foi o único que nada provou. João Marcos, que se sentou com seu pai e comigo junto aos nove, ofereceu-lhe uma das panelas. Mas o discípulo recusou amavelmente.

Durante coisa de dez ou quinze minutos somente se ouviu na sala o surdo entrechocar das colheres de madeira mergulhando nas lentilhas, o voraz mastigar dos manjares, o alegre e cantante borboteio do vinho ao ser despejado nas taças

de metal estanhado e, como não podia deixar de ser, as obrigatórias eructações.

Lutou Elias sem resultado por animar a reunião, mencionando as boas notícias procedentes de suas propriedades na Galiléia e que, especialmente na operação de “ceifar o linho”, eram altamente promissoras. (Esse trabalho, que costumava realizar-se nos meses de março e abril, consistia em cortar as plantas ao rés do solo para não estropiar os talos, sendo utilizadas depois de secas no florescente negócio da confecção de tecidos e cordas.) Com a mais absoluta das descortesias, nenhum dos presentes tomou conhecimento do dono da casa, ocupados unicamente em satisfazer a sede e o apetite. João Zebedeu e Pedro não podiam libertar-se facilmente da “pedra” que pesava sobre eles. Cochilaram várias vezes e, com mostras de inapetência, acabaram por recostar-se em seus divãs.

Pelas 8 da noite, Simão Pedro, que não podia tirar da mente os acontecimentos do dia, pôs-se em pé, visivelmente alterado. Ou muito me equivocava ou era presa de outra crise.

Deu uns passos, golpeou com o punho uma tapeçaria que pendia da parede e, voltando-se para o “U”, permaneceu uns dois minutos com o olhar fixo e vidrado na chama ambarina de uma das lanternas de azeite. Nenhum dos comensais prestou-lhe a menor atenção. Melhor dito, nenhum não. André e eu, que espreitávamos seus movimentos, trocamos um olhar de preocupação. Sabíamos das suas intenções de desertar do grupo e nos perguntamos se não teria chegado o momento.

De súbito, sem despedida nem explicações, encaminhou-se para a porta, que permanecia entreaberta.

Esperei pela reação de seu irmão; mas André nada fez. Empalideceu. Encheu seu copo e, lentamente, tomou o vinho de uma só vez.

Mais uma vez me senti confundido. Aquilo não estava nos Evangelhos. Cumpriria o pescador sua promessa de fugir da cidade? Deveria lançar-me atrás dele? Ou permaneceria no cenáculo à espera dessa última e teórica aparição tão esperada por todos, incluindo eu próprio?

Perturbado, reparei que o manto e o *gladius hispanicus* haviam ficado, um sobre o divã, outro sobre a mesa. Isso me tranqüilizou. Talvez voltasse para recolhê-los. Mas e se não o fizesse?

Transcorridos uns quinze minutos, meu desassossego foi crescendo. Concluí que havia agido mal. Por tratar-se de quem se tratava, aquela situação tinha prioridade. Assim é que, esquecendo a seguramente próxima, mas sempre hipotética aparição mencionada pelos evangelistas, escolhi o certo: seguir o pescador.

Solicitei de Elias permissão para retirar-me, mas, quando estava a ponto de fazê-lo, a inesperada intervenção de André me reteve. Tão impaciente como eu, quando de uma das entradas dos criados, perguntou-lhes pelo irmão. Um dos criados tranqüilizou-nos aos dois. O galileu achava-se no pátio passeando.

“Talvez tenha mudado de idéia”, disse-me a mim mesmo, ao mesmo tempo que, contrariado, buscava apressadamente uma desculpa que me permitisse desconsiderar minha anunciada saída. A sorte foi que meu pequeno amigo João Marcos, perspicaz como poucos, saltou de seu banco para interpor-se em meu caminho para me perguntar onde eu pensava passar a noite. Não soube o que responder. Na verdade, eu nem pensara nisso. Diante da minha indecisão, o pai do benjamim interveio, fazendo o resto. Ofereceu-me sua casa e foi com suma facilidade, reconheço, que me “convenceu” a aceitar sua hospitalidade. Relutei por puro protocolo e, finalmente, agradeci encantado e retomei meu lugar à mesa.

Eram 20h35. Novos e singulares feitos estavam a ponto de maravilhar-nos.

Mas, antes de tentar narrar o que vivemos na sala – oxalá o Todo-Poderoso continue dando-me luz e força para isso –, por uma só vez e em benefício dessa débil narração, pressinto que devo desobedecer ou desrespeitar a ordem cronológica dos acontecimentos. E assim farei.

Aquela noite, quando os ânimos se acalmaram, mantive uma longa entrevista com Pedro. Assim foi que conheci o que rondava pela sua cabeça quando ocorreu o que ocorreu...

Tanto André quanto eu tínhamos razão em nossa inquietação pela sorte do abalado pescador de homens. Enquanto permanecíamos no cenáculo, Simão, decidido a fugir, mas temeroso de ser reconhecido pelos espiões ou pelos levitas de Caifás, propôs-se a abandonar a casa quando a noite fizesse desertas as ruas de Jerusalém. E, sem vontade para voltar ao salão, refugiou-se no amplo pátio. Os servos, com efeito, viram-no passear ao longo do muro com as mãos às costas e a cabeça abaixada. Mas, respeitosos com sua dor e silêncio, foram-se retirando. Naqueles amargos momentos – segundo me confessou o apóstolo –, os remorsos pela sua traição eram insuportáveis. Seu complexo de culpa era tal que chegara a pensar na morte. Estava convencido de que havia perdido seu posto como emissário do reino. A essa negra trama ainda se acrescentava sua íntima convicção de que Jesus – se é que na realidade havia ressuscitado – não apareceria aos seus enquanto ele estivesse ali. Todavia, e sem que soubesse nem como nem por que, também foram surgindo em seu coração outras recordações cheias de esperança. “Viu” os olhos do Mestre, cheios de ternura no momento em que, à saída do palacete de Anás, mirou-o durante uns breves segundos. E igualmente lhe veio à memória a mensagem de Jesus quando apareceu às

mulheres, citando-o: “Ide dizer a meus apóstolos e a Pedro...”.

– Não sei o que me sucedeu, Jasão, mas pus-me a chorar...

No fundo era muito simples. Simão Pedro, apesar de suas violentas e disparatadas reações, amava seu Amigo e Senhor. Durante horas e horas havia sufocado seu ardente desejo de crer nas promessas do Filho do Homem. Mas, finalmente, um raio de luz iluminou seu desespero e, enquanto caminhava pelo pátio, sua adormecida fé triunfou...

– Não sei como foi, Jasão, mas de repente me detive, apertei os punhos e, erguendo os olhos para as estrelas, bradei: “Creio que ressuscitou de entre os mortos! E vou dizê-lo a meus irmãos!”.

Feito esse parêntese, voltemos ao cenáculo e à hora já mencionada: 20h35.

Recordo-me de que assim que me sentei, enchi uma taça do espesso vinho tinto do Hebron. E já me dispunha a levá-la aos lábios quando um ciclone humano, um terremoto ou um possesso – não tenho palavras para descrevê-lo –, empurrou as duas folhas da porta, enchendo o cenáculo com seus gritos, saltos e gargalhadas. Era Pedro! Ficamos sem respiração. Até Simão, o Zelote, assustado, se levantou de seu divã.

– Vi o Mestre!

Foi a primeira frase que consegui entender. Com a face iluminada e os olhos azuis dançando nas órbitas, o galileu corria enlouquecido ao redor do “U”.

– Eu O vi!

Os apóstolos haviam perdido a fala e a cor de seus rostos. Tiago Zebedeu, com a agilidade de um felino, ao ver irromper Pedro na sala com tal estrondo e aparato, logo empunhou a espada, convencido de que alguém perseguia o pescador.

Mas Simão, à borda da loucura ou de um colapso cardíaco, continuava saltitando entre os divãs e repetindo aos gritos, com os braços erguidos.

– Eu vi o Mestre!

Sinceramente, ao vê-lo naquele estado, pensei que meu diagnóstico tivesse sido muito brando.

Na terceira volta, André e Mateus o agarraram e ao mesmo tempo todos os outros correram em auxílio do “transtornado” galileu. Esse era o pensamento coletivo. Mas estávamos errados. Simão estava perfeitamente bem. Sua frequência cardíaca, que eu testei no momento, era agitadíssima. E também sua respiração. Mas, segundos mais tarde, ao ouvi-lo, tive de inclinar-me diante da realidade. Aquele alvoroço era apenas a manifestação da sua alegria.

– Eu O vi!... Ele esteve no jardim!

Obrigamos Pedro a sentar-se em um dos divãs. Elias, pedindo-lhe calma, ofereceu-lhe uma taça de vinho. Simão agarrou-se a ela com ambas as mãos e

sorveu-a sem controle.

– Digo-vos que O vi! – exclamou de novo, engasgando-se.

André sacudiu-o pelos ombros e, a um palmo de seu rosto, ordenou-lhe que não fosse criança e deixasse de tolices. Seguiram-se momentos de tenso silêncio. O pescador, compenetrado da sua paradoxal situação, relaxou seus nervos. Deixou o vinho sobre a mesa e, afastando suavemente seu irmão, narrou o ocorrido com um autodomínio que ainda me surpreende.

– Eu estava no pátio, passeando, decidido a renunciar à minha missão no reino quando diante de mim surgiu a forma de um homem. Não o reconheci, mas reconheci sua voz...

A voz... Aquele “detalhe” voltava a repetir-se. Por que nenhuma das testemunhas parecia reconhecê-lo pelo físico e sim pela voz?

– ... E aquela voz familiar me falou. E me disse: “Pedro, o inimigo quer possuir-te mas Eu não te abandonarei”.

Seus rubros e carnosos lábios abriram-se em um sorriso largo e feliz. Olhou um por um de nós, suplicando nosso beneplácito. Mas ninguém respondeu.

– ... Então disseme: “Sabia que em teu coração não me havias renegado. Por isso perdoei-te antes que me pedisses. Agora é preciso que cada um deixe de pensar em si próprio e nas atuais dificuldades. Prepara-te para levar a boa-nova do Evangelho àqueles que se encontram nas trevas. Não te preocupes pelo que possas conseguir do reino. Ou melhor, vê o que tu podes dar aos que vivem na terrível miséria espiritual. Apronta-te, Simão, para o combate de um novo dia, para a luta contra o obscurantismo espiritual e as nefastas dúvidas do pensamento natural dos homens”.

Nessa noite, o próprio Pedro reconheceu não haver entendido as palavras do Ressuscitado. No fundo, porém, isso era de menos.

– Crede-me! – acrescentou Simão ao ver as expressões de assombro e incredulidade de seus companheiros. – Depois disso, aquele Homem e eu passeamos pelo pátio por mais de cinco minutos, recordando coisas do passado. E falamos também do presente e do futuro. Depois, na despedida, voltou a dizer-me: “Adeus, Pedro, até que te veja em companhia de teus companheiros”.

Depois daquela visão, Simão permaneceu alguns minutos no pátio como que hipnotizado. E quando se convenceu de que havia visto e falado com o Galileu, começou a correr louco de alegria para o cenáculo.

– E como desapareceu?

– Como estás seguro de que era o Mestre?

– Viste as feridas?

– Não O terias confundido com um dos servos de Marcos?

O torvelinho de perguntas dos discípulos foi inevitável. E Simão Pedro,

com a boca aberta e sem saber a quem responder, acabou por baixar os olhos, consciente de que era objeto das mesmas dúvidas e suspeitas que ele próprio havia manifestado ao longo de todo o dia. Então o vi chorar amargamente. A partir desse momento, o decepcionado pescador negou-se a pronunciar qualquer palavra.

Como era previsível, a nova aparição remexeu o rescaldo das visões anteriores. Mas, curiosamente, pouco a pouco, a maioria dos apóstolos começou a ceder, dando seu apoio ao hermético e silencioso galileu. E provavelmente haveriam abandonado suas dúvidas se não fosse a súbita, fria e impiedosa intervenção de André. Com expressões muito bem calculadas, lembrou aos presentes as “fantasias” de seu irmão, “capaz de ver coisas irreais, até mesmo sobre as águas...”.

Na hora, associei essa afirmação com uma das mais famosas e misteriosas passagens evangélicas. A de Jesus caminhando sobre a superfície do lago de Tiberíades. Que havia querido insinuar o ex-chefe dos apóstolos? E no mais íntimo do meu coração me propus averiguá-lo. Mas esta é uma história que talvez conte mais adiante.

André, com uma dureza implacável, imprópria dele, continuou falando a seus companheiros com a única e declarada finalidade de fazê-los esquecer as “tontices” de Simão. Este sentiu-se ferido no mais profundo de seu íntimo; levantando-se do divã, retirou-se para um canto da sala. Só os gêmeos tiveram a delicadeza e a coragem de juntar-se ao humilhado pescador, consolando-o e declarando em voz alta, de forma que todos pudessemos ouvi-los, que eles acreditavam e que sua mãe também havia visto o Senhor.

O irmão de Pedro olhou depreciativamente para os gêmeos e, cada vez mais enfurecido, prosseguiu no seu empenho de desfazer nas mentes dos apóstolos as supostas visões do pescador.

Mas o caloroso afã de André ver-se-ia subitamente frustrado.

Em parte alegrei-me. O impertinente discurso do antigo chefe dos apóstolos estava causando estragos.

A princípio ouvimos um pequeno tumulto. Vozes masculinas e um ou outro breve mas agudo grito de mulher. O irmão de Simão Pedro titubeou. Elias virou a cabeça para a porta e João Marcos, que brincava com um punhado de caroços de tâmaras, formando sobre a superfície da mesa a cabalística palavra *Yeshua* ou Jesus, mas que naquela língua significava também *Yah* (Javé e “saúde”), desmanchou o querido nome de seu ídolo, temendo que fossem os guardas do Templo. Mantivemo-nos silenciosos e alguns dos discípulos, a um sinal de Tiago Zebedeu, empunharam as armas. Elias indignou-se. E com um gesto autoritário

recordou-lhes que se achavam em sua casa e que não permitia violências de nenhum tipo. O alvoroço foi fazendo-se mais nítido. Ouviram-se passos que subiam pela escada de acesso ao cenáculo e novas vozes. Tiago e alguns mais levantaram-se, maldizendo os gêmeos por não haverem trancado a porta.

Umas ríspidas e fortes mãos empurraram as folhas da porta e, imediatamente, sob o lintel, surgiram dois indivíduos que eu não havia visto em nenhuma das minhas explorações. Entre cochichos mal contidos, adivinhavam-se as miúdas silhuetas da esposa de Elias e de outras mulheres.

O gesto do “filho do trovão” e dos demais, atirando as armas sobre o “U”, interpretei-o como um novo falso alarme.

Após uns segundos de vacilação, o anfitrião fez uma saudação convidando os homens a se aproximarem. Quando os vi à débil e amarelada luz das candeias, sua aparência me levou a supor que se tratasse de pastores ou talvez de porqueiros.

“Pastores?”

Meu pulso descompassou-se. Seriam aqueles os irmãos de Emaús?

Um dos recém-chegados sentou-se ao lado do dono da casa enquanto seu companheiro e as hebréias, entre as quais reconheci Maria Madalena, se dividiam ao redor da mesa. Os hebreus, como ocorrera com Simão Pedro um pouco antes, respiravam agitadoamente. O suor corria abundante pelas suas fontes fazendo brilhar suas epidermes curtidas e as negras e revoltas barbas. Pareciam cansados. Um deles, o que permanecia de pé, desfez-se do grosso e impermeável manto de pêlo de camelo que trazia aos ombros, deixando-o no chão. A peça era tão rígida e pesada que permaneceu tesa e na posição vertical no assoalho. Em meus treinamentos prévios eu havia tido notícia desses capotes, especialmente feitos para o frio e a chuva e que eram fabricados em terras da Cilícia e Anatólia. Entre o cinto de couro que cingia a tosca túnica de lã distinguia-se o cabo de um enorme punhal. Do mesmo modo que seu acompanhante, aquele desconhecido protegia suas pernas, até os joelhos, com polainas formadas por tiras de couro negrusco e enebado. (Aquele costume havia sido introduzido pelos soldados romanos que, por sua vez, o haviam importado da Gália.)

Não havia dúvida. O cheiro pestilento de ovelhas que encheu a sala em questão de minutos e que parecia fluir de cada centímetro quadrado daqueles indivíduos confirmou meu primeiro pensamento: eram pastores, os controvertidos pastores da Judéia...

– E então? – perguntou-lhes Elias, dando a entender que esperávamos uma explicação por tão brusca invasão.

O que se achava sentado, um pouco mais loquaz do que o outro, começou por apresentar-se. Ao que parecia, salvo um ou dois dos presentes, ninguém os

conhecia. Disse chamar-se Cleofás. O outro era Jacó, seu irmão mais novo. Senti um estremecimento. Estava a ponto de ouvir outra das supostas – ou não devia mais empregar esse termo? – aparições do Mestre.

Após um prolixo preâmbulo no qual procurou congregar-se com os presentes, assegurando que acreditava em Jesus e que por essa razão havia sido banido de uma das sinagogas de seu povoado, Ammaus, o pastor explicou a razão de sua presença em Jerusalém. Como bons fiéis, haviam assistido aos sacrifícios, cerimônias e demais festejos pascais. E nessa mesma tarde, faltando umas duas horas para o ocaso, haviam partido da casa de José, o de Arimatéia, rumo ao seu povoado, distante, como afirma Lucas, uns 60 estádios.

Umás duas horas antes do ocaso? Fiz as contas e cheguei à triste conclusão de que os dois haviam partido da mansão de José entre 4 e 4 e meia. Levando em conta o tempo necessário para cruzar Jerusalém, era muito verossímil que Cleofás e Jacó tivessem atingido o caminho de Ammaus não mais além das 5 horas da tarde. E digo “triste conclusão” porque minha chegada naquela casa se deu minutos mais tarde.

Mas vamos ao que importa.

Os discípulos haviam acompanhado as longas explicações e circunlóquios dos irmãos sem saber onde queriam eles chegar. Em um dado momento da narração, levantei o rosto buscando o olhar de Maria, Marcos ou de Madalena. Esta encontrava-se às minhas costas, e só pude distinguir a esposa de Elias. Sorridente, a mulher deu-me uma das suas típicas piscadelas de cumplicidade. Claro que sabia de alguma coisa...

O caso é que, pelo que pude captar na arrevezada linguagem do rústico pastor, quando se encontravam quase a meio caminho, ou seja, a uns 5 quilômetros da cidade de Jerusalém, Jacó e Cleofás matavam a solidão da caminhada falando sobre a notícia do dia: a tumba vazia. Discutiram. Ele se sentia inclinado a crer no que diziam as mulheres sobre a figura de um ressuscitado. Jacó, ao contrário, pensava que tudo era uma superstição.

– E assim, conforme nos íamos aproximando da vila – resumiu ele –, saímos ao encontro um homem...

Um murmúrio correu entre os presentes.

– Um homem? E como era?

Agradei a oportuna pergunta do impulsivo Felipe.

Cleofás voltou-se para a esquerda procurando quem o interrogava. Então descobri umas profundas cicatrizes que marcavam sua sobrancelha e pômulo direitos. Aquele velho corte lhe havia esvaziado o olho. Parecia a marca de uma pata com garras.

– Um homem!...

A resposta do pastor foi assim, simples e contundente. Aquilo me deu o que pensar. Eu não havia perguntado a Pedro sobre esse particular, mas nem o galileu nem o homem de Ammaus haviam feito referência alguma à estranha “transparência” mencionada por Madalena e as mulheres.

– Queres dizer que era um homem de carne e osso vestido como nós?

João Zebedeu, irritado à nova pergunta do intendente, censurou-o sem contemplação, ordenando que não interrompesse o pastor.

Cleofás não sabia o que fazer. E, ante os gestos gerais de impaciência, optou por continuar seu relato.

– ... A nós nos pareceu um homem. Cobria-se com um manto leve e de cor vinho.

João Marcos, atento a tudo, sobressaltou-se ao ouvir aquela descrição. Aquela era, efetivamente, a cor habitual do manto de seu Mestre. Mas isso não queria dizer nada. Mantos dessa tonalidade havia-os aos milhares em Israel.

– ... Eu já havia visto o rabi, perdão – desculpou-se ruborizando-se –, o defunto rabi. Comi em sua companhia em várias ocasiões e sei como era.

Vários dos apóstolos entreolharam-se intrigados. Não se recordavam do tal Cleofás, muito menos participando de refeições com o Nazareno. Tive impressão de que duvidavam da veracidade das palavras do pastor. Não era sem razão que levavam fama de mentirosos...

– ... Todavia – prosseguiu pensativo – não o reconheci...

Aquilo era demais. Nem mesmo pastores acostumados a distinguir o gado a longas distâncias haviam podido identificar o suposto Jesus?

– Acompanhou-nos por um trecho e logo, inesperadamente, desconcertou-nos com a seguinte pergunta: “Quais eram as palavras que trocáveis com tanta seriedade quando me aproximei de vós?”.

“Meu irmão e eu, perplexos, detivemo-nos olhando para ele sem acreditar no que havíamos escutado. Como sabia aquele homem o que discutíamos? E eu lhe disse: ‘É possível que vivas em Jerusalém e não saibas dos acontecimentos que ocorreram’. E Ele perguntou: ‘Que acontecimentos?’.

“Se desconheces esses fatos (disselhe eu um tanto mal-humorado), és o único na cidade que não está a par dos rumores referentes a Jesus de Nazaré, que era um profeta rico em palavras e obras diante de Deus e do povo. Os chefes dos sacerdotes e os dirigentes judeus O entregaram aos romanos, exigindo sua crucificação. Mas isso não é tudo”, acrescentei, convencido de que, com efeito, aquele forasteiro nada sabia sobre o Mestre. Além disso, hoje estamos no terceiro dia de sua crucificação, e algumas mulheres nos assombraram declarando que haviam ido muito cedo até o sepulcro, encontrando a tumba vazia. E essas mesmas mulheres repetem com insistência que conversaram com

Jesus e sustentam que Ele ressuscitou de entre os mortos. Quando o contaram aos homens, dois dos discípulos correram à tumba e confirmaram que ela estava vazia...”

João Zebedeu, com o rosto radiante, assentiu com um sinal de cabeça.

E Jacó, adiantando-se até a mesa, interrompeu seu irmão.

– Dize-lhes toda a verdade...

Cleofás franziu o rosto.

– Bem – consentiu a contragosto –, Ele, depois de minhas explicações sobre a visita dos apóstolos ao sepulcro, observou, para vergonha dos dois: “Mas não viram Jesus”.

Jacó deu-se por satisfeito, voltando a ocupar sua posição junto ao manto de pêlo de camelo. Depois não voltou a falar.

– Continuamos caminhando – prosseguiu o pastor – e, depois de um instante de silêncio, aquele homem voltou a falar e nos disse: “Como sois lentos para compreender a verdade! Se dizeis que o motivo de vossa discussão eram os ensinamentos e as obras desse homem, vou esclarecer-vos já que estou mais acostumado a esses ensinamentos. Não vos recordais do que sempre disse e pregou Jesus, que seu reino não era desse mundo e que todos os homens são filhos de Deus? Que devem encontrar a libertação e a liberdade na alegria espiritual da comunhão fraterna do serviço afetuoso neste novo reino da Verdade, do Amor, do Pai celestial?”.

Cleofás emudeceu. E com certa timidez passou a interrogar os presentes.

– Que significam essas intrincadas palavras?

Elias sorriu-lhe com carinho, recomendando que não se preocupasse no momento com aquela questão. A memória do pastor era excelente, ainda que não o fosse o seu entendimento.

– Ele continuou falando. E disse: “Não vos recordais como o Filho do Homem proclama a salvação de Deus para todos os homens, curando os enfermos e os aflitos e libertando aqueles que estavam unidos pelo medo e que eram escravos do mal? Não sabeis que este Homem de Nazaré preveniu os seus discípulos de que haveria de ir a Jerusalém e de que O entregariam a seus inimigos, que O condenariam à morte, ressuscitando depois ao terceiro dia? Não lestes as passagens das Escrituras relativas a esse dia de salvação dos judeus e pagãos, onde se diz que nEle todas as famílias da Terra serão, em verdade, benditas, que ouvirá o grito lastimoso dos necessitados e que salvará as almas dos pobres que buscam a sua ajuda e que todas as nações O qualificarão de bendito? Não ouvistes que este Libertador aparecerá à sombra de uma grande rocha em um país desértico? Que alimentará o rebanho como um verdadeiro pastor, acolhendo em seus braços os cordeiros e carregando-os docemente ao

peito? Que abrirá os olhos aos cegos espirituais e trará os presos do desespero à liberdade plena e à luz?...”.

Ao escutar as últimas palavras, Pedro abandonou seu escuro canto e se uniu ao grupo com timidez e curiosidade.

“... Que todos os que moram nas trevas verão a grande Luz da Salvação Eterna? Que curará os corações destroçados, proclamará a liberdade dos cativos do pecado e abrirá as portas do cárcere aos escravos do medo e do mal? Que levará consolo aos aflitos e estenderá sobre eles a alegria da salvação, em lugar da dor e da opressão? Que será o desejo de todas as nações e a perpétua alegria dos que buscam a Justiça? Que este Filho da Verdade e da Retidão levantar-se-á sobre o mundo com a Luz que cura e o poder da salvação? Que perdoará os pecados aos seus fiéis? Que buscará e salvará os extraviados? Que destruirá os débeis, mas que levará a salvação a todos aqueles que têm fome e sede de Justiça? Não ouviste que os que crêem nele gozarão da vida eterna? Que estenderá seu Espírito sobre toda a carne, e que em cada fiel esse Espírito da Verdade será um manancial de água viva na Vida Eterna? Não compreendestes a grandeza do Evangelho do Reino que esse Homem vos deu? Não vedes quão grande é a salvação de que vos beneficiais?”

O pastor fez nova pausa, aturdido sem dúvida por muitas daquelas idéias, tão estranhas e inatingíveis para sua curta inteligência. Eu, simplesmente, não pude senão maravilhar-me. Se o rude Cleofás – que não sabia ler nem escrever – era capaz de “inventar” frases como as que eu acabara de ouvir, de duas uma, ou era um gênio ou um louco iluminado. Claro que também se poderia considerar uma terceira opção, que, simplesmente, estivesse dizendo a verdade...

– Não nos atrevemos a abrir a boca – lamentou-se o judeu. – Que podíamos replicar nós, pobres miseráveis guardadores de ovelhas? E assim chegamos à aldeia. A noite já apontava do lado do leste e lhe pedimos que ficasse conosco. Mostramos-lhe nossa humilde choça e, embora parecesse ter o propósito de continuar seu caminho, acabou por aceitar. Jacó e eu, nervosos e felizes por tão distinta companhia, nos esmeramos na ceia. O melhor pão, o melhor queijo e o melhor vinho... Sentamo-nos à mesa e, à luz da candeia de azeite, fiz-lhe a entrega do pão de trigo, desculpando-me porque estava um pouco duro... Mas o homem sorriu e, cortando-o com grande facilidade, o benzeu, dando-nos um pedaço a cada um...

Observei os presentes. Ao descrever a divisão do pão, todos compreenderam...

– Por minha santa mãe que na glória esteja! – Os olhos do homem se umedeceram. – Então me dei conta! Era Jesus. E, quando ele deu o bocado a meu irmão, exclamei: “É o Mestre!”. E desapareceu.

Desta vez fui eu quem rompeu o silêncio que caíra sobre a sala.

– Desapareceu? Queres dizer que saiu pela porta?

Cleofás negou com a cabeça. E, enxugando as lágrimas com a enegrecida manga de lã de sua túnica, respondeu sem muito entusiasmo:

– Desapareceu de nossa vista! Não sei como, mas o fez...

Outra onda de murmúrios e cochichos propagou-se entre os discípulos e as mulheres.

– Não era de estranhar que os nossos corações ardessem inquietos enquanto caminhávamos para o povoado. – Cleofás parecia falar consigo mesmo. – Ele estava abrindo nossa inteligência...

A narração do pastor concluiria com alguns pormenores finais sem maior transcendência: suspenderam a ceia e saíram precipitadamente de Ammaus, dispostos a comunicar a notícia aos fiéis, amigos e seguidores do rabi da Galiléia. Haviam corrido sem respirar até Jerusalém, procurando primeiro a casa de José de Arimatéia. Como estivesse ausente, foram Madalena e as demais hebréias que os aconselharam a procurar Elias Marcos, e os acompanharam até onde nos encontrávamos. O resto era conhecido.

Quando Cleofás terminou seu relato, Elias ordenou a um criado que servisse aos pastores quanto desejassem. Mas Cleofás, levantando-se, agradeceu as atenções do anfitrião dizendo-lhe que, cumprida que estava sua missão, deviam retomar à aldeia. O trabalho era inadiável...

Passava já das 9 da noite quando se retiraram.

Esperei pelos acontecimentos. Não tinha forças para mais nada. Havia até perdido a conta das “visões”. Sentime desmoralizado e incapaz de pôr ordem em minha mente. Por isso mesmo mal prestei atenção às palavras de Madalena, que vinham ratificar a boa-nova dos pastores com a já conhecida aparição do Mestre na casa do sinedrismo. Da inevitável discussão participaram dessa vez Maria Marcos, as mulheres que acompanhavam Madalena e até a criadagem. Havia quase uma unanimidade. Com exceção de André e de Simão, o Zelote, mudos de assombro, os demais felicitavam-se e comentavam repetidamente os detalhes das últimas visões. João Zebedeu, em um ímpeto de alegria, começou a bailar, enquanto Felipe e Bartolomeu esvaziavam as já esgotadas jarras de vinho. Durante dez ou quinze minutos, aquilo foi uma festa e eu mesmo me vi obrigado a fazer coro com as palmas. Talvez a maior emoção tivesse sido a de Simão Pedro. Assim que partiram os irmãos de Ammaus, atirou-se aos pés de Madalena e, em prantos, como uma criança, suplicou-lhe seu perdão. A jovem, emocionada, obrigou-o a levantar-se e o abraçou em meio à aprovação e à alegria de todos.

A comemoração, todavia, duraria pouco. Uma má notícia entrou de súbito

no cenáculo, trazida pelo próprio José de Arimatéia.

Foi como se caísse um raio. À vista do rosto severo do sinedrista, imóvel no umbral da porta, os risos, palmas e abraços foram desaparecendo e cedendo lugar a um embaraçoso silêncio. Algo sucedia. Algo grave. Todos o sentimos. A face de José, como a de qualquer amigo e simpatizante do Cristo, deveria apresentar outra expressão...

O de Arimatéia esperou que Elias se aproximasse e, ante a inquietude geral, sussurrou-lhe algo ao ouvido. O dono da casa encarou-o sem compreender, mas, obedecendo, fez um gesto e a criadagem e as mulheres se retiraram. Maria Marcos, discreta e submissa, tomou seu filho pela mão e fechou a porta atrás de si.

Então, obedecendo às indicações de José, vários apóstolos escoraram novamente a porta dupla, com o reforço de um dos divãs.

Em meio a um silêncio de morte, os íntimos do Mestre, à exceção de Simão, o Zelote, tomaram seus lugares em torno do “U”. José o fez no divã de honra. Recusou o copo de vinho que um dos gêmeos lhe ofereceu e, ocultando suas mãos entre as dobras do grosso manto negro, lançou um olhar triste aos nove apóstolos.

– Pouco depois do pôr-do-sol – começou ele ante a mal dissimulada expectativa de todos – tive conhecimento de uma reunião urgente e secreta de Caifás e os seus...

Alguns rostos se tornaram lívidos. Uns mais, outros menos sabiam o que isso poderia significar.

– Suponho que estais bem informados sobre as notícias e rumores que circulam pela cidade desde as primeiras horas da manhã.

Vários dos discípulos assentiram em silêncio.

– Bem, esta é a situação. O sumo sacerdote, seu sogro e os saduceus, escribas e os demais fanáticos vêm tendo completo conhecimento do caso da tumba vazia, de algumas das visões das pessoas que dizem ter visto Jesus e de não sei que concentração na Galiléia...

José devia estar falando de uma das mensagens de Jesus, quando anunciou que “precedia os seus no caminho para a Galiléia”. Uma vez mais, como havia ocorrido sempre, os boatos e rumores, à força de circular, acabavam irreconhecíveis.

– ... Nessa assembléia, segundo meus confidentes, foram adotadas diversas medidas. Algumas delas vos dizem respeito muito especialmente – acrescentou o ancião. – Primeira medida: todo aquele que cite ou comente (em público ou na intimidade) os assuntos do sepulcro e da ressurreição do Mestre será expulso das

Sinagogas.

Os apóstolos protestaram.

– Segunda...

Elias pediu silêncio.

– Segunda: – repetiu José, adotando maior solenidade – aquele que proclamar que viu ou falou com o Ressuscitado... será condenado à morte.

Uma geral exclamação de repulsa e perplexidade pôs ponto final nas graves notícias de Arimatéia. E a anterior alegria daqueles homens esfumou-se por completo. Aos poucos, seus comentários e críticas se foram extinguindo e o medo caiu de novo sobre seus corações.

– Esta última proposta – esclareceu José de Arimatéia em uma inútil tentativa de animar os íntimos de Jesus – não pôde ser submetida à votação.

– Por quê? – interveio Elias que, como Mateus Levi, Simão Pedro e Tiago Zebedeu, parecia não haver perdido a serenidade.

José esboçou um sorriso irônico.

– Pelo visto, diante do contínuo fluxo de notícias sobre as aparições (não só às mulheres, mas também a judeus honestos e a gregos valorosos), o medo se apoderou da assembléia e mais de um teve de correr à sua casa para mudar de *saq...*

A zombaria não foi bem recebida. O pior que podia suceder era que Caifás e seus esbirros se vissem descontrolados pelo seu próprio terror. Nesse caso, os que ali estavam reunidos, e muitos mais, podiam considerar-se homens mortos. Com razão anota João, o Evangelista, que “as portas achavam-se fechadas por medo aos judeus...”.

– É necessário – concluiu José – que deixeis a cidade. E o quanto antes!

Simão Pedro opôs-se. E lembrou a seus irmãos as palavras do Mestre no pátio: “Adeus, Pedro, até que te veja em companhia de teus companheiros”. André rechaçou a sugestão de seu irmão. Quem poderia saber quando se realizaria a aparição, “supondo” – rematou acentuando as sílabas – “que tudo isso seja real...”.

Tiago Zebedeu, Mateus e Elias manifestaram-se de acordo com a proposta de José, alegando que, além de tudo, faltava o “dídimo” (Tomé). A justa observação confundiu, a princípio, Simão Pedro, mas, refazendo-se, insistiu em que deviam permanecer no cenáculo. E, em mais um de seus clássicos arrebatamentos, apontou para as espadas que descansavam sobre a mesa, jurando pela vida e pela família que não voltaria a trair o Mestre.

Pôs-se em pé e com as veias do pescoço inchadas, vociferou:

– Não! Nunca mais!... Ninguém me obrigará a fugir de novo.

João Zebedeu aplaudiu seu fogoso amigo, enquanto André, por cima dos

ombros de Pedro, o chamava aos gritos de visionário, louco.

A disputa cresceu de tom. José e Elias não se mostravam capazes de restabelecer a calma e o bom senso. E estavam quase ao ponto de chegar ao pugilato quando, em meio àquela balbúrdia, as chamas das seis ou sete candeias de azeite oscilaram violentamente, como se tivessem sido atingidas por um súbito e gélido vento. E o cenáculo ficou às escuras.

Depois “daquilo”, em uma furtiva conexão com o módulo, vim a saber que as mechas se haviam apagado ao redor das 21h30...

O medo, como uma martelada, confesso-o, cravou-me no assento. Foi tão rápido e inesperado que não houve reação. Eu também senti aquela espécie de brisa gelada. E os demais, pelo que averigüei depois, coincidiram comigo ao descrevê-la como “um milhão de agulhas cravando-se na pele”. Incrivelmente para mim, para Eliseu e para quantos membros do Cavalo de Tróia vieram a ter conhecimento desse fato, a “pele de serpente” que me protegia falhou.

Como eu dizia, foi instantâneo. Ao ficarmos às escuras, as maldições e impropérios cessaram. E antes que alguém voltasse a abrir a boca, uma cintilação fez-nos voltar o olhar para o fundo da sala. Precisamente para a zona oposta à parede de entrada. Por causa das densas trevas, aquela espécie de “ziguezagueante, infinitesimal e azulada chispa elétrica” destacou-se no ar como um relâmpago na mais negra das tormentas. Devo ter ficado lívido. Dos outros não posso falar: não os via.

O revolteio azul metálico repetiu-se. Mas agora, oh Deus, não tenho palavras!... Dessa vez a “cabeça” da chispa rasgou a obscuridade, desenhando uma figura... humana!

Minha garganta secou. E meu coração, meu cérebro e todo o meu ser se negaram a funcionar. Nunca soube se estive vivo ou morto...

Com precisão matemática – como se fora governada por um computador – a chispa, depois de imobilizada, desapareceu. E ali ficou, nascida do negror, uma silhueta de homem, maravilhosamente contornada por uma sutil linha violeta.

E como se uma cascata de luz, também violácea, se derramasse de um ponto indeterminado do cérebro daquele “ser”, assim foi completando-se a figura. Quando toda sua estrutura estava formada e banhada de luz mate, surgiu diante dos nossos olhos a massa de um “homem luminoso”. Sinto-o. Não tenho outra qualificação.

Talvez fosse o medo. Não sei. Ou talvez a ausência de sombras e dos naturais relevos. O certo e verdadeiro é que não soube reconhecê-lo. Era, parecia, a réplica de um ser humano. De um adulto de longos cabelos, barba recortada e túnica que descia até os pés. Mas, insisto, talvez tudo isso apenas

sejam suposições minhas... e sempre *a posteriori*.

Tive a impressão de que o tempo e espaço se haviam congelado.

De súbito, os braços daquele “ser” de luz se moveram. Em uma situação tão crítica é difícil precisar ou fixar tantos detalhes, mas juraria que, à medida que seus braços se erguiam em sinal de saudação, várias taças e espadas que estavam sobre a mesa na curvatura do “U” – o ponto mais próximo da “aparição” – se entrechocavam e caíam ao chão.

E, como em um sonho, aquela forma violácea falou. Foi uma voz familiar que me eriçou até o último pêlo. Era incrível. A voz não nascia de um ponto concreto – presumivelmente da parte superior – mas de todas e de nenhuma parte ao mesmo tempo. Enchia o cenáculo e perfurava minha mente como um sabre. Quisera eu que me houvesse ocorrido apertar meu ouvido direito. Eliseu teria sido uma valiosa testemunha... Mas meu companheiro achava-se envolvido com as tarefas de investigação dos panos mortuários.

– A paz seja convosco!

Era Ele! Seu timbre de voz... Mas sua figura... por que não pude reconhecê-la?

– Por que estais tão assustados, como se se tratasse de um espírito?

Os comentários que agora acompanham a narração deste fato foram, logicamente, fruto de minhas reflexões posteriores. Naquele momento não pensava, não respirava, apenas via e sentia. O caso é que as primeiras palavras da “visão” – como poderia defini-la melhor? – não tinham muito sentido. Era lógico que qualquer ser humano sentisse não medo, mas terror!

– Não vos disse que os principais sacerdotes e dirigentes me entregariam à morte, que um de vós me trairia e que ressuscitaria ao terceiro dia?

Jesus de Nazaré – porque tinha de ser Ele – foi baixando os braços devagar.

– ... Então – prosseguiu a “voz” – por que tantas discussões e dúvidas sobre o que disseram as mulheres, Cleofás, Jacó e o próprio Pedro? E agora que me vedes ides crer-me?

Ninguém respondeu. E quem, em são juízo, o teria feito?

– Um de vós ainda está ausente. Quando vos reunirdes mais uma vez e souberdes com segurança que o Filho do Homem ressuscitou, marchai para a Galiléia...

Marchar para o norte? Outra vez aquela recomendação...

– ... Tende fé em Deus! Tende fé uns nos outros! Assim entrareis no novo serviço do reino dos céus.

O “ser” fez uma brevíssima pausa. Era assombroso! Havia matizes no timbre de sua voz!

– Permanecerei em Jerusalém até que estejais em condição de partir para a

Galiléia. Deixo-vos em paz.

E em uma fração de segundo, senão menos, toda a figura de luz se esfumou, recolhendo-se sobre si mesma, até que apenas restasse um ponto brilhante, branco como o mais potente dos arcos voltaicos, no lugar que devia ser ocupado pelo suposto “cérebro” do não menos suposto “homem”...

Depois, também esse ponto diluiu-se. E nas retinas dos meus olhos continuou vivo, oscilando a cada movimento das pálpebras, como quando se observa fixamente o disco solar.

Do resto do ocorrido naquela sala na noite do domingo 9 de abril do ano 30 da nossa era, quase nada posso dizer de preciso...

Não sei se transcorreu um minuto ou uma hora. A verdade é que alguém rompeu a gemer. Foi como um detonador. Contagiados, todos nos precipitamos sobre todos, procurando-nos na escuridão com os braços estendidos. Eu fui o primeiro.

Tropeçamos nos divãs, na mesa e uns nos outros e rolamos como fardos sobre o assoalho. Um pânico irracional – quase químico – explodiu em toda a sua magnitude. Alguns soluçavam, outros riam nervosamente. José e Elias, entre brados e recomendações de “calma” e “tranqüilidade”, empurravam à direita e à esquerda, suponho, à procura da porta. De nada me serviu meu treinamento nem a frieza de que me havia gabado em outras ocasiões. Havia-me deixado dominar pelo medo. E, como mais um naquele histérico enredo humano, comecei a engatinhar como um coelho assustado, acabando por chocar-me frontalmente contra uma das paredes. O golpe na cabeça deixou-me inconsciente.

Agora, só de pensar nas fatais conseqüências que podia ter sofrido, ponho-me a tremer. Se houvesse fraturado o crânio, talvez este diário nem teria existido... Foi uma importante lição para mim.

O que primeiro me vem à lembrança é o rosto choroso de João Marcos e, também entre brumas, as solícitas mãos de Maria, sua mãe, banhando-me a fronte com uma esponja.

Tentei erguer-me. Uma dor aguda entre as sobrancelhas, porém, fez-me desistir. Apertei os punhos, fechei os olhos e lutei por acalmar-me e rememorar.

– O que aconteceu?

– Um grande golpe – respondeu uma voz.

De repente, ao notar que havia perdido meu cajado, desembaracei-me de meus amigos e me levantei. Lancei um olhar ao redor. Eu continuava no cenáculo. As lanternas de azeite brilhavam de novo e os discípulos, em silêncio, me observavam de seus assentos. Aos tombos, com as mãos sobre o hematoma que crescia em minha fronte, fui-me aproximando da poltrona que havia ocupado durante a “aparição”. A “vara” estava no chão, meio oculta pela mesa.

Mas detive-me. Meu instinto, ainda que bastante enfraquecido, funcionou. Não podia levantar suspeitas. Depois daquele acidente, se meu primeiro impulso fosse tentar encontrar um vulgar cajado de peregrino, meus atentos e sagazes observadores talvez começassem a fazer perguntas. Devia agir com naturalidade. E, aparentando uma louca ansiedade, comecei a buscar uma taça entre as que permaneciam sobre a mesa.

– Não, Jasão! Agora não te convém beber.

Era Maria. E, com grande doçura, ajudada pelo menino, conduziu-me a um dos bancos vazios. Tomou uma moeda, um denário de prata, imergiu-a em um cântaro de mel e em seguida a colocou sobre um lenço empapado em uma mistura de vinho, azeite e aloé púrpura. Um dos criados ajustou o denário fortemente contra o hematoma, enquanto a senhora o prendia com um lenço que atou em minha nuca. Senti certo alívio. Tomei suas mãos e as beijei. O costume era desconhecido para os hebreus e Maria, constrangida, ruborizou-se.

Por recomendação sua, deitei-me no divã, repousando durante alguns minutos. Fechei os olhos e no mesmo momento aquela figura luminosa e aquela voz retomaram à solidão e à obscuridade de meu coração. Tentei raciocinar sobre o fenômeno. “Seguramente” – pensei – “tudo se deveu à extrema tensão que vínhamos suportando...” Não pude enganar a mim mesmo. Admitindo que a visão houvesse sido consequência de nossos nervos ou de um estresse passageiro, como explicar o repentino apagar das mechas de azeite? Além disso, havia o vento gelado. Nenhum dos presentes conhecia minha proteção cutânea. Se eles tivessem sido capazes de provocar aquele tipo de brisa, eu não a teria sentido. O fato é que atingiu todo meu corpo...

Quanto à cintilação e ao incrível traçado da “chispa”, que é que se podia dizer? Suponho que algum deles dispusesse de algum tipo de poder mais ou menos paranormal, e, admitindo que fosse capaz de “criar” ou “construir” uma materialização ou “fantasmogênese”, por que fazê-lo de uma forma tão sofisticada e obedecendo a algumas pautas que, de certo modo, me recordaram os complexos sistemas da holografia?

E se me inclinasse por um holograma, quem, no século I, estaria em condições de realizar o que só a partir de 1947, com Dennis Gabor, seria conhecido e desenvolvido?¹³⁹ Onde estava o *laser*, necessário para esse tipo de imagens em relevo? E no caso de não haver usado uma luz coerente e sim uma branca – seja por meio de lâmpada incandescente, seja através da luz solar –, deparava-me com o mesmo problema, além do fato de que naquele momento, 9 e meia da noite, a escuridão sobre Jerusalém era completa...

Se um hipotético médium tivesse sido o responsável pela aparição, só me cumpria felicitá-lo. Além de conseguir uma bela figura, com uma luminosidade

que transcendia os limitados conhecimentos da época, havia aperfeiçoado o seu “trabalho” com uma voz... “Que saía de todas as partes.”

Devo, além de tudo, manifestar claramente que nunca acreditei nessas espetaculares manifestações que os entendidos em parapsicologia denominam “ectoplasma”. (Segundo os especialistas como Geley, Crookes, Crawffor e outros, o “ectoplasma” viria a ser uma substância nebulosa, esbranquiçada, com estrutura fluida e filamentosa que alguns médiuns são capazes de expelir pela boca, ânus, seios, ventre etc., quando dizem estar em transe. Esse ectoplasma aparece, às vezes, em forma de estreita faixa serpenteante ou sob as mais diversas configurações humanas ou de animais.)

E digo que não creio em tais embustes porque, embora efetivamente a mente do homem desfrute de um poder tão extraordinário quanto pouco conhecido, de um ponto de vista puramente científico não tem lógica que uma energia mental – adimensional ou “espiritual” e submetida, portanto, ao indeterminismo quântico – possa transformar-se em um “ente” dimensional e material; como seria o caso dos repugnantes “ectoplasmas”.

Não, essa explicação tinha de ser descartada.

Talvez durante algum tempo me inclinasse a pensar que tudo houvesse sido fruto de alucinação coletiva. Mas de que tipo? A psiquiatria se esforça para descrever umas tantas, como já me referi anteriormente. Estaria diante de uma mescla de alucinação visual-auditiva? Estas últimas, as auditivas, ocorrem entre os doentes psicóticos; em especial entre os esquizofrênicos. O indivíduo distingue com nitidez “outras vozes”, quase sempre reprovatórias que o invadem, reforçando o sistema delirante. Em outros casos, essas alucinações são agradáveis, aparecendo em um quadro de delírio erótico ou místico. Em certas esquizofrenias, essas vozes internas ou “externas” dão toda sorte de ordens, provocando, às vezes, situações limite, que podem chegar ao suicídio ou ao homicídio.

Tampouco este era o caso. Das treze pessoas que ocupavam a sala naquele momento, suponho que a maioria era bastante normal. Duvido que houvesse um só esquizofrênico ou portador de delírios crônicos. Não havia, portanto, como explicar a hipótese da alucinação auditiva.

Imerso em tais reflexões, adverti-me de outra penosa circunstância. Ergui-me como impulsionado por uma mola.

“Maldição!” Não havia usado os sistemas eletrônicos da “vara de Moisés”! Aquilo sim teria projetado luz sobre tão grande enigma. Como ser humano que sou, justifiquei-me de imediato. Alguém já disse que “só os deuses não se justificam”...

“Foi impossível... como iria ligar os transdutores de hélio em semelhantes

circunstâncias?... Tudo foi tão inesperado e fulminante!... Nem sequer sabia onde estava o cajado... Sem contar que o medo me paralisara...”

Para que continuar? Estava claro que havia fracassado. E registrei o fato... para a ocasião seguinte, se é que haveria uma segunda oportunidade.

Meio erguido sobre o divã, reparei então em outro “detalhe” que quase havia esquecido. Sim, ali continuava. Levantei-me devagar e, apanhando uma das candeias, caminhei até a curvatura da mesa. No chão, esquecidas, estavam duas taças de metal e uma das espadas. A memória não podia enganar-me. Aqueles objetos, depois de chocarem-se entre si, haviam caído da mesa. Mas como? Alguém os havia golpeado? Levantei os olhos, aproximando a lamparina da penumbra que envolvia aquela área da sala. E tentei recordar. Achava-me na extremidade esquerda do “U” (olhada sempre da porta). O “ser” formou-se defronte à curvatura e a uma distância de metro e meio ou 2 metros. Curioso! Os únicos objetos que se haviam deslocado e caído da mesa eram os que se achavam nesse segmento do “U”. Outras duas taças, também metálicas, estavam emborcadas na borda da mesa. Procurei não tocar em nada. E com o auxílio da lamparina fui percorrendo toda a extensão do “U”. As espadas e os vasos do centro e das extremidades continuavam de pé exatamente como antes “daquilo”.

E uma idéia – ou foi um pressentimento? – devolveu-me as esperanças. Nem tudo parecia perdido...

O velho sistema da moeda deu resultado. Bem rapidamente, a não ser por uma dor de cabeça, já me sentia em condições de recomeçar meu trabalho. Os discípulos dormitavam esgotados por tantas e tão intensas emoções. As mulheres e José se haviam retirado. Procurando não fazer muito ruído, pedi a um dos gêmeos que destrancasse a porta. O ar fresco da noite reanimou-me definitivamente. O fogo do pátio continuava aceso e junto às chamas distingi a robusta silhueta de Simão Pedro. Junto a ele estavam o dono da casa e João Marcos. Dialogavam em voz baixa e com invejável serenidade. Não me atrevi a interrompê-los. Deslizando entre os jasmineiros, abri a conexão auditiva. No módulo não havia novidades. Melhor dizendo, havia, sim, mas de ordem científica. Falarei delas a seu tempo. Eliseu deu-me a hora: 22h45. Isso significava que eu havia permanecido inconsciente por trinta minutos aproximadamente. Preferi ocultar-lhe o acidente da parede e o até então inexplicável fenômeno do ser de luz. E por prevenção pedi-lhe que me chamasse ao amanhecer.

De pé, com a cabeça meio escondida entre a ramagem, e concentrado na transmissão, não percebi a sigilosa aproximação de João Marcos. Tocou suavemente minhas costas, sobressaltando-me.

– Com quem estás falando? Que idioma é esse?

O rapaz devia ter escutado algumas de minhas últimas palavras – em inglês! – e logicamente ficara curioso e surpreso.

– Eu rezava... – respondi um tanto pálido. – Eu sempre o faço – improvisei – em um dialeto da minha terra natal, Tessalônica... É uma *Koiné*,¹⁴⁰ que tu não conheces. Aquele pequeno incidente serviu-nos igualmente de lição. Ainda que meu irmão e eu costumássemos dialogar em *Koiné* ou aramaico galileu – fundamentalmente com o propósito de praticar –, a partir de então, tanto as conexões auditivas quanto as conversações diretas, dentro e fora do “berço”, foram executadas nos idiomas do tempo e do lugar em que nos encontrávamos.

Antes de reunir-me com Simão Pedro e Elias Marcos, o benjamim, ruborizado, insinuou que também ele tinha uma coisa para mim. Fiquei intrigado. Que lhe teria ocorrido agora?

Ele ergueu até meus olhos um saquinho de pano descolorido, e o fez oscilar suavemente sobre o cordãozinho branco e imaculado que o fechava.

– O que é?

– Uma coisa poderosa e secreta – respondeu em tom misterioso.

Aguardei uma explicação. Antes, porém, fez um sinal para que me inclinasse. Depois, passou a laçada sobre minha cabeça e o saquinho, de apenas 5 centímetros de comprimento, ficou pendente sobre o meu peito.

– Isto te livrará das febres terçãs e dos espíritos malignos que espreitam sob as sombras dos alcaparreiros, das figueiras e das sorveiras rasteiras. Mas olho vivo! Não te servirá se caíres sob a sombra de um barco...

– E que é que pode ocorrer-me se eu “cair” sob a sombra de um barco?

O menino arregalou seus grandes olhos negros, olhando para mim como se estivesse diante dele um perfeito cretino.

– Corres o risco de ver o diabo!

Fiz esforços para não soltar uma gargalhada. A superstição entre aquela gente era tão rica quanto arraigada. Até o extremo de o Talmud dedicar amplas passagens a tais questões e às formas de combater as influências malignas.

Apalpei o conteúdo do “amuleto” e agradei-lhe efusivamente, ao mesmo tempo que me desculpava pela ignorância.

– Como estrangeiro – disselhe –, ainda não estou familiarizado com esses graves perigos.

Segundo o benjamim, seu presente continha os seguintes e “mágicos” ingredientes: “Sete espinhos de sete palmeiras; sete aparas de sete vigas; sete cravos de sete pontes; sete cinzas de sete chifres e sete pêlos de sete cães velhos”.

– Ah! – exclamei aliviado!

E sem mais demora nos unimos a Simão Pedro e ao anfitrião. No transcurso da conversa, tive conhecimento do que havia sentido o pescador momentos antes da aparição. E também fui informado das últimas decisões do grupo apostólico. Ninguém abandonaria Jerusalém. Na manhã seguinte, dois dos discípulos, seguindo a recomendação do Ressuscitado em sua última materialização, se dirigiriam a Betânia em busca de Tomé. E tentariam convencê-lo a deixar seu isolamento e a unir-se ao grupo. Uma vez conseguida a reunificação dos onze, partiriam para o norte, ou seja, para a Galiléia. Eu nada disse, naturalmente, mas supus que essa tentativa de convencer e atrair o renitente Tomé tropeçaria em sérios inconvenientes. Segundo o Evangelho de João, oito dias depois daquele “fenômeno” – chamemo-lo aparição – registrado no cenáculo, os onze, por fim, conseguiram realizar seu desejo de definitiva união. Eles não podiam sabê-lo, mas essa seria a segunda aparição de Jesus aos discípulos. Uma aparição, claro, que eu não pensava perder e da qual, gostosamente, extrairíamos várias e insuspeitadas conclusões. Por certo, e ainda que careça de importância, não consigo entender por que razão três dos quatro evangelistas omitiram em seus escritos essa nona e última aparição do Mestre naquela histórica jornada do chamado “Domingo da Ressurreição”. Apenas João fala dela e confundindo palavras e gestos do Filho do Homem que correspondem à segunda presença no cenáculo, com Tomé incluído. Mas não quero precipitar-me. Falarei dessa aparição, acontecida no domingo seguinte, 16 de abril, no momento preciso, e não será difícil notar que foi igualmente “manipulada”, com a incorporação de frases que Cristo jamais pronunciou e que, no tema da confissão dos pecados, acabariam por cristalizar-se em outra “fórmula” tão mágica quanto falsa...

A casa de Elias Marcos, conquanto fosse sóbria, apresentava influências helênicas e românicas, com detalhes que me surpreenderam pelo refinamento.

Avançava a madrugada quando decidimos recolher-nos. Eu, na verdade, estava esgotado. Simão Pedro, que parecia transformado, despediu-se de Elias e de mim com muitos beijos de paz. O homem não havia esquecido minhas palavras de consolo e meu precário exame como “médico”.

A princípio, obcecado com a idéia de não causar incômodos, sugeri a meu anfitrião que podia descansar junto ao fogão. Meu manto havia servido já em funções semelhantes. Elias não aprovou. E, resmungando diante das “loucas idéias daquele pagão”, obrigou-me a entrar pela porta pela qual eu havia visto aparecer e desaparecer Maria em minha primeira visita à mansão.

Encontrei-me diante de um longo corredor, estreito e alto, iluminado em suas extremidades por candeias pendentes das paredes ladrilhadas. Elias apanhou a que estava junto à entrada e convidou-me a segui-lo. Àquela hora – deviam ser

3 da madrugada, pouco mais ou menos – a casa dormia pacificamente. Em vinte passos percorremos o corredor de lajes de argila cozida, detendo-nos diante da última das cinco portas que contei na parede esquerda. No lado oposto, frente a frente, abriam-se outras portas de escura madeira de carvalho, cuidadosamente polidas com alguma espécie de verniz.

Marcos, por sinais, me recomendou que ficasse com a lâmpada de azeite. E, apanhando o grosso molho de chaves que pendia de seu pescoço, procurou a apropriada. Na terceira ou quarta tentativa, a fechadura rangeu e meu amigo empurrou a porta e entrou no aposento. Mostrou-me o lugar e, antes de retirar-se, me indicou o cômodo situado em frente, esclarecendo que ali poderia lavar-me. E, com um cortês “a paz seja contigo”, fechou a porta atrás de si.

O pequeno aposento, sem janelas, era extremamente simples. Ergui o candeeiro de bronze e os sete pequenos pavios projetaram serpenteantes sombras sobre os móveis: uma arca de carvalho, uma cama alta e, evidentemente, exígua para meu metro e 80 de estatura, um grande jarro de barro com um esplêndido e perfumado ramo de brancos jasmims e, também sobre a arca, uma bandeja cuidadosamente coberta por uma gaze. Ao destampá-la, adivinhei a mão de Maria, a dona da casa. Sorri agradecido. Junto a uma jarrinha repleta de geléia doce encontrei uma vasilha com figos secos e nozes descascadas, cercadas por um mel quase negro, que brilhou como um diamante à chama da candeia.

A cama era soberba. Havia sido feita à base de uma madeira branca, de pinho, formando uma parelha de felinos, desmesuradamente estirados, cujas cabeças constituíam os pés. Não havia colchão. Em seu lugar, sobre um trançado de lona, três mantas de lã esponjosa e vários coxins de pluma. A “almofada”, para minha desgraça, era um travesseiro de alabastro.

Apenas por cortesia provei as nozes, abstendo-me da geléia. As condições higiênicas da casa e da família eram muito elogiáveis, mas as normas da missão, nesse aspecto, eram rígidas. Rendido, deixei-me cair sobre a cama, depois de apagar seis dos sete pavios de linho. E um doce aroma de azeite de oliva, típico das casas judias, foi invadindo o quarto, facilitando-me um plácido e reparador sono.

Às 5h42, pontual como sempre, Eliseu devolveu-me à realidade.

– Está alvorecendo – anunciou-me eufórico. – A temperatura desceu um pouco. Os sensores externos marcam 8 graus Celsius. Pela leitura do anemocinemoógrafo deduzo que temos um *cadim* (vento do leste). O tubo de Pitot assinala rajadas de até 30 nós. O céu continua limpo, com uma visibilidade praticamente ilimitada. Pelo meio da manhã, terei concluído as análises. Isto é incrível, Jasão! Espero você para o chá. Câmbio...

Agradei a informação e a piada. E prometi retomar à “base-mãe” o mais

rapidamente possível para recolher os panos mortuários. Antes devia cumprir o pacto feito com Cívili, o comandante da Fortaleza Antônia. Ali pela hora terça falaríamos com o procurador. A entrevista poderia trazer benefícios para ambas as partes. Em nossa longa permanência nas altas terras do norte, na Galiléia, todo o apoio oficial seria pouco. E, quanto ao supersticioso Pôncio, o que eu tinha em mente o encheria de admiração.

Estive a ponto de passar ao largo. Mas a curiosidade foi mais forte. Durante o primeiro “salto”, as numerosas entradas no “berço” aliviaram minhas necessidades fisiológicas. Nessa segunda exploração – e não falemos na “terceira” (e nem Eliseu e eu podíamos prever então) – a coisa foi diferente. Eu carecia do dispositivo para a eliminação das fezes¹⁴¹ e, obviamente, tive de evacuar nos lugares mais estranhos e, às vezes, em circunstâncias comprometedoras... O caso é que, ao empurrar a porta situada defronte ao quarto, vim a descobrir o que aquela gente com tanto pudor quanto eufemismo chamava de “lugar secreto”.

O cômodo, de uns 5 por 5 metros, achava-se forrado e pavimentado com placas de mármore núa de finíssimos veios negros. Só o teto não tinha revestimento; era revestido em gesso e com três grossas vigas de sólido carvalho de Bacá. À direita da porta, ao longo da parede, abria-se uma espaçosa banheira, quase uma piscina; a 1 metro e meio do nível do solo, alguns degraus muito íngremes forrados como o resto do cômodo com esteiras facilitavam o acesso à banheira. No extremo oposto, no ângulo esquerdo, a pavimentação havia sido perfurada. Aproximei-me curioso. Era um pequeno poço de uns 30 centímetros de diâmetro que se comunicava, pelo que pude deduzir, com um sistema de encanamentos de esgoto, já existente então no Templo e nas áreas adjacentes do bairro baixo. A latrina – porque disso é que se tratava – era rodeada por um estrado de madeira quadrado de quase 50 centímetros de largura, que se elevava ligeiramente sobre o mármore. Bem próximo à mão, como se diz, em uma canastrazinha de fibra de palmeira, amontoavam-se várias esponjas. Estas, juntamente com a água depositada nas tinas que se alinhavam na parede, deviam constituir os utensílios de higiene após a evacuação.

Um grande armário e uma série de prateleiras suspensas da parede completavam o recinto. Naqueles vãos, em perfeita ordem, o usuário do “quarto de asseio” podia encontrar de tudo: desde “barrinhas” de natrão, que faziam as vezes de nosso sabonete, até pedra pomes e uma infinidade de frasquinhos de vidro e cerâmica, com peças de cutelaria e perfumes: *puche* para as sobrancelhas e cílios a que os romanos chamavam *stibium* (uma substância de cor azul escuro à base de chumbo); folha de *al-kenna*, que produz uma cinza de uma tonalidade amarela escura e que servia às mulheres para tingir as unhas e as palmas das

mãos; *sikra* para os lábios e faces; macerações de lírios em azeite; ônix, chamado também “unha perfumada”; nardo e o não menos fresco e fragrante perfume de cinamomo e bálsamo de Jericó. Além disso, pentes de madeira e osso, colheres, espátulas e paletas de marfim para colocar os instrumentos e vários espelhos redondos de metal polido, com cabos de madeira primorosamente lavrada.

As afiadas e largas facas que deviam servir ao dono da casa para aparar barba e cabelo mal ocupavam espaço entre semelhante arsenal feminino. Como em nossos dias, a “invasão” das mulheres de então nos banheiros era algo assumido resignadamente pelos homens...

Mas o que mais me chamou a atenção naquele “lugar secreto” foi um pequeno cartaz pendente de uma das paredes. Mais ou menos dizia o seguinte: “Quanto mais permaneças aqui, mais longa será tua vida”. Minutos mais tarde, ao cumprimentar Elias, interroguei-o sobre aquela legenda. E ele, sorrindo zombeteiramente, assegurou-me que era um adágio extraído do Talmud.

– O *berakoth* (LV) – acrescentou um tom de troça – conta, até, que o velho rabi chegava a deter-se até 24 vezes em outros tantos lugares secretos, no caminho entre sua casa e a escola em que ensinava.

Após lavar-me um pouco e purificar meu hálito com um dos dentifrícios de uso comum na época, uma pimenta cheirosa que se mastigava como os grãos de anis, examinei minha fronte. O hematoma havia baixado consideravelmente.

E, com um prudente otimismo, depois de lançar um último olhar àquele “banheiro de luxo”, fui para o pátio.

As trombetas dos levitas haviam anunciado já o novo dia. E, como também era habitual, a dona da casa e a criadagem fazia tempo que lidavam na casa. Entre canções, a moenda do trigo foi chegando ao fim. Maria Marcos suspendeu a faina e examinou-me a fronte. Devolvi-lhe o denário e o lenço e ela, esfregando as mãos com satisfação, retomou à prancha abaulada na qual se coziavam as apetitosas tortas de flor de farinha.

Havia tempo de sobra. Assim, com imenso prazer, aceitei uma fervente caneca de leite de cabra e acomodei-me junto ao fogo. A manhã, como dissera Eliseu, estava fria.

Revisei minha aparência, examinei a bolsa com os “quadrados astrológicos” e, após longa reflexão sobre o acontecido no dia anterior, despedi-me da família com elogios e agradecimentos à sua hospitalidade. Como eu supunha, se passariam alguns dias até que pudesse reunir-me com eles novamente. Maria fez-me prometer que não abandonaria Jerusalém sem antes passar pela sua casa e dedicar umas horas a falar de minha família. Minha família? Os homens como eu – sempre sós, permanentemente descontentes e atormentados – não conhecem

outra família que o suplício da solidão. Mas como explicá-lo?

Elias abraçou-me como a um irmão e com um “até logo” lancei-me às já movimentadas ruas da Cidade Santa.

O *cadim*, com efeito, forte, frio e seco, açoitava Jerusalém. O ar e o céu eram um cristal. Protegi-me com o manto e, após comunicar ao módulo que me dirigia ao quartel-general romano, e que talvez necessitasse dos serviços do Papai Noel, empreendi a marcha para a Porta dos Peixes.

A nova e luminosa segunda-feira, ainda que um pouco mais sossegada que o domingo, seria igualmente rica em surpresas e experiências.

102 Como os Apolo, nosso módulo foi programado para utilizar dois tipos de procedimento de navegação e direção: o inercial e o de orientação óptica. O primeiro, baseado em uma plataforma orientável situada em uma posição constante, quaisquer que fossem os movimentos da nave, graças a três giroscópios. As estrelas e o horizonte serviam como sistemas de referência. Três dispositivos sensíveis à aceleração mediam as mudanças de posição. Estes parâmetros eram transferidos a Papai Noel que, após compará-los com os correspondentes aos da trajetória de vôo programada, efetuava as correções oportunas. Todo desvio desencadeava um impulso elétrico que disparava os propulsores do controle, com o objetivo de modificar a trajetória.

Certamente podíamos desconectar esse sistema automático e utilizar os comandos manuais. (N. do M.)

103 Dar pegeons, em linguagem aeronáutica, fornecer o rumo e a distância. 10 graus: rumo nordeste. O ponto Gedi correspondia à zona localizada às margens do mar Morto: o oásis de Ein Gedi, situado a 15,6 quilômetros da vertical da Massada. (N. do M.)

104 Os especialistas em engenharia aeronáutica e geofísica do Cavalo de Tróia haviam preparado para nossa missão uns altímetros que algum dia, quando forem conhecidos pela navegação comercial, substituirão os atuais procedimentos de medição da altitude de vôo de uma aeronave. Esses altímetros especiais utilizam medidas que avaliam a altura em função do valor de “g” (constante da aceleração da gravidade). O valor de “g”, como se sabe, varia de acordo com a distância do ponto em que se mede e o centro do planeta. Assim, enquanto na superfície da Terra “g” equivale a $9,8 \text{ m/seg}^2$, um astronauta que suba em um foguete a velocidade constante perceberá uma paulatina redução do valor inicial de “g”, que será avaliado como uma perda de peso.

Ainda que eu não esteja autorizado a revelar todos os detalhes dessa nova tecnologia, oferecerei algumas de suas principais características. Para começar, direi que o volume de tais altímetros foi reduzido a uns poucos milímetros cúbicos, conseguindo, além disso, uma precisão equivalente a 1 centésimo de milésimo de gal. O volume total do instrumento não alcança os 29 mm^3 . Quase todos os seus elementos acham-se integrados em um minúsculo cristal de boro (isótopo estável de peso atômico 11). Eis aqui um sucinto esquema de seu funcionamento: a célula básica é formada por um espaço cilíndrico, de 9 micra de calibre, perfurada verticalmente em um módulo miniaturizado de boro cristalizado, quimicamente puro e desidratado. O interior do recinto cilíndrico capilar não contém uma só molécula de gás e suas paredes mantêm-se fortemente polarizadas com carga eletrostática negativa.

Na área superior, um espaço esférico termestável, contém uma quantidade infinitesimal de gás rarefeito, formado por moléculas ionizadas de tiocianato de mercúrio com cargas negativas. Uma célula discriminadora seleciona sequencialmente moléculas isoladas de tiocianato, liberando-as na extremidade superior do capilar. Abandonada a molécula com um nível de energia cinética nulo, esta inicia um processo de queda livre no interior do capilar, cujo eixo se mantém vertical e tangente às linhas de força do campo gravitacional. A molécula não chega nunca a aderir às paredes do capilar, devido à força de repulsão que o campo eletrostático gerado pela distribuição de carga negativa exerce sobre a própria molécula, ionizada também negativamente.

Em outro espaço esférico escavado também em cristal de boro – um dipolo magnético (lâmina elíptica “microscópica” formada por uma liga de cromo e ferro) –, é obrigado a girar com velocidade angular constante de uns 60 radianos por segundo. O dipolo encontra-se em suspensão em uma massa líquida que recheia a cavidade (diâmetro: 0,74 mm. Emulsão lipídica). Consegue-se assim um campo magnético rotatório muito débil, mas suficiente para ser detectado por um transdutor de bismuto (valor do campo H: 0,00002 oersted).

Quando a molécula de tiocianato de mercúrio ionizado desce, gera, por sua vez, um débil campo magnético que perturba o campo rotatório gerado pelo dipolo anterior. Essa perturbação é função da velocidade momentânea da molécula em análise, em cada ponto de seu percurso. Mas a velocidade molecular momentânea, por sua vez, dependerá do valor de “g”. Tal perturbação é detectada e avaliada, ainda que seu nível diferencial seja da ordem de 1 trilionésimo de milioersted.

Um minicomputador recebe três canais de informação:

1. Informação, por via elétrica, do campo magnético detectado.
2. Informação, por via óptica (filamento vítreo), sobre velocidade de rotação do dipolo.
3. Informação, por via elétrica, sobre acelerações do veículo sobre o qual se assenta o altímetro gravitacional.

Esta última informação é muito importante para neutralizar os erros devidos a outras forças atuantes sobre a molécula de tiocianato, discriminando-se das gravitacionais. O computador de integração fornece diretamente por canal informação sobre a altura. (N. do M.)

105 O SMAC (Scene Matching Area Correlation), sistema utilizado nas tristemente famosas bombas ou mísseis “inteligentes”, consiste em um dispositivo que regula a trajetória do artefato, com base nas sucessivas imagens do solo, comparando-as com as previamente armazenadas no computador e que podem ser tomadas por aviões de reconhecimento ou satélites artificiais, mediante a técnica de varredura televisual. Dessa forma o projétil vai lendo o terreno sobre o qual voa, evitando os obstáculos. (N. do M.)

106 Segundo o eminente professor Seyle – grande estudioso da origem dos estados de tensão ou estresse –, seus estímulos ou causas principais, que ele chamou “noxa”, acham-se muito interligados. A “noxa” sumariamente, atua assim: estimula as glândulas endócrinas, ativando as supra-renais e o sistema adrenossimpático; as endócrinas enviam ao sangue glucocorticóides e, em seguida, quantidades adicionais de adrenalina e noradrenalina. (N. do M.)

107 Creio já haver falado desta segunda “pele”, de grande utilidade em minhas correrias. Por aspersão, o corpo era pulverizado com uma substância que formava uma fina película. O elemento básico era um composto de silício em dissolução coloidal em produto volátil. Ao ser esparzido sobre a pele, este líquido evapora rapidamente o diluente e a cobre de uma delgada camada porosa de natureza eletrostática. Essa epiderme artificial e milimétrica protegeria o explorador de possíveis ataques bacteriológicos e mecânicos, suportando, por exemplo, impactos equivalentes ao disparo de uma bala (calibre 22 americano) a uma distância de 6 metros. Este eficaz “traje” protetor não inibia, ademais, o processo natural de transpiração. (N. do M.)

108 O famoso “Domingo de Ramos” o comprovou. O talith ou manto judeu desempenhava um papel tão vital naquela sociedade que a Lei – Êxodo, XXII, 26, e Deuteronômio, XXIV, 12 – obrigava o credor que o houvesse recebido em garantia de uma dívida a devolvê-lo a seu dono antes de cair a tarde. (N. do M.)

109 Como se sabe, os pés constituem uma das partes mais sensíveis às baixas temperaturas. Num ambiente de 23 °C, por exemplo, só alcançam 25 °C. As mãos, pelo contrário, podem manter uma média de 30. Ainda que abril já não seja um mês rigoroso na Palestina, o Cavalo de Tróia preferiu anexar esse sistema, na previsão de possíveis mudanças climáticas. (N. do M.)

110 Como também expliquei, embora não pudesse receber a voz de Eliseu diretamente, minhas chamadas ao módulo, em contra partida, exigiam que eu pressionasse previamente a parte externa do meu ouvido direito para ativar a cápsula acústica. Para evitar suspeita entre os habitantes de Jerusalém e arredores, o Cavalo de Tróia havia estabelecido que eu fingisse uma leve surdez. (N. do M.)

111 No mercado de câmbio, aqueles 163 gramas de ouro equivaliam a uns 379 denários. Devo lembrar que o preço de um par de pássaros era um asse. Por sua vez, 4 denários de prata ou dracmas representavam

um shekel de prata. Um denário subdividia-se em 16 asses ou 64 quadrantes ou 128 leptas. O denário romano tinha então um sério competidor: o zuz, uma peça de prata de valor igual e cunhada pelos banqueiros fenícios de Tiro. (N. do M.)

112 Ampla informação sobre as “crótalos” em Cavallo de Tróia 1, página 361-2. (N. de J. J. Benítez.)

113 Um dos dispositivos localizados no interior do cajuado – o de ondas ultra-sônicas, de natureza mecânica, e cuja frequência se encontra acima dos limites da audição humana (superior aos 81 mil hertz) – havia sido modificado com vistas a essa nova missão. O Cavallo de Tróia proibia terminantemente que seus “exploradores” ferissem ou matassem os indivíduos objeto de suas observações. O código moral, como eu já disse, era estrito. Mas, na previsão de possíveis ataques de animais ou homens, e como meio dissuasório e inofensivo, Curtiss havia aceitado que os ciclos das ondas fossem intensificados para cima dos 21 mil hertz. Em caso de necessidade – como vimos – o uso dos ultra-sons poderia resolver situações perigosas, sem que ninguém chegasse a perceber o sistema utilizado. Como expliquei também, tanto os mecanismos de “teletermografia” como os de ultra-sons eram alimentados por um microcomputador nuclear, estrategicamente alojado na base do bastão. A “cabeça emissora”, disposta a 1,70 metro da base da “vara”, era acionada por um cravo de larga cabeça de cobre, trabalhado – como tudo mais – de acordo com as antiqüíssimas técnicas metalúrgicas descobertas por Glueck no vale do Arabá, ao sul do mar Morto, e em Eshon-Gueber, o legendário porto de Salomão no mar Vermelho. Os ultra-sons, por suas características e sua natureza inócua, eram idôneos para a exploração do interior do corpo humano. Com base no efeito piezelétrico, o Cavallo de Tróia dispôs na cabeça emissora, camuflada sob uma faixa negra, uma placa de cristal piezelétrico, formada por titanato de bário. Um gerador de alta frequência alimentava a placa, produzindo assim as ondas ultra-sônicas. Com intensidades que oscilam entre 2,5 e 2,8 miliwatts por centímetro quadrado e com frequências próximas a 2,25 megaciclos, o dispositivo de ultra-som transforma as ondas iniciais em outras audíveis, mediante uma completa rede de amplificadores, controles de sensibilidade, moduladores e filtros de faixas. Para evitar o árduo problema do ar – inimigo dos ultra-sons –, os especialistas idealizaram um sistema capaz de “encarcerar” e guiar os ultra-sons através de um finíssimo “cilindro” ou conjunto de tubos de luz laser de baixa energia, cujo fluxo de elétrons livres ficava “congelado” no instante da sua emissão. Ao conservar uma longitude de onda superior a 8 mil angströms (0,8 micra), o “tubo” laser continua desfrutando a propriedade essencial do infravermelho, com o que só podia ser visto mediante o uso de lentes especiais de contato (“crótalos”). Dessa forma, as ondas ultra-sônicas podiam deslizar pelo interior do “cilindro” ou “túnel” formado pela “luz sólida ou coerente”, podendo ser lançadas a distâncias que oscilavam entre 5 e 25 metros. O apelido de “crótalos” devia-se à semelhança com o sistema de que é dotado esse tipo de serpente. Suas fossas “infravermelhas” permitem-lhe a caça de suas vítimas através das emissões de radiação infravermelha dos corpos das presas. Qualquer corpo cuja temperatura seja superior ao zero absoluto (-273 °C), emite energia do tipo infravermelho. Essas emissões de raios infravermelhos, invisíveis para o olho humano, são provocadas pelas oscilações atômicas no interior das moléculas e, em consequência, acham-se extremamente ligadas à temperatura de cada corpo. (N. do M.)

114 O historiador judeu-romano Flávio Josefo assegura em seu livro *A Guerra dos Judeus* (livro sexto) – que três dessas torres tinham 50 côvados (uns 22,50 metros) de altura e a quarta, que se achava encostada ao muro norte do Templo, 70 côvados (ao redor de 31,50 metros). Aquele “castelo”, sede dos procuradores romanos durante as grandes solenidades, tinha forma retangular, com uns 100 metros de comprimento por 50 de largura. Era rodeado por um muro ou parapeito exterior de metro e meio de altura e por um fosso de 22,50 metros, mandado escavar por Herodes, o Grande, quando ordenou a reedificação da antiga fortaleza macabéia a que deu o nome de Antônia, em homenagem a seu protetor, Marco Antônio. Os alicerces do castelo eram uma gigantesca penha, lisa no cimo e nas paredes. Herodes, na previsão de possíveis ataques, havia recoberto as paredes com pranchas de ferro. Da Antônia, umas escadas conduziam ao Átrio dos Gentios, facilitando assim o acesso da guarnição ao Templo. No centro, como ficou detalhado, abria-se um pátio lajeado, com um tanque central dedicado à deusa Roma. (N. do M.)

115 A divisão das horas durante a noite era mais vaga ainda do que durante o dia. Nos tempos de Jesus,

tanto judeus como romanos “dividiavam” a noite em “vigílias”: quatro no total. O nome estava associado às horas que a sentinela permanecia vigiando ou o pastor apascentando seu rebanho. Cada uma somava três horas, aproximadamente. Começavam com o ocaso e finalizavam com a “vigília da manhã”, quando o horizonte se iluminava com os primeiros raios. (N. do M.)

116 Segundo a informação acumulada no computador central, textos rabínicos como o Middot (III, 2), Pesahim (V, 8), Me’ila (III, 3), Tamid (IV, 1) e Yoma (V, 6 e 8), entre outros, descrevem estes canais de desaguamento, assim como o uso que se dava ao sangue. Os horticultores, por exemplo, compravam o sangue aos tesoureiros do Templo e quem o aproveitasse sem pagar cometia um roubo contra o Santuário. O Talmud babilônico (em Pesahim, 65b) diz: “O orgulho dos filhos de Arão consistia em andar pelo sangue ‘das vítimas’ até os tornozelos”. A quantidade de sangue no átrio dos sacerdotes era, portanto, muito considerável. (N. do M.)

117 Os castigos do Exército romano achavam-se muito bem tipificados. Desde a época do manípulo, as infrações podiam dividir-se em delitos comuns e de caráter militar. Políbio, por exemplo, fala disso em VI 37,9-10. Eram “comuns” os roubos no acampamento, o falso testemunho, os delitos contra os bons costumes, e um longo *et cetera*. Entre os delitos “militares” estavam: a covardia, o falseamento dos fatos, abandono de armamento ou da guarda e rebelião, sedição ou deserção. Essas faltas conduziam inexoravelmente à morte. As penas, ademais, podiam classificar-se em individuais ou coletivas e, desse outro ponto de vista, em infamantes e corporais. Os soldados eram geralmente apaleados e os oficiais executados com a acha do lictor. As penas pecuniárias individuais eram: retenção de soldo, garantida ocasionalmente com o embargo (ver Políbio, VI 37,8), e desconto na participação em produtos de saque e na pensão de aposentadoria. Entre os castigos infamantes estavam a degradação, a expulsão das fileiras e os chamados “Ignomínia”. Eram impostos pelo general e publicados na contio. Incluía, ademais, a redução do soldo e dos direitos passivos. Entre os castigos coletivos, o mais grave era “decimar” a unidade, como citam Suetônio, Dion Cássio, Tácito e outros. Impunha-se por fuga desonrosa, sedição ou rebelião. Uma décima parte dos soldados, designada por sorteio, submetia-se à morte por apaleamento. Os demais eram racionados à base de cevada – em lugar de trigo – e, em caso de guerra, obrigados a pernoitar fora do acampamento ou fortaleza. Entre as circunstâncias qualificadoras da responsabilidade tinha especial relevo a reincidência. Se era dupla, determinava a pena capital para qualquer infração (Políbio, VI, 37,9). (N. do M.)

118 Hipoplásico: de queixo recortado e de desenvolvimento claramente incompleto. Dentro da tipologia de Kretschmer, Maria Madalena se enquadraria, em boa medida, no biótipo dos “leptossômicos”, tipos de silhueta alongada, magros, nos quais o eixo vertical do corpo domina poderosamente. Só seu nariz, reto e retraído, não correspondia ao perfil típico dessa classificação humana. Sua pele, pálida e seca, seus ombros estreitos e longos membros, ao contrário, eram habituais entre os “leptossômicos”. (N. do M.)

119 Magdala, às margens do lago da Galiléia, é hoje conhecida como El-Megdel. Antigamente foi famosa por suas tinturarias, seu mercado de pombas e pombinhas e por seus bordéis. (N. do M.)

120 Chuza ou Cusa: aparentemente, um dos administradores ou superintendentes da Casa de Herodes. Tanto Joana como Susana, segundo o evangelista Lucas (8, 1-3), foram curadas por Jesus de Nazaré e desde então o acompanhavam. (N. do M.)

121 O sotaque dos galileus, como vimos no incidente das negações de Pedro, era tão acentuado que, por exemplo, uma palavra tão comum como cordeiro (*immar*) podia ser confundida com hamar (vinho) ou com hamor (asno). Essa circunstância e os costumes mais liberais da Galiléia, ou Guelil, como a denominavam os israelitas do sul, haviam feito com que os conterrâneos do Nazareno fossem desprezados e discriminados e suas terras batizadas com o apelido de guelil-a-goyim ou “o círculo dos pagãos”. Mas dessas interessantes diferenças entre os judeus falarei mais adiante. (N. do M.)

122 Os chefes do Templo desfrutavam de uma grande consideração. Além da supervisão do culto administravam tudo quanto se referia à segurança e trabalhos policiais desempenhados pelos levitas. No ano 66, por exemplo, outro Eleazar chegou a ordenar a supressão do sacrifício em honra ao imperador de Roma. Foi o começo da insurreição. (N. do M.)

123 O nome de Malco aparece com freqüência nas inscrições palmirenses e nabatéias. Os reis da mítica

Nabatéia – Malco I (50-28 a.C.) e Malco II (40-71 d.C.) – parecem referendá-lo. Também o historiador Josefo o atesta (B. j., 1 29, 3 e Ant., XVII 3,2). Segundo nossas informações, Le Bas e Waddington inclinam-se mais por uma origem síria, oferecendo até um total de 28 testemunhos epigráficos. (N. do M.)

124 No tratado das “Tendas” (Ohalot), em um total de dezoito extensos capítulos, a Misná estabelece casos concretos de impureza por contato com cadáveres “sob uma tenda”. O livro de Números (19, 15) afirma neste sentido: “Lei para quando um homem morre dentro da tenda: o que entrar na tenda e tudo que houver nela ficam impuros”. Mas o conceito de “tenda” não se limitava a tenda ou albergue, mas abrangia tudo aquilo que, como uma tenda, oferece teto ou projeta sombra, “como um pau, uma mão, um animal, uma lápide, o próprio cadáver etc.”. Precisamente se escolheu o termo ohalot, com a desusada terminação feminina, para indicar que as tendas de que se fala têm um sentido mais amplo que o comum. No caso de um sumo sacerdote, o contato com um cadáver era muito grave: exigia uma cerimônia de sete dias até que pudesse officiar de novo. (N. do M.)

125 Uma das muitas objeções suscitadas pelos cientistas a propósito do Santo Sudário de Turim foi a do arqueólogo francês F. de Mely. Em uma publicação de 1902, *Le Saint Sudaire de Turin est-il authentique?*, Mely apresentava até 44 santuários que se atribuíam a custódia do “autêntico” sudário de Cristo. Algo realmente suspeito. Vejamos essa lista de santuários: Aix (Provence), Aquisgran, Albi, Annecy, Aosta, Arles, Besançon, Boukovinez (Rússia), Cadouin, Cahors, Campillo, Carcasona, Chartres, Clermont, Compiègne, Constantinopla, Corbeil, Corbie, Enxobregas, Halberstadt, Jerusalém, Johanavank (Armênia), Karltein, Le Mans, Lirey, Mogúncia, Milão, Mont-Dieu Champagne, Pairis (Alsácia), Paris, Port-d’Aussois, Reims, Roma (São João de Latrão, Santa Maria Maggiore e São Pedro), Breines, São Salvador (Espanha), Silos, Soissons, Turim, Utrecht, Vézelay, Vicennes e Zinte. De todos estes supostos lençóis mortuários, só o de Turim reúne uma série de curiosos fatores que o destacam dos demais. Todavia, como eu dizia, sua origem não está suficientemente documentada. Em alguns dos chamados Evangelhos Apócrifos – o dos Hebreus (século 11), traduzido para o grego e o latim por São Jerônimo e nos Atos de Pilatos (também do século 11) fazem-se breves e muito fantásticas referências a essa mortalha. No primeiro, por exemplo, pode ler-se: “O Senhor, depois de haver entregue o Sudário ao Servo do Sacerdote, se foi e apareceu a Tiago”.

Francamente, essa alusão não parece muito séria. E idêntico parecer merecem para os historiadores as lendas de Arcufo, dos ebionitas etc. O primeiro dado medianamente rigoroso sobre a aparição do Sudário de Turim remonta ao século XIII, com a Quarta Cruzada (1204). No saque de Constantinopla, Robert de Clary conta que o Santo Sudário costumava ser exposto aos fiéis todas as sextas-feiras, dobrado em ângulo diedro, de forma que ambas as figuras – tanto a frontal quanto a dorsal – se apresentavam “de pé”, quer dizer, em posição vertical. Venerava-se a relíquia na Igreja de Santa Maria de Blaquerna. E contam igualmente as crônicas medievais que um dos chefes da tristemente célebre Cruzada, Otto de la Roche, conseguiu manter na fronteira os francos ali aquartelados, evitando o saque à basílica.

Em 1206 o Sudário reaparece misteriosamente. Desta vez em poder de Pôncio de la Roche, pai de Otto. A partir daí, depois de mil peripécias, o famoso lençol acaba em poder dos duques de Sabóia, futuros reis de Piemonte e Itália. Há constatação histórica de que em 1532, um incêndio em Chambéry esteve a ponto de destruir a relíquia. Uma gota de prata fundida da urna que a protegia queimou parte do lençol, que posteriormente foi remendado pelas monjas clarissas. Da capela de Chambéry o Sudário foi levado para Turim (1578), onde desde então se encontra. Desde 1694, graças ao Duque Vítor Amadeu II, o lençol foi depositado em uma suntuosa capela, obra de Guarini, construída sobre a catedral de São João Evangelista, na mesma cidade de Turim. Está enrolado em torno de um cilindro de madeira e guardado em uma urna de prata que descansa no altar-mor, no centro da rotunda da capela. (N. do M.)

126 No período de preparação desta segunda exploração tivemos sérios embarços ao tentar localizar a Emaús citada pelo evangelista. As coisas, uma vez mais, não eram tão claras como pudessem parecer. O verdadeiro nome parecia ser Ammaus, citado na Bíblia, em Josefo e na Misná. Era uma cidade destacada, na qual nasceu o famoso Júlio, o Africano. Achava-se localizada no território da atual Amwâs, próximo a Latrum. Mas nem era a única Ammaus bíblica. Em Josefo, como disse, cita-se também outro povoado do

mesmo nome, muito próximo a Jerusalém, à margem da estrada de Jafa, e que hoje se conhece por Kolonieh. Esta foi arrasada pela guerra de 1948 e, ao que parece, ocupava o lugar da antiga Motza, citada no livro de Josué (18, 26). O nome procedia da colônia para veteranos romanos instalada em Kolonieh após a destruição de Jerusalém no ano 70. Em princípio descartamos a primeira Ammaus, já que se encontrava a 160 estádios (uns 30 km): uma distância excessiva para ser percorrida no mesmo dia, em uma dupla viagem de ida e volta. (N. do M.)

127 Para fazermos uma idéia aproximada do que representava tal soma, nos reinados de Augusto e Tibério, um tal Gavio Apício dispunha de uma das maiores fortunas do mundo: entre 60 e 100 milhões de sestércios. E contam que se suicidou quando, por um erro de cálculo, pensou que seus haveres houvessem caído a 10 milhões. (N. do M.)

128 Naquele tempo a população estimada de Jerusalém era de uns 25 mil ou 30 mil indivíduos. O total de sacerdotes e levitas era de uns 18 mil e os essênios contavam com uns 4 mil membros (Josefo, in Ant., XVII 1,5). (N. do M.)

129 No tempo de Cristo, estas eram as grandes escolas ou tendências dentro do grupo político-religioso formado pelos fariseus. Seus chefes eram os doutores Hillel e Schammai, respectivamente. Suas diferenças eram tão numerosas quanto extremas. Na Beth Hillel praticava-se o liberalismo. Na Beth Schammai, o integrismo. D. Rops conta uma anedota, nesse sentido, realmente ilustrativa. Dizem que um dia um pagão acercou-se do rabi Schammai e disselhe com ironia: “Faço-me judeu se fores capaz de explicar-me a Lei no exato tempo em que consigo manter-me em equilíbrio em um só pé”. O estrito e austero Schammai satisfez ao pagão com um duro golpe de sua régua. E conta-se que Hillel, a essa mesma pergunta, respondeu: “Não faças a outro o que não queres que façam a ti. Essa é toda a Lei”. (N. do M.)

130 Tanto este curioso serviço de correio como os que existiam na época baseavam-se no que havia sido inventado pelo rei persa Dario, no século V antes de nossa era. Depois, o Império Romano copiaria o serviço, criando um autêntico ministério, com um complexo quadro de corretores, vigilantes e guardiões de revezamento. Eram previstas até mesmo velocidades diferentes, de acordo com a urgência das cartas ou mensagens. Nesse particular é muito ilustrativa a Vita Romana, de Paoli. O sistema, claro, não era muito rápido: o correio imperial, de Roma a Cesaréia, por exemplo, levava 54 dias. E uma carta da Síria à capital do Império, 100 dias. (N. do M.)

131 Segundo o escrito rabínico Qiddushin (IV-2), os ofícios detestáveis eram os seguintes: guardador de asnos, camaleiro, marinheiro, cocheiro, pastor, vendedor, médico e açougueiro. No Ketubot (VV-10⁸): coletor de imundícies de cachorro, fundidor de cobre e curtidor. No Qiddushin (82a., bar.⁹): ourives, cardador de linho, moleiro, vendedor ambulante, tecelão, alfaiate, barbeiro, pisoeiro, sangrador, banhador e curtidor. E no Sanhedrin (25 b): jogador de dados, usurário, organizador de concurso de pombos, traficante de produtos do ano sabático, pastor, arrecadador de impostos e publicano. (N. do M.)

132 A prova do velho e esperto cambista não tinha outro fim senão averiguar se meu ouro era realmente puro. Certamente as pepitas haviam sido revisadas minuciosamente, de forma que não continham inclusão alguma de quartzo, circunstância que haveria feito baixar-lhes o preço por limitar a quantidade de ouro. (N. do M.)

133 Talvez o cambista pensasse, em um primeiro momento, que se queria passar-lhe gato por lebre, ou seja, pirita de ferro por ouro. Para descobrir isso é necessário queimar a pepita. Nesse caso, se se tratasse de pirita, a amostra ter-se-ia desintegrado. (N. do M.)

134 O nome do aço de “Damasco” não provém de seu lugar de origem, mas sim do ponto onde os cruzados descobriram as peças. As melhores espadas desse tipo se fabricaram na Pérsia, sendo difundidas pelos muçulmanos, chegando até a Rússia medieval, onde lhes deram o nome de bulat. A proporção de carbono nessas espadas oscilava entre 1,5 e 2%. Eram de extraordinária resistência à compressão e, durante séculos, constituiu-se em um bem guardado “segredo de Estado”. (N. do M.)

135 Os especialistas sabem que a percepção humana acarreta uma completa seqüência de acontecimentos que, baseando-se nos níveis mais biológicos (estruturas do SNC), envolve o sujeito em seus aspectos mais psicológicos. Como diz o professor V. Ruiloba, “as anomalias em algum dos fatores implicados no

processo dão lugar às chamadas perturbações perceptivo-sensoriais.” (N. de J. J. Benítez.)

136 O grande expert, Ey, atribui à alucinação as seguintes características: formas bem constituídas e de grande pregnância. Anomalias intrínsecas dos estímulos. Estrutura parcial, à margem da situação real, do contexto perceptivo e do juízo. Consciência de irrealidade e etiologia orgânica ao nível periférico ou central. Por exemplo, ver figuras muito coloridas que se movimentam diante do sujeito que está consciente de seu caráter irreal e, portanto, de sua significação patológica. (Psicopatología de la percepción, de J. Vallejo.) (N. de J. J. Benítez.)

137 Baruk dividiu as alucinações visuais da seguinte e correta forma:

1. Sensorial: como toda alucinação supõe uma consciência crítica de perturbação e se produz com base em uma afecção orgânica, cuja localização pode estar em qualquer nível do sistema óptico.
2. Onírica: a característica nesses casos é o “onirismo”, instalado, por definição, em um estado de obnubilação de consciência. A base dessa perturbação costuma ser uma psicose tóxica ou infecciosa, cujo modelo é representado pelo delirium tremens, que se apresenta nos alcoólatras crônicos, freqüentemente durante os primeiros dias do período de abstinência. As zoopsias (visões de animais) são típicas dessas psicoses alcoólicas, que se fazem acompanhar de outros sintomas ou sinais característicos, tais como o tremor das mãos, a sudorese, a agitação, a desorientação de tempo-espaço *etc.*
3. Alucinações visuais que acompanham a desagregação do pensamento: têm um componente sensorial reduzido e entram mais no campo das pseudo-alucinações ou alucinações psíquicas, do que propriamente no das alucinações. Apresentam-se no contexto de uma personalidade profundamente desorganizada, como é a psicótica, e produzem no paciente uma notável atitude de atenção e abstração. (Ver Introducción a la psicopatología y la psiquiatria, de J. Vallejo, A. Bulbena, A. Gonzáles, A. Grau, J. Poch y J. Serralonga.) (N. de J. J. Benítez.)

138 Em um estudo mais aprofundado, no plano somático, os parâmetros bioquímicos de Simão Pedro nos haveriam indicado, entre outros, um elevado nível de cortisol, catecolâminas, 17-OHCS plasmáticos, ligeiro aumento de atividade tireoidiana, inibição talvez do sistema hipófiso-gonadal, aumento dos lipídios séricos e participação do íon lactado na síndrome de angústia. (N. do M.)

139 A holografia ou fotografia por reconstrução de frentes de onda foi inventada por Gabor em 1947. A princípio teve outra finalidade: a melhora do poder de resolução do microscópio eletrônico. Só nos anos 1960, graças a Juris Upatnieks e Leith, da Universidade de Michigan, foi possível ampliar o invento de Gabor. Aproveitando o laser, por exemplo, conseguiu-se pela primeira vez a “construção” de imagens holográficas de objetos reflexivos tridimensionais. (N. do M.)

140 Talvez já o tenha mencionado. Não me lembro. O grego utilizado pelos comerciantes da época, a Koiné, era um idioma internacional, um grego deformado, que se impôs aos idiomas da região: ático, jônio, dório, eólio *etc.* As palavras difíceis foram eliminadas, ignorando-se particularidades como declinações e conjugações. Usavam-se as construções analíticas com preposições de preferência às formas sintéticas do grego clássico. Além disso, absorveu numerosos vocábulos estrangeiros, especialmente latinos. E é tudo. (N. do M.)

141 Como se detalha em Cavalo de Tróia 1 (página 95), Eliseu teve de submeter-se a uma delicada operação: a inserção no reto de uma reduzida sonda, destinada a recolher as fezes. Estas, depois de tratadas com umas turbilhonantes correntes de água a 38 °C, eram sugadas por um dispositivo miniaturizado acoplado a suas nádegas. Dessa forma, os excrementos eram decompostos em seus elementos químicos básicos. Parte era gelificada e transmutada em oxigênio e hidrogênio. O resto, em forma de gás, era expulso para o exterior. (N. de J. J. Benítez.)

10 de abril, segunda-feira

Embuçado no manto, não os vi. Escutei, porém, suas risadas e comentários. Voltei-me e descobri junto a uma das paredes laterais da residência dos Marcos um grupo de hebreus que gesticulava e apontava para a parede entre sonoras gargalhadas. Ao aproximar-me, emudeceram e se afastaram com uma pressa suspeita. Ao olhar para a parede indignei-me. Alguém, aproveitando a noite, havia garatujado com cal umas enormes e insultantes letras, que, supus, eram dirigidas aos seguidores do Mestre e aos que – como nesse caso – lhes davam abrigo.

“Ladrões.”

Assim dizia o grafite. Não era o primeiro que eu via nas paredes de Jerusalém. Os judeus daquela época, como os cidadãos de Pompéia ou do Palatino, eram amantes dessa gratuita e clandestina forma de protesto, que remontava a tempos muito antigos. (Como vemos, não há nada novo sob o Sol.)

Na base do palácio dos Asmoneus, me havia chamado a atenção uma daquelas inscrições, por sinal assinada pelo autor: “Simão e sua casa arderão no inferno”. O incorreto aramaico – obra talvez de algum pedreiro descontente – estava firmado por um tal Pamras. Em outros lugares, em especial nas muralhas e nos arcos das pontezinhas sobre o Tiropeon, liam-se sentenças mais atrevidas, quase sempre contra o jugo dos odiados romanos. “*Poncio cattivo*” (Pôncio, o mau), parodiando o insulto que os habitantes de Capri dirigiam ao maligno imperador então reinante: Tibério.

“Pôncio, o escravo de Sejano”, “Saduc e Judas de Gamala não estão mortos”,¹⁴² “Soldado (referindo-se sem dúvida aos legionários de Roma), tua vida vale dez asses?”²

Esse, naturalmente, não era o único meio de expressão do povo. Além dos arautos oficiais, as notícias “voavam” de boca em boca, graças aos vendedores ambulantes, bufarinheiros e mendigos errantes. A fonte e o poço público, aos quais acudiam as mulheres e os rebanhos regularmente, eram outros dos focos de “informação” em toda a Palestina. Essa simples e rápida forma de difundir as boas e más notícias era conhecida por uma muito plástica expressão: “A asa do pássaro”.¹⁴³

Naturalmente, suspeitei desde o princípio que a autoria de semelhante canalhice – direta ou indiretamente – podia ligar-se ao sumo sacerdote e aos seus fanáticos saduceus. Entre os rumores que cruzavam Jerusalém de ponta a ponta

desde as primeiras horas da manhã de domingo, um havia que apresentava uma especial afinidade com o grafite em questão: o que afirmava que os discípulos de Jesus haviam roubado o seu corpo enquanto os “guardas dormiam”. Mas era preciso ouvir os comentários dos cidadãos – judeus ou pagãos – para concluir que tais “notícias” só eram acreditadas pelos de má-fé. Nem o mais ingênuo da cidade admitia que a legião romana pudesse ser burlada tão grotescamente...

Mas a campanha de intoxicação – como se diria no século XX – havia sido meticulosamente planejada pelo Sinédrio. Ou, para ser mais exato, pelos leais a Caifás e a seu sogro. Aquela nova medida de desprestígio público de Jesus e sua gente nasceu, seguramente, da reunião celebrada na tarde anterior e da qual nos informara José de Arimatéia. Não me enganava. À medida que eu avançava para a cidade alta, outros grafites recentes, nas paredes da esplanada de Xisto, nos baixos da grande parede ocidental do Templo e na rua do pórtico do mercado “de cima”, viriam confirmar minha convicção. O povo, ao ver as inscrições, se concentrava nos arredores, divertindo-se e engalfinhando-se em não poucas e acres discussões. Também não é verdade que a totalidade do povo estivesse contra o Galileu. Nas disputas havia opiniões de todos os matizes. Algumas mais corajosas e sensatas. Ante o argumento da vigilância romana, em vergonhosa fuga para a fortaleza, a maior parte guardava silêncio, reconhecendo que “tudo era muito estranho”. Mas o medo, como em todas as épocas, era geral e a maioria não tinha o menor desejo de perder sua vida ou seu patrimônio para defender uns “esfarrapados galileus”. Esta era a expressão mais repetida nos grafites que cheguei a ler.

“O *naggar* (designação em aramaico do carpinteiro de obras externas ou, mais genericamente, do construtor de casa) da Galiléia” – dizia uma daquelas inscrições – “não morreu...” E em uma mordaz e mal intencionada segunda frase se esclarecia: “Convalesce no lago onde ‘aparecerá’ a rameiras e bastardos.”

Sem dúvida, as notícias sobre uma futura presença do Filho do Homem nas terras do norte, precedendo aos seus, serviam também aos seus inimigos.

“Os esfarrapados galileus” – dizia outra – “roubaram seu rei. Roma saberá.”

“Ladrões! Impuros! A sombra da Lei perseguirá os andrajosos filhos do círculo dos pagãos.” (Assim se conhecia também a Galiléia.)

Talvez me entretivesse excessivamente. Mas em minha opinião valeu a pena. Dessas manifestações nas paredes da Cidade Santa também nada dizem os evangelistas e, todavia, foram um fator mais – e de clara importância – na difusão da maior notícia de todos os tempos. Os amigos e fiéis a Jesus de Nazaré souberam desde o princípio dessa suja manobra dos sinedristas, e isso contribuiu também para multiplicar seus temores e para que, no caso dos dez, permanecessem no pavimento superior dos Marcos, sem atrever-se a sair às ruas.

Pouco antes da hora terça, uma das sentinelas do parapeito oeste da Antônia escoltava-me até o túnel da fachada principal da fortaleza. Ali, junto ao posto da guarda, voltou a repetir-se a cena que eu já havia vivido com o de Arimatéia em minha primeira entrevista com o procurador. Um *optio* consultou a tabuinha encerada na qual se registravam os nomes dos visitantes do dia, assim como as audiências previstas, e, com um sorriso, adiantando-me às intenções do suboficial, entreguei-lhe meu cajado e ergui os braços para a revista de rotina. Dessa vez não foi necessária. Na boca do túnel distingi a corpulenta silhueta de Cívís, o comandante-em-chefe da guarnição.

Saudou-me com o braço no alto e o *optio*, condescendente, franqueou-me a passagem indicando-me que tudo estava bem e que eu podia passar.

Cívís, sem capacete e sem a cota de malha, protegia-se do frio da manhã com a longa capa granada. Jamais o vi sem armas: sua espada no flanco esquerdo (ao contrário da tropa) e um pequeno punhal com a empunhadura em forma de um antílope em pleno salto.

Observou os restos do meu hematoma, mas, discretamente, nada perguntou. E foi em silêncio que cruzamos o pátio quadrangular de tão tristes lembranças. Tudo respirava rotina. Os legionários fora de serviço, como em outras ocasiões, revisavam seus equipamentos. Alguns, trazendo a simples e curta túnica vermelha de lã ou abrigados com seus pesados capotes de campanha, jogavam os dados sobre as lajes de duro calcário acizentado. Dessa vez não havia cavalos junto à fonte da deusa Roma. Ao passar ao lado do marco de pedra ao qual fora Cristo amarrado, as imagens dos açoites me voltaram, revolvendo meu estômago.

Ao pé da polida escada de mármore branco que conduzia ao vestíbulo e à sala de despachos oval de Pôncio, o centurião cruzou com outro oficial. Cívís golpeou amistosamente a couraça anatômica de couro com seu inseparável *uitis* ou vara de videira, e o companheiro se deteve. Em latim, e com evidente satisfação, lembrou-lhe que tudo devia estar pronto para a marcha do dia seguinte. Alegrei-me pela oportunidade da minha entrevista. Pelo visto, concluída a festa judia da Páscoa, o procurador e as forças que o acompanhavam regressariam para Cesaréia, sede da representação de César naquela área da província da Síria, à qual pertencia a Judéia.

Surpreendeu-me não ver os sentinelas junto à porta lavrada da sala de despachos do governador. Até esse momento supunha eu que nossa reunião se daria naquela sala.

Cívís, ao perceber minha surpresa, fez-me um gesto. E o segui para o fundo do vestíbulo retangular. Ao chegarmos à parede de mármore cipriota que cerrava o lado direito, colocou-se em frente a um singular adorno: um escorpião

de bronze, de uns 40 centímetros de comprimento, cravado na parede por uma grossa barra cilíndrica de ferro que o mantinha ligeiramente separado da superfície da parede. Representava o oitavo signo do zodíaco: o do Imperador Tibério.

O oficial agarrou a cauda do brilhante aracnídeo e puxou-a com força. O bloco de mármore rangeu e, admirado, vi que uma parte da parede girava sob um eixo oculto, deixando a descoberto uma portinhola de apenas 1 metro de altura.

O oficial dispôs-se a entrar. Olhou-me e, como esclarecimento, comentou:

– Coisas do velho Herodes.

E um negro túnel apresentou-se diante de nós.

Enquanto penetrávamos no escuro corredor, com o queixo quase colado às coxas, pensei que as palavras de Cívilis faziam referência a algumas das extravagâncias de Herodes, o Grande, que foi quem remodelou a fortaleza sobre o velho castelo dos Asmoneus. Aquele “invento” de uma porta secreta só podia ser coisa do “criado idumeu”. Às minhas costas, logo que penetrei no túnel, acreditei escutar uma rápida sucessão de “cliques”. As trevas e a estreiteza do lugar não me permitiram descobrir a origem do rítmico ruído metálico, mas só podia tratar-se do próprio mecanismo de fechamento da parede. Talvez um velho sistema de polias e pesos que, assim que se abre o alçapão, reage automaticamente, procedendo ao fechamento de forma gradual e inexorável.

Quando havíamos percorrido uns 20 metros, meio asfixiados pela escassez de oxigênio, um golpe seco ressoou no úmido corredor. A parede acabava de voltar à sua posição original, sepultando-nos.

O fato de que o centurião não se detivesse nem fizesse comentário algum deu-me uma tranqüilidade relativa. Aquele não era o lugar mais apropriado para eu terminar meus dias...

Meus temores dissiparam-se em seguida. Cívilis havia parado e eu, estupidamente, fui chocar-me com ele. Mas ele nada disse. Abriu uma portinhola de fraca e roída madeira e a luz me feriu os olhos.

Quando consegui localizar-me estava atrás de uns grossos cortinados de cor púrpura. O oficial franqueou-me a passagem e então entramos em uma espécie de sonho. Jamais pude imaginar um luxo semelhante. O túnel secreto nos havia conduzido a uma peça quadrada – uma espécie de *tetrastilum* –, a céu aberto e com umas duzentas colunas meio encravadas em umas paredes das mais variadas e refulgentes tonalidades. O “teto” era formado por largas lonas púrpuras de uns 20 metros de comprimento, estendidas de uma coluna a outra. Com o Sol no alto, filtrariam os raios, projetando um resplendor avermelhado sobre o pavimento de mármore. No centro erguia-se um pequeno repuxo – agora

seco – em forma de uma grande concha e com seis taças de mármore que serviam para recolher a água.

Na parede orientada para o sul – no extremo oposto ao que escondia a saída do túnel – haviam sido abertas umas estreitas e altas janelas, fechadas com vidraças, das quais se podia contemplar o Santuário do Templo e boa parte da esplanada dos Gentios. Entre essas janelas e o repuxo, alinhavam-se três mesas de marfim, muito baixas, repletas de manjares que, à primeira vista, não identifiquei. Mais do que mesas, pareciam pequenas arcas. E, a um lado, uma alta e belíssima lâmpada de pé de alabastro translúcido, rematada por três flores de loto, nas quais ardiam mechas de azeite. Pouco a pouco, à medida que fui observando, percebi que o procurador – ou talvez sua mulher – sentia especial atração pelos móveis e adornos egípcios. Na parede oeste, erguido sobre diferentes pedestais, exibiam-se – no centro – um prodigioso barco faraônico de papiro, com incrustações de pedras multicores e, a um e outro lado, duas cabeceiras funerárias, também de origem egípcia. A da esquerda, dobrável e em marfim, adornada com duas cabeças do gênio protetor Bes. A outra, uma valiosíssima peça de pasta vítrea azul opaco com um friso de ouro decorado com os dois signos duplos da vida divina.

Entusiasmado com esses possíveis vestígios do reinado de Tutankamon – que eu não conseguia entender como haviam chegado ao poder do governador – não me dei conta da presença de Pôncio.

Civílis tocou-me com seu *uitis* e eu, ao voltar-me, descobri um Pilatos rejuvenescido e jovial, que me saudava com o braço erguido. Correspondi ao cumprimento com uma leve inclinação de cabeça e ele, abandonando todo protocolo, veio a mim tomando-me pelos braços e zombando das “minhas correrias matutinas pelos montes de Jerusalém”. Estava claro que o obeso Pôncio havia sido informado por seu fiel comandante...

– ... Então vistes o sepulcro vazio...

Pilatos, que ostentava um formoso manto de cor jacinto enrolado à moda romana e uma túnica de lã até os pés, não esperou minha possível resposta. Com seus olhos azuis e saltados, fixos na cabeceira funerária que eu acabava de admirar, murmurou como para si mesmo:

– Extraordinária!... Gostas, Jasão?

Ia dizer-lhe que sim e perguntar pela origem de tão magnífica peça quando, deslizando para o centro da sala, levantou os braços e, girando sobre si mesmo como um pião, bradou:

– Roma me invejará quando souber das minhas inovações.

Civílis e eu trocamos um olhar.

Depois, voltando até onde me encontrava, Pôncio me tomou pelo braço e

fez-me segui-lo. Apontou-me a colunata e, sem dissimular seu orgulho, foi enumerando as excelências da construção:

– Vê! Quinze delas são de porfirita encarnada, de Cipollino e de Povanzetto... E os mármore?

Fez-me tocar as paredes enquanto indicava a procedência dos luxuosos materiais:

– O negro, da ilha de Milo! Os pretensiosos de Roma chamam-no “mármore de Lúculo”. Numídia! Eubéia! Tenaro!

Mas, com a mesma euforia com que havia arremetido ao falar de suas inovações “arquitetônicas” – dominado por seu frágil e instável temperamento –, assim se apagou também aquela explosão de orgulho pessoal. E, ajeitando nervosamente a peruca loira, caminhou diretamente para as mesas. Deixou-se cair pesadamente sobre os volumosos coxins e, uma vez acomodado, olhou-nos perplexo.

Agitando as mãos, ordenou-nos que seguissemos seu exemplo e, imediatamente, o centurião e eu nos sentamos à sua frente.

Seu rosto, branco, inchado e redondo como um escudo, iluminou-se ao reparar nos manjares. Seus lábios se abriram em um sorriso carregado de gula, fazendo brilhar seus três dentes de ouro.

– Oh! miolos de pavão real!

E tomando uma das porções, engoliu-a sem mastigar. Nem Cívili nem eu nos atrevemos a imitá-lo. Mas Pôncio, enquanto remexia uma travessa de passarinhos fritos, ordenou-nos que começássemos.

– Então o milagre do sepulcro – lançou-me Pôncio de súbito, repetindo quase literalmente as palavras que eu mesmo havia pronunciado no pátio da fortaleza – é só o princípio de uma série de fatos surpreendentes?...

Cívili, impassível, nem sequer me olhou. Aferrou-se a uma pata de cabrito e a foi devorando com volúpia.

Eu tinha de agir com extrema cautela. Estava disposto a “informá-lo” de alguns acontecimentos vindouros – baseados em minhas “prospecções” como áugure – mas, naturalmente, em troca de algo...

Seguindo uma velha tática, fiz-me de rogado. Percorri a vista distraidamente pelas iguarias e, apontando duas das travessas de prata, perguntei sobre a natureza de seu conteúdo.

Pôncio, astuto e divertido, aceitou o jogo.

– Isto é fígado de cavala, isto é moréia... Tudo diretamente importado das costas de Gades.

Desculpei-me, alegando que meu estômago não resistiria. E o procurador continuou arrolando o desjejum:

– ... Também temos ouriços-do-mar, ostras de Tarento, algas marinhas (brancas ou negras), tordos com aspargos da Sicília ou, se o preferires, rins de cervo, pastel de peixe, pães de Piceno e, de sobremesa, figos de Malta, tâmaras ou passas do Levante.

Ficou sério. Acreditei que estava disposto a interrogar-me de novo. Mas não. Bateu palmas com força e, no mesmo instante, por uma estreita porta camuflada junto aos cortinados, apareceu um dos criados. Não foi preciso que se aproximasse. Aos gritos, entre insultos, censurou-o pelo lamentável esquecimento do vinho. Minutos depois, o mesmo servo regressava com uma pequena ânfora de metal dourado. Encheu as taças e, deixando o recipiente em um suporte de ferro, retirou-se mudo e pálido.

– Saúde! Prova-o Jasão... Tu és comerciante de vinhos. Adivinha de onde é.

Sentime atrapalhado. Embora houvesse sido treinado como provador dos mais preciosos produtos da região mediterrânea, minha perícia ainda deixava a desejar.

– Mosela? – aventurei depois de sentir-lhe o aroma e provar um gole.

– Chipre –, retificou Pôncio com uma ponta de ironia. Com o meu prestígio “profissional” arruinado, optei por ir direto ao assunto que me havia levado à fortaleza.

– Sim, estimado governador – anunciei com gravidade. – O assunto da tumba vazia é só o princípio.

– A tumba vazia! – explodiu Pilatos. – Esses fanáticos querem me tornar louco. Sabes o que andam apregoando as ratazanas do Sinédrio?

Fingi ignorar.

– Que meus soldados dormiram! E isso não é o pior. Ainda por cima têm a desfaçatez de caluniar a legião, murmurando que os discípulos do tal Jesus roubaram seu cadáver. Sabes qual é o castigo por dormir de guarda?

Naturalmente que eu sabia. Eu mesmo presenciara uma dessas brutais execuções por apaleamento.

– ... Meus agentes me informaram do dinheiro que Caifás pagou a cada um de seus covardes guardas para fecharem o bico: 200 asses! O soldo de vinte homens! Disso não falam, claro!

Cuspiu os ossinhos do passarinho frito que tinha entre os dedos e, maldizendo os sacerdotes, prosseguiu:

– Filhos de mil rameiras! Mentem, subornam e, para cúmulo, metem meus homens nesse feio assunto!

– Tu sabes que teus legionários não fugiram – disse eu conciliatoriamente. – Eu estava lá.

Pôncio mostrou-se muito interessado por aquela circunstância. Brincou um

momento com o falo que pendia do seu pescoço e, sem rodeios, advertiu-me que não abusasse de sua amizade.

– Não minto, excelência. Podes confrontar minha versão com a de teus infantes...

Quando concluí o relato dos fatos que havia presenciado no horto, meus acompanhantes olharam-se com a surpresa estampada no rosto. E o comandante assentiu categoricamente.

– Então – perguntou nervoso – crês que ressuscitou?

Encolhi os ombros e Cívili aprovou minha sensata resposta.

– O que se pode dizer, preclaro governador, é que tão misterioso acontecimento é apenas o princípio de uma cadeia de sinais.

Pôncio abriu os olhos até o limite.

– Consultaste os astros?

Apressei-me a mostrar-lhe os “quadros astrológicos” dando-lhe a entender que havia descoberto “enigmáticas e preocupantes coincidências”.

Atemorizado, Pôncio refugiou-se em outro copo de vinho.

Prevendo o indispensável auxílio do computador central, apertei dissimuladamente minha orelha direita.

Eliseu respondeu no mesmo instante:

– OK. Tudo pronto. Papai Noel na espera. Fico acompanhando... Câmbio.

– Vejamos – anunciei-lhe com uma teatralidade que ainda me assombra –, em primeiro lugar quero que te fixes nos seguintes e prodigiosos fatos. O número “9” se repete... suspeitosamente.

“Guiado” por Papai Noel e pela Providência – não posso entendê-lo de outra forma –, o que a princípio fora um inocente jogo acabou por desconcertar-nos: a Pôncio, ao centurião, a Eliseu e, nem digamos, a mim...

– Observa. Ontem foi dia 9. E as aparições do Ressuscitado, ao longo do dia, foram igualmente “9”...

– Nove visões?

Pilatos ignorava esse dado e olhou para seu comandante com preocupação no olhar.

– Segundo minhas notícias – continuei sem saber exatamente onde iria parar –, Jesus de Nazaré nasceu no “nono” mês do ano...

Ergui os olhos para as lonas, fingindo que consultava minha memória. Na realidade, a “memória” que entrou em ação foi a do Papai Noel. Em segundos, meu irmão, sem quase dar crédito ao que projetava o monitor, exclamou:

– Incrível, Jasão! Segundo o calendário romano e os dados do Papai Noel, Jesus nasceu no ano de 747, que soma “9”!¹⁴⁴

– ... Ao nono mês – repeti – de sua gestação, do ano de 747.

O procurador, contando nos dedos engordurados, fez o mesmo cálculo que nós.

– Sete e 4 somam 11... que somados a 7... dão 18...

A casualidade – ou não seria tal? – deslumbrou Pilatos.

– Por Zeus! Nove!

O oficial meneou a cabeça, como que desaprovando aquela comédia. Mas o governador, que ainda tinha muito presente meu “vaticínio” sobre o estranho fenômeno solar da manhã de sexta-feira, não lhe deu atenção. Virou-se para mim e ordenou:

– Continua!

Eliseu veio em minha ajuda.

– Suponho que estamos loucos, Jasão, mas veja o que leio na tela. Seguindo o calendário de Roma, o atual ano 30 corresponde ao 783 do mesmo calendário imperial. (O ano “zero” não se conta.) E “7” mais “8” mais “3” somam outra vez “9”. E por aí vai. Papai Noel está procurando possíveis “coincidências” entre o número nove, o governo ou a vida de Pôncio e outros acontecimentos vindouros, também em conexão com a vida de Cristo ou com suas profecias... Câmbio.

Transmiti esse último achado a meu cada vez mais desolado amigo e, por pura intuição, somei a idade de Jesus naquele ano: 36. (Havia completado “oficialmente” em agosto, ainda que já a tivesse, levando-se em conta o período de gestação.)

– Outra vez o “9” – disse eu forçando a situação.

Pilatos resumiu o que já tinha sido relatado:

– Nascimento vinculado ao “9”. Sua vida soma “9”. E também o ano de sua morte...

– E sua ressurreição foi no dia “9”! – rematei.

– Jasão, ouça! – a voz de Eliseu proporcionou-me outros dois dados também encadeados ao “9”. – A suposta desapareição ou “ascensão” do Galileu ocorreu ou ocorrerá em 8 de maio, quinta-feira. Também soma “9”! E eis aqui outra curiosa casualidade: sabemos que o governo de Pôncio terminou (ou terminará) no ano 792 ou 36 da nossa era. Tudo soma “9”! Aí tem você um dado para “manejar” seu amigo! Boa sorte! Continuo atento...

Demônios! Aquilo era demais para ser uma série de coincidências. E ainda que nunca tivesse dado excessiva importância à chamada “numerologia” ou “ciência dos números”, tão ligada à Cabala hebraica, propus-me a pesquisar na simbologia de tais cifras. Que é que eu podia perder? Tratava-se de simples e inocente curiosidade. Deus do céu! O que fui descobrindo encheu-me de assombro.¹⁴⁵

Escolhi a segunda informação: a do final da procuradoria de Pilatos. Mas

como utilizá-la sem chocá-lo e sem violar o código do Cavalo de Tróia? Mas o próprio e pusilânime governador me deu o pretexto com sua pergunta seguinte:

– O “9”! Que tem que ver comigo?

Simulei uma certa resistência.

– Fala ou te mando prender!

Inclinei a cabeça em sinal de acatamento. Aquele louco era capaz de cumprir sua ameaça.

– Os astros assinalam que teu destino a partir de agora estará irremediavelmente vinculado à memória desse Homem... e ao número “9”.

– Explica-te claramente! – exigiu sem contemplação.

– Os prodigiosos sinais que começaram a produzir-se – argumentei, preparando-lhe uma armadilha – se estenderão até as terras da Galiléia e por um período de quarenta dias. Talvez então possamos conversar com mais calma e com novos elementos de julgamento...

– Galiléia? – o governador dirigiu-se a Cívilis. – Não são estas as notícias que nossos espiões trouxeram?

O centurião concordou.

– Queres me fazer crer que o Galileu voltará a aparecer no norte?

– Isso é o que dizem os astros – menti descaradamente. – E abusando de tua confiança ainda te direi mais; talvez tu mesmo ou Procla, tua mulher, possais vê-Lo.

Ao ouvir o nome de Cláudia Prócula ou Procla empalideceu. Pôncio sabia das inclinações da esposa pelos ensinamentos e pela figura do Mestre. E, temeroso dos assuntos mágicos ou divinos, não a contrariava. O “sonho” da distinta romana pouco antes da crucificação de Jesus continuava cravado no débil espírito daquele homem. Dias mais tarde, durante nossa acidentada e intensa “campanha exploratória”, no norte da Palestina, Eliseu e eu teríamos a sorte de conhecer Procla, os detalhes do seu “sonho” e as sinceras inquietações que havia despertado nela o Filho do Homem.

– Um momento. Não queiras confundir-me com teus ardis. Vamos por partes. Que dizem os astros sobre o meu destino?

Cedi em parte.

– Em troca desejo solicitar de tua magnanimidade um pequeno favor.

Cívilis franziu o cenho.

– Tu dirás – respondeu o governador, resignado.

– Tenho ouvido dizer que em Cesaréia vive um centurião cujo criado foi milagrosamente curado a distância pelo Ressuscitado. Quero viajar para lá e que me dê uma autorização para interrogá-lo.

– Concedido!... Com uma condição.

O desejo do governador veio facilitar meus objetivos.

– Que a entrevista se dê em minha presença e na de Procla.

Acedi com uma exagerada reverência.

– E então?

– Deverás permanecer muito atento ao “9” – aconselhei-o na medida em que me foi possível. – Se os astros e minhas observações não estão errados, teu governo terminará em um ano que some “9”...

Aquilo o deixou perplexo. Eu sabia, e já o referi, que o ano da queda política de Pôncio Pilatos seria o 36 da nossa era¹⁴⁶ ou 789 (*ab Urbe Condita UC*) da cronologia romana. Naturalmente, joguei com vantagem. O ano a que me referia deveria ser computado pelo calendário cristão: algo inexistente e impensável naquele momento. Pôncio deve ter recordado que nos achávamos em 783 – que soma “9” – e, tremendo, foi beijar o falo de marfim, em uma tentativa de conjurar o “malefício” que acabava de “cair” sobre seu espírito.

– Porém, há mais...

Papai Noel – genial! – havia “descoberto” outra “casualidade” que fez elevar meu prestígio como adivinho e desmoronar meu interlocutor.

– Continuando com o “9” e com os prodigiosos acontecimentos que “vejo” nos astros, chamo tua atenção sobre algo que também foi profetizado pelo rabi de Nazaré e que, segundo todos os indícios, preocupará Roma. Em outro ano que deverá somar “9” esta província se levantará contra o império.

(Ainda que tivesse tido o especial cuidado de não mencionar a data exata – 819 do ano romano ou 66 d.C. –, estava-me referindo, obviamente, à insurreição da primavera do citado ano de 66, que marcaria o princípio do fim de Jerusalém. Nessa data, como se sabe, o procurador Cássio Floro requisitou um alto tributo em ouro do Templo judeu, o que provocou graves alterações. O cruel Floro lançou suas tropas contra o povo matando 3.600 judeus. Os rebeldes judeus reagiram à matança apoderando-se da zona do Templo e assaltando Massada. Com as armas roubadas à guarnição romana dirigiram-se de novo a Jerusalém, sitiando e aniquilando as forças da Antônia. Floro fugiu e a guerra estendeu-se por toda Israel. Após a fracassada incursão de Céstio Galo, governador da Síria em terras da Judéia, Nero ordenou ao prestigioso general Vespasiano que submetesse a província. O resto é bem conhecido.)

Era incrível, mesmo para Eliseu e para mim. Desde o momento em que Jesus vaticinou o cerco e a destruição da Cidade Santa – ano 30 – até que ocorresse a primeira insurreição ano 66 –, transcorreriam outros 36 anos. Quer dizer, uma cifra que voltaria a somar “9”...

– ... E não restará pedra sobre pedra. Suponho que estás falando da profecia sobre a destruição de Jerusalém.

O governador voltou a surpreender-me. Seus agentes também lhe haviam dado plena conta das públicas e incríveis manifestações do Mestre. Aquilo descarregou minha consciência.

Todavia, mostrou-se cético com respeito à hipotética sublevação dos judeus.

– Fanfarronadas! – resumiu, enquanto voltava a bater palmas para chamar a criadagem. – Nosso exército é o mais poderoso do mundo.

A pista que deixei “escapar” – um ano que devia somar “9” – continuou fluando no coração do procurador. O criado aproximou-se do seu senhor e este, mandando que se abaixasse, sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido. O servo retirou-se e Pilatos, reatando o fio da conversação, perguntou-me:

– Em todas as guerras e calamidades (tu deves sabê-lo melhor do que eu) se produzem “sinais” que as anunciam. Poderias adiantar-me algum?

Minha confusão foi tomada por uma natural resistência a não “tentar os deuses ou o destino”. E com sua habitual presunção acrescentou que estava disposto a recompensar-me esplendidamente. Isso não estava nas minhas intenções. Mas disfarcei e não repudiei a oferta, apenas observando-lhe que a “melhor recompensa era contar com seu apoio e beneplácito”. Sentiu-se tão lisonjeado por minha adulação que chegou a prometer-me uma escolta permanente enquanto viajasse para o norte.

Do módulo recebi informação de sobra em relação à questão de meu já incondicional amigo.

– Abrirei uma exceção. Um dos primeiros e principais sinais que precederão e se mostrarão antes da ruína e destruição desta cidade – proclamei seguindo os textos de Flávio Josefo em sua obra *Guerra dos Judeus* – será uma estrela, como uma espada flamejante, que luzirá dia e noite e por espaço de um ano à vista de todos os habitantes de Jerusalém.

– Um cometa? – interveio maravilhado.

A verdade é que eu não tinha como responder a semelhante pergunta. Talvez Josefo se estivesse referindo à passagem do Halley, registrada também pelos astrônomos chineses. A máxima aproximação desse cometa naquela época teve lugar em 25 de janeiro de 66. Todavia, sua observação não pôde prolongar-se durante tanto tempo. Ou foram dois os cometas ou o historiador judeu romanizado estava descrevendo outro fenômeno celeste.

– E nos astros – continuei, ante o ceticismo de Cívili e a progressiva curiosidade do governador – se “lê” igualmente que, pouco antes da primeira rebelião, uma forte luminosidade se mostrará ao povo no altar e em volta do próprio Templo.¹⁴⁷ Mas estas rudes gentes não acreditarão no aviso do céu... E haverá mais. Um boi parirá um cordeiro no meio do Templo.¹⁴⁸

Ante semelhante e aparente tolice, o comandante, atacado por um súbito

acesso de riso, se engasgou.

– ... E a porta oriental – prossegui com a maior solenidade –, que, como sabes, necessita de vinte homens para ser fechada, aparecerá misteriosamente aberta, sem que mão humana a toque.¹⁴⁹

– ... Por último, para não esgotar-te, pouco antes do fogo e da morte, toda Jerusalém se maravilhará e comentará diante das muitas carroças que correrão pelo ar.¹⁵⁰

Eu teria podido acrescentar mais sinais – os textos de Josefo são excepcionais nesse aspecto –, mas isso me pareceu desnecessário. Pôncio estava boquiaberto.

A presença no *tetrastilum* de dois criados tirou-o do transe. Enquanto um se colocava junto à mesa, o que havia recebido o encargo depositou diante de Pôncio uma bandeja de madeira. Nela havia uma caixinha de osso lavrado, um martelo de reduzidas proporções e uma taça de prata de boca larga. Em seu interior distingui um punhado de pérolas.

O procurador despediu-os com um grunhido. Fez o maior esforço para se aproximar da bandeja, mas seu abdome, duro e cheio como um odre repleto de piche, resistiu. As sucessivas tentativas agitaram seu estômago e ele eructou cavernosamente. Por fim conseguiu seu propósito. Destampando a caixinha, sorriu satisfeito. Depois tomou uma das pérolas, examinou-a entre seus curtos e roliços dedos e, com um suspiro de resignação, colocou-a sobre a toalha. O centurião encheu as taças e, com a maior naturalidade, como se se tratasse de um costume rotineiro, agarrou o martelo e desferiu um terrível golpe na pérola. O nácar branco acinzentado – de bom oriente, sem dúvida – estilhaçou-se. Com dois ou três golpes, ficou pulverizada. E Cívís, serviçal, foi recolhendo o pó com a ponta do punhal, misturando-o no vinho. Agitou a taça e a ofereceu a seu chefe.

– Saúde!... Lá se vão mil sestércios!

Pôncio tomou o vinho e eructou novamente.

Compreendi. Se não me falhava a memória, as pérolas – que, não são outra coisa senão um aragonite – contêm uma alta porcentagem de carbonato de cálcio (uns 84%), uma substância orgânica que proporciona a coloração (13%) e água (2,85%). O carbonato de cálcio é um sal e se usa habitualmente como antiácido, absorvente e antidiarréico. Supus que o efeito antiácido da pérola aliviaria sua pesada digestão. E, lembrando que é insolúvel em água e álcool, atrevi-me a recomendar-lhe que passasse a tomá-la a seco. O procurador desconhecia minha faceta de “curandeiro” e, entre os vapores do vinho, propôs-me que me alistasse em seu quadro de médicos. Prometi pensar na atrativa sugestão enquanto ultimasse os negócios que me reclamavam na Galiléia.

A reunião chegava ao fim. Mas, antes de despedir-nos, Pilatos, em uma demonstração de agradecimento, colocou em minhas mãos a misteriosa caixinha de osso. Olhei-o sem compreender.

– Abre-a. É para ti, com o meu reconhecimento...

Repeti a reverência e obedeci intrigado. O estojo continha uma esmeralda com uma anêmona talhada. Examinei-a entre vivas mostras de alegria e gratidão. E o mareado governador encheu-se de orgulho e satisfação. O que procurei ocultar, é claro, foi minha decepção. Ao erguê-la e submetê-la aos raios do Sol, me dei conta de que se tratava de uma hábil falsificação. Sem dúvida um crisópraso.

Mas, como disse, tomei cuidado para não contrariar o ufano anfitrião. Pôncio prometeu receber-me em Cesaréia – de acordo com o combinado – e, depois de solicitar sua permissão para interrogar a patrulha que havia montado guarda no sepulcro do Nazareno, retirei-me acompanhado de Civílis.

Para dizer a verdade, minha entrevista com seis dos dez legionários – quatro achavam-se de serviço nas torres – não me forneceu novos dados sobre o acontecimento. Civílis, sempre presente, representou uma inestimável ajuda. Mas os legionários não souberam explicar a ocorrência. Ninguém se aproximara do lugar e ninguém movera as pedras. Isso ficou claro. Quanto ao desmaio coletivo, silêncio. Como era de esperar, nenhum deles soube explicar-me o fato. Nenhum deles também soube dizer-me a razão. “Nossas cabeças se encheram de um fortíssimo zumbido e caímos por terra, como mortos.” Quando voltaram a si, alguns vomitaram. Isso foi tudo que pude tirar deles.

Por volta da hora sexta – ao meio-dia –, despedi-me do centurião e rumei para o norte, com destino ao monte das Oliveiras. Sentia-me satisfeito. Acelerei o passo, desejoso de conhecer as descobertas de meu irmão a respeito do lençol mortuário.

De certo modo, o ululante vento leste nos beneficiou. As pessoas não se arriscavam a sair da cidade. E minha segunda entrada no “berço” foi rápida e sem tropeços. Lá pelas 12h30 – quase 24 horas após a minha última saída –, com a ajuda das “crótalos”, distingui a estrutura do módulo, luminosa, firme e altiva sobre a clareira pedregosa, como uma “bandeira” de paz de “outro tempo” e de “outros homens”...

Meu irmão passou a informar-me prontamente. Era muito o que já havia descoberto, e mais ainda o que iria surgindo com o passar dos dias...

Agora, por estritas razões de economia e eficiência, falarei apenas de alguns desses achados. Tempo haverá para voltar ao assunto... espero.

Um dos dados que não quero passar por alto é o do peso, textura e

dimensões do sudário que serviu para envolver o corpo do Filho do Homem. Exatamente: 234 gramas por metro quadrado. Quer dizer, olhando seus 4,36 x 1,10 metros, obtivemos um total de 1 quilo e 123 gramas. O tecido, opaco e espesso, mostrou-se muito irregular, tanto na fiadura quanto na textura. Esta era do tipo “sarja” – também conhecida na atualidade como “espinha de peixe” –, com uma média de 40 fios por centímetro quadrado na urdidura e 30 na trama. Eliseu contou 27 inserções por centímetro. Com a ajuda do microscópio – e em ampliações de até 5 mil aumentos –, confirmou a natureza da fibra: linho, com solitárias e escassíssimas presenças de algodão do tipo *herbaceum*.¹⁵¹ Possível procedência: o centro comercial de Palmira, a dez dias de Jerusalém.

Essas informações talvez possam parecer irrelevantes, mas não para nós. Especialmente porque coincidem – eu diria que são as mesmas – com as das análises verificadas sobre o já mencionado Sudário que se guarda na cidade de Turim. Categoricamente... como dizia o Mestre, “aquele que tem olhos para ver que veja...”.

Graças ao microscópio Ultropack e às sofisticadas técnicas espectrofotométricas¹⁵² de que dispúnhamos no “berço”, foi possível confirmar e identificar no sudário resíduos de urina, suor, assim como outros compostos orgânicos, fundamentalmente ungüentos.

Acabaria sendo esgotante e excessivo enumerar a constelação de dados resultantes dessas prospecções. Vou limitar-me, por tal razão, já que estes escritos somente têm uma finalidade descritiva, registrar aquelas descobertas que chamaram a nossa atenção. Por exemplo, falando de urina – presente na trama do lençol, e devida, sem dúvida, ao relaxamento dos esfíncteres –, sua concentração era muito grande, com um considerável índice de potássio, um excesso de açúcar e, também, resíduos de proteínas, derivadas, certamente, da mioglobina. Em síntese, uma urina muito ácida,¹⁵³ sinal de algo que já sabíamos: o tremendo sofrimento daquele Homem durante sua Paixão e Morte.

O suor, mais abundante que as amostras de urina, era inequívoco. Os níveis de cloro e potássio, sobretudo, mostraram-se igualmente altos. (Também detectamos um pouco de colesterina, ácidos graxos e vestígios de albumina e uréia.)

Aquelas secreções das glândulas sudoríparas, sebáceas *etc.* eram outro sinal inequívoco da rigidez cadavérica, que afeta em primeiro lugar os órgãos de musculatura lisa. Por outro lado, não pudemos encontrar vestígios de esperma. (Nos enforcados, como é sabido, costuma dar-se com frequência.) Ainda que já o houvéssemos constatado pessoalmente, as análises com espectrofotometria de absorção e as realizadas com o sistema de cromatografia de gases,¹⁵⁴ nos proporcionaram as provas definitivas e científicas de que o sudário em questão

havia contido um cadáver, com evidentes manifestações de uma putrefação primária. (Hoje em dia, ainda, numerosos cientistas e historiadores continuam questionando-se se Jesus de Nazaré morreu realmente na cruz ou se a “ressurreição” não foi outra coisa senão uma súbita reanimação de um corpo gravemente ferido.)

Achamos igualmente alguns fios de cabelo – sobre os quais voltarei a falar em breve – e, juntamente com os exames feitos com o suor e, obviamente, com os coágulos de sangue, podemos crer que o tipo sanguíneo do rabi da Galiléia era AB.

Entre outros restos de origem natural – partículas de pó, mineralógicas e fragmentos isolados de tecidos vegetais – conseguimos identificar um “elemento” que, meses depois de nosso definitivo retorno a 1973, pôde ser “descoberto” sobre a urdidura do Sudário de Turim, confirmando assim nossas fortes suspeitas, no sentido de que ambos os sudários são a mesma peça. Estou-me referindo aos grãos de pólen. Talvez por nossa inexperiência e pela lógica falta de tempo, o “catálogo” levantado por Eliseu foi mais curto que o oferecido pelo grande palinólogo e reconhecido criminalista, Max Frei, da Suíça.

Com a ajuda, do microscópio óptico – pena que não dispuséssemos de um eletrônico –, foi possível identificar grãos de pólen de plantas desérticas, em especial das regiões do Neguev (íris e tulipas vermelhas), das que abundavam na “selva” do Jordão e, também, das que forravam os estratos sedimentares das altas terras do norte; sobretudo das rampas que confluem para o lago de Tiberíades.

Quando tive conhecimento das investigações de Frei, apressei-me a remeter-lhe os nomes e características de alguns dos espécimes de pólen¹⁵⁵ encontrados por nós. A informação, por ser anônima, logicamente, talvez tivesse sido interpretada como obra de um farsante. O caso é que nunca vim a saber se o palinólogo teve ocasião de aprofundar suas interessantes descobertas, verificando a presença do pólen que eu, pessoalmente, anunciei-lhe que poderia chegar a detectar, da mesma forma que ele conseguira identificar outras 48 plantas.¹⁵⁶ Estou certo de que no futuro, quando a Igreja Católica der “sinal verde” para a investigação direta do Sudário de Turim, tudo que aqui está dito poderá ser ratificado. Bastaria efetuar uma varredura superficial sobre o linho para que a palinologia referendasse minhas palavras. Naturalmente, o que nós não pudemos encontrar foram grãos de pólen das regiões pelas quais, ao que parece, peregrinou o Sudário: Turquia, França, Itália *etc.*

O capítulo dos cabelos encontrados no lençol, assim como a mecha que consegui ocultar depois do selvagem apaleamento a que foi submetido o Mestre durante os interrogatórios no Pequeno Sinédrio, merecem especial atenção.

Depois de submetê-los a um exame preliminar – com o microscópio Ultropack – e a outros estudos complementares para estabelecer “índices”, estado das células e das medulas, assim como dos componentes orgânicos e inorgânicos, confirmamos o que já sabíamos... e nos surpreendemos com outras informações que ignorávamos.

Os cabelos presos ao linho – lisos e de diâmetro uniforme – eram, em sua maioria, da cabeça. Também encontramos uns poucos ondulados e de diâmetros variáveis (de 3 centímetros de comprimento e 60 micra em média), que possivelmente eram do tronco ou de algum dos membros. Alguns apresentavam um claro traumatismo – falta do bulbo da raiz, como o caso da mecha –, clara evidência de que haviam sido arrancados.

E ainda que não necessitássemos confirmá-lo, o índice medular inferior a 0,30, a rede aérea finamente granulada e as células medulares invisíveis sem dissociação mostraram que se tratava de cabelo humano. (Nos animais, por exemplo, o índice medular é superior a 0,50.) Depois de concluir um corte transversal do pêlo e uma inclusão de celoidina surgiram dados suficientes para resolver a questão da raça: branca. Por meio dos exames morfológicos, do estudo da “cromatina de Barr” e da fluorescência do cromossomo Y,¹⁵⁷ “vimos” igualmente algo que não necessitávamos demonstrar: os cabelos eram os de um homem e de uma “fortíssima e marcada masculinidade”. (Em geral, como sabem os médicos legistas, os pêlos femininos são mais grossos que os dos homens. Um cabelo de um diâmetro superior a 80 micra, por exemplo, corresponde quase sempre a uma fêmea. Por outro lado, não costumam ter medula e suas extremidades aparecem geralmente desfiadas pelo pentear.)

Ao averiguar o estudo dos compostos orgânicos majoritários, fomos encontrar os normais: queratina e melanina. Entre os minoritários estavam as vitaminas, o colesterol e o ácido úrico. Quanto aos elementos inorgânicos, além dos habituais – silício, fosfato, chumbo *etc.* –, descobrimos altos níveis de ferro e iodo. Na ocasião não o soubemos interpretar. E, movidos pela curiosidade, recorreremos também a uma análise por ativação neutrônica.

Esta técnica se mostra muito eficaz, já que a composição mineral dos cabelos de um indivíduo pode dever-se aos hábitos alimentares, à profissão, ao lugar em que vive e à exposição a uma determinada contaminação ambiental. Não havia dúvidas. As propriedades físicas daquelas amostras – densidade, índice de refração, birrefração *etc.* – davam a entender que Jesus de Nazaré havia estado em contato, e durante longos períodos de tempo, com o mar ou com algum lugar ou elemento onde abundasse muito iodo. Em relação à alta contaminação de ferro, de onde poderia proceder? Somente uma estreita e continuada vinculação a minas, forjas e fornos poderia explicar tão estranha

anomalia. Mas deste assunto, como de outros tantos relacionados com a vida de Cristo, não tínhamos informações. Algum tempo depois, aclararíamos ambas as incógnitas. Com efeito, os resíduos de ferro e iodo nos cabelos do Galileu estavam plenamente justificados.

Também “descobrimos” claros sintomas de um progressivo embranquecimento do pêlo (não podemos esquecer que Jesus morreu quando contava quase 36 anos de idade e que, naquela época, podia considerar-se na fronteira da maturidade. A média de vida oscilava ao redor dos 40 ou 45 anos).

Ao submeter o lençol a um “bombardeio” por “ativação neutrônica”¹⁵⁸ apareceram “sinais” de algum tipo de afecção bucal (possivelmente cáries) e resíduos de “algo” que nos intrigou demais: uma aguda enfermidade, muito distante no tempo (talvez durante a infância), que indicava uma sintomatologia de caráter virótico. (Durante uma de minhas longas entrevistas com os membros de sua família, especialmente com Maria, sua mãe, tive conhecimento de que, efetivamente, ainda muito criança, havia padecido de uma perturbação intestinal: talvez alguma disenteria.)

A análise do sangue que manchava o lençol reservou-nos também várias surpresas. Para começar, a nitidez dos decalques quase perfeitos deixou Eliseu atônito. Eu já havia tido a oportunidade de observar tão singular fenômeno no interior do sepulcro e tampouco conseguia explicá-lo para mim mesmo. Se o corpo havia sido separado do sudário – isso era evidente – por que os coágulos e os filetes de sangue não haviam ficado borrados? Ao se despregar um pano de uma ferida sempre se provoca a borradura da marca impressa.

Mas isso não era tudo. O sangue, em lugar de penetrar e empapar as fibras do sudário, havia corrido entre a trama, transpassando o tecido. A princípio, o atribuímos a um processo de fibrinólise. (A permanência do Nazareno na cruz fez ressecar boa parte de suas feridas, convertendo os pontos e os jorros de sangue em coágulos. As malhas da fibrina atuaram como uma espécie de “parede” que reteve as cargas de glóbulos vermelhos. Depois, sempre como uma probabilidade, essa fibrina pôde ser amolecida devido à desidratação do corpo e aos álcalis derivados da umidade amoniacal.)

O dr. Barbet já havia escrito sobre esse fenômeno, afirmando que “no ambiente úmido da gruta o sangue seco talvez experimentasse um amolecimento, dando lugar a uma pasta mais ou menos branda, que terminou por impregnar o linho, originando uns decalques de grande nitidez”. Mas esta hipótese apresentava inconvenientes. Por exemplo: a profusa hemorragia ocasionada pela descida do madeiro e pelo transporte do corpo até a tumba. Nessa inevitável manipulação do corpo, o sangue contido em uma das cavas havia aflorado pela ferida da lança, correndo – por gravidade – a toda largura ao

longo da zona dorsal, à altura dos rins. Esse grosso fio de sangue não teve tempo material de secar-se ao ar e, todavia, também não havia empapado as fibras da mortalha em um processo normal de capilaridade. Todas as manchas de sangue examinadas por meu companheiro eram superficiais. A explicação da fibrinólise não era, portanto, convincente.¹⁵⁹ Em síntese, não pudemos ou não soubemos esclarecer o fenômeno. A não ser, é claro, que guardasse alguma relação com o também obscuro e complexo assunto das “manchas douradas”. Mas deixarei esse apaixonante capítulo para o final.

Foi a crua realidade que tínhamos diante de nós – a misteriosa desapareição do corpo de Jesus – que nos obrigou a revisar tudo e com extrema cautela. Incluindo o sangue. Estávamos conscientes de que aqueles coágulos haviam pertencido ao Homem da Cruz, mas, no afã de deslindar o enigma, os submetemos também às mais variadas provas de laboratório.

Quase 72 horas depois do falecimento, o sangue daquele lençol apresentava uma típica coloração vermelho-escuro. Em algumas zonas havia começado a enegrecer-se. Eliseu tirou várias amostras, raspando os coágulos com uma paleta de alumínio – devo recordar que não podíamos danificar a mortalha nem submetê-la a qualquer maceração nem sequer em água, como houvera sido aconselhado em uma prova de “cristais de Teichman” – e procedeu aos ensaios preliminares e conclusivos de sangue, às provas de identificação como amostra humana, de individualidade, grupo sangüíneo, sexo *etc.*

Tanto a prova de benzidina quanto a microscopia em busca de hemácias foram positivas.¹⁶⁰ A espectroscopia foi igualmente de grande ajuda. Ao Ultropack, as hemácias apareceram como pilhas de moedas. Achavam-se, no entanto, relativamente bem conservadas, sendo possível a constatação de suas formas e seus núcleos que as definiram como claramente humanas. Às vezes, as pequenas hemácias de cordeiro podem ser confundidas com eritrócito de homem. Os camelos, por exemplo, têm as hemácias ovais, ou elípticas não nucleadas, e os pássaros, peixes, répteis e anfíbios possuem eritrócitos similares, porém, nucleados.)

A detecção última de proteína humana foi verificada seguindo a prova da precipitina.

Na sondagem da hemoglobina – mediante a técnica de “diferenças espectrográficas” –, pudemos estabelecer, entre outros, detalhes como a idade (incluindo o período fetal): 441 meses (de novo aparecia o misterioso “9”): a especificidade da espécie e algumas características patológicas, por exemplo, uma anemia hemorrágica e secundária, à qual não demos maior importância já que, provavelmente, se devia à considerável perda de sangue durante as torturas e a execução.

Para não perder-me em intrincadas e prolixas explicações técnico-científicas, que não são o objetivo básico deste diário, concluirei o capítulo do sangue com outro dos achados: o grupo sangüíneo de Jesus de Nazaré, que foi estabelecido como AB.

Entre os muitos procedimentos existentes para tal trabalho, escolheu-se o chamado “teste de Nickolls-Pereira”, que permite uma segura e excelente identificação em manchas secas, seguindo o princípio de aglutinação mista.¹⁶¹

Este grupo sangüíneo – AB – é proporcionalmente escasso entre os brancos, ainda que não por isso estranho ou anormal. (Sirva de comparação a estatística feita pouco antes da operação, em 1972, entre grupos humanos da raça branca em países como França e Inglaterra: 47% pertenciam ao grupo O; 42% ao A, 8% ao B e, por último, 3% pertenciam ao grupo AB.)

Como é fácil adivinhar, ao descobrir o grupo sangüíneo do Mestre, invadiu-nos uma grande excitação. De acordo com os princípios mendelianos sobre a hereditariedade – elaborados por Bernstein –, “um gene de um grupo sangüíneo não pode aparecer em uma criança, a menos que esteja presente em um dos pais (ou em ambos)”. Que significa isso? Algo que, repito, encheu-nos de emoção. Entre os planos do Cavalo de Tróia, uma vez identificado o grupo do Filho do Homem, figurava também a intenção de investigar o de sua mãe. (O falecimento de José anos atrás tornava impossível a apuração do grupo sangüíneo do pai terreno de Jesus.) No entanto, se lográssemos obter uma pequena amostra do sangue de Maria, um exaustivo estudo genético-biológico poderia aproximar-nos do que teve José.

E ainda que possa soar como uma blasfêmia, a partir de um ponto de vista puramente científico, o hipotético feito de encontrar genes comuns aos do Nazareno em seus progenitores (tanto do tipo A como do B) poderia talvez lançar muita luz sobre o controvertido dilema da concepção virginal de Maria. Sei que para muitos cristãos a só menção desse projeto significará uma aberração. Sua fé lhes diz que Jesus foi concebido “por obra e graça do Altíssimo”. Mas, ainda que eu compartilhe um pouco essa natural refutação, também é certo que a Ciência – quando se coloca ao serviço da busca da Verdade – transforma-se em um maravilhoso instrumento, que somente pode ratificar o que, segundo as Escrituras, “é a palavra de Deus”.

Entendo que o medo à Verdade pode ser uma das piores debilidades do homem. Por isso aceitamos tão delicada e apaixonante missão. Naturalmente, como cientistas, partimos da única base da qual poderíamos decolar: não considerar a teórica origem divina do Mestre. E nos centrarmos no estudo como se se tratasse de um humano, mas sujeito em princípio às já referidas leis da hereditariedade.¹⁶² Eu, convencido da divindade de meu “amigo” Jesus, fui talvez

quem mais sofreu com esta experiência. Mas o resultado valeu a pena... e falarei disso – longamente – a seu momento.

Por último, os exames sobre as amostras de sangue confirmaram o que já havíamos descoberto nas análises dos cabelos de Cristo... mas corrigido e aumentado. A questão do sexo, como já disse, foi espetacular. Eliseu pôs em prática a metodologia de Zech, demonstrando que as manchas com fluorescência Y positiva – encontradas no sangue do Nazareno – correspondiam a um indivíduo do sexo masculino, com “uma acentuada masculinidade”. Algo que, como já disse, não precisava ser demonstrado em laboratório.¹⁶³

E para terminar esse apressado repasse por algumas das descobertas realizadas em torno do lençol mortuário – seguramente me verei obrigado a voltar a elas quando escrever sobre as sensacionais aventuras que nos coube viver nas fases seguintes da missão –, vou referir-me ao que, do meu ponto de vista, foi a mais incrível e transcendental. Lutarei por economizar as explicações técnico-científicas, procurando ir ao âmago do assunto. Já veremos se o conseguirei.

Como venho repetindo, além das marcas de sangue, o lençol nos surpreendeu com umas “manchas” de cor dourada e de natureza desconhecida, que constituíam uma réplica ou cópia – voltam a faltar-me as palavras – do corpo que ele havia coberto. As sucessivas investigações – à base de chapas fotográficas em diferentes frequências do espectro, processos de digitalização de imagem e toda sorte de explorações com o microdensitômetro, microscópio de “efeito túnel” *etc.* – lançaram três grandes realidades científicas: as “manchas” em questão constituíam um autêntico “negativo” fotográfico, tal qual hoje o entendemos.¹⁶⁴

Além disso, a intensidade da “figura” ali “gravada” variava em relação inversa à distância linho-cadáver. E se tudo isso não fora suficiente, o estudo das nuvens superficiais de elétrons das faces internas do sudário (as que apresentavam as “manchas” em questão) veio a demonstrar que o misterioso “desaparecimento do corpo do Filho do Homem” tinha muito que ver com a “manipulação” do conceito de “tempo”...

Não foram necessárias demasiadas comprovações ao microscópio para observar que a “imagem” tinha um caráter muito superficial: somente as partes mais externas do linho se haviam visto afetadas... por uma espécie de “chamuscamento” generalizado. Aquilo nos confundiu ainda mais. Que havia sucedido no interior da tumba? Como explicar racional e cientificamente que um cadáver houvesse podido “queimar” a mortalha que o cobria?

E continuamos aprofundando, cada vez mais confusos e admirados. A incrível réplica em negativo do corpo de Jesus era absolutamente estável. Com

sumo cuidado a submetemos a altas e baixas temperaturas, assim como à ação da água, mas foi inútil. Não houve mudanças nem alterações. Além do mais, de acordo com as técnicas de análise de Fourier, descobrimos que não existia um só sinal de direcionalidade. Sabíamos já, pela lógica e pela exploração microscópica, que as “manchas” não continham restos de pigmentos de pintura de nenhum tipo: nem mineral em vegetal, nem muito menos sintéticos. As placas com radiações infravermelhas acabaram por confirmá-lo. Deus meu! “Aquilo” não tinha nada em comum com uma pintura... E começamos a intuir a possível origem da imagem. Mas não queremos precipitar-nos.

A digitação das duas grandes “manchas” – a frontal e a dorsal – converteu a imagem em milhões de dígitos. Só o rosto projetou um total de 160 mil “sinais” luminosos...

O estudo dessa “conversão” demonstrou que a imagem continha uma “informação”... oculta. Uma “informação” que – confessamo-lo humildemente – quase não foi decifrada. De momento ficamos presos ao fato indiscutível de que se tratava de uma imagem tridimensional.¹⁶⁵

A pergunta-chave e definitiva de todo aquele labirinto era uma. E, inconscientemente, nós a fomos formulando desde os primeiros passos da investigação: que ou quem havia sido capaz de modificar a textura da superfície das faces internas do sudário, até formar uma imagem tão singular? Sei que parece loucura, mas, em parte, a resposta apareceu ao explorarmos as superfícies das “manchas douradas” por meio do providencial microscópio de “efeito túnel”. Em nosso caso, ao contrário do que afirmava o físico Wolfrang Pauli – “a superfície foi inventada pelo diabo” –, a “superfície foi a porta que nos abriu o caminho da Divindade”...

Tentarei explicar-me, ainda que não seja fácil. Para Pauli, sua frustração advinha de um fato que à sua época quase constituía um princípio físico inalterável: a superfície de um sólido era a “fronteira” entre ele e o mundo exterior. Em parte tinha razão. Enquanto um átomo situado no interior de um corpo sólido está rodeado por outros átomos, um da superfície – como explicaram perfeitamente os ilustres especialistas Ged Binning e H. Rohrer – pode interagir com outros átomos da mesma superfície ou com os que estejam imediatamente abaixo desta. Por conseguinte, as propriedades da superfície de um sólido diferem drasticamente das do interior. Assim, os átomos da superfície se colocam freqüentemente em uma ordem geométrica distinta da dos outros átomos do sólido, minimizando a energia total do sistema. Em virtude desse tipo de processo, as estruturas superficiais possuem tal complexidade que têm resistido até a uma descrição teórico-experimental precisa. Mas, graças ao

excelente microscópio de “efeito túnel”¹⁶⁶ é possível “explorar” essas “diabólicas” superfícies dos sólidos, “vendo” até os átomos de um a um...

E isso, para empregar termos infantis, foi o que fez meu irmão no módulo. A ele se deve o que, em princípio, poderia ser o “primeiro passo” na carreira da investigação científica em torno da ressurreição do Mestre. Investigação que, aliás, já não pode sofrer interrupção. Talvez as futuras gerações de cientistas lhe façam justiça.

Com uma “ponta” de tungstênio no microscópio de “efeito túnel” ele foi percorrendo a amostra. (Neste caso, naturalmente, o linho. Mais exatamente, as superfícies nas quais se “desenhava” a fantástica imagem de um corpo martirizado.¹⁶⁷

Enquanto a “ponta” varria o sudário, um mecanismo eletrônico de realimentação foi medindo a corrente de túnel, mantendo o “esporão” a uma distância constante sobre as nuvens atômicas da superfície. Papai Noel leu e armazenou os dados colhidos pela “ponta”, ao mesmo tempo que esses dados apareciam em uma das telas conectadas ao computador central. Assim se obteve uma imagem tridimensional da “nuvem” na superfície. Para que possamos fazer uma idéia dessa “maravilha”, um comprimento de 10 centímetros das “manchas” ou imagem vinha a representar uma distância de 10 angströms na superfície, conseguindo-se aumentos de até 100 milhões.

Pois bem, assim que se delineou a topografia atômica da imagem, Papai Noel quase enlouqueceu. A composição das “nuvens” que “flutuavam” sobre aquelas áreas do lençol era basicamente distinta da do resto do sudário que não continha esse tipo de “manchas douradas”. Mas o dado revelador – e o que nos perturbou – foi dado pela posição dos eixos ortogonais dos *swivels* da “colônia” quântica. Achavam-se alterados! Alguma coisa ou alguém os havia manipulado, situando-os em um “agora” que não correspondia ao dos restantes *swivels* do pano. Estes, como era lógico e natural, estavam orientados para o momento presente. Aqueles, ao invés, conservavam uma inversão axial bem conhecida por nós.

Não estou autorizado a desvelar a tecnologia para “reconhecer” esse tipo de mudanças nas anteriormente definidas e familiares “unidades quânticas elementares” a que chamamos *swivels*. No fundo era o de menos. O certo e transcendente era que estávamos diante de um acontecimento único. A partir daí, com a ajuda do computador central, fomos reunindo dados e chegamos a uma conclusão tão teórica quanto provisória, naturalmente, mas que explicaria com certa “lógica” a misteriosa “desaparição” do cadáver de Jesus. Os *swivels* de todas as “nuvens” atômicas situadas sobre a superfície da imagem estavam “estacionados” – e continuo empregando palavras excessivamente pueris – em

um “agora” que, naquele momento (abril do ano 30), poderia ser definido como o “futuro”. Mais exatamente um hipotético “abril do ano 35”.

Que significaria este achado? Apenas encontramos uma explicação satisfatória: que o corpo do Mestre havia sido submetido a um intenso e infinitesimal processo de “aceleração” de sua natural decomposição. Se esta, de acordo com as características do lugar do sepultamento, da constituição fisiológica do cadáver e de outros parâmetros bem conhecidos dos legistas, houvesse seguido um curso normal e “humano”, a transformação dos restos mortais em pó haveria levado um tempo cronológico variável. Dependendo desses fatores teria necessitado cerca de cinco anos (!) para ficar reduzido a cinzas. Cinco anos! Exata e “casualmente” a inclinação que apresentavam os eixos dos *swivels*... Muito suspeito. E, por motivos fáceis de intuir, o “mecanismo” promotor dessa “aceleração” da putrefação havia afetado levemente as superfícies do lençol que se achavam em contato direto com o corpo. O resto, ao contrário, como ficou dito, não sofreu alteração alguma. Constatado esse incrível fato, a pergunta imediata não podia ser outra:

“Quem ou quê havia alterado tão drasticamente o curso evolutivo da decomposição do cadáver do Senhor?”.

Certamente, estando a cripta perfeitamente fechada, a possível “origem” tinha de ser buscada no interior. De outra parte, ninguém naquela época podia sonhar com uma tecnologia capaz de movimentar os ângulos dos *swivels*.

Necessitamos de algum tempo para obter uma resposta a tão decisiva pergunta. E ainda que a solução não chegasse pelos caminhos que havéramos desejado – os da ciência –, a “origem” nos merece todo crédito.

Venho hesitando. Deveria relatar essa parte da missão? Deveria deixá-la para mais adiante? Finalmente acreditei que ainda que chegue o momento próprio para contá-la em extensão e profundidade, sinto-me obrigado a oferecer um sucinto adiantamento. Dias mais tarde, nas altas terras da Galiléia, no transcurso de uma das inesquecíveis conversações com o Ressuscitado – disse bem: “conversações” –, recebemos uma explicação para o fenômeno que nos intrigava. Pelo que pude deduzir, não há no mundo tecnologia capaz de “medir” ou “detectar” as forças espirituais que foram diretamente responsáveis pela liquidação do corpo do rabi. Talvez eu haja empregado as palavras incorretamente. Talvez devesse ter escrito “entidades espirituais” em vez de “forças”. Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça...

Isso foi o que nos disse e assim me limito a transcrevê-lo: a aceleração quase instantânea do processo de decomposição do suporte corporal do Mestre foi assunto alheio ao Filho do Homem. Foi iniciativa dos seres celestes que “presenciaram” o ato da ressurreição. Foram eles quem – uma vez consumada a

ressurreição – “removeram” as pedras que fechavam a cripta. Mas ninguém os viu.

Até aqui o que, de momento, posso dizer.

Isso, por sua vez, alterou nosso conceito da Ressurreição propriamente dita. Adiantei-o timidamente em páginas anteriores. Mas como resumi-lo com clareza?

Os cristãos que crêem na ressurreição a identificam e associam com a tumba vazia e a ausência do cadáver de Jesus. Têm meias razões. Por simples dedução, após nossa descoberta no módulo, era difícil crer que tão singular fenômeno pudesse ficar circunscrito à simples – ainda que quase “mágica” – dissolução, no tempo, de uma matéria orgânica. Mesmo para nós, pobres ignorantes, parecia demasiado grosseiro e prosaico. Devia haver algo mais. Algo sublime, de ordem sobrenatural, acorde com o poder e a personalidade do ali enterrado. Logicamente, tampouco pudemos “medi-lo” com nosso instrumental. Como disse, não há ainda ciência humana que se atreva a isso. Foi o próprio Cristo quem nos insinuou o ocorrido. E uma vez mais comprovamos como a intuição raramente se equivoca. Tomara nos deixássemos guiar por ela com mais frequência...

A RESSURREIÇÃO – assim, com maiúsculas – do Filho do Homem havia sido “algo” anterior e independente do fato físico da aceleração do tempo cronológico. Em outras palavras: quando essas “entidades” adimensionais – encarregadas da ressurreição de todos os mortais – executaram seu “trabalho” de dissolver em décimos ou centésimos de segundo os sagrados restos mortais do Galileu, este, por um poder que escapa à mente, já havia tornado à “Vida”. À verdadeira “Vida”: a de ordem espiritual. Mas faltam-me os conceitos, e as palavras empobrecem. Será mais prudente deixar as coisas como estão.

A Ressurreição, em definitivo, deve ser contemplada em duas “fases”. Primeira e mais importante: a “auto-ressurreição” de Jesus de Nazaré, ou seja, uma categoria mais complexa do que a da densa matéria corporal. Uma “categoria” à qual – segundo suas palavras – todos somos chamados depois do trânsito da morte. Segunda: aceleração física da putrefação do cadáver. Este último passo não teve praticamente nada a ver com o primeiro, como já mencionei. Foi uma “delicadeza” ou um respeitoso sentimento dos “súditos celestes” do Criador, que não desejavam ver o corpo que havia servido para a encarnação de seu “chefe” degradando-se sob os efeitos da decomposição natural. E, pensando detidamente, suponho que foi o mais acertado. Não quero nem pensar o que haveria acontecido com os ossos do Mestre se chegassem a cair em mãos de seus fiéis seguidores...

E para encerrar esses assuntos de caráter mais ou menos científico, desejo

deixar registro de algo que pode ser esclarecedor e comprobatório de quanto afirmei, muito especialmente da nossa descoberta sobre a superfície das “manchas douradas”. Sei que no dia que a Ciência submeter a um microscópio de “efeito túnel” o Sudário de Turim, as diferenças nas estruturas e na distribuição das “nuvens” atômicas que “flutuam” diretamente sobre a imagem, em relação com o resto do linho, abrirão um novo caminho nas investigações e, ao mesmo tempo, terão demonstrado que não somos um “sonho”...

Ao conhecer essas coisas, meu espírito fortaleceu-se. E ainda que minha mente cartesiana – como a de qualquer cientista – continue resistindo a aceitar o que não seja provado previamente em laboratório, a intuição, de novo, veio sustentar minha cambaleante e anêmica fé.

E naquele anoitecer de segunda-feira, 10 de abril do ano 30, concluídos os trabalhos, Eliseu e eu, emocionados, caímos de joelhos ante a majestosa imagem do lençol de linho: sem dúvida, secundando Einstein, a “sombra de Deus”. E, em silêncio, pedimos luz e força para prosseguir na dura mas fascinante missão que nos havia sido encomendada. Nosso rogo deve ter sido ouvido, a julgar pelo que nos coube viver...

Depois de beijar o Sudário, dispusemo-nos a descansar. Naquele momento, meu irmão percebeu também o familiar odor que eu havia captado no interior da cripta ao inclinar-me sobre a mortalha. E imediatamente o identifiquei. Era o mesmo que se registrava na nave a cada vez que se produzia uma inversão de massa, com a conseqüente manipulação dos eixos dos *swivels*. Um odor de difícil definição que talvez guarde uma remota semelhança com o de incenso queimado...

O dia seguinte, recuperado o microfone e analisados os panos mortuários, daria começo a uma nova etapa na operação. Na realidade, um antigo e até então fracassado projeto: investigar o fugidio “corpo glorioso” do Galileu.

¹⁴² Em uma de minhas conexões com a nave, Papai Noel confirmaria que “um fariseu de nome Saduc e um tal Judas de Gamala apelidado Galileu, ambos simpatizantes ou membros do grupo de extrema esquerda dos zelotes, os “zelosos”, estimularam uma revolta contra os romanos no ano 6 da nossa era, por motivo – segundo a Guerra dos Judeus (11, 118) – de um recenseamento. O motim foi abafado, mas os zelotes, que contavam com a simpatia popular, continuaram praticando o terrorismo individual e a guerra de guerrilhas. Feriam e matavam os infiéis e traidores, providos de um punhal que os latinos chamavam *sica*. Daí derivou o qualificativo de “sicários”. São Paulo escapou deles por pouco. (Atos, XXIII, 14.) (N. do M.)

¹⁴³ Esse grafite procedia talvez de uma época anterior. Possivelmente do reinado de Augusto, no qual a paga diária de um legionário romano era idêntica à fixada por César: 225 denários anuais ou o equivalente: 10 asses por dia. Tácito (Anais, I 17, 6) explica que a revolta dos soldados no ano 14 foi motivada por essa baixa paga. (N. do M.)

¹⁴⁴ Sabíamos que a morte do rei Herodes, o Grande, se dera em 750, segundo o cômputo romano. Jesus nasceu três anos antes (no “menos 7” da Era Cristã). (N. do M.)

- 145 O Major, em seus escritos, não revela quais foram essas “descobertas”. Mas, como eu mesmo, o leitor não terá demasiadas dificuldades para – por meio da numerologia e da Cabala – encontrá-las por si próprio. Como meu amigo, o Major, eu também fiquei atônito. (N. de J. J. Benítez.)
- 146 Pôncio foi destituído de seu posto como governador por Caio, o chamado Calígula, em consequência de um grave erro político. Poucos anos depois da morte de Jesus, muitos samaritanos se congregaram em torno de um suposto Messias, que lhes prometera descobrir os vasos sagrados enterrados por Moisés em um dos montes da Samaria. Pilatos soube dessa enorme concentração no monte Garizim e lançou-se contra os samaritanos, promovendo uma carnificina. Diante das acusações de judeus e samaritanos, Vitélio, supremo governador da Síria, o enviou a Roma, mas, no curso dessa viagem, Tibério viria a falecer. O novo imperador, Calígula, desterraria Pôncio para as Gálias. (N. do M.)
- 147 Flávio Josefo escreve textualmente: “... aos oito dias do mês de abril, às nove da noite, houve tanta luz ao redor do altar e do Templo, que certamente parecia ser um dia muito claro, e isso durou uma longa meia hora”. (N. do M.)
- 148 Em sua mesma obra – A Guerra dos Judeus (XII) – assegura no mesmo sentido: “Neste mesmo dia, na mesma festa, um boi que traziam ao sacrifício pariu um cordeiro no meio do Templo”. (N. do M.)
- 149 “A porta oriental do templo interior” – continua no mesmo parágrafo –, “sendo de cobre, muito grande e muito pesada, que só podia ser fechada a cada noite por vinte homens, e tinha os ferrolhos todos de ferro e as aldrabas muito elevadas, as quais davam no fundo de uma pedra muito grande que estava no umbral da porta, apareceu aberta uma noite, às 6 horas, sem que ninguém chegasse a ela.” (N. do M.)
- 150 Josefo refere-se assim a este surpreendente fato: “Poucos dias depois dos dias das festas, aos 21 dias do mês de maio, um outro incrível sinal fez-se visível a todos muito claramente. Poderia ser que o que digo fosse tido por fábula, não estivessem vivos, ainda, alguns que o presenciaram, e não sucedessem os fins e mortes tão grandes quanto eram os sinais: porque, antes do Sol posto, se mostraram nas regiões do ar muitas carroças que corriam por todas as partes e esquadrões armados, que passavam pelas nuvens espalhadas por toda a cidade: era o dia da festa a que chamam Pentecostes, e havendo os sacerdotes entrado à noite na parte mais recôndita do Templo para fazer, segundo seus costumes, sacrifícios, a princípio sentiram um certo movimento e certo ruído; e, estando atentos ao que seria, ouviram uma súbita voz que dizia: ‘Vamo-nos daqui...’”. (N. do M.)
- 151 Como já assinalou o grande especialista T. Walsh, a sarja não era tecida na Europa senão até já bem avançado o século XIV. No Egito e em Palmira, ao contrário, esse tipo de sarja – tanto de lã (Antioe, no Egito) como de linho (Palmira, ao noroeste da Palestina) – era trabalhada há muito tempo. Quanto às “inserções” de algodão encontrados no lenço – como diz Raes –, também era conhecido no Oriente Médio nos tempos de Jesus. Nas ampliações pôde-se avaliar a perfeição do tipo de sarja: de “4” em espiga. Por um fio de urdidura se contaram três de trama por cima e por baixo. (N. do M.)
- 152 Na toxicologia forense, as técnicas espectrofotométricas são de grande utilidade. Sua base é o estudo dos espectros de absorção. A diferença em relação aos de emissão, que são produzidos por corpos incandescentes, é que aqueles são devidos à “absorção” de determinadas radiações. O espectroscópio consiste em um prisma em que incide – por uma abertura – um foco de luz. Esta, ao atravessar o prisma, se decompõe em uma série de raios que constituem o espectro de emissão do foco. Mas as vibrações luminosas, ao atravessar determinados corpos, são absorvidas em parte, diferenciando-se a luz transmitida da luz primitiva. Esta absorção é variável segundo a substância e, em muitos casos, totalmente característica. Mediante um espectrofotômetro e um espectrocolorímetro pudemos realizar uma exata e fácil determinação quantitativa das substâncias impregnadas no linho: suor, urina, sangue etc.
- O Cavalo de Tróia escolheu para esta fase da missão o espectrofotômetro de Beekman (modelo DB), de face dupla. O raio procedente da fonte luminosa se desdobra em duas faces: a de referência e a de amostra. O primeiro atravessa a célula de referência. O segundo, sobre a célula que contém a amostra (nesse caso, já que não podíamos danificar o lençol, sem dissolver). Depois, ambas as faces se recombinaem e alcançam o detector. Uma vez colocada a amostra, o detector mede o grau de desequilíbrio entre os dois raios. Basicamente, nosso aparelho se compunha dos seguintes elementos: uma fonte (para

o intervalo de comprimentos de onda de luz visível – 4.000 a 7.500 Å – utilizou-se uma lâmpada de tungstênio). Para as regiões de ultravioleta e infravermelho, a fonte de radiação foi uma lâmpada de hidrogênio e um Uerst, respectivamente. As moléculas de hidrogênio, eletricamente excitadas, emitem radiação ultravioleta. A de Nerst era uma barra de óxido de zircônio, óxido de cério e óxido de tório, que se aquece eletricamente a 1.000-1.800 graus, emitindo radiação infravermelha. Um monocromador que consiste em um filtro de luz que permite a passagem do comprimento de onda desejada e absorve a radiação restante, que perturbaria a análise. Uma célula de amostra (as células são produzidas in vitro para o espectro visível): em cloreto de sódio para o infravermelho e em quartzo para a região do ultravioleta. E um detector: uma fotocélula que transforma a energia radiante em elétrica. Esta fornece a leitura direta sobre um quadrante indicador ou sobre um gráfico. Tudo isso, naturalmente, conectado ao computador central. (N. do M.)

153 Na urina secretada diariamente por um adulto são, em condições normais (em uma quantidade que oscila entre os 1.300 a 1.600 cm³), de 1.000 partes se obtêm 960 de água e 40 de princípios sólidos: uréia, 23 partes; cloreto de sódio, 11 partes; ácido fosfórico, 2,3; ácido sulfúrico, 1,3; ácido úrico, 0,5, e o resto: ácido hipúrico, leucomáinas, urobilina e sais orgânicos. Pois bem, do nosso ponto de vista, a extrema acidez da urina de Jesus, muito acima da média normal, podia ser consequência do seguinte processo: na atividade muscular realizada em presença do oxigênio, ou sem ele, o glicogênio se desagrega na cadeia metabólica até formar ácido pirúvico. Este, captando um próton (H⁺), forma ATP (adenosina trifosfato) e ácido láctico. O ATP, como se sabe, fornece energia para a atividade. Melhor dizendo, é a única fonte de energia. Para cada duas unidades de ácido láctico se formam três de ATP, que são a fonte energética na ausência de oxigênio (metabolismo anaeróbico). Mas o ácido láctico não pode permanecer como ácido no sangue e, por isso, se une aos bicarbonatos: ácido láctico mais CO₃HNa = lactato sódico mais CO₃H⁻ (bicarbonato). O íon bicarbonato (CO₃H⁻) se une a um próton, produzindo anidrido carbônico e água. Surgindo assim no sangue uma grande acidose que obriga – para ser compensada – à eliminação de hidrônios pela urina, acidificando-a.

Contudo, em presença de oxigênio (metabolismo aeróbio), o ácido láctico entra no ciclo de Krebs, onde, na presença de O₂, produz CO₂ e H₂O, que são facilmente eliminados pelos pulmões e urina, respectivamente. Em presença de oxigênio, uma molécula de glicogênio produz 38 de ATP. (N. do M.)

154 A cromatografia, também em toxicologia médico-legal, é um método de grande eficácia. Graças a ela é possível separar substâncias orgânicas e inorgânicas, tanto em grandes quantidades quanto em proporções microscópicas. Em nosso caso, a análise foi qualitativa. A cromatografia pode ser definida como um método de análise, no qual um solvente ou um gás favorece a separação de substâncias por migração diferencial, a partir de uma estreita zona inicial em um meio poroso ou absorvente. As substâncias assim separadas podem identificar-se posteriormente por meios analíticos.

Entre as técnicas utilizadas em cromatografia, o Cavalo de Tróia escolheu a denominada “de gases”. Para executá-la, foi preciso um aparelho especial que consta de quatro elementos básicos: uma fonte de fornecimento da fase móvel gasosa, um bloco de injeção, uma coluna e um detector.

A fonte de fornecimento do gás portador consistiu em um cilindro de aço que o contém sob pressão. O gás utilizado foi o hidrogênio. O bloco de injeção foi um dispositivo para a vaporização das substâncias voláteis, assim como a introdução da amostra no aparelho. Quanto à coluna, era formada por um tubo de aço inoxidável preenchido com um sólido poroso e inerte, impregnado de um líquido de alto ponto de ebulição. O suporte sólido consistiu em terra diatomácea. Por último, o detector era um dispositivo automático que registrava a presença de componentes distintos. O nosso era do tipo de “densidade gasosa”, que mede a diferença entre a densidade do efluente gasoso e o de uma coluna de comparação, através da qual só passa nitrogênio. O detector se achava conectado a um registrador potenciômetro, que inscrevia automaticamente um cromatograma no qual, sobre uma linha de base, se elevam picos correspondentes aos componentes da amostra analisada. A altura do pico e sua área correspondem quantitativamente à concentração daqueles componentes. Nesse caso, como amostra, foram utilizados vários fios, o que em nada danificou a integridade geral do linho. (N. do M.)

- 155 Entre os tipos de pólen encontrados pelo Cavalo de Tróia, recordo-me dos seguintes: *Iris haynei*, que é encontrado no monte Gilboa, a oeste das hoje chamadas colinas de Golan, e no leste da região da Samaria; *Orchis sanctus*, de tardia floração e que, justamente, crescia naquela altura de abril; *Centaurea eryngioides*, da qual já fala o *Genesis* (3, 18) e que era muito abundante na Judéia e Samaria; *Iris bismarckiana*, muito freqüente nas montanhas que rodeiam Nazaré; *Amygdalus communis*, que anunciava a primavera e que também é citado na Bíblia (*Genesis*, 43, 11, e *Jeremias*, 1, 11); *Anthemis melanolepis* e *Acacia tortilis*, também das zonas desérticas do sul e do leste (naturalmente estes nomes científicos são relativamente modernos). (N. do M.)
- 156 Na noite de 23 de novembro de 1973, Max Frei, com ajuda do professor Guio, teve acesso ao Sudário de Turim, conseguindo 12 amostras do pó, sobre uma superfície de 240 mm². Valeu-se, para isso, de umas tiras suspensas especiais, sem tocar as áreas da imagem. Em sucessivos estudos conseguiu identificar quase meia centena de plantas, representadas por outros tantos tipos de pólen. Entre estes, destacavam-se 16, quase exclusivos das regiões desérticas e de alta concentração de salinidade do mar Morto (halófilos). Havia, certamente, outros espécimes das estepes da Anatólia, França e Itália. (N. do M.)
- 157 A denominada “cromatina de Barr”, ou cromatina sexual, é o cromossomo X inativo que aparece em forma condensada nos núcleos interfásicos. Esta cromatina sexual do cabelo já foi investigada por Schmid em 1967, Culbertson em 1969 e Egozcué, em 1971. (N. de J. J. Benítez.)
- 158 O Cavalo de Tróia utilizou também em suas indagações o chamado AAN (Análise por Ativação Neutrônica). Com o AAN consegue-se determinar com grande precisão quantidades que oscilam entre 10⁻⁶ e 10⁻⁹ g, na análise minuciosa dos elementos. Com uma só radiação neutrônica é possível também efetuar a “identidade” de 15 a 18 elementos presentes na amostra e aos níveis de 10⁻⁶ e 10⁻⁹. (Em nosso caso, foi suficiente a utilização de uns poucos milímetros quadrados da superfície sanguinolenta do lençol.) Nossa metodologia foi a seguinte: os elementos submetidos ao bombardeio neutrônico tornaram-se radiativos, de acordo com suas características nucleares, pela pressão de um nêutron, emitindo, em consequência, radiações α , β e γ . Por último, utilizamos as radiações gama, que possuem energia característica para cada elemento. A presença de um elemento, portanto, é detectada mediante as radiações gama. Quanto à quantidade, é fácil fixá-la através da medição da intensidade da radiação gama, comparada com a de um padrão. Nossa análise procurou especialmente os conteúdos de natureza mineral do sangue (macros e oligoelementos), de acordo com as tabelas científicas de Geigy. Conseguimos localizar: iodo, cloro, bromo, potássio, sódio, zinco, ferro, fósforo, cálcio, cobre, enxofre, estanho, flúor, silício, magnésio e chumbo. (A ordem foi especificada obedecendo o volume encontrado nas amostras.) As amostras foram submetidas a radiações neutrônicas com um microejetor alimentado por nossa pilha nuclear SNAP. O primeiro “bombardeio” foi de dois minutos com um fluxo equivalente a $4,5 \times 10^{12}$ nêutrons por cm² que permitiu a determinação de núcleos com semiperíodos de transformação compreendidos entre dezenas de segundos e centenas de minutos. Um segundo “bombardeio” de quase 120 minutos e um fluxo de 1×10^3 nêutrons por cm², localizou e transformou os núcleos de mais longo semiperíodo de transformação. Para a experiência de espectrometria gama utilizou-se um cristal semiconductor do tipo Ge/Li de 35 cc unido a um analisador-elaborador Laben 701. (N. do M.)
- 159 Outro dos inconvenientes que nos fez duvidar do processo de fibrinólise foi a dificuldade de considerar a liquefação da fibrina de uma forma geral e simultânea na totalidade das manchas do sudário. Os doutores Vignon e Barbet são partidários da formação desses decalques, única e exclusivamente, quando a fibrina está em meia dissolução. Nem antes nem depois. Tudo depende, portanto, do momento exato e, no caso que nos ocupa, duvidamos muito que se registrasse de forma generalizada e idêntica para cada filete por onde corre o líquido, coágulo etc., em ambas as faces do linho. Por demais forçado e improvável. (N. do M.)
- 160 Meu companheiro realizou dois tipos de provas preliminares: a já referida da benzidina e a mais confiável, à base de fenoltaleína. Com a primeira, a presença do pigmento sanguíneo apresentou num instante o clássico colorido azul intenso. Mas conhecendo a potencial natureza carcinogenética da benzidina, foi feita a prova da fenoltaleína, colocando o extrato da prova em um vidro com uma gota de

fenolftaleína (130 mg), de hidróxido de potássio (1,3 g) e água destilada (100 ml). Depois de fervida até o seu branqueamento, acrescentou-se 20 g de pó de zinco, ainda durante a ebulição, e algumas gotas de peróxido de hidrogênio (20 volumes). A cor rosa resultante indicou-nos, uma vez mais, a presença de sangue. É certo que poderíamos ter continuado com outras provas mais concludentes, mas para o Cavalo de Tróia era o suficiente. (N. do M.)

161 Uma das fibras extraídas do lençol foi mergulhada nos soros anti-A e anti-B. Depois de lavada a amostra, foi tratada com células de prova A, B e O, detectando assim, as aglutininas absorvidas. Uma vez secas as hemácias – processo que destrói a aglutinabilidade, ainda que não seu antígeno –, pudemos conseguir o mesmo fim, demonstrando a capacidade para absorver as aglutininas dos soros sotch e diminuir assim sua força anti-A e anti-B, da mesma maneira que com outros tipos de genes. (N. do M.)

162 No instante da investigação, e de acordo com as tabelas universalmente aceitas sobre a hereditariedade, só podíamos contemplar as seguintes possibilidades, sempre com base no grupo sangüíneo descoberto (AB): progenitores A x B = filhos A, B ou AB. Progenitores B x AB = filhos A, B ou AB. Por último, progenitores AB x AB = filhos A, B ou AB. Cabia, portanto, a probabilidade teórica de que Maria e José pudessem ter sido A, B ou AB, entre os cálculos normais. (N. do M.)

163 Em 1969, Zech demonstrou que a porção distal do cromossomo Y tem uma notável fluorescência depois de uma tintura com quinacrina. Mais tarde se observaria que há homens normais que não têm fluorescência. Repief encontraria uma incidência negativa em 1/458 dos recém-nascidos masculinos. Phillips comprovou 86% de leucócitos com corpos Y fluorescentes para o homem e 0,5% para a mulher. (N. do M.)

164 Eis aqui outro dado que coincide com o que foi averiguado até o momento na mortalha de Turim. Secondo Pia o descobriria em 1898. Nossas chapas apresentavam – nos filmes negativos – o “positivo” da imagem que tínhamos diante dos olhos, no linho. Ante nosso assombro, aquele “negativo” fotográfico – impensável no século I – reunia todas as características que hoje atribuímos a tais imagens: tanto a luz como a obscuridade e a posição “direita-esquerda” estavam invertidas. Além do mais, as “manchas” reagiram à radiação ultravioleta, em uma clara resposta fluorescente. O que podia ser tudo aquilo? Como em um pano de linho podiam ocorrer circunstâncias tão extraordinárias? A verdade é que só essa descoberta teria merecido toda nossa atenção... (N. do M.)

165 Como já havia apontado o dr. Vignon, no princípio do século XX, em relação ao Sudário de Turim, a intensidade da imagem ali plasmada varia inversamente com a distância pano-corpo. Em outras palavras, quanto mais perto estava o linho do corpo, mais escura era a “mancha”. Nossos instrumentos referendaram a afirmativa matematicamente. Isso significava que na imagem havia sido “escondida” uma informação sobre a distância em níveis de intensidade variáveis da imagem ao linho. Mas em pleno século I?

Ao converter as forças de intensidade das “manchas” a graus de relevo vertical, obtivemos, atônitos, a reconstrução matemática de uma figura em relevo. Que pudemos deduzir? Que, em primeiro lugar, a formação daquela “imagem” era uniforme e independente das qualidades superficiais do cadáver. Segundo, o lençol tinha de estar relativamente plano no instante da formação da imagem. Terceiro, que os processos dos quais resultou a mudança da intensidade das “manchas” atuaram uniformemente ou não atuaram. A tridimensionalidade tem de ser característica distintiva, já que não existe distorção quando a imagem é transformada em relevo vertical. E talvez uma das conclusões não menos importantes: essa imagem maravilhosa não pode ser fruto do contato, ou seja, da ação dos vapores amoniacais, ungüentos etc. Não fosse assim, a descoloração do lençol somente se haveria registrado nas áreas onde o sudário houvesse tocado o corpo. O contato direto haveria feito a imagem parecer plana na parte superior, com uma elevação vertical idêntica para todas as zonas de contato. Mas nada disso ocorria com o enigmático linho.

Mas havia muito mais. Como explicar que as impressões dorsal e frontal apresentassem o mesmo grau de intensidade? Por lógica, um cadáver com 80 decímetros cúbicos descansando sobre o linho subjacente deveria ter produzido uma “marca” ou “sinal” muito diferente da registrada no pano superior. No entanto, as imagens são idênticas em intensidade. Só cabia uma explicação: que o corpo, no momento da

formação da imagem, estivesse no ar, em plena levitação. Mas nos chocávamos novamente com uma “impossibilidade” científica: nenhum corpo – e muito menos o de uma pessoa morta – pode “elevator-se” por si mesmo... A não ser que... Mas não: era demasiado fantástico. Do que estamos convencidos, sim, é que, com o tempo, quando essa “informação” codificada na imagem possa ser estudada em profundidade, a Humanidade se surpreenderá ante novos e arrepiantes dados sobre o que hoje se entende – ou não se entende – como “ressurreição”. Será somente questão de esperar, ainda que eu saiba que não viverei para isso... (N. do M.)

166 Este aparelho preparado pela IBM pode cuidar de estruturas que têm apenas uma centésima parte do tamanho do átomo. Como é sabido, o microscópio óptico não está capacitado para a leitura de estruturas atômicas. (A média do comprimento de onda da luz visível é umas 2 mil vezes maior que o diâmetro típico de um átomo que é da ordem de 3 angströms. Uma dessas unidades de comprimento equivale a 1 décimo milésimo milionésimo de metro.) Quer dizer, tentar visualizar um átomo ou uma estrutura atômica com luz visível seria como pretender descobrir rachaduras da grossura de um cabelo humano em uma quadra de tênis, lançando bolas sobre sua superfície e observando sua deflexão. Não quero entrar em detalhes técnicos da estrutura de um microscópio de “efeito túnel”, mas falarei sobre algumas de suas importantes características, que tornaram possível nossa “descoberta”.

A principal diferença entre esse e os demais microscópios está em que ele não utiliza partículas livres. Portanto, não necessita lentes nem fontes especiais de elétrons ou fótons. Sua única fonte de radiação são os elétrons ligados que já existem na amostra submetida à investigação. Para compreender melhor este princípio, imaginemos que os elétrons ligados à superfície da amostra sejam semelhantes à água de um lago. Tal como parte da água se infiltra no terreno, formando correntes subterrâneas, alguns elétrons da superfície da amostra “fogem” desta, originando uma nuvem de elétrons ao redor da amostra.

De acordo com a física clássica – e continuo baseando-me nos escritos de Binning e Rohrer –, esta “nuvem” não poderia existir porque a reflexão nos limites das superfícies confina as partículas dentro delas. Todavia, não se passa assim na mecânica quântica, onde cada elétron se comporta como uma onda: sua posição não é bem definida. Parece como se “se esfumasse”. Isso explica a existência de elétrons mais além da superfície da matéria. A probabilidade de encontrar um elétron cai rapidamente – de forma exponencial – com a distância da superfície. Este efeito é conhecido como “efeito túnel”, já que os elétrons parecem estar “cavando” túneis além de sua clássica fronteira. (N. do M.)

167 “Nosso” microscópio de “efeito túnel”, em lugar dos dois eletrodos que habitualmente possuem esses aparelhos, fora retificado da seguinte forma: O Cavalo de Tróia substituiu um dos eletrodos pela amostra a ser investigada (o sudário) e o segundo, por uma ponta afilada como uma agulha. Por último, trocou-se o revestimento isolante rígido por outro, não rígido. Neste caso, o vácuo. Desse modo foi possível circular a ponta sobre os contornos da superfície da amostra. (N. do M.)

De 11 de abril, terça-feira, a 14 de abril, sexta

Daqueles dias – de terça a sexta – guardo uma lembrança doce e serena. Em nossas fatigantes aventuras, tanto nas que eu havia vivido até esse momento, como nas que nos reservava o destino, a Eliseu e a mim, os dias transcorridos na aldeia de Betânia foram os únicos de certo modo repousantes. E fizemos bem em desfrutar deles e em repor as forças. O que nos esperava a partir de segunda-feira, 17 de abril, seria tão esgotante quanto imprevisto. Mas vamos por partes, segundo meu costume.

Ajustando-nos ao estabelecido no plano do Cavalo de Tróia, assim que clareou aquela manhã de terça-feira, 11 de abril, pus-me a caminho. As quatro ou cinco horas de sono não haviam sido suficientes, mas dei-me por satisfeito com o desjejum “à americana” que, solícito como uma mãe, meu irmão me preparou. O café e as batatas – desconhecidos à época em Israel – foram uma bênção. Então, com os panos mortuários prudentemente ocultos sob minha túnica, encaminhei-me para a quebrada onde haviam sido atirados pelo servo do Sinédrio.

As condições meteorológicas não variaram naquelas horas. O vento de rajadas do leste continuava soprando pertinaz, dobrando as colunas de fumaça dos animais sacrificados no Templo, escurecendo a cidade e empestando-a com um desagradável cheiro de carne queimada.

Nessa ocasião – em plena luz do dia – a descida pelo sopé ocidental do monte das Oliveiras e o cruzamento do desfiladeiro do Cedron não se revestiram do perigo de minha primeira incursão na madrugada de domingo. Contornei a cidade pela muralha norte e, quando me encontrava relativamente próximo ao pequeno bosque de alfarrobeiras – cujas flores de um vermelho vivo me serviram de guia e referência –, experimentei uma típica sensação. Voltei-me, mas nada vi de suspeito. Dei de ombros e retomei a marcha. Mas o estranho desassossego não desapareceu. Era como se alguém me seguisse. Temeroso de que pudesse tratar-se de algum esbirro do Sinédrio ou mesmo de um “agente” do procurador, cheguei a ocultar-me entre as ramagens disposto a tirar as dúvidas. Não consegui: “talvez me esteja tornando excessivamente receoso”, tranqüilizei-me. Dias depois, comprovaríamos que a perseguição havia sido real, o que nos forçou a antecipar a decolagem do “berço” rumo à alta Galiléia.

“Além do mais” – continuei com minhas racionalizações, enquanto deslizava sigilosamente para o fundo da escarpa –, “que interesse poderia ter para Pôncio ou para Caifás e sua gente seguir um ‘inocente e infeliz’ comerciante grego?”

O incidente desapareceu logo de minha memória. Coloquei os panos no lugar onde os havia encontrado, com o cuidado de envolvê-los em forma de fardo, tal como haviam sido dispostos pelo servo do sumo sacerdote. Tudo devia guardar uma aparência de normalidade, como se ninguém os houvesse tocado desde aquela manhã de domingo. Assim o exigia nosso código.

Antes de retirar-me, e enquanto contemplava a mortalha, não pude evitar uns tentadores pensamentos que, suponho, não haveriam agradado a Curtiss. Era uma lástima que aquele “tesouro” – carregado da evidência física e constatável de “um mais além” – pudesse perder-se ou destruir-se. Ergui os olhos para o límpido céu azul, vendo com inquietude o vôo circular de algumas aves carniceiras. Talvez corvídeos. Era provável que descobrissem a trouxa de panos, atraídos pelo nítido odor de ácido sulfídrico, outro dos sinais da decomposição cadavérica do corpo do Senhor. Nessa lamentável suposição, a valiosa relíquia poderia ficar seriamente danificada.

“E se eu ignorasse as normas do Cavalo de Tróia? Que poderia ocorrer se, em lugar de deixá-los ali, os entregasse aos íntimos do rabi?”

Acocorei-me diante da mortalha e por vários minutos, enquanto a acariciava, lutei comigo mesmo. No fundo era muito simples. Bastava passar pela casa de Marcos ou de José de Arimatéia e colocá-la em mãos de qualquer um dos dois. “E mais” – continuei pensando, dominado por um crescente entusiasmo –, “este seria um esplêndido presente para a família do Ressuscitado...”

Meu objetivo seguinte, como já disse, era Betânia. A fazenda de Lázaro. Por que não aproveitar semelhante oportunidade para evitar o risco de que o sudário se perdesse?

Tornei a apanhar os panos, mas, no último momento, meu senso de responsabilidade impôs-se. Ainda ao risco de que chegassem a perder-se para sempre, eu não tinha direito de interferir na flecha da História. E, com grande pesar, recoloquei-os entre a ramagem, procurando, isso sim, que o forte vento não os arrastasse. Dispus algumas grandes pedras ao seu redor, camuflando-os sob uma planta de cheiro tão nauseabundo que eclipsou por completo o dos panos.

E com o Sol em ascensão sobre os cerros de Moab, desfiz o caminho retomando ao cume do monte das Oliveiras. Minha passagem ao sul da clareira onde se assentava a nave foi aproveitada por meu companheiro de aventuras e

desventuras para recordar-me que dedicaria aquele e os dias seguintes a um maior aproveitamento dos dados recolhidos nas investigações sobre o lençol. Pediu-me ainda que não me esquecesse da data de minha volta ao módulo, prevista para sexta, 14. Os preparativos para a última etapa da exploração eram sumamente complexos.

Ao encerrar a conexão, Eliseu anunciou-me:

– Papai Noel e eu descobrimos outra assombrosa coincidência ou “casualidade” (como você chama estes assuntos), em relação ao “9”...

Eliseu conhecia minha ardente curiosidade e, divertido, me deixou com água na boca. Não consentiu em adiantar-me nada do que havia sido encontrado por ele e pelo computador central. (Depois me confessaria que a descoberta havia sido coisa do Papai Noel, única e exclusivamente.) O agudo estado de expectativa em que Eliseu me deixou despertou minhas lembranças sobre o curioso assunto do “9” e a vida de Jesus de Nazaré, e tais pensamentos e lucubrações encurtaram minha descida pela rampa oriental.

Não podia compreender o porquê daquela coincidência. Ou não era tal? Um “9” marcava o nascimento do rabi. Outro “9”, sua própria existência e, no momento, um terceiro “9”, sua morte, ressurreição e ascensão ou desapareção da Terra: “999”. Lastimei não ser um *expert* em Cabala ou em numerologia para decifrar aquele enigma!

Só o que então sabia era que o “999” era uma cifra oposta ou contrária ao apocalíptico “666” de São João, que era múltiplo de “3” – outro esotérico símbolo da Trindade – e que, segundo meus parcos conhecimentos, o “9” tem sido considerado pelos iniciados como o número da Humanidade ou do Homem. Seria certo o que reza o velho provérbio: “Que Deus goza do número ímpar e que todo trino é perfeito”?

Mas a súbita aparição da alvíssima aldeia de Betânia devolveu-me à realidade. E, do mesmo modo que meus passos, também meu coração viu-se alegremente acelerado. Nem Marta nem Maria sabiam do meu regresso e isso tornava mais excitante a fase seguinte da minha “observação”.

Minha volta foi acolhida com surpresa. Em minha despedida, havia tentado explicar minha saída de cena informando a Marta, a “senhora”, que eu devia empreender uma viagem inevitável. E assim ocorreria, de fato. Mas, ante a impossibilidade de explicar a natureza de semelhante “viagem”, ao voltar a ver as irmãs, tive de desculpar-me, alegando uma repentina mudança de planos. Minha explicação foi perfeitamente compreendida e elogiada pela nova “chefe” da família (Lázaro, como já referi, havia sido obrigado a fugir precipitadamente para o leste – para Filadélfia –, por causa das ameaças de morte de Caifás). A desculpa foi a prisão e execução do Mestre.

Marta e Maria – especialmente a primeira – passaram da surpresa a um vivo contentamento. Seus corações, sobretudo devido aos fatos ocorridos na fazenda na manhã de domingo, estavam transbordantes de esperança. Davi Zebedeu também se congratulou pela minha chegada, interrogando-me sobre os últimos acontecimentos. Certamente, todos ali achavam-se a par das aparições de Jesus nas casas de José de Arimatéia, de Flávio e da família Marcos e ainda da registrada no caminho entre Jerusalém e Emaús. A feliz circunstância de me encontrar presente na última das manifestações do rabi foi de grande ajuda para mim. Ao longo dos dias que se seguiram a meu retorno à fazenda de Lázaro – cumprindo o plano do Cavalo de Tróia – deveria iniciar intensa investigação em torno da juventude e dos não menos obscuros anos que precederam a “vida pública” do Filho do Homem. O providencial fato de contar na casa com Maria, a mãe de Jesus, e com vários dos irmãos carnis do rabi, era algo que não podia desperdiçar. Aquelas pesquisas e indagações, por outro lado, teriam um decisivo resultado – como se verá – para a última fase do nosso trabalho na Galiléia. Meu tenaz acompanhamento do Nazareno em suas últimas horas foi tomado pela família, pelos amigos de Cristo, como uma “definitiva prova de meu amor e cuidado pelo condenado”. E seus corações, agradecidos de certo modo, abriram-se de par em par para as minhas muitas e, em certas ocasiões, “delicadas perguntas”. Tiago, sobretudo, que idolatrava seu irmão maior, e com o qual havia partilhado penas e alegrias, constituiu uma fonte de informação que jamais poderei avaliar. Mas tentarei não perder o fio da cronologia...

Para dizer a verdade, quando pus os pés na casa de Lázaro, as opiniões sobre a volta à vida do Galileu não eram de todo uniformes. Explico-me. Na casa, junto às donas, alojavam-se Davi Zebedeu e Salomé, sua mãe, Maria e seu segundo filho, Tiago, já citados, e outros quatro irmãos do rabi: José, Simão, Jude ou Judas, e a mais nova, Rute.

Por antigas e complexas razões que explicarei no momento oportuno, parte da família terrena de Jesus não compartilhava suas idéias e ensinamentos. Daí que, ao ser desonrado publicamente, as velhas restrições às “ânsias de grandeza” do Primogênito de Maria se houvessem exacerbado, ocasionando choques entre os membros da família. Uma situação, afinal, tão habitual quanto humana entre os homens.

A segunda das aparições do Ressuscitado em Betânia – à quase totalidade dos ocupantes da casa naquele momento – havia retificado as posturas em não pouca medida. Mas, ainda assim, as dúvidas continuavam pairando no espírito de vários dos irmãos de Jesus. Não negavam a realidade da estranha “presença”, mas, possuídos das ancestrais crenças judaicas sobre a morte, diziam que talvez o que haviam visto fosse uma *refa*: uma espécie de “sombra” que, de acordo com

essas idéias, era só o que subsistia após o falecimento, e a qual até se podia invocar, tal qual relata o Livro I de Samuel (XXVIII). (Este texto conta como, a pedido do rei Saul, a bruxa Endor conseguiu fazer visível a sombra de Samuel.) Para os hebreus daquele tempo, as *refaim* ou “sombras” dos mortos “viviam” no *seol* ou “região das trevas e das sombras da morte”, como cita Jó.

No Antigo Testamento – como é o caso de *Job* XIV, 13 –, faz-se uma alusão direta ao *seol* especificando que “está tão distante da terra dos homens que nem sequer a cólera de Yavé pode alcançá-los”.¹⁶⁸ A morte – isso é importante para entender a postura daqueles homens – era o fim. Com ela tudo se acabava. Isso se repete mais de cem vezes nos livros sagrados do Antigo Testamento. Quando o “anjo da morte” citado no Talmud “depositava a gota de bile amarga” – primeiro sinal, sem dúvida, da putrefação – “entre os lábios do defunto, arrebatava-lhe a alma, desaparecendo”. Era o último sinal: a *ruach* ou “alma” ou “sopro da vida” ascendia – como cita o *Eclesiastes* (III) – para os céus. E a respiração cessava. A partir da presença do “anjo da morte”, o corpo ou *bachar* começava a sua decomposição, voltando ao pó.

Ainda que possa parecer incrível, as crenças dos hebreus sobre a morte – tão ricas em outros aspectos materiais e espirituais – eram pobres. Quase asfixiantes para um espírito medianamente sensível. Quanto à ressurreição, a Lei não se pronunciava com clareza. Deixava livre escolha a cada seita. Cada qual podia crer ou não nela. Assim, por exemplo, a casta dos saduceus negava-se categoricamente a aceitar a ressurreição dos corpos. “Não está no *Pentateuco*”, esgrimiam-se em suas acres e seguidas polêmicas com seus diretos refutadores: os fariseus. E os samaritanos apoiavam esse argumento. Quanto ao povo simples, como sempre, preferia consolar-se com a poética possibilidade de um “além” mais complacente do que sua dura existência. Alguns mestres ou rabis se haviam preocupado em pregar essa esperança. Gamaliel, entre outros, forjou sua crença na ressurreição e no “prêmio” ou “castigo” divinos com base em citações isoladas dos profetas (*Isaías* XXVI, 19, ou *Ezequiel* XXXVIII), do *Deuteronômio* (XXXI, 16) ou em aforismos, como aquele que diz: “E, depois que minha pele se desprender de minha carne, em minha carne contemplarei a Deus” (*Job* XIX, 26).

Esta confusão, em suma, não contribuiu precisamente para assentar as coisas. O ceticismo de alguns membros da família de Nazaré – tal como havia acontecido aos discípulos – era tão pétreo em relação à ressurreição de Jesus que até chegaram, durante o sábado, a discutir a necessidade de “honrar a memória do Crucificado com um mínimo de decência e dignidade”. Falou-se da celebração do primeiro dia da semana (o domingo) do chamado “pão de luto”,¹⁶⁹ citado por Oséias (IX, 4) e Ezequiel (XXIV, 17) e que vinha a ser uma comida

fúnebre com que a família do morto obsequiava parentes e amigos. Maria, mãe de Jesus, manteve-se à margem. Não só porque em desacordo (ela acreditava na ressurreição), mas também pelo fato de que, como mulher, não tomava parte em semelhantes decisões.

A princípio, devido à heterodoxia e precipitação que cercaram o sepultamento do Mestre, os mais rigorosos no cumprimento da Lei ficaram em dúvida sobre se deviam deixar crescer a barba e os cabelos desordenadamente, rasgar as vestes e atirar cinzas sobre suas cabeças, como prescreve o Talmud para assuntos de morte. Finalmente levaram-no à prática. E as polêmicas foram tão ácidas quanto intermináveis. Era lógico. Marta, sua irmã Maria, a mãe de Jesus, Salomé e seu filho Davi acreditavam que o rabi havia regressado do mundo dos mortos. Por que submeter-se, então, às formalidades do luto oficial? De um ângulo estritamente exegético – admitindo por um momento a realidade de uma ressurreição –, os judeus achavam-se perdidos. Deviam officiar os rituais funerários para uma pessoa ressuscitada?

O mais provável é que, se não se houvessem produzido as aparições em Betânia – a segunda especialmente –, os cétricos (para chamá-los de uma forma caritativa) teriam continuado com os preceitos marcados pela Lei para tais casos. Quer dizer, um luto de trinta dias, dos quais os três primeiros eram defesos ao trabalho, não devendo responder sequer às saudações. Tampouco podiam banhar-se nem barbear-se nem trazer os filactérios para a oração. E, se fossem rigorosos no cumprimento de tais normas, vestiriam roupas velhas e sujas. (Havia casos de viúvas fiéis que, no momento da morte do esposo, vestiam um *saq* ou tanga de pêlo de camelo em sinal de penitência e com ele viviam o resto de seus dias.)

Graças a Deus, o Mestre ressuscitou... Mas, como vemos, ainda depois de morto foi motivo de escândalo e controvérsia. E, o que era mais doloroso e incompreensível: no seio de sua própria família. Ao receber uma completa informação sobre esses fatos não pude evitar um sentimento de censura para com os evangelistas, pelo muito que omitiram para fiéis e não fiéis... Meu coração, todavia, recuperou o ânimo ao ouvir os relatos das aparições dos lábios das mesmíssimas testemunhas.

Nessa manhã, a meu pedido, Tiago conduziu-me ao lugar onde assegurava haver visto seu irmão ressuscitado. Dirigimo-nos à parte posterior da casa, ao frondoso horto de uns 400 metros de fundo e, ao chegarmos diante do penhasco no qual se encontrava o panteão familiar, o galileu indicou o ponto exato onde, segundo ele, se havia “formado” a figura de Jesus...

Deixei-o falar à vontade:

– Seria a hora sexta (meio-dia). Todos estávamos muito nervosos ante as notícias da possível ressurreição de meu irmão. Os rumores circulavam sem cessar. Eu, na verdade, tinha minhas dúvidas. Fui testemunha de muitos de seus prodígios e sinais e aceitava seus ensinamentos. Mas daí a considerá-lo o Messias e crer em sua volta à vida...

Olhou-me buscando minha compreensão.

– Suponho que era lógico – prosseguiu, dirigindo seus olhos castanhos para a lápide que cerrava o sepulcro. – Agora sei que estava equivocado.

– Que aconteceu? – perguntei-lhe ao notar que estava a ponto de cair no mutismo.

– Sim, claro... A aparição – afirmou voltando a si. – Na verdade, quando os ânimos começaram a exaltar-se, decidi sair da casa. E vim para cá. Nem sei por quê... Nesse momento, enquanto meditava sobre essas coisas, aproximou-se Maria Madalena. Eu o soube depois. E, com não menos excitação, começou a relatar a Marta, a sua irmã e a toda minha família o que havia vivido e presenciado na propriedade de José. Pelo visto, concluído o relato de Madalena, alguns de meus irmãos saíram em minha busca. Judas chegou mesmo a ir até Betfagé... Mas a ninguém ocorreu procurar nesta parte do jardim. E foi então que aconteceu...

Aquele homem maduro e reto – no dia 2 deste mesmo mês de abril havia completado 32 anos – estremeceu. Não obstante a sua corpulência, quase tão notável quanto a de Jesus, percebi que fazia esforços para conter o pranto.

– ... Foi como uma sensação – e tremeu cruzando os braços sobre o peito. – É tão difícil de explicar! Tu me compreendes, não é verdade?

Respondi que sim. Tirei meu manto e o cobri com ele. O *cadim*, impiedoso, aumentava de intensidade, agitando as árvores com suas rajadas sibilantes e frias. Sugeri-lhe entrarmos, mas ele se negou.

– ... Foi como se alguém tocasse em meu ombro.

Voltou a ser acometido de intensos tremores. Mas eu não soube a que atribuí-los. Seria o tempo desagradável? Ou as emocionantes recordações?

Voltei-me e o vi...

– Viste o quê?

– Recordo-me de uma nuvem. Ou talvez fumaça... não sei. Era uma “massa” brumosa que, partindo da cabeça, foi modelando uma figura. Espantado, não tive forças nem para fugir. E a nuvem, pouco a pouco, converteu-se em um homem.

O nervosismo começou a travar-lhe a língua. Tentei ajudá-lo.

– Estás certo de que se tratava de fumaça?

Os finos lábios de Tiago abriram-se. Mas não conseguiu responder. Apenas

concordou sem palavras e, depois de encher os pulmões com o vento leste, tartamudeou.

– Fu-ma-ça... sim.

Imóveis, diante da lápide da gruta funerária, guardamos silêncio. Tiago tentou ordenar seus negros, lisos e longos cabelos, nos quais já surgiam abundantes fios grisalhos, e, dominando-se, continuou:

– A forma, então, me falou. E disse: “Tiago, chamo-te para o serviço do reino. Une-te seriamente a teus irmãos e segue-me”.

– Reconheceste-o?

Moveu a cabeça negativamente. E eu não quis apossá-lo com novas perguntas.

– Mentiria se dissesse que sim. Era impossível. “Aquilo” nada tinha que ver com o Jesus que conheci em vida. Era outra coisa. Uma fumaça? Uma nuvem?... Só a voz...

Pensei adivinhar o que estava a ponto de ouvir dele.

– Ao ouvir meu nome, “Tiago”, então soube que era Ele.

A “voz”. Era muito significativo que as presumidas testemunhas das aparições coincidissem nisso. Quando se deu aquela terceira “presença”, Tiago não podia conhecer o sutil detalhe. Madalena chegara à fazenda quando o irmão de Jesus havia saído para o jardim. Todavia, coincidia com ela, com as demais mulheres, com os pastores de Emaús, com Pedro, com os discípulos e comigo mesmo. Demasiada coincidência para suspeitar de uma maquinação...

– Era sua voz, Jasão! A de sempre!

– E que fizeste?

– Aturdido e morto de medo só pensei em prostrar-me a seus pés.

E apontou-me o trecho de chão sobre o qual havia aparecido o Ser de névoa.

– Meu Pai e meu Irmão! Foi só o que consegui dizer. Mas, quando me dispunha a atirar-me ao solo, Jesus pediu-me que ficasse em pé.

Dessa vez, as lágrimas – incontidas – bloquearam sua voz. Foi ocultar seu rosto contra a pedra do sepulcro e soluçou e se desafogou como uma criança. A profunda emoção daquele galileu – mescla talvez de alegria, perturbação e remorso por suas antigas dúvidas – acabou por contagiar-me, enchendo-me a alma de uma terna compaixão.

– Então passeamos – acrescentou, uma vez recomposto.

– Para onde?

– Não me lembro com exatidão. Talvez para a casa.

Dentre as nove “presenças” que eu já havia contado na jornada do domingo, três apresentavam aquela variante: o passeio junto com a testemunha. (Primeiro,

Tiago pelo jardim de Lázaro. Depois os pastores, durante mais de 5 quilômetros, e, finalmente, Simão Pedro, no pátio dos Marcos.) Muito interessante... sob vários aspectos.

– Falamos por alguns momentos das coisas que haviam ocorrido e das que...

Tiago interrompeu-se. Olhou-me de soslaio e, dando um salto no fio da narração, continuou:

– ... têm de suceder.

Estava claro que acabava de ocultar “algo”. Pressionei-o, mas foi inútil. Só o que consegui arrancar-lhe foi que o Mestre lhe havia falado sobre certos “fatos” que deveriam ocorrer no futuro e dos quais não devia falar... no momento. Resignei-me, em parte. A que acontecimentos podia estar-se referindo o “Ser de névoa”? À própria morte de Tiago, acontecida catorze anos mais tarde (no ano 44 de nossa Era)? Talvez à necessidade de que seu irmão de sangue escrevesse seu próprio testemunho? (Anos mais tarde, apareceria um Evangelho que a Igreja Católica classificaria entre os “Apócrifos” e que é conhecido como o *Protoevangelho de Tiago*.¹⁷⁰ Teria predito os acontecimentos que deveriam ocorrer na Galiléia? Ou falado de seu ministério ativo como embaixador do reino e do qual quase não há registro nos textos canônicos?

– ... Após um momento – retomou Tiago a narração – despediu-se, dizendo: “Adeus, Tiago, até que vos saúde a todos juntos”. E já não o vi.

Havia dois pontos que me interessavam: quanto tempo teriam caminhado? E como desapareceu?

À primeira pergunta, Tiago respondeu com precisão:

– O que se consome em um tranqüilo passeio de 1 estádio e meio aproximadamente.

Os judeus lançavam mão dessas comparações. Deduzi que haviam caminhado cerca de 280 metros, vale dizer, entre três e quatro minutos.

A outra questão foi mais complexa.

– De súbito deixei de vê-Lo.

Mais que isso não consegui obter dele.

– ... E corri para casa, gritando: “Acabo de ver Jesus! Falei com Ele! Conversamos! Não morreu! Ressuscitou!”. Jude, meu outro irmão, que voltava de Betfagé, acreditou em minhas palavras.

– E os demais?

Deu de ombros.

– A princípio duvidaram. Eu também o havia feito. Agora, como tu próprio o notaste, estão convencidos.

Abaixei-me e examinei a grama. Naquele ponto, segundo Tiago, havia

pisado o Ressuscitado. Dali lhe falara. Mas não encontrei sinal algum que revelasse que a erva, por exemplo, de um palmo de altura, houvesse suportado um peso de 80 quilos. Estava ereta e brilhante.

Era preciso dar desconto. Não se estando diante de conceitos comuns e correntes, tudo era possível. Até mesmo que o “Ser de névoa” não tivesse peso...

“Todavia” – pensei –, “deveria ter quebrado os talos tenros...”

– Estás certo de que foi aqui?

O homem escutou-me sem compreender. Desviou o olhar para a penha do sepulcro e, como se buscasse referências, colocou-se no lugar onde se encontrava naquele preciso instante. Por fim, afirmou categoricamente:

– Estou certo!

Era surpreendente. Os pontos por onde havíamos caminhado apresentavam a grama logicamente calcada. A espessa cobertura vegetal do horto – pisada ou ereta – mostrava, manifestamente, nossos trajetos. No círculo “ocupado” pelo Mestre, ao invés, não descobri uma só folha amassada.

De súbito, ao ver a espada de ferro, sem bainha, que Tiago trazia sob o cinto, lembrei-me do estranho acontecimento na casa dos Marcos. Minha pergunta deixou-o embaraçado. Olhar perdido, como se reconstruísse a cena, e acariciando a grisalha barba, facultou-me um dado importante:

– Agora que o dizes... de fato senti algo estranho no ventre. Era como se me puxassem para Ele.

Era suficiente. O singular fenômeno de atração dos objetos de ferro parecia repetir-se. E o tive muito presente, sobretudo na hora do manejo da “vara de Moisés”.

No trajeto para casa, Tiago fez um comentário que depois, ao conversar com Davi Zebedeu, seria plenamente ratificado.

– Até esse momento – disse com satisfação – Jesus havia sido visto por mulheres nervosas e pouco confiáveis. Mas, como sentenciou Davi, agora era diferente: “Também foi visto por um homem valente”.

Compreendi o orgulho do irmão do Nazareno. Realmente era certo: Tiago era um indivíduo valente. Estava justificada sua depreciativa atitude para com as mulheres. Mesmo porque essa era a triste realidade judia de então, como observei em páginas anteriores: elas não contavam para quase nada...

Enquanto nos reuníamos com o resto da família, dispus-me a ouvir a segunda das aparições, censurando-me por não haver dado maior credibilidade aos escritos de Paulo. O Cavalo de Tróia, ao estudar o conjunto das aparições de Cristo, fixou-se também na citações do apóstolo de Tarso (I *Coríntios*, XV, 5-9). Ali está dito que Jesus mostrou-se a Tiago. Mas a ordem em que apresenta as aparições – primeiro a Cefás, depois aos doze e a mais de quinhentos irmãos e,

por último, a Tiago – não nos pareceu correta, desprezando aquelas “pistas”.

Enfim, já não havia arranjo. De qualquer forma, agora que o menciono, os cristãos parecem não haver dado conta de outro curioso detalhe. Paulo cita a aparição a Tiago – supõe-se que seja o irmão de Jesus –, mas não os evangelistas “oficiais”. Por quê? Será que não a consideraram importante? Ou será que haveria algo oculto e uma censura ao irmão do rabi, talvez por não haver revelado a misteriosa mensagem do Ressuscitado?

É claro que, depois do que eu havia visto e ouvido, já não podia estranhar esse novo “silêncio” nos Evangelhos Canônicos. Coisas mais importantes me reservava o destino e que também não foram registradas...

Na hora do almoço, em companhia de Tiago, acomodei-me em torno da espaçosa mesa que ocupava o centro da grande sala retangular em que eu já estivera em outras oportunidades. Em um dos cantos, como sempre, queimavam alguns troncos. As mulheres foram servindo o primeiro prato: uma espécie de sêmola ou purê quente, à base de grossos grãos de trigo moído. (Lembrou-me, de certo modo, não pelo sabor, a polenta dos italianos.) E quando todas as vinte e tantas pessoas já tínhamos diante de nós o primeiro prato, Tiago, o mais velho entre os homens, pôs-se em pé. Todos o imitamos, e com palavras simples ele agradeceu os alimentos que nos dispúnhamos a comer:

– Senhor, provei-nos do necessário.

Sentamo-nos em alvoroço, e o tumultuado sorver da “sopa” e as piadas foram uníssonos. Notei a falta de Marta. Mas em poucos minutos ela se apresentou com uma cesta de vime cuidadosamente coberta por um pano. Olhamo-nos enquanto ela se sentava e a “senhora” baixou os olhos, ruborizando-se. Naquele momento – estúpido! – não percebi nem a razão de sua perturbação nem da mudança em suas vestes e penteado. A tosca túnica marrom que vestia quando me recebeu de manhã havia desaparecido. Em seu lugar vestia um belo *chaluk* ou túnica de seda bordada, de um verde-oliva deliciosamente brilhante. Naquele tempo a seda era muito pouco utilizada. Chegava com as remotas caravanas do oriente e a alto preço. Seus ombros estavam cobertos com uma espécie de xale de lã branca, atado com cordéis da mesma cor.

Também seus cabelos haviam mudado. O lenço escuro que tinha na cabeça no momento da minha chegada foi suspeitamente desprezado. E a “senhora” apresentou-se com um novo penteado: divididos ao meio, seus negros cabelos caíam sobre o peito, dobrando-se nas pontas para fora, com dois bem cuidados cachos. Seu largo rosto ficava assim bem marcado e “estilizado”. Uma quase imperceptível sombra de malaquita nas pálpebras completava sua maquilagem e dava maior profundidade a seus olhos de azeviche. Estava realmente formosa.

Certamente, a súbita e aparentemente inexplicável “transfiguração” de

Marta não passou inadvertida às mulheres, que não cessaram seus cochichos e pícaras insinuações. Eu, insisto, fui o último a inteirar-me.

Por uns momentos, enquanto me explicavam os pormenores da segunda aparição, o almoço transcorreu em respeitoso silêncio.

Embora se apresentassem vários candidatos, eu, intencionalmente, pedi que Davi Zebedeu coordenasse o fio da narração. O irmão dos “filhos do trovão” acedeu com satisfação. E com a sinceridade muito sua resumiu assim o acontecido:

– Ocorreu logo que chegamos aqui. Como recordarás, depois de despedir os mensageiros com a notícia da ressurreição do Mestre, passei pela mansão de José para apanhar minha mãe e com ela vim para Betânia. Não passaria muito da hora nona (3 da tarde), quando aqui mesmo, como agora, nos encontrávamos rememorando os acontecimentos que todos conheceis. De repente, alguém gritou...

Os comensais, apesar de já terem ouvido a narração mais de uma vez, detiveram no ar as colheres de madeira. Fez-se um silêncio espesso e eloquente.

– ... A porta, essa que aí vês, estava aberta, como neste momento, e, diante dos gritos, os olhares se dirigiram para onde apontavam os dedos. Era um homem. Olhava-nos de fora da sala. Talvez a um passo do lintel. Sua figura alta e atlética recortava-se contra a claridade do pátio...

– Um momento – cortei –, estás certo de que se encontrava fora da sala?

O Zebedeu moveu a cabeça afirmativamente.

– Nem dentro nem embaixo do marco da porta. Fora! E todos pudemos ouvi-lo. Ergueu o braço esquerdo e saudou-nos: “A paz seja convosco”. Ficamos mudos. E ele continuou: “Saudações para aqueles que estiveram junto a mim na carne e na comunhão de meus irmãos e irmãs no reino dos céus. Como pudestes duvidar? Por que haveis esperado tanto para seguir de todo coração a Luz da Verdade? Entrai na comunhão do Espírito da Verdade no reino do Pai”.

Davi guardou silêncio.

– Isso foi tudo?

Minha pergunta não agradou. Mas o Zebedeu, compreensivo, concluiu:

– Quando nos refazíamos do susto, alguns se levantaram e correram para abraçá-lo. Mas ele esfumou-se.

Serviram o segundo prato: ovos cozidos com uma apetitosa guarnição de favas cruas, muito tenras, e uns bulbos de raízes do gênero das estáquidas.

O almoço animou-se de novo e, entre um e outro bocado, fui discutindo com Davi e os demais dezenove presentes vários dos detalhes que me interessavam.

– Então se dizeis que alguns dos presentes levantaram-se e tentaram abraçá-

Lo é porque era de carne e osso... O Zebedeu, sagaz, me recordou que ele não havia dito semelhante coisa. E acrescentou:

– ... Era um homem. Suas roupas eram como as nossas. Mas quem pode sustentar, com segurança, que tinha sangue e ossos como nós?

Tiago devia ter lido meu pensamento. E, intervindo na discussão, esclareceu:

– Como sabes eu também estava presente e posso garantir que aquele corpo não era como a fumaça ou a nuvem que te descrevi...

– Distinguia-se o pátio através do corpo?

Os comensais entreolharam-se. E todos concordaram que não.

– Alguém O viu formar-se a pouco e pouco como sucedeu a Tiago?

As respostas foram de novo negativas. Quando a viram, a figura já se achava completa “como a de um ser humano”, enfatizaram.

– Naturalmente – observei com segunda intenção – vós também não O reconhecesteis...

A princípio, Davi e os outros me olharam atônitos. Em seguida romperam a rir.

Interroguei o Zebedeu com o olhar. Que havia de engraçado nisso?

– Querido Jasão – explicou-me Davi em tom benevolente –, crês que somos cegos?

– Como? – repliquei admirado. – Então...

– Certamente que O reconhecemos. Era Ele.

Não insisti. Davi Zebedeu era excelente observador e pouco dado a visões ou fantasias. Além do mais, havia outras dezenove testemunhas.

Continuei comendo em silêncio, um pouco envergonhado de minhas perguntas aparentemente infantis. Tudo aquilo era confuso para mim. Por que nas primeiras aparições, às mulheres e a Tiago, e nas últimas daquele domingo, incluída a que eu vi, o “corpo” do Ressuscitado não havia apresentado o aspecto e a morfologia de um humano normal? Parecia estéril continuar na busca de uma explicação racional. Na melhor das hipóteses, talvez encontrássemos as respostas nas próximas e promissoras aparições... Mas isso ainda estava distante.

De pronto recordei as palavras de José de Arimatéia: tanto Madalena quanto as demais testemunhas não deviam falar publicamente daquelas aparições na casa de Lázaro.

E, armando-me de coragem, interroguei Tiago sobre esse particular. Suponho que muitos dos presentes agradeceram minha pergunta. Também eles queriam um esclarecimento sobre essa recomendação. Tiago não transigiu.

– Devo ser fiel à promessa feita a meu Irmão e Senhor...

A sentença encerrou a questão.

Marta, oportuna, amenizou a momentânea tensão. Tomou a cesta de vime e, cantarolando algo que não entendi muito bem, mas que provocou o bom humor e a descontração, foi repartindo umas bolinhas de cor de chocolate. Ao chegar a meu lado, com o rosto afogueado como uma papoula, colocou seis no meu prato. Duas a mais que os outros. Agradei-lhe a gentileza e, curioso e preocupado diante do que me dispunha a ingerir, perguntei quais os seus ingredientes.

– Amido recoberto de mel e perfumado com essência de rosas e pistácias.

Provei intrigado. Seu sabor era de bombom! Recordou-me os bombons que os orientais chamam *lukum*. Foi um remate delicioso.

Mas meu trabalho na fazenda de Betânia não havia feito senão começar. E meus olhos e meu coração fixaram-se naquela recatada e silenciosa hebréia de olhar atento, cabelos lisos e negros cobertos com um grande lenço negro. Era Maria, a mãe de Jesus. A Senhora.

Eram tantas as perguntas e questões que eu devia formular-lhe, tantas as minhas dúvidas, que não soube bem por onde começar!... E no transcurso daqueles dias – felizes e sossegados –, sempre com o apoio de seus filhos, tive a maravilhosa oportunidade de ir colecionando uma infinidade de anotações relacionadas com sua vida em Nazaré e com seu Primogênito, que enriqueceram o que eu já sabia e o que já contei.

O que havia acontecido ao longo da juventude de Jesus de Nazaré? Por que os evangelistas ignoraram esses quase 32 anos anteriores à sua vida de pregação? Será que o Filho do Homem nada fez durante esse dilatado período? Como foi sua educação? Quem foram seus amigos? Quais seus problemas e angústias? Viveu sempre na pequena aldeia de Nazaré? Quando e como teve consciência de quem era na realidade? Por que se lançou às estradas?

Estas e mil perguntas mais ficaram completamente satisfeitas durante minha estada em Betânia, depois com a nossa expedição à Galiléia e com a “terceira” aventura que – adianto-o já – foi livre e voluntariamente assumida por Eliseu e por mim. E, se adio a narração de quanto nos foi dado conhecer sobre a idade adulta do Mestre, é simplesmente porque entendo que tão fascinante e longo capítulo se encaixa melhor e mais oportunamente entre as aventuras e correrias destes “exploradores” pelas altas terras do norte...

Dito isso, prosseguirei com os acontecimentos que me couberam viver a partir da sexta-feira, 14 de abril desse ano 30 de nossa era.

De acordo com o traçado pelo Cavalo de Tróia, eu devia incorporar-me ao “berço” antes da décima aparição prevista para oito dias depois do domingo 9 de abril. Mas...

seol – poderia ser também uma realidade física e tangível, à qual se teria acesso removendo um grande penhasco que se acha no centro do Sanctasantorum, no Templo”.

Para outros, ao invés, as refaim do seol não significam nada, não fazem nada, nada sabem e nada podem. O conceito “nada” seria o contrário da existência. No livro de Isaías (XXXVIII, 18), o próprio profeta chega a gritá-lo para Yavé: “O seol não te pode louvar”. É preciso considerar que, para um judeu medianamente piedoso, deixar de louvar o Senhor era pouco menos que estar reduzido a nada. Por conseguinte, o próprio seol não podia considerar-se como um lugar de prêmio ou de castigo. O Eclesiastes (XLI, 18) o diz com clareza: “No seol não recriminarão tua vida”. Naturalmente, nem todos compartilhavam esta crença no seol. Outros rabis falaram do “lugar destinado a cada justo”, mencionado também no Salmo XVI. Se a vida do defunto havia sido de acordo com a Lei, o anjo da morte gritava: “Preparai um lugar para este justo”. (N. do M.)

169 Após oito horas do óbito, uma vez lavado e ungido com perfumes, o cadáver costumava ser levado do lugar onde se dera a morte – em geral em padiola com o acompanhamento do féretro – para a sepultura. Concluída a cerimônia, o costume obrigava os parentes a reunir-se no “pão de luto”. Podiam beber, porém com moderação. Os que não haviam podido assistir às exéquias, viam-se obrigados às visitas de condolências. O tratado Baba bathra (Talmud) dizia que, nesse caso, deveriam levantar-se sete vezes de seus assentos, saudando a família outras tantas vezes. (N. do M.)

170 O Protoevangelho de Tiago, atribuído a Tiago Menor – que assim era chamado para distingui-lo do outro Tiago, o Zebedeu – é um dos apócrifos mais antigos. O texto atual foi estabelecido por Tishendorf, utilizando para isso mais ou menos vinte textos diferentes. Conta, basicamente, a vida de Maria até o nascimento de Cristo, as maravilhas que O acompanharam e a matança dos “inocentes”. Possivelmente data dos séculos III ou IV e, francamente, não parece muito crível. (N. do M.)

NOTA DE J. J. BENÍTEZ

Como talvez o leitor esteja lembrado, em minha obra anterior – Cavalo de Tróia 1, página 603 – fazia menção ao tema a que acaba de referir-se o Major. Em seus escritos, o oficial da USAF, após uma conversação de três horas e meia na casa de Zebedeu em Jerusalém na manhã do sábado, 8 de abril, com Maria, a mãe do Mestre, fazia interessantíssimas revelações em torno do nascimento e infância de Jesus de Nazaré. Como disse em nota de pé de página, por motivos de ordem técnica vi-me obrigado a postergar esse relato. Entendo que este é um bom momento para incluí-lo.

E, antes de seguir adiante, uma advertência que não quero deixar de fazer: como afirmo no princípio do Cavalo de Tróia 2, alguns dos pontos que expomos a seguir são tão chocantes que recomendaria aos leitores de idéias e princípios religiosos excessivamente conservadores que abandonassem a leitura.

Cumprida esta real advertência, passemos a essa parte dos documentos.

... A partir daquele instante – 8 da manhã, aproximadamente –, e depois que João Zebedeu lhe explicou quem eu era e por que estava ali, Maria concordou com satisfação em falar-me de Jesus, de seus primeiros anos em Nazaré, de suas viagens pelo Mediterrâneo e da morte em acidente de trabalho de seu esposo, o construtor e carpinteiro chamado José.

Na tentativa de pôr ordem nas minhas idéias e nos milhares de temas que se agitavam em minha mente, comecei por interrogá-la sobre o nascimento do Gigante...

Mas dentro em pouco compreendi que devia retroceder na História. O debatido assunto da “concepção virginal” do Filho do Homem me intrigava especialmente. Ou, para ser preciso, sentia curiosidade por conhecer a versão da própria Senhora. Como é fácil de adivinhar, Maria não podia imaginar o que dela e de seu Primogênito escreveriam os evangelistas muitos anos mais tarde. Considerando que o falecimento da Senhora – assim a chamarei a partir de agora – se daria mais ou menos no ano da morte de seu Filho, a versão do Evangelho aramaico de Mateus (escrita talvez uns dez ou quinze anos depois de 30), poderia ser perfeitamente um relato de ouvido. Em outras palavras, o Cavalo de Tróia nutria sérias dúvidas sobre o que disseram Mateus e Lucas sobre tais questões. Seria real a pretensa e antinatural concepção da Senhora? Ter-lhe-ia aparecido um anjo, como rezam as Escrituras?

Para não ferir seus sentimentos com perguntas cruas e diretas – ao menos

nesse delicado terreno – fui conduzindo a conversa por linhas paralelas, de forma que fosse ela mesma quem, espontânea ou simplesmente, abordasse a questão. O plano deu resultado.

Assim, soube que Maria e José se conheceram quando este, como carpinteiro e construtor, trabalhava na ampliação da casa dos pais da então quase menina Míriam (verdadeiro nome de Maria). A adolescente, que estava com seus 11 anos, levou água a José. Era a primeira vez que se viam. E nasceu uma mútua atração. Ainda que já o mencionasse em páginas anteriores, os costumes dos judeus naquele tempo eram muito diferentes dos de hoje. A partir dos 12 anos e meio, coincidindo com a primeira menstruação, a menina alcançava a categoria de mulher e podia passar – pelo casamento – da tutela do pai para a do esposo. (E às vezes não se sabia o que era pior.)

Os esponsais – uma etapa que na atualidade poderíamos chamar imperfeitamente de noivado – prolongaram-se durante dois anos.¹⁷¹ Quando José completou 21 anos, festejou-se com todas as honras, e como mandava a tradição, a segunda fase do ritual hebreu – o casamento propriamente dito –, na casa de Maria. O “contrato” firmou-se na quarta-feira, já que Maria era donzela, e em meados do mês de março do ano “menos 8” da nossa era. (A Lua cheia trazia boa sorte.) Como dote ou *mohar*, Joaquim, o pai da noiva, recebeu o estipulado pela Lei – 50 shekels de prata – e a totalidade dos móveis dos recém-casados. Ao contrário do que sucede em nossos dias, não era o pai da prometida que arcava com o dote. Era ele quem recebia do noivo ou do pai deste.

Maria, portanto, tinha 13 anos quando “entrou em casa” de seu esposo, e este, como eu já disse, 21.

A Senhora sentiu prazer ao recordar aqueles tempos. E falou-me com grande carinho da “casa nova” de Nazaré, edificada por José e seus irmãos, ao sopé dos cerros que dominavam a comarca de Tabor e de Nain.

Antes de prosseguir, quero chamar a atenção para esta data: março do ano “menos 8”. Nesse mês tiveram lugar as “bodas” dos esposos.

A Senhora estendeu-se prazerosamente nos detalhes e pormenores da modesta vivenda na qual iniciaram sua infortunada vida de casados. (A propósito do nosso segundo “salto” no tempo, terei oportunidade de voltar a esse curioso e interessante capítulo do mobiliário e dos costumes do casal.)

Suave e prudentemente, perguntei também por José. Como era? Que tipo de caráter tinha? Qual era seu aspecto físico?

Maria, sorridente, somente teve elogios para seu falecido esposo. Esta foi sua descrição:

– Um homem de suaves maneiras. Moreno. De olhos negros. Forte e incansável trabalhador. Seus antepassados (pai, avô, bisavô etc.), foram

carpinteiros, contratistas, construtores e ferreiros. A princípio, dedicou-se à carpintaria de obra. Depois, entrou nos negócios dos contratos temporários. Pensava muito e falava pouco. Era extremamente fiel aos costumes e práticas religiosas de meu povo. Demasiado para meu gosto. A dolorosa situação de Israel, sob o jugo estrangeiro, o havia afligido. Sua família foi numerosa como a nossa: oito irmãos e irmãs. Quando o conheci era alegre, mas conforme foi passando o tempo (sobretudo por causa dos primeiros anos do matrimônio), tornou-se taciturno e foi possuído de uma aguda crise espiritual. Pouco antes de sua morte, quando a nova ocupação como contratista começava a melhorar nossa situação econômica, experimentou um considerável alívio e seu espírito robusteceu-se de novo.

Foi inevitável. Ao abordarmos a morte de José não resisti à tentação e indaguei sobre as circunstâncias em que se dera.

Ocorreu em uma terça-feira, 25 de setembro do ano 8 da nossa era. Jesus contava 14 anos. Ao entardecer dessa fatídica data, um mensageiro levou a trágica notícia à oficina onde Jesus trabalhava. Seu pai terreno havia caído do alto de uma obra, na vizinha cidade de Séforis, encontrando-se gravemente ferido. O Primogênito de Maria acompanhou o enviado até a casa da família para comunicar a desgraça a sua mãe. Jesus queria correr para junto de seu pai, mas a Senhora não permitiu. Foi seu irmão Tiago quem a acompanhou até a residência do governador, onde, ao que parece, havia tido lugar o que hoje denominamos um “acidente de trabalho”. Jesus, muito a seu pesar, teve de permanecer em Nazaré, cuidando da casa e dos pequenos. Quando Maria entrou em Séforis, José havia falecido. O cadáver foi conduzido até a aldeia de Nazaré e, no dia seguinte, dia 26, foi sepultado na tumba da família. Por coincidência, havia vivido 36 anos; a mesma idade de seu Filho.

Devido a este acontecimento, Jesus teria ocasião de conhecer Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande: a detestável e degenerada “raposa” que vinte anos mais tarde o interrogaria... Mas esta é outra história que deverei contar mais tarde.

Já que falávamos de José, atrevi-me a indagar sobre a sua pretensa ascendência davídica. No Evangelho de Mateus (1-16), se traça a genealogia de Jesus e, nela, como é notório, o pai terreno de Cristo aparece como descendente direto do rei Davi.

Devo confessar que a Senhora muito se surpreendeu diante da minha insólita pergunta.

– E como sabes tu isso?...

– Então é certo – tornei, esquivando-me à pergunta de Maria.

– Não, não é...

Sua explicação me deixou atônito. José, logicamente, lhe havia contado. Mateus, uma vez mais, foi mal informado. Tudo começava em um antepassado de José – por via de seu avô paterno – que fora adotado por um tal Zadoc que, esse sim, era descendente direto de Davi.¹⁷² Esse ancestral de José, órfão, foi tomado sob a tutela de Zadoc e daí o erro. A partir de então (sexta geração anterior a José), os descendentes receberam o falso título de nascidos na “casa de Davi” ou a ela pertencentes.

Mais adiante, quando passar a descrever o acontecido na segunda exploração, darei conta dos erros cometidos nas genealogias que se atribuem a Jesus de Nazaré. A maior parte destas listas de ascendentes – como muitas das profecias messiânicas – é posterior à vida do Galileu e, conseqüentemente, “acomodada” aos feitos protagonizados por Jesus.

Na realidade, a autêntica descendente direta do rei Davi era a Senhora. Sua linhagem, segundo me explicou, perdia-se na mais remota nobreza, contando entre seus longínquos antepassados com representantes dos hititas, sírios, egípcios, fenícios e até gregos. Para os que pretendem ver em Maria uma “mãe representativa da humanidade”, este, seguramente, constituiria um dos fundamentos nos quais poderiam basear a pretensão. Poucas mulheres judias do tempo levavam em seu sangue uma mescla tão nobre e destacada de raças...

De acordo com seu caráter, e ainda que a morte de seu marido a tenha consumido de dor, Maria não exteriorizou jamais sua profunda tristeza e solidão. Suponho que irá surgindo de forma natural. Mas, ainda assim, não desperdiçarei a ocasião e comentarei algo que reputo importante em relação ao temperamento da Senhora. Os cristãos de quase todos os tempos parecem haver ido forjando uma imagem de “Maria” na linha de suas próprias crenças, interesses e conveniências. Assim, ao longo desses 2 mil anos, não é difícil encontrar textos benditos pelo Papado, pelos Santos Padres da Igreja católica, ou por “preclaros” teólogos, nos quais se colam à mãe do Senhor “etiquetas” tão absurdas e tão pouco reais como as de “virgem permanente”, “mulher submissa”, “repositório de virtudes humanas e divinas”, “co-redentora”, “mediadora entre Deus e o gênero humano”, “concebida sem pecado original” e sei lá quantos mais elogiosos mas duvidosos atributos...

Os próprios fatos que irei narrando serão a melhor prova de que a Senhora era uma hebréia inteligente, mas, como qualquer ser humano, com defeitos e limitações. Alguns, como o relacionado com seu “profundo senso de nacionalismo”, farão tremer os cristãos que parecem viver nas nuvens.

Passo a passo, pelo que fui captando e pelo que recolhi de quantos a rodearam, cheguei à conclusão de que Maria era uma mulher alegre. Inacessível ao desalento. Com uma invejável força vital e uma largueza mental que a faziam

expressar seus sentimentos e opiniões aberta e limpidamente. Sem reбуços e sem rodeios. Sem hipocrisia. Em oposição a José, a Senhora levava em seus genes o que hoje chamaríamos “senso liberal da vida”. Sua filosofia era esta: “Respeitar todas as crenças e credos”. Mas também era teimosa e obstinada. Essa postura lhe valeria mais de um desgosto. Em especial durante a juventude de Jesus.

Analisando o caráter do Filho, deduzia-se que boa parte de seus dons como educador e condutor de massas e sua característica capacidade para a justa indignação havia sido herdada da mãe. Do pai, em vez, tinha a doçura e uma maravilhosa compreensão da debilidade da natureza humana. Havia ocasiões em que Jesus permanecia pensativo e triste diante das pessoas que o rodeavam. Essa forma de ser, sem dúvida, guardava íntima relação com o temperamento de José. Mas, na maior parte das vezes, o Galileu se mostrava tão otimista e decidido quanto sua mãe. Não creio que me equivoque se – à maneira de síntese – digo que o caráter da Senhora imperava claramente no de seu Primogênito. De José herdou também seu amor pelo estudo das Escrituras hebraicas. Maria soube infundir-lhe – talvez até inconscientemente – um natural senso de responsabilidade e liberalidade.

As duas famílias, a de José e a de Maria, além de desfrutarem de posição econômica folgada, podiam ser consideradas como cultas, se levarmos em consideração o baixo nível da população em geral. Depois do falecimento do esposo, Maria se preocupava especialmente com que seus filhos recebessem instrução. Ainda que eu deva voltar a falar sobre isso, também me surpreendeu a extraordinária habilidade desta mulher para a arte da fiação. Foi uma tecelã excepcional. Jesus sempre vestiu túnicas e mantos confeccionados por ela. Quanto a seus dotes como dona de casa e mulher providente – qualidades forjadas na angustiosa situação econômica em que ficou a família com a morte de José –, falarei disso a propósito de nossa visita à Galiléia.

– Então vossas núpcias ou bodas tiveram lugar em março do ano de 746...

(Obviamente citei o calendário romano.)

A Senhora concordou, ainda que sem saber onde eu queria chegar.

– Conversando com uns e com outros – acrescentei procurando dissimular –, fiquei sabendo também de um acontecimento prodigioso, ocorrido antes do nascimento de Jesus...

– Referes-te ao do anjo?

– Perdoa minha incredulidade, mas...

– Entendo, Jasão – sussurrou resignada. – Não é a primeira vez que alguém duvida de mim...

Devia ser extremamente cauteloso. Por isso, formulei as perguntas pondo nelas meus cinco sentidos.

- Quando foi?
- Uma tarde, por meados do oitavo mês, em pleno *marjesvan...*¹⁷³
(Isso queria dizer novembro.)
- Recordas o dia exato?
- Não...

Pareceu-me curioso que uma mulher não guardasse na memória uma data tão notável.

– Encontrava-me na casa de Nazaré, ocupada nas tarefas domésticas. José não tardaria a voltar. De súbito, ao lado de uma mesa baixa de pedra, o vi. Era um jovem muito formoso. Todo circundado por uma luminosidade. Disse chamar-se Gabriel...

- Tenho grande interesse em saber o que te disse com exatidão.
Isso sim havia ficado gravado em seu coração.

– Suas palavras foram: “Venho a mandado daquele que é meu Mestre e a quem deverás amar e manter. A ti, Maria, trago boas notícias, já que te anuncio que tua concepção foi ordenada pelo céu... Em pouco serás mãe de um filho, a quem chamarás *Yehosu’a* (Jesus ou ‘Yavé salva’) e inaugurará o reino dos céus sobre a Terra e entre os homens... Disto, fala tão-somente a José e a Isabel, sua parente, a quem também eu apareci e que logo dará à luz um menino cujo nome será João. Isabel prepara o caminho para a mensagem de libertação que teu filho proclamará com força e profunda convicção aos homens. Não duvides de minha palavra, Maria, já que esta casa foi escolhida como morada terrena deste Menino do Destino. Recebe minha bênção. O poder do Mais Alto te sustentará... O Senhor de toda a Terra estenderá sobre ti sua proteção”.

Minha perplexidade foi aumentando. Aquelas palavras não guardavam analogia alguma com as escritas por Lucas (1, 26-39). Como se verá, Maria não era virgem, no sentido que parece querer dar-lhe, a todo custo, o evangelista.¹⁷⁴ Era impossível porque as “bodas”, repito, se haviam celebrado em março: oito meses antes da chamada “anunciação”! Em minha opinião, os supostamente “sagrados” relatos sobre o acontecimento foram deformados e desnecessariamente circunscritos a uma situação – a virgindade física da Senhora – que envolvia o nascimento do Senhor em um halo de mistério e divindade, muito próprios dos orientais. “Algo” que em nada afetava a transcendência da missão do Filho do Homem. Mas tentarei ir por partes.

No Evangelho de Lucas (versículos 31 a 33) lê-se: “... vais conceber no seio” – disse o anjo a Maria – “e vais dar à luz um filho, a quem porás por nome Jesus”. Em pura lógica, parece incongruente que as “forças do céu” – que dificilmente infringem o natural decurso da natureza – programassem uma concepção em pleno período de “esponsais”. Por que criar problemas

desnecessários se o tema da concepção misteriosa de Jesus ia constituir uma fonte de polêmicas, receios e desgostos na própria família de Nazaré, por que atirar “mais lenha no fogo” com uma concepção “extemporânea”?

A “informação” é errônea, até mesmo no detalhe da gravidez de Isabel, prima distante de Maria. Segundo seus escritos, Gabriel apareceu à Senhora “no sexto mês” da concepção não menos misteriosa de Isabel. Quando interroguei Maria sobre a gravidez da prima, sobre a aparição de Gabriel a esta e sobre o nascimento de João, chamado o Batista, as datas não coincidiram com as de Lucas. O anjo apresentou-se a Isabel nos últimos dias de junho desse mesmo ano “menos 8”. Quer dizer, quando o enviado celeste apareceu pela segunda vez – a Maria –, Isabel estava de cinco meses e não de seis como diz o evangelista. (João nasceria a 25 de março do ano seguinte: “menos sete”).

Seja como for, com toda a delicadeza de que fui capaz, insisti no íntimo assunto de sua virgindade, no momento da aparição do anjo. A resposta foi categórica:

– Naturalmente que estava casada com José e naturalmente que mantínhamos relações conjugais normais.

A Senhora não podia compreender a razão daquelas perguntas. Ignorava, obviamente o que dela se escreveria anos depois.

No que se manteve firme foi na “concepção não humana” de seu Primogênito. Aceitei sua palavra. Quem melhor que ela para saber se Jesus havia sido ou não fruto de sua união matrimonial com José? A essa altura da missão, não tenho dificuldade para aceitar que Deus pode conceber um ato semelhante. No século XX estamos começando a assistir a outros fenômenos que seriam “mágicos” para os povos do tempo de Cristo ou da Idade Média: a inseminação artificial ou os bebês de proveta, para citar dois exemplos.

– E qual foi a reação de José diante do anúncio do anjo?

A Senhora sorriu, revelando aquela esplêndida dentadura branca e equilibrada. Fez um malicioso gesto com as sobancelhas e comentou:

– Primeiro esperei...

Em minha lentidão não atinei com o sentido daquela afirmação.

– Esperou o quê? Perguntei estupidamente.

Maria enrubesceu.

– Que poderia ser?... Devia assegurar-me de que a visão do anjo não havia sido um sonho mau ou algo parecido. Depois de algumas semanas, quando estava certa de minha maternidade, falei com ele...

– E que disse ele?

– Meu esposo sempre teve uma grande confiança em mim.

Como era de esperar, porém, sentiu-se mal. Desassossegado. Não conciliou

o sono durante dias. Apesar de jamais acusar-me de nada impuro. Duvidou, sim, da história de Gabriel. Todavia, pouco a pouco, acreditou em minhas palavras. Surgiram então outros problemas...

Animei-a para que me contasse.

– Para José, o mais difícil não era que eu tivesse visto e ouvido um mensageiro do céu ou que o Altíssimo (Bendito seja seu nome) operasse em mim semelhante milagre... O que o transtornou foi que um menino nascido de uma família humana tivesse um destino divino. No entanto, depois de refletir, e sobretudo após o seu sonho, mudou e aceitou os fatos.

Um sonho? – perguntei como se o ignorasse.

– Sim, uma noite despertou sobressaltado e contou-me que um brilhante mensageiro lhe havia falado: “José, te apareço por ordem daquele que agora reina no céu. Recebi a incumbência de dar-te instruções sobre o Filho que Maria vai ter e que será uma grande luz neste mundo. Nele estará a vida, e sua vida será a Luz da Humanidade. Por agora ficará entre seu próprio povo. Este, porém, o aceitará com dificuldade. A todos aqueles que O acolham revelar-lhes-á que são filhos de Deus”. Depois desta incrível experiência já não mais duvidou.

Guardei silêncio. Aquela versão tampouco se parecia com a do evangelista Mateus. No capítulo 1, versículos 19-25, diz textualmente o escritor sagrado: “Seu marido, José, como era justo e não queria expô-la, resolveu repudiá-la em segredo. Assim o tinha planejado quando o anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e lhe disse: ‘José, filho de Davi, não temas tomar para ti Maria, tua mulher, porque o gerado nela é do Espírito Santo. Dará à luz um filho e tu lhe porás por nome Jesus, porque Ele salvará seu povo de seus pecados’. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse a profecia do Senhor por meio do profeta: ‘Vede que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e por-lhe-á o nome de Emanuel’, que traduzido significa ‘Deus conosco’. Despertado José do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e tomou para si sua mulher. E não a conheceu até que ela desse à luz um filho, e lhe pôs o nome de Jesus”.

A passagem em questão está cheia de possíveis “manipulações”, seja do próprio Mateus, seja dos que copiaram sua versão original, a aramaica, que, como eu já disse, se perdeu.

Se José era justo – poder-se-ia argumentar –, por que deveria repudiá-la em segredo? A justiça, naquele tempo, era interpretada como “estrito e justo” cumprimento da Lei. Isso teria significado o “divórcio” imediato e talvez até a lapidação de Maria. Segundo problema: se Mateus houvesse consultado Maria, dificilmente se teria atrevido a colocar nos lábios do anjo o qualificativo de “filho de Davi” para José. Terceiro: aceitando que Maria e José se houvessem encontrado no período dos “esponsais”, por que estranhar a gravidez se as

relações sexuais na primeira fase eram toleradas? Certamente, na versão original não se diz que “Ele salvará seu povo de seus pecados”. O evangelista, como bom judeu, supondo que houvesse tido acesso ao verdadeiro texto da mensagem, ignora a semi-acusação do anjo ao povo – o seu – “que O aceitará com dificuldade”.

Por último, com respeito às supostas profecias sobre o Messias e à “virgindade” de sua mãe, tendo em consideração as lacunas, manipulações e contradições de que havia sido testemunha, tudo era possível. Até mesmo, como manifestei, que fossem interpolações muito posteriores à vida de Jesus, para “fazer encaixar” a desnecessária virgindade. Não sou teólogo nem o desejo. Mas, no meu curto entendimento, formulo-me uma simples pergunta: por que a Igreja Católica e os cristãos se empenham em sustentar o secundário e intrascendente assunto da virgindade de Maria? A única coisa vital em tudo isso – esse é o meu pensamento – são os frutos ou o resultado final: a maravilhosa maternidade da Senhora. Em outras palavras: Jesus. Dando por admitido que a concepção foi de caráter misterioso ou divino, que importância encerra que fosse ou não virgem “antes, durante e depois” da gestação?

Quando perguntei pelas reações das famílias de José e Maria com respeito ao nascimento do “Menino do Destino” como o havia chamado Gabriel, a Senhora, em sua resposta, pôs em evidência a grave confusão criada entre aquela gente quanto ao verdadeiro papel que deveria ser desempenhado pelo Mestre:

– Meus dois irmãos, minhas duas irmãs e toda minha família – comentou melancolicamente – receberam a notícia com ceticismo. Nenhum deles acreditou que meu Filho fosse o Messias esperado...

Este, sem dúvida, foi um crasso erro. Em nenhuma das duas mensagens celestes – na de Gabriel e na do sonho de José – se menciona que Jesus fosse o Messias ou o Libertador ou que “Deus lhe daria o trono de Davi”, como assinala Lucas. Os judeus, certamente, aguardavam o Messias. Mas não de origem divina! A crença popular o associava a um “líder ou libertador político”, que faria da Palestina uma nação forte e poderosa. A péssima interpretação das palavras dos anjos constituiria uma interminável e ácida fonte de conflitos entre os que conheceram Jesus, sem excluir sua mãe e irmãos. Mas não quero precipitar-me agora nesse espinhoso e fascinante problema. Ao examinar o comportamento de Maria durante a juventude de seu Filho, haverá tempo para comprovar quanto digo.

Os inimigos de Jesus tinham razão em uma coisa: o rabi da Galiléia não podia ser o Messias. Se a origem do Mestre era divina – como ele mesmo afirmava pública e categoricamente –, seu papel podia ser qualquer um, mas não o de “Libertador do povo de Israel”. Hoje, todos os que conhecem a mensagem

de Cristo estão de acordo nessa premissa. Jesus de Nazaré foi um “Libertador”, mas em outra ordem... Tal como anunciou Gabriel. Eis aqui uma prova mais de que seus imediatos colaboradores não entenderam a grande e esperançosa missão do Galileu: difundir a mensagem de irmandade entre todos os homens e a graça de serem filhos do Pai. Se o houvessem captado, por que Lucas e Mateus insistiram no banal e “político assento no trono de Davi?”

Mas continuemos com os fatos como se registraram cronologicamente.

Esse ano “menos 8” (746 do calendário de Roma), não provocou maiores sobressaltos ao casal de Nazaré. A vida seguiu sua rotina. E a Senhora, que guardava no coração o anúncio de Gabriel sobre a gravidez de sua prima Isabel, foi convencendo seu marido a deixá-la viajar para a região da Judéia, ao sul, para visitar sua parenta.

– Não foi fácil – observou Maria – mas, finalmente, José concordou. E em fevereiro do ano seguinte pude abraçar minha prima.

Ambas estavam impacientes por ver-se e trocar suas experiências.

Em realidade, a obra de Jesus na Terra foi iniciada por seu primo distante, João, cuja história encheu-me de perplexidade. Vim a saber tudo a seu respeito, pelos lábios da Senhora, pelos íntimos do Batista, mas, sobretudo, ao conhecê-lo pessoalmente. Como sabemos pouco desse gigante de 2 metros de altura e coração sensível! Zacarias, o pai de João, era sacerdote. Isabel, a mãe, estava entroncada em um dos grupos mais prósperos do ramo de Maria. Ainda que estivessem casados havia anos, “certos problemas” – aos quais aludirei oportunamente – haviam frustrado as tentativas do casal de ter filhos.

A aparição de Gabriel a Isabel deu-se, como eu já disse, nos últimos dias do mês de junho do ano 8 antes da Era Cristã. (Maria e José estavam casados fazia mais de três meses.)

– Que disse o anjo a Isabel?

– A aparição foi ao meio-dia. Disselhe Gabriel: “Enquanto teu marido, Zacarias, oficia diante do altar, enquanto o povo reunido reza pela vinda de um salvador, eu, Gabriel, venho anunciar-te que logo terás um filho que será o precursor do Divino Mestre. Chama-lo-ás João. Crescerá consagrado ao Senhor teu Deus e, quando for maior, alegrará teu coração, pois que levará almas a Deus. Anunciará a vinda daquele que cura a alma de teu povo e o Libertador espiritual de toda a Humanidade. Maria será a mãe desse Menino e também aparecerei diante dela”.

– Mas – perguntei sem poder conter minha curiosidade, memorizando a passagem de Lucas (1, 5-24) no qual se conta a história da mudez de Zacarias – o anjo não se apresentou também ao esposo de tua prima?

A Senhora, que não conseguia acostumar-se às minhas curiosas perguntas,

olhou-me com estranheza.

– A Zacarias? Que eu saiba, não... Só foi visto por Isabel.

“Então” – disse-me a mim mesmo –, “todo esse intrincado assunto de Lucas?...”

– É certo que ele não ficou mudo?

Minha observação a respeito da suposta mudez de Zacarias despertou o bom humor de Maria, que, se não estivesse consumida pela tristeza, talvez houvesse dado uma solene gargalhada.

– Zacarias jamais padeceu deste mal.

Mudei de tema. Ou o evangelista se havia deixado levar pela imaginação ou suas pesquisas haviam sido mal conduzidas. Se bem que coubesse ainda uma terceira hipótese: que Zacarias houvesse “moldado” à sua vontade a aparição do anjo, acrescentando e modificando o que lhe conviesse... É preciso não esquecer que aquele era o império dos homens e que as mulheres não contavam.

Maria completou a informação assegurando que sua prima só falou do anjo com seu marido; mas que este, cético, só começou a crer quando Isabel apresentou os primeiros sinais de gravidez.

– Considerando a avançada idade de minha prima – assinalou – era lógico que Zacarias não podia entender o que se passava. Mas, do mesmo modo que José, não colocou em dúvida a fidelidade de sua mulher. Tudo terminaria quando, seis semanas antes do parto, meu primo teve um impressionante sonho. E só então se convenceu de que aquele filho era também “obra divina” e seria em precursor do meu Jesus.

João nasceria em Judá em 25 de março desse ano 7 antes da nossa era. A alegria de seus pais foi indescritível. E ao oitava dia, como prescrevia a Lei, foi circuncidado. Um sobrinho de Zacarias partiria imediatamente para Nazaré com a notícia do nascimento.

Aquela visita à aldeia de Judá, a uns 7 quilômetros de Jerusalém, nas colinas, foi de grande importância para ambas. Tanto uma quanto a outra se fortaleceram em suas crenças ao se escutarem mutuamente. Três semanas mais tarde, a futura mãe de Jesus regressava a Nazaré feliz e definitivamente convencida.

Só que seus problemas, em realidade, começariam com o nascimento do “Menino do Destino”.

Pouco faltou para que o nascimento de Jesus se desse em Nazaré. Fosse Maria realmente uma mulher submissa, como apregoavam muitos cristãos, não teria havido a viagem a Belém. Explico-me.

Quando perguntei pelas circunstâncias que cercaram o nascimento de Jesus,

a Senhora recordou com nostalgia suas discussões com José. Diante de minha estranheza, esclareceu:

– Quando se recebeu na cidade a ordem para o recenseamento, meu marido aprontou tudo para viajar para Belém. Mas, sozinho, sem mim. Eu sabia muito bem que não havia necessidade de eu ir em pessoa para o censo. José estava autorizado a inscrever toda a família. Essa era a sua intenção. Mas eu lhe disse que não...

– Por quê?

– Tinha medo de ficar só e, sobretudo, que o menino nascesse em sua ausência. Além do mais – disse com uma ponta de malícia –, Belém está muito próxima de Judá, e essa era uma excelente oportunidade para voltar a visitar Isabel...

Foi assim que o casal – como também ocorre em nossos dias – enredou-se em uma grande discussão. José, mais prudente, tentou convencê-la a permanecer em Nazaré. Não lhe faltavam razões. Sua gravidez já estava muito adiantada para que ela se lançasse pelos caminhos da Palestina. A concepção de Jesus, segundo os cálculos aproximados de sua mãe, teve lugar ao redor de 15 de novembro. E a partida de ambos para a aldeia de Belém se deu ao amanhecer de 18 de agosto do ano “menos 7” de nossa era (747 do calendário de Roma). Quer dizer, haviam decorrido nove meses...

Todavia, tenaz e decidida, conseguiu impor-se e seu esposo não teve alternativa senão levá-la. De nada serviram as recomendações e as proibições.

– E alegres como crianças empacotamos provisões para três ou quatro dias e partimos rumo a Belém.

Corria o alvorecer de 18 de agosto. O casal dispunha então de uma mula na qual colocaram as bagagens. A jovem gestante, que estava em vésperas de completar os 14 anos de idade, montou o animal e José, tomando as rédeas, iniciou a pé uma caminhada que se prolongaria pelo espaço de dois dias e algumas horas.

A aceitável memória da Senhora permitiu-me reconstruir o essencial dessa viagem. O esposo, bom conhecedor dos perigos que ameaçavam os viajantes, escolheu a rota mais curta, ainda que não a mais cômoda: a do Jordão.¹⁷⁵

Em seu primeiro dia chegaram até o monte Gilboa. Ali, à margem do rio, acamparam e passaram a noite.

– Lembro-me de que nossos pensamentos e o tema constante de conversação – disse Maria – era o Filho que estava para nascer. José continuava censurando minha loucura. Não lhe faltava razão. Não sei o que haveria sido de nós se o pequeno chegasse precisamente ao pé daquela montanha...

No dia seguinte, de madrugada, retomaram a marcha. Maria passava bem.

Almoçaram junto ao monte Sartaba, que domina o vale do Jordão e, ao anoitecer, entraram na cidade de Jericó. Não tiveram problema para encontrar uma pousada.

Depois da ceia, José, outros peregrinos e eu, falamos de muita coisa: da odiosa ocupação romana, de Herodes, do recenseamento e suas nefastas conseqüências para o povo e até da influência de Jerusalém e Alexandria como centros de estudos e de cultura judaicos.

Em 20 de agosto, também ao amanhecer, encetaram a última etapa da viagem. Avistaram Jerusalém cerca do meio-dia e, depois de visitarem o Templo, prosseguiram o caminho para o sul, em direção a Belém.

– A que horas chegastes?

– Pouco antes do ocaso...

Aquela parte da narração foi igualmente esclarecedora.

– Não havia pousadas disponíveis – continuou Maria – e, como a noite já chegasse, dirigimo-nos à casa dos parentes de meu marido. Inútil. Todos os cômodos achavam-se igualmente tomados. Decepcionados e cansados, voltamos para o albergue. Não sabíamos o que fazer. Ali informaram-nos que devido à grande afluência de viajantes haviam decidido desocupar os estábulos situados no flanco da rocha, justamente embaixo da pousada.

– Para que serviam esses estábulos?

Maria observou-me indecisa. Depois, compreendendo que eu era estrangeiro, deu um desconto para tão absurda pergunta.

– Para que poderiam servir? Para os animais das caravanas e como armazéns de grãos.

– E o que aconteceu?

A Senhora notou minha impaciência.

– Por que tanto interesse, Jasão?

Dessa vez respondi com a verdade.

– Interessa-me tudo, absolutamente tudo, que se relacione com o Mestre.

Agradeceu-me com um sorriso e prosseguiu:

– Pois bem, José amarrou a mula no pátio e, carregando a bagagem (roupas, comida e tudo o mais), ajudou-me a descer a escada que conduzia à gruta. Montamos as lonas que nos serviam de tenda diante dos pesebres e nos dispusemos a descansar. Estávamos exaustos.

– Suponho que vos sentíeis mal instalados...

A Senhora abriu seus amendoados olhos verdes e, surpreendida, redarguiu:

– Por quê? Estás falando do estábulo? Não, filho... Ao contrário. Estávamos felizes por haver achado um lugar tão silencioso e agradável. Depois de cearmos, José disse que pensava recensear-se imediatamente. Mas, como já te disse, eu me

sentia muito cansada. Então, de repente, começaram umas fortes dores. Meu marido, assustado, deixou o recenseamento para outro momento.

– Fortes dores? – perguntei, imaginando que podia tratar-se das primeiras contrações.

– Sim, espantosas... Depois fizeram-se mais atenuadas, mas já não pudemos dormir toda a noite.

– De quanto em quanto tempo te vinham essas dores?

– Não me recordo bem. Creio que a cada meia hora mais ou menos.

A descrição podia enquadrar-se perfeitamente no processo natural de dilatação do canal cervical, fechado durante a gravidez. Cada uma daquelas contrações pressionaria a parede superior do útero contra o colo uterino, preparando assim o deslizamento do bebê. (Como se sabe, normalmente o útero encontra-se firmemente apoiado no fundo da pélvis.)

– Aconteceu então a “ruptura da bolsa”?¹⁷⁶

– Não me lembro, filho... Já se passaram quase 36 anos!

– Do que não me esqueço é que eu estava muito assustada. Algumas mulheres cuidaram de mim e me confortaram. Uma delas até colou seu ouvido ao meu enorme ventre (estava gordíssima!) e me disse que ouvia o bebê... Coisas de mulheres!

– Em que momento chegou a “hora”?

– Ao alvorecer comecei a sofrer de verdade. As dores tornaram-se mais intensas e freqüentes. Pouco antes da hora sexta (às 12 horas) pensei que morria... As dores vinham uma atrás da outra...¹⁷⁷ Ajudaram-me a encurvar as costas, e uma das mulheres enfiou-me um lenço na boca mandando que eu o mordesse fortemente. Outras duas me tomaram pelo pulso e me incitavam a empurrar. Deus bendito! Quanto medo passei! Arquejava, gritava e suava.

– Não te lembraste do anjo?

– Nem do anjo nem de nada... Nesse momento é difícil pensar.

– E José?

– A meu lado, branco como cal, lutava por animar-se. O pobre estava mais aterrorizado que eu... Passou as horas empapando um pano em água fria e colocando sobre minha fronte. Não permiti que se separasse de mim. Ao demônio com as Leis!

A exclamação de Maria era justificável. Na época, entre os judeus, era muito freqüente que o pai se negasse a presenciar o parto. Devia esperar fora ou em outro lugar pelo anúncio do nascimento. Assim se fazia antigamente, cumprindo o versículo de Jeremias: “Maldito aquele que felicitou meu pai dizendo: ‘Nasceu-te um filho varão’ e o encheu de alegria!” (*Jer. XX, 15*). Já disse que a Senhora desfrutava de um senso muito liberal da interpretação

religiosa.

– ... Por fim, ali pelo meio-dia, apontou a cabeça. Eu estava no limite de minhas escassas forças... E meu Filho veio ao mundo. As mulheres o lavaram e, depois de friccioná-lo com sal, o envolveram nas fraldas e o entregaram a seu pai.¹⁷⁸

– Talvez não te recordes, mas, quando estiveste em condição de pensar, que foi que te veio à mente?

– Primeira coisa que fiz foi examinar meu *bekor*. Era lindo, com uma abundante cabeleira negra, enrugadinho como uma passa. Era perfeito. E me senti muito feliz.

(Com a palavra *bekor* designava-se o primogênito. Se varão, a alegria da família chegava ao máximo. Se era menina, ao invés, era recebida com tristeza ou indiferença.)

Não pude evitá-lo. Ao ouvir as explicações de Maria, experimentei uma grande ternura. Jesus havia nascido como qualquer bebê. Quanto teria dado para assistir a tão histórico parto!

Nenhum dos “milagrosos” acontecimentos registrados pelas tradições e pelos Evangelhos “apócrifos” sobre a Natividade do Senhor parece correto. Repito: aquele bebê tão especial veio ao mundo como todos nós.

Mas não devo esquecer outro dado interessante. A data desse parto. Segundo essas notícias, Jesus “de Belém” nasceu pelas 12 horas do dia 21 de agosto do ano “menos 7” ou 747 do calendário de Roma. Uma data “incompreensivelmente” esquecida pelos evangelistas e que, com o passar dos séculos, seria fixada no mês de dezembro do ano “1”. Tudo um duplo erro.¹⁷⁹

Certamente, durante o parto não houve nenhum animal (os tradicionais bois e asnos no estábulo) e sinto frustrar igualmente os que sempre acreditaram nas “aparições” dos anjos e dos pastores das cercanias da aldeia de Belém. Pelas informações de Maria, salvo seus amigos e parentes, nenhuma visita apareceu. O evangelista Lucas, ao que parece, sacou da manga toda essa bela história dos coros celestes e do “anúncio dos pastores”. A única “visita” que, naturalmente, deixou confuso o casal de Nazaré foi a dos sacerdotes de Ur, identificados como os Magos. Mas isso se daria quando Jesus já contava três semanas de vida... E nem foi como narra Mateus (2, 1-12). Antes disso ocorreriam outros fatos não menos curiosos.

Ainda que ache que, como médico, deveria omiti-lo, farei uma concessão e tratarei de passagem o também polêmico tema da virgindade de Maria depois do parto. O ideal, naturalmente, teria sido fazer um reconhecimento. Mas isso não foi possível nem eu me haveria prestado a ele. Entre outras razões, porque a evidência saltava à vista. Adiantando-me aos acontecimentos direi que a Senhora

teve mais filhos, como se afirma nos próprios Evangelhos: *Marcos* (3, 20-21, 30-35); *Mateus* (12, 46-50); e *Lucas* (8, 19-21). (De seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas, assim como de suas irmãs, falam também os vizinhos de Nazaré em *Marcos* (6, 3) e *Mateus* (12, 55-56), para não citar *João* (2, 12 e 7, 3-5). O próprio evangelista Mateus, em 1, 25, deixa o assunto liquidado quando afirma: “E não a conhecia até que ela deu à luz um Filho e lhe pôs por nome Jesus”. (A expressão “conhecer”, em termos bíblicos, significa relacionar-se sexualmente.)

E voltamos ao velho problema. Por que esse medo ou pudor ou escrúpulo de numerosos setores da Igreja Católica a aceitar que a Senhora pudesse ter mais descendência, como era costume nas famílias normais daquele tempo? Estes moralistas e críticos não ignoram que em tempos de Jesus a esterilidade era pouco menos que uma maldição divina. As famílias deviam ser numerosas. Isso era o normal e bem visto. Se partirmos do pressuposto que o casal de Nazaré foi em tudo um matrimônio comum e usual, por que esses cristãos se empenham em corrigir a própria natureza, convertendo José e Maria em dois humanos “ilógicos” e quase à beira da aberração? Parte dessa triste deformação mental de que ainda padecem muitos cristãos em relação a esse assunto deve ser buscada em um papa de nefasta recordação: São Sirício, elevado, além do mais, à santidade.

O tal Sirício (384-398) chegou a escrever a respeito, em carta dirigida a Anísio, bispo de Tessalônica, no ano da graça de 392:

“Na verdade, não podemos negar haver sido com justiça repreendido aquele que fala dos filhos de Maria, e com razão sentiu horror Vossa Santidade de que do mesmo ventre virginal de que nasceu, segundo a carne, Cristo pudesse haver saído outro parto. Porque não haveria escolhido o Senhor Jesus nascer de uma virgem se houvesse julgado que esta havia de ser tão incontínenti que, com sêmen de união humana, havia de manchar o ventre onde se firmou o corpo do Senhor, aquele ventre, palácio do Rei eterno. Porque aquele que isso afirma, outra coisa não afirma senão a perfídia judaica dos que dizem que não pôde nascer de uma virgem. Porque aceitando a autoridade dos sacerdotes, mas sem deixar de opinar que Maria teve muitos partos, com mais empenho pretendem combater a verdade da fé”.¹⁸⁰

É quase impossível introduzir em tão poucas linhas tanto absurdo e desatino, fruto não se sabe se de um caráter enfermigo ou de um grau de demência altamente preocupante. O desprezo de Sirício – resisto a antepor a seu nome o qualificativo de “santo” – pela maternidade e pela extraordinária manifestação de amor que supõe o ato sexual se me afigura quase épico. Como tantas vezes, o homem se congratula em corrigir a obra do Altíssimo...

O trágico é que a mesquinha visão daquele papa continuou imperando até

nossos dias. Por sorte, numerosos teólogos, exegetas e cristãos de mente mais aberta e racional começaram a questionar o problema, chegando à importante conclusão de que o vital não é se Maria foi ou não virgem, mas sim a grandiosa e bela realidade de sua maternidade. Embora sabendo que alguns se rasgarão as vestes, eis aqui um registro sobre os filhos que se seguiram ao Primogênito de Maria e dos quais irei ocupando-me pouco a pouco:

Tiago, nascido na madrugada de 2 de abril do ano 3 antes de nossa Era.

Míriam ou Maria, nascida na noite de 11 de julho do ano “menos 2”.

José, nascido na manhã de quarta-feira, 16 de março do ano 1.

Simão, na noite de sexta-feira, 14 de abril do ano 2.

Marta, nascida em 15 de setembro do ano 3.

Jude ou Judas, na quarta-feira, 24 de junho do ano 5. (Por causa dessa gravidez, Maria caiu enferma.)

Amos, nascido na noite de domingo, 9 de janeiro do ano 7.

Rute, na noite de quarta-feira, 17 de abril do ano 9 da nossa era. (Foi filha póstuma. José, seu pai, havia falecido no ano anterior.)

Junto com seu irmão mais velho – Jesus – fazem um total de nove filhos. (De novo o misterioso número “9”.)

Mas deixemos para outra ocasião a inevitável polêmica sobre os “irmãos” do Filho do Homem...

Na aldeia de Belém estava para acontecer um fato que alteraria a “bússola” da humanidade.

– No mundo também há gente boa.

Assim resumiu Maria o providencial fato da mudança de morada do casal e do bebê.

No dia seguinte ao nascimento de Jesus, seu pai terreno cumpriu sua obrigação recenseando a família.

– E sem nenhuma satisfação – advertiu Maria.

A razão era simples. Os recenseamentos encerravam uma secreta intenção por parte de Roma: ter seus súditos controlados com o fim de aumentar os impostos na medida do possível. Na província da Judéia, a resistência do povo e do próprio Herodes havia retardado em mais de um ano a ordem de Augusto: o édito do César foi promulgado em março do ano “menos 8” (justamente no mês em que se casaram Maria e José). Até o “menos 7” o recenseamento não havia sido realizado na Palestina.

O caso é que, por mediação de um homem a quem haviam conhecido em sua estada em Jericó, José pôde fazer amizade com outro viajante que dispunha de um cômodo na pousada de Belém. E ele, compreensivo e compadecido, aceitou permutar seu alojamento pelo que a família ocupava.

– Foi um bom homem – suspirou Maria.

Dessa forma – até que encontrassem acomodação na casa dos parentes de José –, o casal e o Filho desfrutaram de um lugar mais aceitável que um estábulo. Sua permanência no albergue duraria três semanas.

Desde o primeiro momento, a Senhora se encarregou de amamentar Jesus. E a amamentação – por motivos que detalharei mais tarde – se prolongaria durante mais de dois anos.

Como também era de supor-se, Maria apressou-se a avisar sua prima do feliz acontecimento. No dia 23 desse mês de agosto enviou-lhe um mensageiro. A resposta de Isabel foi imediata, com um convite a José para que se apresentasse no Templo e informasse Zacarias. E o entusiasmado pai não tardou a ir a Jerusalém.

Pelo que deduzi das explicações da minha informante, tanto o casal de Judá quanto o de Nazaré estavam persuadidos – não só naquele momento como durante muitos anos – de que “Jesus seria o Libertador político dos judeus e João, seu braço direito e chefe de seus colaboradores”. Não me cansarei de insistir nessa circunstância. E como nova amostra de quanto afirmo – abandonando até a ordem cronológica dos acontecimentos – vou expor um fato acontecido no ano 11 de nossa era, quando Jesus contava já 17 anos. Creio que vale a pena alterar momentaneamente a cronologia se, com isso, alcançar uma visão mais exata dos pensamentos e sentimentos da Senhora e de sua família quanto ao papel de Jesus. Os cristãos, como poderei deduzir do que vou relatar em seguida, guardam uma recordação equivocada e cândida de Maria. As coisas não foram como gostaríamos que tivessem sido...

Naquela altura – ano 11 – crescia Jesus em Nazaré. Em todo Israel havia começado a brotar um sério movimento contra Roma. A agitação em Jerusalém e na Judéia contra os pagamentos dos tributos foi estendendo-se e chegou também ao norte: à Galiléia. Nasceu no seio do povo um poderoso e clandestino partido “nacionalista”, que com o tempo daria lugar a toda uma organização “guerrilheira” que já havia praticado algumas ações bélicas ali pelo ano 6, com um líder chamado Judas de Gamala, vulgo “o galileu”. Eram os zelotes, que sonhavam com a independência de Israel do jugo de Roma e que não queriam esperar a vinda do Libertador ou Messias. Sua filosofia podia resumir-se em duas palavras: “rebelião política”.

Pois bem, este grupo surgiu na Galiléia captando adeptos. Entrou também em Nazaré e, dada a liderança e o brilho do jovem Primogênito de Maria, os “nacionalistas” fizeram dele um dos primeiros e principais objetivos. O futuro Mestre ouviu-os, mas negou-se a ingressar em suas fileiras. Essa decisão influenciou em muitos dos jovens da vila, que – fiéis seguidores, já, da atraente

personalidade de Jesus – acabaram por afastar-se dos zelotes. E aqui surge o incrível: Maria, que compartilhava plenamente as idéias dos “nacionalistas”, opondo-se radicalmente ao jugo de Roma, lutou e argumentou com todas as suas forças para que Jesus aceitasse e entrasse para o partido. O Filho opôs-se; e a Senhora, inflexível, chegou a recordar-lhe a promessa feita a José e a ela própria, a seu regresso de Jerusalém, depois da famosa “escapada” do rapaz, quando contava 12 anos. (O Primogênito, por causa daquele “incidente”, aceitaria a ordem de seus pais de acatar em tudo suas disposições.)

Ao ouvir a palavra “insubordinação”, o Filho pôs a mão sobre o ombro de Maria, olhou-a bem nos olhos e lhe disse: “Mãe, como podes pensar isso?”.

A Senhora retratou-se de suas palavras, fruto de sua tensão, mas continuou insistindo – com a ajuda de Simão, um de seus irmãos, e de Tiago, seu outro filho – na necessidade de que Jesus reconsiderasse sua negativa e se fizesse “zelote”, abraçando assim a nobre causa nacionalista.

Esta crise, unida a outros acontecimentos posteriores, determinaria que o Filho do Homem fixasse sua residência na vizinha povoação de Cafarnaum. Essas divergências e polêmicas tornaram-se insuportáveis, e Jesus viu-se obrigado a partir. Mas deixarei as coisas assim. Os capítulos da juventude e da idade adulta do Mestre são tão sugestivos e importantes que merecem um tratamento à parte.

Como se vê, a idéia da Senhora com respeito à missão de seu Filho não era muito clara.

A propósito da visita de José a Zacarias se forjaria uma curiosa e até divertida história, que passarei a relatar. Mas antes, para contrapor ao que verdadeiramente sucedeu na apresentação de Jesus no Templo, vejamos primeiro o que sobre esse particular escreve Lucas:

“... Quando completaram os dias da purificação deles, segundo a Lei de Moisés, levaram Jesus a Jerusalém, para apresentá-lo ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor: ‘Todo varão primogênito será consagrado ao Senhor’; e, para oferecer em sacrifício, um par de ‘rolas ou dois pombos’.

“E eis aqui que havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; este homem era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel, e estava nele o Espírito Santo.

“A ele havia sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de haver visto o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, veio ao Templo e, quando os sacerdotes introduziram o Menino Jesus para cumprir o que a Lei prescrevia sobre ele, tomou-o nos braços e deu graças a Deus dizendo:

‘Agora, Senhor, podes, segundo tua palavra, deixar que teu servo se vá em

paz, porque meus olhos viram tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos, luz para iluminar os gentios e para a glória de teu povo, Israel’.

“Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que dele se dizia. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: ‘Eis que está posto para a queda e para a elevação de muitos em Israel, e para ser o sinal da contradição – e a ti mesmo uma espada te atravessará a alma! – para que fiquem a descoberto as intenções de muitos corações’.

“Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, de idade avançada; depois de casar-se havia vivido sete anos com seu marido e permaneceu viúva até os 84 anos; não se afastava do Templo, servindo a Deus noite e dia em jejuns e orações. Como chegasse naquela mesma hora, louvava a Deus e falava do Menino a todos que esperavam a redenção de Israel”. (2, 22-39.)

Agora relatarei os fatos, tal qual me foram narrados.

Moisés, com efeito, ensinou ao povo eleito que cada filho primogênito – por ordem de Yavé – pertencia a Deus. Mas, em lugar de serem sacrificados como em outras culturas pagãs, podiam ser “resgatados” pelos pais, mediante o pagamento simbólico aos sacerdotes de 5 shekels. Outra das leis mosaicas estabelecia que as mães, depois do parto, deviam apresentar-se no Templo para que cumprissem o ritual da “purificação”. No tempo de Cristo, ambas as cerimônias costumavam unificar-se em uma só.

Assim foi que Maria, José e o Menino foram a Jerusalém, dispostos a cumprir as normas religiosas estabelecidas. (A verdade é que nunca consegui entender a que “impureza” se poderia referir Yavé.) Dias antes – se não me esquecia –, os pais de Jesus haviam cumprido igualmente o obrigatório requisito da circuncisão do pequeno. E deram-lhe, oficialmente, o nome de *Yehsu’a*, que vem significar “Yavé salva”. (Talvez não tenha importância, mas Jesus jamais foi chamado “Jesus”, mas sim *Yehsua*, rabi e Mestre.)

O casal entrou no Templo, fez as compras e o sacrifício obrigatório e, quando se dispunha a apresentar o bebê aos sacerdotes, aconteceu “algo” que os deixou perplexos. Um homem e uma mulher levantaram os braços à passagem da comitiva, apontando para o casal que levava Jesus. Então, o homem – um velho cantor chamado Simeão e morador da Judéia – entoou um singular cântico. Dizia assim: “Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel. Já que nos visitou e resgatou o seu povo. Levantou seu cálice para cada um de nós na casa de seu servidor, Davi. Livra-nos de nossos inimigos e das mãos dos que nos odeiam. Tem misericórdia para com os nossos pais e recorda sua santa aliança: o juramento a Abraão, nosso pai. Que permitirá, depois de livrar-nos das mãos de nossos inimigos, servi-lo sem medo, com santidade e retidão diante dele todos os

dias de nossa vida. Sim, e Tu, Filho da Promessa, serás chamado o Profeta do Altíssimo, já que irás diante do Senhor para estabelecer seu reino, para dar a conhecer a salvação de seu povo, na remissão de seus pecados. Gozai da misericórdia de nosso Deus, pois que a luz do alto nos chega para iluminar aqueles que se acham nas trevas e na sombra da morte. Para conduzir nossos passos pelo caminho da paz. E agora deixa teu servidor partir em paz, ó Senhor, segundo tua palavra! Meus olhos viram a tua salvação, que colocaste diante de todos os povos. Uma luz para alumiar até os gentios e a glória de teu povo, Israel”.

Tal situação, como é natural, perturbou Maria e desconcertou José. De regresso a Belém, ambos concordaram que “aquilo” havia sido tão excessivo quanto prematuro. E perguntavam-se como fora possível que o velho cantor tivesse adivinhado que seu Filho era o Messias. Algum tempo depois viriam a saber a verdade. Isabel a contaria à prima, mostrando-lhe até o texto do cântico que seu marido, o sacerdote, lhe havia guardado. Zacarias era um velho conhecido de Simeão e da mulher que também erguera o braço à passagem de Jesus. A mulher chamava-se Ana, era da Galiléia e gostava de poesia. E ambos, Ana e Simeão, eram assíduos ao Templo. Faziam-se mútua companhia e, com o tempo, haviam feito uma boa amizade com Zacarias. O caso é que este – que ardia em desejos de revelar seu segredo sobre João e Jesus – acabou por contá-lo ao cantor e à poetisa. O esposo de Isabel sabia, de antemão, que a qualquer momento apareceriam no Templo José e a Senhora. E então combinou com Ana e Simeão que, à passagem do Menino, levantassem os braços em sinal de saudação e reconhecimento. A poetisa compôs um poema para a ocasião e Simeão encarregou-se de declamá-lo.

Esta foi a simples história, da qual se poderia tirar saborosas conclusões. Em especial, no que concerne ao evangelista Lucas, que talvez tenha ouvido uma versão altamente deformada com a passagem dos anos, tomando-a por boa... Nem Ana era profetisa nem Simeão falou de “espada alguma que atravessasse o coração de Maria”, nem suas palavras eram de sua criação, nem foi movido pelo Espírito para dirigir-se ao Templo naquela hora, nem tomou o Menino em seus braços.

E eu de novo me pergunto: quantas passagens da vida de Jesus terão sofrido a mesma sorte?

Se o Altíssimo continuar bendizendo-me com sua luz e sua força, talvez chegue a contar nossas experiências e aventuras nas aldeias de Belém e Judá e nas quais, graças à sua bondade, pudemos comprovar muitos dos fatos que agora estou registrando de forma apressada.

Outro dos singulares acontecimentos de que fui informado pela Senhora referia-se aos famosos “Magos”. Maria não saía de sua surpresa.

– Como sabes tu – perguntou-me – todas essas coisas?

Mas continuemos com o que importa.

Também com esse assunto teve algo a ver o bom e linguarudo Zacarias. Não sei o que eu haveria dado para conhecê-lo. Mas, quando “chegamos” à Palestina (ano 30), o velho sacerdote, que devia rondar pelos 70 ou 80 anos, havia falecido.

Tudo começou com a aparição na cidade caldéia de Ur¹⁸¹ de um misterioso “educador” religioso que, ao que parece, teria informado a uns sacerdotes-astrólogos do lugar sobre um “sonho” que havia tido e no qual lhe fora anunciado que “a Luz da Vida” estava prestes a aparecer no mundo, na forma de um “menino” e entre os judeus.

A Senhora continuou seu relato nos seguintes termos:

“... Aqueles sacerdotes puseram-se a caminho e, depois de várias semanas de inúteis pesquisas por toda a cidade de Jerusalém, já estavam a ponto de renunciar e regressar à pátria quando encontraram no Templo meu primo Zacarias. Este, então, disselhes que, com efeito, o Messias havia nascido em Belém. Indicou-lhes o lugar onde nos encontrávamos naquele momento e foi assim que eles acudiram prontamente com seus presentes. Depois se foram e não voltamos a vê-los...”.

A visita dos caldeus não passou inadvertida para o rei Herodes. Seus espiões e confidentes estavam por todas as partes. E os fez chamar. Os sacerdotes de Ur já se haviam entrevistado com José e Maria e informaram o idumeu do nascimento do “Rei dos Judeus”. A notícia abalou o medroso e decrépito Herodes, o Grande. Mas os “Magos”, possivelmente porque o ignorassem, não souberam dar-lhe muitas referências. Apenas que o Menino havia nascido de uma família que acabava de chegar a Belém para o recenseamento. O astuto rei despediu-os com uma bolsa de dinheiro, dizendo-lhes que o buscassem para que ele pudesse conhecê-lo e adorá-lo, já que, afirmou, “ele também estava convencido de que seu reino era espiritual e não temporal ou transitório.” Mas os três sacerdotes não voltaram.

E Herodes, desconfiado, continuou pensando no incômodo assunto do “outro rei”. Ele sabia que era um usurpador e que havia arrebatado o trono a seu legítimo rei: Antígono.¹⁸² Enquanto refletia sobre essas coisas chegaram novas notícias. Seus agentes lhe informaram do acontecido no Templo durante a apresentação do Menino. Até citaram parte do cântico entoado por Simeão. Herodes explodiu, chamando seus espiões de inúteis por não haverem localizado os pais do recém-nascido, e destacou novos agentes com a específica missão de

localizar a família de Nazaré.

Desta vez Zacarias agiu providencialmente. Ao ter conhecimento das manobras do rei, avisou José e, ele mesmo, também temendo por seu filho João, saiu de Jerusalém permanecendo junto de Isabel e longe de Belém. Maria e José, por sua vez, diante da grave ameaça de Herodes, ocultaram o bebê na casa dos parentes que tinham em Belém.

– A situação foi angustiosa – comentou a Senhora, estremecendo, ao recordar aqueles momentos. – Nossos recursos esgotavam-se rapidamente e, à vista do perigo, José hesitava se devia ou não procurar trabalho e permanecermos no lugar.

Um ano mais tarde, desesperado diante da infrutífera busca de seus esbirros, e suspeitando que o Menino continuava oculto em Belém, Herodes ordenou o registro imediato e sistemático de todas as casas e a execução a espada de quantos meninos menores de 2 anos pudessem ser achados.

Felizmente, entre os que rodeavam Herodes havia alguns que acreditavam na chegada do verdadeiro “Libertador” de Israel. E um deles fez de tudo para dar um aviso a Zacarias. Este comunicou o fato a José e, na mesma noite dos assassinios, o casal abandonou Belém precipitadamente.

Em total solidão, e com recursos proporcionados por Zacarias, a família foi para o Egito. Mais precisamente, para a populosa cidade de Alexandria, onde José tinha parentes. A matança alcançou dezesseis meninos.¹⁸³ Era o mês de outubro do ano 6 antes da Era Cristã. Jesus contava então 14 meses.

Mas, antes de entrarmos nessa outra ignorada etapa da vida de Jesus – a estada no Egito –, quis desfazer umas dúvidas que continuavam em minha mente.

– Não foi um anjo quem advertiu José em sonho que devia fugir de Belém?

Maria respondeu de pronto:

– Sim... um “anjo” chamado Zacarias, meu primo.

Mateus havia tornado a falhar. E eu tive de aceitar a reprimenda da Senhora que qualificou minha imaginação de “calorosa e possuída por loucos demônios”.

Sorri para mim mesmo. No fundo, a admoestação devia ser dirigida ao confiante e singular evangelista.

A segunda questão foi recebida com idêntica perplexidade.

– Uma estrela?

– De fato – insisti – contam que aqueles sacerdotes de Ur teriam sido guiados por uma estrela de grande brilho.

– Ouvimos algo, sim, mas não vimos nada tão extraordinário. É possível que José, se vivesse, poderia dar-te mais detalhes. Sinto.

Tive de resignar-me com a história da não menos célebre Estrela de Belém.

Mais tarde, como observei, em nossa exploração pelas colinas ao sul da Cidade Santa, essa e outras incógnitas ficariam decifradas. Por exemplo, a sangrenta matança dos infantes. Como ocorreu? Salvaram-se mais meninos além de Jesus? Como reagiu a aldeia diante do brutal extermínio?

Mas ainda restavam tantos temas por tratar...

O que ocorreu em Alexandria? Quanto tempo permaneceram na cidade egípcia? O que aconteceu nas viagens de ida e volta? Como foram aqueles primeiros anos da vida de Jesus?

O tempo urgia e concentrei minhas perguntas na fuga para o Egito...

¹⁷¹ No direito judaico, o matrimônio constava de dois grandes “momentos” ou fases bem diferenciadas e estreitamente ligadas: os esponsais e o casamento ou “bodas”. Quando dois jovens decidiam unir-se para toda a vida entravam no primeiro estágio. Na realidade já eram considerados como esposos; todavia a união definitiva, tal como determina o Deuteronômio, só se dava quando o noivo “tomava a esposa de sua casa” (Deut., XX, 7). Apesar disso, os esponsais não podem ser julgados como um simples “noivado”. Levavam em si mesmo o selo de um “autêntico contrato matrimonial”. Ao ponto de quando uma mulher fosse surpreendida em adultério – estando no período de “esponsais” – poderia ser repudiada e executada. Parece que era um costume tolerado, ainda que malvisto, que os “esposos” mantivessem relações sexuais, como marido e mulher, antes das núpcias propriamente ditas. Estas tinham lugar quando a noiva ou esposa era levada à casa do marido. A comemoração durava sete dias, às vezes mais. (N. do M.)

¹⁷² Efetivamente, seis gerações antes de José – segundo o texto de Mateus –, aparece um tal Sadoq ou Zadoc, que gerou a Aquim. Este gerou a Eliud e este, por sua vez, a Eleazar. Este gerou a Mattan e Mattan a Jacó. Este foi o nome do pai de José, esposo de Maria. (N. do M.)

¹⁷³ Entre os judeus de então, o ano começava na primavera. Concretamente, no mês de nisan, que correspondia ora a nosso março ora a abril. Este ciclo de culto era inspirado no calendário babilônico. A partir do desterro, o povo de Israel adotou também os nomes dos meses babilônicos: Lyyar era o segundo mês (abril-maio), Sivan o terceiro (maio-junho), Tammuz o quarto (junho-julho), Ab o quinto (julho-agosto), Elul o sexto (agosto-setembro), Tisri o sétimo (setembro-outubro), Marjesván o oitavo (outubro-novembro), Kisleu o nono (novembro-dezembro), Tebet o décimo (dezembro-janeiro), Sabat o décimo-primeiro (janeiro-fevereiro) e Adar o duodécimo e último (fevereiro-março). O ano era lunisolar, com 12 meses de 29 ou 30 dias e um mês suplementar, a cada dois ou três anos, para compensar o atraso do ciclo lunar sobre o ano solar. (N. do M.)

¹⁷⁴ Lucas em seu Evangelho repisa, de quando em vez, a palavra “virgem”... “Ao sexto mês foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem de nome José, da casa de Davi; o nome da virgem era Maria...” Em tão poucas linhas se contam dois erros: “uma virgem desposada com um homem de nome José” e “da casa de Davi”. Quanto ao resto da passagem em questão, também aparece repleto de “modificações ou de erros”. Por exemplo, referindo-se a Jesus, Lucas põe na boca do “anjo”: “... e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi”. Jamais houve alusão a tal trono. Para quê? A missão do Mestre era outra e Ele se encarregaria de repeti-lo em vida mais de uma vez. Lucas, que escreveu seu Evangelho muitos anos depois da morte de Maria, não foi bem informado ou talvez se deixasse arrastar pelas correntes que pretendiam exaltar tudo que fora relacionado com Jesus, incluindo uma mãe permanentemente virgem. Algo que ia contra todos os costumes e normas da sociedade judia de então. (N. do M.)

¹⁷⁵ Na Palestina, nessa época, os caminhos que a cortavam de norte a sul, tal qual os que corriam de leste a oeste, não eram fáceis. Entre os primeiros havia três grandes rotas: a de Sefela, que ia dar na cadeia montanhosa do Carmelo; a do Jordão, que era muito árdua durante os meses de calor, e a mais usada,

Samaria, muito escarpada e que os judeus de estrita observância religiosa procuravam evitar a todo custo. (O contato com os samaritanos era motivo de “impureza”.) Se não fosse pelo estado delicado de Maria, José talvez tivesse decidido por esta última. (N. do M.)

176 O líquido fetal, logicamente, não é comprimível e, ao derramar-se, contribui para dilatar as membranas até o ponto de menor resistência. Geralmente, depois do aparecimento das membranas, empurrando o canal cervical, a cabeça fetal chega por trás, dilatando ainda mais o conduto. É muito possível que esse “rompimento da bolsa”, como se denomina popularmente a perda do líquido fetal, se produzira em Maria no transcurso dessa noite de 20 de agosto. (N. do M.)

177 Essa descrição poderia encaixar-se na última fase das dores. Talvez tivessem uma intermitência de cinco minutos. Em cada contração, as fibras musculares da parede uterina comprimem mais a cavidade, preparando assim a saída do bebê, que cada vez dispõe de menos espaço. Entre uma contração e outra o normal é que se registre uma pausa. Nesse momento entra sangue fresco na placenta e os batimentos cardíacos do bebê recuperam sua frequência e intensidade. (N. do M.)

178 O costume de friccionar o recém-nascido com sal baseava-se na crença de que, assim, a pele adquiria maior firmeza. Quanto ao fato de entregá-lo primeiramente ao pai, constituiu todo um rito de reconhecimento e legitimidade. O normal era que, ao receber o bebê, o pai o colocasse sobre os joelhos. Se um avô se encontrasse presente, o privilégio lhe era cedido, tal como rezava o Genesis (L. 13). (N. do M.)

179 Com toda a probabilidade, a adoção pela Igreja do dia 25 de dezembro como festividade do Natal (refiro-me à Igreja Ocidental) remonta ao século IV ou V de nossa Era. Uma das opiniões mais difundidas e aceitas relaciona este fato à “institucionalização” do Cristianismo pelo Imperador Constantino, que impulsionou a definitiva expansão e consolidação pública da religião dos cristãos. Parece muito provável que a florescente Igreja decidira “transformar” uma das celebrações pagãs de então na “Natividade” do Senhor. Ainda que haja diversidade de opiniões a esse respeito, pode-se pensar que essa celebração pagã que serviu para a “mudança”, fora a do “invencível Sol” ou as Angeronalias ou Divalias, todas elas romanas. Estas últimas tinham lugar no dia 21 de dezembro. Segundo Varron (L, L, 6, 23), oferecia-se um sacrifício à deusa na cúria Acculeia. Ao que parece, tal qual Dea Dia, eram festas realizadas nos dias mais curtos do ano (solstício) e que anunciavam a renovação do ano ou a “vitória do Sol”. (Com efeito, os dias começavam a ser mais longos.)

A Igreja do Ocidente (a do Oriente jamais celebrou a Natividade; só a Epifania), segundo os experts, pôde transmutar a festa que comemorava o “nascimento ou a chegada e vitória do triunfante Sol” pelo “nascimento do verdadeiro Sol: Jesus de Nazaré”. Nas célebres homilias do papa São Leão Magno (ano 450) já se fala dessa “moderna” festa cristã de 25 de dezembro. Como mencionei em alguns de meus livros, os costumes pastoris daquela época (como a própria meteorologia da Palestina) não permitiam que os “pastores guardassem seu gado ao relento” nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Quanto ao segundo erro, ao qual faz alusão o Diário do Major – o de marcar o nascimento de Cristo no ano “1” –, também estou de acordo. Não pode ser assim. O padre jesuíta Igartua, em sua excelente obra *Los Evangelios ante la Historia* (pág. 73), dá um pormenorizado informe sobre esta “falha”, reconhecida por todos os historiadores e que nos faz arrastar um grande “atraso” no calendário oficial. Eis aqui o estudo de J. M. Igartua:

“1. Jesus nasceu nos tempos de Herodes, o Grande, segundo os próprios Evangelhos (Mt., 2, 1, e Lc., 1, 5). Mas Herodes morreu antes do ano 1, logo é necessário antecipar a data do nascimento de Cristo.

“2. Em que ano morreu Herodes? Chegou-se à precisão através do historiador judeu Flávio Josefo. Eis aqui seus dados. O ano em que Herodes começou a reinar é fixado por ele conforme a contagem grega existente na 184ª Olimpíada – sendo que o intervalo entre as Olimpíadas era de 4 anos – o que dava um total de 736 anos. Determina o ano pelo consulado romano contemporâneo de Calvíno e Assínio Políon (Ant. Jud., XIV, 14, 5). Mas ainda não se pode estabelecer a Era Cristã, pois não temos ainda dados de correlação entre ambos os cálculos cronológicos.

“3. A duração do reinado de Herodes é dada pelo historiador Josefo como sendo de ‘34 anos depois que matou (seu opositor) Antígono e desde que recebeu o reinado dos romanos, 37 anos’. (Ant. Jud., XVII, 8,

1, e Bell., Jud., 1, 33, 8.) A morte ocorreu cinco dias depois de ordenar a execução de seu próprio filho, Antípatro. Continuamos, porém, na mesma incerteza sobre a correlação com a Era Cristã de Dionísio, o Pequeno (a atual). Os 736 anos gregos das Olimpíadas (na 184ª Olimpíada, segundo Josefo) se correlacionam com os anos romanos, restando 23, pois, segundo Varron, a fundação de Roma se deu no ano 23 das Olimpíadas, e equivalem assim a $736 - 23 = 713$ ab UC. Como Josefo acrescenta que Herodes reinou 37 anos, somando estes aos 713 temos 750 ab UC para o ano romano de sua morte. Como emparelhar agora com a Era Cristã este ano 750 ab UC da morte de Herodes?

“4. Providencialmente, um dado quase perdido no conjunto permitiu que se estabelecesse a correlação. Pois Josefo (Ant. Jud., XVII) narra a ocorrência de um ataque dos extremistas religiosos ao Templo contra as insígnias romanas, dirigido pelos doutores da Lei e executado por audazes jovens, a não mais de um mês da morte de Herodes. Este, que mesmo doente, ainda tinha rasgos cruéis, mandou queimar vivos os dois doutores e alguns dos jovens atacantes, e nesse mesmo dia de sua execução – conta Josefo – houve um eclipse da Lua, que foi interpretado como sinal celeste contra Herodes, acrescentando que sua morte ocorreu na Páscoa. Pois bem, os astrônomos modernos identificaram tal eclipse da Lua, visível na Judéia, no ano 4 antes de Cristo, em 13 de março. Temos assim um dado já certo de correlação: o ano da morte de Herodes, o Grande, foi o ano ‘menos 4’ antes de Cristo, e o nascimento de Jesus deu-se, conforme o que se recorda dos Evangelhos sobre sua vida, logo depois do ‘menos 4’. Se acrescentarmos o cálculo de dois anos que fez o próprio Herodes em Mateus, quando mandou matar os meninos menores de 2 anos, estamos em ‘menos 6’. E assim se calcula, com bastante precisão, como o ano do nascimento de Jesus o ano ‘menos 6’ ou ‘menos 7’ da Era Cristã”. (N. de J. J. Benítez.)

180 De la virgindad de la B. V. M. (Cst., 681 B.s; Jf., 261; PL., 13, 1177B; Msi., 111, 675A; Hrd., I, 859(s.), na que se refuta o erro de Bonoso. (N. do M.)

181 Ainda que existam dúvidas a respeito, a cidade de Ur tem sido identificada com a pátria de Abraão. O Gênesis (11, 31) diz que o pai do famoso patriarca, Teraj, emigrou de Ur da Caldéia para Jaran, uma grande cidade sumeriana situada junto ao golfo Pérsico. (N. do M.)

182 No ano de 39 a.C., Herodes, o Grande, procedente da Itália, entrou em Israel com um exército de mercenários. Durante dois anos enfrentou Antígono, o legítimo monarca, que tinha a seu lado os judeus. Jerusalém cairia em suas mãos depois de dois meses e meio de assédio. Milhares de hebreus foram abatidos e Antígono, preso, foi enviado a Antióquia. Ali seria decapitado pelo célebre Marco Antônio. Sua morte pôs ponto final aos 103 anos da legítima dinastia dos Asmoneus. (N. do M.)

183 Alguns exegetas modernos têm posto em dúvida a realidade histórica desse infanticídio. Examinando a trajetória de Herodes, o Grande, chega-se à triste conclusão de que a crueldade do impostor era tal que esta ação encaixa-se perfeitamente em sua “linha de conduta”. Vejamos alguns exemplos que, na minha opinião, justificam o que digo: a partir do ano 37 a.C., o governo de Herodes se converteria em um pesadelo. Foram justicados 45 partidários de Antígono pertencentes às mais nobres famílias. Sua vingança não se deteve nem diante do Conselho Supremo. Numerosos anciãos e escribas foram também executados ou desterrados. Sua desconfiança atingiu até sua própria família. Em Jericó, por ordem sua, foi assassinado, durante o banho, seu cunhado Aristóbulo III, que contava somente 17 anos na ocasião. Ordenou depois o assassinato de sua esposa, Mariamme, e sua mãe, Alexandra. Por último, tirou a vida de dois de seus filhos.

Formou um autêntico exército de espiões e confidentes que espalhavam o terror, provocando um contínuo banho de sangue. Em seu testamento chegou a incluir uma cláusula secreta pela qual – assim que viesse a falecer – milhares de dignitários de Israel deveriam ser reunidos no hipódromo e transpassados a espada. “Dessa forma” – explicava o próprio Herodes –, “o pranto e o luto por minha morte será muito maior.”

E, como já vimos, pouco antes de sua morte, o odiado “criado idumeu”, como era chamado popularmente, mandou queimar vivos vários doutores da Lei e os “guerrilheiros” (possivelmente zelotes) que assaltaram o Templo jogando por terra águias e brasões de Roma.

Ante semelhante mar de sangue e destruição, como duvidar da historicidade da chamada “matança dos inocentes” de Belém? Se alguma coisa lhe havia custado muito na vida era precisamente o trono que usurpara. De maneira alguma podia deixar que algum “rei” o arrebatasse dele. E muito menos o

prometido “Libertador”. (N. do M.)

[NOTA DE J. J. BENÍTEZ

O destino parece zombar novamente de mim e dos meus propósitos. Pela segunda vez, e por idênticas razões – de estrito caráter técnico –, sou obrigado a interromper aqui a informação do Major sobre a infância e juventude do Mestre. Espero que o resto possa ver a luz no futuro... Peço desculpa. Prosseguirei agora até o final dos documentos.]

14 de abril, sexta-feira

“Como é possível que a vida de um ser humano desmorone em minutos?”

Naquela sexta-feira, 14 de abril, tal como havíamos planejado, deixei a fazenda de Lázaro e subi ao alto do monte das Oliveiras, disposto a pôr em marcha a última fase da missão em terras de Jerusalém. Ia feliz pela informação obtida em Betânia. Meus conhecimentos sobre a juventude e a idade adulta do Mestre haviam sido copiosamente enriquecidos. E minha visão das “coisas” melhorou. Não há nada como a informação para entender e amar...

Nosso plano era o seguinte: nessa sexta, checar os preparativos para o segundo lançamento da nave. Se tudo estivesse como imaginávamos, na semana seguinte abandonaríamos a “base-mãe” para voar para o norte, até o ponto previamente estabelecido pelo Cavalo de Tróia na Galiléia. Dali, efetuaríamos a que supúnhamos última etapa da exploração e que abrangia dois objetivos básicos – o acompanhamento das aparições de Jesus e toda uma série de comprovações em relação à sua infância e juventude em Nazaré e cercanias – além de outros secundários.

Mas tudo mudou em segundos...

Eram 10h20 quando penetrei no módulo. Nunca o esquecerei. Eu havia notado certa anormalidade nas últimas conexões. A voz de meu companheiro soava ligeiramente apagada. Atribuí-o ao cansaço, senão à pesada solidão.

Assim que vi seu rosto consumido, compreendi que algo grave acontecia. Cheguei a pensar que teria sofrido algum novo desmaio. Ao fechar a escotilha, o silêncio foi violento. Não quis forçá-lo e esperei.

Parecia hesitar. Olhou-me fixamente por vários e intermináveis minutos e, por fim, seus olhos se umedeceram.

Eu é que tive de dar o primeiro passo. Coloquei as mãos sobre seus ombros e pedi-lhe que falasse.

– Que ocorre? Alguma coisa vai mal? Talvez a nave?

Negou com a cabeça cada uma de minhas perguntas.

– E então?

– Estamos muito mal!

Não entendi o significado daquela explosão.

– O que acontece com o “berço”? Fale, por Deus!

Eliseu enxugou suas lágrimas e, sentado em frente ao painel de comandos, digitou o computador central. Espiei cada um de seus movimentos, convencido

de que, em minha ausência, o módulo havia sofrido algum dano irreparável. Mas não... não era esse o problema.

No mesmo instante, no monitor, foi desfilando uma série de dígitos esverdeados.

Concluída a operação, apontou para a tela e me disse que o comprovasse por mim mesmo.

Após uma atenta e nervosa leitura, só consegui exclamar:

– Deus do céu! Então você...

E sem aguardar a possível explicação de Eliseu, dei meia-volta e abri o compartimento no qual os especialistas do Cavalo de Tróia haviam parafusado a misteriosa caixa de aço de 40 centímetros de largura e que, como eu disse, estava conectada ao Papai Noel. Tal como supunha, estava aberta...

E as palavras do general Curtiss me acudiram à memória: “Sinto. Isso é material secreto. Alto segredo”.

Nenhum de nós havia esquecido a enigmática urna metálica. Mas Eliseu, vencido pela curiosidade ou por uma premonição, adiantou-se às minhas intenções, revelando o trágico segredo.

Jamais lhe perguntei como havia conseguido abri-la. Isso agora era o de menos. A realidade – triste e providencial ao mesmo tempo – estava ali, diante de meus olhos...

Compreendemos as boas intenções do general ao não querer revelar-nos o conteúdo e a finalidade da caixa. De que serviria assustar-nos? O caso é que o Cavalo de Tróia, como ficou dito a seu tempo, havia descoberto uma possível alteração em nossos tecidos neuronais, em consequência do processo de inversão de massa dos *swivels*. Curtiss nos havia informado disso e nós, livre e conscientemente, aceitáramos continuar com a missão. Apesar de tudo, os cientistas de Edwards – com a cumplicidade do chefe da operação – haviam introduzido e adaptado na nave uma experiência que serviria para confirmar suas suspeitas. Direta e intimamente ligado ao computador central, aquele dispositivo – mais os dados fornecidos pelos dispositivos “RMN” ajustados a nossos crânios – havia revelado que os temores dos *experts* eram fundados.

No interior da caixa estavam dois tubos de plástico incombustível, repletos de *drosophilas* do Oregon, umas pequeníssimas moscas de 3 milímetros (em um só grama podem caber mil desses exemplares) e cuja composição celular, uniforme, as torna idôneas para os ensaios e estudos sobre o envelhecimento. No fundo das provetas haviam sido colocadas soluções de açúcar e levedo de cerveja com alto poder vitamínico, que serviriam de alimento às *drosophilas*. Em uma espécie de teste que guardava certa semelhança como o da “geotaxis negativa”, Papai Noel estava checando o comportamento das moscas “antes,

durante e depois” da inversão axial dos eixos dos *swivels*. A proveta da esquerda continha 50 moscas velhas (de 84 dias de idade) e a da direita, o mesmo número, mas com exemplares “jovens” (de 7 dias).

Por serem constituídas por um único tipo de célula – do mesmo modo que os neurônios –, eram ideais para se tentar compreender o que ocorria no mais íntimo das células.¹⁸⁴ Talvez assim se pudesse descobrir nosso mal e o hipotético remédio...

Eliminarei explicações excessivamente científicas. A questão, a gravíssima questão era que o Papai Noel havia detectado o problema armazenando-o em sua memória. Poder-se-ia resumi-lo assim: durante os processos de inversão das partículas subatômicas, “algo” – isso não chegamos a isolar com segurança – provocava uma mutação ou perda de ADN nuclear em nossos neurônios. O resultado era um irreparável e progressivo – eu diria galopante – envelhecimento generalizado de toda a rede neuronal.¹⁸⁵ Em outras palavras: estávamos condenados a uma rápida degeneração fisiológica, em consequência da maciça morte dos neurônios. De acordo com os cálculos do computador, aplicáveis de certo modo ao cérebro humano, essa perda de colônias neuronais podia ser estimada em uma porcentagem que oscilava ao redor de 10% anual. Quer dizer, considerando que a cifra teoricamente aceita como a “fronteira” limite, antes de cair no envelhecimento patológico cerebral (com manifestações clínicas), é de 85%, nossa margem de vida ativa – ou relativamente ativa – foi fixada pelo Papai Noel em 9 anos e poucos meses.¹⁸⁶ Isso, definitivamente, era o que nos restava de vida... Agora compreendia o porquê das escamas de meu corpo, o desmaio de Eliseu e minha fugaz obnubilação na casa dos Marcos.

Sempre restava a esperança – vaga, mas esperança, enfim – de que a ciência achasse um remédio para a nossa crítica situação. (O grande cientista Miquel, do *Ames Research Center* da NASA, em Moffett Field, Califórnia, faria pesquisas nesses anos com uma substância – o brumoro de etídio – que deu excelente resultado com as *drosophilas*, prolongando-lhes a vida até 20%. Mas nós, claro, não éramos *drosophilas*... ainda.)

Por minha sugestão, ambos dedicamos toda aquela jornada a uma nova e exaustiva revisão dos parâmetros computadorizados pelo computador central.

À noite, o monitor conectado ao Papai Noel forneceu o mesmo e trágico balanço, com a agravante de que as futuras e inevitáveis inversões de massa poderiam acarretar novas mutações. Sábia e destramente programado, nosso fiel “amigo”, o computador, concluiu seu veredicto com algo que já sabíamos: “Somente a manutenção do consumo de oxigênio a níveis prudentemente baixos nas mitocôndrias de suas linhas germinais pode atenuar a perda da capacidade mitótica da célula e assim diminuir o risco de mais alterações na informação

genética”.

Isso significava sujeitar-nos a uma vida praticamente vegetativa.

Desanimados, caímos em uma profunda prostração.

Penso que a incrível idéia sugerida por Eliseu, no transcurso de tão longa e penosa noite, não foi improvisada naquelas últimas horas daquela sexta-feira, 14 de abril do ano 30. Seguramente havia sido lucubrada muito antes.

– Uma vez que nos achamos “marcados” – explicou, buscando minha aprovação –, por que não chegar até o fim desta aventura?

E, sem esperar minha opinião, esvaziou o coração, lamentando sua péssima sorte naquela missão. Não lhe faltava razão. Ele já o havia insinuado em Massada e em nossas conversas no hotel de Jerusalém: não havia tido oportunidade de ver nem ouvir o Mestre.

– Por quê? – perguntou-se a si próprio. – Por quê?...

– Talvez na Galiléia... – sugeri, lembrando-lhe que a exploração não havia terminado e que faltava o acompanhamento das aparições de Jesus no lago.

Meu irmão reconheceu que tudo isso era possível, mas sua “idéia” ia muito além. E ao expô-la – longe de me opor – fui-me enamorando dela. Que podíamos perder? O limite de nossa vida acabava de ser dramaticamente fixado em nove ou, com sorte, em dez anos mais... Pensando bem, quando se nos ofereceria semelhante oportunidade?

– Jamais! Você sabe que se conseguirmos voltar seremos retirados do serviço ativo... e para sempre.

Apesar de tudo, pedi-lhe tempo. Precisava meditar. Teria de avaliar os prós e os contras...

Ele o compreendeu, mas me pediu que tomasse uma decisão antes da decolagem do módulo para a Galiléia. Prometi.

A “idéia” não era outra senão “ampliar”, por nossa conta e risco, o tempo daquela segunda exploração, vivendo os quase quatro anos da vida pública de Jesus, passo a passo e colados ao Mestre!

É difícil descrever o entusiasmo mostrado pelo meu companheiro no momento de “vender-me” sua idéia.

– Você imagina? Poderíamos conhecer muitos de seus segredos. Nós o seguiríamos no deserto, investigaríamos os milagres. Será verdade que transformou a água em vinho? Como escolheu seus doze apóstolos? Quem era João Batista? Por que não fez algo para salvá-lo? Caminhou realmente sobre as águas? Você já imaginou, Jasão?

– Certamente que sim.

Do ponto de vista técnico, a proposta era viável. Bastava manipular os

swivels novamente. Só que isso podia significar mais riscos para os nossos já castigados cérebros...

Em Massada não tinham por que saber desta aventura “extra”. Quanto ao “berço”, havia sido dotado, nesta “viagem”, com elementos e equipamentos suficientes para aceitar o fascinante desafio.

Tudo, em definitivo, dependia de mim. Eliseu, compreensivo, adiantou-me que no caso de uma decisão negativa a acataria e regressaríamos a “nosso tempo”, de acordo com o plano do Cavalo de Tróia.

Devo confessar que aquelas últimas horas haviam sido as mais difíceis da minha vida.

184 De acordo com as teorias dos doutores Warburg, Harman e Miquel, entre outros, os estudos e experiências sobre ratos e drosophilas indicam que, entre as alterações mais importantes produzidas pelo envelhecimento ao nível subcelular, figuram: inclusões intranucleares, invaginação da membrana nuclear, acumulação do pigmento lipofuscina e diminuição do número de ribossomos e mitocôndrias. O pigmento, que é um dos efeitos do envelhecimento mais intensamente estudados, origina-se em grande proporção a partir das mitocôndrias, que, como é bem sabido, podem sofrer uma degradação de suas membranas com participação das enzimas lisossômicas. Esta desorganização estrutural que, em definitivo, era o que Eliseu e eu sofriamos, é acompanhada de uma grande variedade de alterações bioquímicas, entre as quais se destacam uma diminuição da síntese de proteínas, uma tendência à oxidação dos aminoácidos sulfurados e uma depressão da oxidação intramitocondrial dos lipídios. (N. do M.)

185 Tínhamos registro da inativação do ADN da mitocôndria, causa quase certa da degenerescência mitocondrial e, por sua vez, do envelhecimento final. Miquel, por exemplo, em suas experiências na NASA, havia adiantado que essa inativação do ADN poderia ser causada – em geral – pelos produtos nocivos (radicais livres e peróxidos de lipídios) que têm origem na mitocôndria durante a produção de energia por meio da respiração celular. Segundo essa teoria, o envelhecimento humano e dos animais seria uma manifestação de desgaste e uma consequência inevitável da falta de equilíbrio entre os processos desorganizadores e regeneradores nas células diferenciadas. Desgraçadamente conhecíamos os efeitos, porém não a ou as causas dessa mutação... ainda que tudo parecesse apontar para o “mortal” consumo de radicais livres dos neurônios durante o infinitesimal processo de inversão de massa. De fato, as drosophilas jovens – com maior capacidade de consumo desse oxigênio ativado – haviam morrido mais rapidamente e em maior proporção que as velhas durante o processo de inversão dos eixos dos swivels. A chave, em suma, deveria estar nos radicais livres. (N. do M.)

186 De acordo com as medições de Von Economo e Koskinas, o número de neurônios de um ser humano adulto e normal alcança a astronômica cifra de 14 bilhões! Nossas perdas anuais, com base nesse número, foram estimadas em algo menos de 1,4 bilhão. Ou seja, para entrar na perigosa fase de morte ou “quase-morte” cerebral faltava-nos somente uns 9 anos e meio. Em um adulto, a partir de 20 anos, e em condições normais, estas perdas foram fixadas em uns 36,5 milhões neurônios. Como sabe qualquer especialista em anatomia humana, a capa ou córtex cerebral é a massa cinzenta que recobre a superfície dos hemisférios cerebrais, à exceção das partes que se mantiveram rudimentares, como é o caso da “área coroidal”. O córtex forma, portanto, uma capa contínua que forra não só porções das circunvoluções que são visíveis na superfície como também as faces laterais e os fundos dos sulcos. Sua superfície é, portanto, consideravelmente mais extensa do que faz presumir o aspecto externo do cérebro. Esta “superfície”, avaliada por métodos planimétricos, para um indivíduo adulto seria de 220 mil mm². Quer dizer, um quadrado de cerca de 0,50 m de largura. Destes, somente um terço correspondente à superfície

das circunvoluções, enquanto os 2/3 pertencem às faces laterais e fundos dos sulcos.

A “espessura” do córtex varia muito de uma região para outra: de menos de 2 a 4,5 mm, considerando-se uma média de 2,5 mm. Aceitando essa média e a superfície já dada, seu “volume” seria de uns 560 cm³. Como seu peso específico seria de 1.038, temos que seu “peso” é de uns 581 gramas.

O córtex é constituído principalmente de células nervosas e fibras que são os prolongamentos destas mesmas células ou procedentes de outras, colocadas em outras regiões do sistema nervoso. O elemento nobre são as células nervosas ou neurônios. Contando o número das células existentes em um quadrado de córtex de 1 e de 2,5 mm de espessura, os dois cientistas – Economo e Koskinas – estabeleceram o número em 63 mil, que, multiplicadas pela superfície total (220 mil mm²), daria o volume de 14 bilhões de neurônios. Deste número, 8 bilhões corresponderiam a células grandes e médias; o restante, às pequenas. Se reuníssemos todas essas células, elas ocupariam um volume aproximado de 20,4 cm³, com um peso insignificante de 21 gramas! É assombroso que o homem “pense” com um peso tão desprezível... (N. do M.)

16 de abril, domingo

Ainda que seja só por uma vez, devo felicitar-me e felicitar meus instrutores pelo treinamento recebido. Apesar do que sabíamos sobre nosso destino, nada variou no programa da operação. Ao amanhecer do sábado, 15 de abril, ambos havíamos “esquecido” nossa tragédia comum e mergulhamos nos complexos preparativos da próxima decolagem do “berço”, do vôo para as imediações do lago de Tiberíades e da descida no novo “ponto de contato”. Reprogramamos Papai Noel e, quando tudo estava pronto, submetemos o plano da exploração propriamente dito a uma última e exaustiva checagem. E assim, como se nada houvesse acontecido, vimos passar o sábado.

Por volta das 6 horas da manhã seguinte – dezoito minutos depois do orto solar –, desci do módulo pondo-me a caminho de Jerusalém. Os dados meteorológicos colhidos na nave mudaram visivelmente. O vento leste havia cessado, sendo substituído por uma ligeira brisa noroeste que pressagiava frentes de tempestade não muito distantes. A temperatura no cume do monte das Oliveiras desceu a 7 °C. Isso, muito provavelmente, foi a causa da espessa névoa que me recebeu e que deslizava rápida, varrendo a “nave mãe” e o promontório do sul na direção leste-sudeste. A forte radiação do dia anterior havia aquecido o ar, tornando-o menos denso. Este havia subido pelas escarpas, condensando-se e dando lugar à tão incômoda neblina. O vale do Cedron, ao invés, estava claro. E, protegendo-me do frio com meu amplo manto, escolhi o caminho que levava à Porta Dourada, no muro oriental do Templo.

Cruzei o Átrio dos Gentios quase deserto e, sem pressa, fui à casa dos Marcos. A cidade, como todo dia, começava a despertar ao ritmo usual da moenda do grão.

Não dispúnhamos de muitos dados sobre a segunda das aparições de Jesus de Nazaré aos seus. João cita em seu Evangelho que teve lugar “oito dias depois” da primeira, que ocorrera na noite do último domingo, 9 de abril. Se o evangelista estava certo, essa nova presença aconteceria na segunda-feira. E, por prudência, decidi ir a Jerusalém 24 horas antes. Meu plano não era complicado. Assim que pisasse na casa de meu bom amigo Elias Marcos, tentaria saber do paradeiro de Tomé, o discípulo “desertor”. Tentaria, depois, encontrá-lo e conversar com ele. Era o único com quem eu não havia podido falar sobre os últimos acontecimentos. E ainda, se possível antes do anoitecer, retornaria à cidade e esperaria pela segunda-feira.

Mas, quase como sempre, tudo sairia ao contrário...

Meus projetos naufragaram quando, ao transpor a porta da residência dos Marcos, vi Tomé no pátio esquentando-se ao pé do fogo e devorando o desjejum. Maria, o resto de sua família, os discípulos e, sobretudo, o benjamim da casa receberam-me com o melhor dos sorrisos. A mãe do menino, logo que me viu, largou no chão a vasilha de madeira que trazia na cabeça e que continha a massa fermentada para o pão e pôs-se a examinar minha fronte. A verdade é que nem eu mesmo lembrava do meu hematoma... Tive de prometer-lhe que permaneceria pelos menos até a volta de seu marido. E com prazer aceitei a caneca de madeira com leite de cabra fervente e com uma grossa nata.

Ao sentar-me à frente de Tomé, procurei observá-lo dissimuladamente. Os agitados e frenéticos acontecimentos daquela longa semana – contando minha primeira exploração – não me haviam permitido, como haveria sido meu desejo, estudar a fundo cada um dos doze. Que sabia eu de suas vidas, suas famílias, seus desejos e inquietudes? Praticamente nada. Somente conhecendo os seres humanos é que podemos compreendê-los e amá-los. E Tomé, como o resto deles, era um mistério. Pela sua reduzida e atlética compleição e pelo pouco que fui apanhando aqui e ali de seu caráter, talvez ele se encaixasse no temperamento “enequético” que Kretschmer, Mauz e Minkowska descrevem. Quer dizer, um homem pouco nervoso, que reagia com lentidão diante dos estímulos; de falar lento e cadenciado – eu diria que era um “filósofo” –, com uma tendência à perseverança muito pouco comum, grande trabalhador, lógico-analítico e de um esmero pessoal que se sobressaía. Por exemplo, entre seus irmãos era o único que trazia as unhas sempre limpas e cabelos perfeitamente penteados e presos em um “rabo de cavalo”.

Olhou-me em várias ocasiões, mas nada disse. Limitou-se a baixar a face morena, quase egípcia, estendendo as palmas das mãos para o reconfortante calor do fogão. Tomé não conseguiu superar sua timidez, agravada pelo estrabismo em seu olho esquerdo.

Nem sequer tentei interrogá-lo. Não achei que fosse o momento oportuno, pois parecia mergulhado em difíceis reflexões. Dirigi-me, então, ao andar superior. Ali continuava a maioria do grupo. O ambiente geral era muito diferente do dos dias anteriores. Havia otimismo e não se falava em outra coisa que não fossem os preparativos para a viagem à Galiléia. Muitos daqueles homens, especialmente os irmãos Zebedeu, Simão Pedro e André, tinham suas famílias nos povoados situados às margens do lago e estavam ansiosos por voltar a vê-las. João fez-me mil perguntas sobre sua mãe e Davi, seu outro irmão, os quais eu havia deixado em casa de Lázaro. E aproveitei a ocasião para interrogá-lo sobre o estado de Tomé.

O Zebedeu meneou a cabeça com preocupação. Era Tomé o único que continuava resistindo à já aceita idéia da ressurreição do Mestre.

– Ontem, sábado – replicou-me o jovem Zebedeu –, cansados de esperar, Pedro e eu decidimos sair em sua busca. João Marcos o havia visto em Betânia e para lá nos dirigimos. Demos com ele, finalmente, lá pelas 9 ou 9 e meia da noite. Estava na casa de Simão, o Leproso. Mas tivemos muitos problemas para convencê-lo a que regressasse à cidade...

– Por quê?

– A morte do rabi o perturbou e ainda o perturba. E não faz mais que repetir a mesma pergunta: “Por que deixou-se matar?”. Em sua angústia, segundo o pouco que temos podido arrancar-lhe, correu para o monte e assim tem passado toda a semana. Mal amanhece, sai da casa de Simão e perambula como um espírito pelas colinas que rodeiam Jerusalém; nem sequer tem tomado banho...

E João acompanhou aquelas palavras com um gesto de incredulidade. Realmente devia estar muito abatido para esquecer até o seu meticuloso asseio pessoal.

– Conheço Tomé – prosseguiu com indulgência – e sei que no fundo estava querendo reunir-se a nós. Como é tímido, porém, certamente esperava que déssemos o primeiro passo e lhe pedíssemos. Como o fizemos. Vou dizer-te um segredo. Pedro estava disposto a arrastá-lo... Mas não foi preciso.

– Por que vós o buscastes exatamente?

O Zebedeu me olhou assombrado.

– Será que não o sabes? Tu estavas aqui quando Jesus apareceu e nos disse que partíssemos para o norte.

– Sim, claro – fingi –, não me recordava. A viagem... E quando será a partida?

– Amanhã, ao amanhecer... Primeiro passaremos por Betânia. Seguramente irão conosco Maria, a mãe do Mestre, e outros parentes. Quanto à minha mãe e à de Davi, não sei quais são seus planos...

Eu podia esclarecer aquele ponto. Pelo que havia escutado em Betânia, Davi planejava permanecer junto a Marta e Maria e, uma vez liquidados os negócios delas, acompanhá-las até Filadélfia (a atual cidade de Amã), onde se juntariam a seu irmão Lázaro.

– E que diz Tomé sobre as aparições do rabi?

Meu jovem amigo voltou a mover a cabeça dando-me a entender que não havia nada que fazer.

– É teimoso e frio, disse que “precisa ver para crer”...

Nessa mesma tarde, pouco antes do jantar, o cético discípulo uniu-se aos dez e, como era de prever, enquanto comíamos o excelente guisado de borrego

com lentilhas feito por Maria, vários apóstolos trouxeram à discussão a última das “aparições” de Jesus e sua misteriosa convocação para a Galiléia. Tomé ouvia em silêncio. No fim, porém, sem poder conter-se, em uma das poucas crises que testemunhei nele, tachou-os de loucos. A polêmica acalorou-se novamente e alguém mencionou as mulheres, lembrando-lhe que também o haviam visto.

Foi demais para Tomé. Em sua aversão ao sexo feminino – consequência quase certa de sua timidez e do defeito na vista –, arremeteu duramente contra Madalena, invocando até as palavras dos profetas no Antigo Testamento:

– São todas ridiculamente vaidosas, voluptuosas e perversas, como diz Isaías...

Eu não conhecia a misoginia do galileu e acompanhei a discussão entre divertido e atônito.

– ... cheias de duplicidade, segundo Jeremias e Ezequiel, e gulosas, preguiçosas, ciumentas e briguentas. Assim são as mulheres – sentenciou Tomé. – Além do mais, ainda escutam atrás das portas.

E, pletórico, concluiu sua opinião sobre as hebreias com um velho e mordaz aforismo, muito popular entre os rabis:

– Será que não conheceis o que pensou o Altíssimo, bendito seja seu nome, quando decidiu, em má hora, criar a mulher? Escutai, ingênuos: “De que parte do homem a tirei?” – perguntou-se o Onipotente. – “Da cabeça? Não, seria demasiado orgulhosa. Do olho? Não, seria demasiado curiosa. Da orelha? Também não” – refletiu Yavé, bendito seja seu nome. – “Escutará atrás das portas. Da boca? Tagarelará. Da mão? Não, porque será pródiga. Por fim, tomou uma parte do seu corpo, muito sem importância e oculta, na esperança de fazê-la modesta”... Mas, como vistes, saiu-se mal.

Os discípulos protestaram energicamente em defesa de Madalena e das demais. E Mateus Levi, um dos mais instruídos, contestou-o com outro apólogo, atribuído ao rabi Gamaleão:

– Um imperador disse a um sábio: “Teu Deus é um ladrão: para criar a mulher roubou uma costela de Adão quando estava dormindo”. E como o sábio custasse a responder, tomou a palavra a filha deste: “Trago uma queixa. Uns ladrões introduziram-se em casa durante a noite e roubaram uma jarra de prata e deixaram em seu lugar uma jarra de ouro”. E o imperador comentou: “Assim tivesse eu cada noite visitas semelhantes!”

E Mateus prosseguiu:

– Pois bem, isso foi o que fez o nosso Deus. Tirou do primeiro homem uma simples costela e em troca lhe deu uma mulher.

Os comensais riram e aplaudiram entusiasticamente. E Tomé, sem se

perturbar, limitou-se a deixar claro que não acreditaria nesse embuste da ressurreição enquanto “não visse o Mestre e não tocasse com seus dedos as feridas dos cravos”. O destino estava a ponto de pregar-lhe uma peça...

Creio que os cronômetros do módulo deviam estar marcando 18 horas aproximadamente. A criadagem dos Marcos fazia tempo que havia acendido as candeias de azeite e, como disse, encontrávamo-nos em pleno jantar. Nessa ocasião, a pedido dos íntimos de Jesus, a senhora da casa havia concordado em antecipar a última refeição daquele domingo, 16 de abril. O grupo tencionava madrugar e era natural que cuidasse de repor suas forças antes da longa viagem à Galiléia.

Mas surgiu o que ninguém podia prever...

Lembro-me que, seguindo meu costume, havia ido acomodar-me em um dos divãs da extremidade da mesa. Tomé estava reclinado entre Pedro e Bartolomeu do mesmo lado do “U” no qual eu comia e conversava com João. Ainda ressoavam na sala os ecos da polêmica quando, de repente, as chamas amareladas das candeias oscilaram ligeiramente.

Fez-se um silêncio de morte. Instantâneo. E suponho que o mesmo calafrio que me percorreu dos pés à cabeça atingiu igualmente os demais. Todos se entreolharam eletrizados.

Alertado pelas oscilações das chamas, lancei mão do cajado disposto a tudo. Não tive de esperar. Diante de mim, como se saísse do outro lado da parede, avançou uma figura alta e corpulenta, meio esfumada pela penumbra do ambiente. As chamas recuperaram a verticalidade. Eu, espantado, senti que meu coração se partia em dois.

O “homem” – porque dessa vez não houve fenômenos luminosos nem estranhos – se deteve entre os divãs ocupados por Tiago e Mateus Levi, diante do lugar de Tomé.

Era Ele! Trazia suas vestes habituais: manto cor de vinho e a imaculada túnica branca. Fui o único que se pôs em pé, impelido por uma tremenda descarga de adrenalina. Os outros, paralisados pela surpresa, não reagiram. Nervos à flor da pele, sem pensar sequer nas “crótalos”, ativei os dispositivos da “vara de Moisés”, em especial o *squid*,¹⁸⁷ apontando às cegas para aquele corpo... absolutamente humano! Foi essa, ao menos, minha impressão. Era o mesmo Jesus que eu havia conhecido “em vida”! Mas como podia ser assim se eu já o havia visto morto? Meus olhos cravaram-se em seu rosto, em seus cabelos, em seu torso, em seus braços, nas sandálias... Tudo era normal! Normal! Deus meu! Que loucura! Além disso, por onde demônios havia entrado?

E ao plantar-se diante dos mudos e quase hipnotizados discípulos, saudou-os:

– Que a paz seja convosco.

Não cabia dúvida. A voz era a sua. E articulava as palavras como qualquer ser humano... Seu rosto estava sério.

– ... Esperei uma semana – continuou, movendo a cabeça ao longo de toda a mesa e com isso abrangendo a todos com o seu olhar –, até que estivésseis todos reunidos, para aparecer de novo e dar-vos, uma vez mais, a ordem de correr o mundo divulgando o Evangelho do reino...

O tom era pacífico, repousado. Não percebi sinal algum de artificialidade nem de sonoridade ou eco metálico que pudesse trazer suspeitas sobre a origem da voz.

– ... Repito-vos: assim como o Pai me enviou ao mundo, eu vos mando. Assim como revelei ao Pai, vós estendereis o amor divino não só com palavras, mas também com vossa vida de todos os dias. Envio-vos não para amar as almas dos homens, mas para amar os homens. Não basta que proclameis as alegrias do céu. Também é necessário mostrar as realidades espirituais da vida divina em vossa experiência diária. Sabeis pela fé que a vida eterna é um dom de Deus. Quando tiverdes mais fé e o poder de cima (o Espírito da Verdade) tiver penetrado em vós, não ocultareis vossa luz. Aqui, atrás das portas fechadas, dareis a conhecer a toda a Humanidade o amor e a misericórdia de Deus. Por medo, fugis agora diante de uma desagradável experiência. Mas, quando estiverdes batizados pelo Espírito da Verdade, ireis, felizes e alegres propagar as novas experiências da vida eterna no reino do Pai...

Por um instante, desviei a vista da “aparição” – ou não deveria chamá-la assim? – concentrando-me, na medida em que me permitia minha excitação, na ativação dos ultrassons e da teletermografia, que se mostrariam também de notável utilidade naquela primeira e apressada análise do incrível “Homem”.

– ... Podeis permanecer aqui ou na Galiléia durante um curto período – prosseguiu, baixando ligeiramente o timbre da voz. – Assim podereis refazer-vos do golpe da transição entre a falsa segurança da autoridade do tradicionalismo e a nova ordem da autoridade dos fatos, da verdade e da fé nas realidades supremas da viva experiência. Vossa missão no mundo baseia-se no que tenho vivido convosco: uma vida revelando a Deus e em torno a verdade de que sois filhos do Pai, como todos os homens. Esta missão se concretizará na vida que levareis entre os homens, na experiência afetiva e vívida do amor a todos eles, tal como vos tenho amado e servido. Que a fé ilumine o mundo e que a revelação da verdade abra os olhos cegados pela tradição. Que vosso amor destrua os prejuízos gerados pela ignorância. Ao acercar-vos de vossos contemporâneos com simpatia, compreensão e uma entrega desinteressada, os conduzireis à salvação pelo conhecimento do amor do Pai. Os judeus têm

exaltado a bondade. Os gregos, a beleza. Os hindus, a devoção. Os antigos ascetas, o respeito. Os romanos, a fidelidade... Mas eu o que peço é a vida de meus discípulos. Uma vida de amor a serviço de seus irmãos na carne.

O Mestre fez uma breve pausa. E, concentrando em Tomé aquela mágica luz e aquela força que continuavam irradiando seus olhos, disselhe sem severidade:

– E tu, Tomé, que dissesstes que não acreditarias a menos que me visses e pusesses teus dedos nas feridas dos cravos de meus pulsos, agora me vêes e me ouves.

Olhei para o perplexo discípulo. Estava lívido.

– ... Apesar de que não vêes nenhum sinal de cravos...

E Jesus acompanhou suas palavras com um movimento de braços. Ergueu-os até que as palmas das mãos alcançassem o seu rosto e, por efeito da gravidade – outro detalhe a considerar –, as amplas mangas deslizaram para baixo. Os antebraços e pulsos, de fato, não apresentavam cicatrizes ou sinais das passadas torturas.

Os olhares de todos – como os de um só homem – fixaram-se nas extremidades superiores do rabi, que permaneceu alguns segundos na mesma posição. Foi desconcertante! Sua pele estava limpa, com o mesmo e abundante pêlo de antes e com as veias perfeitamente marcadas.

– ... Já que agora vivo sob uma forma que tu também terás quando deixares este mundo, que dirás tu a teus irmãos?

O próprio Jesus respondeu à sua pergunta.

– Reconhecerás a Verdade, já que em teu coração havias começado a crer, embora te manifestasses com tua incredulidade. É este o momento em que as dúvidas começam a desmoronar... Tomé, peço-te que não percas a fé. Crê... Sei que crerás com todo o teu coração.

Ao ver os pulsos do Mestre e escutar estas palavras, Tomé levantou-se do divã, caindo de joelhos sobre o assoalho. E, emocionado, exclamou:

– Creio, meu Senhor e meu Mestre!

Foi a primeira vez que vi Jesus sorrir. Foi um sorriso fugaz, mas claro. E o “Homem” replicou:

– Tu creste, Tomé, porque me viste e ouviste. Benditos sejam, nos tempos vindouros...

O sangue gelou-me nas veias. Jesus girou ligeiramente seu rosto, mirou-me nos olhos e repetiu:

– ... Benditos sejam nos tempos vindouros os que me creiam sem me haver visto com os olhos da carne nem ouvido com ouvidos humanos!

Uma mistura de emoção, medo e ímpetos de gritar circundou-me a alma,

deixando-me como morto.

Concluídas essas históricas frases, caminhou para o extremo em que eu me achava e, ao chegar à minha altura, voltou-se para as perplexas testemunhas. E os sistemas eletrônicos da “vara” conseguiram checar toda a área de suas costas.

Então, à maneira de despedida, recomendou-lhes:

– Agora, ide todos à Galiléia. Lá vos aparecerei logo.

Voltou-se novamente para mim, sorriu-me e caminhou vagarosamente para a penumbra da parede pela qual o havíamos visto surgir. Então deixamos de vê-lo. Simplesmente dissipou-se...

E eu, com os dispositivos conectados, permaneci em pé, estático, tão absorto, perplexo e confuso como todos ali.

Nem sequer me apercebi da imediata e tumultuada confusão que explodiu na sala.

Claro que, ao regressar à nave e fazer a “leitura” do *squid* e dos restantes sistemas ultra-sônicos de ressonância magnética nuclear e teletermográficos, minha surpresa foi ainda maior... aquele “corpo”, entre outras inexplicáveis “características”, tinha duas que colidiam contra todos os princípios físicos estabelecidos: carecia de sangue e aparelho digestivo...

Deus do Céu! Dai-me forças para prosseguir meu relato!

¹⁸⁷ Era um sofisticado sistema destinado a medir as interferências quânticas supercondutoras, capaz de registrar ínfimas variações de natureza magnética. Mais tarde falarei disso. (N. do M.)

NOTA DE J. J. BENÍTEZ

Incompreensivelmente para mim, os documentos do Major finalizam aqui. E como o leitor terá visto, de forma abrupta. Como se algo ou alguém houvesse impedido sua continuação.

Ao final dessa última e patética súplica – “Deus do Céu! Dai-me forças para prosseguir meu relato” – meu amigo inclui umas enigmáticas frases. Eis aqui seu texto completo: VÊ, ENVIO MEU MENSAGEIRO

DIANTE DE TI MARCOS 1. 2

HAZOR É SEU NOME

E SUAS ASAS TE LEVARAM

AO GUIA MARCOS 6.2.0

O NÚMERO SECRETO DE SUAS PLUMAS

É O NÚMERO SECRETO DO GUIA, O QUE HÁ DE PREPARAR TEU CAMINHO MARCOS 1.2

Ignoro até o momento seu significado. Mas imagino que guarda estreita relação com o resto do diário. Esse é, pelo menos, meu ardente desejo. E suplico a quantos cheguem a ler tão intrincado enigma e consigam decifrá-lo, que me informem. Minha ânsia e meu interesse pela figura e pela Mensagem de Jesus de Nazaré não fizeram senão despertar...

Com minha gratidão.

J. J. BENÍTEZ

Março de 1986



J. J. Benítez nasceu em Pamplona, norte da Espanha, em 7 de setembro de 1946. Formou-se em Ciências da Informação pela Universidade de Navarra em 1965. Escritor e jornalista, há 33 anos viaja incansavelmente investigando inúmeros enigmas, tendo percorrido 5 milhões de quilômetros e dado a volta ao mundo 122 vezes, o que resultou em 50 livros publicados até o momento.

Seu especial interesse por Jesus de Nazaré, seu “grande amigo” como ele mesmo diz, nasceu em 1975, quando foi anunciado que o Santo Sudário poderia ter sido a mortalha que envolveu o corpo do Galileu.

Atualmente, J. J. Benítez dispõe de 144 projetos que, obviamente, não poderá cumprir...

Mora em Barbate, sul da Espanha, junto ao seu segundo “amor”, o mar, e à sua esposa, Blanca, e celebra a noite de Natal em 21 de agosto, o verdadeiro nascimento de Jesus.

Table of Contents

[Abertura](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[O diário \(segunda parte\)](#)

[9 de abril, domingo \(ano 30\)](#)

[10 de abril, segunda-feira](#)

[De 11 de abril, terça-feira, a 14 de abril, sexta](#)

[Nota de J. J. Benítez](#)

[Nota de J. J. Benítez](#)

[14 de abril, sexta-feira](#)

[16 de abril, domingo](#)

[Nota de J. J. Benítez](#)

[Sobre o autor](#)